

COLEÇÃO

NEGRA



Jo Nesbø

A Casa da Dor

Uma aventura do detetive Harry Hole

*“Uma elegante saga policial que deixa os leitores
ávidos pelo próximo mistério.”*

PUBLISHER'S WEEKLY





Jo Nesbø

A Casa da Dor

Tradução
Grete Skevik



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

Nesbo, Jo, 1960-

N371c A casa da dor [recurso eletrônico] / Jo Nesbo; tradução Grete Skevik. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

Tradução de: Sorgenfri

Sequência de: Garganta vermelha

Continua com: A Estrela do Diabo

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10231-7 (recurso eletrônico)

1. Literatura norueguesa (Inglês) 2. Livros eletrônicos. I. Skevik, Grete. II. Título. III. Série.

14-08584

CDD: 839.82

CDU: 821.111(481)

Título original em norueguês:

Sorgenfri

Copyright © Jo Nesbø 2002

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10231-7



PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 - Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Parte I

O Plano



Vou morrer. E não faz sentido. Não era esse o plano, pelo menos não o meu. Pode ser que eu estivesse a caminho o tempo todo sem nunca ter me dado conta. Mas o meu plano era outro. Era melhor. Fazia sentido.

Estou olhando fixamente para dentro de um cano de revólver e sei que é de lá que ele virá. O mensageiro. O cocheiro. Tempo para uma última gargalhada. Se você vê a luz no fim do túnel, pode ser a chama de uma arma. Tempo para uma última lágrima. Poderíamos ter feito algo bom dessa vida, você e eu. Se tivéssemos seguido o plano. Um último pensamento. Todos perguntam qual é o sentido da vida, mas ninguém pergunta qual é o sentido da morte.

Astronauta



O velho fez Harry pensar em um astronauta. Os passos comicamente curtos, os movimentos rígidos, o olhar sombrio e morto e as solas dos sapatos se arrastando pelo piso de parquet. Como se estivesse com medo de perder o contato com o chão e ser levado pelo vento, para o espaço.

Harry olhou o relógio na parede branca sobre a porta de saída: 15h16. Do lado de fora da janela, na rua Bogstad, as pessoas passavam com a pressa das sextas-feiras. O sol baixo de outubro se refletiu no espelho retrovisor de um carro que abria caminho na rua movimentada.

Harry se concentrou no velho. Usava chapéu e um elegante casaco cinza que precisava ser lavado. Por baixo, uma jaqueta de *tweed*, gravata e calças cinza surradas com vinco marcado. Sapatos lustrosos com saltos desgastados. Um desses aposentados que pareciam povoar o bairro chique de Majorstua. Não era uma suposição. Harry sabia que August Schulz tinha 81 anos e fora outrora um comerciante de roupas que morara sua vida inteira em Majorstua, exceto durante a guerra, quando morara numa caserna em Auschwitz. E os joelhos rijos eram resultado da queda de uma passarela de pedestres sobre a rua Ringveien, por onde ele passava nas suas visitas regulares à filha. A impressão de um boneco mecânico foi ampliada pelos braços dobrados em ângulo reto nos cotovelos e apontados para frente. No antebraço direito pendia uma bengala marrom e a mão esquerda segurava um formulário de transferência bancária, que ele já estendia ao jovem de cabelo curto no guichê dois. Harry não via seu rosto, mas sabia que estava olhando o velho com uma mistura de pena e irritação.

Agora eram 15h17 e finalmente chegou a vez de August Schulz. Harry soltou um suspiro.

Stine Grette estava no guichê um e contava 730 coroas para um menino de gorro azul que tinha acabado de passar um boleto bancário para ela. Um diamante brilhava no seu dedo anelar esquerdo a cada nota que ela colocava no balcão.

Harry não podia ver, mas sabia que à direita do menino, em frente ao guichê três, tinha uma mulher com um carrinho de bebê que ela balançava, provavelmente bem distraída, já que a criança dormia. A mulher estava esperando ser atendida pela senhora Brænne, que explicava em voz alta a um homem no telefone que ele não podia debitar automaticamente sem que o usuário da conta houvesse assinado um acordo a respeito, e quem trabalhava em um banco era ela e não ele, portanto talvez pudessem encerrar a discussão por ali mesmo.

No mesmo instante, a porta da agência bancária se abriu e dois homens, um alto e um baixinho, em idênticos macacões escuros, entraram apressados. Stine Grette levantou o olhar. Harry olhou seu próprio relógio e começou a contar. Os homens se dirigiram ao canto onde estava Stine. O homem alto se movimentou como se pisasse em poças d'água, enquanto o baixinho tinha a ginga de quem arranjava músculos maiores do que podia conter. O menino de gorro azul se virou devagar e deu uns passos em direção à porta de saída, tão entretido em contar o dinheiro que nem notou os dois homens.

— Olá — disse o homem alto para Stine. Aproximou-se e colocou uma maleta preta no balcão com força. O baixinho ajeitou um par de óculos escuros espelhados, deu um passo para a frente e colocou uma maleta idêntica ao lado da primeira.

— Dinheiro! — chiou com voz fina. — E abre essa porta!

Foi como apertar um botão de pausa: todos os movimentos na agência congelaram. A única coisa que revelava que o tempo não estava parado era o trânsito lá fora. E o mostrador de segundos no relógio de Harry, que agora mostrava que haviam se passado dez segundos. Stine apertou um botão embaixo de sua mesa. Ouvia-se um zunido eletrônico, e o baixinho abriu a pequena porta de vaivém com seu joelho.

— Quem tem a chave? — perguntou. — Depressa! Não temos o dia todo!

— Helge! — gritou Stine por cima do ombro.

— O quê? — A voz vinha de dentro da porta aberta ao único escritório da agência.

— Temos visita, Helge!

Um homem de gravata borboleta e óculos de leitura apareceu.

— Esses senhores querem que abra o caixa automático, Helge — disse Stine.

Helge Klementsén olhou os dois homens de macacão que agora estavam atrás do balcão. O homem alto olhava nervoso para a porta de saída, mas o baixinho olhava fixo para o gerente da agência.

— Ah sim, claro — arfou Helge Klementsén, como se de repente tivesse se lembrado de um compromisso esquecido e irrompeu em uma gargalhada retumbante, febril.

Harry não mexeu um músculo, apenas deixou os olhos absorverem os detalhes dos movimentos e a mímica. Vinte e cinco segundos. Ele continuou olhando o relógio em cima da porta, mas no canto do campo de visão ele viu o chefe da agência destrancar o caixa automático do lado de dentro, retirar duas gavetas de metal compridas com cédulas de dinheiro e estendê-las para os dois homens. Tudo aconteceu rápido e em silêncio. Cinquenta segundos.

— Esses são para você, pai! — O baixinho retirou duas gavetas idênticas e estendeu-as para Helge Klementsén. O gerente engoliu, assentiu com a cabeça, pegou as gavetas e

colocou-as no caixa automático.

— Tenha um bom fim de semana! — disse o baixinho, esticou as costas e pegou a maleta. Um minuto e meio.

— Não tão depressa — disse Helge.

O baixinho enrijeceu.

— O recibo... — disse Helge.

Por um longo momento, os dois homens olharam para o gerente pequeno e grisalho. Então, o baixinho começou a rir. Um riso alto de voz fina, com um tom estridente e histérico, como de pessoas que tomam anfetamina.

— Você não achou que a gente ia embora sem deixar a assinatura? Entregar dois milhões sem recibo? Imagina!

— Bem — respondeu Helge Klementsén. — Um de vocês quase esqueceu na semana passada.

— Há tantos novatos no transporte de dinheiro hoje em dia — disse o baixinho enquanto ele e Klementsén assinavam e distribuíam cópias amarelas e cor-de-rosa.

Harry esperou até que a porta de saída houvesse se fechado atrás deles antes de olhar o relógio de novo. Dois minutos e dez segundos.

Através do vidro da porta podia ver o carro branco com a logo do Banco Nordea.

O diálogo entre as pessoas na agência recomeçou. Harry não precisava contar, mas contou assim mesmo. Sete. Três atrás do balcão e quatro na frente, incluindo o bebê e o cara de macacão, que tinha acabado de entrar e estava na mesa no meio da agência para preencher o número da conta de um boleto bancário que Harry sabia ser para a agência de viagens Saga.

— Até logo — disse August Schultz e começou a arrastar os pés em direção a saída.

Eram exatas 15h21m10s e foi neste instante que tudo começou para valer.

Quando a porta se abriu, Harry viu a cabeça de Stine Grette se levantar e baixar rapidamente. Depois levantou a cabeça, dessa vez devagar. Harry olhou também para a porta de saída. O homem que acabara de entrar tinha abaixado o zíper do macacão e retirado um rifle verde-oliva AG3. Um gorro azul-marinho cobria todo o seu rosto, exceto os olhos. Harry recomeçou a contar do zero.

Como uma boneca de pano, o gorro começou a se mexer onde devia estar a boca:

— *This is a robbery. Nobody moves.*

Ele não falou em voz alta, mas a pequena agência silenciou como após um tiro de canhão. Harry olhou para Stine. Por cima do zunido distante de carros ele podia ouvir o clique suave de peças de arma lubrificadas quando o homem engatilhou o fuzil. O ombro esquerdo dela se abaixou visivelmente.

Menina corajosa, pensou Harry. Ou talvez apenas estivesse morrendo de medo. Aune, o psicólogo que dava palestras na Escola de Polícia, disse que, quando uma pessoa fica com muito medo, para de pensar e age da forma como foi programada previamente. A maioria dos

funcionários de banco apertava o alarme silencioso quase que em estado de choque, explicara Aune, e quando interrogadas depois, muitas delas não lembravam se tinham acionado o alarme ou não. Como se estivessem no piloto automático. Exatamente como um assaltante de banco que se programou para matar todos os que tentarem impedi-lo — disse Aune. A probabilidade de alguém parar um assaltante é menor se esse estiver com muito medo. Harry não se mexeu, tentou apenas ter uma ideia dos olhos do criminoso. Azuis.

O assaltante tirou uma mochila preta que deixou cair no chão entre o caixa automático e o homem de macacão que ainda estava pressionando a ponta da caneta no último laço do número oito. O homem de preto andou seis passos para a pequena porta ao lado do balcão, se sentou na beirada, jogou as pernas por cima e se posicionou bem atrás de Stine, que estava imóvel, com o olhar fixo à sua frente. Bom, pensou Harry, ela conhece as instruções. Não está provocando uma reação ao encarar o assaltante.

O homem colocou o cano do fuzil na nuca de Stine, se dobrou para a frente e sussurrou algo no seu ouvido.

Ela ainda não estava entrando em pânico, mas Harry viu o peito de Stine subir e descer. Parecia que o corpo frágil lutava para receber ar sob a blusa branca repentinamente apertada. Quinze segundos.

Ela pigarreou. Uma vez. Duas vezes. E por fim encontrou som nas cordas vocais:

— Helge. As chaves para o caixa automático. — A voz estava baixa e rouca, totalmente irreconhecível daquela que havia expressado as mesmas palavras três minutos antes.

Harry não o viu, mas sabia que Helge Klementsén tinha escutado a frase de abertura do assaltante e já estava na porta do escritório.

— Rápido, senão... — Mal se podia distinguir a voz dela, e na pausa que se seguiu, tudo que se ouvia eram as solas dos sapatos de August Schultz se arrastando pelo assoalho, como um par de baquetas rufando contra o couro de tambores, em uma dança extremamente lenta.

—... ele me mata.

Harry olhou pela janela. Provavelmente havia um carro lá fora em algum lugar com o motor ligado, mas ele não podia vê-lo. Apenas carros e pessoas que mais ou menos despreocupadas deslizavam em seu campo de visão.

— Helge... — Sua voz suplicava.

Vamos lá, Helge, pensou Harry. Ele sabia bastante sobre o velho gerente da agência. Sabia que tinha dois poodles, uma mulher e uma filha grávida recentemente rejeitada esperando por ele em casa. Que estavam com as malas prontas para ir para o chalé nas montanhas assim que Helge Klementsén chegasse em casa. Mas neste mesmo instante Klementsén sentiu como se estivesse embaixo d'água num sonho daqueles em que todos os movimentos são lentos não importa o quanto tente se apressar. Em seguida reapareceu no campo de visão de Harry. O assaltante tinha girado a cadeira de Stine, ficando atrás dela, mas de frente para Helge Klementsén. Como uma criança medrosa que vai dar comida para um cavalo, Klementsén estava com o corpo inclinado para trás e a mão com o molho de chaves estendida o mais longe de si possível. O assaltante sussurrou no ouvido de Stine ao girar a arma para Klementsén, que cambaleou dois passos para trás.

Stine pigarreou:

— Ele disse para você abrir o caixa automático e colocar as novas gavetas de dinheiro no saco preto.

Helge Klementsén olhou hipnotizado para o fuzil apontado para si.

— Você tem 25 segundos antes de ele atirar. Em mim. Não em você.

A boca de Klementsén se abriu e se fechou como quisesse dizer alguma coisa.

— Agora, Helge — disse Stine. O mecanismo da porta zuniu e Helge Klementsén bamboleou para o meio da agência.

Trinta segundos haviam se passado desde o começo do assalto. August Schultz estava quase na porta de saída. O chefe da agência caiu de joelhos diante do caixa automático e olhou o molho de chaves. Tinha quatro chaves.

— Tem vinte segundos — soou a voz de Stine.

A Delegacia de Polícia de Majorstua, pensou Harry. Estão entrando nos carros. Oito quarteirões. O trânsito da sexta-feira.

Com a mão tremendo, Helge Klementsén escolheu uma chave e enfiou-a na fechadura. Parou no meio. Apertou com mais força.

— Dezessete.

— Mas... — começou ele.

— Quinze.

Helge Klementsén retirou a chave e tentou uma das outras. Entrou, mas não conseguiu girar.

— Mas pelo amor de Deus...

— Treze. Aquela com fita adesiva verde, Helge.

Helge Klementsén olhou fixamente para o molho de chaves como se nunca o tivesse visto antes.

— Onze.

A terceira chave entrou. E girou. Helge Klementsén abriu a porta do caixa e se voltou para Stine e o assaltante.

— Preciso abrir mais uma fechadura antes de poder retirar a caixa...

— Nove! — gritou Stine.

Helge Klementsén deixou escapar um soluço ao apertar os dedos em volta dos dentes das chaves como se fosse cego e os dentes fossem a escrita em braile que diria qual seria a chave certa.

— Sete.

Harry prestou muita atenção. Nenhum carro de polícia ainda. August Schultz pegou na maçaneta da porta de saída.

Ouviram-se um zunido de metal quando o molho de chaves caiu no assoalho.

— Cinco — sussurrou Stine.

A porta se abriu e o barulho da rua entrou no banco. Harry pensou ter ouvido, lá de longe, um tom conhecido e queixoso que abaixou. E subiu de novo. A sirene da polícia. A porta se fechou.

— Dois. Helge!

Harry fechou os olhos e contou até dois.

— Pronto! — gritou Helge Klementsén. Ele conseguira abrir a outra fechadura e agora estava de cócoras puxando as gavetas que pareciam estar emperradas. — Só me deixe tirar o dinheiro! Eu...

No mesmo instante ele foi interrompido por um grito estridente. Harry olhou para o outro lado da agência onde uma cliente observava aterrorizada o assaltante imóvel com a arma encostada na nuca de Stine. A mulher piscou duas vezes e virou a cabeça para o carrinho de bebê, muda, enquanto o choro da criança subiu a escala de tons.

Helge Klementsén quase caiu para trás quando a primeira gaveta se soltou dos trilhos. Ele puxou para si o saco preto. Em seis segundos, todas as gavetas estavam nos sacos. Seguindo as instruções, Klementsén fechou o zíper da sacola e se apoiou no balcão. Tudo transmitido pela voz de Stine que agora soava surpreendentemente firme e calma.

Um minuto e trinta segundos. O assalto acabou. O dinheiro estava em um saco no meio do chão. Em alguns minutos, o primeiro carro de polícia ia chegar. Em quatro minutos, outros carros de polícia teriam fechado as vias de fuga próximas ao local do assalto. Todas as células no corpo do assaltante deviam estar gritando que estava mais do que na hora de cair fora. Então aconteceu algo que Harry não entendeu. Simplesmente não fazia sentido. Em vez de correr, o assaltante girou a cadeira de Stine de forma que ela ficou frente a frente com ele. Ele se inclinou sobre ela e sussurrou-lhe algo. Harry se esforçou para ver. Devia fazer um exame de vista um dia destes. Mas viu o que viu. Que ela ficou encarando o assaltante sem rosto enquanto seu próprio rosto passava por uma lenta transformação ao finalmente entender o significado das palavras que ele sussurrara. As sobrancelhas finas e bem cuidadas desenharam dois S acima dos olhos, que agora pareciam pular para fora da sua cabeça, o lábio superior se virou do avesso e os cantos da boca foram puxados para baixo formando uma careta grotesca. O bebê parou de chorar tão subitamente quanto havia começado. Harry respirou fundo. Porque ele sabia. Uma natureza-morta, uma obra-prima. Duas pessoas flagradas no momento onde um acaba de comunicar ao outro sua sentença de morte, o rosto encapuzado a apenas duas palmas do rosto nu. O carrasco e sua vítima. O cano do fuzil está apontando para o pescoço e um coraçõzinho de ouro pendurado em um cordão fino. Harry não pôde ver, mas mesmo assim sentia o pulso dela bater sob a pele fina.

Um som abafado, queixoso. Harry aguça o ouvido. Mas não é a sirene da polícia, apenas um telefone tocando na sala ao lado.

O assaltante se vira e ergue o olhar para a câmera de vigilância no teto atrás do balcão. Ele levanta uma das mãos enluvadas com os dedos separados, depois a fecha e mostra o indicador. Seis dedos. Seis segundos além do tempo. Ele se vira para Stine de novo, pega o fuzil com as duas mãos, segura-o na altura do quadril e levanta o cano do fuzil de forma a apontar para a sua cabeça, se posiciona com as pernas um pouco afastadas para receber o coice. O telefone não para de tocar. Um minuto e 12 segundos. O diamante brilha quando Stine levanta a mão pela metade, como fosse se despedir de alguém.

São exatamente 15h22m22s no momento em que ele atira. O estrondo é curto e abafado. A cadeira de Stine é empurrada para trás enquanto sua cabeça dança no pescoço feito uma

boneca arreventada. A cadeira cai. Ouve-se um som surdo quando sua cabeça bate no canto da mesa, mas Harry não pode mais vê-la. Ele tampouco pode ver o anúncio do Banco Nordea para se preparar para a aposentadoria, colado pelo lado de fora do vidro sobre o balcão, que de repente havia adquirido um fundo vermelho. Ele apenas ouve o telefone que continua tocando sem parar, raivoso e insistente. O assaltante se joga sobre o balcão, corre para o saco no meio do chão. Harry precisa se decidir. O assaltante larga o saco. Harry se decide. Pula da cadeira. Seis longos passos. Chegou. E tira o telefone do gancho.

— Fala.

Na pausa que se seguiu ele pôde ouvir o som das sirenes da polícia na TV da sala, uma música pop paquistanesa vinda dos vizinhos e passos pesados na escada parecendo ser da senhora Madsen. E suaves risos no outro lado. Risos de um passado longínquo. Não em tempo cronológico, mas mesmo assim distante. Como setenta por cento do passado de Harry, que em intervalos irregulares volta em forma de vagos rumores ou pura invenção. Mas esta era uma história que podia confirmar.

— Ainda está com aquela pinta de machão, Harry?

— Anna?

— Nossa, você me impressiona.

Harry sentiu um calor doce se espalhar no estômago, quase como uísque. Quase. Pelo espelho, viu uma foto que ele tinha pendurado na parede oposta. Dele e da irmã Søs, tirada em umas férias de verão fazia muito tempo, quando eram pequenos. Sorriam como crianças que ainda acreditam que nenhum mal pode acontecer a elas.

— E o que você está fazendo nesta noite de domingo, Harry?

— Bem... — Harry ouviu sua própria voz automaticamente se tornar igual à dela. Profunda demais, hesitante demais. Mas não era o que queria. Não agora. Ele pigarreou e encontrou um tom de voz mais neutro:

— A mesma coisa que a maioria das pessoas faz.

— E isso é...?

— Assistindo a uns vídeos!

A Casa da Dor



— Assistiu ao vídeo?

A cadeira de escritório gasta rangeu em protesto quando o Halvorsen se inclinou para trás e encarou seu colega nove anos mais velho, o inspetor policial Harry Hole, com uma expressão incrédula estampada no seu jovem rosto inocente.

— É — disse Harry, e passou o indicador e o polegar sobre a pele fina e empolada embaixo dos olhos vermelhos.

— O fim de semana inteiro?

— De sábado de manhã a domingo de noite.

— Então pelo menos se divertiu um pouco na sexta à noite — disse Halvorsen.

— Sim — respondeu Harry, que tirou uma pasta azul do bolso do casaco e colocou-a na mesa em frente a Halvorsen. — Li as transcrições dos interrogatórios.

Do outro bolso, Harry tirou um saco cinza com café colonial francês. Ele e Halvorsen dividiam o escritório no final do corredor na zona vermelha, no sexto andar da delegacia de Grønland, e dois meses antes eles compraram uma máquina de café espresso Rancilio Silvia que ganhara o lugar de honra em cima do armário do arquivo, sob uma foto emoldurada de uma menina sentada com as pernas em cima de uma mesa de escritório. Seu rosto cheio de sardas esboçava uma careta, mas fora tomado pelo riso. No fundo estavam as mesmas paredes de escritório onde a foto estava pendurada.

— Você sabia que três em cada quatro policiais não conseguem soletrar “desinteressante” corretamente? — perguntou Harry e pendurou o seu casaco no cabide. — Ou escrevem com “z” ou...

— Interessante.

— O que você fez no fim de semana?

— Na sexta fiquei plantado dentro de um carro em frente à residência do embaixador americano por causa da denúncia anônima de uma bomba em um carro. Alarme falso, claro, mas eles estão tão nervosos esses dias que tivemos que ficar sentados lá a noite toda. No sábado tentei de novo achar a mulher da minha vida. Domingo concluí que ela não existe. O que os interrogatórios disseram sobre o assaltante? — Halvorsen dosava o café em um filtro duplo.

— Nada — respondeu Harry, e tirou o pulôver. Por baixo vestia uma camiseta grafite, que outrora fora preta, onde as palavras *Violent Femmes* estavam quase apagadas. Ele afundou na cadeira com um gemido. — Não apareceu ninguém que tenha visto o assaltante perto do banco antes do assalto. Um cara saiu da loja de conveniência 7-Eleven do outro lado da rua Bogstad e viu o assaltante subir a rua da Indústria correndo. Ele o notou por causa do gorro. A câmera de vigilância do lado de fora do banco mostra o momento em que o assaltante passa pela testemunha em frente a uma caçamba, em frente ao 7-Eleven. A única coisa interessante que contou e que não dá para ver no vídeo, é que o assaltante mais adiante, na rua da Indústria, atravessa a rua duas vezes.

— Um cara que não consegue decidir em que calçada deve andar. Para mim parece bastante desinteressante. — Halvorsen colocou os filtros duplos no porta-filtro. — Com “s”, tá.

— Você não sabe muito sobre assalto a bancos, Halvorsen.

— E por que deveria? O nosso trabalho é pegar assassinos. Os caipiras que cuidem dos ladrões.

— Os caipiras?

— Não reparou ao andar pela Divisão de Roubos? Dialectos interioranos por toda parte. Mas qual é a dica quente?

— A dica quente é o Victor.

— O treinador de cães?

— Em geral é um dos primeiros a chegar ao local do crime, e um assaltante de banco sabe disso. Um bom cão pode seguir um assaltante que anda a pé na cidade. Mas se ele atravessar a rua e passarem carros onde ele cruzou, o cachorro perde a pista.

— E então? — Halvorsen apertou a tampa do café e, por fim, girou-a, alisando sua superfície, o que, alegava, distinguia os profissionais dos amadores.

— Isto fortalece a suspeita de que estamos lidando com um assaltante experiente. E só esse fato faz com que possamos focar em um número de pessoas drasticamente menor do que teríamos que fazer. O chefe da Divisão de Roubos me contou...

— Ivarsson? Não sabia que vocês eram de conversar.

— E não somos mesmo. Ele falou para o grupo de investigação de que participo. E disse que o negócio de assaltos em Oslo consiste em menos de cem pessoas. Cinquenta delas são

tão estúpidas, dopadas ou malucas que são pegas quase todas as vezes. A metade está presa, podemos esquecê-las. Quarenta são profissionais que conseguem escapar se alguém os ajuda no planejamento. Então, sobram dez realmente profissionais, aqueles que atacam caixas-fortes e centrais de processamento. É preciso um pouco de sorte para pegá-los. Tentamos ficar sempre na cola desses dez. Os seus álibis serão checados hoje. — Harry lançou um olhar para Silvia, que bufou do armário do arquivo. — E no sábado falei com Weber da Criminalística.

— Pensei que Weber tinha se aposentado este mês.

— Alguém fez o cálculo errado. Vai ser só no verão.

Halvorsen riu.

— Então deve estar mais rabugento do que nunca.

— Está sim, mas não por isso — respondeu Harry. — Ele e sua equipe não acharam nada de nada.

— Nada?

— Nenhuma impressão digital. Nenhum cabelo. Nem sequer um pedacinho de fibra de tecido de roupa. E, claro, as pegadas dos calçados mostram que ele usou sapatos novinhos em folha.

— De forma que nem dá para comparar o desenho do desgaste com seus outros sapatos?

— Correto — respondeu Harry.

— E a arma do assalto? — perguntou Halvorsen ao balançar uma xícara em direção à mesa de Harry. Ao levantar o olhar, viu que a sobancelha esquerda de Harry estava apontada para cima, quase chegando ao cabelo louro com corte escovinha. — Perdão. A arma do assassinato.

— Obrigado. Não foi encontrada.

Halvorsen sentou-se à sua mesa e bebericou o café.

— Então, resumindo: um homem entrou em um banco cheio de gente em plena luz do dia, roubou dois milhões de coroas, assassinou uma mulher e saiu andando. Subiu uma rua, nem tão cheia, mas com bastante trânsito, no centro da capital da Noruega, apenas a centenas de metros de uma delegacia de polícia. E nós, profissionais da régia polícia norueguesa, não temos nada?

Harry assentiu com um lento balanço de cabeça.

— Quase nada. Temos o vídeo.

— Que você memorizou segundo por segundo, se o conheço.

— Bem. De dez em dez segundos, acho.

— E os relatórios das testemunhas, você já sabe de cor?

— Só do August Schultz. Ele contou muitas coisas interessantes da guerra. Mencionou uma lista de nomes de concorrentes no setor têxtil que eram chamados “bons noruegueses”, e haviam participado do confisco das propriedades da sua família durante a guerra. Ele sabe exatamente o que eles estão fazendo atualmente. Mas não percebeu que houve um assalto no banco, infelizmente.

Terminaram de tomar o café em silêncio. A chuva batia na janela.

— Parece que você gosta de viver assim — disse Halvorsen de repente. — De passar o

fim de semana todo sozinho caçando fantasmas.

Harry sorriu, mas não respondeu.

— Pensei que tivesse desistido de viver como um eremita agora que tem obrigações familiares.

Harry lançou um olhar de advertência para o seu jovem colega.

— Não sei se é assim que vejo as coisas — disse devagar. — Sabe, a gente nem mora junto.

— Não, mas Rakel tem um filho pequeno, e aí a coisa muda, não é?

— Oleg — disse Harry e arrastou a cadeira para o arquivo. — Eles foram para Moscou na sexta.

— É?

— Processo jurídico. O pai quer a guarda da criança.

— É, estou lembrado. E esse cara, que tipo ele é?

— Bem... — Harry endireitou o quadro torto em cima da cafeteira. — Ele é um professor universitário que Rakel conheceu quando trabalhava por lá. Vem de uma família tradicional, podre de rica, que ela alega ter forte influência política.

— Que conhece alguns juízes, certo?

— Com certeza, mas achamos que vai dar tudo certo. O pai é louco de pedra, e todos sabem disso. Um alcoólatra esperto com baixo controle dos impulsos. Você conhece o tipo.

— Acho que sim.

Harry levantou o olhar de repente, em tempo de ver Halvorsen apagar um largo sorriso.

Era de conhecimento de todos na sede da polícia que Harry tinha problemas com a bebida. Ser alcoólatra não é motivo suficiente para demitir um funcionário público, mas comparecer bêbado ao trabalho é. A última vez que Harry teve uma crise foram aqueles lá nos andares altos do edifício que expressaram o desejo de afastá-lo da corporação, mas o chefe da Divisão de Homicídios, Bjarne Møller, como de praxe, colocou uma mão protetora sobre Harry e alegou circunstâncias especiais. Essas circunstâncias especiais eram a moça na foto em cima da máquina de espresso — Ellen Gjeltén, a colega, parceira e amiga íntima de Harry — que fora assassinada com um bastão de beisebol em uma trilha beirando o rio Aker. Harry tinha se recuperado, mas havia uma ferida que ainda doía. Especialmente porque o caso, na opinião de Harry, ainda não estava solucionado. Quando Harry e Halvorsen encontraram provas técnicas contra o neonazista Sverre Olsen, o inspetor Tom Waaler foi quase que imediatamente na casa de Olsen para fazer a prisão. Mas Olsen atirou na direção de Waaler que, em defesa própria, atirou e matou Olsen. Essa última parte de acordo com o relatório de Waaler. E nem o que encontraram no local, nem a investigação do SEFO (Órgão Especial de Investigação Policial) apontaram em outra direção. Por outro lado, o motivo do assassinato nunca foi esclarecido, além do fato de que aparentemente ele estava envolvido na transação ilegal que inundou Oslo de armas nos últimos anos, e que Ellen tinha encontrado uma pista dessa transação. Mas Olsen era apenas um mensageiro. A polícia não tinha nenhuma pista daqueles que de fato estiveram por trás dos assassinatos.

E foi para trabalhar no caso de Ellen que Harry pediu para voltar para a Divisão de

Homicídios após uma curta temporada como convidado do Serviço Secreto no último andar. Eles acharam bom se ver livre dele e Møller estava feliz por tê-lo de volta no sexto andar.

— Então vou subir ao Ivarsson da Roubo e Furtos com este aqui — resmungou Harry e balançou a fita de VHS. — Ele queria dar uma olhada com uma nova criança prodígio que tem lá em cima.

— Ah é? Quem é?

— Uma mulher que veio da Escola Superior da Polícia neste verão e parece que já solucionou três casos de roubo só olhando os vídeos.

— Nossa. É bonita?

Harry soltou um suspiro.

— Vocês, jovens, são tediosamente previsíveis. Espero que ela seja boa no que faz, o restante não me interessa.

— Tem certeza de que é uma mulher?

— O senhor e a senhora Lønn talvez se divertissem chamando seu filho de Beate.

— Já estou sentindo que ela é bonita.

— Espero que não — disse Harry e por hábito se abaixou ao passar no vão da porta com seu 1,95 metro.

— Por quê?

A resposta veio no corredor:

— Todo bom policial é feio.

À primeira vista, a aparência de Beate Lønn não era indicação nem de uma coisa nem de outra. Ela não era feia — algumas pessoas até a chamavam de “boneca”. Mas isso era porque tudo nela era pequeno: o rosto, o nariz, as orelhas, o corpo. Antes de qualquer coisa, era pálida. A pele e o cabelo eram tão sem cor que fez Harry lembrar do corpo de uma mulher morta que ele e Ellen tinham pescado de dentro do mar. Mas, ao contrário do corpo morto, Harry tinha uma sensação de que ele iria esquecer a aparência de Beate Lønn tão logo olhasse para o lado. E parecia que a jovem não ia lamentar, pelo jeito que murmurou seu nome enquanto Harry apertava sua mão pequena e úmida antes de ela rapidamente puxá-la de volta.

— Hole é uma espécie de lenda aqui na polícia — disse Rune Ivarsson, o chefe do setor, que estava de costas virado para eles e mexeu com um molho de chaves. No alto da porta de ferro na frente deles estava escrito com letras góticas: Casa da Dor. E embaixo: Sala de reuniões 508.

— Não é, Hole?

Harry não respondeu. Não havia motivo para duvidar em que tipo de lenda Ivarsson estava pensando. Ele nunca fazia muito esforço para esconder que achava que Harry Hole era uma vergonha para a polícia e devia ter sido afastado faz tempo.

Ivarsson conseguiu finalmente destrancar a porta e entraram. A Casa da Dor era uma sala especial que a Divisão de Roubo usava para estudar, editar e copiar vídeos. Nela havia uma mesa grande ao centro, três lugares para trabalhar e nenhuma janela. As paredes estavam

cobertas de prateleiras com fitas de vídeo, uma dezena de cartazes de ladrões procurados, uma tela grande em uma das paredes, um mapa de Oslo e diversos troféus de caçadas a ladrões bem-sucedidas. Ao lado da porta pendiam duas mangas de camisa com buracos para olhos e boca. De resto, um computador cinza, monitores pretos, aparelhos de VHS e DVD, além de um monte de outros tipos de máquinas cuja utilidade Harry desconhecia totalmente.

— E o que eles encontraram no vídeo da Homicídios? — perguntou Ivarsson e se deixou cair em uma das cadeiras. Ele pronunciou Homicídios com um segundo “i” exageradamente longo.

— Algo — respondeu Harry e foi até a prateleira com o videocassete.

— Algo?

— Não muito.

— Pena que não apareceram na palestra que dei na cantina em setembro. Todos os departamentos estavam representados, menos vocês, se bem me lembro.

Ivarsson era alto e longilíneo e tinha um topete louro ondulado acima de um par de olhos azuis. O rosto tinha os traços masculinos dos modelos de grifes alemãs, e ainda estava bronzeado depois de muitas tardes de verão na quadra de tênis e provavelmente uma ou outra sessão de bronzeamento artificial. Rune Ivarsson era, em suma, o que a maioria chamaria de um homem bonito, e nesse aspecto substanciava a teoria de Harry sobre a conexão entre aparência e competência na polícia. Mas o que faltava de talento a Rune Ivarsson para investigação sobrava em termos de fôlego para política e construção de alianças dentro da hierarquia da polícia. Além disto, Ivarsson tinha a autoconfiança natural que muitas pessoas interpretam erroneamente como capacidade de liderança. No caso específico de Ivarsson, essa autoconfiança se baseava única e exclusivamente no fato de ele ser abençoado com uma cegueira total de limites próprios, o que inevitavelmente o levaria mais para cima e um dia faria dele — direta ou indiretamente — o chefe de Harry. Em princípio, Harry não viu razão para lamentar que a mediocridade fosse chutada para cima e afastada das investigações, mas o perigo de pessoas como Ivarsson era que de repente poderiam começar a achar que elas mesmas deveriam intervir e mandar no trabalho daqueles que de fato entendiam algo do assunto.

— Perdemos algo importante? — perguntou Harry, passando o dedo ao longo das etiquetas pequenas das fitas de vídeo.

— Talvez não — respondeu Ivarsson. — A não ser que tenha interesse nos pequenos detalhes que solucionam casos criminais.

Harry conseguiu resistir à tentação de falar que ele não compareceu porque ficou sabendo de públicos anteriores que era uma palestra arrogante cujo único propósito era divulgar que depois que ele, Ivarsson, assumiu a chefia da Divisão de Roubos, a taxa de roubos a bancos solucionados aumentara de 35 por cento até algo em torno de cinquenta por cento. Sem mencionar que, por coincidência, ao mesmo tempo que assumiu a liderança, o quadro do departamento foi duplicado, houve uma ampliação geral em termos de autorização de métodos de investigação e o departamento se livrou de seu pior investigador: Rune Ivarsson.

— Eu me considero razoavelmente interessado — disse Harry. — Então me conte como solucionaram este. — Ele retirou uma das fitas e leu a etiqueta em voz alta: — 20.11.94,

Banco de Poupança NOR, Manglerud.

Ivarsson riu.

— Com prazer. Nós os pegamos do jeito antigo. Eles mudaram de carro de fuga em um depósito de lixo em Alnabru e atearam fogo àquele que deixaram lá. Mas não queimou por inteiro. Encontramos as luvas de um dos assaltantes e identificamos o DNA. Comparamos com amostras de velhos conhecidos que nossos investigadores apontaram como possíveis autores depois de terem visto o vídeo, e um deles batia. O idiota ganhou quatro anos por ter dado um tiro no teto. Mais alguma coisa que queira saber, Hole?

— Ahm. — Harry ficou mexendo com a fita. — De que material veio o DNA?

— Eu já disse: batia. — O canto do olho esquerdo de Ivarsson estremeceu.

— Legal, mas o que era? Pele morta? Uma unha? Sangue?

— Isso importa? — A voz de Ivarsson estava aguda e impaciente.

Harry disse a si mesmo que devia calar a boca. Que devia desistir desses projetos quixotescos. Pessoas como Ivarsson nunca aprendiam, não tinha jeito.

— Talvez não — Harry se ouviu dizer. — A não ser que estejamos interessados nos pequenos detalhes que solucionam casos criminais.

Ivarsson manteve o olhar fixo em Harry. Naquela sala especial a prova de som, o silêncio parecia fazer pressão nos ouvidos. Ivarsson abriu a boca para falar.

— Pelos dos dedos.

Os dois homens se viraram para Beate Lønn. Harry tinha quase esquecido que ela estava lá. Ela olhou os dois e repetiu, quase sussurrando:

— Pelos dos dedos. Aqueles cabelos nos dedos...

Ivarsson pigarreou:

— Está correto que foi um pelo. Mas foi um pelo — não precisamos entrar nos pormenores — um cabelo do dorso da mão. Não é, Beate? — Sem esperar pela resposta, bateu com o indicador no vidro do seu relógio. — Preciso ir. Divirtam-se com o vídeo.

No momento em que a porta se fechou, Beate arrancou a fita da mão de Harry e no instante seguinte ela estava sendo puxada para dentro do videocassete com um zunido.

— Dois pelos — disse ela. — Na luva esquerda. Do nó dos dedos. E o depósito de lixo era em Karihaugen, não em Alnabru. Mas foram quatro anos mesmo.

Harry olhou surpreso.

— Isso não foi algum tempo antes de você vir trabalhar aqui?

Ela levantou os ombros e apertou o *play* no controle remoto.

— É só ler os relatórios.

— Ahm — disse Harry, e estudou-a melhor pelo canto do olho. Depois se acomodou na cadeira.

— Vamos ver se este aqui deixou alguns pelos.

O aparelho de vídeo zuniu de leve e Beate desligou a luz. No momento que se seguiu, enquanto a tela azul ainda reluzia para eles, outro filme começou a passar na cabeça de Harry. Era curto, apenas uns dois segundos, uma cena banhada na luz azul estroboscópica de Waterfront, uma boate fechada faz tempo no cais de Aker. Na época não sabia o nome da

mulher com os olhos castanhos sorridentes que tentara gritar algo para ele por cima da música. Estavam tocando punk caipira. Green on Red. Jason and The Scorchers. Ele colocou Jim Beam na Coca-Cola e não deu bola para o nome dela. Mas ficou sabendo na noite seguinte, quando foram para a cama com o cavalo sem cabeça na cabeceira, desatracaram e começaram a viagem inaugural. Harry sentiu o calor no estômago da noite anterior quando ouviu a voz dela no telefone.

Voltou para o outro filme.

O velho tinha começado sua travessia no banco rumo ao balcão, filmado de um novo ângulo a cada cinco segundos.

— Thorkildsen da TV2 — disse Beate Lønn.

— Não, é August Schultz — disse Harry.

— Estou falando da edição — disse ela. — Parece arte do Thorkildsen da TV2. Estão faltando alguns décimos aqui e ali...

— Falta? Como pode ver...?

— De várias maneiras. Preste atenção no fundo. O Mazda vermelho que você vê na rua em frente estava no meio da imagem em duas câmeras na hora de mudar de ângulo. Um objeto não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Quer dizer que alguém adulterou o filme?

— Não. Tudo o que está nas seis câmeras dentro do banco e em uma no lado de fora é gravado na mesma fita. Na fita original, os quadros mudam com muita rapidez entre todas as câmeras e só aparece um bruxuleio. Por isso, o filme tem que ser editado para termos sequências contínuas mais longas. Às vezes contratamos uma pessoa da TV quando não temos alguém para fazer o trabalho. E as pessoas de TV como esse Thorkildsen trapaceiam um pouco no código do tempo para que fique mais bonito, com menos saltos. Uma neurose profissional, imagino.

— Neurose profissional — repetiu Harry. Ocorreu a ele que era uma coisa estranhamente antiga para se ouvir de uma moça tão jovem. Talvez não fosse tão jovem como ele tinha imaginado. Alguma coisa tinha acontecido a ela assim que a luz foi desligada, a linguagem corporal ficou mais relaxada e a voz mais firme.

O assaltante entrou no banco e gritou em inglês. A voz parecia distante e abafada, como se estivesse embrulhada em um edredom.

— O que acha disso? — perguntou Harry.

— É norueguês. Ele fala em inglês para a gente não poder reconhecer seu dialeto, sotaque ou palavras típicas que possam ter conexão com roubos anteriores. Ele usa roupas que não deixam fibras possíveis de serem encontradas no carro de fuga, em esconderijos ou na própria casa.

— Mais alguma coisa?

— Todas as aberturas na roupa estão fechadas com fita crepe para ele não deixar vestígios de DNA, como cabelos e suor. Pode ver que a calça está lacrada em volta das botas e as mangas em volta das luvas. Aposto que ele tem fita crepe em volta da cabeça inteira e cera nas sobrancelhas.

— Um profissional, então?

Ela deu de ombros.

— Oitenta por cento dos assaltos a banco são planejados menos de uma semana antes e executados por pessoas sob efeito de álcool ou drogas. Esse assalto foi bem preparado e o assaltante parece sóbrio.

— Como consegue ver isso?

— Se tivéssemos iluminação perfeita e câmeras melhores, poderíamos ampliar as fotos e ver as pupilas. Mas não temos isso aqui, então estudo a linguagem corporal dele. Movimentos calmos, estudados, consegue ver? Se ele tomou alguma coisa, não deve ser anfetamina nem coisa parecida. Rohypnol, talvez. É a droga predileta deles.

— Por quê?

— Um assalto a banco é uma experiência radical. Você não precisa de anfetamina, o contrário seria melhor. No ano passado teve um que entrou no Banco DnB na praça Solli com uma arma automática, encheu o teto e as paredes de tiros e correu para fora sem dinheiro. Disse para o juiz que tinha tomado tanta anfetamina que precisou extravasar de alguma maneira. Prefiro assaltantes que tomaram Rohypnol, por assim dizer.

Harry balançou a cabeça indicando a tela:

— Olha o ombro de Stine Grette no guichê um. Agora ela está acionando o alarme. E o som da gravação de repente ficou muito melhor. Por quê?

— O alarme é acoplado ao aparelho de vídeo e, quando é acionado, o filme começa a rodar muito mais rápido. Isso nos dá som e imagens melhores. O suficiente para podermos analisar a voz do assaltante. E, nesse caso, ele falar em inglês não o ajuda.

— É tão confiável como dizem que é?

— O som das nossas cordas vocais é como uma impressão digital. Se dermos dez palavras em uma fita ao nosso analista de vozes na universidade NTNU em Trondheim, ele pode reconhecer uma voz com 95 por cento de acerto.

— Mas não com a qualidade do som antes de o alarme disparar, certo?

— Nesse caso não é tão eficaz.

— É por isso que ele grita em inglês primeiro e depois, quando calcula que o alarme foi acionado, passa a usar Stine Grette para falar por ele.

— Exatamente.

Eles ficaram em silêncio estudando o assaltante vestido de preto que pulou o balcão, colocou a cano do fuzil na nuca de Stine Grette e sussurrou algo em seu ouvido.

— O que acha da reação dela? — perguntou Harry.

— Como assim?

— A expressão facial dela. Parece relativamente calma, não acha?

— Não acho nada. Normalmente, expressões faciais dão pouca informação. Imagino que ela esteja com pulso em torno de 180.

Eles olharam Helge Klementsén se atrapalhar no chão em frente ao caixa automático.

— Espero que esse aí receba auxílio psicológico apropriado — disse Beate baixinho e balançou a cabeça. — Eu já vi pessoas ficarem psicologicamente aleijadas depois de passarem por um assalto desse tipo.

Harry não disse nada, mas pensou que devia ser uma expressão que ela ouvira de colegas mais velhos.

O assaltante se virou e mostrou seis dedos.

— Interessante — murmurou Beate, e anotou algo no bloco à sua frente sem olhar para baixo. Harry acompanhou a jovem policial de soslaio e viu como ela pulou na cadeira ao ouvir o tiro. Enquanto o assaltante saltava por cima do balcão, agarrava o saco e ia na direção da porta de saída, o queixo pequeno de Beate subiu e a caneta escorregou da sua mão.

— A última parte não colocamos na internet nem passamos para os canais de televisão — disse Harry. — Veja, agora ele está na câmera do lado de fora do banco.

Eles olharam o assaltante com passos largos atravessar a rua Bogstad na faixa de pedestres com o sinal aberto antes de continuar subindo a rua da Indústria. E então sumiu da tela.

— E a polícia? — perguntou Beate.

— A delegacia mais próxima fica na rua Sørkedalen logo depois do pedágio, a apenas oitocentos metros do banco. Mas mesmo assim levou mais de três minutos entre o alarme ser acionado e eles chegarem. E aí o assaltante teve quase dois minutos para se mandar.

Beate olhou pensativa para a tela onde os carros e as pessoas passavam como se nada tivesse acontecido.

— A fuga foi tão bem planejada quanto o assalto. O carro de fuga estava logo depois da esquina para que não fosse visto pelas câmeras do lado de fora do banco. Ele teve sorte.

— Talvez — disse Harry. — Por outro lado, ele não parece ser uma pessoa que conta apenas com a sorte, parece?

Beate deu de ombros.

— A maioria dos assaltos a banco parece bem planejada quando é bem-sucedida.

— OK, mas neste, as chances de a polícia ser lenta eram grandes. Isso porque, na sexta, todas as patrulhas da área estavam ocupadas em outro local, na...

—... residência do embaixador dos Estados Unidos! — exclamou Beate e bateu na testa. — A ligação anônima sobre a bomba no carro. Eu estava de folga na sexta, mas vi no jornal da noite. E, justo agora que todos estão tão histéricos, claro que iriam todos para lá.

— Não acharam bomba nenhuma.

— Claro que não. É um truque clássico plantar algo que prenda a polícia em outro lugar logo antes de um assalto.

Ficaram sentados para ver a última parte da gravação, pensativos e em silêncio. August Schultz estava esperando em frente à faixa de pedestres. A luz verde ficou vermelha e verde de novo sem ele se mexer. O que estava esperando?, pensou Harry. Uma irregularidade, uma sequência extralonga com luz verde, uma espécie de onda de cruzamento de centenários? Bem, logo viria. A distância, ouviu a sirene da polícia.

— Tem algo que não bate — disse Harry.

Beate Lønn respondeu com um suspiro cansado de velho:

— Tem sempre algo que não bate.

O filme chegou ao fim e a tela foi tomada pela tempestade de neve.



— Neve?

Harry gritou no celular ao subir a calçada com passos largos.

— Muita — disse Rakel em uma péssima ligação de Moscou logo seguida de eco e estalidos — ...uita.

— Alô?

— Aqui está frio de congelar ...ar. Dentro e fora ...ra.

— E na sala de audiência?

— Quase no ponto de congelar lá também. Quando morávamos aqui, a mãe dele até disse que eu devia pegar Oleg e me mudar daqui. Agora ela se senta com os outros e me manda uns olhares cheios de ódio ...dio.

— E como está o processo?

— Como vou saber?

— Bem. Para começar, você é advogada, e fala russo.

— Harry. Como 150 milhões de outros russos, não entendo patavina do sistema jurídico daqui ...qui.

— E Oleg, como está?

Harry repetiu a pergunta mais uma vez sem obter resposta e levantou o aparelho para ver se a ligação tinha caído, mas os segundos estavam sendo marcados. Ele colocou o fone no ouvido de novo.

— Alô?

— Alô, Harry, estou te ouvindo ...do. Estou com saudades ...des. Por que está rindo?

...indo?

— Você está se contradizendo. É o eco.

Harry já estava na porta da entrada, retirou a chave e abriu a porta do prédio.

— Acha que estou amolando?

— Claro que não.

Harry cumprimentou Ali, que estava tentando passar seus esquis pela porta do porão.

— Eu te amo. Ainda está aí? Eu te amo! Alô?

Harry levantou o olhar desnorteado do celular morto e descobriu o sorriso largo do seu vizinho paquistanês.

— É, você também, Ali — murmurou ao digitar o número de Rakel de novo.

— O botão de rediscagem — disse Ali.

— O quê?

— Nada. Avise-me se quiser alugar seu depósito no porão. Você não está usando muito, está?

— Eu tenho um depósito no porão?

Ali levou os olhos ao céu.

— Há quanto tempo mora aqui, Harry?

— Eu disse que te amo.

Ali olhou Harry perplexo.

Harry avisou com a mão para Ali ficar quieto porque já tinha conseguido restabelecer contato de novo. Ele subiu a escada correndo com a chave na sua frente como se fosse uma varinha de condão.

— Assim, agora podemos falar — disse Harry quando entrou pela porta do seu apartamento, espartano, mas arrumado, quarto e sala, comprado por uma pechincha no final da década de 1980, quando o mercado imobiliário estava na pior. De vez em quando, Harry achava que ele tinha gastado sua sorte pelo resto da vida na compra daquele apartamento.

— Gostaria que estivesse aqui conosco, Harry. Oleg também sente sua falta.

— Ele disse isso?

— Ele não precisa dizer. Nesse ponto vocês são iguais.

— Ei, acabei de dizer que te amo. Três vezes. Com o vizinho de testemunha. Sabe o que isso me custa?

Rakel riu. Harry amava aquela risada, desde a primeira vez que a ouviu. E ele instintivamente sabia que faria qualquer coisa para ouvi-la sempre. De preferência todos os dias.

Ele chutou os sapatos e sorriu quando viu que a secretária eletrônica no corredor estava piscando, avisando que tinha recado. Não precisava ter bola de cristal para saber que era Rakel que havia ligado mais cedo. Ninguém mais ligava para Harry Hole em casa.

— Como sabe que me ama, então? — arrulhou Rakel. O eco tinha sumido.

— Sinto que fico quente no... Como chama?

— Coração?

— Não, um pouco atrás e abaixo do coração. Os rins? O fígado? O baço? É isso, fico quente no baço.

Harry não sabia ao certo se era choro ou riso que ouviu do outro lado. Ele apertou o botão play na secretária.

— Espero estarmos de volta daqui a 15 dias — disse Rakel no celular antes de ser abafada pela secretária:

— Olá, sou eu de novo...

Harry sentiu o coração dar um pulo e reagiu antes de ter tempo de pensar.

Apertou o *stop*. Mas foi como se o eco das palavras pronunciadas pela voz levemente rouca e insinuante da mulher continuasse a ricochetar nas paredes.

— O que foi isso? — perguntou Rakel.

Harry respirou fundo. Um pensamento tentou alcançá-lo antes que ele respondesse, mas chegou tarde demais:

— Apenas o rádio. — Ele limpou a garganta. — Assim que souber, avise em que avião vão chegar para eu pegar vocês.

— Claro que aviso — disse ela com a voz surpresa.

Uma pausa esquisita se instalou.

— Bem, vou ter que ir — disse Rakel. — Vamos nos falar lá pelas oito hoje à noite?

— Vamos. Quer dizer, não. Vou estar ocupado.

— É? Espero que seja algo agradável, para variar.

— Bem — disse Harry e respirou fundo novamente. — Pelo menos vou sair com uma mulher.

— Epa. Quem é a sortuda?

— Beate Lønn. A nova policial na Divisão de Roubos.

— E qual é a ocasião?

— Uma conversa com o marido de Stine Grette, a mulher que foi morta no assalto da rua Bogstad que lhe contei. E com o gerente da agência.

— Divirta-se, a gente se fala amanhã. Oleg quer dizer boa-noite.

Harry escutou passos curtos correndo e a respiração animada no celular.

Após desligar, Harry ficou em pé no corredor, olhando para o espelho em cima da mesa do telefone. Se sua teoria estivesse certa, ele agora estaria vendo um bom policial. Dois olhos vermelhos em cada lado de um nariz largo com uma rede fina de veias azuis em um pálido rosto anguloso com poros profundos. As rugas pareciam cortes de faca ocasionais em uma viga de madeira. Como tinha acontecido? No espelho, viu a parede atrás de si com a foto de um jovem e risonho menino junto da irmã. Mas não era beleza ou juventude perdida que Harry estava procurando. Porque o pensamento finalmente o alcançou. Ele procurou nos próprios traços pelos sinais traiçoeiros, evasivos, covardes que acabaram de fazê-lo quebrar uma das promessas que tinha feito a si mesmo: que ele nunca — nunca mesmo — iria mentir para

Rakel. De todos os rochedos no mar — e não eram poucos — pelo menos a mentira não seria a rocha que iria fazer a relação naufragar. Mas, então, por que tinha feito isso mesmo assim? Era verdade que ele e Beate iriam encontrar o marido de Stine Grette, mas por que não tinha contado que depois ia encontrar Anna? Uma namorada antiga; mas e daí? Tinha sido um caso rápido e tempestuoso que havia deixado algumas marcas, mas nenhuma ferida aberta. Eles só iam conversar, tomar um café, contar suas histórias do-que-aconteceu-depois. E irem cada um para o seu lado.

Harry apertou o *play* na secretária para ouvir o restante da mensagem. A voz de Anna encheu o corredor:... “Estou feliz por te encontrar no M hoje à noite. Só duas coisas. Você poderia passar no chaveiro da rua Vibe no caminho e pegar algumas chaves que eu pedi? Estão abertos até as sete, e já avisei que estão no seu nome. E podia fazer a gentileza de vestir aqueles jeans de que eu gostava?”

Um riso profundo, levemente rouco. Era como se a sala vibrasse no mesmo ritmo. Ela continuava a mesma, disso não havia dúvida.

Nêmesis



A chuva fazia listras compridas contra a noite de outubro prematuramente escurecida na luz da lâmpada externa sobre a placa de cerâmica, onde Harry leu “Aqui moram Espen, Stine e Trond Grette”. “Aqui” era uma casa geminada no bairro de Disengrenda. Ele tocou a campainha e deu uma olhada ao redor. Disengrenda consistia de quatro fileiras de casas geminadas no centro de um grande campo, cercado de blocos de apartamentos que lembravam Harry de colonos nas pradarias se defendendo contra ataques de índios. E talvez fosse assim mesmo. As casas geminadas foram construídas na década de 1960 para a crescente classe média, e talvez os então já definhados habitantes originários entendessem que esses eram os novos conquistadores, eram essas as pessoas que iriam assumir a hegemonia do novo país.

— Parece que não está em casa — disse Harry e tocou a campainha de novo. — Tem certeza de que ele entendeu que a gente viria hoje à tarde?

— Não.

— Não? — Harry se virou e olhou para Beate Lønn, tremendo de frio embaixo do guarda-chuva. Ela estava de saia e sapatos de salto alto, e, quando ela o pegou em frente ao restaurante Schrøder, ele pensou que parecia estar vestida para um chá da tarde com as amigas.

— Grette confirmou o encontro duas vezes quando liguei — disse ela. — Mas ele parecia bastante... fora de si.

Harry se esticou para olhar o outro lado da escada e colou o nariz na janela da cozinha. Estava escuro lá dentro e tudo o que viu foi um calendário com a logo do Banco Nordea na parede.

— Vamos voltar — disse ele.

No mesmo instante, a janela do vizinho se abriu com um estrondo.

— Estão procurando por Trond?

As palavras foram pronunciadas com o dialeto de Bergen, tão carregado que os “erres” pareciam um descarrilamento de trens. Harry se virou e examinou o rosto bronzeado e enrugado da mulher, que parecia sorridente e pesaroso ao mesmo tempo.

— Estamos, sim — confirmou Harry.

— Parentes?

— Polícia.

— Certo — disse a mulher, perdendo o rosto de enterro. — Pensei que vocês tivessem vindo para participar do luto. Ele está na quadra de tênis, o coitado.

— Na quadra de tênis?

Ela apontou.

— No outro lado do campo. Ele está lá desde as quatro da tarde.

— Mas está escuro — disse Beate. — E chovendo.

A mulher deu de ombros.

— Deve ser a dor. — Ela rolava tanto os erres que Harry começou a pensar nos pedacinhos de papel que costumavam colocar nas rodas da bicicleta para baterem nos raios quando ele era menino na cidade-satélite de Oppsal.

— Pelo seu dialeto, você também cresceu na zona leste — disse Harry enquanto ele e Beate caminhavam na direção que a mulher havia apontado. — Ou estou enganado?

— Não — foi só o que Beate respondeu.

A quadra de tênis ficava no campo, bem no meio entre os blocos de apartamento e as casas geminadas. Eles ouviram o som abafado de raquete contra uma bola de tênis molhada e dentro da cerca de arame alta podiam vislumbrar uma figura sacar no anoitecer do outono que caía rapidamente.

— Olá! — gritou Harry ao alcançarem a cerca, mas o homem lá dentro não respondeu. Só agora viram que ele estava vestido com o paletó do terno, camisa e gravata.

— Trond Grette?

Uma bola acertou uma poça de água escura, continuou girando, bateu na cerca e mandou para cima deles uma ducha fina de água de que Beate se protegeu com o guarda-chuva.

Beate puxou o portão.

— Ele se trancou lá dentro — sussurrou.

— Hole e Lønn da polícia! — gritou Harry. — Marcamos um encontro, podemos... Merda! — Harry não tinha visto a bola antes de ela bater na cerca e ficar presa no arame dois centímetros à frente do seu rosto. Ele enxugou a água dos olhos e olhou para sua roupa. Parecia envernizada com água suja avermelhada. Automaticamente, Harry se esquivou quando viu o homem jogar outra bola.

— Trond Grette! — O grito de Harry fez eco entre os blocos de apartamentos. Eles viram uma bola de tênis fazer uma parábola contra as luzes do bloco de edifícios antes de ser engolida pela escuridão e cair em algum lugar no campo aberto. Harry se virou para a quadra de novo, em tempo de ouvir um grito selvagem e ver uma figura vir ribombando contra ele no escuro. Saiu faísca quando a cerca de arame catou o jogador de tênis em pleno ataque. Ele caiu, se levantou, pegou impulso e pulou contra a cerca novamente. Caiu, se levantou e atacou.

— Meu Deus, enlouqueceu — murmurou Harry. Automaticamente, deu um passo para trás quando um rosto branco com olhos esbugalhados de repente se iluminou bem na sua frente. Foi Beate quem ligou a lanterna e a direcionou para Grette, que estava pendurado na cerca de arame. O cabelo preto e molhado grudava na testa branca, e parecia que seu olhar procurava alguma coisa em que se prender ao deslizar pela cerca feito lama em uma janela de carro, até parar inerte no chão.

— O que fazemos agora? — sussurrou Beate.

Harry triturou algo entre os dentes, cuspiu na mão e viu na luz da lanterna que era cascalho vermelho da quadra de tênis.

— Liga para uma ambulância enquanto eu pego o alicate no carro — respondeu Harry.

— Então, deram algo para ele relaxar? — perguntou Anna.

Harry balançou a cabeça afirmativo e bebericou a Coca-Cola.

A clientela jovem da zona oeste estava empoleirada em banquinhos de bar em volta deles tomando vinho, bebidas transparentes e Coca light. M era como a maioria dos bares em Oslo — urbano de forma convencional e ingênua, mas tinha algo simpático que levou Harry a pensar em Diss, aquele menino bem-educado e esperto na sua classe do segundo grau que descobriram ter um pequeno livro onde anotava todas as gírias que os meninos espertos usavam.

— Acabaram de levar o coitado ao hospital. Conversamos um pouco com a vizinha de novo e ela nos contou que ele estivera lá todas as noites treinando saques desde que a mulher foi assassinada.

— Nossa. Por que será?

Harry deu de ombros.

— Não é tão estranho que as pessoas fiquem psicóticas ao perderem alguém dessa forma. Algumas pessoas simplesmente reprimem tudo e fazem de conta que o morto ainda está vivo. A vizinha disse que Stine e Trond Grette formavam um par excelente em dupla mista e que eles treinavam na quadra de tênis quase todas as tardes durante o verão.

— Estava apenas esperando a mulher devolver o saque então?

— Talvez.

— Nossa! Pede um chope para mim enquanto vou ao toalete?

Anna girou, desceu da cadeira e desapareceu rebolando para dentro do bar. Harry tentou não olhá-la. Ele nem precisava, já tinha visto tudo. Ela tinha adquirido um par de rugas em volta

dos olhos, uns fios brancos naquele cabelo preto e cheio, mas de resto continuava a mesma. Os mesmos olhos pretos com o olhar levemente fugidio sob as sobrancelhas unidas, o mesmo nariz alto e fino sobre os lábios vulgarmente carnudos e as bochechas côncavas que lhe davam uma expressão esfomeada. Talvez não pudesse ser considerada bonita, seus traços eram duros demais, mas o corpo esbelto ainda tinha curvas suficientes para que Harry visse pelo menos dois homens nas mesas do restaurante perderem o fio da meada quando ela passou.

Harry acendeu outro cigarro. Depois de Grette, visitaram Helge Klementsén, o gerente da agência, mas isso não resultou em muito material para trabalhar. Ele ainda estava em uma espécie de estado de choque. Estava sentado em uma cadeira, no apartamento pequeno na rua Kjelsås, olhando alternadamente o poodle que corria entre suas pernas e a mulher que corria entre a cozinha e a sala, com café e os biscoitos mais secos que Harry jamais havia comido. A escolha da roupa de Beate acabou combinando melhor com a residência da família Klementsén do que os jeans surrados e as botas de Harry. Mas em geral, Harry era quem conversava com a nervosa senhora Klementsén sobre o volume incomum de chuva deste outono e a arte de fazer biscoitos, sempre interrompidos pelos passos pesados e os soluços altos do andar de cima. A senhora Klementsén explicou que a sua filha Ina, coitada, estava grávida de seis meses de um homem que tinha acabado de zarpar. De fato, ele era marinheiro, e tinha partido para o Mediterrâneo. Harry segurou o riso e quase cuspiu os biscoitos sobre a mesa, e foi só então que Beate tomou a palavra e interrogou com calma Helge Klementsén, que tinha desistido de seguir o cachorro com o olhar, já que ele tinha acabado de sair pela porta da sala.

— Que altura calcula que o assaltante tinha?

Helge Klementsén olhou para ela, pegou a xícara de café e levantou até meio caminho da boca, onde precisou esperar, já que não podia beber e falar ao mesmo tempo:

— Alto. Dois metros, talvez. Ela era sempre tão pontual, a Stine.

— Ele não era tão alto, senhor Klementsén.

— Um e noventa, então. E estava sempre bem-arrumada também.

— E que roupa ele estava usando?

— Algo preto, de borracha, acho. Neste verão foi a primeira vez que ela tirou férias de verdade. Na Grécia.

A senhora Klementsén bufou.

— De borracha? — perguntou Beate.

— É, e gorro.

— De que cor, senhor Klementsén?

— Vermelha.

Nesse ponto, Beate tinha parado de anotar e logo depois estavam no carro a caminho da cidade de novo.

— Se os juízes e os júris soubessem da pouca confiabilidade dos testemunhos relativos a roubos desse tipo, não deixariam a gente usá-los como material de prova — disse Beate. — É quase fascinante o erro que os cérebros das pessoas conseguem reconstruir. Parece que o medo os empresta óculos com que veem mais armas, assaltantes maiores e mais escuros e segundos mais longos. O assaltante levou um pouco mais de um minuto, mas a senhora

Brænne, a mulher no guichê próximo à entrada, alegou que ele ficou lá por quase cinco minutos. E ele não tinha dois metros de altura, mas 1,79 metro. A não ser que usasse palmilhas, o que tampouco é incomum entre os profissionais do ramo.

— Como pode calcular a altura exata?

— Pelo vídeo. Você mede a altura contra o vão da porta no momento em que entra. Eu estive na agência hoje e marquei com giz, tirei novas fotos e medi de novo.

— Na Homicídios a gente deixa esse tipo de medição para a equipe técnica.

— Medir alturas com vídeo é um pouco mais complicado do que parece. Os técnicos erraram, por exemplo, em três centímetros no assalto ao Banco DnB na rua Kaldbakken em 1989. Por isso prefiro tirar as medidas eu mesma.

Harry ficou olhando para ela e se perguntou se deveria questionar por que se tornara policial. Mas perguntou se ela podia deixá-lo em frente ao chaveiro na rua Vibe. Antes de descer, também a indagou se ela tinha reparado que Klementsén não tinha derramado uma gota da xícara cheia até a borda que segurou no ar durante todo o interrogatório dela. Mas a resposta foi não.

— Você gosta desse lugar? — perguntou Anna e se deixou cair na cadeira de novo.

— Bem... — Harry deu uma olhada em volta. — Não é bem o meu estilo.

— Nem o meu — disse Anna, e pegou sua bolsa e se levantou. — Vamos para o meu apê.

— Acabei de pedir um chope para você. — Harry olhou para a tulipa com espuma.

— É tão chato beber sozinha — disse fazendo careta. — Relaxa, Harry. Vem.

Lá fora a chuva tinha parado e o ar frio e recém-lavado cheirava gostoso.

— Você lembra aquele dia de outono quando fomos de carro para o vale Maridalen? — perguntou Anna, dando o braço a Harry e começando a andar.

— Não — respondeu Harry.

— Claro que lembra! Naquele seu Ford Escort miserável que nem dava para abaixar os assentos.

Harry deu um sorriso torto.

— Ficou vermelho — exclamou Anna com entusiasmo. — Então também deve lembrar que estacionamos o carro e entramos na floresta. E todas as folhas amarelas, eram como uma...

— Ela apertou seu braço. —... como uma cama. Uma cama enorme e dourada. — Ela riu e deu-lhe uma cutucada. — E depois tive que te ajudar a pegar aquele cadáver de carro. Você já se livrou dele, não?

— Bem — respondeu Harry. — Está na oficina. Vamos ver.

— Ai, ai. Agora você fala dele como um amigo que teve que ir ao hospital por causa de um tumor ou coisa assim. — E emendou baixinho: — Você não devia ter desistido tão facilmente, Harry.

Harry não respondeu.

— É aqui — disse ela. — Pelo menos isso você lembra? — Estavam parados em frente a um portão azul na rua Sorgenfri.

Harry gentilmente soltou seu braço.

— Escute, Anna — começou, e tentou ignorar seu olhar de advertência. — Tenho uma

reunião com os investigadores na Homicídios amanhã bem cedinho.

— Nem tente — disse ela e abriu o portão.

Harry se lembrou de algo, meteu a mão no bolso do casaco e estendeu um envelope amarelo para ela.

— Do chaveiro.

— Ah, a chave. Deu tudo certo?

— O cara atrás do balcão estudou minha identidade cuidadosamente. E tive que assinar. Cara esquisito. — Harry olhou o relógio de novo e bocejou.

— São rigorosos para entregar chaves-mestras — disse Anna depressa. — Pois essa serve para o prédio inteiro, o portão, a porta do porão, o apartamento, tudo. — Soltou um riso curto e nervoso. — Eles precisaram de um pedido por escrito do condomínio para fazer essa chave de reserva.

— Entendo — disse Harry. Ele balançou nos calcanhares e respirou fundo para dizer boa-noite.

Ela foi mais rápida. A voz estava quase suplicante:

— Só um café, Harry.

Era o mesmo candelabro que pendia do teto sobre a mesma mobília de jantar na sala espaçosa. Harry achou que se lembrou de as paredes serem claras — brancas, talvez amarelas. Mas não tinha certeza. Agora eram azuis e a sala parecia menor. Talvez Anna quisesse encolher o vazio. Não era fácil para uma pessoa sozinha preencher um apartamento com três salas e dois grandes quartos com um pé-direito de três metros e meio. Harry lembrou que Anna contara que sua avó também tinha morado lá sozinha. Mas que ela não ficara muito tempo, porque era uma cantora de ópera famosa e viajava o mundo inteiro enquanto podia cantar.

Anna desapareceu na cozinha e Harry deu uma olhada na outra sala. Era nua e vazia, exceto por um cavalo do tamanho de um pônei islandês no meio do chão com quatro pés de madeira e dois arcos por cima das costas. Harry se aproximou e passou a mão por cima do couro marrom e liso.

— Você começou a fazer ginástica olímpica? — gritou Harry.

— Está falando do cavalo com arcos? — gritou Anna de volta da cozinha.

— Pensei que fosse um aparelho para homens.

— E é. Tem certeza de que não quer uma cerveja, Harry?

— Absoluta — gritou. — Mas sério, por que tem este aparelho?

Harry deu um pulo quando de repente ouviu a voz dela bem atrás de si:

— Porque gosto de fazer as coisas que os homens fazem.

Harry se virou. Ela tinha tirado o pulôver e estava no vão da porta. Uma das mãos descansava no quadril, a outra estava esticada para cima no vão. Harry conseguiu, a duras penas, evitar olhar para Anna com desejo.

— Comprei da Associação dos Ginastas de Oslo. Vai ser uma obra de arte. Uma

instalação. Igual ao “Contato”, de que deve estar lembrado.

— Quer dizer aquela caixa na mesa com cortinas na frente em que devia enfiar a mão? E que tinha um monte de mãos artificiais lá dentro para dar uma espécie de aperto de mão?

— Ou tocar. Ou flertar. Ou rejeitar. Elas tinham um sistema de aquecimento que as deixavam na temperatura do corpo, o que deu o toque especial, não lembra? As pessoas achavam que havia alguém escondido embaixo da mesa. Venha, deixe-me mostrar outra coisa para você.

Ele a seguiu até a sala no fundo onde abriu as portas de correr. Depois pegou a mão dele e o puxou para dentro do escuro. Quando acendeu a luz, Harry ficou no começo só olhando a lâmpada. Era de ferro dourado em forma de uma figura de mulher que em uma das mãos segurava uma balança e na outra uma espada. As três lâmpadas estavam localizadas na ponta da espada, na balança e na sua cabeça, e, quando Harry se virou, viu que cada lâmpada estava iluminando uma tela a óleo. Duas estavam penduradas na parede, ao passo que a terceira, que ainda não estava pronta, se encontrava sobre um cavalete com uma paleta de tintas amarelas e marrons presa no canto inferior esquerdo.

— São retratos, não vê?

— Claro. Estes são os olhos? — apontou ele. — E a boca aqui?

Anna inclinou a cabeça.

— Se quiser. São três homens.

— Alguém que eu conheço?

Anna olhou Harry pensativa e demoradamente antes de responder:

— Não, não acho que os conheça, Harry. Mas pode conhecê-los. Se realmente quiser.

Harry examinou melhor os quadros.

— Me conte o que está vendo.

— Vejo meu vizinho com um par de esquis. Vejo um cara saindo do fundo do chaveiro enquanto eu estou saindo. E vejo o garçom no M. E Per Ståle Lønning.

Ela riu.

— Sabia que a retina inverte as coisas de modo que o seu cérebro primeiro recebe uma imagem espelhada? Se for para ver as coisas como realmente são, é necessário vê-las refletidas em um espelho. Assim teria visto pessoas bem diferentes nos quadros. — Seus olhos brilhavam e Harry não conseguiu argumentar que a retina vira as imagens de ponta-cabeça e não espelha nada.

— Esta vai ser a minha obra-prima definitiva, Harry. Aquela pela qual vou ser lembrada.

— Estes retratos?

— Não, eles são apenas uma parte da obra toda. Ainda não está pronta. Mas aguarde.

— Ahm. Já tem nome?

— Nêmesis — respondeu baixinho.

Ele a olhou de forma interrogativa e seus olhares se cruzaram.

— Como a deusa, você sabe.

A sombra caía em um lado do rosto dela. Harry desviou o olhar. Ele tinha visto o suficiente. A curva de suas costas pedindo um parceiro para dançar, um pé um pouco à frente do outro, como se não houvesse decidido se ia ou vinha, o peito subindo e descendo e o pescoço

pequeno com a veia grossa onde achou que podia ver o pulso bater. Ele sentiu calor e uma leve tontura. O que foi que ela tinha dito? “Não devia ter desistido tão facilmente.” Tinha dito mesmo?

— Harry...

— Preciso ir — disse ele.

Ele puxou o vestido por cima da cabeça dela e a mulher, rindo, caiu para trás no lençol branco. Ela soltou a fivela do cinto dele enquanto a luz turquesa, que brincava por entre as palmeiras balançando no descanso de tela no laptop na escrivaninha, ondulava por sobre diabinhos e demônios boquiabertos, que rosnavam dos fantásticos entalhes da cabeceira da cama. Anna havia contado que era a cama da sua avó, que estava lá por quase oitenta anos. Ela o mordeu na orelha e sussurrou palavras em uma língua desconhecida. Depois, parou de sussurrar e cavalgou nele enquanto gritou, riu, rezou e invocou espíritos, e ele queria que não acabasse nunca. E logo antes de ele gozar, ela parou de repente, segurou seu rosto entre suas mãos e sussurrou:

— Meu para sempre?

— Mas nem morto — ele riu e virou-a para ficar por cima. Os demônios de madeira riram para ele.

— Meu para sempre?

— Sim — gemeu e gozou.

Quando silenciou o riso e eles estavam deitados, suados, mas ainda entrelaçados em cima do colchão, Anna contou que a cama fora um presente para sua avó de um nobre espanhol.

— Após um concerto que ela fez em Sevilha, em 1911 — disse e levantou a cabeça para que Harry pudesse colocar o cigarro aceso entre seus lábios.

A cama tinha chegado a Oslo três meses mais tarde, trazida pelo navio a vapor *Eleonora*. As coincidências, e mais um pouco, quiseram que o capitão dinamarquês a bordo, Jesper alguma coisa, se tornasse o primeiro amante de sua avó — mas não o primeiro amante naquela cama. De fato, Jesper tinha sido um homem muito apaixonado e, de acordo com sua avó, a razão da falta da cabeça do cavalo no topo da cabeceira da cama. Fora mordido pelo capitão Jesper em estado de êxtase.

Anna riu alto e Harry sorriu. O cigarro acabou e eles transaram ao ranger do estrado de fibras vegetais que fez Harry imaginar que estivessem em um navio e não houvesse ninguém no leme, mas estava tudo bem assim.

Isso foi há muito tempo, e foi a primeira e a última noite que ele tinha passado sóbrio na cama da avó de Anna.

Harry se virou na cama de ferro estreita. Eram 3h21 no rádio-relógio sobre a mesa de cabeceira. Ele soltou um palavrão. Fechou os olhos e deixou os pensamentos retornarem devagar à Anna e ao verão nos lençóis brancos da cama da avó. Na maior parte do tempo, ele esteve embriagado, mas as noites que lembrava eram cor-de-rosa e deliciosas, tipo cartões-postais eróticos. Até sua declaração final quando o verão acabou tinha sido um clichê gasto

mas cheio de paixão e sentimentos calorosos:

— Você merece alguém melhor do que eu.

Nessa época, ele bebia tanto que só podia ter um fim possível. E em um dos seus momentos lúcidos, decidiu não levá-la na queda. Ela o xingou na sua língua estrangeira e jurou que um dia ia fazer o mesmo com ele: tirar-lhe a única coisa que amava.

Fazia sete anos e o caso todo tinha durado apenas seis semanas. Depois disso, ele só a encontrara mais duas vezes. Uma vez em um bar onde ela viera até ele com lágrimas nos olhos e pediu que fosse para outro lugar, o que ele fez. E outra vez em uma exposição onde Harry tinha levado sua irmãzinha, Søs. Ele tinha dito que iria ligar, mas não ligou.

Harry se virou para o relógio de novo. Eram 3h32. Ele a tinha beijado. Esta noite. Assim que estivera seguro em frente à porta de vidro rugoso do apartamento dela, ele se inclinou para dar um abraço de boa-noite, o que virou um beijo. Simples assim. Pelo menos simples. E 3h33. Mas que merda! Quando foi que ele se tornara tão sensível para ficar com a consciência pesada por ter dado um beijo de boa-noite em uma antiga namorada? Harry tentou respirar fundo e com calma, concentrou seus pensamentos em possíveis vias de fuga da rua Bogstad pela rua da Indústria. Entrar. Sair. Entrar de novo. Ele ainda sentiu o cheiro dela. O peso doce do seu corpo. O discurso insistente da sua língua áspera.

Pimenta-Malagueta



Os primeiros raios de sol varreram de leve a colina de Ekeberg, por baixo das persianas erguidas até a metade da sala de reunião da Homicídios, e se enfiaram entre as dobras da pele dos olhos cerrados de Harry. No final da mesa comprida estava Rune Ivarsson com os pés afastados, balançando para cima e para baixo os sapatos com as mãos nas costas. Atrás dele havia um tripé com folhas grandes onde estava escrito BEM-VINDOS em letras maiúsculas vermelhas. Harry imaginou que era algo que Ivarsson tinha aprendido em um seminário sobre apresentações. Agora ele fazia uma tentativa fraca de esconder um bocejo quando o chefe da Divisão de Roubos começou a falar.

— Bom-dia a todos. Nós, as oito pessoas em volta desta mesa, constituímos o grupo de investigação do assalto na rua Bogstad na sexta-feira.

— Do assassinato — murmurou Harry.

— Como disse?

Harry se endireitou na cadeira. O maldito sol o cegava qualquer que fosse a posição.

— Acho correto partir do fato de que foi um assassinato e basear a investigação nisso.

Ivarsson mostrou um sorriso torto. Não para Harry, mas para as outras pessoas em volta da mesa.

— Pensei que ia começar apresentando vocês, mas o nosso amigo aqui da Homicídios já

começou. O inspetor Harry Hole foi gentilmente cedido pelo seu chefe Bjarne Møller, já que sua especialidade é assassinato.

— Homicídio — disse Harry.

— Homicídio. À esquerda de Hole temos Torleif Weber, do Departamento Criminal, que lidera as investigações no local do crime. Como a maioria sabe, Weber é o nosso melhor farejador. É conhecido por suas habilidades analíticas e intuição certa. O chefe de polícia disse uma vez que gostaria de levar Weber como cão quando fosse caçar nos fins de semana.

Risos em volta da mesa. Harry nem precisava olhar para Weber para saber que ele não estava rindo. Era raro Weber sorrir, pelo menos para alguém de que ele não gostava, e ele não gostava de quase ninguém. Especialmente do grupo mais novo dos chefes, que na opinião de Weber eram todos, sem exceção, incompetentes e ambiciosos, sem amor à profissão ou à corporação e, por isso mesmo, mais ligados à burocracia, ao poder e à influência que podiam alcançar após uma breve aparição na corporação.

Ivarsson sorriu e se sacudiu, contente como um capitão em alto-mar, enquanto esperava os risos silenciarem.

— Beate Lønn é novata nessa situação. É nossa especialista em análise de vídeos.

Beate ficou escarlate.

— Beate é filha de Jørgen Lønn, que trabalhou durante vinte anos na divisão que então se chamava Roubos e Homicídios. Nesse sentido, parece não ficar para trás do seu lendário pai. Ela já contribuiu decisivamente para vários esclarecimentos. Não sei se já mencionei, mas, nos últimos anos aqui na Roubos, a porcentagem de solução de casos é de aproximadamente cinquenta por cento, o que em termos internacionais é considerado...

— Já mencionou isso, Ivarsson.

— Obrigado.

Dessa vez, Ivarsson olhou diretamente para Harry quando sorriu. Um sorriso rígido de réptil que arreganhava os dentes até os maxilares nos dois lados. E manteve o mesmo sorriso enquanto apresentou os outros. Harry conhecia dois deles. Magnus Rian, um jovem do fiorde de Tomre que havia passado meio ano na Homicídios e deixado uma boa impressão. O outro era Didrik Gudmundson, o mais experiente investigador ao redor da mesa e o segundo no comando da divisão. Um policial calmo e metódico com quem Harry nunca teve problemas. Os dois últimos também eram da Homicídios, os dois com o sobrenome Li, mas Harry constatou de imediato que eles dificilmente seriam gêmeos univitelinos. Toril Li era uma mulher alta e loira com boca estreita e rosto fechado, enquanto Ola Li era um baixinho ruivo com rosto redondo e olhos sorridentes. Harry os havia encontrado nos corredores vezes o suficiente para muitos acharem natural que ele os cumprimentasse, mas essa ideia nunca havia passado pela cabeça de Harry.

— A maioria aqui já deve me conhecer — terminou Ivarsson. — Em todo caso, sou delegado-chefe da Divisão de Roubos e fui encarregado de comandar essa investigação. E em resposta à sua pergunta inicial, Hole, esta não é a primeira vez que investigamos assaltos que tiveram como resultado a morte de civis inocentes.

Harry se esforçou para se conter. De verdade. Mas o riso de crocodilo não permitiu.

— Com uma porcentagem de solução um pouco abaixo de cinquenta também?

Apenas uma pessoa em volta da mesa riu, mas riu bem alto. Era Weber.

— Me desculpem. Parece que esqueci de dizer isto sobre Hole — disse Ivarsson sem sorrir. — Ele tem talento para a comédia. Um verdadeiro talento, ouvi dizer.

Um segundo de silêncio embaraçoso. Até Ivarsson soltar uma gargalhada curta e retumbante, e ouvirem-se risos aliviados à socapa em volta da mesa.

— OK, vamos começar com um curto resumo. — Ivarsson virou a folha do tripé. Sob o título CRIMINALÍSTICA a folha estava em branco. Ele tirou a tampa de uma caneta de feltro e se colocou pronto para escrever. — É com você, Weber.

Karl Weber se levantou. Era um homem baixo com juba e barba branca. Sua voz era um ronco ameaçador em baixa frequência, mas bastante claro.

— Serei breve.

— Fique à vontade — disse Ivarsson e encostou a caneta no papel. — Leve o tempo que precisar, Karl.

— Serei breve porque não preciso de muito tempo — resmungou Weber. — Não temos nada.

— Certo — disse Ivarsson e baixou a caneta. — O que quer dizer exatamente com nada?

— Temos as pegadas de um par de tênis Nike novinhos em folha, tamanho 45. A maior parte desse assalto parece tão profissional que a única coisa que me diz é que provavelmente não é o tamanho que ele normalmente usa. O projétil foi analisado pelos rapazes da balística. É munição padrão de 7,62 mm para um AG3, o mais comum no reino da Noruega, já que está em todas as casernas militares, arsenais e casas onde moram oficiais ou soldados da reserva deste país. Em outras palavras, impossível de rastrear. Fora isso, é como se ele nunca tivesse estado lá dentro. Ou lá fora. Verificamos possíveis pistas lá também.

Weber se sentou.

— Obrigado, Weber, foi... Eh, esclarecedor. — Ivarsson abriu outra folha onde estava escrito TESTEMUNHAS.

— Hole?

Harry desceu mais um pouco na cadeira.

— Todos os que estavam no banco durante o assalto foram interrogados imediatamente depois, e ninguém contou qualquer coisa que não estivesse nas gravações de vídeo. Quer dizer, eles lembram uma ou outra coisa que nós sabemos com certeza estarem erradas. Uma testemunha viu o assaltante sumir subindo a rua da Indústria, ninguém mais viu nada.

— O que nos traz ao próximo ponto, que são os carros de fuga — disse Ivarsson. — Toril?

Toril Li foi para a frente e ligou o projetor onde já estava uma transparência com um apanhado geral sobre os carros que foram roubados durante os três últimos meses. Em dialeto carregado da Costa Oeste mostrou quais eram os quatro carros que ela achava mais prováveis de serem usados numa fuga, por serem marcas e modelos comuns, em cores claras e neutras, e novos o suficiente para que o assaltante estivesse confiante de que não iria deixá-lo na mão. Principalmente um dos carros, um Volkswagen Golf GTI que estivera estacionado na rua de Maridal, era interessante porque fora roubado na noite anterior ao assalto.

— Quase sempre, os ladrões roubam os carros de fuga o mais próximo do horário do

roubo para que não constem na lista dos policiais no momento da ocorrência — explicou Toril Li. Ela desligou o projetor e apanhou a transparência ao voltar para seu lugar.

Ivarsson balançou a cabeça.

— Obrigado.

— De nada — sussurrou Harry para Weber.

O título da próxima folha era ANÁLISE DE VÍDEO. Ivarsson tinha colocado a tampa na caneta. Beate engoliu em seco, bebeu um gole do copo à sua frente e pigarreou antes de começar com o olhar fixo na mesa:

— Medi a altura...

— Fale um pouco mais alto, por favor.

Sorriso de réptil. Beate pigarreou de novo.

— Medi a altura do assaltante me baseando no vídeo. Ele tem 1,79 metro. Verifiquei com Weber, que está de acordo.

Weber balançou a cabeça afirmativamente.

— Ótimo! — gritou Ivarsson com um ânimo forçado na voz, arrancou a tampa da caneta e anotou: ALTURA 1,79m.

Beate continuou sua fala à mesa:

— Acabei de falar com Aslaksen na NTNU, o nosso analista de voz. Ele analisou as cinco palavras que o assaltante falou em inglês. Ele... — Beate lançou um olhar preocupado para Ivarsson que estava de costas, pronto para anotar. — ... disse que a qualidade da gravação está ruim demais. Não deu para usar.

Ivarsson deixou cair seus braços ao mesmo tempo que o sol desapareceu atrás de uma nuvem e o grande retângulo de luz na parede atrás deles se desvaneceu. O silêncio na sala de reunião era absoluto. Ivarsson respirou fundo e se balançou ofensivamente nos dedos dos pés.

— Felizmente guardamos o trunfo para o final.

O chefe da Divisão de Roubos mostrou a última folha no tripé. AGENTES SECRETOS.

— Para aqueles de vocês que não trabalham na Divisão de Roubos talvez seja preciso explicar que os agentes secretos sempre são os primeiros que trazemos quando temos gravações de vídeo de um assalto. Em sete de dez casos, uma boa gravação pode revelar a identidade do assaltante se for um velho conhecido nosso.

— Mesmo estando mascarado? — perguntou Weber.

Ivarsson balançou a cabeça, afirmativo.

— Um bom agente é capaz de desmascarar um velho conhecido pela estatura física, linguagem corporal, voz, maneira de falar durante o assalto, todas as pequenas coisas que você não pode esconder atrás de uma máscara.

— Mas saber quem é não basta — investiu o segundo comandante Didrik Gudmundson. — Temos que...

— Exato — interrompeu Ivarsson. — Temos que ter provas. Um assaltante pode até soletrar seu nome em frente à câmera de vigilância, mas se estiver mascarado e não deixar provas técnicas, estamos legalmente impotentes.

— Então, quantos dos sete que vocês reconhecem são condenados? — perguntou Weber.

— Alguns — respondeu Gudmundson. — De qualquer maneira, é melhor saber quem

cometeu o assalto mesmo que continue livre. Assim aprendemos algo sobre o padrão e o método dele. Na próxima vez nós o pegamos.

— E se não houver uma próxima vez? — perguntou Harry. Ele notou como as veias grossas bem acima das orelhas de Ivarsson se incharam na hora que ele riu.

— Querido perito em homicídios — disse Ivarsson, ainda risonho. — Se você olhar em volta, verá que a maioria está rindo da sua pergunta. Porque um assaltante que já deu um golpe bem-sucedido, sempre — sempre! — vai atacar novamente. É a verdadeira lei da gravidade dos assaltos. — Ivarsson olhou pela janela e se permitiu mais uma gargalhada antes de bruscamente se virar nos calcanhares. — Se já terminamos a aula de hoje, talvez esteja na hora de ver se temos algum suspeito. Ola?

Ola Li olhou para Ivarsson, sem saber se ia se levantar ou não, mas decidiu por fim ficar sentado.

— Eu também estava de plantão no fim de semana. O vídeo ficou pronto e editado às oito na sexta à noite, e eu chamei os agentes que estavam trabalhando para assisti-lo no Casa da Dor. Aqueles que não estavam de plantão vieram no sábado. No total, 13 agentes passaram por lá, o primeiro na sexta às oito e o último...

— Muito bem, Ola — disse Ivarsson. — Apenas conte o que acharam.

Ola riu nervoso. Soou como um exasperante grito de gaivota.

— Então?

— Espen Vaaland está de licença médica — disse Ola. — É ele quem conhece a maioria dos assaltantes. Vou tentar fazê-lo vir amanhã.

— Está tentando dizer o quê?

Os olhos de Ola dançavam rapidamente em volta da mesa.

— Pouca coisa — disse baixinho.

— Ola ainda é relativamente novato — disse Ivarsson e Harry viu como a musculatura do maxilar estava começando a trabalhar. — Ola exige uma identificação com cem por cento de certeza, o que é louvável. Mas é um pouco demais quando o assaltante...

— O assassino.

— ... está mascarado da cabeça aos pés, tem estatura mediana, fica calado, tenta se movimentar atipicamente e tem sapatos grandes demais. — A voz de Ivarsson subiu. — Então, dê-nos a lista completa, Ola. Quem está na lista dos possíveis suspeitos?

— Não há nenhum na lista.

— Mas é claro que há algum!

— Não há — disse Ola Li e engoliu seco.

— Está tentando nos dizer que ninguém tinha uma sugestão, que todos os nossos voluntários, ratos do submundo que apostam sua honra em socializar diariamente com os piores bandidos de Oslo, agentes zelosos que entre nove de dez casos sabem dos rumores que dizem quem dirigiu o carro, quem carregou o dinheiro, quem estava fazendo guarda na porta, de repente nem querem dar um chute sequer?

— Bem, eles chutaram — respondeu Ola. — Seis nomes foram mencionados.

— Então bota para fora, homem.

— Verifiquei todos os nomes. Três estão presos. Um deles tinha sido preso quando o assalto foi cometido. Um está em Pattaya, na Tailândia, e já verifiquei. E havia um que todos os agentes mencionaram, por ter estatura parecida e porque o assalto foi tão profissional: era Bjørn Johansen, do bando dos Tveita.

— E...?

Ola parecia querer deslizar na cadeira e sumir embaixo da mesa.

— Ele estava no Hospital de Ullevål sendo operado por um *aures alatae* na sexta.

— *Auris alatae*?

— Orelhas de abano — suspirou Harry e enxugou uma gota de suor da sobrancelha. — Ivarsson parecia que ia explodir. Quantos quilômetros já fez?

— Acabei de completar 21. — A voz de Halvorsen retumbou entre as paredes. Estavam quase a sós na sala de ginástica no porão da delegacia, no início da tarde.

— Pegou um atalho? — Harry apertou os dentes e conseguiu aumentar a frequência das pedaladas um pouco. Já tinha uma poça de suor em volta da bicicleta ergométrica dele, enquanto a testa de Halvorsen continuava quase seca.

— Então, vocês estão totalmente sem nada? — perguntou Halvorsen respirando regular e calmamente.

— A não ser que haja algo no que Beate Lønn disse no final, não temos grandes coisas.

— E o que foi que ela disse?

— Ela trabalha com um software que faz uma foto tridimensional da cabeça e do rosto do assaltante com base nas fotos do vídeo.

— Com gorro?

— O programa usa a informação recebida das imagens. Luz, sombra, depressões, saliências. Se o gorro estiver muito apertado, fica mais fácil para fazer uma imagem parecida com a pessoa que está embaixo. Será, de qualquer maneira, apenas um esboço, mas Beate diz que ela pode usá-lo para comparar com fotos de suspeitos.

— Com aquele programa de identificação do FBI? — Halvorsen se virou para Harry e notou com certa fascinação que a mancha de suor que tinha começado no peito agora tinha se espalhado pela camiseta inteira.

— Não, ela tem um programa melhor — disse Harry.

— Quanto fez?

— Vinte e dois. Que programa é?

— Girus fusiforme.

— Microsoft? Apple?

Harry bateu com o indicador na testa escarlate.

— O software que todos temos. Fica no lobo temporal do cérebro e sua única função é reconhecer rostos. Só faz isso. É aquele pedacinho que faz com que a gente possa distinguir entre cem mil diferentes rostos de pessoas apenas uma dúzia de rinocerontes.

— Rinocerontes?

Harry cerrou os olhos para tentar remover o suor com um piscar.

— Foi um exemplo, Halvorsen. Mas Beate Lønn é um caso bem especial. O fusiforme dela tem umas duas voltas a mais que faz com que ela se lembre de todos os rostos que viu na vida inteira. E não quero dizer apenas as pessoas que ela conheceu ou com quem conversou, mas os rostos atrás de óculos de sol que passaram por ela em uma multidão na rua 15 anos atrás.

— Está brincando.

— Não. — Harry endireitou a nuca enquanto recuperou o fôlego para continuar: — Só se sabe de uns duzentos casos iguais ao dela. Didrik Gudmundsen disse que ela fez um teste na Escola Superior de Polícia e bateu todos os programas de identificação conhecidos. A moça é um arquivo de fisionomia ambulante. Quando ela pergunta “onde vi você antes?” pode ter certeza que não é apenas um truque para cantar você.

— Nossa. O que ela está fazendo na polícia? Com um talento desses, quero dizer?

Harry deu de ombros.

— Talvez você esteja lembrado daquele investigador que foi morto durante um assalto a banco em Ryen nos anos 1980?

— Foi antes do meu tempo.

— Ele estava por perto por acaso quando o alarme foi acionado, e como ele foi o primeiro a chegar, entrou no banco desarmado para negociar. Ele foi ceifado por um fuzil automático e o assaltante nunca foi pego. Mais tarde, isso foi usado na Escola Superior de Polícia como exemplo do que *não* se deve fazer ao chegar a um local de assalto.

— É para esperar reforço e não confrontar o assaltante para não colocar você mesmo, os funcionários e os assaltantes em perigo.

— Exato, é o que diz o manual. O estranho é que ele era um dos melhores e mais experientes investigadores da polícia. Jørgen Lønn. O pai de Beate.

— Isso mesmo. E você acha que foi por isso que ela se tornou policial?

— Talvez.

— Ela é bonita?

— Ela é boa. Quanto agora?

— Acabei de passar 24, faltam 6. E você?

— Só 22. Mas vou ultrapassar você já, já.

— Não será desta vez — disse Halvorsen e aumentou a velocidade.

— Vou, porque agora vêm as subidas. Aí é a minha vez. E você perde o pique e fica com câimbra. Como sempre.

— Não desta vez — disse Halvorsen e pedalou mais forte. Harry sorriu e se inclinou sobre o guidão.

Bjarne Møller olhava alternadamente para a lista de compras escrita pela mulher e a prateleira com o que achava que podia ser coentro. Margrete havia se apaixonado por comida tailandesa depois da viagem de férias em Phuket no inverno passado, mas o chefe da Homicídios ainda

não estava bem familiarizado com os diferentes temperos que todo dia vinha de avião de Bangcoc para a venda paquistanesa perto da sua casa.

— Aquilo ali é uma pimenta-malagueta verde, chefe — disse uma voz perto da sua orelha e Bjarne Møller deu um pulo, se virou e olhou para o rosto vermelho de Harry. — Umas duas dessas e umas fatias de gengibre e você pode fazer uma sopa *tom yam*. Vai sair fumaça das suas orelhas, mas vai perder um monte de gordura de tanto suar.

— Parece que você acabou de experimentar, Harry.

— Apenas uma corrida de bicicleta com Halvorsen.

— E o que tem aí na mão?

— Uma pimentinha-malagueta vermelha.

— Eu não sabia que você cozinhava.

Harry olhou levemente curioso para o saco com pimenta como se fosse novo para ele também.

— Aliás, foi bom te encontrar, chefe. Temos um problema.

Møller sentiu começar a coçar o couro cabeludo.

— Não sei quem decidiu que Ivarsson ia estar à frente da investigação do assassinato na rua Bogstad, mas não está funcionando.

Møller colocou a lista de compras na cesta.

— Há quanto tempo estão trabalhando juntos? Dois dias inteiros?

— A questão não é essa, chefe.

— Pelo menos dessa vez, não poderia apenas fazer o seu trabalho de investigação, Harry?, e deixar os outros decidirem sobre a organização? Sabe, talvez não lhe faça mal tentar descobrir como é não ser do contra.

— Só queria que o caso fosse resolvido rapidamente, chefe. Para que eu possa continuar aquele outro caso, você sabe.

— Claro, sei. Mas você está trabalhando no caso além dos seis meses que eu te prometi, e não tenho como justificar o uso de tempo e recursos por causa de considerações e sentimentos pessoais, Harry.

— Ela era uma colega, chefe.

— Eu sei! — disse Møller ríspidamente. Ele se calou, olhou em volta e continuou baixinho: — Qual é o seu problema, Harry?

— Eles estão acostumados a trabalhar com assaltos, e Ivarsson não tem o mínimo interesse em tomar uma iniciativa construtiva.

Bjarne Møller teve que dar um sorriso ao ouvir a “iniciativa construtiva”. Harry se inclinou para a frente e falou rápida e energicamente:

— Qual é a primeira coisa que nós nos perguntamos quando há um assassinato, chefe? Por que, qual é o motivo, não é? Na Roubo eles consideram tão óbvio que o motivo seja dinheiro que a pergunta nem foi colocada.

— Em que motivo você aposta, então?

— Não aposto em nada. O problema é que eles estão usando uma metodologia totalmente errada.

— Outra metodologia, Harry. *Outra*. Preciso acabar essas compras e chegar em casa,

então me diga o que quer.

— Quero que fale com quem tiver que falar para que eu possa levar um dos outros policiais e trabalhar sozinho.

— Sair do grupo de investigação?

— Investigação paralela.

— Harry...

— Foi assim que pegamos o Garganta Vermelha, lembra?

— Harry, eu não posso interferir...

— Quero levar Beate Lønn, e eu e ela vamos recomeçar tudo. Ivarsson não está conseguindo avançar e...

— Harry!

— Sim?

— Qual é o motivo real?

Harry botou o peso no outro pé.

— Não consigo trabalhar com aquele jacaré.

— Ivarsson?

— Logo, logo vou fazer algo muito estúpido.

As sobrancelhas de Bjarne Møller se juntaram por cima do nariz em um “v” preto.

— Isso é uma ameaça?

Harry colocou a mão no ombro de Møller.

— Só este favor, chefe. Nunca mais vou pedir outra coisa, nunca mais!

Møller fungou. Quantas vezes nesses anos todos ele tinha arriscado o pescoço por Harry em vez de aceitar o bem-intencionado conselho dos colegas mais velhos para manter certa distância daquele investigador imprevisível? A única coisa certa com Harry Hole era que um dia alguma coisa ia acabar mal. Mas pelo fato de ele e Harry de alguma forma estranha sempre terem se saído bem, ninguém pôde tomar nenhuma medida drástica. Até agora. Mas a pergunta mais interessante era esta: por que ele fazia isso? Ele olhou para Harry. O alcoólatra. O encenqueiro. Aquele cara às vezes insuportavelmente teimoso e arrogante. E seu melhor investigador além de Waaler.

— Fique calmo, Harry. Se não boto você atrás de uma mesa e tranco a porta. Entendido?

— Positivo, chefe.

Møller suspirou.

— Vou me encontrar com o chefe de polícia e o Ivarsson amanhã. Vamos ver. Mas não prometo nada, ouviu?

— Está bem, chefe. Mande lembranças à esposa.

Harry se virou ao sair.

— O coentro está no fundo à esquerda, na última prateleira.

Bjarne Møller ficou olhando a cesta depois que Harry tinha saído. Agora lembrava o motivo. Ele gostava daquele alcoólatra, daquele encenqueiro teimoso.

O Rei Branco



Harry acenou para um dos habitués e se sentou à mesa abaixo de uma das janelas de vidro rugoso que dava para a rua Thrane. Na parede atrás dele havia uma pintura grande, um dia de sol na praça Youngstorget, onde mulheres com sombrinhas eram saudadas por homens passeando de cartola. O contraste não poderia ser maior com a eterna obscuridade e o silêncio quase devoto da tarde no tradicional restaurante Schrøder.

— Que bom que pôde vir — disse Harry para o homem ligeiramente obeso que já estava sentado à mesa. Era fácil ver que não era um freguês assíduo. Não pela jaqueta elegante de *tweed* ou pela gravata borboleta com bolinhas vermelhas, mas porque estava mexendo uma caneca branca de chá sobre a toalha cheirando a cerveja e perfurada por marcas pretas de cigarro. O freguês ocasional era o psicólogo Ståle Aune, um dos melhores no país na sua área e um profissional a quem a polícia de Oslo recorria com frequência. Algumas vezes com satisfação, outras com desapontamento, já que Aune era um homem de caráter que protegia a própria integridade e nunca se pronunciava em um caso jurídico sobre algo que ele não pudesse comprovar cientificamente com cem por cento de certeza. E como na psicologia nada se pode comprovar com tamanha exatidão, muitas vezes acontecia de ele, como testemunha da promotoria, se tornar o melhor trunfo da defesa, já que a dúvida que ele semeava costumava beneficiar o acusado. Como policial, Harry vinha usando a perícia de Aune em casos de assassinatos fazia tanto tempo que já começava a vê-lo como colega. E, como alcoólatra, Harry se abriu completamente para esse homem afável e sábio que se vestia de forma arrogante e a quem ele — em um momento sob pressão — poderia chamar de amigo.

— Então este é o seu refúgio? — disse Aune.

— É — respondeu Harry e levantou uma sobancelha para Maja atrás do balcão, que logo reagiu e desapareceu pelas portas basculantes da cozinha.

— E o que é que tem aí?

— Pimenta-malagueta.

Uma gota de suor escorregou pelo nariz de Harry e se agarrou na ponta antes de cair na toalha de mesa. Aune olhou surpreso para a mancha molhada.

— Termostato lento — disse Harry. — Acabei de malhar.

Aune fez uma careta.

— Como médico eu deveria aplaudir, mas como filósofo tenho dúvida a respeito de expor o corpo a esse tipo de desprazer.

Uma jarra de metal e uma xícara apareceram na frente de Harry.

— Obrigado, Maja.

— Sentimento de culpa — disse Aune. — Algumas pessoas só conseguem driblá-lo se punindo. Como quando você não aguenta e volta a beber, Harry. No seu caso, o álcool não é uma fuga, mas a maneira mais dura de punir a si mesmo.

— Obrigado. Já ouvi você fazer esse diagnóstico antes.

— É por isso que malha tanto? Sentimento de culpa?

Harry deu de ombros.

Aune baixou a voz:

— É em Ellen que anda pensando?

O olhar de Harry deu um salto e encontrou o olhar de Aune. Ele trouxe a xícara de café até a boca e bebeu longamente antes de colocá-la na mesa fazendo uma careta.

— Não, não é no caso de Ellen. Não estamos avançando, mas não por termos feito um mau trabalho. Algo vai surgir, só temos que ter paciência.

— Bom — respondeu Aune. — A morte de Ellen não foi culpa sua, guarde este pensamento. E não se esqueça de que todos os seus colegas acreditam que o verdadeiro culpado foi pego.

— Talvez sim, talvez não. Ele está morto e não pode responder.

— Não deixe isso se tornar uma ideia fixa, Harry. — Aune enfiou dois dedos no bolso da jaqueta de tweed e deu uma rápida olhada no relógio de prata. — Mas acho que não era sobre sentimento de culpa que você queria falar.

— Não. — Harry tirou uma pilha de fotos do bolso. — Quero saber o que você acha disto aqui.

Aune pegou as fotos e começou a olhar.

— Parece um roubo a banco. Não pensei que isso fosse assunto do Departamento de Homicídios.

— A explicação está na próxima foto.

— É? — Ele mostra um dedo para a câmera.

— Desculpe, é a próxima.

— Nossa. Ela foi...

— Foi. Mal dá para ver a chama do disparo, já que se trata de uma AG3, mas ele acabou de disparar. Como pode ver, a bala penetrou na testa da mulher. Na próxima foto, saiu da parte de trás da cabeça e entrou na madeira do guichê de vidro.

Aune colocou as fotos na mesa.

— Por que vocês sempre têm que me mostrar essas fotos horríveis, Harry?

— Assim sabe do que estamos falando. Olhe a próxima foto.

Aune soltou um suspiro.

— Aqui o assaltante já pegou o dinheiro — disse Harry apontando. — Em seguida vem a fuga. Ele é profissional, é calmo e decidido, e não há motivo para assustar ou forçar alguém a nada. Mesmo assim, ele ainda adia a fuga por alguns segundos para matar esta funcionária. Só porque o gerente levou seis segundos a mais para esvaziar o caixa automático.

Aune mexeu devagar no chá com a colher, desenhando o número oito repetidamente.

— E agora você está se perguntando qual seria o motivo dele?

— Bem, sempre tem um motivo, mas é difícil saber em que lado da razão é melhor começar a procurar. Algumas primeiras impressões?

— Sérios transtornos de personalidade.

— Mas tudo o que faz parece bem racional.

— Transtornos de personalidade não indicam uma pessoa estúpida. Os portadores desses transtornos são muito bons, às vezes melhores do que o normal, em conseguir o que almejam. O que os difere da gente é que querem outras coisas.

— E quanto a narcóticos? Há alguma droga que faça uma pessoa normal se tornar tão agressiva a ponto de matar?

Aune negou com a cabeça.

— As drogas só vão aumentar ou enfraquecer tendências já presentes. Um homem que bate na mulher quando está bêbado normalmente já tem vontade de bater nela em estado sóbrio também. Pessoas que cometem um homicídio premeditado como este quase sempre têm predisposição especial para isso.

— Você está dizendo, então, que o cara é louco de pedra?

— Ou pré-programado.

— Pré-programado?

— É. Lembra o assaltante que nunca foi pego, Raskol Baxhet?

Harry balançou a cabeça, negativamente.

— Um cigano — continuou Aune. — Durante muitos anos houve boatos sobre a figura misteriosa que seria o verdadeiro cérebro atrás de todos os grandes assaltos a transportadoras de dinheiro e centrais de valores em Oslo na década de 1980. Levou anos para a polícia entender que ele de fato existia, e mesmo assim nunca conseguiram juntar provas contra ele.

— Estou começando a lembrar — disse Harry. — Mas pelo que me recordo eles o pegaram.

— Errado. O mais perto que chegaram foi de dois assaltantes que prometeram testemunhar contra Raskol em troca de pena reduzida, mas que desapareceram de repente em circunstâncias misteriosas.

— Nada de muito estranho — disse Harry e pegou um maço de Camel do bolso.

— Estranho se estavam presos — respondeu Aune.

Harry assobiou baixinho.

— Mas ainda acho que ele acabou atrás das grades.

— E está certo — disse Aune. — Mas não foi pego. Raskol se entregou. Um dia apareceu na delegacia de polícia e disse que queria confessar uma série de assaltos antigos. Foi o maior rebuliço, é claro. Ninguém entendeu nada, e Raskol recusou-se a explicar por que havia se entregado. Antes do julgamento, me ligaram para eu atestar se estava bem da cabeça, se a confissão se sustentaria num tribunal. Raskol aceitou falar comigo com duas condições. Que jogássemos uma partida de xadrez — nem me pergunte como ele sabia que eu era um jogador assíduo. E que eu levasse uma tradução francesa de *A arte da guerra*, um livro chinês antiqüíssimo sobre táticas de guerra.

Aune abriu uma caixa de cigarrilhas Nobel Petit.

— Mandei entregar o livro de Paris e levei um jogo de xadrez. Fui trancado na sua cela e cumprimentei um homem que mais parecia um monge. Ele pediu minha caneta emprestada, começou a folhear o livro e mostrou com um aceno de cabeça que eu podia iniciar a partida de xadrez. Arrumei as peças e mandei ver uma abertura *Rétis*, que só ataca o oponente depois que as posições centrais são tomadas, muito efetiva contra jogadores de calibre médio. Por uma única jogada é impossível prever que é nessa abertura que estou pensando, mas por cima do livro o cigano olhou para o tabuleiro, puxou sua barba, me olhou com um sorriso sabichão, anotou algo no livro...

Um isqueiro prateado acendeu a ponta da cigarrilha.

— ... E continuou a leitura. Eu disse então: “Não vai jogar?” Vi sua mão escrevinhar no livro com a minha caneta, ao responder: “Não preciso. Estou escrevendo como este jogo vai terminar, lance por lance. No final, você deita seu rei.” Daí eu expliquei que seria impossível ele saber o desenvolvimento do jogo apenas com um único lance. “Vamos apostar?”, perguntou ele. Tentei me esquivar com um riso, mas ele insistiu. Aceitei apostar uma nota de cem e deixá-lo mais à vontade para a minha entrevista. Ele quis ver a nota, e tive que colocá-la ao lado do tabuleiro onde ele pudesse vê-la. Ele levantou a mão como que para fazer o seu lance quando as coisas de repente aconteceram muito rapidamente.

— Xadrez relâmpago?

Aune sorriu enquanto soprou um anel de fumaça para o teto, pensativo.

— No instante seguinte eu estava dominado com uma gravata com a cabeça forçada para trás e com o olhar para o teto, e uma voz que sussurrava pertinho do meu ouvido: “Sente a lâmina da faca, *gadzo*?” Claro que senti o aço fino e afiado pressionado contra a pele da garganta. Alguma vez já sentiu isso, Harry?

O cérebro de Harry percorreu o registro de experiências parecidas, mas não encontrou nenhuma que se igualasse. Ele balançou a cabeça.

— Foi, para citar um de meus pacientes, um golpe baixo. Fiquei com tanto medo que pensei que fosse urinar nas calças. Então ele sussurrou no meu ouvido: “Deite o seu rei, Aune.” Ele afrouxou o aperto um pouco para que eu pudesse levantar o braço e derrubar a minha peça. Então, da mesma forma repentina, me soltou. Voltou para o seu lado da mesa e esperou até eu estar de pé e ter recuperado o fôlego. “Que merda é essa?”, gemi. “Isso foi

um assalto a banco” — respondeu. “Primeiro planejado e depois executado.” Então virou o livro onde ele tinha anotado o desenvolvimento do jogo. Tudo o que estava escrito era o meu único lance e “rei branco se rende”. Depois perguntou: “Isso responde às suas duas perguntas, Aune?”

— E o que você disse?

— Nada. Chamei o guarda aos berros. Mas antes que ele conseguisse destrancar a porta, fiz uma última pergunta a Raskol. Porque sabia que ia ficar louco de curiosidade se eu não tivesse a resposta ali na hora. Perguntei: “Teria ido até o fim? Teria cortado a minha garganta se eu não tivesse deitado o rei? Só para ganhar uma aposta idiota?”

— E o que ele respondeu?

— Ele sorriu e perguntou se eu sabia o que era pré-programação.

— E?

— Foi só. A porta se abriu e eu me mandei.

— Mas o que ele quis dizer com pré-programação?

Aune afastou a xícara.

— É possível programar seu próprio cérebro para seguir um modo de ação. O cérebro vai dominar outros impulsos e seguir as regras predefinidas, independentemente do que poderá acontecer. É útil em situações em que o impulso natural é entrar em pânico. Como, por exemplo, quando o paraquedas não abre. É de se esperar que quem pula de paraquedas já tenha pré-programado o procedimento de emergência.

— Ou soldados em combate.

— Exato. Porém, há métodos de se programar uma pessoa tão profundamente que ela pode entrar em transe e nem uma influência extrema de fora consegue pará-la. Torna-se um robô vivo. O fato é que isso, o sonho dourado de qualquer general, é assustadoramente fácil quando se conhece a técnica necessária.

— Está falando de hipnose?

— Prefiro usar a palavra pré-programação, que soa menos mística. Trata-se apenas de abrir e fechar caminhos para os impulsos. Aqueles que têm habilidade podem programar a si próprios, a chamada auto-hipnose. Se Raskol tivesse se pré-programado para me matar caso eu não tivesse deitado o rei, ele teria impedido a si mesmo de mudar de ideia.

— Mas ele não o matou.

— Todos os programas têm um botão de escape, uma senha que interrompe o transe. Nesse caso pode ter sido deitar o rei branco.

— Fascinante.

— Então cheguei ao ponto...

— Acho que estou entendendo — disse Harry. — O assaltante na foto pode ter se pré-programado para atirar caso o chefe de seção não conseguisse cumprir o prazo.

— As regras em uma pré-programação têm que ser simples — disse Aune, deixando a cigarrilha cair na xícara de chá e cobrindo-a com o pires. — Para fazer você entrar em transe, tem de ser criado um sistema fechado, pequeno, mas lógico, que impeça a entrada de outros pensamentos.

Harry colocou uma nota de cinquenta ao lado da xícara de café e se levantou. Aune ficou

calado olhando Harry juntar as fotos antes de perguntar:

— Você não acredita nem um pouco no que estou dizendo, não é?

— Não.

Aune também se levantou e fechou o botão da jaqueta na altura da barriga.

— Então em que acredita?

— Acredito naquilo que a experiência me ensinou — respondeu Harry. — Que os bandidos em geral são no mínimo tão estúpidos quanto eu, escolhem soluções simples e têm motivos descomplicados. Em suma, que as coisas em geral são o que parecem ser. Aposto que esse assaltante estava muito drogado ou entrou em pânico. O que ele fez foi insensato demais, por isso só posso concluir que ele é estúpido. Veja aquele cigano que você aparentemente acredita ser tão esperto. Quanto tempo ele pegou atrás das grades por atacá-lo com a faca?

— Nada — respondeu Aune com um sorriso sarcástico.

— Como assim, nada?

— Eles nunca acharam faca alguma.

— Pensei que tivesse dito que estavam trancados na cela dele.

— Você já ficou deitado de bruços na praia com os seus amigos dizendo para ficar ali quietinho porque estão segurando carvão em brasa em cima das suas costas? Então você escuta alguém dizer “opa” e, no momento seguinte, sente os pedaços de carvão queimando suas costas?

Harry vasculhou as memórias de férias. Foi bem rápido.

— Não.

— Mas era só uma brincadeira, eram só pedaços de gelo...

— E?

Aune deu um suspiro.

— Às vezes me pergunto onde viveu esses 35 anos que você alega ter vivido, Harry.

Harry passou a mão pelo rosto. Estava cansado.

— OK, mas aonde quer chegar, Aune?

— Que um bom manipulador pode fazer você acreditar que a borda de uma nota de cem é uma lâmina de faca.

A loira olhou Harry bem nos olhos e prometeu-lhe sol, embora o tempo pudesse ficar nublado ao longo do dia. Harry desligou a TV e a imagem encolheu e virou um pequeno ponto preto iluminado no centro da tela de 14 polegadas. Mas quando fechou os olhos, a foto de Stine Grette ficou colada na retina com o eco da fala do repórter... “Ainda sem suspeitos no caso”.

Ele abriu os olhos outra vez e estudou o reflexo na tela morta. Viu a si mesmo, a velha poltrona bergère e a mesa de centro nua, decorada apenas com marcas de copos e garrafas. Tudo continuava na mesma. A TV portátil estava na prateleira entre o guia *Lonely Planet* da Tailândia e o guia de estradas da Noruega desde que ele se mudara para o apartamento, e não tinha viajado nem um metro nesses quase sete anos. Ele tinha lido sobre a “coceira dos sete anos”, segundo a qual depois de sete anos as pessoas começam a querer outro lugar

para morar. Ou um novo emprego. Ou um parceiro novo. Ele não tinha sentido nada. E tinha o mesmo trabalho há quase dez anos. Harry olhou para o relógio. Anna tinha marcado às oito.

No que diz respeito à parceira, ele nunca tinha conseguido testar a teoria. Além das duas relações que talvez pudessem ter chegado a tanto, os romances de Harry haviam terminado por causa do que chamava de “coceira das seis semanas”. Se sua aversão a envolvimento se devia ao fato de ele ter sido premiado com tragédias nas duas vezes em que havia amado uma mulher, ele não sabia. Ou talvez a culpa fosse de suas amantes fiéis — a investigação de homicídios e a bebida. Antes de encontrar Rakel um ano atrás, ele havia começado a adotar a opinião de que não fora feito para relações duradouras. Pensou no quarto grande e fresco de Rakel no bairro Holmenkollen. Os grunhidos codificados que faziam durante o café da manhã. O desenho de Oleg na porta da geladeira com três pessoas de mãos dadas, onde a figura com as letras HARRY abaixo se erguia tanto quanto o sol amarelo no céu sem nuvens.

Harry se levantou da cadeira, encontrou o pedaço de papel com o telefone dela ao lado da secretária eletrônica e digitou o número no celular. Tocou quatro vezes antes de ser atendido.

— Oi, Harry.

— Oi. Como sabia que era eu?

Em riso baixo e profundo.

— Onde estive nos últimos anos, Harry?

— Como assim? Estou pagando mico?

Ela riu ainda mais alto.

— Claro. Você pode ver o número de onde ligo na tela. Sou um idiota. — Harry percebeu que parecia bem patético, mas não fazia mal, o importante era dizer o que tinha de dizer e desligar. Fim da história. — Escute, Anna, sobre o nosso compromisso hoje à noite...

— Não seja infantil, Harry!

— Infantil?

— Estou preparando o melhor curry do milênio. E se estiver com medo de que eu vá te seduzir, vou ter que te desapontar. Só acho que nós nos devemos algumas horas em um jantar para conversar um pouco. Relembrar um pouco. Esclarecer alguns mal-entendidos. Ou talvez não. Talvez apenas rir um pouco. Lembrou da pimenta-malagueta?

— Bem, lembrei.

— Ótimo! Às oito em ponto, OK?

— Bem...

— Legal.

Harry ficou olhando para o telefone depois de ela ter desligado.

Jalalabad



— Vou te matar já, já — disse Harry, e apertou com mais força o aço frio do rifle. — Só queria que você soubesse antes. Para pensar um pouco sobre isso. Abra a boca.

As pessoas à sua volta eram bonecos de cera. Inertes, sem alma, desumanizados. Harry agora suava dentro do gorro, o sangue batia nas têmporas e cada batida deixava uma dor surda. Ele não queria olhar em volta, não queria se deparar com olhares acusadores.

— Coloque o dinheiro em um saco — disse ele à pessoa sem rosto na sua frente. — E coloque o saco em cima da cabeça.

A pessoa sem rosto começou a rir e Harry virou o rifle para bater com a coronha na sua cabeça, mas errou. Agora os outros no local também começaram a rir e Harry olhava-os através dos buracos mal cortados do gorro. Pareciam subitamente familiares. A menina no outro guichê parecia Brigitta. E ele podia jurar que o homem negro perto do aparelho das senhas era Andrew. E a mulher grisalha com o carrinho de bebê...

— Mãe — sussurrou ele.

— Vai querer o dinheiro ou não? — perguntou a pessoa sem rosto. — Faltam 25 segundos.

— Sou eu quem decide quanto tempo levará! — berrou Harry e enfiou a coronha da arma na sua boca preta, aberta. — Foi você. Eu sabia o tempo todo. Em seis segundos vai morrer. Fique com medo!

Um dente estava pendurado por um fio de carne e o sangue jorrava da boca da pessoa sem rosto, mas ele falava como se nem notasse:

— Não posso justificar que gastamos tempo e recursos por consideração pessoal. — Em algum lugar, o telefone começou a tocar freneticamente.

— Fique com medo! Fique com tanto medo quanto ela!

— Cuidado, Harry. Não deixe se tornar uma ideia fixa. — Harry sentiu a boca amassar a coronha.

— Ela era minha colega, seu maldito! Ela era a minha melhor... — O gorro grudou na boca de Harry e ficou difícil de respirar. Mas a voz da pessoa sem rosto continuava remoendo imperturbável:

— Ela se mandou.

— ... amiga. — Harry apertou o gatilho até o fundo. Nada acontecia. Ele abriu os olhos.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi que ele apenas tinha tirado um cochilo. Estava sentado na mesma poltrona verde olhando para a tela morta da TV. Mas o casaco era novo. Estava em cima dele, cobrindo metade do seu rosto, e ele tinha o gosto do tecido de linho molhado na boca. A luz do dia enchia a sala. Aí ele sentiu a marreta. Acertou um nervo bem atrás dos olhos, repetidamente e com uma precisão impiedosa. O resultado era uma dor impressionante e ao mesmo tempo bem familiar. Ele tentou recapitular. Será que tinha acabado no restaurante Schrøder? Tinha começado a beber na casa de Anna? Mas era como temia, um vazio. Ele lembra que tinha se sentado na sala depois de ter falado com Anna no telefone, mas depois estava tudo branco. De repente veio o conteúdo do estômago. Harry se inclinou sobre a beira da cadeira e escutou o vômito esguichar no assoalho. Ele gemeu, cerrou os olhos e tentou ignorar o som do telefone que não parava de tocar. Quando a secretária atendeu, tinha adormecido.

Era como se alguém tivesse recortado o seu tempo e deixado os pedaços caírem. Harry acordou de novo, mas esperou um pouco antes de abrir os olhos para sentir se havia alguma melhora. Não notou nenhuma. A única diferença foi que as marteladas tinham se distribuído em uma área maior, que estava fedendo a vômito e que ele sabia que ele não conseguiria dormir de novo. Ele contou até três, se levantou, cambaleou curvado os oito passos até o banheiro e botou tudo para fora outra vez. Ficou de pé se segurando na privada ao recuperar o fôlego, e viu para seu espanto que a matéria amarela que escorregava para a porcelana branca continha pedaços vermelhos e verdes microscópicos. Ele conseguiu catar um dos pedaços vermelhos entre o dedo indicador e o polegar, levou-o até a pia onde o lavou e segurou na luz. Então colocou o pedaço com cuidado entre os dentes e mastigou. Ele fez uma careta ao sentir o suco ardente da pimenta-malagueta. Lavou o rosto e se levantou. E descobriu o enorme olho roxo no espelho. A luz na sala ardeu nos olhos quando ligou a secretária eletrônica.

— Aqui fala Beate Lønn. Espero não estar perturbando, mas Ivarsson disse que tinha que ligar para todo mundo imediatamente. Houve mais um assalto. No Banco DnB na rua Kirkeveien entre o parque de Frogner e o cruzamento da Majorstuen.

A neblina



O sol havia desaparecido atrás de uma camada de nuvens cinza feito aço que vieram se arrastando em baixa altitude do fiorde de Oslo, e, como um prelúdio à chuva prevista, o vento do sul chegou com rajadas irascíveis. Assoviava nas calhas do telhado e ouviam-se estrondos nas marquises da rua Kirkeveien. As árvores já estavam todas despidas, como se as últimas cores estivessem sendo sugadas para fora da cidade e Oslo tivesse ficado em preto e branco. Harry se inclinou contra o vento e apertou o casaco com as mãos no bolso. Ele constatou que o último botão tinha caído, provavelmente no decorrer da noite ou da madrugada, e não era a única coisa que havia sumido. Quando pensou em ligar para Anna para ajudá-lo a reconstruir a noite, descobriu que também tinha perdido seu celular. E quando ligou para ela do telefone fixo, uma voz, que Harry vagamente reconheceu como uma antiga locutora — respondeu dizendo que a pessoa que ele estava procurando não estava disponível no momento e pediu para deixar o número ou uma mensagem. Ele declinou.

Harry se recuperou relativamente rápido, e com uma facilidade surpreendente superou a urgência de continuar, de fazer o passeio curtíssimo para comprar bebida, ou ir para o restaurante Schrøder. Em vez disso, tomou banho, se vestiu e foi da rua Sofie, passando pelo estádio de Bislett, a rua Pilestredet e o parque Stensparken até chegar ao bairro chique de Majorstua. Ele queria saber o que tinha bebido. Em vez das dores obrigatórias assinadas Jim Beam, uma nuvem baixou como uma camada em todos os seus sentidos, e nem o frescor das

rajadas de vento conseguia desmanchá-la.

Dois carros da polícia estavam em frente à agência do Banco DnB. Harry mostrou seu crachá para um dos policiais uniformizados, se abaixou para passar pela fita de interdição e foi até a porta de entrada onde Weber estava conversando com um dos seus homens da Criminalística.

— Boa-tarde, inspetor-chefe — disse Weber, acentuando “tarde”. Ele ergueu uma sobrelanceira ao ver o olho roxo de Harry. — A esposa começou a dar socos?

Harry não conseguiu inventar uma resposta rápida e preferiu tirar um cigarro do maço:

— O que temos aqui?

— Um cara encapuzado com um rifle AG3.

— E o pássaro voou?

— Evaporou.

— Alguém falou com as testemunhas?

— Claro. Li e Li estão falando na delegacia.

— Já tem detalhes dos acontecimentos?

— O assaltante deu à gerente 25 segundos para abrir o caixa automático, enquanto ele segurava o rifle contra a cabeça de uma das mulheres atrás do balcão.

— E ele fez a mulher falar por ele?

— Isso mesmo. E quando entrou no banco, ele disse a mesma coisa em inglês.

— *This is a robbery, don't move!* — disse uma voz atrás deles, seguida de uma risada curta e cadenciada. — Que legal que pôde vir, Hole. Epa, escorregou no banheiro?

Harry acendeu seu cigarro e estendeu o maço para Ivarsson, que balançou a cabeça, recusando.

— Péssimo hábito, Hole.

— Tem razão. — Harry enfiou o maço de Camel no bolso de dentro. — Não se deve oferecer seu cigarro, mas pressupor que um *gentleman* compre os próprios. Foi Benjamin Franklin quem disse.

— É mesmo? — respondeu Ivarsson e ignorou o sorriso de Weber. — Você sabe muita coisa, Hole. Talvez também esteja sabendo que o nosso assaltante atacou de novo, como a gente disse que faria.

— Como sabe que foi ele?

— Como está vendo, foi uma cópia exata do assalto ao Banco Nordea na rua Bogstad.

— É? — disse Harry e inalou com força. — Onde está o corpo?

Ivarsson e Harry se entreolharam. Os dentes de réptil cintilaram. Weber irrompeu:

— A chefe foi rápida. Ela conseguiu esvaziar o caixa automático em 23 segundos.

— Nenhuma vítima fatal — disse Ivarsson. — Desapontado?

— Não — respondeu Harry e soltou fumaça pelas narinas. Uma rajada de vento levou a fumaça embora. Mas a nuvem na cabeça não queria sumir.

Halvorsen olhou por cima da cafeteira quando ouviu alguém entrar pela porta.

— Pode trazer um espresso triplo? — pediu Harry e deixou-se cair na sua cadeira.

— Bom-dia para você também — disse Halvorsen. — Está horrível.

Harry colocou o rosto nas mãos:

— Não me lembro de absolutamente nada do que aconteceu ontem à noite. Não faço ideia do que bebi, mas nunca vou provar uma gota disso de novo.

Ele olhou entre os dedos e viu que o colega estava com uma ruga de preocupação funda na testa.

— Relaxe, Halvorsen, foi só uma daquelas coisas passíveis de acontecer. Estou tão sóbrio quanto um criado-mudo agora.

— O que aconteceu?

Harry soltou um riso oco.

— O conteúdo do estômago indica que estive em um jantar com uma velha amiga. Já liguei várias vezes para confirmar, mas ela não responde.

— Amiga?

— É. Amiga.

— Uma daquelas policiais não muito boas — perguntou Halvorsen com cuidado.

— Nada disso — grunhiu Harry. — Apenas uma paixão antiga. Bem inocente o negócio.

— Como pode saber se não se lembra de nada?

Harry passou a mão por cima do queixo por barbear. Ele pensou no que Aune tinha dito sobre embriaguez, que apenas influenciava as predisposições que a pessoa já possuía. Ele não tinha certeza se isso o acalmava ou não. Alguns detalhes haviam começado a aparecer. Um vestido preto. Anna estava usando um vestido preto. E ele estava deitado numa escada. E outra mulher o ajudou. Com a metade do rosto. Como um dos retratos de Anna.

— Sempre tenho blecaute — disse Harry. — Este não foi pior que as outras vezes.

— E o olho roxo?

— Devo ter batido no armário da cozinha ou algo parecido quando cheguei em casa.

— Não é para te perturbar, Harry, mas isso parece um pouco mais sério do que bater num armário.

— Bem — respondeu Harry e recebeu a xícara de café com as duas mãos. — Pareço perturbado? As vezes em que entrei numa briga bêbado foi com pessoas que eu também não gostava quando estava sóbrio.

— Aliás, tem um recado de Møller. Ele me pediu para dizer que vai dar certo, mas não disse o quê.

Harry rolou o espresso na boca antes de engolir:

— Você vai descobrir, Halvorsen. Vai descobrir.

O assalto foi detalhadamente destrinchado na reunião de instrução pelo grupo de investigação na delegacia, naquela mesma tarde. Didrik Gudmundson contou que, depois de o alarme disparar, em três minutos a polícia já estava em frente ao banco, mas o assaltante já tinha sumido da cena do crime. Além de um anel interno de carros-patrolha bloqueando as ruas mais

próximas, eles conseguiram, nos dez minutos seguintes, formar um anel externo nas principais vias.

— Gostaria de poder chamar isso de um anel de ferro, mas vocês sabem como é hoje em dia com falta de pessoal.

Toril Li interrogou uma testemunha que tinha visto um homem com um gorro cobrindo o rosto se sentar no lado do passageiro de um Opel Ascona branco, que estava com o motor ligado na rua da Majorstua. O carro tinha virado à esquerda subindo a rua Jacob Aall. Magnus Rian contou que uma outra testemunha tinha visto um carro branco, possivelmente um Opel, entrar em uma garagem e logo em seguida sair um Volvo azul do mesmo lugar. Ivarsson olhou no mapa pendurado no quadro branco.

— Parece plausível. Expede uma ordem de busca de Volvos azuis também, Ola. Weber?

— Fibras de tecido — disse Weber. — Duas atrás do balcão onde ele pulou e uma na porta.

— É isso! — Ivarsson balançou a mão fechada no ar. Ele começou a andar em volta da mesa, atrás das costas dos outros, o que Harry achou bastante irritante. — Então é só começar a achar candidatos. Vamos colocar o vídeo do assalto na internet assim que Beate editar um vídeo legendado.

— Isso seria aconselhável? — perguntou Harry, balançando a cadeira para trás até a parede e cortando o caminho de Ivarsson.

O chefe da Roubos olhou para ele com surpresa.

— Aconselhável? Bem, não temos nada contra alguém nos ligar e dar o nome da pessoa no vídeo.

Ola interrompeu:

— Alguém se lembra daquela mãe que ligou e disse que era seu filho que ela tinha visto em um vídeo de assalto na internet? Depois descobriram que ele estava preso por outro assalto.

Todos riram. Ivarsson sorriu:

— Nunca recusamos uma nova testemunha, Hole.

— Ou um novo plagiador? — Harry colocou as mãos atrás da cabeça.

— Um imitador? Dá um tempo, Hole.

— Pense bem. Se eu fosse assaltar um banco hoje, é óbvio que copiaria o mais procurado assaltante da Noruega no momento e colocaria toda a suspeita em cima dele. Todos os detalhes do assalto na rua Bogstad estavam disponíveis na internet.

Ivarsson balançou a cabeça, desaprovando.

— Receio que o assaltante médio não seja tão sofisticado na vida real, Hole. Tem alguém aqui que tenha vontade de explicar à Homicídios qual é a característica mais típica de um assaltante em série? Não? Bem, é que ele sempre — e com uma precisão cirúrgica — repete o que fez no assalto bem-sucedido anterior. Só quando o assalto não der certo, quer dizer, quando o assaltante não conseguir levar o dinheiro ou for pego, ele irá mudar o padrão.

— Isso contribui para a sua teoria, mas não exclui a minha — disse Harry.

Ivarsson lançou um olhar resignado em volta da mesa, como que pedindo ajuda.

— Está bem, Hole. Você vai poder testar as suas teorias. Pois acabei de decidir que nós vamos experimentar uma nova metodologia de trabalho. Significa que uma unidade pequena vai

trabalhar independentemente, mas paralela ao grupo de investigação. Peguei a ideia do FBI, e serve para evitar que se atole em uma única maneira de considerar um caso, como acontece com frequência em grupos grandes onde se cria, de forma consciente ou inconsciente, um consenso sobre os pontos principais. A pequena unidade pode contribuir com um foco novo, pois trabalha de forma independente e sem ser influenciada pelo outro grupo. O método se provou eficiente em casos bem complicados. Acho que a maioria aqui concorda que Harry Hole seja naturalmente qualificado para fazer parte dessa unidade.

Risadas pela mesa. Ivarsson parou atrás da cadeira de Beate.

— Beate, você vai com Harry nesta unidade.

Beate enrubesceu. Ivarsson colocou uma mão paternal no seu ombro:

— Caso não dê certo, é só avisar.

— Pode deixar que eu aviso — disse Harry.

Harry ia abrir o portão do seu prédio quando mudou de ideia e andou os dez metros até a pequena mercearia onde Ali estava retirando caixas com frutas e verduras da calçada.

— Oi, Harry! Está melhor? — Ali mostrou um largo sorriso e Harry fechou os olhos por um momento. Então foi como temia.

— Você me ajudou, Ali?

— Só para subir a escada. Quando abrimos a porta você disse que não precisava mais de ajuda.

— Eu cheguei de que maneira? A pé ou...?

— De táxi. Você me deve 120.

Harry soltou um suspiro e seguiu Ali para dentro da loja.

— Sinto muito, Ali. De verdade. Pode me contar a versão curta, sem detalhes embaraçosos demais?

— Você e o taxista estavam tendo uma discussão na rua. E o nosso quarto fica bem deste lado. — Ele acrescentou um sorriso amável: — Uma merda ter janela para cá.

— E a que horas foi?

— No meio da noite.

— Você se levanta às cinco, Ali. Eu não sei o que significa “no meio da noite” para pessoas como você.

— Onze e meia, ou mais tarde.

Harry prometeu que aquilo nunca mais ia se repetir, enquanto Ali balançava a cabeça como quem ouve histórias que conhece de cor faz tempo. Harry perguntou como podia agradecê-lo e Ali respondeu que Harry podia alugar o seu depósito vazio no porão para ele. Harry prometeu que ia pensar mais ainda sobre o assunto do que já tinha feito, pagou a Ali o que devia, comprou uma Coca-Cola, um pacote de macarrão e almôndegas.

— Então estamos quites — disse Harry.

Ali balançou a cabeça, discordando.

— Condomínio de três meses — disse o síndico, caixa e o senhor faz-tudo do prédio.

— Merda, esqueci.

— Eriksen — disse Ali com um sorriso.

— Quem é ele?

— Recebi uma carta dele neste verão. Ele me pediu para enviar o número da conta para pagar o condomínio de maio e junho de 1972. Ele acha que foi por isso que não tinha dormido tão bem durante os últimos trinta anos. Eu respondi por carta que não devia haver mais pessoas no prédio que lembrassem dele, por isso não precisava pagar. — Ali colocou um dedo em riste para Harry. — Mas isso eu não vou fazer com você.

Harry levantou os braços para o alto:

— Farei um cheque amanhã.

A primeira coisa que Harry fez depois de entrar no seu apartamento foi ligar para o apartamento de Anna de novo. A mesma secretária de antes. Mas mal tinha acabado de colocar o macarrão e a carne na frigideira quando ouviu o telefone tocar através do barulho da fritura. Correu para o corredor e apanhou o fone.

— Alô — gritou.

— Alô — respondeu uma voz de mulher familiar, levemente surpresa do outro lado.

— Ah, é você?

— Sim. Quem achou que fosse?

Harry cerrou os olhos.

— Um colega. Houve mais um assalto.

As palavras tinham gosto de bile e pimenta-malagueta. A dor surda atrás dos olhos voltou.

— Tentei ligar para o seu celular — disse Rakel.

— Eu o perdi.

— Perdeu?

— Ou deixei em algum lugar ou foi roubado, não sei, Rakel.

— Tem algo errado, Harry?

— Errado?

— Você parece tão... estressado.

— Eu...

— Sim...

Harry respirou fundo.

— Como está o processo?

Harry prestou atenção, mas não conseguiu achar palavras que fizessem sentido nas frases. Ele conseguiu entender “posição financeira”, “o melhor para a criança” e “negociação”, e entendeu que não tinha muitas novidades a contar, que a próxima audiência fora adiada até sexta-feira e que Oleg estava bem, mas cansado de ficar morando em um hotel.

— Diz a ele que estou ansioso para vocês voltarem — disse.

Depois de desligar, Harry ficou pensando se devia ligar de volta. Mas para fazer o quê? Contar a ela que ele tinha jantado com uma antiga paixão e que ele não fazia ideia do que tinha acontecido? Harry colocou a mão no telefone, mas no mesmo instante uivou o alarme de incêndio na cozinha. E quando terminou de tirar a frigideira do fogão e abrir a janela, o telefone

tocou de novo. Posteriormente, Harry chegaria a pensar que muitas coisas poderiam ter sido diferentes se Bjarne Møller não tivesse ligado justamente naquela noite.

— Sei que acabou de terminar o seu plantão — disse Møller. — Mas estamos com falta de pessoal e uma mulher foi encontrada morta no próprio apartamento. Aparentemente, ela se matou com um tiro. Pode vir para cá?

— É claro, chefe — disse Harry. — Eu lhe devo isso hoje. Aliás, Ivarsson lançou a ideia da investigação paralela como sendo dele.

— O que faria se fosse chefe e recebesse essa ordem de cima?

— A ideia de eu como chefe faz a racionalidade bater a cabeça contra a parede, chefe. Como chego a esse apartamento?

— Fique em casa. Alguém vai te apanhar.

Vinte minutos depois soou a campainha, um som que Harry ouvia tão raramente que deu um pulo. A voz que anunciou que o táxi havia chegado soou metálica através do interfone do portão, mas Harry sentiu mesmo assim os pelos da nuca se eriçarem. E quando desceu e viu o carro esporte vermelho, um Toyota MR2, sua suspeita foi confirmada.

— Boa-noite, Hole. — A voz veio do vidro do carro aberto, mas tão baixa que Harry não podia ver quem falava. Abriu a porta do carro e foi saudado com um baixo, um órgão sintético e uma voz em falsete: “*You sexy mother-fucka!*”

Harry se enfiou com certa dificuldade no assento apertado.

— Então somos nós dois hoje à noite — disse o inspetor Tom Waaler, abrindo de leve o queixo teutônico e revelando uma fileira impecável de dentes no rosto bronzeado. Mas os olhos azuis polares continuaram gélidos. Havia muitas pessoas na delegacia de polícia que não gostavam de Harry, mas Harry só sabia de um que nutria verdadeiro ódio a ele. Harry sabia pelos olhos de Waaler que era um representante indigno da força policial e por isso um insulto pessoal. Em várias ocasiões, Harry havia manifestado que não compartilhava os pontos de vista um tanto preconceituosos de Waaler e alguns outros colegas sobre homossexuais, comunistas, aproveitadores do sistema social, paquistaneses, amarelos, negros, e outras minorias, enquanto Waaler, por sua vez, tinha chamado Harry de “jornalista de rock bebereão”. Mas Harry suspeitava que o motivo verdadeiro do ódio de Waaler era porque Harry bebia. Tom Waaler não suportava fraqueza. Harry supunha que por isso ele passava tantas horas na academia de ginástica dando chutes altos e golpes em sacos de areia, e sempre com novos parceiros de patrulha. Na cantina, Harry tinha entre ouvido um dos jovens policiais, com entusiasmo na voz, descrever como Waaler tinha quebrado os dois braços de um dos caras do caratê da gangue dos vietnamitas na estação de trem central de Oslo. Com o ponto de vista que Waaler tinha em relação à cor de pele, era um paradoxo para Harry que o colega gastasse tanto tempo no solário da academia para se bronzear, mas talvez fosse verdade o que uma língua maldosa alegara: que Waaler na verdade não era racista, pois ele batia tanto em neonazistas como em negros.

Além do que todos sabiam, havia certos assuntos que ninguém sabia, mas que alguns

poucos mesmo assim intuía. Fazia mais de um ano que Sverre Olsen — a única pessoa que poderia ter contado por que Ellen Gjeltén fora assassinada — foi encontrado morto na cama com uma pistola na mão e uma bala de Waaler entre os olhos.

— Tome cuidado, Waaler.

— Como é?

Harry esticou a mão e abaixou os gritos de amor.

— Está derrapando hoje.

O motor zuniu feito uma máquina de costura, mas o som era enganoso, pois a aceleração fez Harry sentir o encosto duro do assento. O carro voava pelas ruas.

— Aonde vamos? — perguntou Harry.

— Para cá — disse Waaler e virou bruscamente à esquerda bem em frente a um carro vindo na outra direção. O vidro ainda estava aberto, e Harry podia ouvir o som das folhas molhadas lambendo os pneus.

— Bem-vindo de volta à Homicídios — disse Harry. — Eles não quiseram você na Polícia Secreta?

— Reestruturação — respondeu Waaler. — Além do mais, o chefe da Criminalística e Møller me queriam de volta. Porque consegui bons resultados na Homicídios, se você ainda está lembrado.

— Como podia me esquecer?

— Bem, ouve-se tanto sobre os efeitos duradouros da bebedeira.

Harry conseguiu com muito esforço colocar a mão no painel evitando que a freada brusca o arremessasse através do para-brisa. No mesmo instante, a tampa do porta-luvas se abriu e algo pesado atingiu Harry no joelho antes de cair aos seus pés.

— Que merda foi essa? — ganiu.

— Uma Jericho 941, uma pistola da polícia israelense — respondeu Waaler e desligou o motor. — Não está carregada. Deixe aí mesmo, chegamos.

— Aqui? — perguntou Harry surpreso e se agachou para olhar para cima na direção do prédio amarelo à sua frente.

— Por que não? — disse Waaler saindo do carro.

Harry sentiu o coração começar a golpear-lhe o peito. E enquanto procurava a maçaneta, uma única ideia, mais do que todas as outras, voava pela sua cabeça: devia ter feito aquela ligação para Rakel.

A neblina estava de volta. Veio se infiltrando da rua, das frestas em volta das janelas fechadas atrás das árvores na alameda urbana, saindo do portão azul que se abriu depois que ouviram o curto ganido de Weber no interfone, saindo pelos buracos das fechaduras das portas por onde passaram ao subir a escada. Parecia um edredom de algodão em volta de Harry. E quando entraram pela porta do apartamento, Harry teve a sensação de andar nas nuvens, e tudo à sua volta — as pessoas, as vozes, o zunido dos walkie-talkies, a luz de flashes piscando —, tudo tinha um matiz de sonho, um revestimento de indiferença, porque isso não era, não podia

ser, real. Mas quando ficaram em frente à cama onde estava a morta com uma pistola na mão direita e um grande buraco na têmpora, ele não aguentou ver o sangue no travesseiro ou encarar seu olhar vazio e acusador. Em vez disso, olhou para a cabeceira, para o cavalo com a cabeça cortada, na esperança de que a neblina logo se dissiparia e ele acordaria.

A Casa da Dor



As vozes iam e vinham em torno dele.

— Sou o inspetor Tom Waaler. Alguém podia me dar a versão curta?

— Chegamos há quarenta minutos. Foi o eletricitista quem a encontrou.

— Quando?

— Às cinco. Ele ligou para a polícia imediatamente. O seu nome é... vamos ver... René Jensen. Aqui está sua identidade e o endereço também.

— Ótimo. Ligue e verifique sua ficha policial.

— OK.

— René Jensen?

— Sou eu.

— Pode vir aqui? Meu nome é Waaler. Como foi que entrou?

— Como disse para o outro policial, com esta chave extra. Ela passou na loja e deixou a chave na terça porque não podia estar em casa quando eu fosse fazer o trabalho lá.

— Porque ela estaria no trabalho?

— Não faço ideia. Não acho que tinha um trabalho. Não um trabalho normal, quero dizer.

Disse que ia fazer uma grande exposição com algumas peças.

— Artista, então. Alguém aqui ouviu falar dela?

Silêncio.

— O que você estava fazendo no quarto dela, Jensen?

— Procurando o banheiro.

Outra voz:

- O banheiro fica atrás daquela porta ali.
- OK. Você notou alguma coisa suspeita quando entrou no apartamento, Jensen?
- Eh... Suspeita como?
- A porta estava trancada? Alguma janela estava aberta? Algum cheiro ou ruído diferente?

Qualquer coisa.

— A porta estava trancada. Não vi janelas abertas, mas nem olhei. O único cheiro parecia ser solvente ou parecido...

— Terebintina?

A outra voz:

- Há coisas de pintura em uma das salas.
- Obrigado. Notou mais alguma coisa, Jensen?
- Qual foi a última coisa que mencionou?
- Ruído.

— Sim, ruído. Não, não havia muito ruído, estava silencioso como na cova. Digo... é... não quis...

- Tudo bem, Jensen. Já tinha se encontrado com a falecida antes?
- Nunca a tinha visto antes de ela aparecer na loja. Parecia bastante animada.
- O que foi que ela pediu que fizesse?
- Consertar o termostato dos cabos de aquecimento no banheiro.
- Pode me fazer o favor de verificar se realmente tem algo errado? Se é que ela tem

cabos de aquecimento, quero dizer.

— Por que... ah, tá, entendo. Para ver se ela tinha planejado tudo e que a gente iria encontrá-la?

- Algo assim.
- Bem, mas o termostato estava pifado.
- Pifado?
- Danificado.
- Como sabe?

Pausa.

- Foi avisado para não mexer em nada, Jensen?
- Fui, mas levou um tempão até vocês aparecerem, e eu fiquei um pouco nervoso, tinha que inventar alguma coisa para fazer.
- Então, agora a falecida tem um termostato que funciona?
- Bem... é... tem.

Harry tentou se afastar da cama, mas os pés não queriam se mover. O médico-legista tinha fechado os olhos de Anna, e agora ela parecia estar dormindo. Tom Waaler tinha mandado o eletricista para casa, avisando-o para estar disponível nos próximos dias, e dispensou os policiais da patrulha que tinham chegado ao local primeiro. Harry nunca pensou que ia se sentir assim, mas estava feliz por Tom Waaler estar lá. Sem a presença do experiente colega, ele

não teria feito uma única pergunta que fizesse sentido, muito menos tomado alguma decisão racional.

Waler perguntou ao médico-legista se ele podia dar uma conclusão preliminar.

— A bala parece ter atravessado o crânio, destruindo assim o cérebro e paralisando todas as funções corporais vitais. Pressupondo que a temperatura do quarto estivesse constante, a temperatura do corpo indica que ela está morta há pelo menos 16 horas. Nenhum outro sinal de violência. Nenhuma marca de agulha ou sinais externos de abuso de drogas. Mas... — O médico fez uma pausa deliberadamente longa. — As cicatrizes nos punhos indicam que ela tentou isso antes. Uma suposição puramente especulativa, mas qualificada, seria afirmar que ela fosse maníaco-depressiva, ou apenas depressiva e suicida.

Harry tentou dizer alguma coisa, mas a língua também não o obedecia.

— Vou saber mais depois de dar uma olhada melhor nela.

— Obrigado, doutor. Tem algo a dizer, Weber?

— A arma é uma Beretta M92F, bem comum. Encontramos apenas um par de impressões digitais na coronha e que obviamente deve ser dela mesma. O projétil estava em uma das vigas da cama e o tipo de munição confere com a arma. Por isso, a balística deve necessariamente confirmar que a bala saiu desta arma. Mas vão ter o relatório completo amanhã.

— Ótimo, Weber. Mais uma coisa. Parece que a porta estava trancada quando o electricista chegou. Notei que era uma fechadura padrão e não uma tranca, o que exclui alguém ter estado aqui e saído do apartamento. A não ser que a pessoa tenha usado a chave da falecida para sair, é claro. Se acharmos a chave dela, estaremos nos aproximando de uma conclusão aqui.

Weber assentiu com um meneio de cabeça e levantou um lápis amarelo onde estava pendurado um molho de chaves.

— Estava na cômoda do corredor. É uma chave de sistema, que serve para o portão principal do prédio e todas as portas do condomínio. Verifiquei e ela também serve para a fechadura deste apartamento.

— Maravilha. A única coisa que falta, então, é uma carta de suicida assinada. Alguma objeção em chamar isso de um caso óbvio?

Waler olhou para Weber, o médico e Harry.

— OK. Então os parentes próximos podem receber a notícia triste e vir identificá-la.

Ele saiu para o corredor, enquanto Harry ficou ao lado da cama. Logo depois, Weber mostrou a cara no vão da porta.

— Não é bacana quando a charada fica resolvida já no início, Hole?

O cérebro de Harry deu ordens para a cabeça balançar, assentindo, mas não fazia ideia se obedeceu ou não.

A Ilusão



Estou olhando o primeiro vídeo. Quando vejo quadro a quadro, consigo ver a chama do disparo. Partículas de pólvora que ainda não foram transformadas em energia pura, como um enxame de asteroides incandescentes seguindo o grande cometa para dentro da atmosfera, onde queima, enquanto o cometa continua sua trajetória imperturbada para dentro. E não há nada que fazer, pois essa trajetória foi decidida há milhões de anos, antes dos seres humanos, antes dos sentimentos, antes do nascer do ódio e da compaixão. A bala penetra a cabeça, corta o pensamento, vira os sonhos pelo avesso. E no cerne do crânio, a última reflexão é estilhaçada, é um impulso do nervo do centro da dor, um último contraditório SOS a si mesmo antes de tudo silenciar. Eu clico no outro título do vídeo. Olho pela janela enquanto o computador ronrona e busca na noite da internet. Há estrelas no céu e penso que cada uma delas é uma prova da necessidade do destino. Não têm sentido, elas se erguem acima da necessidade humana de lógica e conexões. E é por isso que são tão belas, eu acho.

Então o outro vídeo está pronto. Aperto o play. Play a play. É como um teatro mambembe que monta a mesma peça, mas em um lugar novo. As mesmas falas e movimentos, o mesmo figurino, a mesma cenografia. Só os figurantes são trocados. E a cena final. Esta noite não houve tragédia.

Estou contente comigo mesmo. Encontrei o núcleo do caráter que represento — o

antagonista frio e profissional que sabe exatamente o que quer e mata se precisar. Ninguém tenta prolongar o tempo, ninguém tem coragem depois da rua Bogstad. E por isso sou Deus naqueles dois minutos, 120 segundos que dei a mim mesmo. E a ilusão funciona. As roupas grossas sob o macacão, as palmilhas duplas, as lentes de contato coloridas e os movimentos estudados.

Desligo o computador e a sala fica escura. Tudo que me alcança de fora é o zunido distante da cidade. Encontrei o Príncipe hoje. Pessoa esquisita. Ele me deixa com o sentimento ambivalente de um *Pluvianus aegyptius*, o passarinho que vive limpando a boca do crocodilo. Disse que está tudo sob controle, que a divisão de Roubos não achou pista nenhuma. Ele recebeu a sua parte e eu recebi a pistola israelense que ele havia prometido.

Talvez eu devesse estar contente, mas não há nada que possa me fazer inteiro novamente.

Depois liguei para a delegacia de polícia de um orelhão, mas eles não quiseram dizer nada antes de eu dizer que era um parente. Então disseram que foi um suicídio, que Anna tinha atirado em si mesmo. O caso está arquivado. Mal consegui conter o riso antes de pendurar o fone.

Parte II

Suicídio



— Albert Camus disse que o suicídio é o único problema real na filosofia — disse Aune, farejando o céu cinza sobre a rua Bogstad. — Porque decidir se a vida vale a pena ser vivida ou não é a resposta da pergunta fundamental da filosofia. Todas as outras coisas — se o mundo tem três dimensões e a alma nove ou doze categorias — vêm depois.

— Ahm — disse Harry.

— Muitos dos meus colegas fizeram pesquisas para saber por que as pessoas cometem suicídio. Sabe o que foi que descobriram como sendo a causa mais comum?

— Era esse tipo de coisa que eu esperava que você pudesse me responder. — Harry tinha que ziguezaguear entre as pessoas na calçada estreita para se manter ao lado do psicólogo rechonchudo.

— Que eles não querem mais viver — disse Aune.

— Parece que alguém merece um prêmio Nobel.

Harry ligara para Aune na noite anterior para combinar de pegá-lo no seu escritório às nove. Eles passaram pela agência do Banco Nordea e Harry notou que o contêiner de lixo verde ainda estava na frente da 7-Eleven do outro lado da rua.

— Costumamos esquecer que a decisão de cometer suicídio muitas vezes é tomada por pessoas mentalmente saudáveis que acham que a vida não tem mais nada a oferecer — disse Aune. — Pessoas idosas que perderam seu parceiro de uma vida inteira ou sofrem com uma saúde precária, por exemplo.

— Esta mulher era jovem e saudável. Que motivos racionais pode ter tido?

— É preciso primeiro definir o que se quer dizer com racional. Quando uma pessoa deprimida escolhe fugir da dor acabando com sua vida, devemos supor que a pessoa fez uma avaliação. Por outro lado, é difícil ver o suicídio como racional em uma situação típica onde o

deprimido está voltando do fundo do poço e só então tem energia suficiente para executar o ato diligente que é um suicídio.

— Um suicídio pode ser totalmente espontâneo?

— Pode, claro. Mas é mais comum que comece como uma tentativa de suicídio, especialmente entre as mulheres. Nos Estados Unidos, calcula-se que há dez das chamadas “tentativas de suicídio” para cada suicídio efetivo entre as mulheres.

— Chamadas?

— Tomar cinco pílulas para dormir é um grito de socorro que em si é bastante sério, mas não é considerado tentativa de suicídio quando o restante do vidro de pílulas ainda está pela metade na mesa de cabeceira.

— Essa aqui se matou com um tiro.

— Um suicídio masculino, então.

— Masculino?

— Uma das razões por que os homens com frequência são mais bem-sucedidos ao cometer suicídio é que eles escolhem métodos mais agressivos e fatais do que as mulheres. Armas de fogo e prédios altos em vez de cortar os pulsos ou tomar overdose de pílulas. É bastante incomum uma mulher se matar com um tiro.

— Tão incomum que chega a ser suspeito?

Aune olhou para Harry.

— Tem motivos para acreditar que não foi suicídio?

Harry balançou a cabeça negativamente.

— Só queria ter certeza. Vamos virar à direita, o apartamento dela fica bem ali nesta rua.

— A rua de Sorgenfri? — Aune riu e olhou para cima para as nuvens ameaçadoras no céu.

— Mas é claro.

— Claro?

— *Sans sourci*. Sem tristeza. Era o nome do palácio de Christophe, o rei haitiano que cometeu suicídio quando foi preso pelos franceses. Como você sabe, foi ele que direcionou os canhões para o céu para se vingar de Deus.

— Bem...

— E você sabe o que o escritor Ola Bauer disse sobre esta rua? “Eu me mudei para a rua Sorgenfri, mas também não ajudou.” — Aune riu tanto que o seu queixo duplo trepidou.

Halvorsen estava esperando na frente do portão principal.

— Encontrei Bjarne Møller na saída da delegacia — disse. — Ele deu a entender que este caso já está resolvido.

— Só vamos verificar alguns pontos mal amarrados — disse Harry, abrindo a porta com a chave que estava com o eletricista.

As fitas de bloqueio na porta do apartamento já haviam sido removidas e o corpo levado embora, mas de resto estava tudo como na noite anterior. Entraram no quarto. O lençol branco na cama enorme reluziu na semiescuridão.

— Então, o que estamos procurando? — perguntou Halvorsen enquanto Harry abria as cortinas.

— Uma chave extra para o apartamento — respondeu Harry.

— Por quê?

— Nós achamos que ela tinha uma chave extra, aquela que deu ao eletricista. Eu averigui um pouco. Cópias de chaves de sistema não podem ser feitas em um chaveiro comum, têm que ser encomendadas do fabricante por um chaveiro autorizado. Isso porque como todas as chaves abrem portas comuns do condomínio, como a portaria, a porta do porão e outras, o condomínio precisa ter controle sobre as chaves. Assim, os moradores precisam de uma permissão por escrito da administração para requerer novas chaves. E por um acordo com o condomínio, o chaveiro autorizado é responsável por manter um registro das chaves entregues para cada apartamento. Eu liguei para o chaveiro na rua Vibe ontem à noite. Anna Bethsen tinha duas chaves extras, ou seja, um total de três chaves. Uma encontramos no apartamento e a outra com o eletricista. Mas onde está a terceira chave? Até acharmos esta chave, não podemos excluir a possibilidade de que alguém estava aqui quando ela morreu e depois saiu e trancou a porta.

Halvorsen balançou a cabeça devagar:

— A terceira chave, então.

— A terceira chave. Pode começar a procurar aqui, Halvorsen, enquanto eu mostro outra coisa a Aune?

— OK.

— Ah, e mais uma coisa. Não fique surpreso se encontrar o meu celular. Acho que posso ter deixado aqui ontem à tarde.

— Pensei ter dito que o perdeu anteontem?

— Encontrei. E perdi de novo. Você sabe...

Halvorsen balançou a cabeça, em descrédito. Harry levou Aune para o corredor e para as salas.

— Perguntei por que você é o único que conheço que é pintor.

— Infelizmente, isso é exagerar um pouco. — Aune ainda estava ofegante depois das escadas.

— Pode ser, mas pelo menos você sabe alguma coisa sobre arte, por isso espero que possa deduzir alguma coisa disto aqui.

Harry abriu as portas corrediças para a sala nos fundos, ligou a luz e apontou os quadros. Mas em vez de olhar para as três pinturas, Aune murmurou um “nossa” baixinho e se aproximou da lâmpada de aço com três cabeças. Ele tirou os óculos do bolso de dentro da jaqueta de tweed, se agachou e começou a ler na base pesada.

— Impressionante! — exclamou entusiasmado. — Uma lâmpada Grimmer de verdade.

— Grimmer?

— Bertol Grimmer. Um famoso designer alemão. Entre outras coisas, desenhou o monumento da vitória que Hitler mandou erguer em Paris em 1941. Ele poderia ter se tornado um dos maiores artistas do nosso tempo, mas no auge da sua carreira descobriram que ele tinha três quartos de cigano no sangue. Foi mandado para um campo de concentração e o seu nome foi riscado de todos os prédios e obras de que participou. Grimmer sobreviveu, mas quebrou as duas mãos na pedreira onde os ciganos trabalhavam. Ele continuou a trabalhar

depois da guerra, mas, por causa dos ferimentos, nunca conseguiu alcançar as alturas de outrora. Mas aposto que este aqui é do pós-guerra. — Aune pegou o abajur.

Harry pigarreou:

— Na verdade, estava pensando nestes retratos.

— Amadora — resmungou Aune. — Mas olhe esta linda estatueta de mulher. A deusa Nêmesis, o motivo favorito de Grimmer depois da guerra. A deusa da vingança. Falando de suicídio, vingança também é um motivo comum, você sabe. A gente acha que é por culpa do outro que a nossa vida deu errado, e queremos então infligir ao outro este sentimento de culpa ao tirar a nossa vida. Bertol Grimmer também se matou, isso depois de ter tirado a vida da esposa porque ela tinha um amante. Vingança, vingança, vingança. Você sabia que as pessoas são os únicos seres vivos que praticam a vingança? O interessante a respeito da vingança...

— Aune?

— Ah, sim, as pinturas. Você quer que eu tente decifrar alguma coisa delas? Bem, até que se parecem com a gravura de tinta de Rorsach.

— Ahm. São pinturas desse tipo que vocês usam para fazer o paciente produzir associações?

— Exato. Então o problema aqui é que se eu interpretar essas pinturas, provavelmente vão dizer mais sobre a minha vida íntima do que sobre a vida dela. Como não há mais ninguém que acredite nas gravuras de Rorsach, então por que não? Vamos ver... Estas pinturas são bastante escuras. Mas mais zangadas do que deprimidas, talvez. Parece que uma não está pronta.

— Talvez seja para ser assim mesmo, talvez formem uma unidade.

— O que o leva a dizer isso?

— Não sei. Talvez o fato de a luz das três lâmpadas cair perfeitamente em cada pintura?

— Ahm. — Aune colocou um braço sobre o peito e o dedo indicador sobre os lábios, pensativo. — Tem razão. Claro, tem razão. E sabe do que mais, Harry?

— Não.

— Não me diz nada de nada. Terminamos?

— Sim. Aliás, não, um pequeno detalhe já que você pinta. Como vê, a paleta está do lado esquerdo do cavalete. Não parece muito prático, não acha?

— Acho, a não ser que o pintor seja canhoto.

— Entendo. Vou ajudar Halvorsen nas buscas. Nem sei como lhe agradecer, Aune.

— Eu sei. Coloco mais uma hora na próxima fatura.

Halvorsen tinha terminado nos quartos.

— Ela não possuía grandes coisas — disse. — Dá a impressão de vasculhar um quarto de hotel. Apenas roupas, cosméticos, ferro de passar, toalhas, lençóis e coisas assim. Mas nenhuma foto de família, uma carta, ou papéis pessoais.

Uma hora mais tarde, Harry entendeu o que Halvorsen queria dizer. Revistaram o apartamento inteiro e estavam de volta ao quarto sem terem encontrado sequer uma conta de telefone ou um extrato de banco.

— É a coisa mais esquisita que eu já vi — disse Halvorsen e sentou-se ao lado de Harry na escrivaninha. — Ela deve ter arrumado tudo. Talvez quisesse levar tudo que era dela, toda a

sua pessoa, quando foi embora, se é que você me entende.

— Entendo. Não viu sinais de um laptop?

— Laptop?

— Um computador portátil.

— Do que está falando?

— Não está vendo este quadrado claro na madeira aqui? — Harry apontou para a mesa entre eles. — Parece que tinha um laptop aqui e que foi retirado.

— É?

Harry sentiu o olhar inquiridor de Halvorsen.

Na rua ficaram olhando as janelas dela na fachada amarela pálida, enquanto Harry fumou um cigarro dobrado como um acordeão que achou solto no bolso de dentro do casaco.

— Estranha essa coisa com os familiares — disse Halvorsen.

— O quê?

— Møller não te contou? Eles não acharam nenhum endereço, nem dos pais, dos irmãos ou de quem quer que seja, apenas um tio que está preso. Møller teve que ligar para a funerária ele mesmo para que a pobre da moça fosse enterrada. Como morrer não fosse solitário o bastante.

— Que funerária?

— Sandemann — respondeu Halvorsen. — O tio queria que ela fosse cremada.

Harry sugou o cigarro e olhou a fumaça subir e desaparecer. O final de um processo que começara quando um agricultor plantou sementes de tabaco em um campo no México. Durante cinco meses as sementes viraram uma planta de tabaco da altura de um homem, e dois meses depois foi colhida, sacudida, secada, selecionada, embrulhada e enviada para as fábricas da RJ Reynolds na Flórida ou no Texas, onde virou cigarros Camel com filtro, embalados em um maço amarelo fechado a vácuo e postos em um pacote que foi colocado em um navio para a Europa. E oito meses depois o que era uma folha na ponta de uma planta verde, germinando sob o sol mexicano, escapou de um maço de cigarros do bolso do casaco de um homem bêbado na hora que ele caía de cabeça escada abaixo ou de um táxi ou quando se cobria com o casaco, como um manto, porque ele não consegue, ou não tem coragem, de abrir a porta para o quarto com todos os monstros embaixo da cama. E então, quando ele finalmente encontra o cigarro, amassado e cheio de fiapos do bolso, ele coloca um lado na sua boca malcheirosa e acende o outro. E depois que a folha de tabaco seco e em tiras serve para um breve momento de prazer neste corpo, é soprada para fora e está, finalmente, livre. Livre para ser dissolvida, para tornar-se nada. Para ser esquecida.

Halvorsen pigarreou duas vezes:

— Como sabia que ela encomendou aquelas chaves justamente no chaveiro da rua Vibe?

Harry deixou cair a ponta do cigarro no chão e apertou o casaco.

— Parece que Aune tem razão — disse. — Vai chover. Se for direto para a delegacia, aceito uma carona.

— Com certeza deve ter uns cem chaveiros em Oslo, Harry.

— Liguei para o vice-síndico do condomínio. Knut Arne Ringnes. Cara legal. Eles utilizam este chaveiro há vinte anos. Vamos embora?

— Que bom que chegou — disse Beate Lønn quando Harry entrou na Casa da Dor. — Descobri algo ontem à noite. Veja isto. — Ela rebobinou o vídeo e apertou o botão de pausa. Uma foto trêmula do rosto de Stine Grette olhando em direção ao assaltante encapuzado encheu a tela. — Ampliei um campo no vídeo. Queria o rosto de Stine o maior possível.

— Por quê? — perguntou Harry e deixou-se cair numa cadeira.

— Se olhar o relógio, pode ver que isso acontece oito segundos antes de o Magarefe atirar...

— Magarefe?

Ela sorriu desconcertada.

— É apenas um apelido que dei a ele. Meu avô tinha uma fazenda, por isso... bem.

— Onde?

— No vale de Setesdal.

— E lá viu animais serem abatidos?

— Sim. — O tom de voz não convidava a seguir adiante. Beate apertou o botão slow e o rosto de Stine Grette ganhou vida. Harry viu como ela em câmera lenta piscou ao mover os lábios. Ele começou a temer o tiro quando Beate de repente parou o vídeo.

— Você viu aquilo? — perguntou cheia de expectativas.

Passaram-se alguns segundos antes que a ficha caísse para Harry.

— Ela falou! — disse ele. — Ela diz algo logo antes de ser morta, mas na fita de som não dá para ouvir nada.

— É porque ela sussurra.

— Como é que eu não percebi isso antes! Mas por quê? E o que é que ela diz?

— Espero que possamos saber em breve. Chamei um especialista em leitura labial do Instituto dos Surdos. Ele está vindo para cá agora.

— Ótimo.

Beate olhou o relógio. Harry mordeu o lábio inferior, respirou fundo e disse baixinho:

— Beate...

Ele viu que ela enrijeceu quando ele usou seu nome.

— Eu tinha uma colega que se chamava Ellen Gjeltén.

— Eu sei — respondeu rápido. — Ela foi assassinada perto do rio.

— É. Quando ela e eu não conseguíamos ir adiante em determinado caso, a gente costumava usar várias técnicas para ativar a informação captada pelo inconsciente. Jogos de associações onde a gente escrevia palavras em pedaços de papéis etc. — Harry sorriu acanhado. — Pode parecer vago, mas às vezes dava resultados. Então pensei que a gente podia tentar a mesma coisa.

— Se quiser.

Ocorreu a Harry de novo que Beate parecia estar muito mais segura quando estavam focando um vídeo ou uma tela de computador. Agora o olhava como se ele houvesse acabado de sugerir que jogassem pôquer apostando suas peças de roupa.

— Gostaria de saber o que *sente* a respeito desse caso — disse ele.

Ela riu insegura:

— O que sinto...

— Esqueça os fatos frios por um momento. — Harry se inclinou para a frente na cadeira.

— Não seja uma menina aplicada. Não precisa justificar o que diz. Apenas diga exatamente o que o coração lhe conta.

Por algum tempo ela ficou olhando para a superfície da mesa. Harry esperou. Então levantou o olhar e olhou Harry nos olhos:

— Acredito em um E.

— E?

— Empate. Porque cinquenta por cento nunca vamos conseguir solucionar.

— OK. E por que não?

— Matemática simples. Quando você pensa em todos os idiotas que nós *não* conseguimos pegar, um homem como o Magarefe, que pensou bastante e parece saber um pouco sobre a nossa maneira de trabalhar, já tem relativamente boas chances.

— Certo. — Harry passou a mão sobre o rosto. — Quer dizer que a sua intuição só faz cálculos racionais?

— Não só. É alguma coisa na maneira dele de atuar. Tão decidido. Como se estivesse impulsionado por algo...

— O que é que o impulsiona, Beate? Dinheiro?

— Não sei. Na estatística de assaltos, dinheiro é o motivo número um, e excitação o número dois e...

— Esqueça a estatística, Beate. Agora você é uma investigadora. Você não está só analisando imagens de vídeo, mas suas próprias interpretações inconscientes com base no que viu. Acredite, isso é a coisa mais importante que um investigador tem para seguir.

Beate olhou para ele. Harry sabia que ele estava induzindo ela a se expressar.

— Vamos! — Insistiu. — O que impulsiona o Magarefe?

— Sentimentos.

— Que tipo de sentimentos?

— Sentimentos fortes.

— Que tipo de sentimentos, Beate?

Ela fechou os olhos.

— Amor ou ódio. Ódio. Não, amor. Eu não sei.

— Por que ele atira nela?

— Porque ele...

— Vamos lá. Por que ele atira nela? — Harry tinha aproximado sua cadeira dela centímetro a centímetro.

— Porque ele precisa. Porque foi decidido... de antemão.

— Bom. Por que foi decidido de antemão?
Alguém bateu na porta.

Harry gostaria que Fritz Bjelke do Instituto dos Surdos não tivesse atravessado tão depressa as ruas do centro na sua bicicleta para ajudá-lo. Mas agora estava na porta, um homem sorridente e roliço, com óculos redondos e capacete cor-de-rosa. Bjelke não era surdo e, definitivamente, não era mudo. Para que ele conhecesse bem os lábios de Stine Grette, mostraram primeiro a parte do vídeo onde dava para ouvir o que ela dizia. Enquanto a fita rolava, Bjelke falava sem parar.

— Sou perito, mas na verdade somos todos leitores de lábios, mesmo quando ouvimos o que a pessoa está falando. É, por exemplo, por isso que é incômodo quando a imagem e a fala não estão sincronizadas, mesmo que se trate apenas de centésimos de segundo.

— Certo — disse Harry. — Pessoalmente não consigo ler nada dos movimentos labiais dela.

— O problema é que apenas trinta a quarenta por cento das palavras podem ser lidas diretamente nos lábios. Para entender o restante, temos que olhar a expressão facial e corporal, e usar a própria compreensão da linguagem e a lógica para encontrar as palavras que estão faltando. Pensar é tão importante quanto ver.

— É aqui que ela começa a sussurrar — disse Beate.

Bjelke se calou de súbito e seguiu os movimentos labiais minimalistas na tela em profunda concentração. Beate parou o vídeo antes do tiro.

— Exatamente — disse Bjelke. — Mais uma vez.

E depois:

— Outra vez.

Então:

— Mais uma vez, por favor.

Depois de sete vezes, ele acenou com a cabeça em sinal de que havia visto o suficiente.

— Eu não entendo o que ela quer dizer — disse Bjelke. Harry e Beate se entreolharam. — Mas, acho que sei o que ela diz.

Beate teve quase que correr para acompanhar Harry pelo corredor.

— Ele é tido como o maior perito do país nesta área — disse ela.

— Não adianta — disse Harry. — Ele mesmo disse que não tem certeza.

— Mas, e se ela disse o que Bjelke diz que ela disse mesmo assim?

— Não encaixa. Ele deve ter ignorado um “não”.

— Discordo.

Harry parou de repente e Beate quase o atropelou. Ela olhou assustada para o olho dele que estava escancaradamente aberto.

— Ótimo — disse ele.

Beate parecia confusa.

— O que quer dizer?

— Discordo é bom. Discordo significa que você talvez tenha visto ou entendido algo, mesmo que você ainda não esteja sabendo exatamente o que é. E eu ainda não entendi nada. — Ele começou a andar de novo. — Então partimos do pressuposto que você tem razão. Vamos pensar aonde isso pode nos levar. — Ele parou em frente ao elevador e apertou o botão DESCER.

— Aonde está indo? — perguntou Beate.

— Verificar um detalhe. Estarei de volta em menos de uma hora.

As portas do elevador se afastaram e o inspetor-chefe Ivarsson saiu.

— Olá! — exclamou radiante. — Mestres detetives no rastro do culpado? Alguma novidade?

— O objetivo de haver grupos paralelos é não informar tanto — disse Harry, desviando e entrando no elevador. — Se é que entendi o FBI direito.

Ivarsson lançou um largo sorriso e conseguiu manter um olhar firme.

— As informações-chave nós temos que compartilhar, é claro.

Harry apertou o botão do primeiro andar, mas Ivarsson se colocou no vão e bloqueou as portas:

— Então?

Harry encolheu os ombros.

— Stine Grette sussurrou alguma coisa para o assaltante antes de ele atirar.

— E?

— Acreditamos que ela sussurrou: “A culpa é minha.”

— “A culpa é minha”?

— É.

Ivarsson franziu a testa.

— Mas, isso não faz sentido! Faria mais sentido se dissesse “a culpa não é minha”, querendo dizer que não é culpa dela se o chefe do setor leva seis segundos a mais para tirar o dinheiro da sacola.

— Discordo — disse Harry e olhou para o relógio. — Contamos com a ajuda do maior perito do país na área. Mas Beate pode dar mais detalhes a respeito.

Ivarsson se encostou contra uma das portas que batia nas suas costas, irritado.

— Quer dizer que ela esquece um “não” no susto. É tudo que vocês têm? Beate?

Beate enrubesceu.

— Acabei de começar a olhar o vídeo do assalto da rua Kirkeveien.

— Alguma conclusão?

Seu olhar vagueava de Ivarsson para Harry.

— Por enquanto não.

— Nada, então — disse Ivarsson. — Mas vocês devem ficar contentes em saber que nós identificamos nove suspeitos que trouxemos para interrogar. E temos um plano para conseguir fazer Raskol falar.

— Raskol? — perguntou Harry.

— Raskol Baxhet, o rei dos ratos em pessoa — respondeu Ivarsson, colocou os dedos nas alças da cintura, respirou fundo e puxou a calça para cima com um sorriso satisfeito. — Mas Beate certamente poderá dar mais detalhes a respeito.

Mármore



Harry sabia que em algumas coisas ele era pão-duro. Como no caso da rua Bogstad, por exemplo. Ele não gostava da rua Bogstad. Ele não sabia bem por que, talvez só pelo fato de que nesta rua, coberta de ouro e óleo, no topo dos topos da Terra da Felicidade, ninguém sorria. Tampouco Harry sorria, mas ele morava no Bislett, não era pago para sorrir, e neste exato momento tinha alguns bons motivos para não sorrir. Mas isso não queria dizer, contudo, que Harry, como a maioria dos noruegueses, não apreciava receber um sorriso.

Harry tentava no seu íntimo desculpar o rapaz atrás do balcão da loja 7-Eleven por ele provavelmente odiar seu trabalho, porque ele também morava no Bislett e a chuva tinha começado a cair de novo.

Seu rosto pálido com espinhas vermelhas e inflamadas olhou desinteressado para o crachá policial de Harry:

— Por que eu saberia quanto tempo esta caçamba está aqui?

— Porque é verde e barra uma boa parte da visão da rua Bogstad — respondeu Harry.

O rapaz deu um suspiro e colocou as mãos nos quadris que mal segurava suas calças.

— Uma semana. Mais ou menos. Ô cara, tem fila atrás de você, estão esperando.

— Certo. Olhei dentro. Está quase vazia exceto por algumas garrafas vazias e jornais. Sabe quem pediu a caçamba?

— Não.

— Estou vendo que tem uma câmera de monitoramento acima do balcão. Pelo ângulo parece que pega a caçamba na frente.

— Se você está dizendo.

— Se ainda tiver o vídeo da sexta-feira passada gostaria de ver.

— Ligue amanhã, Tobben vai estar aqui.

— Tobben?

— O gerente da loja.

— Então sugiro que ligue para Tobben agora e peça permissão para me dar a fita. Depois não vou mais incomodar vocês.

— Dê uma olhada em volta — disse ele, e as espinhas ficaram ainda mais vermelhas. — Não tenho tempo para começar a procurar por um vídeo agora.

— Ah — disse Harry sem se virar. — Depois de fechar, então?

— Aqui não fecha — disse o rapaz e virou os olhos para o céu, impaciente.

— Foi uma piada — disse Harry.

— Legal, há-há — disse o rapaz com voz de sonâmbulo. — Vai levar alguma coisa, ou não?

Harry balançou a cabeça, o rapaz o ignorou e gritou:

— Próximo!

Harry deu um suspiro e se virou para a fila que se apinhava em frente ao balcão:

— Não tem próximo. Sou da polícia de Oslo. — Ele mostrou seu crachá. — E esta pessoa está presa por ser muito preguiçosa.

Harry era, como já foi dito, mesquinho a respeito de algumas coisas. Mas neste momento estava contente consigo mesmo. Ele gostava de receber sorrisos.

Mas não sorrisos daquele tipo que pareciam fazer parte da qualificação de pregadores, políticos e agentes funerários. Eles sorriem com os olhos ao falar, e isso dava ao senhor Sandemann na funerária Sandemann uma intensidade que, com a temperatura da sala do caixão no porão da igreja de Majorstua, fez Harry se arrepiar. Ele olhou em volta. Dois caixões, uma cadeira, uma grinalda de flores, um agente funerário, um terno preto e um penteado cobrindo a careca.

— Ela está tão bonita — disse Sandemann. — Em paz. Descansando. Digna. O senhor é da família?

— Não exatamente. — Harry tentou mostrar seu crachá de policial com a esperança de que a intensidade fosse reservada para familiares apenas. Mas não era.

— É trágico uma pessoa tão jovem falecer desta maneira — sorriu Sandemann ao juntar as palmas das mãos como numa prece. Os dedos do agente eram excepcionalmente magros e tortuosos.

— Gostaria de olhar as roupas que a falecida vestia na hora de ser encontrada — disse Harry. — Na funerária disseram que você tinha trazido para cá.

Sandemann balançou a cabeça, buscou um saco plástico branco e explicou que guardara

as roupas para o caso de os pais ou irmãos aparecerem. Harry procurou em vão nos bolsos da saia preta.

— Está procurando algo especial? — perguntou Sandemann em um tom inocente, debruçando-se sobre o ombro de Harry.

— Uma chave de casa — disse Harry. — Vocês talvez tenham encontrado quando... — Ele olhou para o dedo tortuoso de Sandemann... — vocês a despiram.

Sandemann fechou os olhos e negou, balançando a cabeça.

— Tudo que ela tinha sob a roupa era ela mesma. Além daquela foto no sapato, é claro.

— Foto?

— Sim. Estranho, não acha? Deve ser um costume que eles têm. Ainda está no sapato dela.

Harry retirou um sapato grande de salto alto do saco e em um vislumbre a viu no vão da porta quando ele chegou: vestido preto, sapatos pretos, boca vermelha. Boca muito vermelha.

A foto amassada era de uma mulher e três filhos em uma praia. Parecia uma foto de férias em algum lugar da Noruega, com rochas e altos pinheiros no fundo.

— Alguém da família esteve aqui? — perguntou Harry.

— Só o tio dela. Acompanhado de um colega seu, claro.

— Claro?

— Sim. Pelo que entendi, ele está cumprindo pena.

Harry não respondeu. Sandemann se inclinou para a frente e dobrou as costas de maneira que sua cabeça pequena afundou entre os ombros e fê-lo parecer um urubu:

— Por que será? — A voz sussurrante também soava como um grito rouco de pássaro: — Já que ele nem tem permissão para acompanhar o funeral.

Harry pigarreou.

— Posso vê-la?

Sandemann parecia desapontado, mas abriu a mão, benévolo, indicando um caixão.

Como sempre, ocorreu a Harry como um trabalho profissional podia embelezar um corpo. Anna parecia estar verdadeiramente em paz. Ele tocou sua testa. Foi como tocar em mármore.

— E este colar?

— São moedas de ouro — respondeu Sandemann. — Foi o tio dela que trouxe.

— E o que é isto? — Harry levantou uma pilha de papéis amarrada com um elástico marrom grosso. Eram notas de cem.

— É um costume que eles têm — respondeu Sandemann.

— Quem são “eles”?

— Você não sabia? — Sandemann sorriu com seus lábios finos e molhados. — Ela era descendente de ciganos.

Todas as mesas na cantina da delegacia da polícia estavam ocupadas por colegas conversando com entusiasmo. Exceto uma. Foi para lá que Harry se dirigiu.

— Aos poucos vai conhecendo as pessoas — disse. Beate olhou para ele sem entender, e ele achou que eles talvez tivessem mais em comum do que ele achou no início. Ele se sentou e deixou uma fita VHS na sua frente. — Esta é da loja de conveniência 7-Eleven em frente ao banco no dia do assalto. Além de uma tomada da quinta-feira anterior. Dê uma olhada para ver se encontra algo interessante.

— Ver se o assaltante deu uma passada? — murmurou Beate com a boca cheia de pão com patê. Harry olhou para o embrulho de comida trazida de casa.

— É — disse. — A esperança é a última que morre.

— Claro — disse ela e ficou com os olhos molhados enquanto lutava para engolir. — Em 1993, num assalto ao Banco de Crédito em Frogner, o assaltante tinha seus próprios sacos plásticos para botar o dinheiro. Os sacos tinham a logo da Shell, então checamos o vídeo da câmera de monitoramento do posto Shell mais próximo. Mostrou que o assaltante tinha passado lá e comprado os sacos dez minutos antes do roubo. Nós o pegamos meia hora depois.

— Nós, há dez anos? — perguntou Harry sem pensar.

O rosto de Beate mudou de cor como um sinal de trânsito. Ela pegou o sanduíche e tentou se esconder atrás dele.

— Meu pai — disse ela.

— Sinto muito. Não foi o que eu quis dizer.

— Não faz mal — disse rapidamente.

— Seu pai...

— Ele faleceu — completou. — Faz muito tempo agora.

Harry ficou ouvindo Beate mastigar enquanto estudava suas mãos.

— Por que trouxe um vídeo da semana antes do assalto? — perguntou Beate.

— A caçamba.

— O que tem?

— Liguei para o serviço de coleta de entulhos e perguntei. O pedido foi feito na terça por um Stein Søbstad na rua da Indústria, e a caçamba foi entregue no local combinado em frente à loja de conveniência 7-Eleven no dia seguinte. Tem dois Stein Søbstad em Oslo, e os dois negaram ter feito o pedido da caçamba. A minha teoria é que o assaltante mandou colocar a caçamba lá para cobrir a visão através da janela, para que a câmera não o filmasse de frente quando ele cruzasse a rua ao sair do banco. Se ele esteve no 7-Eleven para dar uma olhada no mesmo dia que pediu a caçamba, talvez possamos ver uma pessoa que está olhando para a câmera e através da janela para o banco, para verificar ângulos e coisas assim.

— Se tivermos sorte. Testemunhas em frente ao 7-Eleven disseram que o assaltante ainda estava mascarado na hora de cruzar a rua, então por que ia ter todo esse trabalho com a caçamba?

— Talvez o plano fosse tirar o capuz quando cruzasse a rua. — Harry deu um suspiro. — Não sei, só sei que tem algo errado com aquela caçamba verde. Já está lá há uma semana e, além de transeuntes que jogaram lixo nela, não foi usada por ninguém.

— OK — disse Beate, que pegou a fita VHS e se levantou.

— Mais uma coisa — disse Harry. — O que sabe sobre esse Raskol Baxher?

— Raskol? — Beate franziu a testa. — Ele era uma figura meio mítica até se entregar. Se ele for a pessoa que dizem ser, ele teve, de uma forma ou de outra, algo a ver com noventa por cento dos assaltos a banco em Oslo. Aposto que ele consegue apontar todos que fizeram um assalto nesta cidade durante os últimos vinte anos.

— Então é para isso que Ivarsson vai usá-lo. Em que prisão está?

Beate apontou com o polegar por cima do ombro.

— Ala A por ali.

— Na prisão daqui? Na Botsen?

— É. E ele se recusou a falar enquanto estiver cumprindo pena.

— Então, o que é que faz Ivarsson acreditar que ele vai conseguir?

— Ivarsson finalmente descobriu algo que Raskol quer e está usando isso para negociar. Na prisão estão dizendo que é a única coisa que Raskol pediu desde que chegou lá. É a respeito de um parente recém-falecido.

— É mesmo? — disse Harry tentando manter uma expressão neutra.

— Ela vai ser enterrada daqui a dois dias, e Raskol enviou um pedido urgente para o diretor da prisão para ter permissão para comparecer.

Depois que Beate foi embora, Harry ficou sentado. O horário do almoço havia acabado e a cantina estava esvaziando. Era clara e agradável e gerenciada pelo Estado, por isso Harry preferia comer fora. Mas ele lembrou de repente que era aqui mesmo que ele tinha dançado com Rakel na festa de Natal, foi exatamente neste ponto que ele tinha se decidido a dar o primeiro passo. Ou vice-versa. Ele ainda se lembrava das costas dela contra sua mão.

Rakel.

O enterro de Anna seria dali a dois dias e ninguém duvidava que ela tivesse tirado sua própria vida. A única pessoa que tinha estado no local e podia contestá-los era ele mesmo, mas ele não se lembrava de nada. Por que não sossegava? Ele tinha tudo a perder, nada a ganhar. E se não por outra coisa, por que ele não podia esquecer o caso por eles, por ele e por Rakel?

Harry colocou os cotovelos na mesa e deitou o rosto nas mãos.

E se ele pudesse contestá-los, iria mesmo falar?

As pessoas na mesa vizinha se viraram ao ouvir a cadeira ser arrastada com força contra o piso, e viram o policial de pernas compridas, cabeça quase raspada e uma péssima reputação sair apressado da cantina.

Sorte



O sino em cima da porta da pequena e escura banca de jornal soou exaltado quando os dois homens entraram correndo. Elmer Frukt & Tobakk era a última banca do seu tipo, com uma parede cheia de revistas especializadas em motores, caça, esportes e pornô leve, cigarros e charutos nas outras três, e pilhas de talões de loteria sobre o balcão, espalhados entre tiras de alcaçuz suadas e acinzentados porquinhos secos de marzipã com laços de Natal do ano passado.

— Bem na hora — disse Elmer, um homem magro e careca em torno dos sessenta, com bigode e sotaque do Norte.

— Nossa, chegou de repente — disse Halvorsen e sacudiu a chuva dos ombros.

— Típico outono de Oslo — disse o nortista com sotaque adquirido do Sul. — Seca ou dilúvio. Vinte Camel?

Harry assentiu com um aceno de cabeça e tirou a carteira.

— E duas raspadinhas para o jovem policial? — Elmer estendeu as raspadinhas a Halvorsen, que sorriu embaraçado e enfiou-as depressa no bolso.

— Tudo bem se eu fumar um cigarro aqui, Elmer? — perguntou Harry enquanto perscrutou a aguaceira que açoitava a calçada repentinamente vazia no outro lado do vidro sujo.

— Fique à vontade — respondeu Elmer e deu o troco a eles. — Veneno e jogos de azar são o meu ganha-pão.

Ele se curvou de leve e sumiu atrás de uma cortina marrom e torta onde ouviram o gorgolejar da cafeteira.

— Aqui está a foto — disse Harry. — Quero apenas que você descubra quem é a mulher.

— Apenas? — Halvorsen olhou a foto granulada e amassada que Harry estendeu para ele.

— Comece descobrindo de onde a foto foi tirada — disse Harry e tossiu de repente e com força ao tentar segurar a fumaça nos pulmões. — Parece um lugar de férias. Se for, deve ter uma pequena mercearia, alguém que aluga cabanas, coisas assim. Se a família na foto sempre visita o mesmo lugar, alguém que trabalha lá deve saber quem são. Quando descobrir, deixe o restante para mim.

— Tudo isso porque a foto ficou num sapato?

— Não é um lugar comum para guardar fotos, sabe?

Halvorsen encolheu os ombros e olhou para a rua.

— Não dá sinal de trégua — disse Harry.

— Eu sei, mas tenho que ir para casa.

— Para quê?

— Para uma coisa que se chama vida. Nada que deva interessar a você.

Harry levantou os cantos da boca para mostrar que entendeu que devia ser uma piada.

— Divirta-se.

Os sinos tocaram e a porta bateu atrás de Halvorsen. Harry tragava o cigarro e, ao olhar a seleção de leitura de Elmer, pensou como ele próprio tinha tão poucos interesses em comum com o norueguês médio. Era por que ele não tinha mais interesses? Música, claro, mas ninguém tinha feito algo que prestava em dez anos, nem mesmo os velhos heróis. Cinema? Se ele saía de um cinema sem se sentir lobotomizado, se considerava com sorte. Mais nada. Em outras palavras: a única coisa que ainda o interessava era encontrar pessoas e colocá-las atrás das grades. E sequer isso fazia seu coração bater com tanta força quanto antes. O que o assustava, pensava Harry, e colocou uma das mãos no balcão frio e liso de Elmer, era que seu estado não o preocupava nem um pouco. Que ele tinha entregado os pontos. Que envelhecer era libertador.

Outra vez o clangor exaltado dos sinos.

— Esqueci de contar sobre o menino que pegamos ontem por porte ilegal de armas — disse Halvorsen. — Roy Kvinsvik, um dos skinheads na Herbert's Pizza. — Ele estava na porta com a chuva dançando em volta dos seus sapatos molhados.

— E aí?

— Ele estava visivelmente amedrontado, então eu disse que ele tinha que me dar algo que eu pudesse usar se ele quisesse sair fácil dessa encrenca.

— E?

— Ele disse que viu Sverre Olsen no bairro de Grunerløkka na noite que Ellen foi morta.

— E daí? Temos várias testemunhas disso.

— Sim, mas esse cara viu Olsen conversando com alguém em um carro.

Harry deixou cair o cigarro no chão. Ele deixou queimando.

— Ele sabia quem era? — perguntou devagar.

Halvorsen negou balançando a cabeça.

— Não, ele só conhecia Olsen.

— Alguma descrição?

— Ele só lembrou que tinha pensado que o cara parecia um policial. Mas disse que talvez conseguisse reconhecê-lo.

Harry sentiu que ficou com calor sob o casaco e pronunciou cada palavra com nitidez:

— Ele disse que tipo de carro era?

— Não, ele passou com bastante pressa — disse Halvorsen.

Harry balançou a cabeça enquanto passava a mão sobre o balcão, de um lado a outro.

Halvorsen pigarreou.

— Mas acha que era um carro esporte.

Harry olhou o cigarro queimando no chão.

— Cor?

Halvorsen abriu a mão, como se desculpando.

— Era vermelho? — perguntou Harry com voz baixa e rouca.

— O que disse?

Harry se endireitou.

— Nada. Lembre-se do nome. E volte para a sua vida.

Os sinos soaram.

Harry parou de afagar o balcão e deixou a mão quieta. Parecia subitamente mármore gelado.

Astrid Monsen tinha 45 anos, vivia de traduzir literatura francesa no seu escritório em casa na rua Sorgenfri e não tinha homem na sua vida, mas uma gravação de latidos de cachorros que ficava ao lado da porta de entrada à noite. Harry ouviu os passos dela atrás da porta e o ruído de pelo menos três trancas antes de a porta ser entreaberta e um rosto sardento pequeno olhar por baixo de mechas pretas.

— Huh — exclamou ao ver a figura alta de Harry.

Mesmo que o rosto fosse desconhecido, ele teve a impressão imediata de já ter visto a mulher. Provavelmente por causa da descrição detalhada de Anna da sua vizinha medrosa.

— Harry Hole da Homicídios — disse e mostrou seu crachá. — Desculpe por incomodá-la tão tarde. Tenho algumas perguntas sobre a noite em que Anna Bethsen morreu.

Ele tentou tranquilizá-la com um sorriso quando percebeu que ela tinha problemas para fechar a boca. Pelo canto do olho, Harry viu a cortina atrás do vidro da porta do vizinho se mexer.

— Posso entrar, senhora Monsen? Não vou demorar.

Astrid Monsen deu dois passos para trás e Harry aproveitou a oportunidade para passar para dentro e fechar a porta. Agora podia ver o penteado afro por inteiro. Dava para ver que tinha pintado o cabelo de preto, que enquadrava o seu rostinho branco feito um globo enorme.

Ficaram frente a frente no corredor mal iluminado com flores secas e um pôster emoldurado do Museu Chagall de Nice.

— Você já me viu antes?

— Como?...O que quer dizer?

— Só se você já me viu antes. Vou chegar às outras perguntas depois.

Sua boca se abria e fechava. Depois balançou a cabeça, negando energicamente.

— Ótimo — disse Harry. — Você estava em casa na terça-feira à noite?

Hesitante acenou com cabeça afirmando.

— Você viu ou ouviu alguma coisa?

— Nada — respondeu. Um pouco rápido demais, pensou Harry.

— Leve o tempo que precisar e pense bem — disse ele e tentou sorrir amigavelmente para ela, não exatamente o mais praticado do seu repertório de expressões faciais.

— Nada — disse, enquanto seu olhar procurou a porta atrás de Harry. — Nada mesmo.

Harry acendeu um cigarro quando chegou na rua. Ele ouvira Astrid Monsen prender a trava de segurança no instante que ele saiu da sua casa. Coitada. Ela era a última pessoa na sua ronda e ele podia concluir que ninguém no prédio tinha visto ou ouvido ele ou outras pessoas nas escadas na noite em que Anna morreu.

Ele jogou o cigarro fora depois de duas tragadas.

Em casa ficou sentado na poltrona olhando longamente no olho vermelho da secretária eletrônica antes de apertar o play. Era Rakel desejando-lhe boa-noite e um jornalista que queria um comentário sobre os dois assaltos. Depois rebobinou a fita e ouviu a mensagem de Anna: “E podia fazer o favor de vestir aquele jeans que você sabe que eu gosto tanto?”

Ele passou a mão no rosto. Depois tirou as fitas e jogou-as no saco de lixo.

Lá fora, a chuva caía e Harry zapeava. Handebol feminino, sabonete e uma competição de perguntas onde se podia virar milionário. Harry parou em um canal em que um filósofo e um antropólogo social discutiam o conceito de vingança. Um alegou que um país como os Estados Unidos, que defende certos valores morais como liberdade e democracia, é moralmente responsável por ações de vingança em caso de ter sido atacado no seu território, já que também é um ataque a esses valores.

— Só a promessa de vingança, e a execução dela, pode proteger um sistema tão vulnerável quanto uma democracia.

— E se os valores que uma democracia representa forem vítimas de uma ação de vingança? — retrucou o outro. — E se o direito de outra nação em relação às leis internacionais for desrespeitado? Que tipo de valores defendemos quando destituímos inocentes habitantes de seus direitos na caça aos culpados? E onde ficam os valores morais que dizem que você deve dar a outra face?

— O problema — disse o outro sorrindo — é que só temos duas faces, não é?

Harry desligou. Pensou em ligar para Rakel, mas chegou à conclusão de que era muito tarde. Ele tentou ler um pouco do livro de Kim Thompson, mas descobriu que faltavam as páginas de 24 a 38. Levantou-se e andou de um lado para o outro da sala. Abriu a geladeira e olhou desorientado para um queijo branco e um vidro de geleia de morango. Tinha vontade de comer algo, mas não sabia o quê. Bateu a porta da geladeira com força. A quem tentava enganar? Ele estava com vontade de beber.

Acordou às duas da madrugada na poltrona, ainda vestido. Levantou-se, foi ao banheiro e bebeu um copo de água.

— Merda — disse a si mesmo no espelho. Foi para o quarto e ligou o computador. Encontrou 104 artigos sobre suicídio na internet, mas nenhum sobre vingança, apenas algumas palavras-chave e um monte de referências para os motivos de vingança na literatura e na mitologia grega. Ele ia desligar quando lembrou que não olhava o seu e-mail há duas semanas. Tinha dois e-mails. Um era da operadora da internet que avisava sobre um fechamento 15 dias atrás. O endereço do remetente do outro era anna.beth@chello.no. Ele deu um duplo clique e leu a mensagem: “*Oi, Harry. Não esqueça as chaves. Anna.*” O horário de envio era duas horas antes de ele encontrá-la pela última vez. Ele leu a mensagem mais uma vez. Tão curta. Tão... singela. Ele imaginou que eram mensagens assim que as pessoas enviavam uma para a outra. *Oi, Harry.* Para uma pessoa de fora pareceria que eram velhos amigos, mas só conviveram durante seis semanas tempos atrás, e ele nem sabia que ela tinha o e-mail dele.

Quando dormiu, sonhou que estava no banco com o rifle novamente. As pessoas à sua volta eram de mármore.

Gadzo



— Que belo dia — disse Bjarne Møller quando entrou voando no escritório de Harry e Halvorsen na manhã seguinte.

— Você que sabe. É você que tem janela — disse Harry sem levantar os olhos da xícara de café. — E cadeira nova no escritório — emendou quando Møller se deixou cair na cadeira defeituosa de Halvorsen, que avisou com um rangido de dor.

— Epa — disse Møller. — Dia ruim hoje?

Harry deu de ombros.

— Estou chegando aos quarenta e comecei a valorizar um pouco a rabugice. Tem algo errado nisso?

— Fique à vontade. Gostei de ver você vestindo terno.

Harry, intrigado, levantou a lapela como se estivesse descobrindo o terno escuro só agora.

— Ontem teve reunião dos chefes de setor — disse Møller. — Quer a versão curta ou longa?

Harry mexeu na xícara com um lápis.

— Não temos mais permissão para investigar o caso Ellen, é verdade?

— O caso foi esclarecido faz tempo, Harry. E o chefe da Criminalística diz que você está perturbando eles com todo tipo de verificações de velhas pistas técnicas.

— Ontem surgiu uma nova testemunha que...

— Sempre surge uma nova testemunha, Harry. Eles simplesmente não querem mais isso.
— Mas...
— Ponto final, Harry. Sinto muito.
Møller se virou na porta:
— Vá dar uma caminhada no sol. Talvez seja o último dia quente por algum tempo.

— Há boatos de que o sol está brilhando — disse Harry ao entrar na Casa da Dor onde estava Beate. — Só para a sua orientação.

— Desligue a luz — disse ela. — Vou lhe mostrar algo.

Ela parecia excitada no telefone, mas não disse do que se tratava. Beate levantou o controle remoto:

— Não achei nada no vídeo do dia em que foi pedida a caçamba, mas olha este do dia do assalto.

Na tela, Harry visualizou uma imagem panorâmica do 7-Eleven. Ele viu a caçamba verde em frente à janela, pão doce, a parte de trás da cabeça e o cofrinho do rapaz com quem tinha conversado no dia anterior. Ele atendia uma garota que comprava leite, uma revista e camisinhas.

— A gravação é das 15h05, 15 minutos antes do assalto. Olha agora.

A garota pegou suas coisas e saiu, a fila avançou e um homem de macacão preto e boné com aba grande apontou para alguma coisa no balcão. Ele mantinha a cabeça baixa para não mostrar seu rosto. Debaixo do braço levava uma bolsa preta, dobrada.

— Mas que merda — sussurrou Harry.

— É o Magarefe — disse Beate.

— Tem certeza? Muitas pessoas vestem macacão preto e o assaltante não usava boné.

— Quando ele se afasta um pouco do balcão, vai ver que são os mesmos sapatos do vídeo do assalto. E olhe o volume no lado esquerdo do macacão. É a AG3.

— Ele prendeu com fita ao corpo. Mas que diabos está fazendo dentro do 7-Eleven?

— Ele está esperando o transporte de dinheiro e precisa de um ponto de vigia de onde não seja visto. Esteve na área mais cedo para espionar e sabe que a Securitas chega entre 15h15 e 15h20. No meio-tempo, não pode ficar andando por aí com gorro e anunciar que ele vai fazer um assalto, por isso usa um boné que cobre a maior parte do rosto. Quando chega ao caixa, se olharmos bem, podemos ver um retângulo pequeno de luz que se move no balcão. É reflexo de vidro. Está usando óculos de sol, esse merda de Magarefe. — Ela falava baixinho, mas depressa e com uma excitação que Harry não tinha percebido antes. — Ele está claramente ciente da câmera de monitoramento dentro do 7-Eleven também, pois não mostra nada do rosto. Olha como ele toma cuidado com os ângulos! De fato, ele é bom, não dá para negar.

O cara atrás do balcão deu um pão doce ao homem de macacão e ao mesmo tempo pegou a moeda de dez coroas que ele tinha deixado no balcão.

— Opa! — exclamou Harry.

— Certo — disse Beate. — Ele não está usando luvas. Mas não parece ter tocado em

alguma coisa na loja. E aí tem o retângulo de luz de que falei.

Harry não viu nada.

O homem saiu da loja enquanto o último na fila era atendido.

— Vamos ter que começar a procurar testemunhas de novo — disse Harry e se levantou.

— Não ficaria otimista demais — disse Beate com os olhos ainda na tela. — Lembre-se de que só apareceu uma única testemunha que viu o Magarefe fugir no rush de sexta-feira. Uma multidão é o melhor esconderijo para um assaltante.

— Legal, mas tem outra sugestão?

— Que você se sente. Está perdendo a melhor parte.

Harry a olhou levemente surpreso, e se virou para a tela. O rapaz atrás do balcão tinha se virado para a câmera com um dedo enterrado no fundo do nariz.

— Melhor e melhor — murmurou Harry.

O vidro tinha reflexos, mas podiam ver nitidamente o homem no macacão preto. Ele estava em frente, na calçada, e tinha colocado a mão na beirada da caçamba. Parecia que ele olhava para o banco enquanto comia o pão doce. Pusera a bolsa no chão.

— É este o posto de vigia dele — disse Beate. — Ele pediu a caçamba e mandou colocar bem aí. É genialmente simples. Ele pode ver quando o transporte de dinheiro chega, ao mesmo tempo que se esconde das câmeras de monitoramento do banco. E preste atenção na postura dele. Para começar, metade dos transeuntes não poderá vê-lo por causa da caçamba. E, aqueles que o virem, irão se deparar com um homem de macacão e boné ao lado de uma caçamba, um trabalhador da construção, ou um funcionário de uma firma de mudança ou de limpeza. Enfim, uma pessoa que não fica na memória. Não é estranho não termos testemunhas?

— Ele deixou algumas impressões digitais na caçamba — disse Harry. — Que pena que só tem chovido esta semana.

— Mas aquele pão doce...

— Ele come as impressões também — suspirou Harry.

— ... o deixa com sede. Preste atenção.

O homem se curvou, abriu o zíper da bolsa e retirou um saco plástico branco. Do saco tirou uma garrafa.

— Coca-Cola — sussurrou Beate. — Dei um zoom no quadro antes de você chegar. É uma garrafa de Coca com rolha de vinho.

O homem de macacão segurou no gargalo da garrafa enquanto tirava a rolha. Inclinou a cabeça para trás, segurou a garrafa no alto e entornou. Podia-se ver o restinho fluir do gargalo, mas o boné escondia tanto a boca aberta quanto o rosto. Depois colocou a garrafa de volta no saco, amarrou e ia guardá-lo na bolsa, mas parou.

— Olhe, agora está pensando. — Sussurrou Beate e guinchou baixinho: “O dinheiro toma quanto espaço? O dinheiro toma quanto espaço?”

O protagonista olhou dentro da bolsa. Olhou para a caçamba. Então se decidiu e com um movimento rápido da mão jogou o saco com a garrafa que voou em um arco e aterrissou bem no meio da caçamba aberta.

— Cesta! — gritou Harry.

— E a torcida vibra! — bramiu Beate.

— Merda! — gritou Harry.

— Ah, não — gemeu Beate e bateu com a testa no volante em desespero.

— Devem ter acabado de sair — disse Harry. — Espere!

Ele abriu a porta do carro bem em frente a um ciclista que conseguiu desviar, atravessou a rua com passos largos, entrou no 7-Eleven e foi até o balcão.

— Quando foi que pegaram a caçamba? — perguntou ao rapaz que estava embalando dois cachorros-quentes para duas garotas de bundas grandes.

— Espere a sua vez, cara — disse o rapaz sem levantar o olhar.

Uma garota soltou um pio indignado quando Harry se inclinou para a frente, bloqueou o acesso à garrafa de ketchup e agarrou a frente da camisa verde do rapaz.

— Oi. Sou eu de novo — disse Harry. — Preste atenção agora, ou esse cachorro aqui...

A expressão assustada do rapaz fez Harry se controlar. Ele soltou a camisa e apontou para a janela onde agora dava para ver o Banco Nordea no outro lado da rua por causa do espaço escancaradamente vazio onde havia antes a caçamba verde.

— Quando pegaram a caçamba? Depressa!

O menino engoliu em seco e olhou para Harry.

— Agora, neste instante.

— O que é “agora”?

— Faz... dois minutos. — Seus olhos estavam vidrados.

— Onde foram?

— Como posso saber? Não conheço esse negócio de caçambas.

Harry já estava na porta.

Harry apertou o celular vermelho de Beate ao ouvido.

— Central de vigilância de Oslo? Aqui é da polícia. Harry Hole. Onde vocês esvaziam suas caçambas? As particulares, sim. Metodica, onde... na rua Furulund em Alnabru? Obrigado. O quê? *Ou Grønmo*? Como posso saber qual...

— Olhe — disse Beate. — Engarrafamento.

Os carros formavam uma parede aparentemente intransponível ao longo do cruzamento em frente ao bar-restaurant Lorry na rua Hegdehaug.

— Devíamos ter pegado a rua Uranienborg — disse Harry. — Ou a rua da Igreja.

— Que pena que não é você que está dirigindo — disse Beate, e jogou a roda direita por cima da calçada, apertou a buzina e acelerou. As pessoas pularam para o lado.

— Alô — disse Harry no telefone. — Vocês acabaram de buscar uma caçamba verde que estava na rua Bogstad, perto do cruzamento com a rua da Indústria. Qual o destino dela? Sim, aguardo.

— Vamos apostar em Alnabru — disse Beate e saiu no cruzamento em frente ao bonde. As

rodas giraram nos trilhos de aço antes de alcançarem o asfalto, e Harry teve uma vaga lembrança de déjà vu.

Estavam já na rua Pilestredet quando o homem da central retornou avisando que eles não estavam conseguindo contato com o motorista no celular, mas que a caçamba *provavelmente* estava sendo levada para Alnabru.

— Bem — disse Harry. — Podem ligar para Metodica e pedir para eles esperarem para esvaziar o conteúdo no incinerador até a gente chegar... O escritório deles está fechado entre onze e meia e meio-dia? Cuidado! Não, estou falando com o motorista. Não, o *meu* motorista.

No túnel de Ibsen, Harry ligou para a delegacia de Grønland e pediu para eles enviarem um carro patrulha para a Metodica, mas o carro mais perto estava a 15 minutos de distância.

— Merda! — Harry jogou o celular por cima do ombro e bateu no painel.

Na rotunda entre o Portal da Cidade e o Plaza, Beate se infiltrou entre um ônibus vermelho e um Chevy Van na faixa branca, e quando desceram na interseção a 110km/h e saíram derrapando e cantando pneus na curva fechada em frente ao mar de Oslo S, Harry achou que ainda podia ter esperança.

— Qual foi o maluco que te ensinou a dirigir? — perguntou ele e se segurou ao costurarem entre carros na rua de três pistas entrando no túnel Ekeberg.

— Eu mesma — respondeu Beate.

No meio do túnel de Vålerenga surgiu um caminhão grande e feio, cuspidor diesel, na frente deles. Vagueava na pista à direita e em cima, presa por dois balancins amarelos em cada lado, estava uma caçamba verde em que se lia “Serviço de Vigilância de Oslo”.

— Yess! — disse Harry.

Beate entrou na frente do caminhão, diminuiu a velocidade e ligou a seta da direita. Harry baixou o vidro e esticou o braço com o crachá policial, ao mesmo tempo que deu sinal com a outra mão para encostar.

O motorista não se opôs a Harry dar uma olhada na caçamba, mas quis saber se eles não gostariam de esperar chegar à Metodica, para esvaziar o conteúdo no chão.

— Não quero que a garrafa se quebre! — gritou Harry em cima do caminhão e por cima do barulho dos carros passando.

— Não, eu pensei mais no seu bonito terno — disse o motorista, mas Harry já tinha subido na caçamba. Em seguida ribombou feito um trovão dentro da caçamba, e o motorista e Beate ouviram Harry soltar palavrões. Escutaram ele remexendo e depois um novo yess! Antes de ele reaparecer na beirada da caçamba segurando um saco plástico branco em cima da cabeça como um troféu.

— Dê a garrafa para Weber imediatamente e diga que é urgente — disse Harry enquanto Beate ligava o carro. — Mande lembranças minhas.

— Isso ajuda?

Harry coçou a cabeça.

— Não, apenas diga que é urgente.

Ela riu. Brevemente e sem muito entusiasmo, mas Harry constatou o riso.

— Você é sempre tão animado assim? — perguntou ela.

— Eu? E você? Estava pronta para nos matar para conseguir essa prova, não estava?

Ela sorriu, mas não respondeu. Apenas olhou longamente no espelho antes de pegar a estrada.

Harry olhou de súbito o relógio.

— Merda!

— Atrasado para o encontro?

— Acha que pode me deixar na igreja de Majorstuen?

— Claro. É essa a explicação para o terno escuro?

— É. Um... amigo meu.

— Então devia tentar tirar esse negócio marrom do seu ombro.

Harry virou a cabeça.

— Da caçamba — disse e tentou limpar. — Já saiu?

Beate estendeu-lhe um lenço.

— Tente com um pouco de cuspe. Era um amigo muito próximo?

— Não. Quer dizer, sim... Por um tempo, talvez. Mas é de bom-tom ir ao enterro.

— É?

— Você não acha?

— Só fui a um enterro na minha vida inteira.

Andaram um pouco em silêncio.

— Seu pai?

Ela assentiu com a cabeça.

Passaram no cruzamento de Sinsen ao norte de Oslo. Perto de um bosque em um campo grande, um homem e dois meninos conseguiam empinar uma pipa. Todos os três estavam com o olhar fixo no céu azul e Harry conseguiu ver que o homem deu a corda para o maior dos meninos.

— Ainda não achamos quem foi — disse ela.

— Não, não o achamos — disse Harry. — Ainda não.

— O Senhor o deu, e o Senhor o tomou — disse o padre e olhou de olhos semicerrados para as fileiras de bancos vazios e para o homem alto de cabelo à escovinha que acabara de entrar na ponta dos pés e estava procurando um lugar no fundo. Ele esperou enquanto o eco de um soluço alto e dilacerante morreu embaixo dos arcos do teto.

— Mas algumas vezes parece que Ele só toma.

O padre deu ênfase na palavra “toma” e a acústica amplificou a palavra e a levou para o fundo da igreja. O soluço ganhou força nova. Harry olhou em torno. Ele acreditava que Anna, que era tão extrovertida e efusiva, tivesse muitos amigos, mas Harry contou apenas oito pessoas, seis na primeira fileira e duas um pouco atrás. Oito. Bem, quantos viriam ao seu próprio funeral? Oito pessoas talvez não seria tão mal assim.

Os soluços vinham da primeira fileira onde Harry viu três cabeças cobertas com estolas de cores vivas e três cabeças de homens sem chapéu. As outras duas pessoas eram um homem que estava sentado à esquerda e uma mulher perto do corredor. Ele reconheceu o penteado afro de Astrid Monsen.

Os pedais do órgão rangeram, a música começou. Um salmo. A piedade de Deus. Harry fechou os olhos e percebeu como estava cansado. As notas do órgão subiam e baixavam; as notas altas escorriam lentamente como água do teto. As vozes finas cantavam sobre perdão e misericórdia. Deu vontade de afundar em algo, algo que pudesse esquentá-lo e escondê-lo por algum tempo. O Senhor deve julgar os vivos e os mortos. A vingança de Deus, Deus e Nêmesis. As notas do registro baixo do órgão fizeram os bancos vazios de madeira tremer. A espada em uma mão, o peso na outra, vingança e justiça. Ou sem vingança e sem justiça. Harry abriu os olhos.

Quatro homens carregavam o caixão. Harry reconheceu o inspetor Ola Li atrás de dois homens escuros em ternos Armani puídos e camisas brancas abertas no pescoço. A quarta pessoa era tão alta que o caixão ficou um pouco torto. O terno parecia pendurado no corpo magro, mas ele era o único dos quatro que parecia não sentir o peso. Primeiramente foi o rosto do homem que chamou a atenção de Harry. Finos traços com olhos grandes castanhos e sofredores em profundos sulcos no crânio. O cabelo preto estava preso atrás em uma longa trança que deixava a testa alta e brilhante desnuda. A boca sensível em forma de coração estava emoldurada por uma barba longa, mas bem cuidada. Era como se a figura de Cristo tivesse descido do altar atrás do padre. Mais uma coisa: poucos rostos podem ser descritos assim, mas esse rosto era *radiante*. Enquanto os quatro homens se aproximavam de Harry no corredor, ele tentava ver o *que* radiava. Era pesar? Felicidade não era. Bondade? Maldade?

Seus olhos se encontraram um instante no momento em que o caixão passou. Atrás deles veio Astrid Monsen com o olhar para baixo, um homem de meia-idade parecendo um contador, e três mulheres, duas já senhoras e uma mais nova vestindo uma saia colorida. Elas soluçavam e lamentavam com gritos altos, enquanto rolavam os olhos e torciam as mãos num acompanhamento surdo.

Harry ficou olhando a pequena procissão sair da igreja.

— Divertindo-se com estes ciganos, não é, Hole?

As palavras ressoaram na nave da igreja. Harry se virou. Era um sorridente Ivarsson, em terno escuro e gravata.

— Quando eu era pequeno, a gente tinha um jardineiro que era cigano. Ursários. Viajavam pelo mundo com ursos dançantes, sabe. Chamava-se Josef. Música e travessuras o tempo todo. Mas a morte, sabe... Aquelas pessoas têm uma relação mais penosa com a morte do que nós. Morrem de medo de *mule* — espíritos dos mortos. Eles acreditam que eles voltam. Josef costumava ir a uma mulher que cuidava para mantê-los afastados, aparentemente são só as mulheres que têm esse poder. Vem.

Ivarsson tocou de leve no braço de Harry, que teve que se controlar para não seguir o seu impulso e sacudir o braço para se libertar. Saíram para a escada da igreja. O barulho do trânsito da rua era mais alto que os sinos. Um Cadillac preto com a porta traseira aberta

estava na rua Schøning esperando o cortejo fúnebre.

— Eles vão levar o caixão para o crematório — disse Ivarsson. — Cremar os mortos, um dos hábitos dos hindus que trouxeram da Índia. Na Inglaterra queimam o trailer do morto, mas não deixam mais a viúva ficar dentro. — Ele riu. — Mas levam consigo bens importantes. Josef me contou que a família cigana de um dinamitador na Hungria colocou os restos de dinamite no caixão e mandou o crematório inteiro pelos ares.

Harry pegou um maço de Camel.

— Sei por que você está aqui, Hole — disse Ivarsson sem parar de sorrir. — Você queria uma oportunidade para bater um papo com ele, não é? — Ivarsson meneou a cabeça para a procissão e a figura alta e magra que saía devagar com passos largos enquanto os outros quase tinham que saltar para acompanhá-lo.

— É aquele que chamam de Raskol? — perguntou Harry, colocando um cigarro entre os lábios.

Ivarsson afirmou balançando a cabeça.

— É o tio dela.

— E os outros?

— Conhecidos, alegam.

— E a família?

— Eles não reconhecem a falecida.

— Não?

— É a versão de Raskol. Ciganos são mentirosos notórios, mas o que contou combina bem com o que as histórias de Josef diziam sobre a maneira com que eles pensam.

— E o que foi?

— Que a honra da família é tudo. É por isso que ela foi expulsa. De acordo com Raskol, ela foi dada em casamento quando tinha 14 anos, na Espanha, a um cigano gringo que falava grego, mas, antes de consumir o casamento, ela fugiu com um *gadzo*.

— *Gadzo*?

— Um que não é cigano. Um marinheiro dinamarquês. A pior coisa que podia ter feito. Vergonha para toda a família.

— Ahm. — O cigarro sem acender pulava para cima e para baixo na boca de Harry enquanto falava: — Sinto que conhece bem esse Raskol?

Ivarsson balançou a mão para afastar fumaça imaginária.

— Já conversamos. Ou melhor, discutimos, eu diria. As conversas substanciais virão depois que a nossa parte do acordo for cumprida, isto é, depois que ele puder participar desse funeral.

— Então até agora não disse grande coisa?

— Nada de importante para a investigação. Mas o tom é promissor.

— Tão promissor que a polícia ajuda a carregar seus parentes para a cova?

— O padre pediu que Li ou eu carregasse o caixão. Não havia gente suficiente para a tarefa. Tudo bem. Estamos aqui só para vigiá-lo. E é o que vamos continuar a fazer.

Harry cerrou os olhos contra o sol intenso de outono.

Ivarsson se virou para ele.

— Para ser bem direto, Hole, ninguém tem permissão de falar com Raskol antes de a gente terminar com ele. Ninguém. Durante três anos tentei conseguir um acordo com o homem que sabe de tudo. E agora consegui. Ninguém vai poder estragar isso, se é que entende o que estou dizendo?

— Então me diz uma coisa, Ivarsson, já que estamos apenas nós dois aqui — disse Harry e catou um fio de tabaco da língua. — Esse caso de repente virou uma competição entre mim e você?

Ivarsson virou o rosto contra o sol e riu dissimulado.

— Sabe o que eu faria se fosse você? — perguntou com os olhos fechados.

— O quê? — perguntou Harry quando a pausa já estava insuportável.

— Mandaria esse terno para a lavanderia. Parece que dormiu em um aterro sanitário. — Ele levou dois dedos à testa. — Tenha um bom-dia.

Harry ficou sozinho na escada fumando enquanto seguia a trajetória torta do caixão branco sobre a calçada.

Halvorsen fez um giro brusco na cadeira quando Harry entrou.

— Que bom que chegou. Tenho boas notícias. Eu... Mas que fedor! — Halvorsen tapou o nariz com a mão e disse com a voz de previsão de tempo: — O que aconteceu com seu terno?

— Escorreguei em uma caçamba de lixo. Que notícias?

— Eh... sim, achei que a foto pudesse ser de um lugar de veraneio no sul da Noruega. Aí eu mandei um e-mail para todas as delegacias da região. E deu certo. Logo depois ligou um inspetor de Risør e disse que ele conhecia bem aquela praia. Mas sabe que mais?

— Acho que não.

— Não fica no sul, fica em Larkollen!

Halvorsen olhou para Harry com um sorriso cheio de expectativas e emendou, já que Harry não mostrou nenhuma reação:

— Quer dizer, em Østfold, perto de Moss.

— Eu sei onde fica Larkollen, Halvorsen.

— Sim, mas esse inspetor vem de...

— Acontece que os sulistas também viajam de férias. Ligou para Larkollen?

Halvorsen levou os olhos ao céu.

— Claro. Liguei para o camping e para dois lugares onde alugam cabanas. E para as únicas duas mercearias.

— Fisgou algo?

— Fisguei. — Halvorsen estava radiante. — Mandei a foto por fax, e o cara que cuida de uma das mercearias sabia bem quem era ela. Eles têm uma das cabanas mais caras da região. De vez em quando ele entrega mercadorias para eles.

— E a mulher se chama...

— Vigdis Albu.

— Albu como em *albu*?*

— É. Só há duas Albu na Noruega. Uma nasceu em 1909. A outra tem 43 anos e mora em Bjørnetrålket 12 em Slemdal junto com Arne Albu. E aqui está o número do telefone, chefe.

— Não me chame assim — disse Harry e pegou o telefone.

Halvorsen suspirou.

— Qual é? Está de mau humor?

— Estou, mas não é porque eu disse isso. Møller é chefe. Eu não sou chefe. OK?

Halvorsen ia responder, mas Harry o deteve com um gesto de mão:

— Senhora Albu?

Alguém tinha gastado muito dinheiro, muito tempo e muito espaço para construir a casa dos Albu. E muito gosto. Para Harry: muito mau gosto. Parecia que o arquiteto, se é que houve um, tentara combinar a tradição norueguesa de cabanas com o estilo fazendeiro e um toque de felicidade suburbana cor-de-rosa. Harry sentiu os pés afundarem no cascalho no caminho ao longo de um jardim bem cuidado com arbustos ornamentais e um pequeno veado de bronze que bebia de uma fonte. No topo da garagem dupla havia uma placa de cobre oval com uma bandeira azul contendo um triângulo amarelo em um triângulo preto.

Havia latido intenso de cachorros vindo dos fundos da casa. Harry subiu a escada larga entre as colunas, tocou a campainha e esperou que uma matrona negra de avental branco viesse abrir.

— Olá — ela piou na mesma hora que a porta foi aberta de um golpe. Vigdis Albu parecia ter sido trazida de um dos anúncios de fitness que Harry às vezes via na TV quando chegava em casa de madrugada. Ela tinha o mesmo sorriso branco, o cabelo descolorido tipo Barbie e o corpo escultural de socialite embrulhado em legging e top curto. E, se tivesse comprado os seios, pelo menos teve cabeça para não exagerar no tamanho.

— Harry...

— Entre! — sorriu com apenas um leve sinal de rugas em volta dos grandes olhos azuis discretamente maquiados.

Harry entrou em um amplo saguão povoado de anões folclóricos gordos e feios entalhados em madeira.

— Estou fazendo uma faxina — explicou Vigdis Albu. Mostrou o sorriso branco e enxugou com cuidado um pouco de suor com o dedo indicador para não borrar o rímel.

— Então vou tirar os sapatos — disse Harry e lembrou de imediato o furo na meia bem no dedão do pé direito.

— Não. Não estou faxinando a casa. Temos pessoas que fazem isso — disse rindo. — Mas gosto de lavar roupa. Deve haver limites para deixar estranhos mexerem nas nossas coisas íntimas, não acha?

— É verdade — murmurou Harry, tendo que dar passos largos para acompanhá-la na escada. Passaram por uma cozinha enorme antes de chegarem à sala. Atrás de duas grandes portas de correr de vidro havia um terraço espaçoso. Na parede maior tinha uma construção imponente de tijolos, um cruzamento entre a prefeitura de Oslo e um memorial funerário.

— Foi desenhado por Per Hummel para o aniversário de 40 anos de Arne — disse Vigdis.

— Per é um amigo nosso.

— É, Per desenhou uma... lareira de verdade.

— Você conhece Per Hummel, o arquiteto? A nova capela em Holmenkollen, sabe?

— Infelizmente não — respondeu Harry e estendeu-lhe a foto. — Gostaria que olhasse essa foto.

Ele ficou observando a expressão de surpresa se espalhar no seu rosto.

— Essa foto foi tirada por Arne no ano retrasado em Larkollen, local de veraneio no fiorde de Oslo. Como a conseguiu?

Harry segurou a resposta para ver se ela conseguia manter a expressão verdadeiramente sincera. Ela conseguiu.

— Encontramos no sapato de uma mulher chamada Anna Bethsen — respondeu ele.

Harry testemunhou uma reação em cadeia de pensamentos, raciocínio e sentimentos que se desenharam feito uma novela mostrada em alta velocidade no rosto de Vigdis Albu. Primeiro surpresa, depois espanto e, por fim, perplexidade. Então uma ideia súbita que primeiro foi rejeitada com um riso descrente, mas que mesmo assim não queria se desprender e aos poucos cresceu até tornar-se o despertar de uma compreensão. E no fim o rosto de súbito fechado com a legenda “deve haver limites para deixar estranhos mexerem nas nossas coisas íntimas, não acha?”.

Harry mexeu com o maço de cigarros que tirou do bolso. Um grande cinzeiro de cristal tronava no meio da mesa de centro.

— Você conhece Anna Bethsen, senhora Albu?

— Absolutamente não. Deveria?

— Não sei — respondeu Harry com sinceridade. — Está morta. Gostaria apenas de saber o que uma foto tão pessoal fazia no seu sapato. Alguma ideia?

Vigdis Albu esboçou um sorriso tolerante, mas a boca parecia não querer obedecer. Ela se contentou em balançar a cabeça energicamente de um lado para outro.

Harry esperou. Imóvel e relaxado. Da mesma forma que os sapatos haviam afundado no cascalho, sentiu o corpo afundar no sofá branco e macio. Sua experiência o ensinara que, de todos os métodos para fazer as pessoas falarem, o silêncio era o mais eficiente. Quando duas pessoas estranhas estavam frente a frente como agora, o silêncio funcionava como um vácuo que parecia sugar as palavras para fora. Por dez segundos intermináveis ficaram assim. Vigdis Albu engoliu em seco:

— Talvez a faxineira tenha visto a foto por aí aqui em casa e a levou. E deu para essa... Era Anna o nome dela?

— Isso. Importa-se se eu fumar, senhora Albu?

— Não fumamos aqui, nem meu marido nem eu... — Ela levou a mão rapidamente à trança de cabelo. — E Alexander, nosso filho mais novo, tem asma.

— Lamento. Seu marido faz o quê?

Ela o olhou enquanto seus grandes olhos azuis cresceram ainda mais.

— Digo, qual é o trabalho dele? — Harry guardou o maço de cigarros no bolso.

— Ele é investidor. Vendeu a firma há três anos.

— Que firma?

— Albu AS. Importava toalhas e tapetes de banheiro para hotéis e instituições.

— Parece que foram muitas toalhas. E tapetes.

— Temos agências em toda a Escandinávia.

— Parabéns. Aquela bandeira na garagem, seria uma bandeira de cônsul?

Vigdis Albu tinha se recomposto e tirou o elástico do cabelo. Ocorreu a Harry que ela fizera algo com seu rosto. Havia algo errado com as proporções. Quer dizer, estava certo *demais*, meio que artificialmente simétrico.

— Saint Lucy. Meu marido foi cônsul norueguês lá durante 11 anos. Tínhamos uma fábrica que confeccionava os tapetes de banheiro. E temos uma casa pequena lá. Já esteve...?

— Não.

— Uma ilha linda, maravilhosa. Alguns dos antigos moradores ainda falam francês. Impossível de entender o que falam, mas são pessoas incrivelmente charmosas.

— Francês crioulo.

— O quê?

— Apenas algo que li. Você acha que seu marido poderá saber como essa foto foi parar com a falecida?

— Não creio. Por que ele iria saber?

Harry sorriu.

— Talvez seja difícil saber por que ter uma foto de um estranho no sapato. — Ele se levantou. — Onde posso encontrá-lo, senhora Albu?

Enquanto Harry anotava o número de telefone e o endereço do escritório de Arne Albu, seu olhar foi até o sofá onde havia sentado.

— Eh... — disse ele quando viu que Vigdis Albu seguiu seu olhar. — Escorreguei numa caçamba de lixo. Eu vou...

— Não faz mal — interrompeu. — A capa vai para o tintureiro na semana que vem.

Já do lado de fora, na escada, ela perguntou a Harry se ele podia esperar e ligar para o marido depois das cinco.

— A esta hora ele já chegou em casa e não está tão ocupado.

Harry não respondeu e esperou enquanto os cantos da boca de Vigdis subiam e desciam.

— Aí ele e eu podemos... Veremos o que podemos descobrir para você.

— Obrigado, é muito gentil da sua parte, mas estou de carro e fica no meu caminho. Vou passar no trabalho dele para ver se o encontro lá.

— Está bem — disse ela com um sorriso valente.

O latido dos cachorros seguiu Harry no caminho para o carro. Virou-se no portão. Vigdis Albu ainda estava na escada na frente da casa cor-de-rosa tipo fazenda. Ela estava com a nuca inclinada e o sol brilhava no seu cabelo e nas roupas brancas de ginástica. À distância parecia um veado de bronze pequenino.

Harry não encontrou uma vaga de estacionamento, nem Arne Albu no endereço em Vika Atrium. Apenas uma recepcionista que informou que Albu alugava escritórios com três outros investidores. E que ele saía para almoçar em um “empreendimento de corretagem”.

Quando Harry saiu, o Departamento de Trânsito já conseguira colocar uma multa sob o limpador do para-brisa. Ele a levou com seu mau humor e entrou no cais de Aker, no DS Louise, que não era um navio a vapor, mas um restaurante. Ao contrário do restaurante Schrøder, serviam pratos comestíveis a fregueses que podiam pagar e cujos endereços de escritório, com um pouco de boa vontade, poderiam ser chamado de Wall Street de Oslo. Harry nunca se sentiu em casa nos cais de Aker, mas talvez fosse porque ele era um menino de Oslo e não um turista. Ele trocou algumas palavras com o garçom que apontou para uma mesa perto da janela.

— Meus senhores, desculpem ter que interromper — disse Harry.

— Ah, finalmente — exclamou um dos três na mesa e jogou o topete para trás. — O senhor diria que este vinho está à temperatura ambiente, maître?

— Eu chamo isto de vinho tinto norueguês engarrafado em garrafas de Clos des Pape — disse Harry.

Perplexo, o topete mediu Harry e seu terno escuro dos pés a cabeça.

— Estou brincando — sorriu Harry. — Sou da polícia.

A perplexidade se transformou em susto.

— Não de crimes ambientais.

O alívio virou interrogação. Harry ouviu uma risada pueril e prendeu a respiração. Ele tinha decidido como ia fazer, mas não tinha a mínima ideia do resultado.

— Arne Albu?

— Sou eu — disse aquele que estava rindo, um homem esbelto com cabelo escuro encaracolado e rugas de sorrir em torno dos olhos, sinal de que ria muito e que ele provavelmente tinha mais do que 35 como Harry primeiro tinha imaginado. — Sinto muito pelo mal-entendido — continuou, ainda com riso na voz. — Posso ajudá-lo, policial?

Harry examinou-o, tentando formar uma ideia rápida dele antes de continuar. Olhar firme. A gola da camisa era branquíssima atrás da gravata que estava firme mas não apertada demais. O fato de não ter apenas dito “sou eu”, mas acrescentado “posso ajudá-lo, policial” — com uma leve ênfase no “policial” —, indicava que ele era muito seguro de si ou tinha muita prática em fazer crer que era.

Harry se concentrou. Não no que ia falar, mas em como Albu ia reagir.

— Pode sim, Albu. Conhece Anna Bethsen?

Albu olhou para Harry com um olhar tão inocente quanto o da sua esposa e respondeu alto e claro após pensar um segundo: — Não.

O rosto de Albu não mostrou nenhum sinal que dissesse a Harry outra coisa diferente do que a boca havia dito. Não que Harry tivesse calculado que seria diferente. Fazia tempo que ele parara de acreditar no mito de que profissionais que lidam com a mentira diariamente aprendem a reconhecê-la.

Durante um processo jurídico em que um policial havia dito que “com sua experiência podia

perceber que o acusado estava mentindo”, Aune mais uma vez tinha se tornado a ferramenta da defesa quando respondeu que pesquisas mostravam que nenhum grupo profissional era melhor do que outro para detectar uma mentira — uma faxineira era tão boa quanto um psicólogo ou um policial. Quer dizer, igualmente ruim. Os únicos que ganharam notas melhores do que a média nas pesquisas foram os agentes da Polícia Secreta. Mas Harry não era agente da Polícia Secreta.

Ele era um cara de Oppsal que tinha pouco tempo, estava de mau humor e neste instante mostrava uma péssima capacidade de discernimento. Confrontar um homem — na presença de outros —, com fatos possivelmente comprometedores sem que houvesse suspeita de algo, era, para começar, pouco produtivo. Também não era o que se poderia chamar de jogo limpo. Por isso Harry sabia que não deveria fazer o que fez:

— Alguma ideia de quem poderia ter dado esta foto para ela?

Todos os três homens olharam a foto que Harry colocou na mesa.

— Não faço ideia — disse Albu. — Minha esposa? Um dos filhos, talvez?

— Ahm. — Harry procurou alterações nas pupilas, sinais de pulsação mais rápida como suor ou rubor.

— Não sei do que se trata, policial, mas já que se deu o trabalho de vir até aqui, imagino que não seja por uma bobagem. Por isso, talvez possamos tratar do assunto a sós depois que eu e o Banco Econômico terminarmos. Se quiser esperar, posso pedir ao garçom para encontrar uma mesa no setor de fumantes.

Harry não conseguiu determinar se o sorriso de Albu era zombeteiro ou simplesmente gentil. Nem isso.

— Não tenho tempo — disse Harry. — Se a gente pudesse se sentar...

— Receio que também não tenha tempo — interrompeu Albu com uma voz calma, mas determinada. — Estou no meu horário de trabalho, é melhor falarmos à tarde. Se ainda acha que posso ser de alguma ajuda.

Harry engoliu em seco. Ele estava impotente e viu que Albu também percebeu.

— Faremos isso, então — disse Harry e ouviu como soou irresoluto.

— Obrigado, policial. — Albu balançou a cabeça sorrindo para Harry. — E provavelmente você tem razão a respeito desse vinho. — Ele se virou para o Banco Econômico. — Você falou do Opticom, Stein?

Harry pegou a foto e percebeu o sorriso mal disfarçado do corretor com o topete antes de deixar o restaurante.

Harry acendeu um cigarro na beira dos cais, mas não gostou e, irritado, jogou-o fora. O sol brilhava em uma janela no forte de Akershus e o mar estava tão calmo que parecia ter uma fina camada de gelo por cima. Por que tinha feito aquilo? Por que tinha feito essa tentativa kamikaze de humilhar um homem que ele não conhecia? Só para ser tratado com luvas de pelica e posto porta afora.

Ele virou o rosto para o sol, fechou os olhos e pensou que talvez fizesse alguma coisa inteligente hoje para variar. Como esquecer tudo. Porque nada fazia sentido, era só o caos normal das coisas e a incompreensibilidade. O sino da prefeitura começou a tocar.

Harry ainda não sabia que Møller tinha razão, que era o último dia quente do ano.

Nota

* *Albu*: cotovelo, em norueguês. (*N. da T.*)

Namco G-Con 45



Corajoso Oleg.

— Vai dar certo — tinha dito ao telefone. Repetidas vezes, como se tivesse um plano secreto. — A mamãe e eu vamos voltar logo.

Harry estava em frente à janela da sala e olhou o céu por cima do telhado do outro lado do pátio onde o sol do anoitecer tingia de vermelho e laranja a parte inferior de uma camada de nuvens finas e amarrotadas. No caminho para casa, a temperatura havia caído depressa e sem explicação, como se alguém abrisse uma porta invisível e todo o calor fosse sugado para fora. No apartamento, o frio já estava começando a subir por entre as tábuas do piso. Onde estavam as pantufas? No sótão ou no porão? Ele tinha pantufas? Não se lembrava de mais nada. Por sorte tinha anotado o nome daquela coisa do Playstation que ele havia prometido comprar para Oleg se ele conseguisse bater o recorde de Harry em Tetris no gameboy. Namco G-Con 45.

Atrás dele zunia o noticiário na tela de 14 polegadas. Uma *performance* de gala dos artistas em benefício das vítimas. Julia Roberts mostrava sua compaixão e Sylvester Stallone recebia ligações dos doadores. E a hora da retaliação havia chegado. As fotos mostravam montanhas sendo pesadamente bombardeadas. Colunas de fumaça preta subindo das rochas. E nada crescia naquela paisagem desértica. O telefone tocou.

Era Weber. Na delegacia de polícia, Weber era considerado um resmungão teimoso e com quem era difícil trabalhar. Harry achava o contrário. Só precisava saber que ele seria intratável se as pessoas fossem petulantes ou enchessem o saco.

— Sei que anda esperando notícias — disse Weber. — Não achamos nenhuma pista de DNA na garrafa, mas tinha um belo par de impressões digitais.

— Ótimo. Tinha medo de que pudessem estar estragadas mesmo tendo ficado em um saco.

— Sorte que era uma garrafa de vidro. Em uma garrafa de plástico, a gordura da impressão é absorvida depois de alguns dias.

Harry ouviu o som do lambuzar ao fundo.

— Ainda está no trabalho, Weber?

— Estou.

— Quando vai checar as impressões no banco de dados?

— Está me enchendo o saco? — grunhiu o velho investigador desconfiado.

— Em absoluto. Tenho todo o tempo do mundo, Weber.

— Amanhã. Não sou nenhum perito nessas coisas de computador, e os rapazes já foram para casa.

— E você?

— Só vou checar as impressões contra alguns possíveis candidatos da maneira antiga. Durma bem, Hole. A polícia está de olho.

Harry desligou, foi para o quarto e ligou o computador. A musiqueta cheia de otimismo futurista da Microsoft afogou por um momento a retórica americana de retaliação vinda da sala. Procurou o vídeo do assalto na rua da igreja. Reproduziu o filminho idiota repetidas vezes, sem ficar especialmente mais esperto ou estúpido. Clicou no ícone do e-mail. A ampulheta e a mensagem “recebendo 1 de 1 mensagem” apareceu. O telefone tocou novamente no corredor. Harry olhou para o relógio antes de tirar o fone do gancho e disse um “oi” com a voz macia, reservada para Rakel.

— Arne Albu. Desculpe por ligar para sua casa à noite, mas a minha esposa me deu o seu nome e pensei que a gente podia tirar esse assunto do caminho. Pode ser?

— Claro — disse Harry meio acanhado, já com a voz normal.

— Falei então com minha esposa, e nenhum de nós conhece esta mulher ou sabe como ela pode ter conseguido a foto. Mas foi revelada em um laboratório, e talvez alguém que trabalhe lá tenha levado uma cópia. E como existem várias pessoas entrando e saindo da nossa casa, pode haver muitas, *muitas*, explicações possíveis.

— Ahm. — Harry notou que a voz de Arne Albu não tinha a mesma calma e segurança que aparentou mais cedo. E depois de alguns segundos de silêncio gritante, foi Albu que continuou:

— Caso deseje falar mais sobre isso, gostaria que me procurasse no meu escritório. Acho que minha esposa lhe deu o telefone de lá.

— Entendi que você não gosta de ser perturbado no horário de trabalho, Albu.

— Só quero... minha esposa fica muito estressada. Uma mulher morta com uma foto em um sapato, meu Deus! Gostaria que tratasse disso diretamente comigo.

— Entendo. Mas a foto é dela e das crianças.

— Ela não sabe nada sobre isso, acredite! — E emendou como se estivesse arrependido pelo tom de voz irascível: — Prometo averiguar todas as possibilidades que possa imaginar para saber como isso veio acontecer.

— Agradeço a oferta, mas ainda preciso me reservar o direito de falar com aquelas pessoas que considero apropriado. — Harry ouviu a respiração de Albu antes de emendar: — Espero que compreenda.

— Escute aqui...

— E receio que isso não esteja em discussão, Albu. Vou entrar em contato com você ou sua esposa caso precise saber de mais alguma coisa.

— Espere! Você não está entendendo. Minha esposa fica... muito perturbada.

— Tem razão, não estou entendendo. Ela está doente?

— Doente? — disse Albu com surpresa na voz. — Não, mas...

— Então sugiro que terminemos essa conversa agora mesmo. — Harry se olhou no espelho. — Não estou no meu horário de trabalho. Boa-noite, Albu.

Ele desligou e se olhou de novo no espelho. Já havia sumido o sorrisinho. A malícia satisfeita. A pequenez. A hipocrisia. O sadismo. As quatro partes da vingança. Mas havia mais alguma coisa. Algo que não fazia sentido, algo que faltava. Ele estudou a sua imagem no espelho. Talvez fosse só o ângulo da luz.

Harry se sentou em frente ao computador enquanto pensava que tinha que lembrar de mencionar para Aune, que colecionava coisas assim, aquelas quatro partes da vingança. O e-mail que recebeu fora enviado de um endereço que ele não tinha visto antes: furie@bolde.com. Ele clicou para abrir.

E foi enquanto estava sentado assim que o frio penetrou no corpo de Harry Hole para valer naquele ano.

Aconteceu quando ele estava lendo na tela. Os pelos da nuca ficaram em pé e a pele apertou o corpo como uma peça de roupa que houvesse encolhido.

Vamos jogar? Imagine que você tenha jantado com uma mulher e no dia seguinte ela tenha sido encontrada morta. O que você faz?

S2MN

O telefone zuniu reclamando. Harry sabia que era Rakel. Ele deixou tocar.

Lágrimas das Arábias



Halvorsen ficou bastante surpreso ao ver Harry quando abriu a porta do escritório.

— Já a postos? Sabe que são apenas...

— Não consegui dormir — murmurou Harry, que estava com os braços cruzados olhando a tela do computador. — Como são lentas essas merdas de máquinas.

Halvorsen olhou por cima do ombro.

— Depende da velocidade de transferência de dados quando faz buscas na internet. Agora usamos uma linha normal de telefone, mas sorria, daqui a pouco teremos banda larga. Busca algum artigo no *Jornal do Comércio*?

— Eh... De fato.

— Arne Albu? Chegou a falar com Vigdis Albu?

— Falei com ela.

— O que é que eles têm a ver com o assalto ao banco?

Harry não levantou o olhar. Ele não disse que tinha a ver com o assalto, mas também não disse outra coisa, então era natural que o colega pensasse assim. Harry escapou da resposta, pois, no mesmo instante, o rosto de Arne Albu encheu a tela na frente deles. Em cima do nó da gravata apertado, imperava o sorriso mais largo que Harry havia visto. Halvorsen deu estalos com a língua e leu em voz alta:

— Trinta milhões para a companhia da família. Hoje Arne Albu pode colocar trinta milhões de coroas na sua conta bancária depois que a rede de hotéis Choice adquiriu ontem todas as ações da Albu AS. Arne Albu diz que é o desejo de ficar mais tempo junto à família o motivo principal para ele vender a empresa bem-sucedida. “Gostaria de ver meus filhos crescerem”, diz Albu em um comentário. “A família é o meu investimento mais importante.”

Harry apertou o botão de imprimir.

— Não vai ler o restante do artigo?

— Não, só quero a foto — respondeu Harry.

— Trinta milhões no banco, e agora começou a assaltá-los também?

— Vou explicar depois — disse Harry e se levantou. — Enquanto isso gostaria de saber se você pode me explicar como encontrar um remetente de um e-mail.

— O endereço está no e-mail recebido.

— E posso encontrar a pessoa na lista telefônica, por acaso?

— Não, mas pode saber de que servidor foi enviado. Dá para ver no endereço. E os donos do servidor têm a lista de quem assina quais endereços. Bem simples. Recebeu algum e-mail interessante?

Harry negou com a cabeça.

— Dê-me o endereço, e vou descobrir de onde veio num piscar de olhos — disse Halvorsen.

— Já ouviu falar de um endereço de e-mail que se chama bolde ponto-com?

— Não, mas vou verificar. Como é o resto do endereço?

Harry hesitou.

— Não me lembro — disse.

Harry pediu um carro na garagem e passou devagar pelo bairro de Grønland. Um vento gelado levantava as folhas secas pelo sol do dia anterior ao longo da calçada. As pessoas estavam com as mãos enfiadas nos bolsos e as cabeças afundadas entre os ombros.

Na Pilestredet, Harry se posicionou atrás de um bonde e encontrou no rádio a estação nacional Sempre Notícias. Eles nem mencionaram o caso Stine. Receavam que milhares de crianças refugiadas morressem durante o inverno rigoroso no Afeganistão. Um soldado americano foi assassinado. Havia uma entrevista com a família. Queriam vingança. Na altura das pistas de corrida em Bislett, a rua estava interditada, mas havia um desvio.

— Sim? — Uma sílaba no interfone foi suficiente para ouvir que Astrid Monsen estava seriamente resfriada.

— Harry Hole. Gostaria de fazer algumas perguntas. Tem um tempinho?

Ela fungou duas vezes antes de responder:

— Sobre o quê?

— Gostaria de não falar disso aqui fora.

Ela fungou mais duas vezes.

— Seria muito inconveniente? — perguntou Harry.

Um zumbido soou no portão, Harry o empurrou e entrou.

Astrid Monsen estava no corredor com um xale sobre os ombros e os braços cruzados quando Harry subiu as escadas.

— Vi você no enterro — disse Harry.

— Achei que pelo menos um dos vizinhos devia aparecer.

Parecia que falava através de um megafone.

— Será que você reconhece esta pessoa?

Hesitante, pegou a fotografia amassada.

— Qual delas?

— Na verdade, qualquer um. — A voz de Harry ecoou no corredor.

Astrid Monsen olhou para a foto. Longamente.

— Então?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Tem certeza?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Sabia se Anna tinha algum namorado?

— Um?

Harry respirou fundo.

— Quer dizer que havia vários?

Ela encolheu os ombros.

— Aqui se escuta tudo. Digamos que a escada seja barulhenta.

— Algo sério?

— Como posso saber?

Harry esperou. Ela não aguentou por muito tempo:

— Tinha um nome colado ao lado do dela na caixa de correios neste verão. Mas, se era sério, não sei dizer...

— Não?

— Parecia ser a escrita dela. Apenas “Eriksen”. — Os lábios finos dela esboçaram um sorriso.

— Talvez ele tenha esquecido de falar o primeiro nome. De qualquer maneira, o papel sumiu depois de uma semana.

Harry olhou sobre a grade da escada. Era uma escada bem íngreme.

— Uma semana pode ser melhor que nenhuma semana, não é?

— Para alguns, talvez — disse ela e colocou a mão na maçaneta. — Preciso ir. Ouvi que recebi um e-mail.

— Ele não vai desaparecer.

Ela foi atacada por uma série de espirros.

— Preciso responder — disse com olhos cheios de lágrimas. — É o escritor. Estamos discutindo a tradução.

— Então serei breve — disse Harry. — Gostaria que olhasse esta também.

Ele estendeu uma folha de papel. Ela pegou, deu uma olhada e olhou desconfiada para Harry.

— Apenas olhe a foto — disse Harry. — Use o tempo que for necessário.

— Não será preciso — respondeu e devolveu a folha de papel.

Harry levou apenas 10 minutos para ir da delegacia de polícia até Kjølleberggata 21A. O

pequeno prédio de tijolos gastos já servira de curtume, oficina tipográfica, ferraria e com certeza algumas outras coisas. Uma lembrança de que outrora houve indústria em Oslo. Agora servia para o Departamento Criminal. Apesar da iluminação e dos interiores modernos, o prédio ainda tinha um toque industrial. Harry encontrou Weber em uma das salas amplas e frias.

— Merda — disse Harry. — Tem certeza?

Weber mostrou um sorriso cansado.

— As impressões na garrafa são tão boas que, se estivessem no nosso arquivo, o computador ia conseguir encontrar de quem são. É claro que podíamos procurar manualmente para termos 110 por cento de certeza, mas levaria semanas e não iríamos encontrar nada. Isso é certo.

— Que pena — disse Harry. — Tinha tanta certeza que a gente o pegaria agora. Para mim, a probabilidade de um cara assim nunca ter sido preso era microscópica.

— O fato de a gente não o ter nos arquivos só quer dizer que temos que procurar fora daqui. Mas agora há pelo menos uma pista concreta. Estas impressões digitais e a fibra de tecido da rua da igreja. Se você encontrar o homem, temos provas conclusivas. Helgesen!

Um homem jovem que estava passando estacou.

— Recebi aquele gorro do rio Aker em um saco que não estava lacrado — grunhiu Weber. — Isso aqui não é a zona, não, entendeu?

Helgesen assentiu com um meneio de cabeça e lançou um olhar eloquente para Harry.

— Tem que aceitar como um homem — disse Weber virando para Harry. — Pelo menos não teve que passar pelo que Ivarsson passou hoje.

— Ivarsson?

— Quer dizer que não está sabendo o que houve no Kulverten hoje?

Harry negou com a cabeça e Weber deu uma risadinha esfregando as mãos.

— Então vai ouvir uma bela história, Hole.

O relato de Weber era parecido com os relatórios que escrevia. Frases curtas rudemente lavradas que esboçavam o curso dos eventos sem descrições pitorescas de sentimentos, tom de voz ou expressões faciais. Mas Harry não tinha nenhum problema para preencher os campos vazios. Ele imaginou Rune Ivarsson e Weber entrando em uma das salas de visita na ala A e escutando a porta ser trancada atrás deles. As duas salas estavam perto da recepção e eram usadas para visitas familiares. Os presos podiam, por algum tempo, ficar em paz com seus entes queridos em uma sala onde haviam feito até uma tentativa de deixar o ambiente um pouco mais agradável — móveis simples, flores de plástico e duas aquarelas desbotadas nas paredes.

Raskol se levantou quando os dois entraram. Ele tinha um livro grosso debaixo do braço, e na mesa baixinha à sua frente tinha um tabuleiro de xadrez onde havia posto as peças. Ele não disse nada, apenas olhou para os dois com sofridos olhos castanhos. Vestia uma camisa comprida que ia quase até os joelhos. Ivarsson parecia desconfortável e com uma voz brusca

pediu ao cigano alto e magro que se sentasse. Raskol obedeceu à ordem com um leve sorriso.

Ivarsson havia levado Weber em vez de um dos policiais mais novos do grupo de investigação porque achava que ele, como raposa velha, poderia ajudá-lo a “sacar Raskol”, como havia se expressado. Weber empurrou uma cadeira para a porta e tirou um bloco de anotações enquanto Ivarsson se sentou em frente ao prisioneiro famigerado.

— Pois não, inspetor Ivarsson — disse Raskol e mostrou com a palma da mão que ele estava esperando o policial abrir a partida de xadrez.

— Viemos para obter informações, não para brincar — disse Ivarsson e espalhou fotos do assalto na rua Bogstad sobre a mesa. — Queremos saber quem é este homem.

Raskol pegou as fotos, uma a uma, e estudou-as com seguidos “ahm” em voz alta.

— Posso pegar uma caneta emprestada? — pediu ele depois de ter olhado todas as fotos. Weber e Ivarsson trocaram olhares.

— Pega a minha — disse Weber, estendendo-lhe a caneta-tinteiro.

— Prefiro uma do tipo comum — disse Raskol sem tirar o olhar de Ivarsson.

O inspetor-chefe deu de ombros, tirou uma caneta de dentro do bolso e deu para Raskol.

— Primeiro, vou contar um pouco sobre o princípio por trás de ampolas de tinta — disse Raskol enquanto começou a desmontar a caneta branca de Ivarsson, que por acaso tinha a logo do Banco DnB. — Como vocês sabem, os banqueiros sempre tentam colocar uma ampola de tinta com o dinheiro caso sejam assaltados. Algumas ampolas de tinta são acopladas a um transmissor que é ativado na hora em que são movidas ou, por exemplo, quando colocados em uma bolsa. Outros são ativados na hora de passar por um portal que pode estar em cima da porta do banco. A ampola de tinta pode ter um microtransmissor acoplado a um receptor que dispara quando estiver a certa distância do receptor, a cem metros, por exemplo. Outras explodem um tempo depois de ativadas. A ampola pode ter todo tipo de formato, mas deve ser tão pequena que possa ser escondida entre as notas de dinheiro. Algumas são tão pequenas quanto isto. — Raskol mostrou o polegar a dois centímetros de distância do dedo indicador. — A explosão é inofensiva para o assaltante. É a cor, a tinta que é o problema.

Ele levantou o cartucho de tinta da caneta.

— Meu avô era tinteiro. Ele me ensinou que antigamente usava-se goma arábica para fazer tinta ferrogálica. A goma vem da árvore da acácia e é também chamada de “lágrimas da Arábia”, pois vem escorrendo devagar em gotas amarelas desse tamanho.

Ele fez um círculo com o polegar e o dedo indicador no tamanho de uma noz.

— A ideia da goma é de dar consistência e fazer com que a tinta não flua demais. É o que o sal de ferro faz. Além disso, precisa-se de um solvente. Antigamente recomendava-se água da chuva ou vinho branco. Ou vinagre. Meu avô disse que era bom misturar vinagre na tinta ao escrever para um inimigo, e vinho ao escrever para um amigo.

Ivarsson pigarreou, mas Raskol continuou imperturbado.

— No início, a tinta era invisível. Era o encontro com o papel que fazia com que se tornasse visível. Na ampola existe pó de tinta vermelha, que reage quimicamente quando entra em contato com o papel das notas de dinheiro e faz com que não possa ser removida. O dinheiro fica para sempre marcado como dinheiro roubado.

— Eu sei como funciona uma ampola de tinta — disse Ivarsson. — Mas gostaria de saber...

— Paciência, caro inspetor. O que é fascinante nessa tecnologia é a sua simplicidade. Tão simples que eu mesmo poderia fazer uma ampola, colocar em qualquer lugar e fazer explodir a determinada distância do receptor. Todo o equipamento de que preciso caberia em uma marmita.

Weber havia parado de anotar.

— Mas o princípio da ampola de tinta não está na sua tecnologia, inspetor-chefe Ivarsson. O princípio está na delação. — O rosto de Raskol se iluminou com um largo sorriso. — A tinta também se prende nas roupas e na pele do assaltante. E a tinta é tão poderosa que, se já estiver na sua mão, não dá para remover. Pôncio Pilatos e Judas, não é? Sangue nas mãos. Dinheiro para pagar um assassino. A angústia do juiz. A punição do delator.

Raskol deixou cair o cartucho de tinta no chão atrás da mesa e, enquanto se agachou para pegá-lo, Ivarsson sinalizou para Weber que ele queria o bloco de anotações.

— Quero que anote o nome da pessoa nestas fotos — disse Ivarsson e colocou o bloco na mesa. — Como disse, não estamos aqui para brincar.

— Brincar, não — disse Raskol e montou a caneta. — Prometi que ia dar o nome do homem que levou o dinheiro, não foi?

— É, foi este o acordo — disse Ivarsson e se inclinou ansioso para a frente quando Raskol começou a escrever.

— Nós, *xoraxanos*, sabemos o que é um acordo — disse. — Aqui estou escrevendo não apenas o nome dele, mas também o nome da prostituta que visita regularmente e que ele contatou para quebrar o joelho de um jovem que recentemente partiu o coração da sua filha. Mas a pessoa recusou o trabalho.

— Eh... Ótimo. — Ivarsson se virou rápido para Weber e sorriu cheio de júbilo.

— Aqui. — Raskol estendeu o bloco e a caneta para Ivarsson, que leu com pressa. O sorriso jubiloso se apagou.

— Mas... — gaguejou. — Helge Klementsén. É o gerente da filial. — Um pensamento iluminado. — Ele está envolvido?

— Até o pescoço — respondeu Raskol. — Foi ele que pegou o dinheiro, não foi?

— E colocou na bolsa do assaltante — grunhiu Weber baixinho de perto da porta.

A expressão do rosto de Ivarsson se alterou devagar, de interrogativa a irada.

— Que tolice é essa? Você prometeu me ajudar.

Raskol estudou a unha comprida e afiada no dedinho mínimo direito. Depois balançou a cabeça para cima e para baixo, sério, se inclinou por cima da mesa e sinalizou para Ivarsson se aproximar.

— Tem razão — disse. — Aqui tem a ajuda. Aprenda do que se trata a vida. Sente-se e estude. Não é fácil encontrar as coisas que perdemos, mas é possível. — Ele bateu no ombro de Ivarsson, se sentou, cruzou os braços e acenou para o tabuleiro de xadrez. — Seu lance, inspetor.

Ivarsson espumava de raiva quando ele e Weber atravessaram o corredor subterrâneo de uns trezentos metros que ligava a prisão à delegacia.

— Eu confiei na raça que inventou a mentira! — cuspia Ivarsson. — Eu confiei em um merda de um cigano! — Ecoava entre as paredes de tijolos. Weber se apressou, queria sair daquele túnel frio e úmido. O corredor era usado para levar prisioneiros para interrogatórios na delegacia, e havia muitos rumores sobre coisas que tinham acontecido lá.

Ivarsson fechou melhor a jaqueta e andava a passos largos.

— Me prometa uma coisa, Weber. Que não vai dizer nada disso para ninguém. Está bem?

Ele se virou para Weber com uma sobrancelha levantada.

— Então?

A resposta à pergunta do inspetor era de alguma forma afirmativa, já que foi neste exato momento que alcançaram o ponto no corredor subterrâneo onde as paredes eram pintadas de laranja. Weber escutou um pequeno “poff”. Ivarsson soltou um grito, caiu de joelhos em uma poça de água e levou a mão ao peito.

Weber se virou e olhou para cima e para baixo no túnel. Ninguém. Voltou-se para o inspetor, que olhou pasmado para sua mão tingida de vermelho.

— Estou sangrando — gemeu. — Estou morrendo.

Weber podia ver os olhos de Ivarsson crescerem.

— O que foi? — Ivarsson perguntou com ansiedade na voz ao ver a expressão embasbacada de Weber.

— Você precisa ir a um tintureiro — disse Weber.

Ivarsson olhou para baixo. A cor vermelha havia se espalhado na frente da camisa inteira e em partes da jaqueta verde-limão.

— Tinta vermelha — disse Weber.

Ivarsson catou os restos da caneta do DnB. A microexplosão cortara a caneta ao meio. Ele ficou sentado com os olhos fechados até recuperar o fôlego. Olhou então para Weber.

— Sabe qual foi o maior pecado de Hitler? — perguntou e estendeu a mão limpa. Weber o ajudou a ficar de pé. Ivarsson olhou para o lado do corredor de onde vieram. — Não ter feito um trabalho melhor com os ciganos.

— Nenhuma palavra sobre isso para ninguém — imitou Weber entre risos. — Ivarsson foi direto para a garagem, pegou o carro e foi para casa. A tinta vai ficar na sua pele por pelo menos três dias.

Harry balançou a cabeça, incrédulo.

— E o que fizeram com Raskol?

Weber encolheu os ombros.

— Ivarsson disse que ia cuidar para que ficasse na solitária. Mas não acho que vai ajudar grande coisa. Aquele cara é... Diferente. A propósito, pensando em diferente, como estão indo, você e Beate? Têm mais alguma coisa além dessas impressões digitais?

Harry balançou a cabeça negando.

— Aquela menina é especial — disse Weber. — Vejo o pai dela no jeito da garota. Ela pode ser boa.

— É verdade. Você conheceu o pai?

Weber assentiu com a cabeça.

— Cara legal. Leal. Uma pena o que aconteceu.

— Estranho que um policial tão experiente tenha cometido um erro destes.

— Não acho que foi um erro — disse Weber ao colocar a xícara de café na pia.

— Não?

Weber murmurou.

— O que você está dizendo, Weber?

— Nada — grunhiu. — Ele deve ter tido um motivo, é tudo o que estou dizendo.

— Pode até ser que “bolde.com” seja um servidor — disse Halvorsen. — Só estou dizendo que não está registrado em nenhum lugar. Mas pode, por exemplo, estar em um porão de Kiev ou ter assinantes anônimos que enviam pornografia especial um para o outro, como vou saber? Aqueles que não querem ser encontrados naquele mato não o serão por nós, pobres mortais. É preciso arrumar um cão de caça, um verdadeiro perito.

A batida na porta foi tão leve que Harry não ouviu, mas Halvorsen gritou:

— Entre.

A porta foi aberta com cuidado.

— Olá — disse Halvorsen e sorriu. — Beate, não é?

Ela afirmou com um balanço de cabeça e olhou para Harry.

— Tentei te localizar. Aquele número do seu celular na lista telefônica...

— Ele perdeu o celular — disse Halvorsen e se levantou. — Fica à vontade. Vou fazer um espresso Halvorsen.

Ela hesitou.

— Obrigada, mas tem algo que gostaria de mostrar para você na Casa da Dor, Harry. Tem tempo?

— Todo o tempo do mundo — disse Harry e se inclinou para trás na cadeira. — Weber só tinha notícias ruins. As impressões digitais não estão no registro. E Raskol pregou uma peça em Ivarsson hoje.

— Isso é uma notícia ruim? — Beate deixou escapar e, alarmada, colocou a mão sobre a boca. Harry e Halvorsen riram.

— Seja bem-vinda se quiser voltar, Beate — disse Halvorsen antes de ela e Harry saírem. Ele não teve resposta, apenas um olhar inquisidor de Harry que o deixou um pouco acanhado no meio do escritório.

Harry notou um cobertor desarrumado no sofá da Ikea no canto da Casa da Dor.

— Dormiu aqui esta noite?

— Só um pouquinho — disse ela e ligou o vídeo. — Observe o Magarefe e Stine Grette nesta imagem.

Ela apontou para a tela onde estava a imagem congelada do assaltante e de Stine que se inclinava para ele. Harry sentiu o pelo da nuca se eriçar.

— Tem alguma coisa nessa imagem — disse ela. — Não tem?

Harry olhou o assaltante. Depois Stine. E sabia que tinha sido por causa daquela imagem que assistira ao vídeo inúmeras vezes, à procura de algo que estava lá o tempo todo, mas que insistia em escapar. E ainda escapava.

— O que é? — perguntou. — O que está vendo que eu não vejo?

— Tente.

— Já tentei.

— Segure a imagem na retina, feche os olhos e tente sentir.

— Sinceramente...

— Vamos, Harry. — Ela sorriu. — Investigação é isso, não é?

Ele olhou levemente surpreso para ela. Depois deu de ombros e fez como queria.

— O que está vendo, Harry?

— A parte interna das minhas pálpebras.

— Concentre-se. O que está destoando?

— Tem algo nele e nela. Algo com... a postura deles.

— Bom. O que tem a postura deles?

— Estão... Sei lá, tem algo de errado.

— Como errado?

Harry ficou com o mesmo sentimento de naufrágio que sentira na casa de Vigdis Albu. Ele viu Stine sentada, inclinada para a frente. Como para ouvir as palavras do assaltante. E o assaltante olhava através dos furos do gorro, direto para a pessoa que ele em instantes ia matar. O que pensava? E o que ela pensava? Estaria ela tentando neste instante congelado descobrir quem ele era, este homem por baixo do gorro?

— Como errado? — repetiu Beate.

— Eles... Estão perto demais um do outro.

— Bravo, Harry!

Ele abriu os olhos. Viu faíscas e fragmentos parecidos com amebas flutuantes atravessarem o campo de visão dele.

— Bravo? — murmurou. — O que quer dizer?

— Consegui pôr em palavras aquilo que estávamos vendo o tempo todo. É isso mesmo, Harry. Estão perto demais.

— Sim, ouvi que eu disse isso. Mas perto demais em relação a quê?

— Em relação à distância entre duas pessoas que nunca se encontraram antes.

— É?

— Já ouviu falar de Edward Hall?

— Não muito.

— Antropólogo. Ele foi a primeira pessoa a mostrar a relação entre a distância entre

pessoas conversando e a relação entre elas. É bastante concreto.

— Vá em frente.

— A distância social entre pessoas que não se conhecem é de um a três metros e meio. É esta a distância que queremos manter se a situação permitir. Olhe as pessoas em filas de ônibus e em banheiros. Em Tóquio, as pessoas se sentem confortáveis ficando um pouco mais perto, mas a variação de uma cultura para outra é de fato bem pequena.

— Mas ele não poderia sussurrar para ela a mais de um metro.

— Não, mas teria conseguido com facilidade se estivesse dentro do que a gente chama de distância pessoal, que é de um metro a 45 centímetros. É esta a distância que as pessoas mantêm com amigos ou os chamados conhecidos. Mas como você pôde ver, o Magarefe e Stine ultrapassam este limite. Medi a distância: é de vinte centímetros. Isso quer dizer que eles estão bem dentro do limite da intimidade. Assim, ficam tão perto que não dá para manter o foco no rosto da outra pessoa ou evitar sentir o cheiro e o calor do corpo um do outro. É uma distância relacionada a namorados e família próxima.

— Ahm — disse Harry. — Estou impressionado com seu conhecimento, mas estas são duas pessoas em uma situação muito dramática.

— Mas é isso que é tão fascinante! — exclamou Beate e segurou nos braços da cadeira como que para não decolar. — Se não precisam, as pessoas não querem ultrapassar os limites descritos por Edward Hall. E Stine Grette e o Magarefe não *precisavam*.

Harry esfregou o queixo.

— OK. Vamos seguir esse pensamento.

— Eu acho que o Magarefe conhecia Stine Grette — disse Beate. — E muito bem.

— Muito bem. — Harry colocou o rosto nas mãos e falou por entre os dedos. — Então Stine conhecia um assaltante profissional que executa um assalto perfeito antes de matá-la. Você sabe aonde esse tipo de raciocínio nos leva, não sabe?

Beate balançou a cabeça, afirmativamente.

— Vou ver o que podemos encontrar sobre Stine Grette agora mesmo.

— Ótimo. Depois levaremos um papo com uma pessoa que esteve muito dentro do limite de intimidade dela.

Um dia maravilhoso



— Este lugar me dá arrepios — disse Beate.

— Eles tinham um paciente famoso aqui chamado Arnold Juklerød — disse Harry. — Ele disse que este era o cérebro do animal psiquiátrico doente. E aí? Não achou nada sobre Stine Grette?

— Não. Conduta impecável. E sua conta bancária não indica problemas econômicos. Nenhum uso exagerado de cartões em lojas de roupas ou restaurantes. Nenhum pagamento para o jôquei clube ou outros sintomas de jogos de azar. O mais extravagante que achei foi uma viagem a São Paulo no verão.

— E seu marido?

— A mesma coisa. Sólido e equilibrado.

Passaram sob o portal do hospital de Gaustad e chegaram a um pátio entre os grandes prédios de tijolos vermelhos.

— Parece uma prisão — disse Beate.

— Heinrich Schirmer — disse Harry. — Arquiteto alemão do século XIX. O mesmo homem que desenhou a prisão Botsen.

Um enfermeiro veio buscá-los na recepção. Tinha o cabelo tingido de preto e parecia que tocava em uma banda ou trabalhava com design. O que de fato fazia.

— Na maior parte do tempo, Grette tem ficado quieto olhando pela janela — disse ele enquanto deslizavam pelo corredor para o setor G2.

— Ele consegue falar? — perguntou Harry.

— Consegue, está falando bem... — O enfermeiro pagara seiscentas coroas para conseguir fazer o topete parecer exatamente tão desleixado, e agora mexia em um dos tufo e olhava para Harry de soslaio através de um par de óculos com armação pesada, dando a ele uma aparência de um nerd, de uma maneira tão correta que fazia aqueles que deviam sacar disso entenderem que ele não era nerd, mas descolado.

— O meu colega se pergunta se Grette está bem o bastante para falar sobre sua esposa? — explicou Beate.

— Podem tentar — respondeu o enfermeiro e ajeitou um tufo de cabelo em frente aos óculos de novo. — Se voltar a ficar psicótico, não está pronto.

Harry não perguntou como saberia se uma pessoa está psicótica. Chegaram ao fim do corredor e o enfermeiro destrancou uma portinhola.

— Ele precisa ficar trancado? — perguntou Beate e deu uma olhada na sala de estar iluminada.

— Não — disse o enfermeiro sem dar melhores explicações e apontou para as costas de roupão azul em uma cadeira que estava perto da janela.

— Estarei no escritório à esquerda no corredor quando terminarem.

Eles se aproximaram do homem na cadeira. Ele olhava pela janela, e a única coisa que se mexia era a sua mão direita, que, devagar, levava uma caneta a um bloco de desenho, de maneira intermitente e mecânica, como uma garra de robô.

— Trond Grette? — perguntou Harry.

Harry não reconheceu a pessoa que se virou. Grette tinha raspado todo o cabelo, o rosto parecia mais magro e a expressão de loucura nos olhos da noite na quadra de tênis havia sido substituída por um olhar calmo, vazio e distante, que parecia olhar através deles. Harry já tinha visto isso antes. Era assim que ficavam após as primeiras semanas atrás das grades quando cumpriam pena pela primeira vez. E Harry sabia instintivamente que era o que o homem na cadeira fazia. Cumpria pena.

— Somos da polícia — disse Harry.

Grette moveu o olhar na sua direção.

— É sobre o assalto ao banco e sua esposa.

Grette cerrou os olhos como se precisasse se concentrar para entender o que Harry estava falando.

— Será que podemos fazer algumas perguntas? — perguntou Beate com voz alta.

Grette balançou a cabeça devagar. Beate puxou uma cadeira e se sentou.

— Pode falar sobre ela? — perguntou.

— Falar? — A voz rangeu como uma porta enferrujada.

— Sim — disse Beate e sorriu gentilmente. — A gente gostaria de saber quem Stine era. O que ela fazia. Do que ela gostava. Que planos vocês tinham. Coisas assim.

— Coisas assim? — Grette olhou para Beate. Depois soltou a caneta. — Íamos ter filhos. Esse era o plano. Proveta. Ela tinha esperança de que seriam gêmeos. Dois mais dois, ela sempre dizia. Dois mais dois. A gente ia começar agora. Por esses dias.

Estava com lágrimas nos olhos.

— Por esses dias?

— Hoje, eu acho. Ou amanhã. Que dia é hoje?

— Dia 17 — disse Harry. — Vocês estavam casados há muito tempo, não estavam?

— Dez anos — respondeu Grette. — Se eles não quisessem jogar tênis, tudo bem para mim. Não dá para forçar as crianças a gostar da mesma coisa que os pais, né? Talvez preferissem montar cavalos. Montar é bom.

— Que tipo de pessoa era ela?

— Dez anos — repetiu Grette e se virou para a janela de novo. — A gente se encontrou em 1988. Eu tinha começado a estudar Administração em Oslo e ela cursava o último ano do segundo grau. Ela era a coisa mais bela que já tinha visto. É assim que todo mundo diz, a mais bela é sempre uma que não conseguimos ou que já nos esqueceu. Mas com Stine era verdade. E eu nunca parei de achar que ela era a mais bonita. Fomos morar juntos depois de um mês e ficamos juntos todos os dias e noites durante três anos. Mesmo assim não acreditei que era verdade quando ela aceitou ser Stine Grette. Não é estranho? Quando a gente ama muito alguém, não acredita que ela possa te amar também. Devia ser ao contrário, não é?

Uma lágrima espatifou-se no braço da cadeira.

— Ela era gentil. Não existem muitas pessoas que saibam apreciar essa qualidade nos dias de hoje. E corajosa. Se eu estivesse dormindo, ela mesma se levantava e ia até a sala se achasse que estava ouvindo algum barulho estranho. Eu dizia para ela me acordar, porque como seria no dia que tivesse assaltantes de verdade lá embaixo? Mas ela ria e dizia “então eu vou convidá-los para comer waffles e você vai acordar com o cheiro de waffles, como sempre”. Eu acordava com o cheiro quando ela fazia waffles... Sim.

Ele respirou com força pelo nariz. Os galhos nus nas videiras lá fora acenavam para ele nas rajadas de vento.

— Você devia ter feito waffles — sussurrou. Depois tentou rir, mas parecia que estava chorando.

— Que tipo de amigos tinha ela? — perguntou Beate.

Grette não tinha terminado de rir e ela teve que repetir a pergunta.

— Ela gostava de ficar sozinha — disse. — Talvez porque fosse filha única. Ela tinha um bom relacionamento com os pais. E a gente tinha um ao outro. Não precisávamos de mais nada.

— Ela podia ter tido contato com outros sem você saber — disse Beate.

Grette a olhou.

— O que quer dizer?

Beate ruborizou e mostrou um breve sorriso.

— Quero dizer que sua esposa pode não ter contado necessariamente todas as conversas que teve com todas as pessoas que ela encontrava.

— Por que não? Aonde estão querendo chegar?

Beate engoliu em seco e trocou olhares com Harry. Ele tomou a palavra.

— Há algumas possibilidades que sempre temos que verificar em assaltos a banco,

independentemente do quanto improvável possa parecer. E uma delas é que algum empregado do banco possa ter ligação com o assaltante. Às vezes acontece de o assaltante conseguir ajuda de dentro, tanto para planejar o roubo quanto para sua execução. Há, por exemplo, pouca dúvida de que o assaltante sabia quando o caixa automático ia estar cheio. — Harry estudou o rosto de Grette para ter uma pista de como estava reagindo. Mas o olhar indicava que ele não estava mais lá. — Já perguntamos a todos os outros empregados — mentiu.

Uma gralha gritou da árvore lá fora. Reclamando, sozinha. Grette balançou a cabeça. Primeiro devagar, depois mais enérgico.

— Aham — disse. — Entendo. Vocês acham que é por isso que Stine foi morta. Acham que ela conhecia o assaltante. E que quando terminou de usá-la, matou-a para apagar a pista. Não é?

— Pelo menos é uma possibilidade teórica — respondeu Harry.

Grette balançou a cabeça de um lado para outro e riu um riso oco e triste.

— É óbvio que vocês não conheciam minha Stine. Ela nunca poderia ter feito tal coisa. E por que deveria? Se tivesse vivido mais um pouco, se tornaria milionária.

— Ah, é?

— Walle Bødtker, seu avô. Oitenta e cinco anos e proprietário de três prédios urbanos no centro. No verão foi diagnosticado com câncer de pulmão e desde então só tem piorado. Os seus netos iam ficar com um prédio cada.

A pergunta de Harry veio como mero reflexo:

— E agora, quem fica com o prédio que seria da Stine?

— Os outros netos. — Grette emendou com desgosto na voz: — E agora vocês vão verificar se eles têm álibi, não é?

— Acha que deveríamos, Grette? — retrucou Harry.

Grette ia responder, mas parou quando encontrou o olhar de Harry. Mordeu os lábios.

— Sinto muito — disse e passou a mão pelo cabelo curto. — É claro que eu deveria estar feliz por vocês estarem investigando todas as possibilidades. É que parece tão em vão. E sem sentido. Porque mesmo que eles o peguem, nunca vou poder revidar o que ele fez contra mim. Nem mesmo a pena de morte. Porque perder a vida não é o pior que pode acontecer a uma pessoa.

Harry já conhecia a continuação.

— O pior é perder a razão de viver.

— Bem — disse Harry e se levantou. — Aqui está o meu cartão. Ligue-me se lembrar alguma coisa. Também pode pedir para falar com Beate Lønn.

Grette já havia se virado para a janela de novo e não viu o cartão que Harry estendeu, por isso ele o deixou na mesa. Já estava escurecendo lá fora e o vidro ganhara reflexos meio transparentes, como fantasmas.

— Tenho a sensação de que eu o vi — disse Grette. — Nas terças, costumo ir direto do trabalho para jogar squash no centro de treinamento SATS da rua Sporveisgata. Eu não tinha parceiro, por isso fiquei na sala de musculação. Levantei um pouco de peso, andei na ergométrica, coisas assim. Mas fica tão cheio neste horário que a gente fica a maior parte do tempo na fila.

— Eu sei — disse Harry.

— Eu estava lá quando mataram Stine. Trezentos metros atrás do banco. Estava pensando em tomar um banho antes de ir para casa para fazer o jantar. Nas sextas era sempre eu que fazia o jantar. Gostava de esperar ela chegar. Gostava... De esperar. Nem todos os homens gostam.

— Quer dizer que acha que viu quem? — perguntou Beate.

— Vi uma pessoa passar e entrar no vestiário. Ele estava vestindo roupas largas e pretas. Um macacão ou algo parecido.

— E gorro?

Grette balançou a cabeça, negando.

— Boné, talvez? — perguntou Harry.

— Ele segurava um boné na mão. Pode ter sido um gorro. Ou um boné.

— Você viu o rost... — começou Harry, mas foi interrompido por Beate:

— Altura?

— Não sei — disse Grette. — Altura normal. O que é normal? Um e oitenta, talvez.

— Por que não nos contou sobre isso antes? — perguntou Harry.

— Porque — respondeu Grette e pressionou os dedos contra o vidro da janela — era apenas uma sensação. Tenho certeza de que não foi ele.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Harry.

— Porque dois colegas de vocês estiveram aqui alguns dias atrás. Os dois se chamam Li. — Ele se virou bruscamente para Harry. — São parentes?

— Não. O que eles queriam?

Grette retirou a mão. Tinha orvalho em volta das impressões gordurosas no vidro.

— Eles queriam checar se Stine estava envolvida com o assaltante. E mostraram uma foto do assalto.

— E?

— O macacão na foto era todo preto. Aquele que vi no SATS tinha letras grandes e brancas nas costas.

— Que letras? — perguntou Beate.

— P-O-L-Í-C-I-A — disse Grette e esfregou as impressões na janela. — Quando cheguei à rua depois, ouvi a sirene da polícia da Majorstua. A primeira coisa que pensei foi que era estranho que assaltantes conseguissem escapar com tantos policiais em todo lugar.

— É mesmo? Por que acha que pensou isso então?

— Não sei. Talvez porque alguém tinha roubado a minha raquete no vestiário enquanto treinava. Em seguida pensei que o banco de Stine estava sendo assaltado. É assim que se pensa quando os pensamentos andam soltos, não é? Então fui para casa e fiz lasanha. Stine adorava lasanha. — Grette esboçou um sorriso. As lágrimas começaram a escorrer.

Para não ter que olhar um homem adulto chorar, Harry fixou o olhar na folha de papel onde Grette tinha feito anotações.

— Vi na sua conta bancária que sacou grandes valores durante o último bimestre. — A voz de Beate soava dura e metálica. — Trinta mil coroas em São Paulo. Em que gastou o

dinheiro?

Harry olhou-a com surpresa. Ela parecia totalmente insensível diante da situação.

Grette sorriu através das lágrimas.

— Stine e eu comemoramos dez anos de casados lá. Ela tinha férias vencidas e foi para lá uma semana antes de mim. O maior tempo que ficamos longe um do outro.

— Perguntei em que gastaram trinta mil coroas em moeda brasileira — insistiu Beate.

Grette olhou pela janela.

— É um assunto particular.

— E isto é um assassinato, senhor Grette.

Grette se virou para Beate e olhou-a longamente.

— Parece que você nunca foi amada por alguém.

O rosto de Beate escureceu.

— Os joalheiros alemães em São Paulo são considerados os melhores do mundo — respondeu Grette. — Comprei o anel de diamante que Stine usava quando morreu.

Dois enfermeiros vieram buscar Grette. Jantar. Harry e Beate ficaram perto da janela olhando ele se afastar enquanto esperavam o enfermeiro que ia acompanhá-los até a porta.

— Desculpe — disse Beate. — Eu fiz uma tolice... Eu...

— Está bem — disse Harry.

— Sempre verificamos as finanças dos suspeitos em casos de assalto, mas agora acho que fui...

— Já disse que está tudo bem, Beate. Nunca peça desculpas pelo que perguntou, só pelo que não perguntou.

O enfermeiro veio e os acompanhou até a saída.

— Quanto tempo ele vai ficar aqui? — perguntou Harry.

— Vai ser mandado para casa na quarta — respondeu o enfermeiro.

No carro para o Centro, Harry perguntou a Beate por que enfermeiros sempre dizem que os pacientes serão “mandados para casa”. Eles nem os levavam de carro, levavam? E eram os pacientes que decidiam se iam para casa ou para outro lugar, não eram? Então, por que não podiam dizer “vai para casa” ou “teve alta”?

Beate não tinha nenhuma opinião a respeito, e Harry olhou o tempo cinzento e pensou que ele já soava como um velho rabugento. Até agora era apenas rabugento.

— Ele mudou o cabelo — disse Beate. — E usa óculos.

— Quem?

— O enfermeiro.

— É? Não parecia que vocês se conheciam.

— Não, não o conheço — disse Beate. — Uma vez eu o vi na praia. E no Eldorado. E na rua Stortingsgata. Acho que foi na rua Stortingsgata... Deve ter sido há cinco anos.

Harry olhou para ela.

— Não sabia que era seu tipo.

— Não é isso — disse.

— Não? — perguntou Harry. — Esqueci! Você tem aquela falha cerebral.

Ela sorriu.

— Oslo é uma cidade pequena.

— É? Quantas vezes já havia me visto antes de começar na delegacia?

— Uma vez. Seis anos atrás.

— Onde?

— Na TV. Você tinha solucionado aquele caso em Sydney.

— Ahm. Devo ter impressionado.

— Só lembro que o que me irritou foi você ser mostrado como herói mesmo tendo fracassado.

— É?

— Você nunca conseguiu levar o assassino ao tribunal. Você o matou.

Harry fechou os olhos, pensou como o próximo trago seria gostoso e procurou no bolso para saber se estava com o maço de cigarros. Retirou uma folha de papel dobrado e mostrou para Beate.

— O que é isso? — perguntou.

— A folha em que Grette estava fazendo anotações.

— “Um dia maravilhoso” — ela leu.

— Ele escreveu isso 13 vezes. Um pouco tipo *O iluminado*, não é?

— *O iluminado*?

— Aquele filme de terror, você sabe. Stanley Kubrick. — Ele a olhou de soslaio. — Aquele em que Jack Nickolson está num hotel e escreve a mesma frase várias vezes.

— Não gosto de filmes de terror — disse baixinho.

Harry se virou para ela. Ia dizer algo, mas achou melhor deixar para lá.

— Onde mora? — ela perguntou.

— Bislett.

— Fica no caminho.

— Para onde?

— Oppsal.

— É? E onde em Oppsal?

— Rua Vestland. Bem próximo à estação. Sabe onde fica a rua Jørnsløkk?

— Sei, tem uma casa grande amarela na esquina.

— É lá que moro. No segundo andar. A minha mãe morava no primeiro. É a casa onde cresci.

— Também cresci em Oppsal — disse Harry. — Talvez tenhamos conhecidos em comum?

— Talvez — disse Beate e olhou pelo vidro lateral.

— Dificilmente — disse Harry.

Ninguém falou mais nada.

Anoiteceu e o vento ganhou força. A previsão do tempo avisou que haveria tempestade ao sul de Stadt e mais chuva ao norte. Harry tossiu. Ele foi buscar o suéter que a mãe tinha tricotado para seu pai e que o pai deu a Harry de presente de Natal alguns anos depois que ela morreu. Coisa estranha para se fazer, pensou Harry. Ele preparou macarrão e almôndegas e depois ligou para Rakel e contou sobre a casa onde tinha crescido.

Ela não disse muito, mas ele percebeu que ela gostou de ouvi-lo contar sobre seu quarto. Os brinquedos e a pequena cômoda. Como inventava histórias no desenho do papel de parede, como se fossem contos de fada escritos em código. E uma gaveta na cômoda que ele e a mãe concordaram que era só dele, e que ela nunca ia tocar.

— Deixava as minhas figurinhas de futebol lá — disse Harry. — O autógrafo de Tom Lund. E uma carta de Sølvi, uma garota que encontrei nas férias de verão em Åndalsnes. E mais tarde o primeiro maço de cigarros. E o pacotinho de camisinhas. Nunca foi aberto e passou da validade. Estavam tão secas que estouraram quando eu e a minha irmã enchemos de ar.

Rakel riu. Harry contou mais, só para ouvir ela rir de novo.

Depois ficou andando sem propósito pela casa. O noticiário soava como uma reprise do dia anterior. Mais chuva sobre Jalalabad.

Entrou no quarto e ligou o computador. O PC zuniu e ele viu que tinha recebido outro e-mail. Ele sentiu o coração acelerar ao ver o remetente. Clicou.

Olá, Harry

O jogo começou. A autópsia constatou que você pode ter estado presente quando ela morreu. É por isso que está ficando na sua? Provavelmente não é idiota. Mesmo que pareça suicídio. Porque há algumas coisas que não fazem sentido, não é? O próximo lance é seu.

S²MN

Harry deu um pulo ao ouvir um estrondo e percebeu que acabara de bater a mão na mesa com toda sua força. Ele olhou em volta no quarto escuro. Estava com raiva e medo, mas a frustração maior era o sentimento de que o remetente estivesse tão... próximo. Harry esticou o braço e colocou a palma da mão ainda doída contra a tela do computador. O vidro esfriou a pele, mas ele sentiu o calor crescer, como de um corpo, dentro da máquina.

Amoroma



Elmer se apressou descendo sorridente a rua Grønlandsleiret e cumprimentando os clientes e empregados das lojas vizinhas rapidamente. Ele estava irritado consigo mesmo, pois deixara acabar o troco e novamente teve que pendurar o aviso “Volto logo” na porta para correr até o banco.

Ele abriu a porta bruscamente, adentrou a agência bancária, cantou seu rotineiro “bom-dia” e correu para tirar uma senha. Ninguém o respondeu, mas já estava acostumado com isso, só trabalhavam noruegueses brancos ali. Um homem parecia estar terminando de consertar o caixa automático e os únicos clientes que ele podia ver estavam perto da janela que dava para a rua. O silêncio era fora do comum. Será que estava acontecendo algo lá fora que ele não tinha reparado?

— Vinte — gritou uma voz de mulher. Elmer olhou sua senha. Cinquenta e um, mas já que todos os guichês estavam vazios, ele foi naquele de onde tinham chamado.

— Oi, Cathrine, minha linda — disse ao olhar curioso para a janela. — Cinco rolos de cinco e de um.

— Vinte e um. — Ele se virou com surpresa para a Cathrine Schøyen e só agora prestou atenção ao homem que estava ao seu lado. Na primeira olhada ele achara que era um negro, mas então viu que era um homem usando um gorro preto. O cano do rifle AG3 que mirava para ela girou e parou em Elmer.

— Vinte e dois — gritou Cathrine em voz metálica.

— Por que aqui? — perguntou Halvorsen e perscrutou o fiorde de Oslo abaixo deles. O vento jogava seu topete para lá e para cá. Levava menos de cinco minutos para ir do poluído bairro de Grønland para Ekeberg, que se espichava como uma torre de vigilância no canto sudeste da cidade. Encontraram um banco sob as árvores com vista para o belo prédio de pedra que Harry ainda chamava de Escola de Marinheiros, mesmo que agora produzisse administradores de empresas.

— Em primeiro lugar, porque é muito bonito aqui — respondeu Harry. — Em segundo lugar, é para ensinar a um imigrante um pouco da história de Oslo. “Os” significa colina, a colina onde estamos agora, Ekebergåsen. E a segunda sílaba “lo” significa a planície que você está vendo lá embaixo. — Ele apontou. — Em terceiro lugar, vemos esta colina todos os dias, por isso é importante ver o que tem por trás. Você não acha?

Halvorsen não respondeu.

— Eu não queria levantar a questão no escritório — disse Harry. — Ou na casa de Elmer. Tem algo que preciso contar a você. — Mesmo tão longe do fiorde, Harry julgava sentir o cheiro de água do mar nas rajadas de vento. — Eu conhecia Anna Bethsen.

Halvorsen balançou a cabeça, afirmativamente.

— Você não parece muito espantado — comentou Harry.

— Imaginei que fosse algo assim.

— Mas tem mais.

— OK.

Harry enfiou um cigarro na boca sem acender.

— Antes de dizer mais preciso te advertir. O que tenho a dizer tem que ficar entre mim e você, e é exatamente isso que pode vir a ser um dilema para você. Entende? Então, se não quiser ser envolvido, eu não preciso dizer mais nada e paramos aqui. Continuo ou não?

Halvorsen olhou para Harry. Se ele fez uma avaliação, não gastou muito tempo. Ele assentiu com a cabeça.

— Alguém começou a enviar e-mails para mim — disse Harry. — Sobre aquela morte.

— Alguém que você conhece?

— Não faço ideia de quem seja. O endereço não me diz nada.

— Então foi por isso que você me perguntou sobre rastreamento de endereços de e-mails ontem?

— Não entendo absolutamente nada disso. Mas você entende. — Harry tentou em vão acender o cigarro no vento. — Preciso de ajuda. Acho que Anna foi assassinada.

Enquanto o vento noroeste arrancava as últimas folhas das árvores de Ekeberg, Harry falou sobre os e-mails estranhos de uma pessoa que parecia saber tudo que eles sabiam e, provavelmente, mais um pouco. Ele não mencionou que o conteúdo dos e-mails colocava Harry no local do crime na noite que Anna morreu. Mas contou sobre a pistola que Anna tinha na mão direita, mesmo que a paleta indicasse que ela era canhota. A foto no sapato. E a conversa

com Astrid Monsen.

— Astrid Monsen disse que ela nunca tinha visto Vigdis Albu e os filhos na foto — disse Harry. — Mas quando mostrei a ela a foto do marido Arne Albu no *Jornal do Comércio*, ela só precisou dar uma olhada. Ela não sabia o nome, mas ele visitava Anna regularmente. Ela tinha visto ele várias vezes quando ia pegar a correspondência. Ele vinha de tarde e ia embora de noite.

— Chama-se hora extra.

— Perguntei a Monsen se os dois só se encontravam nos dias de semana, e ela respondeu que de vez em quando ele vinha buscá-la de carro nos fins de semana.

— Talvez gostassem de variar um pouco com passeios pelo campo?

— Talvez, exceto pelo campo. Astrid Monsen é uma mulher perspicaz e observadora. Ela contou que ele nunca vinha buscá-la nos meses de verão. Foi isso que me fez pensar.

— Pensar em quê? Hotéis?

— Possivelmente. Mas no verão também dá para ficar em hotéis. Pense, Halvorsen. Pense naquilo que é mais lógico.

Halvorsen botou o lábio inferior para frente e fez careta para mostrar que não tinha sugestão alguma. Harry sorriu e soprou a fumaça com força:

— Foi você mesmo que encontrou o lugar.

Halvorsen levantou a sobrancelha surpreso.

— O chalé! Claro!

— Não é? Um ninho de amor luxurioso e discreto, quando a família já tivesse voltado para casa e os vizinhos curiosos tivessem fechado as cortinas. E só uma hora de carro de Oslo.

— Mas e daí? — perguntou Halvorsen. — Não nos leva muito mais longe.

— Não tenha tanta certeza. Se pudermos provar que Anna esteve neste chalé, pelo menos Albu terá que dar uma explicação. Não é preciso tanta coisa. Uma impressão digital. Um cabelo. Um vendedor atento da mercearia que às vezes fazia a entrega.

Halvorsen esfregou a nuca.

— Mas por que complicar? Por que não procurar as impressões digitais no apartamento de Anna? Deve estar cheio delas lá.

— Porque é provável que nem existam mais. De acordo com Astrid Monsen, ele parou de vir de repente faz um ano. Até um sábado no mês passado. Ele veio buscá-la de carro. Monsen diz que se lembrava disso com clareza porque Anna tocou a campainha do apartamento dela e pediu para ela ficar de ouvidos atentos em caso de assaltantes.

— E você acha que foram para o chalé?

— Eu acho — disse Harry e jogou a ponta do cigarro aceso em uma poça de água onde chiou e se extinguiu — que há um motivo para Anna ter aquela foto no sapato. Você lembra o que aprendeu na faculdade da Polícia sobre a proteção de pistas técnicas?

— Lembro do pouco que aprendemos. Você não?

— Não. Tem uma valise com equipamentos básicos na mala de trás dos carros de serviço. Pó, pincel e plástico para impressões digitais. Fita métrica, lanterna, alicate, coisas assim. Queria que você reservasse um desses carros para amanhã cedo.

— Harry...

— E ligue para a mercearia antes e peça uma descrição do caminho. Pergunte de forma casual para não levantar suspeita. Diga que está construindo um chalé e o seu arquiteto indicou o de Albu como referência. E que apenas quer dar uma olhada.

— Harry, a gente não pode simplesmente...

— E traz um pé de cabra também.

— Me escute!

A exclamação de Halvorsen fez duas gaivotas levantarem voo para o fiorde com gritos roucos. Ele contou nos dedos:

— Não temos mandado de busca, não temos provas para conseguir o mandado, não temos... nada. Mas o mais importante é que, nós, ou melhor, *eu*, não tenho todos os fatos. Porque você não me contou tudo, não é, Harry?

— O que o faz pensar...

— É simples. O seu motivo não é convincente. Você conhecer a mulher não é motivo suficiente para você de repente querer quebrar as regras de conduta e arrombar o chalé e arriscar seu emprego. *E* o meu. Sei que você pode ser louco, Harry, mas não é idiota.

Harry olhou a guimba molhada na poça de água.

— Há quanto tempo a gente se conhece, Halvorsen?

— Quase dois anos.

— Nesse tempo já menti para você?

— Dois anos não é tanto tempo.

— Eu já menti para você, me diz?

— Com certeza.

— Eu já menti sobre coisas *importantes*?

— Não que eu saiba.

— OK. Também não pretendo mentir para você agora. Tem razão, eu não estou lhe contando tudo. E sim, você arrisca o seu emprego ao me ajudar. Tudo que posso dizer é que você estaria em uma encrenca muito maior se eu tivesse contado o restante. Como as coisas estão, terá que confiar em mim. Ou não. Ainda pode desistir.

Ficaram sentados olhando o fiorde. As gaivotas eram dois pontos lá longe.

— O que você teria feito? — perguntou Halvorsen.

— Desistido.

Os pontos ficaram maiores de novo. As gaivotas estavam voltando.

Havia uma mensagem de Møller no telefone quando voltaram para a Delegacia.

— Vamos fazer um passeio — disse a Harry quando ligou.

— Qualquer lugar — disse Møller quando estavam lá fora.

— Elmer — disse Harry. — Estou precisando de cigarros.

Møller seguiu Harry ao longo da trilha lamacenta no gramado entre a Delegacia e o caminho de paralelepípedos para a prisão, o chamado Botsen. Harry notou que os arquitetos pareciam não entender que as pessoas procuram o caminho mais curto entre dois pontos

independentemente do caminho planejado por eles. No final da trilha tinha uma placa meio caída: “*Não pise na grama.*”

— Foi informado sobre o assalto na rua Grønlandsleiret hoje de manhã? — perguntou Møller.

Harry disse que sim com um balanço de cabeça.

— Interessante ele ter escolhido fazer isso a apenas cem metros da delegacia.

— Sorte dele que o alarme do banco estava sendo consertado.

— Não acredito em sorte — disse Harry.

— É? Você acha que ele tinha informação confidencial de alguém no banco?

Harry encolheu os ombros.

— Ou de outras pessoas que sabiam do conserto.

— Só o banco e o reparador sabiam. E a gente, é claro.

— Mas não era sobre o assalto de hoje que você queria me falar, chefe.

— Não — disse Møller e desviou de uma poça de água. — O chefe de polícia teve uma conversa com o prefeito. Todos esses assaltos estão deixando-o preocupado.

No caminho pararam para uma mulher com três filhos a tiracolo passar. Ela ralhava com as crianças com uma voz gasta e zangada e evitou encontrar o olhar de Harry. Era hora de visitas na prisão.

— Ivarsson é competente — disse Møller. — Mas esse Magarefe parece ser de um calibre diferente do que estamos acostumados. O chefe de polícia parece acreditar que os métodos convencionais não serão suficientes dessa vez.

— Talvez não. Mas e daí? Perder fora de casa de vez em quando não deve ser nenhuma vergonha.

— Perder fora de casa?

— Caso não resolvido. É gíria atual, chefe.

— Tem mais coisas envolvidas, Harry. Os jornalistas ficaram em cima da gente o dia todo, foi uma loucura. Eles o chamam de “O novo Martin Pedersen”. E a página da internet do jornal VG conseguiu descobrir que a gente o chama de Magarefe.

— Então é a mesma velha história — disse Harry e cruzou a rua no sinal vermelho com um hesitante Møller nos calcanhares. — São os jornalistas que determinam o que a gente deve priorizar.

— Bem, afinal ele matou uma pessoa.

— E assassinatos que não estão nos jornais são arquivados.

— Não! — exclamou Møller. — Não vamos recomeçar aquilo novamente.

Harry deu de ombros e pisou sobre uma prateleira de jornais que o vento tinha derrubado. Na rua tinha um jornal que o vento folheava em tempo acelerado.

— Então o que é que você está querendo? — perguntou Harry.

— O chefe de polícia está obviamente preocupado com a repercussão desse caso. Um assalto aos correios é esquecido pelo público muito antes de estar arquivado, ninguém nota que o assaltante não foi pego. Mas neste caso todos vão pôr o olhar em cima de nós. E quanto mais se falar em assalto a banco, mais vai despertar a curiosidade. Martin Pedersen foi apenas um homem comum que fez o que muitos sonham em fazer, um Jesse James

moderno fugindo da lei. Isso cria mitos, imagens de heróis e identificação. E com isso, novos recrutas para o negócio de assalto a bancos. O número de assaltos a bancos aumentou loucamente no país inteiro enquanto a imprensa escrevia sobre Martin Pedersen.

— Estão com medo do efeito cascata. Dá para entender. O que tem a ver comigo?

— Ivarsson é competente, ninguém está duvidando disso. Ele é um policial direito e tradicional que nunca ultrapassa limites. Mas o Magarefe não é nenhum assaltante tradicional. O chefe de polícia não está contente com os resultados até aqui. — Møller apontou para a prisão com a cabeça. — O episódio com Raskol já chegou aos seus ouvidos.

— Já.

— Eu estava no escritório do chefe de polícia antes do almoço e seu nome foi mencionado. Várias vezes, aliás.

— Nossa, devo me sentir honrado?

— Pelo menos é um investigador que já alcançou resultados com métodos não convencionais.

Harry mostrou um sorriso torto.

— A definição gentil de um piloto kamikaze...

— Em suma, a mensagem é a seguinte, Harry. Largue tudo o que estiver fazendo e me avise se precisar de mais pessoas. Ivarsson continua como antes, com sua equipe. Mas nós estamos apostando em você. E mais uma coisa... — Møller chegou bem perto de Harry. — Tem carta branca. Estamos dispostos a aceitar que as regras sejam quebradas. Contanto que fique dentro da força policial, claro.

— Certo. Acho que estou entendendo. E se eu não aceitar?

— Nós vamos dar suporte a você até onde for possível. Mas é claro que há um limite.

Elmer se virou quando o sino acima da porta soou e apontou para o pequeno rádio portátil na sua frente:

— E eu que achava que Kandahar fosse uma estação de esqui. Camel?

Harry afirmou balançando a cabeça. Elmer aumentou o volume do rádio e a voz do apresentador do noticiário se misturou ao zunido de ruídos de fora — carros, vento que puxava a marquise, folhas secas que farfalhavam sobre o asfalto.

— E o que vai querer seu colega? — Elmer olhou para a porta onde Møller estava esperando.

— Ele quer um piloto kamikaze — respondeu Harry e abriu o maço.

— Ah é?

— Mas ele se esqueceu de perguntar o preço — disse Harry e não teve que se virar para ver o sorriso em zigue-zague de Møller.

— E quanto custa um piloto kamikaze atualmente? — perguntou o dono da loja de revistas ao devolver o troco para Harry.

— Se sobreviver, ele vai poder fazer o que quiser depois — respondeu Harry. — É a única condição dele. E a única que ele aceita.

— Parece razoável — disse Elmer. — Bom-dia para vocês, meus senhores.

No caminho de volta, Møller disse que iria falar com o chefe de polícia sobre a

possibilidade de Harry poder trabalhar mais três meses no caso de Ellen. Contanto que o Magarefe estivesse preso, claro. Harry balançou a cabeça, concordando. Møller hesitou perante a placa de “não pise na grama”.

— O caminho mais curto, chefe.

— Sim — disse Møller. — Mas suja tanto os sapatos...

— Faça como quiser — disse Harry e começou a andar pela trilha. — Os meus já estão sujos.

A fila de carros se dissolveu logo depois da saída para Ulvøya. Havia parado de chover e já em Liljan o asfalto estava seco. Logo em seguida, a estrada se alargou para quatro pistas e os carros aceleraram como num estouro da boiada. Harry olhou Halvorsen de soslaio e se perguntou quando ele também iria ouvir os gritos dilacerantes. Mas Halvorsen não ouvia nada por ter levado a sério a súplica de Travis no rádio:

— *Sing, sing, siiing!*

— Halvorsen...

— *For the love you bring...*

Harry desligou o rádio, e Halvorsen o olhou incompreensível.

— O limpador de para-brisa — disse Harry. — Você pode desligá-lo agora.

— Ah é, desculpe.

Continuaram em silêncio. Passaram pela saída para Drøbak.

— O que você disse ao cara da mercearia? — perguntou Harry.

— Você não vai querer saber.

— Mas ele tinha entregado mercadorias para o chalé de Albu na quinta-feira cinco semanas atrás?

— Foi o que disse.

— Antes de Albu chegar?

— Ele disse apenas que ele costumava entrar sozinho.

— Então ele tinha a chave?

— Harry, com aquele pretexto frágil havia limites para o que eu podia perguntar.

— Qual era o pretexto?

Halvorsen soltou um suspiro.

— Medição provincial.

— Medição pro...?

— ...vincial.

— O que é isso?

— Não sei.

Larkollen ficava perto de uma saída da autoestrada e mais trinta quilômetros de pedras e 14 curvas fechadas.

— À direita naquela casa vermelha depois do posto de gasolina — lembrou Halvorsen em voz alta, saiu da rodovia e entrou em uma estrada de terra.

— *Muitos* tapetes de banheiro — murmurou Harry cinco minutos depois quando Halvorsen parou o carro e apontou para o chalé gigante entre as árvores. Parecia um chalé de montanha exageradamente grande que por um mal-entendido acabou à beira-mar.

— Parece abandonado aqui — disse Halvorsen e olhou para os chalés vizinhos. — Só gaivotas. *Muitas* gaivotas. Será que existe um aterro sanitário por perto?

— Ahm. — Harry olhou o relógio. — Vamos estacionar um pouco mais longe de qualquer maneira.

A rua terminava em uma pracinha. Halvorsen desligou o carro e Harry abriu a porta e desceu. Ele alongou as costas e escutou os gritos das gaivotas e o barulho distante de ondas batendo nas rochas da praia.

— Ah — disse Halvorsen e encheu os pulmões. — Diferente do ar de Oslo, não é?

— É, realmente — disse Harry e procurou o maço de cigarros. — Você pega a mala?

No caminho para o chalé, Harry observou uma gaivota branca amarelada em um poste da cerca. A cabeça girava devagar no corpo ao passarem. Harry sentiu o olhar vazio do pássaro nas costas o tempo todo.

— Não vai ser fácil — constatou Halvorsen depois de olhar de perto a fechadura sólida na porta de entrada. Ele colocou o boné em um lustre de ferro forjado em cima da porta de carvalho.

— É só começar. — Harry acendeu um cigarro. — Vou dar uma volta enquanto isso.

— Por que será — perguntou Halvorsen ao abrir a mala — que você de repente está fumando muito mais do que antes?

Harry ficou imóvel por um tempo. Ele olhou para a floresta.

— Para dar uma chance a você de me ultrapassar na ergométrica um dia.

Toras de madeira pretas como carvão, janelas sólidas. O chalé todo parecia sólido e impenetrável. Harry se perguntou se era possível entrar pela imponente chaminé de pedras, mas desistiu. Caminhou pela trilha. Estava lamacenta por causa da chuva dos últimos dias, mas ele podia imaginar com facilidade pequenos pés descalços de crianças correndo pela trilha quente do sol de verão, indo para a praia atrás dos rochedos. Ele parou e fechou os olhos. Ficou assim até virem os sons. O zumbido dos insetos, o uivar do capim alto que ondulava na brisa, um rádio distante com uma canção que ia e vinha com o vento, e gritos contentes de crianças. Ele tinha dez anos e estava indo para a mercearia comprar pão e leite, e o cascalho tinha se encravado nas solas dos seus pés. Mas ele cerrou os dentes e suportou a dor, porque decidira calejar os pés naquele verão para poder correr descalço com Øystein quando voltassem para casa. Na volta, as sacolas pesadas o afundavam na rua de cascalho e ele tinha a sensação de estar andando sobre brasas incandescentes. Mas ele tinha reparado em alguma coisa um pouco adiante — uma pedra ou folha grande — e pensou que, se conseguisse chegar até lá, só este pequeno trecho... Quando finalmente chegou em casa, uma hora e meia depois, o leite estava estragado pelo sol e sua mãe estava zangada. Harry abriu os olhos. Nuvens cinzentas corriam pelo céu.

No capim marrom ao lado da trilha ele notou os rastros das rodas de um carro. As impressões largas e profundas indicavam um carro pesado com rodas para andar fora da estrada, um Land Rover ou algo parecido. A chuva que caíra nos últimos dias excluía a possibilidade de ter sido há semanas. Provavelmente eram de apenas uns dois dias atrás.

Ele olhou em volta e pensou que não havia nada mais abandonado do que lugares de veraneio no outono. Acenou com a cabeça para a gaivota na volta para o chalé.

Halvorsen estava dobrado em cima da fechadura com uma gazua elétrica. Gemia.

— Como está indo?

— Mal. — Halvorsen se levantou e enxugou o suor. — Esta não é uma fechadura amadora. A não ser que queira usar um pé de cabra, é melhor desistir.

— Pé de cabra, não. — Harry esfregou o queixo. — Já olhou sob o capacho?

Halvorsen suspirou.

— Não. Tampouco estou pensando em fazê-lo.

— Por que não?

— Porque estamos no século XXI e ninguém deixa chaves debaixo de capachos. Especialmente chaves para o chalé de um milionário. Então, a não ser que queira apostar uma nota de cem, não estou a fim. Está bem?

Harry balançou a cabeça, afirmativo.

— Ótimo — respondeu Halvorsen e se agachou para fechar a mala.

— Quer dizer que está com a nota de cem — disse Harry.

Halvorsen olhou para ele.

— Está brincando?

Harry balançou a cabeça, negando.

Halvorsen pegou a ponta do capacho verde de fibras artificiais.

— Ganhei — murmurou e agarrou o capacho de um golpe só. Três formigas, duas pulgas-do-mar e uma lacrainha acordaram pra vida e rodopiaram no piso de cimento. Mas nenhuma chave.

— Às vezes, você é incrivelmente ingênuo, Harry — disse Halvorsen e esticou a mão para ele. — Por que iriam colocar uma chave aqui?

— Porque — disse Harry, que não viu a mão de Halvorsen estendida porque seu olhar estava na lâmpada de ferro forjado ao lado da porta — o leite estraga se ficar no sol. — Ele foi para a lâmpada e começou a desatarraxar a tampa.

— O que quer dizer?

— As mercadorias eram entregues aqui antes de Albu chegar, certo? Eram deixadas dentro da casa, é óbvio.

— E daí? Talvez guardassem uma chave na mercearia.

— Acho que não. Acho que Albu queria ter certeza de que ninguém pudesse vir sem avisar quando ele e Anna estivessem aqui. — Ele tirou a tampa e olhou dentro do vidro. — E agora não estou apenas achando.

Halvorsen murmurou alguma coisa e recolheu a mão.

— Sente o cheiro — disse Harry ao entrarem.

— Sabão — disse Halvorsen. — Alguém inventou de fazer uma faxina aqui.

Os móveis pesados, as antiguidades rurais e a lareira grande de pedra-sabão reforçaram a impressão de férias de Páscoa. Harry se aproximou de um móvel de pinho no outro lado da sala. Nas prateleiras havia livros antigos. Harry olhou os títulos nas lombadas gastas, mas mesmo assim teve a impressão de que nunca tinham sido lidos. Talvez tivessem sido comprados *no atacado* de um antiquário em Majorstua. Alguns velhos. Nas gavetas havia caixas de charutos Cohiba e Bolivar. Uma das gavetas estava trancada.

— E essa faxina — disse Halvorsen. Harry se virou e olhou o colega apontar para as pegadas molhadas e sujas cruzando o chão.

Eles colocaram os sapatos na entrada, encontraram um pano na cozinha e depois de limpar o chão concordaram que Halvorsen ficaria com a sala e Harry com os quartos e o banheiro.

O que Harry sabia sobre buscas tinha aprendido em uma sala quente na faculdade da Polícia uma sexta-feira depois do almoço enquanto todos estavam só pensando em ir para casa, tomar banho e sair. Não tinha cartilha, mas um inspetor chamado Røkke. E naquela sexta-feira, ele tinha dado a Harry a única dica que ele sempre aplicava quando revistava algum lugar: “Não pense no que está procurando. Pense naquilo que encontra. Por que está aí? É para estar aí? O que significa? É como ler — se você pensar em um ‘l’ enquanto olha um ‘k’, não vai captar as palavras.”

A primeira coisa que Harry viu ao entrar no primeiro quarto foi a cama de casal grande e a foto na mesa de cabeceira do senhor e da senhora Albu. A foto não era grande, mas chamava a atenção porque era a única foto no quarto e fora colocada de frente para a porta.

Harry revistou sistematicamente os três armários. Ele era investigador há muito tempo para ficar constrangido em ver e apalpar bens de outras pessoas.

Ele se sentou na cama e olhou a foto na cabeceira. No fundo tinha apenas céu e mar, mas o jeito com que a luz caía fez Harry pensar que devia ter sido tirada em regiões mais ao sul. Arne Albu estava bronzeado e o olhar tinha a mesma expressão marota de menino que Harry tinha visto no restaurante no cais de Aker. Ele segurava sua esposa pela cintura com braço firme. Com tanta força que a parte superior do corpo de Vigdis parecia inclinar-se para longe dele.

Harry afastou a colcha e o edredom. Se Anna tivesse estado entre estes lençóis, não havia dúvida de que encontraria cabelos, restos de pele, saliva ou secreções de sexo. Provavelmente tudo. Mas era como pensou. Ele passou a mão por cima do lençol duro, encostou o rosto no travesseiro e inspirou. Recém-lavado. Merda.

Abriu a gaveta da mesinha. Um maço de chicletes, uma caixa de analgésico fechada, um chaveiro com uma chave e uma placa de latão com as iniciais AA, a foto de um bebê despido dobrado feito uma larva em um trocador e um canivete do Exército suíço.

Ele ia pegar o canivete quando ouviu um único grito frio de gaivota. Estremeceu involuntariamente e olhou pela janela. Ia continuar a procura quando ouviu o latido cortante de um cachorro.

No mesmo instante, Halvorsen apareceu no vão da porta:

— Vem vindo gente pela trilha.

O coração parecia bater como um motor turbinado.

— Eu pego os sapatos — disse Harry. — Você pega a mala e o equipamento e traz para cá.

— Mas...

— Vamos pular pela janela assim que entrarem. Depressa!

Os latidos de fora aumentaram em força e intensidade. Harry voou pelo quarto para o corredor enquanto Halvorsen se agachou em frente ao móvel na parede e jogou pó, escova e papel de contato na mala. Os latidos já estavam tão perto que ele podia ouvir o rosnar grave entre eles. Passos na escada. A porta estava destrancada. Era tarde demais para fazer alguma coisa, ele ia ser pego em flagrante! Harry respirou e esperou. Melhor se preparar para a confrontação de imediato. Talvez Halvorsen pudesse escapar. E Harry não precisava ficar com a demissão dele também na consciência.

— Gregor — gritou uma voz masculina do outro lado da porta. — Volte aqui!

O latido se afastou e ele ouviu o homem descer a escada de novo.

— Gregor! Deixe os veados em paz!

Harry deu dois passos para a frente e girou a chave com cuidado. Depois pegou os dois pares de sapatos e andou na ponta dos pés para a sala, enquanto ouvia o barulho de chaves do lado de fora. Ele fechou a porta do quarto atrás de si no instante em que ouviu a porta da entrada se abrir.

Halvorsen estava sentado no chão embaixo da janela e olhou para Harry com os olhos arregalados.

— O que foi? — perguntou Harry sussurrando.

— Eu estava saindo pela janela quando aquele cão louco veio — sussurrou Halvorsen. — É um rottweiler enorme.

Harry espiou pela janela e dentro da boca cheia de dentes do cão que estava com as duas patas na parede. Ao ver Harry, ele começou a pular na parede latindo como possesso. A baba escorria dos caninos brancos. Da sala ouviam-se passos pesados. Harry deixou-se cair no chão ao lado de Halvorsen.

— No máximo setenta quilos — sussurrou. — Moleza.

— Fique à vontade. Eu já vi um rottweiler atacar.

— Ahm.

— Eles perderam o controle do cão durante o treino. O policial que se fazia de bandido teve que ter a mão recolocada de volta no hospital central.

— Pensei que eram bem protegidos.

— E são.

Ficaram ouvindo o latido do lado de fora. Os passos na sala cessaram.

— Vamos entrar e cumprimentá-lo? — sussurrou Halvorsen. — É só uma questão de tempo até...

— Quietos!

Ouviram passos novamente. Estavam se aproximando da porta do quarto. Halvorsen

fechou os olhos. Como se se preparasse para a humilhação iminente. Quando os abriu de novo, viu Harry segurando um miserável dedo indicador sobre os lábios.

Depois ouviram uma voz do lado de fora do quarto.

— Gregor! Vem! Vamos para casa!

Após mais alguns latidos, de repente o silêncio. Tudo que Harry podia ouvir era uma respiração arfante e entrecortada, mas não sabia se era a dele ou a de Halvorsen.

— Muito obedientes estes cães — sussurrou Halvorsen.

Eles esperaram até ouvirem o carro ser ligado na rua. Então correram para a sala, e Harry conseguiu ver a traseira de um jipe Cherokee azul-marinho desaparecer estrada abaixo. Halvorsen deixou-se cair no sofá e inclinou a cabeça para trás.

— Meu Deus — gemeu. — Por um tempo imaginei uma aposentadoria desonrosa em Steinkjær. Que diabos ele veio fazer aqui? Ele só ficou por dois minutos. — Ele pulou do sofá de novo. — Você acha que ele vai voltar? Talvez só tenha ido até a mercearia.

Harry balançou a cabeça.

— Eles foram para casa. Pessoas assim não mentem para seus cães.

— Tem certeza?

— Claro. Um dia ainda vai gritar: “Vem Gregor, vamos ao veterinário para ele sacrificar você.” — Harry deu uma olhada pela sala. Depois foi para a estante onde ficou passando o dedo na lombada dos livros, de cima a baixo.

Desanimado, Halvorsen balançou a cabeça e olhou para o nada:

— E Gregor irá abanando o rabo. Estranho esse negócio de cachorros, não é?

Harry parou e riu:

— Está arrependido, Halvorsen?

— Bem. Não estou mais arrependido disso do que de outras coisas.

— Você está começando a parecer como eu.

— E é você. Estou citando o que você disse quando compramos a máquina de espresso. O que está procurando?

— Sei lá — respondeu Harry, que tirou um livro grosso e alto e o abriu. — Vejamos. Um álbum de fotos. Interessante.

— É? Agora me perdi de novo.

Harry apontou para atrás de si e continuou a folhear o álbum. Halvorsen se levantou e olhou. E compreendeu. Pegadas molhadas de um par de botas em linha reta da porta do corredor até a prateleira onde Harry estava.

Harry recolocou o álbum, tirou outro e começou a folhear.

— Exato — disse logo depois. Ele apertou o álbum contra o rosto. — Isso mesmo.

— O quê?

Harry colocou o álbum na mesa em frente a Halvorsen e apontou para uma das seis fotos que cobria a página preta. Uma mulher e três crianças em uma praia sorriam para eles.

— É a mesma foto que encontrei no sapato de Anna — disse Harry. — Cheira.

— Não preciso, estou sentindo o cheiro de cola daqui.

— Certo. Ele colou esta foto agora mesmo. Se mexer na foto vai sentir que ainda está meio solta. Mas dá uma cheirada na própria foto também.

— OK. — Halvorsen colocou o nariz contra os sorrisos. — Cheiro de... substâncias químicas.

— Que tipo de substâncias?

— Pelo cheiro são fotos que acabaram de sair do laboratório.

— Correto. E o que podemos concluir com isso?

— Que ele... gosta de colar fotos em álbuns.

Harry olhou o relógio. Se Albu for direto para casa, vai chegar em uma hora.

— Vou explicar no carro — disse. — Temos a prova de que precisamos.

Começou a chover assim que pegaram a estrada E6. As luzes dos carros vindos na outra direção refletiam no asfalto molhado.

— Agora sabemos de onde vem a foto que Anna tinha no sapato — disse Harry. — Aposto que Anna teve uma chance de arrancá-la do álbum na última vez que esteve no chalé.

— Mas para que queria a foto?

— Deus sabe. Para poder olhar o que estava entre ela e Arne Albu, talvez. Para entender melhor. Ou pra ter alguma coisa para espetar com agulhas.

— E quando você lhe mostrou a foto, ele entendeu de onde ela a havia tirado?

— Claro. As marcas das rodas do Cherokee no chalé são iguais às que já estavam antes...

Mostram que ele esteve lá no máximo uns dois dias atrás, talvez ontem.

— Para lavar o chalé e eliminar todas as impressões digitais?

— E para checar algo de que ele já desconfiava — que estava faltando uma foto no álbum.

Então, quando chegou em casa, encontrou o negativo e levou para um laboratório.

— Provavelmente um daqueles que revelam em uma hora. Depois voltou ao chalé hoje para colar no lugar da foto velha.

— Ahm.

As rodas traseiras do trailer na frente deles colocavam uma película de água suja e oleosa no para-brisa, e os limpadores trabalhavam febrilmente.

— Albu foi bastante longe para esconder as pistas de suas escapadas — disse Halvorsen.

— Mas você realmente acha que foi ele quem matou Anna Bethsen?

Harry olhou a logo na porta traseira do trailer. “AMOROMA — eternamente seu.”

— Por que não?

— Ele não me parece ser um assassino. Um cara correto, pai de família, com folha de antecedentes imaculada, que construiu sua própria empresa.

— Ele traiu a esposa.

— E quem não trai?

— É, quem não trai — repetiu Harry devagar. E exclamou de repente, irritado: — Vamos ficar atrás desse trailer e levar merda até Oslo?

Halvorsen olhou no espelho retrovisor e entrou na pista à esquerda.

— E qual seria o motivo dele?

— Vamos perguntar — respondeu Harry.

— Como assim? Ir à casa dele e perguntar? Revelar que conseguimos prova de forma ilegal e perder o emprego no mesmo dia?

— Você não. Eu vou sozinho.

— E o que acha que vai conseguir com isso? Se ficar claro que a gente entrou no chalé sem mandado de busca, não há um juiz neste país que não vá recusar o caso no ato.

— Por isso mesmo.

— Por isso... Desculpe, essas charadas estão começando a encher, Harry.

— Já que não temos nada para usar em um processo judicial, temos que provocar algo que possamos usar.

— Então seria melhor levá-lo para uma das salas de interrogação, deixá-lo na melhor cadeira, servir um espresso e começar a gravação.

— Não. Não precisamos de um monte de mentiras gravadas enquanto não podemos usar o que a gente já sabe para provar que está mentindo. Precisamos de um aliado. Um que poderia desmascará-lo para nós.

— E este seria?

— Vigdis Albu.

— Aha. E como...

— Se Arne Albu traiu a mulher, as chances de Vigdis querer ir a fundo no caso são boas. E as chances também são boas de que ela tenha a informação de que a gente precisa. E eu sei de algumas coisas que podem ajudá-la a descobrir mais.

Halvorsen girou o retrovisor para não ficar cego pelas luzes do trailer que estava colado atrás dele.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia, Harry?

— Não. Sabe o que é um anagrama?

— Não faço ideia.

— É uma brincadeira com letras. São palavras que podem ser lidas tanto num sentido como no outro. Por exemplo, olha o trailer no espelho lateral. AMOROMA. O resultado é o mesmo não importa de que lado comece.

Halvorsen ia dizer alguma coisa, mas desistiu e balançou a cabeça em resignação.

— Me deixa no restaurante Schrøder — disse Harry.

O ar estava cheio de suor, fumaça de cigarros, roupas molhadas da chuva e pedidos de cerveja gritados das mesas.

Beate Lønn estava na mesma mesa onde Aune esteve. Ela era tão difícil de achar quanto uma zebra em um estábulo.

— Esperou muito? — perguntou Harry.

— Não — mentiu ela.

À sua frente estava um caneco de meio litro de cerveja intocada e choca. Ela seguiu seu olhar e levantou o caneco de forma zelosa.

— Aqui não tem consumação — disse Harry e trocou olhares com Maja. — Só parece que

tem.

— Na verdade, o gosto não é tão ruim assim. — Beate bebericou. — Meu pai costumava dizer que ele não confiava em pessoas que não bebiam cerveja.

Um bule de café e uma xícara foram deixados na mesa em frente a Harry. Beate ficou escarlate.

— Eu costumava tomar cerveja — disse Harry. — Tive que parar de beber.

Beate olhou para a toalha de mesa.

— Também foi o único vício de que me livreí — disse Harry. — Eu fumo, minto e sou vingativo. — Ele levantou a xícara como se fosse fazer um brinde. — De que você sofre, Lønn? Além de ser uma viciada em vídeos e lembrar de todos os rostos que já viu na vida?

— Pouca coisa. — Ela levantou o caneco de cerveja. — Além do espasmo de Setesdal.

— É grave?

— Bastante. Na verdade se chama doença de Huntington. É hereditário e era comum no vale de Setesdal.

— Por que justo lá?

— Por... É um vale estreito com montanhas altas. E os vizinhos ficam muito longe.

— Entendo.

— Tanto meu pai como minha mãe vêm do vale de Setesdal, e, no começo, minha mãe não queria se casar com meu pai por achar que ele tinha uma tia que tinha o espasmo de Setesdal. A tia tinha a mania de bater os braços um pouco incontrolavelmente, então as pessoas costumavam manter certa distância dela.

— E agora você está com a doença?

Beate sorriu.

— Meu pai costumava brincar com minha mãe sobre isso quando eu era pequena. Porque quando eu e meu pai brincávamos de brigar, eu era tão rápida que ele achava que era o espasmo de Setesdal. Eu achava tão divertido que queria... ter o espasmo. Mas um dia minha mãe me contou que essa doença de Huntington era fatal. — Beate ficou quieta segurando o copo. — E no mesmo verão aprendi o que significava a morte.

Harry cumprimentou um velho marinheiro na mesa vizinha que retribuiu o cumprimento. Ele pigarreou:

— E que tal o desejo de vingança, sofre disso também?

Ela levantou o olhar para ele.

— O que quer dizer?

Harry encolheu os ombros:

— Olhe em volta. A humanidade não consegue funcionar sem isso. Vingança e retribuição são a força motriz, tanto para o menino que foi perseguido na escola e mais tarde virou multimilionário como para o assaltante de banco que acha que a sociedade foi injusta com ele. E veja a gente. A vingança quente da sociedade mascarada como retribuição fria e racional — eis a nossa profissão.

— É preciso — disse ela sem enfrentar seu olhar. — Sem punição a sociedade não funcionaria.

— Está certo, mas tem mais do que isso, não é? Catarse. A vingança traz purificação.

Aristóteles escreveu que a alma das pessoas se purificava pelo medo e pela compaixão que a tragédia evocava nelas. É um pensamento assustador, não é? Que através da tragédia da vingança cumprimos os desejos mais íntimos da alma?

— Eu não li muita filosofia. — Ela levantou o caneco e tomou um grande gole.

Harry baixou a cabeça.

— Nem eu. Só estou tentando impressionar. Voltemos ao caso?

— Primeiro uma notícia ruim — disse Beate. — A reconstrução do rosto atrás do gorro não deu certo. Só um nariz e um contorno da cabeça.

— E a boa notícia?

— A mulher que foi usada como refém no assalto na rua Grønlandsleiret alega que pode reconhecer a voz do assaltante. Ela disse que era uma voz muito fina, a ponto de pensar se tratar de uma mulher.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Conversei com o pessoal da academia SATS para saber alguma coisa. Trond Grette chegou lá às 15h30 e saiu por volta das 16 horas.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque ele pagou a aula de squash com cartão quando chegou. Ficou registrado o pagamento às 14h34. E você lembra aquela raquete de squash roubada? Ele avisou o pessoal, claro. No relatório do dia, a pessoa que trabalhou naquela sexta-feira anotou o tempo que Grette ficou lá. E ele deixou a academia às 16h02.

— E essa era a notícia boa?

— Não, estou chegando lá agora. Está lembrado do macacão que Grette tinha visto passar pela sala de musculação?

— Aquele com “polícia” nas costas?

— Olhei o vídeo. Parece fita adesiva nas costas e no peito do traje do Magarefe.

— E?

— Se foi o Magarefe, ele pode ter levado as fitas adesivas para colocar na roupa depois de ter saído do alcance da câmera.

— Ahm. — Harry bebericou o café.

— Isso explicaria por que ninguém notou uma pessoa com macacão preto na área. Havia uniformes pretos da polícia por toda parte logo após o assalto.

— O que disseram na academia?

— É aí que fica interessante. A funcionária de plantão se lembra de fato de um homem de macacão que ela pensou ser um policial. Ele passou correndo, por isso pensou que ele estava atrasado para uma aula de squash ou algo assim.

— Então eles não tinham o nome do cara?

— Não.

— Isso não é exatamente excitante...

— Não, mas a melhor parte vem agora. O motivo para ela se lembrar do cara é que ela pensou que ele devia ser da tropa de emergência ou coisa parecida, porque o restante do traje dele era muito *harry*.* Ele... — Ela se calou e olhou assustada para ele. — Eu não quis...

— Tudo bem — disse Harry. — Continue.

Beate mexeu no caneco e Harry achou que viu um leve sorriso de triunfo na sua boca pequena.

— A roupa tinha um gorro meio dobrado. E um grande par de óculos escuros que escondia o restante do rosto. E ela disse que ele carregava uma bolsa preta que parecia ser bem pesada.

Harry engasgou com o café.

Um par de sapatos velhos estava pendurado pelo cadarço no fio entre os prédios na rua Dovre. A lâmpada no fio fazia o melhor que podia para iluminar a pequena passagem, mas parecia que a escuridão do outono já chupara todas as luzes da cidade. Harry não se importava, ele conhecia o caminho entre a rua Sofia e o restaurante Schrøder de olhos fechados. Já provara isso diversas vezes.

Beate tinha uma lista com nomes de pessoas que tiveram aulas de squash ou aeróbica na academia SATS no horário que o homem de macacão esteve lá, e ela ia começar a fazer as ligações no dia seguinte. Se ela não encontrasse o homem, eram boas as possibilidades de que alguém no vestuário o tivesse visto quando ele trocava de roupa e pudesse descrevê-lo.

Harry passou por baixo do par de sapatos pendurados no fio. Eles estavam pendurados lá fazia anos e ele já estava conformado de que nunca ia saber como foram parar lá.

Ali estava limpando as escadas quando Harry entrou no corredor.

— Você deve odiar o outono norueguês — disse Harry e limpou os pés. — Só sujeira e lama.

— Na minha cidade natal, no Paquistão, a visibilidade era de cinquenta metros por causa da poluição — sorriu Ali. — O ano todo.

Harry ouviu um ruído distante, mas familiar. Era a lei de que o telefone sempre toca para que você possa ouvi-lo, mas não possa atender. Ele olhou o relógio. Dez horas. Rakel tinha dito que ia ligar às nove.

— O seu depósito no porão... — começou Ali, mas Harry já estava pulando a escada e imprimiu cada quarto degrau com a sola das botas Dr. Martens.

O telefone parou de tocar no instante em que abriu a porta.

Ele chutou as botas. Passou as mãos no rosto. Foi para o telefone, tirou do gancho. O número do hotel estava em um bilhete no espelho. Ele soltou o papel e viu de repente a imagem refletida do primeiro e-mail de S2MN. Tinha tirado uma cópia que prendeu na parede. Um hábito antigo. Na Homicídios costumavam decorar as paredes com fotos, cartas e outras pistas que talvez pudessem fazê-los ver as conexões ou ativar o subconsciente de alguma maneira. Harry não conseguia ler a carta no espelho, mas nem precisava.

Vamos jogar? Imagine que você tenha jantado com uma mulher e no dia seguinte ela tenha sido encontrada morta. O que você faz?

Ele mudou de ideia, entrou na sala, ligou a TV e afundou na poltrona. Depois se levantou num pulo, foi ao corredor e discou o número.

Rakel parecia cansada.

— No Schröder. Acabei de chegar.

— Devo ter ligado umas dez vezes.

— Algum problema?

— Estou com medo, Harry.

— Está com muito medo?

Harry se pôs no vão da porta com o gancho prensado entre o ombro e o ouvido enquanto baixava o som da TV com o controle remoto.

— Não muito — disse ela. — Um pouco.

— Um pouco de medo não é perigoso. Dá força ter um pouco de medo.

— Mas e se eu ficar com muito medo?

— Você sabe que eu iria imediatamente para onde estiver. É só dizer.

— Mas eu já disse que você não pode, Harry.

— A partir de agora está garantido o direito de mudar de ideia.

Harry olhou o homem de turbante e uniforme de camuflagem na TV. Tinha algo estranhamente familiar nele, parecia com alguém.

— O mundo está desabando — disse ela. — Só precisava saber se tinha alguém aí.

— Tem alguém aqui.

— Mas você parece tão distante.

Harry virou as costas para a TV e se apoiou no vão da porta.

— Desculpe. Mas estou aqui e penso em você. Mesmo que eu pareça distante.

Ela começou a chorar.

— Desculpe, Harry. Você deve achar que sou uma chorona. É claro que sei que você está aí. — Ela sussurrou: — Sei que posso confiar em você.

Harry respirou fundo. A dor de cabeça chegou devagar, mas firme. Como se alguém apertasse uma fita de ferro em volta da sua cabeça, com cada vez mais força. Quando ela desligou, ele já sentia cada batida do pulso nas têmporas.

Ele desligou a TV e colocou um CD do Radiohead, mas não aguentou ouvir a voz de Thom Yorke. Então foi para o banheiro e lavou o rosto. Na cozinha ficou olhando para dentro da geladeira sem objetivo. Não dava mais para adiar, e ele entrou no quarto. A tela do PC acordou e espalhou sua luz fria e azul à sua volta. Ele entrou em contato com o mundo. Que informou que ele tinha recebido um e-mail. Agora sentiu com força. A sede. Puxava nas rédeas da matilha que queriam se soltar. Ele clicou no ícone do e-mail.

Eu devia ter verificado os sapatos dela. Ela deve ter pegado a foto da mesa de

cabeceira quando eu carregava a arma. Por outro lado faz este jogo ser um pouquinho mais excitante.
Um pouquinho.

S²MN.

P.S.: Ela estava com medo. Só queria que você soubesse.

Harry enfiou a mão no bolso e tirou o chaveiro. Tinha uma placa de metal com as iniciais AA.

Nota

* Harry: gíria norueguesa para qualificar alguém que se veste com roupas fora de moda. (*N. da T.*)

Parte III

Aterrissagem



O que pensa uma pessoa que olha para dentro do cano de uma arma? Às vezes acho que eles não pensam nada. Como aquela mulher que encontrei hoje. “Não atire”, disse ela. Será que ela realmente acreditou que um pedido desses fizesse diferença? Na plaquinha identificatória estava escrito DnB e Cathrine Schøyen, e quando perguntei por que tinha tanto c e h no seu nome, ela só me olhava com seu rosto de vaca burra e repetia as palavras: “Não atire.” Faltava pouco para que eu perdesse o controle, mugisse e atirasse bem no meio dos seus chifres.

A fila dos carros na minha frente está parada. Estou sentindo o encosto nas costas, úmido e suado. O rádio está na NRK Sempre Notícias. Ainda não disseram nada. Olho o relógio. Normalmente estaria em segurança no chalé em questão de meia hora. O carro na minha frente tem catalisador e eu desligo o ventilador. A hora do rush já começou, mas isso aqui está pior do que de costume. Será que houve um acidente lá adiante? Ou a polícia já montou barreiras na estrada? Impossível. A bolsa com o dinheiro está debaixo de uma jaqueta no banco de trás. Junto com o rifle AG-3, carregado. O motorista na minha frente está embalando o motor antes de conseguir soltar a embreagem e mover dois metros para a frente. Estamos parados de novo. Estou avaliando se vou me entediar, ficar ansioso ou apenas irritado quando os vir. Duas pessoas vêm andando ao longo da faixa entre as fileiras de carros. Uma é uma mulher de uniforme, o outro um homem alto de casaco cinza. Lançam olhares atenciosos nos carros à esquerda e à direita. Em certo ponto, um deles para e troca algumas palavras sorridentes com um motorista que parece que não colocou o cinto de segurança. Talvez seja só um controle de rotina. Estão se aproximando. No rádio, uma voz

nasal diz em inglês que a temperatura no solo está acima de 40 graus e que as pessoas devem se cuidar para não ficarem com insolação. Automaticamente começo a suar, mesmo sabendo que do lado de fora está ventando e faz frio. Estão bem na frente do meu carro. É o policial. Harry Hole. A mulher parece Stine. Ela me lança um olhar ao passar. Respiro aliviado. Ia dar uma gargalhada quando ouço bater no vidro. Viro-me devagar. Extremamente devagar. Ela mostra um sorriso, e descubro que o vidro já está aberto. Estranho. Ela diz algo que some no barulho do ronco do motor na frente.

— O quê? — pergunto e abro os olhos mais uma vez.

— Could you please put the back of your seat to an upright position?

— O encosto do assento? — pergunto confuso.

— We'll be landing shortly, sir. — Ela sorri novamente e desaparece.

Esfrego o sono dos olhos e tudo volta. O roubo. A fuga. A mala com as passagens de avião que estava pronta no chalé. A mensagem de SMS do Príncipe de que o caminho estava limpo.

Mas mesmo assim aquela pequena picada de nervosismo ao mostrar o passaporte no check-in no aeroporto Gardermoen em Oslo. A partida. Tudo correu como planejado.

Olho pela janela. Parece que ainda estou sonhando, porque por um instante tenho a impressão de que estamos voando por cima das estrelas. Depois entendo que são as luzes da cidade e começo a pensar no carro de aluguel que reservei. Será que seria melhor pernoitar em um hotel nesta grande cidade úmida e malcheirosa e continuar para o sul amanhã? Não, amanhã vou estar igualmente cansado por causa do fuso horário. Melhor chegar de uma só vez. O lugar para onde vou é melhor do que sua fama. Lá moram até alguns noruegueses com quem dá para conversar. Acordar para o sol, o mar e uma vida melhor. Este é o plano. O meu plano, pelo menos.

Estou segurando o drinque que consegui salvar antes que a aeromoça fechasse a mesa na minha frente. Então, por que não acredito no plano?

O zunido do motor sobe e desce. Posso sentir que estou descendo agora. Fecho os olhos e automaticamente respiro fundo com a certeza de saber o que vem. Ela. Ela está usando o mesmo vestido da primeira vez que a vi. Meu Deus, já estou sentindo falta dela. O fato de que a saudade não poderia ser satisfeita, mesmo que ela estivesse viva, não altera nada. Porque tudo com ela era impossível. A castidade e a ferosidade. O cabelo que devia engolir toda luz, mas em vez disso brilhava como ouro. O riso obstinado enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. O olhar de ódio quando eu a penetrava. Suas declarações de amor falsas e a alegria verdadeira quando dava desculpas esfarrapadas depois de faltar a compromissos. Que foram repetidas quando eu estava deitado ao lado dela na cama com a cabeça sobre os vestígios de outro homem. Faz muito tempo agora. Milhões de anos. Fecho os olhos para não ver a continuação. O tiro que dei nela. Suas pupilas que se abriram, devagar como uma rosa preta, o sangue que gotejava, caía e pousava com gemidos abafados. O golpe na nuca, sua cabeça que tombou para trás. E agora, a mulher que amo está morta. Simples assim. Mas ainda não faz sentido. É isso que é tão belo. Tão simples e tão belo que mal dá para viver. Sente-se cair a pressão na cabine. De dentro. Uma força invisível que pressiona as têmporas e o cérebro mole. E algo me diz que é assim que vai

acontecer. Ninguém vai me encontrar, ninguém vai extorquir o meu segredo. Mesmo assim, o plano será esmagado. Do lado de dentro.

Monopólio



Harry acordou com o radiorrelógio e as notícias. Os bombardeios foram intensificados. Parecia uma reprise.

Ele tentou achar um motivo para levantar.

A voz do rádio contava que o peso médio de homens e mulheres noruegueses havia subido em respectivamente treze e nove quilos desde 1975. Harry fechou os olhos e pensou em algo que Aune havia dito. Que o péssimo conceito de escapismo era desmerecedor. O sono veio. O mesmo sentimento doce e quente que tinha quando era garoto e ficava na cama com a porta aberta e ouvia o pai ruminar pela casa desligando as luzes — uma a uma — e ficava um pouco mais escuro em frente à sua porta a cada luz que apagava.

— Depois dos assaltos violentos em Oslo nas últimas semanas, os bancários da cidade exigiram segurança armada nos bancos mais visados no Centro. O assalto à agência NOR da seguradora Gjensidige ontem na rua Grønlandsleiret se enquadra na série de assaltos à mão armada dos quais a polícia suspeita que o homem conhecido como o Magarefe esteja por trás. É a mesma pessoa que atirou e matou...

Harry colocou as solas dos pés no linóleo gelado. O rosto no espelho imitava um Picasso tardio.

Beate estava no telefone. Ela balançou a cabeça negativamente quando viu Harry no vão da porta. Ele se despediu com um aceno de cabeça e estava indo embora, mas ela o chamou de volta com um gesto da mão.

— Obrigada pela ajuda — disse ao telefone e desligou.

— Estou atrapalhando? — perguntou Harry e colocou uma xícara de café na sua frente.

— Não, eu fiz não com a cabeça para dizer que não obtive resultados. O homem com quem falei era o último da lista. De todos os homens que sabemos que estavam na academia SATS naquela hora, só tem um que vagamente se lembra de um homem de macacão. E ele nem tinha certeza se foi no vestiário que o viu.

— Certo. — Harry se sentou e olhou em volta. O escritório dela era tão arrumado quanto ele imaginara. Além de ter na janela uma flor bem conhecida cujo nome ele não sabia, a sala era tão desnuda de objetos quanto a sua. Na mesa viu o suporte de trás de um porta-retrato. Ele podia adivinhar de quem era.

— Você só falou com homens? — perguntou.

— A teoria é que ele entrou no vestiário dos homens para se trocar, não é?

— E depois andou pelas ruas de Morristown como um homem comum. Exato. Algo de novo sobre o assalto em Grønlandsleiret ontem?

— Depende do que chama de “novo”. Uma reprise, eu diria. O mesmo tipo de roupas e AG-3. Fez o refém falar. Pegou o dinheiro no caixa automático, gastou um minuto e cinquenta segundos. Nenhuma pista. Em suma...

— O Magarefe — disse Harry.

— O que é isso? — Beate levantou a xícara e olhou dentro.

— Cappuccino. Lembranças de Halvorsen.

— Café com leite? — Ela franziu o nariz.

— Deixe-me adivinhar — disse Harry. — Seu pai disse que não confiava em pessoas que não bebiam café preto?

Ele se arrependeu assim que viu a expressão perplexa no rosto de Beate.

— Desculpe, murmurou. — Não quis... foi mal.

— E o que faremos agora? — perguntou Beate depressa e ficou mexendo com a xícara. — Voltamos à estaca zero.

Harry afundou na cadeira e olhou as pontas das suas botas.

— Direto para a prisão.

— O quê?

— Ir direto para a prisão. — Ele se endireitou. — Não pode passar pelo início, não vai ganhar duas mil coroas.

— Do que você está falando?

— As cartas da sorte do Banco Imobiliário. É o que está faltando. Tentar a sorte. Na prisão. Tem o telefone da prisão Botsen?

— É uma perda de tempo — disse Beate.

A sua voz fazia eco entre as paredes de alvenaria no corredor-túnel por onde praticamente corria ao lado de Harry.

— Talvez — disse ele. — Como noventa por cento de toda investigação.

— Já li todos os relatórios e interrogatórios que foram feitos sobre ele. Ele nunca diz nada. Exceto um monte de baboseira filosófica que não tem nada a ver com o caso.

Harry apertou o interfone ao lado da porta de ferro azul no final do túnel.

— Conhece o ditado que diz para procurar o que foi perdido onde há luz? Parece servir para ilustrar a sandice do ser humano. Para mim é bom-senso.

— Mostre os crachás para a câmara — disse a voz no interfone.

— Por que quer que eu vá se você vai falar com ele a sós? — perguntou Beate e deslizou pela porta atrás de Harry.

— É um método que Ellen e eu usávamos quando a gente interrogava suspeitos. Um de nós fazia as perguntas enquanto o outro ficava escutando. Se o interrogatório estava empacado, fazíamos uma pausa. Quando era eu que fazia o interrogatório, eu saía e Ellen começava a falar de outras coisas mais do dia a dia. Parar de fumar, por exemplo, ou que só passava merda na TV. Ou que ela sentia pesar o aluguel, agora que tinha rompido com o namorado. Depois de algum tempo com essa conversa, eu botava a cabeça pela porta e dizia que tinha surgido algo e que ela tinha que assumir.

— Funcionava?

— Todas as vezes.

Subiram a escada e entraram na antessala para o hall do presídio. O guarda atrás do vidro grosso à prova de bala acenou para eles e apertou um botão:

— O carcereiro já está chegando — avisou a voz nasal.

O carcereiro era um cara baixinho com músculos inflados e a ginga escarranchada de um anão. Ele os conduziu à área das celas onde uma galeria de três andares com fileiras de portas azuis claras cerceavam um hall grande e comprido. Havia uma rede de aço entre os andares. Não se via nenhuma pessoa e o silêncio só era cortado pelo eco de uma porta sendo fechada em algum lugar.

Harry já estivera muitas vezes neste lugar, mas para ele sempre parecia um absurdo pensar que atrás dessas portas havia pessoas que a sociedade achava necessário enclausurar contra sua própria vontade. Harry nem sabia direito por que ele achava essa ideia tão absurda. Mas tinha algo a ver com a manifestação física de vingança oficial e institucionalizada pelo crime. A balança e a espada.

O molho de chaves do carcereiro ressoava quando uma porta se abriu com as palavras SALA DE VISITA escritas em letras pretas.

— Fiquem à vontade. É só bater quando quiserem sair.

Entraram e a porta se fechou atrás deles com um zunido metálico. No silêncio que se seguiu, Harry notou o zumbido baixo de uma lâmpada fluorescente que ia e vinha, e as flores de plástico na parede que jogavam sombras pálidas nas aquarelas desbotadas. Um homem estava sentado ereto em uma cadeira exatamente no meio da parede menor atrás de uma mesa. Os braços descansavam na mesa em cada lado de um tabuleiro de xadrez. O cabelo

estava penteado para trás sobre as orelhas retas. Ele vestia um macacão liso e cinzento. As sobrancelhas espessas e a sombra que caía ao lado do nariz reto desenhavam um nítido T todas as vezes que a lâmpada se desligava. Mas era principalmente o olhar que Harry se lembrava do enterro, a mistura contraditória de sofrimento e inexpressividade que fez Harry pensar em outra pessoa.

Harry fez um gesto para Beate se sentar perto da porta. Ele puxou uma cadeira para a mesa e se sentou frente a frente com Raskol.

— Obrigado por ter encontrado tempo para falar conosco.

— Tempo... — disse Raskol com uma voz que era surpreendentemente clara e macia — é barato aqui. — Ele falava com sotaque do Leste europeu, com erres fortes e dicção clara.

— Entendo. Sou Harry Hole e minha colega aqui se chama...

— Beate Lønn. Você é parecida com seu pai, Beate.

Harry ouviu Beate aspirar com força e se virou um pouco. Seu rosto não estava ruborizado, ao contrário, a pele pálida estava ainda mais branca, e a boca congelada em uma careta como se tivesse levado um soco.

Harry pigarreou enquanto olhava para a mesa, e foi só então que percebeu que a simetria quase sinistra em torno do eixo que dividia a sala e Raskol ao meio estava quebrada por um pequeno detalhe: o rei e a rainha no tabuleiro.

— E onde foi que eu vi você antes, Hole?

— Na maior parte do tempo eu estou perto de pessoas mortas — respondeu Harry.

— Ah. O enterro. Você era um dos cães de guarda do inspetor- chefe, certo?

— Não.

— Então não gostou de ser chamado de cão de guarda? Existe sangue ruim entre vocês?

— Não. — Harry pensou um pouco. — É só que a gente não se gosta. Nem vocês, pelo que imagino?

Raskol sorriu de leve e a lâmpada acendeu.

— Espero que ele não leve isso pro lado pessoal. E parecia um terno bem barato.

— Não acho que foi o terno que ficou mais prejudicado.

— Ele queria que eu contasse algo. Então contei algo.

— Que delatores são marcados para sempre?

— Nada mal, inspetor-chefe. Mas aquela tinta sai com o tempo. Joga xadrez?

Harry tentou não demonstrar que Raskol havia usado seu título corretamente. Talvez estivesse só chutando.

— Gostaria de saber como conseguiu esconder aquele transmissor depois — disse Harry.

— Ouvi dizer que viraram a ala inteira de pernas para o ar.

— Quem disse que escondi alguma coisa? Brancas ou pretas?

— Dizem que você ainda é o cérebro por trás da maioria dos assaltos na Noruega, que aqui é sua base e que sua parte do roubo é depositada em uma conta no exterior. É por isso que fez questão de ficar aqui, na Ala A de Botsen, porque é justamente aqui que você encontra aqueles com penas mais curtas e que logo vão sair e poder executar os planos que você faz? E como você se comunica com eles quando estão lá fora? Você também tem celulares aqui dentro? PCs?

Raskol suspirou.

— O seu começo foi promissor, inspetor, mas já está me entediando. Vamos jogar ou não?

— Jogos são entediantes — disse Harry. — A não ser que seja apostando.

— Por mim tudo bem, o que vamos apostar?

— Isto. — Harry segurou um chaveiro com uma chave e uma placa.

— E o que é isto? — perguntou Raskol.

— Ninguém sabe. Às vezes é preciso correr o risco quando a aposta tem valor.

— Por que deveria?

Harry se inclinou para a frente.

— Porque você confia em mim.

Raskol riu alto.

— Me dê um motivo para confiar em você, *Spiuni*.

— Beate — disse Harry sem tirar o olhar de Raskol. — Poderia sair e deixar-nos a sós, por favor?

Ele ouviu o bater na porta e o ressoar das chaves atrás de si. A porta se abriu e soou um clique macio quando fechou.

— Dê uma olhada — Harry colocou a chave na mesa.

Raskol perguntou sem tirar os olhos de Harry.

— A-A?

Harry levantou o rei branco do tabuleiro. Era esculpido a mão e muito bonito.

— São as iniciais de um homem que teve um problema delicado. Ele era rico. Tinha mulher e filho. Casa e chalé. Cachorro e amante. Tudo funcionava às mil maravilhas. — Harry virou a peça. — Mas, com o tempo, o homem rico mudou. Acontecimentos fizeram com que ele um dia chegasse à conclusão de que a família era a coisa mais importante na vida dele. Então vendeu a firma, se livrou da amante e prometeu a si mesmo e à família que eles agora só iriam viver um para o outro. O problema foi que a amante começou a ameaçar o homem dizendo que iria revelar a relação que eles tiveram. Sim, talvez ela o extorquisse também. Não tanto por ela ser tão gananciosa, mas sim por ser pobre. E por ela estar em vias de completar uma obra de arte que ela achava ser a obra-prima da sua vida, e que ela precisava de dinheiro para concretizar o sonho. Ela o pressionava cada vez mais, e uma noite ele decidiu procurá-la. Não uma noite qualquer, mas uma noite em particular, porque ela tinha contado a ele que iria receber a visita de uma paixão antiga justo naquela noite. Por que ela contou? Talvez para que ficasse com ciúme? Ou para mostrar que era desejada por outros homens? Ele não ficou com ciúme. Ele ficou contente. Era uma excelente oportunidade.

Harry olhou para Raskol. Havia cruzado os braços e observava Harry.

— Ele esperou do lado de fora. Esperou bastante enquanto olhava as luzes do apartamento. Logo antes da meia-noite, a visita foi embora. Um homem qualquer que, se fosse necessário, não teria álibi, presumindo-se que outras pessoas saberiam que ele esteve na casa de Anna naquela noite. Pelo menos a sua vizinha perspicaz, Astrid Monsen, teria ouvido este homem tocar a campainha no início da noite. Mas nosso homem não toca a campainha. O nosso homem abre a porta com a chave. Sobe a escada na ponta dos pés e abre também a

porta do apartamento com a chave.

Harry levantou o rei preto e o comparou com o branco. Se não olhássemos bem, poderíamos ser levados a pensar que são exatamente iguais.

— A arma não tem registro. Talvez fosse de Anna, talvez fosse dele mesmo. O que exatamente aconteceu no apartamento, eu não sei. E provavelmente o mundo nunca vai saber, porque ela está morta. E do ponto de vista da polícia, o caso foi esclarecido, registrado como suicídio.

— “*Eu*”? “*Do ponto de vista da polícia*”? — Raskol passou a mão por cima do cavanhaque. — Por que não “*nós*” e “*do nosso ponto de vista*”? Está tentando me dizer que você está sozinho nessa, inspetor?

— O que quer dizer?

— Sabe muito bem o que quero dizer. Entendo que o truque de mandar a sua colega sair foi para me dar a impressão de que isso ficaria entre mim e você. Mas... — Ele colou as palmas das mãos — pode até ser que isso seja verdade. Tem mais alguém que sabe o que você sabe?

Harry balançou a cabeça negativamente.

— Então o que é que você quer? Dinheiro?

— Não.

— Eu não seria tão rápido se fosse você, inspetor. Ainda não deu para eu saber o que esta informação vale para mim. Talvez estejamos falando de valores altos. Se puder provar o que está dizendo. E a punição do culpado pode ser feita, vamos dizer, em particular, sem o envolvimento desnecessário das autoridades.

— A questão não é esta — disse Harry, esperando que o suor na própria testa não fosse visível. — A questão é o que a *sua* informação vale para *mim*.

— O que está sugerindo, *Spiuni*?

— O que sugiro — disse Harry e segurou os dois reis na mesma mão — é um empate. Você me conta quem é o Magarefe. Eu forneço provas contra o homem que matou Anna.

Raskol riu baixinho.

— Agora falou. Pode ir, *Spiuni*.

— Pense a respeito, Raskol.

— Não é preciso. Confio em pessoas que estão atrás de dinheiro, não em quem quer mergulhar em uma cruzada.

Eles se entreolharam. A lâmpada fluorescente chiava. Harry balançou a cabeça assentindo, colocou as peças no tabuleiro, se levantou, foi até a porta e bateu.

— Parece que você a amava muito — disse de costas para Raskol. — O apartamento na rua Sorgenfri estava alugado no seu nome, e sei muito bem que Anna não tinha muito dinheiro.

— É?

— Sendo seu o apartamento, mandei avisar no condomínio que a chave será enviada para você. Vai chegar com um mensageiro hoje ainda. Sugiro que a compare com a chave que dei a você.

— Como assim?

— Existem três chaves do apartamento de Anna. Ela tinha uma, o eletricitista tinha outra.

Encontrei esta no chalé do homem de que lhe falei. Na gaveta do criado-mudo. É a terceira e última chave. A única que pode ter sido usada se Anna foi assassinada.

Ouviram um clique no lado de fora da porta.

— Não sei se acrescenta algo à minha credibilidade, mas só estou querendo salvar a minha própria pele — disse Harry.

America



Pessoas com sede bebem em qualquer lugar. Veja, por exemplo, o Maliks na rua Therese. É uma lanchonete que vende hambúrguer e que não tinha nada daquilo que fazia do Schrøder um lugar para se beber com certa dignidade. Certamente, os hambúrgueres do Maliks tinham a fama de ser melhores do que os da concorrência, e com uma certa dose de boa vontade podemos dizer que o interior, com um leve toque indiano e com a foto da família real norueguesa, tinha um charme um tanto kitsch. Mas não deixava de ser um lugar de comida fast-food, onde as pessoas que queriam pagar para ter certa credibilidade alcoólica não podiam sequer se imaginar tomando um chope.

Harry nunca fora um deles.

Fazia tempo que não ia ao Maliks, mas, quando olhou em volta, constatou que tudo estava como sempre. Øystein estava com seus amigos e uma amiga de copo na mesa para fumantes. Contra uma cortina de sons de sucessos antigos, Euroesporte na TV e óleo chiando, eles levavam uma conversa animada sobre ganhar na loteria, o caso Orderud e sobre a falta de moral de um amigo ausente.

— Mas é você, Harry! — A voz rouca de Øystein conseguiu atravessar a poluição sonora. Ele jogou os longos e oleosos tufo de cabelo para o lado e esfregou a mão na coxa antes de estendê-la para Harry.

— Esse aqui é o tira que contei para vocês. Que matou aquele cara na Austrália. Acertou ele na cabeça, né?

— Legal — disse um dos outros fregueses cujo rosto Harry não podia ver porque ele estava inclinado para a frente com o cabelo longo feito uma cortina em volta do caneco de chope. — Acabe com o lixo.

Harry apontou para uma mesa vazia e Øystein assentiu com um balanço de cabeça,

apagou o cigarro, enfiou o pacote de fumo no bolso da camisa jeans e se concentrou em equilibrar o caneco de meio litro de chope até a outra mesa sem derramar.

— Faz tempo — disse Øystein e começou a enrolar outro cigarro. — Aliás, os outros caras também, nunca os vejo. Todos se mudaram, se casaram e tiveram filhos. — Øystein riu. Um riso duro e amargo. — Todos se endireitaram. Quem diria?

— É.

— Costuma ir a Oppsal? Seu pai ainda mora na casa, né?

— Mora. Mas não vou muito lá. A gente se fala por telefone vez ou outra.

— E sua irmã? Está melhor?

Harry sorriu.

— Não se melhora da síndrome de Down, Øystein. Mas ela se vira legal. Mora sozinha em um apartamento em Sogn. E tem namorado.

— Nossa. Tá melhor que eu.

— Como está o trabalho no táxi?

— Tá legal. Acabei de trocar de dono de táxi. O anterior cheirava mal. Um babaca.

— Interessado em voltar a trabalhar com informática?

— Claro, tá louco! — Øystein vibrou com o riso contido enquanto passava a ponta da língua pelo papel. — Um milhão em salário anual e um escritório tranquilo, claro que gostaria. Mas esse bonde já passou, Harry. Acabou o tempo para os caras do rock'n roll como eu na área de informática.

— Conversei com um cara que trabalha com segurança de dados para o Banco DnB. Ele disse que você ainda é considerado o pioneiro em quebrar senhas.

— Pioneiro quer dizer velho, Harry. Ninguém precisa de um hacker acabado que não mexe com isso faz dez anos, saca? E teve todo aquele rebuliço.

— Ahm. O que aconteceu exatamente?

— O que aconteceu? — Øystein levantou os olhos para o céu. — Você me conhece. Uma vez hippie, sempre hippie. Precisava de dinheiro. Tentei uma senha que não devia. — Ele acendeu o cigarro e procurou em vão um cinzeiro. — E você? Colocou a rolha de vez, ou não?

— Estou tentando. — Harry se esticou para pegar o cinzeiro na mesa vizinha. — Estou com uma mulher.

Ele falou sobre Rakel, Oleg e o processo jurídico em Moscou. E sobre sua vida em geral. Não demorou.

Øystein falou sobre os outros do círculo de amigos que cresceram juntos em Oppsal. Sobre Siggen, que se mudou para Harestua com uma mulher que Øystein alegava ser fina demais para ele, e Kristian, que acabou numa cadeira de rodas depois de ser atropelado na sua motocicleta ao norte de Minnesund, mas os médicos achavam que ele tinha esperança.

— Esperança de quê? — perguntou Harry.

— De poder trepar de novo — disse Øystein e esvaziou o resto do chope. — Ele não tem grandes chances — disse Øystein. — Engordou mais de trinta quilos. Foi por isso que ela se mandou. É verdade! Torkild a encontrou no Centro e ela disse que não aguentava toda aquela gordura. — Ele colocou o copo na mesa. — Mas não deve ter sido por isso que me ligou.

— Não, preciso de ajuda. Estou trabalhando em um caso.

— Para pegar malvados? E aí você vem a mim? Nossa. — Øystein riu tanto que começou a tossir.

— É um caso em que estou envolvido pessoalmente — disse Harry. — É um pouco difícil explicar tudo, mas se trata de rastrear um cara que envia e-mails de um servidor com assinatura anônima de algum lugar do exterior.

Øystein balançou a cabeça, pensativo.

— Você está em apuros, então?

— Talvez. Por que acha isso?

— Sou um motorista de táxi que gosta de beber e que não sabe nada sobre os últimos avanços da informática. E todos que me conhecem sabem que eu não sou lá tão confiável quanto a trabalho. Em suma, o único motivo de vir a mim é que sou um velho companheiro. Lealdade. Eu vou manter o bico calado, certo? — Ele tomou um grande gole do chope. — Com certeza adoro uma bebida, mas não sou burro, Harry. — Ele sugou energicamente o cigarro. — Então, quando a gente começa?

Estava anoitecendo em Slemdal. A porta se abriu e um homem e uma mulher apareceram na escada. Despediram-se risonhos do anfitrião, desceram pelo caminho da entrada moendo o cascalho sob os sapatos pretos e lustrosos enquanto, murmurando, comentavam sobre a comida, os anfitriões e os outros convidados. Por isso, quando saíram pelo portão para Bjørnetrålket, não notaram o táxi estacionado um pouco mais adiante na rua. Harry apagou o cigarro, ligou o rádio e ouviu Elvis Costello berrar “Watching The Detectives”. Na rádio P4. Ele havia reparado que quando as músicas favoritas dele ficavam velhas o bastante, acabavam nos canais de rádio que não eram descolados. É claro que ele entendeu que isso só podia significar uma coisa — que ele também já estava velho. Ontem tinham tocado Nick Cave no programa das nove.

Uma voz noturna e sedutora anunciou “Another Day In Paradise” e Harry desligou. Ele abaixou o vidro e ouviu o pulso do baixo da casa de Albu, que era o único som a quebrar o silêncio. Festa adulta. Relações de negócios, vizinhos e ex-colegas da faculdade. Não era bem a dança dos passarinhos e nem uma festa rave, mas gim com tônica, Abba e Rolling Stones. Pessoas com seus trinta e muitos e formação superior. Voltando para a casa e com babá. Harry olhou o relógio. Ele pensou no último e-mail que estava no PC quando ele e Øystein o ligaram:

Estou me entediando. Tem medo ou é apenas burro?

Ele deixou o PC nas mãos de Øystein e pegou emprestado seu táxi, um Mercedes acabado dos anos 1970 que sacudia como um velho colchão de molas nas lombadas quando entrou no bairro cheio de vilas, mas que mesmo assim era um sonho para dirigir. Mas ele decidiu esperar quando viu as pessoas emperiquitadas saírem da casa de Albu. Não tinha por que fazer escândalo. E, de qualquer maneira, ele devia usar o tempo para pensar friamente, mas aquele “*estou me entediando*” estava atrapalhando.

— Agora já pensou bastante — murmurou Harry para si mesmo no retrovisor. — *Agora já* pode fazer uma tolice.

Foi Vigdis Albu que abriu. Ela tinha feito o truque mágico que só mulheres ilusionistas treinadas dominavam e que homens como Harry nunca iriam conseguir descobrir como faziam: ela tinha se tornado bela. E a única explicação concreta que Harry podia apontar é que ela estava usando um vestido turquesa que combinava com seus grandes — e agora arregalados de surpresa — olhos azuis.

— Desculpe por perturbá-la tão tarde, senhora Albu. Gostaria muito de falar com seu marido.

— Estamos dando uma festa — respondeu. — Não pode esperar até amanhã? — Ela sorriu implorando, mas Harry viu a vontade dela de simplesmente bater a porta na cara dele.

— Sinto muito — disse. — Seu marido mentiu quando disse que não conhecia Anna Bethsen. E eu acredito que você também mentiu. — Harry não sabia se era o vestido ou a confrontação que fez ele dizer “você”. A boca de Vigdis Albu fez um “o” mudo.

— Tenho uma testemunha que diz ter visto eles juntos — disse Harry. — E sei de onde vem a foto.

Ela piscou duas vezes.

— Por que... — gaguejou. — Por que...

— Porque eles eram amantes, senhora Albu.

— Não, quero dizer, por que você está me dizendo isso? Quem lhe deu o direito?

Harry abriu a boca e ia responder. Ele ia dizer que achava que ela tinha o direito de saber, que ia vir à tona um dia de qualquer maneira etc. Mas em vez disso ficou olhando para ela. Porque ela sabia por que ele contava, e ele mesmo não sabia — até agora. Ele engoliu em seco.

— Direito a quê, querida?

Harry avistou Arne Albu descendo a escada. A testa estava brilhando de suor e a gravata do smoking estava solta por cima da camisa. Da sala Harry ouviu David Bowie erradamente alegar que “This is not America”.

— Quietos, Arne, você vai acordar as crianças — disse Vigdis sem tirar o olhar suplicante de Harry.

— Eh, elas não acordariam mesmo soltando uma bomba atômica aqui — disse o marido fanhoso.

— Creio que é exatamente isso que Hole acabou de fazer — disse baixinho. — Com o intuito de causar o máximo de danos, parece.

Harry encarou seu olhar.

— Então? — disse Arne Albu e colocou o braço em torno dos ombros da sua mulher. — Também posso participar da brincadeira? — O sorriso estava cheio de divertimento, mas ao mesmo tempo aberto, quase inocente. Como a imensa alegria de um menino que pega o carro do pai emprestado sem pedir.

— Desculpe — disse Harry. — Mas a brincadeira acabou. Temos as provas de que precisamos. E agora mesmo tem um perito em informática rastreando o endereço de onde está enviando os e-mails.

— Do que ele está falando? — riu Arne. — Provas? E-mail?

Harry o encarou.

— A foto no sapato de Anna veio do álbum de fotografia quando você e ela estavam juntos no chalé em Larkollen há algumas semanas.

— Semanas? — perguntou Vigdis e olhou seu marido.

— Ele entendeu quando eu mostrei a foto — disse Harry. — Ele esteve em Larkollen ontem e a substituiu por uma cópia.

Arne Albu franziu a testa, mas manteve o sorriso.

— Andou bebendo, policial?

— Você não devia ter contado a ela que ela ia morrer — continuou Harry e entendeu que estava em vias de perder o controle. — E de qualquer maneira não devia ter tirado os olhos dela depois. Ela conseguiu enfiar a foto no sapato escondido. E foi isso que desmascarou você, Albu.

Harry ouviu a senhora Albu respirar fundo.

— Sapato uma ova — disse Albu enquanto fazia um cafuné na nuca da esposa. — Sabe por que os homens de negócios noruegueses não conseguem fazer negócios no exterior? Eles esquecem os sapatos. Eles usam sapatos que compraram na liquidação de ternos no Skoringen Prada a 15 mil coroas. Estrangeiros acham isto suspeito. — Albu apontou para baixo. — Veja. Sapatos italianos, feitos à mão. Mil e duzentas coroas. É barato quando se trata de comprar confiança.

— O que eu gostaria de saber é por que você estava tão empenhado em me deixar saber que estava lá — disse Harry. — Era ciúme?

Arne balançou a cabeça, negando, mas a senhora Albu se libertou do seu braço.

— Você achou que eu era o novo amante dela? — continuou Harry. — E como você achava que eu não tinha coragem de fazer algo em um caso onde eu pudesse ser envolvido, podia brincar um pouco comigo, me chatear, me fazer subir pelas paredes. Não foi?

— Vem, Arne! Christian quer fazer um discurso! — Um homem com um drinque e charuto nas mãos estava bamboleando no alto da escada.

— Comece sem mim — disse Arne. — Só vou me despedir deste homem agradável primeiro.

O homem franziu as sobrancelhas.

— Encrenca?

— Não, não — Vigdis se apressou a dizer. — Volte e junte-se aos outros, Thomas.

O homem deu de ombros e desapareceu.

— A outra coisa que me surpreende — disse Harry — é que você é tão arrogante que mesmo depois de eu ter confrontado você com a foto, continuou enviando os e-mails.

— Lamento ter que repetir a mim mesmo, policial — balbuciou Albu. — Mas o que têm estes... Estes e-mails pelos quais está me amolando?

— Bem. Muitas pessoas acreditam que podem enviar e-mails anônimos usando um servidor que não exige assinatura sob o nome verdadeiro. É um engano. Meu amigo hacker acabou de me explicar que tudo, tudo mesmo, que se faz na rede deixa pistas eletrônicas que podem ser — e neste caso serão — rastreadas de onde vieram. É só uma questão de saber como procurar. — Harry tirou um maço de cigarros do bolso interno.

— Melhor não... — começou Vigdis, mas parou de repente.

— Me diga, senhor Albu — disse Harry e acendeu um cigarro —, onde você estava na noite de terça-feira na semana passada entre 23 e 1 hora?

Arne e Vigdis Albu trocaram olhares.

— Podemos resolver isso aqui ou na delegacia — disse Harry.

— Ele estava aqui — disse Vigdis.

— Como eu disse — começou Harry e soprou fumaça pelo nariz. Ele sabia que estava exagerando seu papel, mas um blefe pela metade é um blefe malsucedido, e agora não tinha mais volta —, podemos fazer isso aqui ou na delegacia. Quer que eu avise aos convidados que a festa acabou?

Vigdis mordeu o lábio inferior.

— Mas estou dizendo que ele estava... — começou. Já não estava tão bela.

— Está bem, Vigdis — disse Albu e deu um tapinha no ombro. — Entre e cuide dos convidados enquanto levo Hole ao portão.

Harry mal sentia a brisa, mas mais ao alto devia estar ventando bastante, porque as nuvens atravessavam o céu depressa e vez ou outra encobriam a lua com sua sombra. Caminharam devagar.

— Por que aqui? — perguntou Albu.

— Você pediu.

Albu balançou a cabeça, concordando.

— Talvez seja assim. Mas por que ela tinha que ficar sabendo dessa forma?

Harry encolheu os ombros.

— Como queria que ela ficasse sabendo?

A música tinha silenciado e ouviam-se apenas os risos da casa a intervalos regulares. Christian havia começado.

— Pode me dar um cigarro? — pediu Albu. — Na verdade parei de fumar.

Harry estendeu-lhe o maço.

— Obrigado. — Albu colocou um cigarro entre os lábios e se inclinou sobre a chama do isqueiro que Harry segurou para ele. — O que é que está querendo? Dinheiro?

— Por que todos estão me perguntando isso? — murmurou Harry.

— Você está sozinho. Não tem nenhum mandado de prisão e tentou blefar dizendo que ia me levar para a delegacia. E se esteve no chalé em Larkollen, está tão encrencado quanto eu.

Harry balançou a cabeça, negando.

— Dinheiro, não? — Albu inclinou a cabeça para trás. Algumas estrelas solitárias cintilavam lá em cima. — Algo pessoal então? Vocês eram amantes?

— Pensei que soubesse tudo sobre mim — respondeu Harry.

— Anna levava o amor muito a sério. Ela amava o amor. Não, *endeusava*, é esta a palavra. Ela *endeusava* o amor. Era a única coisa que tinha algum espaço na vida dela. Isto, e o ódio. — Ele olhou para o céu. — Esses dois sentimentos eram como estrelas de nêutrons na vida dela. Sabe o que são estrelas de nêutrons?

Harry negou com um balanço de cabeça. Albu segurou o cigarro.

— São planetas com tanta densidade e gravidade que, se eu soltasse esse cigarro sobre um deles, ele cairia com a mesma força de uma bomba atômica. Assim era com Anna também. A gravidade do amor — e do ódio — era tão forte que nada podia existir no espaço entre eles. E cada mínimo detalhe causava uma explosão atômica. Entende? Mas levei tempo para entender. Ela era como Júpiter, escondido atrás de uma camada de nuvens eternas de enxofre. E de humor. E de sexualidade.

— Vênus.

— Como é?

— Nada.

A lua apareceu entre duas nuvens, e, como um animal imaginário, o veado de bronze saiu das sombras no jardim.

— Anna e eu combinamos de nos encontrar à meia-noite — disse Albu. — Ela disse que tinha alguns dos meus pertences pessoais que ela queria devolver. Eu estava estacionado na rua Sorgenfri entre 23h30 e 0h15. Combinamos que eu ia ligar para ela do carro em vez de tocar a campainha. Por causa de uma vizinha curiosa, ela explicou. De qualquer modo, ela não atendeu. Então voltei para casa.

— Então a sua esposa mentiu?

— Claro. Combinamos que ela seria meu álibi no mesmo dia em que você chegou com a foto.

— E por que revela o álibi agora?

Albu riu.

— O que importa? Somos duas pessoas adultas conversando com a lua silenciosa como testemunha. Posso negar tudo depois. Para dizer a verdade, duvido que você tenha algo que possa usar contra mim.

— Então, por que não me conta o restante também?

— Que eu a matei? — Ele riu, mais alto desta vez. — É seu trabalho descobrir, não é?

Chegaram ao portão.

— Você só queria ver como a gente ia reagir, não é? — Albu esfregou o cigarro na pedra de mármore. — E também queria se vingar. Foi por isso que contou a ela. Estava zangado. Um menino zangado que bate onde consegue. Está satisfeito?

— Quando encontrar o endereço de e-mail eu pego você — disse Harry. Ele não estava mais zangado. Apenas cansado.

— Não vai encontrar nenhum endereço de e-mail — disse Albu. — Sinto muito, meu amigo. Podemos continuar este jogo, mas você não vai poder ganhar.

Harry bateu. O som de osso contra carne foi surdo e curto. Albu cambaleou um passo para trás e apalpou a sobrancelha.

Harry olhou sua própria respiração cinzenta no escuro da noite.

— Terá que levar pontos — disse.

Albu olhou sua mão com sangue e deu uma gargalhada.

— Meu Deus, que perdedor miserável que você é, Harry. Tudo bem se usar o seu primeiro nome? Sinto que isso nos aproximou, você não?

Harry não respondeu e Albu riu mais alto ainda.

— O que ela viu em você, Harry? Anna não gostava de perdedores. Pelo menos não deixava que eles a fodessem.

O riso aumentava cada vez mais atrás de Harry enquanto ele ia para o táxi, e os dentes das chaves do carro afundavam na sua pele enquanto apertava a mão cada vez com mais força em volta delas.

A nebulosa Cabeça de Cavalo



Harry acordou com o telefone tocando e lançou um olhar para o relógio: 7h30. Era Øystein. Ele havia deixado o apartamento de Harry apenas três horas atrás. Tinha conseguido rastrear o servidor até o Egito, e agora tinha avançado mais ainda.

— Estive conversando por e-mail com um velho conhecido. Ele mora na Malásia e ainda está fazendo um pouco de hacking. O servidor fica em El-Tor, na península do Sinai. Eles têm outros servidores lá. Parece que é uma espécie de centro para esse tipo de coisa. Estava dormindo?

— Mais ou menos. Como vai encontrar o nosso assinante?

— Só tem uma maneira, infelizmente. Viajar para lá com um maço grosso de americanas verdes.

— Quanto?

— O suficiente para alguém querer dizer com quem devemos conversar. E para que aquele com quem vamos conversar dizer com quem a gente *realmente* quer conversar. E que para aquele com quem a gente realmente quer conversar quer...

— Entendi. Quanto?

— Mil dólares devem nos levar longe.

— É mesmo?

— Só estou chutando. Como posso saber?

- OK. Aceita a missão?
- Depende.
- Pago muito bem. Você pega o voo mais barato e se hospeda em um hotel de merda.
- Combinado.

Era meio-dia e a cantina na delegacia estava lotada. Harry tomou coragem e entrou. Ele não odiava seus colegas por princípio, apenas por instinto. E só ficava pior com os anos.

— Uma paranoia bem comum — foi o nome que Aune havia dado. — Também tenho. Acho que todos os psicólogos estão atrás de mim, mas na verdade não deve ser mais do que a metade.

Harry deu uma espiada para dentro do estabelecimento e avistou Beate com um sanduíche caseiro e as costas de uma pessoa que lhe fazia companhia. Alguém murmurou um “olá”, mas Harry presumiu que era ironia e não respondeu.

— Estou atrapalhando?

Beate olhou para Harry com uma expressão como se ele a tivesse pego em flagrante.

— Em nada — disse uma voz conhecida e se levantou. — Eu estava mesmo de saída.

Os pelos da nuca de Harry se eriçaram — não por princípio, mas por instinto.

— Então a gente se vê à noite — Tom Waaler mostrou um sorriso branco para o rosto ruborizado de Beate. Ele pegou sua bandeja e desapareceu. Beate olhou para seu sanduíche enquanto fazia o melhor que podia para assumir uma expressão confiável enquanto Harry se sentava.

— Então?

— O quê? — piou exageradamente perplexa.

— Havia um recado na minha secretária que dizia que você tinha novidades — disse Harry. — Presumi que era urgente.

— Eu descobri. — Beate tomou um gole do copo de leite. — Aqueles desenhos que o programa fez do rosto do Magarefe. O tempo todo me perturbava a ideia de que parecia com alguém.

— Está falando daquelas transcrições de dados que me mostrou? Não havia nada ali que estivesse perto de parecer com um rosto, eram apenas linhas aleatórias numa folha de papel.

— Mesmo assim.

Harry deu de ombros.

— É você que tem girus fusiforme. Vamos lá.

— Esta noite eu descobri quem era. — Ela tomou mais um gole e enxugou o bigode de leite com o guardanapo.

— Sim?

— Trond Grette.

Harry olhou-a longamente.

— Está de brincadeira, não está?

— Não — falou. — Apenas disse que havia certa semelhança. E Grette estava de fato

perto da rua Bogstad na hora do assassinato. Mas como havia dito, descobri.

— Verifiquei com Gaustad. Se for o mesmo assaltante que pegou a agência do DnB na rua da Igreja, não pode ser Grette. Nesta hora estava na sala de televisão com pelo menos três enfermeiros. E enviei alguns rapazes da Criminalística para a casa de Grette para pegar suas impressões digitais. Weber acabou de compará-las com as impressões na garrafa de Coca-Cola. Definitivamente não são suas impressões.

— Então, por uma vez você se enganou.

Beate balançou a cabeça.

— Estamos procurando uma pessoa que tem características que são idênticas àsquelas de Grette.

— Lamento ter que dizer, Beate, mas Grette não tem características de aparência ou de outra coisa. Ele é um contador que se parece com um contador. Já esqueci com quem ele se parece.

— Está bem — respondeu e tirou o papel do meio dos sanduíches. — Mas eu não esqueci. Já é um indício.

— Certo. Talvez eu tenha uma boa notícia.

— É?

— Estou a caminho da prisão. Raskol quer falar comigo.

— Nossa. Boa sorte.

— Obrigado. — Harry se levantou. Hesitou. Arriscou. — Sei que não sou seu pai, mas posso dizer uma coisa?

— Vá em frente.

Ele olhou em volta para se assegurar de que ninguém os podia ouvir.

— Tomaria cuidado com Waaler.

— Obrigada. — Beate deu uma mordida grande no pão. — E o que disse do meu pai é correto.

— Morei na Noruega a minha vida inteira — disse Harry. — Cresci em Oppsal. Meus pais eram professores. Meu pai está aposentado e depois que minha mãe morreu está vivendo como um sonâmbulo que apenas de vez em quando visita os acordados. Minha irmãzinha sente falta dele. Eu também, eu acho. Sinto falta dos dois. Eles acharam que eu poderia ser professor. Eu também. Mas acabei cursando a Escola Superior de Polícia. E estudei um pouco de Direito. Se me perguntar por que escolhi ser policial, posso dar dez razões confiáveis, mas nenhuma em que eu mesmo acredite. Não penso muito a respeito agora. É um trabalho, eles me pagam para isso, e de vez em quando acho que faço algo de bom — já é o bastante. Eu era alcoólatra antes de completar trinta anos. Ou antes de fazer vinte, depende do ponto de vista. Dizem que está nos genes. Talvez esteja. Depois de me tornar adulto, fiquei sabendo que meu avô em Åndalsnes ficou bêbado todos os dias por cinquenta anos. A gente passava todo verão lá até eu fazer 15 anos sem que alguma vez percebesse alguma coisa. Infelizmente não herdei aquele talento. Tenho feito coisas que não passaram exatamente despercebidas.

Em suma, é um milagre que ainda tenha um emprego na Polícia.

Harry semicerrou os olhos quando viu a placa de não fumar e acendeu um cigarro.

— Anna e eu fomos amantes durante seis semanas. Ela não me amava. Eu não a amava. Quando parei de entrar em contato com ela, fiz mais um favor a ela do que a mim. Ela não via isso da mesma maneira.

O outro homem na sala balançou a cabeça, concordando.

— Amei três mulheres na minha vida — continuou Harry. — A primeira era uma namorada do colégio com quem quase me casei antes que tudo desmoronasse. Ela se matou muito tempo depois que eu parei de vê-la, não tive nada a ver com isso. A outra foi assassinada por um homem que eu estava caçando no outro lado do planeta. O mesmo aconteceu com uma colega, Ellen. Não sei por que, mas as mulheres à minha volta sempre acabam morrendo. Talvez sejam os genes.

— E a terceira mulher que amou?

— A terceira mulher. A terceira chave. — Harry passou os dedos em cima das iniciais AA e dos dentes da chave que Raskol jogou por cima da mesa quando o deixaram entrar. Raskol balançou a cabeça afirmativamente quando Harry perguntou se era idêntica à chave que ele recebeu pelo correio.

Então pediu que Harry contasse sobre sua vida.

Agora, Raskol estava com os cotovelos apoiados na mesa e os dedos longos e finos trançados como em uma prece. A lâmpada defeituosa tinha sido trocada e a luz cobria seu rosto como um pó branco azulado.

— A terceira mulher está em Moscou — disse Harry. — Acho que ela é capaz de viver.

— Ela é sua?

— Não me expressaria assim.

— Mas estão juntos?

— Estamos.

— E estão planejando passar o restante da vida juntos?

— Bem. Não estamos planejando. É cedo demais para isso.

Raskol sorriu com tristeza.

— Você não planeja, quer dizer. Mas as mulheres planejam. As mulheres sempre planejam.

— Como você?

Raskol negou com um balanço de cabeça.

— Só sei como planejar roubo de dinheiro. Quanto a roubos de corações, todos os homens são amadores. Podemos acreditar que a conquistamos, como um general conquista um forte, e descobrimos tarde demais — se descobrirmos — que estamos trancados do lado de dentro. Já ouviu falar de Sun Tzu?

Harry disse que sim.

— Um general chinês e estrategista de guerra. Escreveu *A arte da guerra*. Eles *alegam* que ele escreveu esse livro. Pessoalmente acho que foi uma mulher. *A arte da guerra* é aparentemente um guia sobre tática no campo de batalha, mas, de um ponto de vista mais profundo, descreve como ganhar conflitos. Ou, mais precisamente, a arte de conseguir o que se quer pelo menor preço possível. O vencedor da guerra não é necessariamente o

conquistador. Muitas pessoas já ganharam a coroa, mas perderam tanto do exército que só podem governar com o apoio dos inimigos aparentemente derrotados. As mulheres não têm a vaidade que os homens têm em relação ao poder. Elas não precisam deixar o poder visível. Elas só desejam o poder que podem tirar das outras coisas que elas querem: segurança. Comida. Prazer. Vingança. Paz. Elas são pessoas de poder racional e planejador que pensam além da batalha, além da festa da conquista. E como elas têm uma habilidade nata de ver a fraqueza de suas vítimas, elas instintivamente sabem quando e onde devem atacar. E quando não é para atacar. Essas coisas não se aprendem, *Spiuni*.

— É por isso que está na prisão?

Raskol fechou os olhos e riu silenciosamente.

— Posso responder, mas você não deve acreditar em uma única palavra que digo. Sun Tzu diz que o primeiro princípio da guerra é *tromperie*, ou engano. Acredite: todos os ciganos mentem.

— Certo. Acreditar em você... como no paradoxo grego?

— Veja só. Um policial que sabe mais que a lei penal. Se todos os ciganos mentem e eu sou um cigano, então não é verdade que todos os ciganos mentem. Então, a verdade é que eu falo a verdade, então é verdade que todos os ciganos mentem. Então minto. Um círculo logicamente fechado que é impossível romper. Assim é minha vida e essa é a única coisa que é verdade. — Ele soltou um riso macio, quase feminino.

— Bem. Já viu a minha fraqueza. É seu lance.

Raskol olhou para Harry. Depois balançou a cabeça.

— Meu nome é Raskol Baxhet. É um nome albanês, mas meu pai negava que fôssemos albaneses, ele dizia que a Albânia era o ânus da Europa. Então falava para mim e para todos os meus irmãos que nascemos na România, fomos batizados na Bulgária e circuncidados na Hungria.

Raskol contou que a família provavelmente era *meckarier*, o maior grupo de ciganos albaneses. A família escapou da perseguição a ciganos de Enver Hoxhas ao cruzar as montanhas para Montenegro e começou a trabalhar para chegar mais para o leste.

— Fomos escorraçados de todos os lugares aonde chegamos. Alegavam que a gente roubava. Claro, a gente roubava também, mas eles nem se importavam em encontrar provas. A prova era que éramos ciganos. Conto isso porque, para entender um cigano, é preciso entender que ele nasceu com um carimbo de casta inferior na testa. Fomos perseguidos por todos os regimes em toda a Europa, onde não há diferença entre fascistas, comunistas e democratas. Os fascistas só eram mais eficientes. Os ciganos não têm nenhuma relação especial com o Holocausto, porque a diferença não era tão grande da perseguição que a gente estava acostumado. Parece que não está acreditando em mim?

Harry deu de ombros. Raskol cruzou os braços.

— Em 1589, a Dinamarca decretou pena de morte para líderes ciganos — disse. — Cinquenta anos mais tarde, os suecos decidiram que todos os ciganos homens seriam enforcados. Em Moscou cortavam a orelha esquerda das ciganas; na Boemia, a direita. O arcebispo de Mainz pregava que todos os ciganos deviam ser executados sem julgamento

quando seus costumes foram proibidos. Em 1725, os prussianos fizeram uma lei segundo a qual todos os ciganos maiores de 18 anos seriam executados sem processo legal, mas, mais tarde, essa lei foi alterada — o limite de idade baixou para 14. Quatro dos irmãos do meu pai morreram na prisão. Só um deles durante a guerra. Quer que eu continue?

Harry balançou a cabeça dizendo não.

— Mas isso também é um círculo logicamente fechado — disse Raskol. — O motivo para sermos perseguidos e sobrevivermos é o mesmo. Somos — e seremos — diferentes. Não somos permitidos nos lugares, os *gadzoer* não têm permissão para chegar até nós. O cigano é o estranho misterioso e ameaçador do qual você nada sabe, mas sobre quem há todos os tipos de rumores. Durante muitas gerações as pessoas acreditaram que os ciganos eram canibais. Onde cresci, em Balteni, perto de Bucareste, alegavam que éramos descendentes de Caim e condenados à eterna perdição. Nossos vizinhos *gadzoer* nos davam dinheiro para que a gente ficasse longe deles.

O olhar de Raskol vagou pelas paredes sem janelas.

— Meu pai era ferreiro, mas não havia trabalho para ferreiros na Romênia depois que Ceausescu foi derrubado. Tivemos que mudar para o monturo de lixo no subúrbio onde os ciganos *kalderas* estavam. Na Albânia, meu pai era *bulibas*, líder cigano local e mediador, mas lá entre os *kalderas* ele era apenas um ferreiro desempregado.

Raskol soltou um suspiro profundo.

— Nunca vou esquecer a expressão nos seus olhos no dia em que voltou para casa com um pequeno urso marrom, manso, que ele puxava por uma coleira. Ele o comprara com as últimas economias de um grupo de ursários. “Sabe dançar”, disse meu pai. Os comunistas pagavam para ver animais dançarem. Fazia eles se sentirem melhor. Stefan, meu irmão, tentou dar comida para o urso, mas ele não queria comer, então perguntou a meu pai se estava doente. Ele respondeu que eles tinham caminhado desde Bucareste e só precisavam descansar um pouco. O urso morreu quatro dias mais tarde.

Raskol cerrou os olhos e sorriu do seu jeito tristonho.

— Nesse mesmo outono, eu e Stefan fugimos de casa. Duas bocas a menos para dar de comer. Fomos para o norte.

— Que idade tinham?

— Eu tinha nove, ele doze. O plano era chegar à Alemanha Ocidental. Nessa época recebiam refugiados do mundo inteiro e davam comida. Era a maneira deles de fazerem penitência. Stefan achava que, quanto mais novo, maior era a chance de entrar. Mas fomos parados na divisa com a Polônia. Conseguimos chegar em Varsóvia, onde pernoitamos debaixo de uma ponte e de cobertor dentro da área cercada para Wschodnia, o terminal de trem do leste. A gente sabia que podia encontrar um *schlepper* lá — um contrabandista de pessoas. Depois de vários dias de procura encontramos um que falava romani e que se chamava guia de divisa, e que prometeu nos levar até a Alemanha Ocidental. A gente não tinha dinheiro para pagar a ele, mas ele disse que sabia um jeito, conhecia alguns homens que pagavam bem por rapazes ciganos jovens e bonitos. Eu não entendi do que ele falava, mas parecia que Stefan entendeu. Ele levou o guia para um canto e os dois discutiram em voz alta enquanto o guia apontava para mim. Stefan balançou a cabeça várias vezes discordando, e no

final o guia abriu os braços e desistiu. Stefan pediu que eu esperasse e entrou em um carro. Fiz como ele me pediu, mas as horas passaram. A noite veio e eu fui deitar. Nas duas primeiras noites debaixo da ponte eu acordava com o chiado dos freios quando os trens de carga chegavam, mas os meus jovens ouvidos aprenderam rapidamente que não eram esses os ruídos a que deveria ficar atento. Dormi e não acordei antes de ouvir o som de passos leves no meio da noite. Era Stefan. Ele se enfiou por baixo do cobertor e encostou-se ao muro molhado. Ouvi que chorou, mas fiz de conta que não percebi e fechei os olhos. Logo depois só ouvi os trens. — Raskol levantou a cabeça. — Gosta de trens, *Spiuni*?

Harry confirmou com um balanço de cabeça.

— O guia voltou no dia seguinte. Ele precisava de mais dinheiro. Stefan foi levado de carro de novo. Quatro dias depois acordei ao raiar do dia e vi Stefan. Ele esteve fora a noite toda. Estava com os olhos semiabertos como de costume, e vi a respiração dele no ar gelado da manhã. Estava com sangue no cabelo e o lábio inchado. Peguei o cobertor e fui para a estação de trem perto dos banheiros, onde uma família de ciganos *kalderas* estava morando enquanto esperava uma oportunidade para ir para o oeste. Conversei com o mais velho dos rapazes. Ele me contou que aquele que a gente achava que era *schlepper* era um cafetão comum que costumava rondar a área da estação. Ele tinha oferecido ao pai dele trinta zloty para enviar os dois filhos menores para ele. Mostrei o cobertor para ele. Era grosso e bonito, roubado de um varal em Lublin. Ele gostou. Logo seria dezembro. Pedi para ver a sua faca. Ele a carregava por baixo da camisa.

— Como sabia que ele tinha faca?

— Todos os ciganos têm faca. Para comer. Até membros da mesma família não compartilham talheres, podem ter *mahrime*, doenças. Mas ele fez uma boa troca. A faca era pequena e cega. Consegui afiá-la no ferreiro na oficina da estação.

Raskol passou a unha comprida e afiada do dedo mindinho direito sobre o nariz.

— Na mesma noite, depois que Stefan entrou no carro, perguntei ao cafetão se ele tinha um cliente para mim também. Ele arreganhou os dentes e disse para eu esperar. Quando voltou, eu estava na sombra por baixo da ponte olhando os trens que iam e vinham na área da estação. “Vem, *sinti*”, ele chamou. “Tenho um bom cliente. Um partidário rico. Vamos, temos pouco tempo!” Respondi: “Temos que esperar o trem de Cracóvia.” Ele se aproximou e me pegou no braço. “Tem que vir agora! Entendeu?” A minha altura chegava ao peito dele. “Lá vem o trem”, disse e aponteí. Ele me soltou e levantou o olhar. Era uma caravana preta de vagões de aço passando com rostos pálidos olhando para nós. Aí veio o que eu estava esperando. O grito de aço contra aço quando os freios foram acionados. Fez todos os outros sons calarem.

Harry cerrou os olhos para tentar perceber se Raskol estava mentindo.

— Quando os últimos vagões passaram lentamente, vi um rosto de mulher me olhar de uma das janelas. Parecia um fantasma. Parecia minha mãe. Levantei a faca ensanguentada e mostrei a ela. E sabe o quê, *Spiuni*? Foi o único momento da minha vida em que me senti verdadeiramente feliz. — Raskol fechou os olhos como que para reviver a cena. — “*Koke per koke*.” Cabeça por cabeça. É a expressão albanesa para vingança. É a melhor e mais

perigosa embriaguez que Deus deu ao ser humano.

— O que aconteceu depois?

— O destino. Inferno e carma. É o que governa nossas vidas. Quando peguei a carteira do cafetão, tinha mil slotzy nela. Stefan voltou e carregamos o corpo por cima dos trilhos e o colocamos em um vagão que ia para o leste. Então fomos para o norte. Duas semanas depois embarcamos clandestinamente em um navio de Gdansk que nos levou para Gotemburgo. De lá viemos para Oslo. Chegamos a um campo em Tøyen onde havia quatro trailers de camping. Em três moravam ciganos. O quarto era velho, o eixo estava quebrado e fora abandonado. Virou casa para mim e Stefan durante cinco anos. Foi lá que comemoramos meu aniversário de nove anos na véspera de Natal, com biscoitos e um copo de leite, debaixo do único cobertor que sobrara. No dia de Natal fizemos o primeiro roubo a uma banca de jornal, e entendemos que tínhamos chegado ao lugar certo. — Raskol abriu um largo sorriso. — Foi como roubar doce de criança.

Ficaram em silêncio por um bom tempo.

— Ainda parece que não acredita totalmente em mim — disse Raskol por fim.

— Isso importa? — perguntou Harry.

Raskol sorriu.

— Como sabe que Anna não amava você? — perguntou.

Harry deu de ombros.

Atados um ao outro com algemas nos pulsos andaram pelo túnel Kulverten.

— Não é garantido que eu saiba quem é o assaltante — disse Raskol. — Pode ser um de fora.

— Eu sei — respondeu Harry.

— Bom.

— Então, se Anna é filha de Stefan e ele mora na Noruega, por que não estava no enterro?

— Porque ele está morto. Caiu do um telhado de uma casa que estavam reformando anos atrás.

— E a mãe de Anna?

— Ela foi com a irmã e o irmão para o sul da Romênia depois que Stefan morreu. Não tenho o endereço dela. Duvido que tenha algum endereço.

— Você contou a Ivarsson que a razão de a família não vir ao enterro foi que Anna tinha trazido vergonha para eles.

— Eu disse? — Harry viu o divertimento nos olhos castanhos de Raskol. — Acredita em mim se disser que menti?

— Acredito.

— Mas não menti. Anna foi expulsa da família. Ela não existia para seu pai. Ele proibiu todos de mencionar seu nome. Para impedir o *mahrime*. Entende?

— Provavelmente não.

Entraram na delegacia e ficaram esperando em frente ao elevador. Raskol murmurou algo

para si mesmo antes de dizer em voz alta:

— Por que confia em mim, *Spiuni*?

— Que escolha eu tenho?

— Sempre há escolha.

— É mais interessante saber por que você confia em mim. Mesmo que a chave que lhe dei seja parecida com aquela que você tinha do apartamento de Anna, não é necessariamente verdade que eu a tenha encontrado na casa do assassino.

Raskol balançou a cabeça, discordando.

— Você não está entendendo. Eu não confio em ninguém. Só confio no meu próprio instinto. E ele me diz que você não é um homem bobo. Todos têm um motivo para viver. Algo que pode ser tirado deles. Você também. Não é mais complicado que isso.

As portas do elevador se abriram e eles entraram.

Harry observou Raskol na semiescuridão assistindo ao vídeo do assalto. Ele estava com as costas eretas e com as palmas das mãos coladas, sem mostrar nenhuma expressão. Nem quando o som distorcido do tiro do rifle encheu a Casa da Dor.

— Quer ver mais uma vez? — perguntou Harry quando estavam vendo os últimos quadros em que o Magarefe desaparece na rua da Indústria.

— Não será preciso — respondeu Raskol.

— Então? — disse Harry e tentou não parecer exaltado.

— Tem mais?

Harry interpretou isso com pessimismo.

— Bem. Tenho um vídeo da loja de conveniência 7-Eleven do outro lado da rua onde ele bisbilhotava antes do assalto.

— Me mostra.

Harry passou o vídeo duas vezes.

— Então? — repetiu quando a tempestade de neve tomava a tela.

— Sei que ele parece ter cometido outros roubos, e podemos assisti-los também — Raskol olhou o relógio. — Mas acho que é tempo jogado fora.

— Você falou que tempo era a única coisa que tinha em abundância.

— Obviamente uma mentira — disse ele, se levantou e esticou a mão. — Tempo é a única coisa que me falta. É melhor nos algemar novamente, *Spiuni*.

Harry vociferava em silêncio. Ele colocou as algemas em Raskol e eles se moveram de lado entre a mesa e a parede para a porta. Harry ia abrir a porta.

— A maioria dos assaltantes tem almas simples — disse Raskol. — É por isso que se tornam assaltantes.

Harry parou.

— Um dos mais famosos assaltantes do mundo era o americano Willie Sutton — disse Raskol. — Quando foi pego e levado ao tribunal, o juiz perguntou por que ele assaltava bancos. Sutton respondeu: “Porque é lá que está o dinheiro.” Virou uma expressão na fala

cotidiana dos americanos e serve para indicar como uma coisa pode ser ditada de maneira tão genialmente direta e simples. A mim só mostra um idiota que foi pego. Os assaltantes bons não são famosos nem citados. Você nunca ouviu falar deles. Porque eles nunca foram pegos. Porque eles *não* são diretos e simples. Aquele que estão procurando é um desse tipo.

Harry esperou.

— Grette — disse Raskol.

— Grette? — Beate olhou para Harry com os olhos saltando da cabecinha dela. — Grette? — A artéria no seu pescoço inflou. — Grette tem álibi! Trond Grette é um contador que sofre dos nervos, não um assaltante! Trond Grette... é... é...

— Inocente — disse Harry. — Eu sei. — Ele havia fechado a porta do escritório dela e estava afundado na cadeira em frente à mesa. — Mas não é sobre Trond Grette que estamos falando.

A boca de Beate se fechou com um clique molhado audível.

— Já ouviu falar de Lev Grette? — perguntou Harry. — Raskol disse que só precisou ver os primeiros trinta segundos, mas queria ver o restante para ter certeza. Porque ninguém aqui tem visto Lev Grette há muitos anos. O último boato que Raskol ouviu foi que Grette morava em algum lugar no exterior.

— Lev Grette — disse Beate com um olhar distante. — Ele era uma espécie de menino-prodígio. Lembro-me do meu pai me contar sobre ele. Eu já li relatórios de assaltos em que ele figura como suspeito quando tinha apenas 16 anos. Ele se tornou uma lenda porque a polícia nunca conseguiu pegá-lo, e, quando sumiu de vez, a gente não tinha sequer suas impressões digitais. — Ela olhou para Harry. — Como podia ser tão burra. Mesmo corpo. A semelhança nas expressões faciais. É o irmão de Trond Grette, não é?

Harry confirmou com um balanço de cabeça.

Beate franziu a testa.

— Mas isso quer dizer que Lev Grette matou sua própria cunhada?

— Algumas outras coisas começam a fazer sentido, não é?

Ela balançou a cabeça devagar.

— Os vinte centímetros entre os rostos. Eles se conheciam.

— E se Lev Grette percebeu que seria reconhecido...

— Claro — disse Beate. — Ela era uma testemunha, ele não podia correr o risco de ser desmascarado.

Harry se levantou:

— Vou pedir a Halvorsen para preparar algo bem forte para nós. Agora vamos ver os vídeos.

— Aposto que Lev Grette não sabia que Stine Grette trabalhava lá — disse Harry com o olhar na tela. — O interessante é que ele provavelmente a reconheceu e mesmo assim decidiu usá-

la como refém. Ele devia saber que ela ia reconhecê-lo de perto, pelo menos pela voz.

Beate balançou a cabeça com ar de não entender nada ao olhar o vídeo da agência onde tudo ainda estava em paz e August Schulz arrastava as solas a meio caminho da sua jornada.

— Então por que fez aquilo?

— Ele é profissional. Não deixa nada para o acaso. Stine Grette foi condenada à morte a partir *desse* momento. — Harry congelou o quadro onde o assaltante entrava pela porta e examinava o recinto com o olhar. — Quando Lev Grette a viu, entendeu que havia a possibilidade de ser identificado, ele sabia que a cunhada tinha que morrer. Por isso era melhor usá-la como refém também.

— Que frieza.

— Quarenta graus negativos. A única coisa que não entendo bem é ele matar para não ser reconhecido se já estava sendo procurado por outros assaltos a bancos.

Weber entrou na sala com uma bandeja com café.

— Sim, mas Lev Grette não é procurado por assalto — disse ele e balançou a bandeja até a mesa de centro. A sala parecia ter sido decorada nos anos 1950 e depois deixada intocada. As cadeiras de pelúcia, o piano e as plantas empoeiradas na janela emitiam um certo silêncio, até o pêndulo do relógio de parede no canto estava fazendo um vaivém sem som.

A mulher grisalha de olhos radiantes, emoldurada e envidraçada, riu sem som, como se o silêncio que chegara quando Weber se tornou viúvo oito anos antes fizesse tudo em volta dele emudecer, sendo até impossível tirar qualquer som do piano. O apartamento ficava no primeiro andar em um prédio urbano antigo em Tøyen, mas o zumbido dos carros lá fora apenas aumentava o silêncio do interior. Weber se sentou em uma das duas poltronas, com cuidado, como se fosse uma peça de museu.

— Nunca achamos provas concretas de que Grette estivesse envolvido nos assaltos. Nenhuma descrição de testemunhas, nenhum delator do meio, nenhuma impressão digital nem outras pistas técnicas. O relatório só concluiu que ele era suspeito.

— Então, já que Stine Grette não poderia delatá-lo, ele era simplesmente um homem com ficha limpa.

— Correto. Biscoito?

Beate declinou com um balanço de cabeça.

Era o dia de folga de Weber, mas Harry insistira no telefone que tinham que conversar imediatamente. Ele entendeu que Weber relutava em receber visitas em casa, mas não teve jeito.

— Conversamos com o oficial de plantão da Criminalística para comparar as impressões digitais na garrafa de Coca-Cola com aquelas dos assaltos anteriores em que Grette é suspeito — disse Beate. — Mas ele não achou nada.

— Como eu disse — continuou Weber e checkou se a posição da tampa da garrafa de café estava certa —, Lev Grette nunca deixou pistas no local do crime.

Beate folheou suas anotações.

— Concorda com Raskol que foi mesmo Lev Grette?

— Bem. Por que não? — Weber começou a servir o café.

— Porque não foi usada violência em nenhum dos outros assaltos nos quais ele é citado como suspeito. E porque ela era sua cunhada. Matar porque poderia ser reconhecido — não é um motivo para matar um pouco fraco?

Weber parou de servir o café e olhou para ela. Ele olhou interrogativamente para Harry, que deu de ombros.

— Não — respondeu. E continuou a servir. Beate enrubesceu.

— Weber pertence à escola clássica — disse Harry em um tom de voz quase apologético.

— Ele quer dizer que o assassinato, por definição, exclui um motivo racional. Há apenas graus de motivos confusos que de vez em quando podem parecer racionais.

— É isso aí — disse Weber e pôs o bule na mesa.

— O que eu gostaria de saber — disse Harry — é por que Lev Grette fugiu do país se a polícia não tinha provas contra ele?

Weber limpou a poeira invisível do braço da cadeira.

— Não tenho certeza.

— *Não tem certeza?*

Weber segurou a alça fina da xícara de porcelana entre um polegar grande e grosso e um dedo indicador amarelo de nicotina.

— Houve um boato uma vez. Nunca acreditamos muito. Foi alegado que não era da polícia que ele fugia. Alguém ouviu algo sobre o último assalto a banco não ter saído exatamente como planejado. Grette teria deixado seu parceiro para trás.

— De que maneira? — perguntou Beate.

— Ninguém sabe. Algumas pessoas disseram que Grette era o motorista e fugiu do local do crime quando a polícia chegou e o outro ficou dentro da agência. Outras disseram que o assalto foi bem-sucedido, mas que Grette tinha fugido para o exterior com o dinheiro dos dois. — Weber bebeu um gole e colocou a xícara na mesa com cuidado. — Mas o interessante nesse caso de que estamos falando talvez não seja como, mas quem essa outra pessoa foi.

Harry olhou para Weber.

— Quer dizer que foi...?

O velho criminalista confirmou com um balanço de cabeça. Beate e Harry trocaram olhares.

— Merda — disse Harry.

Beate ligou a seta da esquerda e esperou uma brecha no fluxo de carros da direita na rua Tøyen. A chuva tamborilava no teto. Harry fechou os olhos. Ele sabia que, se se concentrasse, poderia fazer o zunido dos carros que passavam tornarem-se as ondas que batiam contra a proa da balsa no vento gelado enquanto olhava a espuma branca lá embaixo segurando na mão do seu avô. Mas ele não tinha tempo.

— Então Raskol tem uma desavença com Lev Grette — disse Harry e abriu os olhos. — E o aponta como o assaltante. Será que é Grette mesmo no vídeo ou será apenas Raskol

querendo se vingar dele? Ou será mais uma trama de Raskol para nos enganar?

— Ou, como Weber disse, apenas boatos — respondeu Beate. Os carros continuavam vindo da direita e ela tamborilava impaciente no volante.

— Talvez tenha razão — disse Harry. — Se Raskol quisesse se vingar de Grette, não precisaria da ajuda da polícia. Mas caso sejam apenas boatos, por que ele aponta Grette se não foi Grette o assaltante?

— Um capricho?

Harry negou balançando a cabeça.

— Raskol é um estrategista. Ele não aponta homem errado sem ter uma boa razão. Não temos certeza de que o Magarefe esteja totalmente só nisso.

— O que quer dizer?

— Talvez haja outra pessoa planejando os assaltos. Um que arruma armas. Carro de fuga. Apartamento para se esconder. Um *cleaner*, que num passe de mágica faz desaparecer roupas e armas usadas. E um *washer* que lava o dinheiro.

— Raskol?

— Se Raskol quer desviar a nossa atenção do verdadeiro culpado, o que seria mais inteligente do que nos mandar procurar um homem que ninguém sabe onde está, que está morto e enterrado ou mora no exterior sob outro nome, um suspeito que nunca vamos conseguir pegar em lugar nenhum? Ao nos dar um projeto eterno como esse ele poderia fazer a gente caçar nossa própria sombra em vez do seu homem.

— Então acha que ele está mentindo?

— Todos os ciganos mentem.

— E?

— Citando Raskol.

— Pelo menos ele tem senso de humor. E por que não ia mentir para você já que mentiu para outros?

Harry não respondeu.

— Finalmente uma abertura — disse Beate e acelerou de leve.

— Espere! — disse Harry. — Pega à direita. Para a rua Finnmark.

— Está bem — disse ela surpresa e entrou na rua em frente ao parque de Tøyen. — Aonde vamos?

— Vamos fazer uma visita à casa de Trond Grette.

A rede na quadra de tênis fora retirada. E não havia luz em nenhuma janela da casa de Grette.

— Ele não está em casa — determinou Beate depois de tocarem a campainha duas vezes.

A janela da vizinha se abriu.

— Trond está em casa — disse com o erre gutural no rosto enrugado a mulher que parecia ainda mais bronzeada do que da última vez. — Ele só não quer abrir. Toca bastante que ele vem.

Beate segurou o botão da campainha e dava para ouvir o zunido aterrorizante de dentro da

casa. A janela da vizinha se fechou e logo depois olharam para um rosto pálido com dois círculos preto-azulados emoldurando um olhar indiferente. Trond Grette vestia um roupão amarelo. Parecia que acabara de se levantar depois de dormir uma semana. E que não tinha sido o bastante. Sem uma palavra levantou a mão e fez um gesto para eles entrarem. A luz do sol cintilou refletida no anel de diamante no dedo mindinho.

— Lev era diferente — disse Trond. — Ele quase matou um homem quando tinha 15 anos.

Ele sorriu no ar como se fosse uma lembrança querida.

— Parecia que recebêramos um conjunto completo de genes para dividir. O que ele não tinha, eu tinha, e vice-versa. Crescemos aqui no bairro de Diesengrenda, nesta casa. Lev era uma lenda na vizinhança, e eu era o irmãozinho de Lev. Uma de minhas primeiras lembranças é da escola, quando Lev se equilibrava na calha do telhado no intervalo. Eram quatro andares para cima e nenhum dos professores tinha coragem de ir buscá-lo. A gente ficava embaixo torcendo enquanto ele dançava com os braços esticados para o lado lá no alto. Ainda posso ver sua figura contra o céu azul. Nem por um segundo sentia medo. Era simplesmente impensável que meu irmão mais velho pudesse cair. E acho que todos pensavam da mesma maneira. Lev era o único que podia espancar os irmãos Gausten dos prédios na rua Traver mesmo eles sendo dois anos mais velhos e tendo passado algum tempo em uma instituição para jovens delinquentes. Lev roubou o carro do papai aos 14, foi até a cidade de Lillestrøm e voltou com um pacote de bombons Twist que furtara da loja na estação de trem. Papai não notou nada. Lev me deu os bombons.

Trond Grette parecia querer rir. Estavam sentados ao redor da mesa da cozinha. Trond fez chocolate quente. O pó de cacau ele tirou de uma lata que ficou olhando demoradamente. Estava escrito “CACAU” com caneta Pilot na lata de metal. A escrita era esmerada e feminina.

— Lev poderia ter se tornado alguém — disse Trond. — O problema era que ele se cansava depressa das coisas. Todos diziam que ele era o maior talento do time de futebol Skeid em muitos anos, mas, quando foi convocado para um encontro do time juvenil da Noruega, ele nem se deu o trabalho de aparecer. Quando tinha 15, tomou emprestado um violão e dois meses depois fez uma apresentação na escola com músicas próprias. Depois, um cara chamado Waaktar perguntou se ele queria entrar para uma banda em Grorud, mas ele recusou porque eles eram muito ruins. Lev era o tipo que conseguia tudo. Ele teria se saído bem na escola facilmente se tivesse feito um pouco dos deveres e não matasse tantas aulas.

Trond mostrou um sorriso torto.

— Ele me pagava em guloseimas furtadas para que eu aprendesse sua caligrafia e escrevesse suas redações. Pelo menos salvou suas notas em norueguês. — Trond riu, mas subitamente ficou sério. — Então, cansou-se do violão e começou a andar com um bando de rapazes mais velhos do bairro de Årvoll. Lev nunca se importava em desistir do que tinha. Dobrando a próxima esquina, sempre teria algo mais, algo melhor, algo mais excitante.

— Pode parecer tolice perguntar a um irmão — disse Harry —, mas diria que o conhece

bem?

Trond parou para pensar.

— Não, não é uma pergunta boba. Crescemos juntos, é verdade. E sim, Lev era extrovertido e engraçado e todos — meninas e meninos — tinham vontade de conhecê-lo. Mas, no fundo, Lev era um lobo solitário. Ele me disse uma vez que nunca teve companheiros de verdade, só fãs e namoradas. Havia muitas coisas no Lev que eu não entendia. Como quando os irmãos Gausten vieram para nos atormentar. Eram três e todos mais velhos que Lev. Eu e as outras crianças da vizinhança demos no pé assim que os vimos. Mas Lev ficou. Ele foi espancado por eles durante cinco anos. Então um dia, o mais velho deles, Roger, veio sozinho. Quando espiei por trás da quina da casa, vi Roger no chão com Lev em cima. Lev tinha os joelhos sobre os braços de Roger e segurava uma vara. Cheguei mais perto para ver. Além da respiração pesada não havia um som vindo deles. Foi quando vi que Lev havia enfiado a vara na cavidade ocular de Roger.

Beate mudou de posição.

— Lev estava totalmente concentrado, como se houvesse algo que exigisse grande precisão e cautela. Parecia que tentava tirar o globo ocular. E Roger chorava sangue, escorria do olho dele para dentro das orelhas, onde pingava do lóbulo para o asfalto. O silêncio era tanto que dava para ouvir o sangue bater no chão. Splash, splash.

— O que você fez? — perguntou Beate.

— Vomitei. Nunca aguentei sangue, me dá tonturas e mal-estar. — Trond balançou a cabeça. — Lev soltou Roger e me levou para casa. Roger conseguiu consertar o olho, mas nunca mais vimos os irmãos Gausten na vizinhança depois disso. Nunca esqueci a imagem de Lev com a vara. Foi por momentos como esse que pensei que meu irmão mais velho de vez em quando se tornava outra pessoa, uma pessoa que eu não conhecia e que às vezes vinha fazer uma visita de surpresa. Infelizmente as visitas se tornaram cada vez mais frequentes.

— Você disse alguma coisa sobre ele ter tentado matar um homem.

— Foi num domingo de manhã. Lev pegou uma chave de fenda e um lápis e foi de bicicleta para uma das pontes de pedestres sobre a rua Ringveien. Já atravessaram esses tipos de pontes, não é? É um pouco assustador porque você anda em cima das grades de ferro e olha diretamente para o asfalto sete metros abaixo. Como disse, era domingo de manhã e havia poucas pessoas. Ele soltou os parafusos de uma das grades de ferro. Deixou apenas dois parafusos em um dos lados e deixou o lápis no canto segurando a grade no outro lado. Então esperou. Primeiro veio uma mulher que, de acordo com Lev, parecia ter “acabado de transar”. Em roupas de festa, cabelos desgrehados e vociferando, mancando com um salto quebrado. — Trond riu baixinho. — Lev sacava muito com apenas 15 anos. — Ele levantou a xícara até a boca e olhou surpreso pela janela da cozinha para o caminhão de lixo que parou em frente às lixeiras atrás do varal. — Hoje é segunda-feira?

— Não — respondeu Harry, que não tinha tocado na sua xícara. — E o que aconteceu com a garota?

— Há duas fileiras de grades. Ela andou na da esquerda. Má sorte, foi o que Lev disse. E que a preferia ao velho. Então veio o velho. Ele andou na fileira da direita. Por causa do lápis, a grade solta estava um pouco mais alta que as outras, e Lev achava que o velho devia ter

desconfiado, porque, ao se aproximar, andava cada vez mais devagar. Quando ia dar o último passo, foi como se tivesse congelado no ar.

Trond balançou a cabeça devagar e olhou para o caminhão de lixo que, zunindo, mastigava o lixo do vizinho.

— Quando botou o pé, a grade se abriu feito um alçapão. Vocês sabem, aqueles que se usam em enforcamentos. O velho quebrou as duas pernas bem no meio quando bateu no asfalto. Se não fosse domingo, seria atropelado imediatamente. Má sorte, dizia Lev.

— Ele disse isso à polícia também? — perguntou Harry.

— À polícia, sim — disse Trond e olhou a xícara. — Tocaram em casa dois dias depois. Fui eu quem abriu. Perguntaram se a bicicleta que estava do lado de fora pertencia a alguém da casa. Eu disse que sim. Aconteceu que uma testemunha tinha visto Lev andar de bicicleta na ponte e tinha dado uma descrição da bicicleta e de um rapaz de jaqueta vermelha. Então mostrei o anoraque vermelho que Lev tinha usado.

— Você? — indagou Harry. — Você delatou seu irmão?

Trond deu um suspiro.

— Eu disse que era minha a bicicleta. E meu anoraque. E Lev e eu éramos bastante parecidos.

— E por que você fez isso?

— Eu só tinha 14 anos e era jovem demais para eles fazerem alguma coisa comigo. Lev teria acabado naquela instituição de delinquentes juvenis onde Roger Gausten estivera.

— Mas o que disseram sua mãe e seu pai?

— O que podiam dizer? Todos que conheciam a gente sabiam que era Lev que tinha feito aquilo. Ele era o maluco que furtava guloseimas e jogava pedras, ao passo que eu era o menino bonzinho e direito que fazia os deveres de casa e ajudava velhinhas a atravessar a rua. Depois, nunca mais se tocou no assunto.

Beate pigarreou:

— De quem foi a ideia de você assumir a culpa?

— Minha. Eu amava Lev acima de tudo neste mundo. Mas agora que o caso caducou posso dizer. O fato é que... — Trond sorriu aquele seu sorriso distante. — Às vezes gostaria de ter eu mesmo a coragem de fazer aquelas coisas.

Harry e Beate giraram as suas xícaras em silêncio. Harry pensou quem deles iria fazer a pergunta. Se fosse Ellen que estivesse lá com ele, ele saberia por intuição.

— Onde... — começaram em coro. Trond piscou e olhou para eles. Harry acenou para Beate continuar.

— Onde está seu irmão agora? — perguntou.

— Onde... Lev está? — Trond olhou para ela perplexo.

— Sim — respondeu. — Sabemos que ele andou desaparecido por algum tempo.

Grette se virou para Harry.

— Você não avisou que esta conversa seria sobre Lev. — O tom de voz era acusador.

— Dissemos que iríamos falar sobre isto e aquilo — disse Harry. — E agora terminamos com isto.

Trond se levantou bruscamente, pegou a xícara, foi até a pia e derramou o chocolate quente

— Mas, Lev, ele está... O que teria ele a ver com isto aqui?

— Possivelmente nada — respondeu Harry. — Nesse caso a gente gostaria da sua ajuda para tirá-lo do caso.

— Mas ele nem mora neste país — gemeu Trond e se virou para eles.

Beate e Harry se entreolharam.

— E onde ele mora? — perguntou Harry.

Trond hesitou exatamente um décimo além da conta antes de responder:

— Eu não sei.

Harry olhou para o caminhão de lixo amarelo que passava na rua em frente.

— Você não sabe mentir muito bem, não é?

Trond olhou para ele de modo pertinaz sem responder.

— Certo — disse Harry. — Talvez não possamos esperar que você vá nos ajudar a encontrar o seu irmão. Por outro lado, foi sua mulher quem foi assassinada. E temos uma testemunha que apontou seu irmão como o assassino. — Ele levantou o olhar para Trond ao dizer as últimas palavras e viu o seu pomo de adão dar um salto por baixo da pele pálida do pescoço. No silêncio que se seguiu puderam ouvir um rádio ligado no apartamento vizinho.

Harry pigarreou.

— Então, se tiver algo para nos contar, eu ficaria grato.

Trond sacudiu a cabeça de forma negativa.

Ficaram mais um pouco, então Harry se levantou.

— Está bem. Você sabe onde nos encontrar caso se lembre de alguma coisa.

Quando chegaram à escada de novo, Trond parecia tão cansado como quando chegaram. Harry semicerrou os olhos vermelhos contra o sol baixo que surgia por entre as nuvens.

— Entendo que isso não esteja sendo fácil, Grette — disse. — Mas será que não está na hora de tirar o anoraque vermelho?

Grette não respondeu, e a última coisa que viram antes de saírem do estacionamento foi Grette na escada mexendo no anel de diamante no dedo mindinho e um relance de um rosto bronzeado e enrugado atrás da janela da vizinha.

À noite, as nuvens desapareceram. No alto da rua Dovre, no caminho para casa depois do restaurante Schrøder, Harry parou e olhou para cima. As estrelas estavam cintilando no céu sem lua. Uma das luzes era um avião que estava a caminho do aeroporto de Gardermoen. A nebulosa da cabeça de cavalo na constelação de Órion. A nebulosa da cabeça de cavalo. Órion. Quem foi que falou sobre isso? Foi Anna? Será?

Ele ligou a TV para ver o noticiário na NRK quando entrou no apartamento. Várias histórias de heróis entre os bombeiros americanos. Desligou. Uma voz de homem gritava um nome de mulher lá embaixo na rua, parecia estar bêbado. Harry procurou nos bolsos o papel com o novo número de Rakel e descobriu que ele ainda estava com a chave com as iniciais AA.

Colocou a chave no fundo da gaveta da mesa de telefone antes de ligar para o número. Ninguém atendeu. Por isso, quando o telefone tocou, ele tinha certeza de que era ela, mas quem falou foi Øystein numa linha cheia de chiados.

— É uma loucura como dirigem por aqui!

— Não precisa gritar, Øystein.

— Todos estão tentando se matar nas estradas aqui! Peguei um táxi de Sharm esh-Sheikh. Passeio legal, pensei. Só cruzar o deserto, pouco trânsito, estrada reta. Mas me enganei redondamente. Eu juro, é um milagre que eu ainda esteja vivo. E que calor! E já ouviu os grilos daqui, os grilos cantantes do deserto? É o canto de grilo mais alto do mundo. Em tom alto, quero dizer. Fura o córtex, é devastador. Mas a água aqui é irada! Irada! Totalmente invisível com um leve toque de verde. Mantém a temperatura do corpo, não dá para sentir. Ontem saí do mar e não fazia ideia se tinha estado na água...

— Deixe a temperatura da água para lá, Øystein. Descobriu algum servidor?

— Sim e não.

— Isso quer dizer o quê?

Harry não obteve resposta. Foram interrompidos por uma discussão no outro lado e Harry percebeu trechos como *“the boss”* e *“the money”*.

— Harry? *Sorry*, os caras aqui são um tanto paranoicos. E eu também. Merda de calor! Mas descobri o que acho ser o servidor certo. É claro que há a possibilidade de os caras quererem foder comigo, mas amanhã vão me mostrar o trabalho e me deixar ver o chefe em pessoa. Três minutos no teclado e já vou saber se é o que procuramos. Depois, o resto é só uma questão de preço. Eu espero. Te ligo amanhã. Devia ver as facas que os beduínos têm...

A gargalhada de Øystein soou oca.

A última coisa que Harry fez antes de apagar as luzes na sala foi abrir a enciclopédia. Nebulosa da cabeça de cavalo era uma neblina preta sobre a qual não se sabia muita coisa, nem sobre Órion, a não ser que era considerada a mais bela de todas as constelações. Mas Órion também era uma figura da lenda grega, um titã e grande caçador, ele leu. Foi seduzido por Eos e Ártemis o matou por vingança. Harry se deitou com a sensação de que alguém estava pensando nele.

Quando abriu os olhos na manhã seguinte, os pensamentos estavam confusamente misturados com pedacinhos soltos e vislumbres de coisas que ele lembrava pela metade. Era como se alguém tivesse esquadrinhado seu cérebro e seu conteúdo, que ele tinha arrumado em gavetas e armários, e estivesse espalhado por toda parte. Ele deve ter sonhado com algo. O telefone no corredor não parava de tocar. Harry se forçou a levantar. Era Øystein de novo, estava em um escritório em El-Tor.

— Temos um problema — disse ele.

São Paulo



A boca e os lábios de Raskol tinham a forma de um sorriso meigo. Por isso era impossível dizer se ele agora sorria de forma meiga ou não. Harry apostou no último.

— Então tem um amigo que está em uma cidade no Egito à procura de um número de telefone — disse Raskol sem que Harry conseguisse interpretar se o tom da sua voz era irônico ou simplesmente afirmativo.

— El-Tor — disse Harry esfregando as palmas das mãos no braço da cadeira. Sentiu um enorme desconforto. Não apenas por estar de novo na sala de visitas estéril, mas por causa da sua missão. Ele tinha avaliado todas as outras possibilidades. Levantar um empréstimo pessoal. Pôr Bjarne Møller a par do caso. Vender o Ford Escort para a oficina onde estava sendo consertado. Mas essa era a única possibilidade real, a única coisa lógica a fazer. E era uma loucura.

— E o número de telefone não é apenas um número — disse Harry. — Ele vai nos levar ao assinante que enviou os e-mails para mim. E-mails que provam que ele tem detalhado conhecimento sobre a morte de Anna, conhecimento esse que não poderia ter se não estivesse lá logo antes de ela morrer.

— E seu amigo diz que os donos do servidor exigem sessenta mil libras egípcias. Isso equivale a...?

— Cerca de cento e vinte mil coroas.

— Que acha que eu vou dar a você?

— Não acho nada, só estou contando a situação. Eles querem o dinheiro, e eu não tenho.

Raskol passou um dedo sobre o lábio superior.

— E por que o problema seria meu, Harry? Fizemos um trato, e eu cumpri a minha parte.

— E eu vou cumprir a minha, mas sem o dinheiro levará mais tempo.

Raskol sacudiu a cabeça, abriu os braços e murmurou algo que Harry presumiu ser em romeno. Øystein parecia aflito no telefone. Não havia dúvida de que ele tinha encontrado o servidor certo, ele disse. Mas imaginara um antiquário enferrujado em uma barraca que funcionava aos trancos e barrancos e um comerciante de cavalos com turbante que queria três camelos e um maço de cigarros americanos em troca da lista inteira dos assinantes. Em vez disso acabou em um escritório com ar-condicionado onde o jovem egípcio de terno atrás da mesa o olhava através de óculos com armação de prata dizendo que o preço não era negociável, que o pagamento tinha que ser em espécie para não poder ser rastreado via sistema bancário e que a oferta só valia por três dias.

— Suponho que você tenha pensado nas consequências de descobrirem no seu trabalho que você recebeu dinheiro de alguém como eu.

— Não estou a trabalho — respondeu Harry.

Raskol esfregou as duas orelhas com as palmas das mãos.

— Sun Tzu diz que se você não puder controlar os acontecimentos, eles vão controlar você. Você não tem controle sobre os acontecimentos, *Spiuni*. Isso quer dizer que você deu uma vacilada das grandes. Eu não confio em pessoas que vacilam. Por isso tenho uma proposta. Vamos simplificar as coisas para nós dois. Você me dá o nome desse homem, e eu cuido do resto.

— Não! — Harry bateu a mão na mesa. — Ele não vai ser despachado por um dos seus gorilas. O lugar dele é atrás das grades.

— Você me surpreende, *Spiuni*. Se entendi direito, você já está em uma enrascada nesse caso. Por que não deixar a justiça se cumprir da forma menos dolorosa possível?

— Nada de vendeta. Foi esse o nosso trato.

Raskol sorriu.

— Você é um cara teimoso, Harry. Gosto disso. E respeito tratos. Mas quando você começa a vacilar, como posso ter certeza de que este é o homem certo?

— Você mesmo viu que a chave que achei no chalé dele é idêntica à chave de Anna.

— E agora veio pedir minha ajuda de novo. Vai ter que me dar mais alguma coisa.

Harry engoliu em seco.

— Quando encontrei Anna, ela tinha uma foto no sapato.

— Continue.

— Acho que ela conseguiu colocar a foto lá logo antes de ser morta. É uma foto da família do assassino.

— Isso é tudo?

— É.

Raskol sacudiu a cabeça. Ele olhou para Harry e sacudiu a cabeça outra vez.

— Eu não sei quem é o maior imbecil aqui. Você que se deixa enganar pelo seu amigo. Seu amigo que acha que pode se esconder depois de roubar meu dinheiro. — Ele soltou um suspiro profundo. — Ou eu que dou o dinheiro a vocês.

Harry tinha imaginado que sentiria alegria ou pelo menos alívio. Em vez disso sentiu apenas apertar o nó no estômago.

— Então, o que você precisa saber?

— Só o nome do seu amigo e em que banco no Egito ele quer pegar o dinheiro.

— Vai ter isso dentro de uma hora. — Harry se levantou.

Raskol esfregou seus punhos como se tivesse acabado de tirar um par de algemas.

— Espero que você não comece a achar que me entende, *Spiuni*. — Ele falou baixinho, sem levantar o olhar.

Harry parou.

— O que quer dizer?

— Sou cigano. Meu mundo pode ser um mundo às avessas. Conhece a palavra Deus em romeno?

— Não.

— *Devel*. Esquisito, não é? Quando se vende a alma, é legal saber a quem, *Spiuni*.

Halvorsen achou que Harry estava com cara de cansado.

— Defina cansado — disse Harry e se inclinou para trás na cadeira do escritório. — Ou melhor, não.

Quando Halvorsen perguntou como estava indo e Harry pediu que definisse “ir”, Halvorsen soltou um suspiro e deixou o escritório para tentar a sorte com Elmer.

Harry discou o número que tinha de Rakel, mas de novo ouviu uma voz russa que ele imaginou estar dizendo que ele estava totalmente encrocado. Depois ligou para Bjarne Møller e tentou passar ao chefe a ideia de que não estava encrocado. Møller não parecia convencido.

— Eu quero boas notícias, Harry. Não relatórios sobre como você andou usando seu tempo.

Beate deu uma passada e disse que ela tinha olhado o vídeo outras dez vezes e não tinha mais dúvidas de que o Magarefe e Stine Grette se conheciam.

— Acho que a última coisa que disse a ela é que ia morrer. Dá para ver pela expressão do seu olhar. Obstinada e com medo ao mesmo tempo, como nos filmes de guerra, em que membros da resistência estão diante do pelotão de fuzilamento antes de serem mortos.

Pausa.

— Alô? — Ela sacudiu a mão na frente do rosto de Harry. — Parece esgotado.

Ele ligou para Aune.

— Aqui é o Harry. Como reagem as pessoas quando vão ser executadas?

Aune riu baixinho.

— Ficam atentas — respondeu — ao tempo.

— E com medo? Entram em pânico?

— Depende. De que tipo de execução estamos falando?

— Uma execução pública. Em um banco.

— Entendo. Ligo de volta em dois minutos.

Harry olhou o relógio e esperou. Levou 110 segundos.

— O processo de morrer, da mesma maneira como o processo de nascer, é um acontecimento muito íntimo — disse Aune. — O motivo para as pessoas nessa situação instintivamente quererem se esconder não é apenas por se sentirem fisicamente vulneráveis. Morrer sob o olhar de outros, como em execuções públicas, é uma pena em dobro, já que, da forma mais cruel possível, ofende a timidez do condenado. Essa é uma das razões pelas quais se achava que as execuções públicas tinham uma função mais preventiva na classe camponesa do que as execuções na solidão da cela. Mas algumas concessões foram feitas, como mascarar o carrasco. E não era, como muitas pessoas acreditam, para esconder a identidade do carrasco, pois todos sabiam quem era o açougueiro ou o cordoeiro local. A máscara era por consideração ao condenado, para que não tivesse uma pessoa estranha tão perto no momento da morte.

— Hum. O assaltante de banco também usava máscara.

— O uso de máscara é um estudo à parte para nós psicólogos. Por exemplo, a ideia moderna de que usar máscara nos deixa sem liberdade, pode ser entendida ao avesso. Máscaras podem despersonalizar pessoas de uma maneira que, ao contrário do que se pensa, as deixem mais livres. O que você imagina ser a causa da popularidade dos bailes de máscara na época vitoriana? Ou o uso de máscaras em brincadeiras sexuais? Um assaltante de banco, ao contrário, tem razões mais prosaicas para usar máscara.

— Talvez.

— Talvez?

— Não sei — suspirou Harry.

— Você parece...

— Cansado. Tchau.

A posição de Harry no planeta girava e o afastava devagar do sol, e escurecia cada vez mais cedo. Os limões em frente à loja de Ali luziam como estrelinhas amarelas, e a chuva fina borrifava a rua silenciosamente quando Harry subiu a rua Sorgenfri. À tarde, tinha se ocupado da transferência do dinheiro para El-Tor. O que não foi grande tarefa. Ele falou com Øystein, anotou seu número de passaporte e o endereço do banco ao lado do hotel onde se hospedava e passou as informações por telefone para o jornal dos presidiários onde Raskol escrevia um artigo sobre Sun Tzu. Agora era só esperar.

Harry estava no portão procurando a chave quando ouviu passos na calçada atrás de si. Ele não se virou.

Até ouvir um rosar baixinho.

Na verdade não estava muito surpreso. Se você botar fogo embaixo de uma panela de pressão, não precisa de muita imaginação para saber que mais cedo ou mais tarde algo irá acontecer.

A cara do cão era preta como a noite, destacando ainda mais o branco dos dentes à

mostra. A luz fraca da lâmpada sobre o portão cintilou na gota de baba pendurada em um canino comprido.

— Senta! — ordenou uma voz familiar da sombra sob a entrada da garagem no outro lado da rua estreita e calma. A contragosto, o rottweiler abaixou as ancas largas e musculosas no asfalto molhado, mas não tirou de Harry os olhos castanhos e vazios que em nada lembravam o que normalmente se associa ao olhar de um cão.

A sombra do boné caía no rosto do homem que se aproximava.

— Boa-noite, Harry. Tem medo de cachorros?

Harry olhou dentro da boca vermelha escancarada. Um pouco de cultura inútil veio à superfície. Os romanos usaram os ancestrais do rottweiler na conquista da Europa.

— Não. O que você quer?

— Apenas fazer uma oferta. Uma oferta que você não... Como se diz?

— Está bem, qual é a oferta, Albu?

— Trégua. — Arne Albu levantou a aba do boné. Ele tentou mostrar aquele seu sorriso de garoto, mas não ficou tão natural como da última vez. — Você fica longe de mim, e eu fico longe de você.

— Interessante. E o que é que você pode fazer contra mim, Albu?

Albu acenou com a cabeça na direção do rottweiler, pronto para dar um pulo. — Tenho os meus métodos, e não estou totalmente sem recursos.

— Hum. — Harry levou a mão para pegar o maço de cigarros no bolso da jaqueta, mas parou quando o rosar aumentou de forma ameaçadora. — Está com cara de cansado, Albu. Está cansado de correr?

Albu sacudiu a cabeça.

— Não sou eu que estou correndo, Harry. É você.

— Ah é? Ameaças vagas contra um inspetor da polícia em plena rua. Para mim é um sinal de esgotamento. Por que não quer mais brincar?

— Brincar? É assim que leva a investigação? Uma espécie de jogo com o destino de seres humanos?

Harry viu raiva nos olhos de Arne Albu. Mas tinha outra coisa também. Os maxilares trabalhavam e as veias estufavam nas têmporas e na testa. Era desespero.

— Será que faz ideia do que você fez? — quase sussurrou e não tentava mais sorrir. — Ela me deixou. Ela... levou os filhos e foi embora. Por causa de uma bagatela de história. Anna não significava mais nada para mim.

Arne Albu se pôs bem pertinho de Harry.

— Eu encontrei Anna quando um amigo meu ia me mostrar sua galeria de arte e por acaso ela fazia uma vernissage lá. Comprei duas pinturas delas, nem sei bem por quê. Disse que eram para o escritório. Nunca foram penduradas, é claro. Quando fui buscar as pinturas no dia seguinte, Anna e eu começamos a conversar e de repente eu a convidei para almoçar. Depois para jantar. E duas semanas mais tarde para uma viagem de fim de semana em Berlim. As coisas aconteceram assim, depressa. Eu estava preso e nem tentava mais me libertar. Não até Vigdis descobrir o que estava acontecendo e ameaçar me deixar.

Sua voz tremeu de leve.

— Jurei a Vigdis que tinha sido apenas um deslize isolado, uma paixãoite idiota que às vezes acomete homens na minha idade quando encontram uma mulher jovem que os lembrem de como eram um dia. Jovens, fortes e independentes. Mas não somos mais assim. Especialmente não independentes. Quando tiver filhos, vai entender...

A voz falhou e ele respirou fundo. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e recomeçou.

— Anna amava com muita intensidade. Quase fora do normal. Como se nunca conseguisse parar. Eu literalmente tinha que me libertar à força. Ela rasgou minha jaqueta quando tentei sair pela porta. Acho que você entende o que quero dizer, uma vez ela me contou como foi quando você foi embora. Que ela quase se acabou.

Harry estava espantado demais para responder.

— Mas acho que senti pena dela — continuou Albu. — Ou não teria concordado em encontrá-la de novo. Eu deixei bem claro que tudo estava acabado entre nós, mas ela disse que só ia me devolver algumas coisas. E eu não podia saber que você ia aparecer e incrementar a história. Fazer parecer que a gente tinha... recomeçado de onde paramos. — Ele inclinou a cabeça para trás. — Vigdis não acredita em mim. Ela diz que nunca vai poder acreditar em mim novamente. Mais uma vez, não.

Ele levantou o rosto e Harry viu o desespero no seu olhar.

— Você me tirou a única coisa que tenho, Hole. Eles são tudo que tenho. Não sei se poderei tê-los de volta. — O seu rosto se contorceu de dor.

Harry pensou na panela de pressão. Faltava pouco agora.

— A única chance que tenho é se você... se você não...

Harry reagiu instintivamente quando viu a mão direita de Albu se mover no bolso do casaco. Ele deu uma banda em Albu, que caiu de joelhos na calçada. Harry girou o braço em frente ao seu rosto e no mesmo instante o rottweiler atacou. Ele ouviu o som de tecido sendo rasgado e sentiu os dentes furarem sua pele e afundar na sua nuca. Ele tinha esperança de que o cão ia travar a mordida, mas o diabinho esperto largou. Harry levantou o pé para chutar a massa de músculos nus e pretos, mas errou o alvo. Ele ouviu as unhas do cão raspar no asfalto ao tomar impulso, e viu a boca aberta se aproximar. Alguém havia dito que o rottweiler sabe, antes de três semanas de idade, que a maneira mais eficaz de matar é rasgar a garganta, e, agora, a máquina de músculos de cinquenta quilos estava no ar. Harry usou a velocidade que o impulso lhe deu para continuar a girar. Por isso, quando as mandíbulas do cão se fecharam, não foi em volta da garganta, mas na nuca. Não que isso resolvesse seu problema. Ele tentou agarrá-lo por trás, conseguiu pegar o maxilar inferior com uma das mãos e o superior com a outra e puxou com toda força. Mas em vez dos maxilares se rasgarem, só afundaram mais alguns milímetros na sua nuca. Foi como se os tendões e músculos do cão fossem cabos de aço. Harry recuou, se jogou de costas contra o muro e ouviu o estalar de costelas quebrando no corpo do cão. Mas os maxilares não se mexeram. Ele sentiu o pânico chegar. Ele já ouvira falar em maxilares travados, sobre a hiena, que não soltava a garganta do leão, nem depois de ter sido morta a dentadas pelas leoas. Harry sentiu o sangue quente escorrer pelas costas por baixo da camiseta e se deu conta que tinha caído de joelhos. Já estaria começando a perder os sentidos? A rua Sofie era uma rua calma, mas Harry nunca tinha visto uma rua tão

deserta como naquele momento. Ele percebeu que tudo acontecia em silêncio, nenhum grito, nenhum latido, apenas o som de carne contra carne e carne sendo dilacerada. Ele tentou gritar, mas não conseguiu emitir um único som. O campo de visão começou a escurecer nos cantos e ele entendeu que a artéria estava sendo comprimida e ele ia ficar como num túnel, porque seu cérebro não estava recebendo sangue o suficiente. Os limões reluzentes do lado de fora da loja de Ali estavam em vias de se apagar. Algo preto, plano, molhado e pesado subiu e explodiu no seu rosto. Ele sentiu o gosto do asfalto. De longe ouviu a voz de Albu:

— Solta!

Ele sentiu aliviar a pressão na nuca. Mas a posição de Harry no planeta Terra se afastou devagarzinho do sol, e já estava escuro quando ouviu uma voz em cima dele perguntar:

— Está vivo? Está me ouvindo?

Seguiu-se um clique de aço ao lado da sua orelha. Peças de arma. Cão armado.

— Que merd... — Ele ouviu um gemido baixinho e o esguichar de vômito no asfalto. Mais cliques de aço. O dispositivo de segurança sendo destravado... Mais alguns segundos e estaria tudo terminado. Então era assim. Sem desespero — sem medo — nem sequer lamento. Apenas alívio. Não tinha muitas coisas a deixar. Albu estava demorando. O tempo suficiente para Harry lembrar. Estava deixando algo, sim. Ele encheu os pulmões de ar. A rede de veias sugou o oxigênio e levou-o em espasmos para o coração.

— Agora é... — começou uma voz, mas parou de repente quando o punho de Harry acertou seu pomo de adão.

Harry conseguiu ficar de joelhos. Mas não conseguiu mais. Ele tentou se manter consciente enquanto esperava pelo ataque final. Passou um segundo. Dois segundos. Três. O cheiro de vômito encheu o nariz. Aos poucos, as lâmpadas da rua penduradas acima dele ganharam foco. A rua estava vazia. Totalmente deserta. Além de um homem deitado ao lado dele arquejando, vestido numa jaqueta azul por cima de algo que parecia uma camisa de pijama que despontava na garganta. A luz da lâmpada cintilou. Não era uma pistola, mas um isqueiro. E só agora Harry viu que o homem não era Arne Albu. Era Trond Grette.

Harry colocou a xícara com chá escaldante na mesa da cozinha em frente de Trond que ainda estava arfante, respirando com um som rascante e olhos de bócio quase saltando para fora do crânio.

E ele próprio estava tonto e com náuseas, e as dores na nuca latejavam como uma queimadura.

— Bebe — mandou Harry. — Tem bastante limão. Acalma a musculatura para você relaxar e conseguir respirar melhor.

Trond obedeceu. E, para grande surpresa de Harry, pareceu funcionar. Após vários goles e duas crises de tosse, Trond começou a mostrar sinais de cor no rosto pálido.

— Horrível — sussurrou.

— Como? — Harry deixou-se cair na outra cadeira da cozinha.

— Você está horrível.

Harry sorriu e apalpou a toalha que estava amarrada em volta do pescoço. Já estava ensopada de sangue.

— Foi por isso que vomitou?

— Não aguento ver sangue — disse Trond. — Fico totalmente... — Ele levou os olhos ao céu.

— Bem. Podia ter sido pior. Você me salvou.

Trond sacudiu a cabeça.

— Eu estava bem longe na rua quando vi vocês, só gritei. Não tenho certeza se foi isso que fez ele mandar o cão soltar você. Sinto muito por não conseguir pegar o número do carro, mas vi que fugiram em um jipe Cherokee.

Harry o interrompeu com um gesto de mão.

— Sei quem é.

— É?

— É um cara que estou investigando. Mas me conte, o que anda fazendo por essas vizinhanças, Grette?

Trond girava a xícara com as mãos.

— Você devia mesmo ir ao hospital ver essa ferida.

— Vou pensar a respeito. Talvez tenha tido tempo de pensar sobre a nossa conversa?

Trond concordou com um lento aceno de cabeça.

— E o que resolveu?

— Que eu não posso mais ajudá-lo. — Foi difícil para Harry determinar se era apenas a dor no pomo de adão que fazia com que Trond sussurrasse a última frase. — Quero que vocês digam para ele que fui eu quem contou. Ele vai entender.

— OK.

— Porto Seguro.

— OK.

— É uma cidade no Brasil.

Harry franziu o nariz.

— Legal. Como a gente acha ele por lá?

— Ele só me contou que tem uma casa lá. Ele não quis me dar o endereço, apenas o número do celular.

— Por que não? Ele não está sendo procurado.

— Não tenho tanta certeza disso. — Trond bebeu outro gole. — Em todo caso, ele me disse que era melhor eu não ter o seu endereço.

— Hum. É uma cidade grande?

— Perto de um milhão, de acordo com Lev.

— Certo. Não tem mais nada? Outras pessoas que o conheçam e que possam ter o endereço?

Trond hesitou antes de sacudir a cabeça.

— Vamos — disse Harry.

— Lev e eu tomamos um café da última vez que nos encontramos em Oslo. Ele disse que o

café era pior do que aquele que ele estava acostumado. Que agora só tomava cafezinho em um *ahwa* local.

— *Ahwa*? Mas isso não é uma daquelas casas de café árabe?

— Isso mesmo. Cafezinho parece ser uma versão forte do espresso no Brasil. Lev disse que ele vai lá quase todo dia. Para tomar café, fumar narguilé e jogar dominó com o dono sírio que se tornou uma espécie de amigo. Lembro-me até do nome dele. Mohamed Ali. Igualzinho ao lutador de boxe.

— E cinquenta milhões de outros árabes. Seu irmão disse como se chama este lugar?

— Provavelmente. Mas não me lembro. Não devem ter tantos *ahwas* em uma cidade brasileira, não acha?

— Talvez não. — Harry ficou pensativo. Pelo menos era algo concreto com que trabalhar. Ele quis pôr a mão na testa, mas sentiu dores na nuca ao levantar a mão.

— Só uma última pergunta, Grette. O que foi que fez você decidir contar isso?

A xícara de Trond girava sem parar.

— Eu sabia que ele estava em Oslo.

Harry sentiu a toalha como se fosse uma corda pesada em volta do pescoço.

— Como?

Trond esfregou longamente o queixo antes de responder.

— A gente não conversava fazia mais de dois anos. Ele me ligou de repente e contou que estava na cidade. Nós nos encontramos em um café e tivemos uma longa conversa. Por isso o café.

— Quando foi isso?

— Três dias antes do assalto.

— De que falaram?

— De tudo. E de nada. Quando se conhece alguém há tanto tempo, como a gente, as coisas grandes muitas vezes se tornaram tão grandes que é sobre as coisas pequenas que se quer conversar. Sobre... As rosas do papai e coisas assim.

— Que tipo de coisas grandes?

— Coisas que não deviam ter sido feitas. Ou ditas.

— Então, em vez disso falaram de rosas?

— Eu fiquei com as rosas do papai quando Stine e eu fomos morar na casa geminada. Foi lá que eu e Lev crescemos. Foi lá que eu queria que nossos filhos crescessem. — Trond mordeu o lábio inferior. Seu olhar estava fixo na toalha de mesa marrom e branca, a única que Harry tinha e que fora dada pela sua mãe.

— Ele não disse nada sobre o assalto?

Trond sacudiu a cabeça.

— Você está ciente de que o assalto já estava planejado a esta altura? Que o banco da sua mulher ia ser assaltado?

Trond deu um suspiro profundo.

— Se fosse como antes, talvez eu ficasse sabendo e poderia ter impedido. Porque Lev tinha grande prazer em me contar sobre seus assaltos. Ele conseguia cópias das gravações de vídeo que ele guardava no sótão em Diesengrenda, e de vez em quando insistia para que a

gente fosse assistir a eles juntos. Para eu ver como meu irmão mais velho era bom. Quando me casei com Stine e comecei a trabalhar, deixei claro que não queria mais saber dos planos dele. Porque ele podia me deixar em uma situação complicada.

— Hum. Então ele não sabia que Stine trabalhava no banco?

— Eu contei que ela trabalhava no Banco Nordea, mas não em que filial, acho.

— Mas os dois se conheciam?

— Se encontraram algumas vezes, sim. Em algumas reuniões de família. Lev nunca foi grande fã destas reuniões.

— E como eles se davam?

— Bem. Lev é um cara charmoso quando quer. — Trond mostrou um sorriso torto. — Como disse, só compartilhamos um conjunto de genes. Fiquei feliz por ele se dar o trabalho de mostrar seu lado bom para ela. E já que eu tinha contado a ela como ele podia tratar as pessoas de que ele não gostava, ela se sentiu lisonjeada. A primeira vez que ela veio à nossa casa, ele a levou para passear na vizinhança e mostrou todos os lugares onde eu brincava quando era pequeno.

— Não a passarela, talvez?

— Não, esse não. — Pensativo, Trond levantou suas mãos e olhou para elas. — Mas não foi porque não quisesse. Lev adorava contar todas as loucuras que fazia. Era porque ele sabia que eu não queria que ela soubesse que eu tinha um irmão assim.

— Hum. Tem certeza de que você não atribui a seu irmão um coração mais nobre do que ele tem?

Trond sacudiu a cabeça.

— Lev tem um lado escuro e um lado claro. Como todos nós. Ele pode morrer pelas pessoas que ama.

— Mas não na prisão?

Trond abriu a boca, mas não veio resposta. Harry viu um espasmo embaixo de um dos olhos. O policial deu um suspiro e se levantou, trôpego.

— Preciso de um táxi para me levar ao hospital.

— Estou de carro — respondeu Trond.

O motor do carro zuniu baixinho. Harry olhou os postes da rua que varriam o céu escuro da noite, o painel, o volante e o brilho fosco no diamante no dedo mindinho de Trond.

— Você mentiu sobre o anel que está usando — sussurrou Harry. — O diamante é pequeno demais para custar trinta mil. Aposto que custou em torno de cinco, e que você o comprou para Stine em um joalheiro daqui de Oslo, certo?

Trond confirmou com a cabeça.

— Você encontrou Lev em São Paulo, não foi? O dinheiro era para ele?

Trond afirmou de novo.

— Dinheiro suficiente para um bom tempo — disse Harry. — O bastante para uma passagem de avião quando resolvesse voltar a Oslo para começar a trabalhar de novo.

Trond não respondeu.

— Lev ainda está em Oslo — sussurrou Harry. — Quero o telefone celular dele.

— Sabe de uma coisa? — Trond virou com cuidado à direita na praça Alexander Kielland.

— Esta noite sonhei que Stine entrava no quarto e falava comigo. Ela estava vestida de anjo. Não como anjos verdadeiros, mas em uma dessas fantasias fajutas que se usa no Carnaval. Ela disse que não pertencia ao céu. E, quando acordei, pensei em Lev. Eu pensei naquela vez que ele se sentou na beira do telhado da escola e balançava as pernas enquanto nós entrávamos para a próxima aula. Ele parecia um pontinho apenas, mas eu lembro o que pensei. Que ele pertencia ao céu.

Baksheesh



Três pessoas ocupavam o escritório de Ivarsson. Ele mesmo atrás da mesa bem-arrumada e Beate e Harry sentados em cadeiras — um pouco mais baixas — no outro lado. O truque das cadeiras mais baixas é uma técnica de dominação tão conhecida que pode se arriscar a dizer que nem funciona mais, mas Ivarsson era sabido. Sua experiência dizia que técnicas básicas nunca caducam.

Harry colocara sua cadeira de viés para poder olhar pela janela. A vista dava para o Hotel Plaza. Nuvens redondas se arrastavam sobre a torre de vidro e sobre a cidade sem soltar a chuva. Harry não conseguira dormir, apesar dos analgésicos que lhe deram no hospital depois da vacina antitetânica. A explicação que ele dera aos colegas sobre um incontrolável cão sem dono era original o bastante para ser digna de crédito e perto da verdade o suficiente para conseguir relatá-la com razoável convicção. A nuca estava inchada e o curativo apertado roía a pele. Harry sabia exatamente como ia doer se ele tentasse virar a cabeça para Ivarsson, que estava falando. E ele sabia que mesmo sem a dor não se viraria.

— Então vocês querem passagens de avião para o Brasil para procurar lá? — perguntou Ivarsson, limpando a mesa e fazendo de conta que reprimia um sorriso. — Enquanto o Magarefe evidentemente se ocupa assaltando bancos aqui em Oslo?

— Não sabemos onde em Oslo ele se encontra — disse Beate. — Ou se está em Oslo. Mas temos esperança de encontrar a casa que seu irmão diz que ele tem em Porto Seguro.

Se acharmos, também vamos encontrar impressões digitais. E se forem as mesmas daquelas que temos na garrafa de Coca-Cola, teremos prova técnica conclusiva. Deve valer a viagem.

— É mesmo? E que impressões vocês têm que ninguém mais encontrou?

Beate tentou em vão estabelecer contato ocular com Harry. Ela engoliu em seco.

— Já que estamos fazendo investigações independentes, decidimos manter isso só entre nós. Por enquanto.

— Querida Beate — começou Ivarsson, semicerrando o olho direito. — Você diz “decidimos”, mas só estou ouvindo Harry Hole. Aprecio o entusiasmo de Harry para seguir meu método, mas não vamos deixar os princípios impedirem os resultados que podemos conseguir juntos. Por isso repito: que impressões?

Beate olhou para Harry em desespero.

— Hole? — chamou Ivarsson.

— Vamos manter as coisas assim — disse Harry. — Por enquanto.

— Como quiser — disse Ivarsson. — Mas esqueça a viagem. Podem conversar com a polícia brasileira e pedir ajuda a eles para conseguir as impressões digitais.

Beate pigarreou.

— Já verifiquei. Teremos que enviar requisição por escrito para o chefe de polícia no estado da Bahia e fazer com que um procurador do Estado se intere do caso antes de eventualmente conceder um mandado de busca da casa. A pessoa com quem falei disse que, sem contato na burocracia brasileira, levaria, por experiência dele, de dois meses a dois anos.

— Temos passagens para amanhã à noite — disse Harry e estudou uma unha. — Então?

Ivarsson riu.

— O que você acha? Estão vindo a mim para pedir dinheiro para um voo para o outro lado do mundo sem nem querer justificar a necessidade. Estão querendo fazer uma busca sem permissão, de forma que, se de fato encontrarem uma prova técnica, a justiça vai ter que recusá-la de qualquer maneira porque foi obtida de forma ilegal.

— O truque do tijolo — disse Harry baixinho.

— Como é?

— Uma pessoa desconhecida joga um tijolo para dentro de uma janela. Por acaso, a polícia vem passando e não precisa de um mandado de busca para entrar. Eles acham que tem cheiro de maconha na sala. Uma opinião subjetiva, mas razão justificável para uma busca imediata. E consegue-se prova técnica, como impressões digitais do local. Totalmente legal.

— Em suma, já pensamos sobre o que você está dizendo — Beate se apressou a dizer. — Se encontrarmos a casa, fique tranquilo que vamos conseguir tirar de lá as impressões de forma legal.

— É mesmo?

— E com sorte sem tijolo.

Ivarsson sacudiu a cabeça.

— Não basta. A resposta é um alto e ressonante não. — Ele olhou o relógio para indicar que a reunião havia terminado e emendou com um leve sorriso de réptil: — Por enquanto.

— Não podia pelo menos ter dado algo a ele? — perguntou Beate no corredor.

- Como o quê? — perguntou Harry e girou de leve a nuca. — Ele já tinha se decidido.
- Você nem deu uma chance a ele de nos dar aquelas passagens.
- Dei a chance para ele não ser atropelado.
- Como assim? — Pararam em frente ao elevador.
- Já te contei que temos certos poderes para agir neste caso.

Beate se virou e olhou para ele.

- Acho que entendi — disse devagar. — Então o que acontece agora?
- Um atropelamento. Não esqueça o protetor solar.

Mais tarde no mesmo dia, Bjarne Møller disse a Harry que Ivarsson não havia ficado muito feliz em saber que o chefe de polícia em pessoa havia dado ordem a Harry e Beate para irem ao Brasil e que as passagens e a estada cabiam à delegacia de Roubos.

— Está contente consigo mesmo agora? — perguntou Beate a Harry antes de ele ir para casa.

Mas quando Harry passou em frente ao Plaza e as nuvens finalmente abriram as comportas, ele estranhou não sentir nenhuma satisfação. Apenas constrangimento, falta de sono e dores na nuca.

— Baksheesh? — gritou Harry no telefone. — Que diabos é Baksheesh?

— Gorjeta — disse Øystein. — Ninguém neste maldito país levanta um dedo sem.

— Merda! — Harry chutou a mesa em frente ao espelho. O aparelho deslizou e o fone foi arrancado da sua mão.

— Alô? Está aí, Harry? — chiou o fone no chão. Harry teve vontade de deixá-lo onde estava. Ir embora. Ou colocar um disco do Metallica no volume máximo. Um dos bem antigos.

— Não se descontrole agora, Harry! — chiou.

Harry se agachou com a nuca reta e pegou o fone.

— Desculpe, Øystein. Quanto disse que precisava?

— Vinte mil egípcios. Quarenta mil noruegueses. E terei o assinante no mesmo instante, me disseram.

— Estão nos fazendo de trouxa, Øystein.

— Claro. Queremos aquele assinante ou não?

— O dinheiro está a caminho. Não se esquece de pegar o recibo, OK?

Harry estava deitado na cama olhando o teto, esperando a dose tripla de anestésico fazer efeito. A última coisa que viu antes de cair no sono foi um menino sentado lá em cima balançando as pernas e olhando para ele.

Parte IV

D'Ajuda



Fred Baugestad estava de ressaca. Ele tinha 31 anos, era divorciado e trabalhava na plataforma de petróleo Statfjord B como assistente de perfuração. Era trabalho duro e não tinha direito nem a uma cervejinha sequer enquanto estava embarcado, mas o salário era gordo, havia TV no quarto, comida de primeira e o melhor de tudo: depois de três semanas tirava quatro de folga em terra. Algumas pessoas voltavam para a casa e para a mulher e ficavam olhando a parede, outras trabalhavam como motorista de táxi ou aumentavam a casa para não enlouquecer de tédio, e outras ainda faziam como Fred: iam a um país tropical e tentavam se matar de tanto beber. De vez em quando, escrevia um cartão-postal para Karmøy, sua filha, ou o “bebê” como ele ainda a chamava, mesmo ela já tendo completado 10 anos. Ou eram 11? De qualquer maneira, era o único contato que ele ainda tinha com a terra firme, e era mais do que suficiente. A última vez que conversou com seu pai, ele tinha se queixado da mãe que de novo fora pega por furtar biscoitos no supermercado.

— Rezo por ela — disse o pai e perguntou se Fred levava consigo uma Bíblia em norueguês quando estava no exterior.

— O livro é tão indispensável para mim como o café da manhã, pai — respondera. O que era bem a verdade, já que Fred nunca comia antes do almoço quando estava em Arraial d'Ajuda. A não ser que caipirinha pudesse ser chamada de comida. O que era uma questão de

definição, já que ele entornava pelo menos quatro colheres de sopa de açúcar em cada drinque. Fred Baugestad bebia caipirinha porque era genuinamente ruim. Na Europa, a bebida tinha uma fama sem mérito, já que era feita com rum ou vodca em vez de cachaça — o destilado brasileiro, cru e amargo, que fazia do ato de beber caipirinha a penitência que, Fred alegava, era o propósito dessa bebida. Ambos os avôs de Fred haviam sido alcoólatras, e, com uma predisposição genética dessas, ele achava que era melhor se garantir e beber algo que fosse tão ruim que ele nunca se viciaria.

Hoje, se arrastou até o Mohamed ao meio-dia e tomou um espresso e um conhaque antes de voltar devagar, no calor do verão, pela rua de terra longa e esburacada entre as casinhas baixinhas e mais ou menos brancas. A casa que ele e Roger alugavam estava entre as menos brancas. O reboco estava descascando e as paredes internas cinzentas e sem pintura eram tão infiltradas pelo vento úmido que soprava do Atlântico que, se alguém botasse a língua para fora, daria para sentir o gosto amargo do muro. Mas, para que fazer uma coisa dessas?, pensou Fred. A casa não era tão ruim assim. Três quartos, dois colchões, uma geladeira, um fogão. E um sofá e uma mesa improvisada em cima de duas pedras no quarto que escolheram para sala, já que havia um buraco quase quadrado na parede que eles chamavam de janela. Verdade que deviam limpá-la com mais frequência. A cozinha fervilhava de formigas-lava-pés avermelhadas, de mordidas medonhas, mas Fred não ia com tanta frequência para lá depois que botaram a geladeira na sala. Ele estava deitado no sofá e planejava sua próxima ofensiva do dia quando Roger entrou.

— Onde esteve? — perguntou Fred.

— Na farmácia em Porto — respondeu Roger com um sorriso que dava a volta toda na cabeça larga e rubicunda. — Você nem imagina o que eles vendem direto no balcão. Pode-se comprar coisas que nem com prescrição médica se consegue na Noruega. — Ele derramou o conteúdo do saco plástico e começou a ler os rótulos em voz alta.

— Três miligramas de benzodiazepam. Dois miligramas de flunitrazepam. Que merda, Fred, estamos praticamente falando de Rohypnol!

Fred não respondeu.

— Está passando mal? — borbulhou Roger. — Ainda não arranjou nada para comer?

— *Não*. Só um café no Mohamed. A propósito, apareceu um cara misterioso por lá. Perguntou a Mohamed por Lev.

Roger levantou os olhos das drogas.

— Por Lev? Como era o cara?

— Alto, louro, olhos azuis. Pela fala parecia norueguês.

— Merda, não me assuste desse jeito, Fred. — Roger retomou a leitura.

— O que quer dizer?

— Vamos dizer assim que, se ele fosse moreno, alto e magro, estaria na hora da gente deixar D'Ajuda. E do lado ocidental do planeta. Ele tinha cara de tira?

— Com que se parece um tira?

— Eles... esquece, petroleiro.

— Ele parecia estar com sede. Pelo menos sei com que se parece um cara com sede.

— OK. Talvez um companheiro de Lev. Vamos ajudá-lo?

Fred sacudiu a cabeça.

— Lev disse que ele mora aqui totalmente in... in... alguma palavra que significa que é segredo. Mohamed fez de conta que nunca tinha ouvido falar de Lev. O cara vai achar Lev se Lev quiser.

— Falei brincando. A propósito, como está Lev? Não o vejo há semanas.

— A última notícia foi que ele ia fazer uma viagem à Noruega — respondeu Roger e tentou levantar a cabeça com cuidado.

— Talvez tenha assaltado um banco e tenha sido preso — disse Roger e riu com a ideia. Não porque quisesse que Lev fosse pego, mas porque a ideia de roubar bancos sempre o fazia sorrir. Ele mesmo já fizera isso três vezes, e a emoção tinha sido grande em todas elas. Nas duas primeiras vezes foi pego, é verdade, mas na última fez tudo certinho. Quando ele descrevia o golpe, normalmente se esquecia de mencionar a circunstância afortunada das câmeras de vigilância estarem temporariamente desativadas, mas, de qualquer maneira, o ganho fez com que ele agora pudesse gozar do seu ócio — e ocasional ópio — em Arraial d’Ajuda. A bela cidadezinha ficava bem ao sul de Porto Seguro e tinha até recentemente abrigado a maior turma de sujeitos procurados do continente ao sul de Bogotá. Começou nos anos 1970 quando se tornou um local de encontro de hippies e viajantes que viviam de tocar música e vender bijuterias e enfeites na Europa durante o verão. Isso significava renda extra bem-vinda para Arraial d’Ajuda, e em geral não atrapalhava ninguém, então, as duas famílias brasileiras, que em princípio eram as donas de todas as atividades econômicas na aldeia, entraram em acordo com o chefe de polícia local para fazer vista grossa com as pessoas que fumavam maconha na praia, no café, no crescente número de bares e aos poucos também na rua e em qualquer lugar.

Mas havia um problema: uma importante fonte de renda para os policiais — que do estado só recebiam um salário de fome — era, ali como em outros lugares, “multar” os turistas por fumarem maconha e infringir outras leis mais ou menos desconhecidas. Para que os turistas que traziam a renda e a polícia convivessem em paz, as famílias tiveram que cuidar para que outras fontes de renda fossem asseguradas à polícia. Começou quando um sociólogo americano e seu namorado argentino, que cuidavam da produção local e da venda da maconha, foram obrigados a pagar uma comissão ao chefe de polícia para proteção e monopólio — isso queria dizer que concorrentes em potencial de imediato seriam presos e entregues à Polícia Federal ao som de trombetas. O dinheiro corria solto no pequeno e perspicuo aparelho de funcionários, e tudo era um mar de rosas, até chegarem três mexicanos que ofereceram uma comissão mais alta, e, num domingo de manhã, o americano e o argentino foram entregues à Polícia Federal ao som de trombetas na praça em frente ao correio. O sistema eficaz e regulado pelo mercado continuou a se desenvolver, e logo Arraial d’Ajuda estava cheia de criminosos procurados pelos quatro cantos do mundo, que ali podiam garantir uma vida relativamente segura por um preço bem mais em conta do que teriam que pagar à polícia de Pattaya e muitos outros lugares. Mas, nos anos 1980, esta pérola da natureza quase intocada, com extensas praias, pôr do sol vermelho e maconha de primeira, foi descoberta pelos turistas urubus — os mochileiros. Invadiram Arraial d’Ajuda em tal quantidade

e com tamanha vontade de consumir que fez com que as duas famílias reavaliassem e considerassem a rentabilidade da cidade como campo de refugiados para os fora da lei. Conforme os bares agradavelmente escuros foram sendo reformados para serem lojas de aluguel de equipamento de mergulho, e o café onde os nativos costumavam dançar lambada da maneira antiga começou a organizar raves, acontecia então, com cada vez mais frequência, de a polícia local realizar batidas relâmpago nas casas menos brancas e arrastar o prisioneiro arredio sob protestos para a praça. Mas por muito tempo ainda era mais seguro para um criminoso estar em Arraial d'Ajuda do que na maioria dos outros lugares do mundo, mesmo com a paranoia tendo se alojado por baixo da pele de todos eles, e não só de Roger.

Era também por isso que havia lugar para um homem como Mohamed Ali na cadeia de atividades econômicas de Arraial d'Ajuda. A justificativa da sua existência se apoiava principalmente na localização estratégica na praça onde o ônibus de Porto Seguro tinha seu ponto final. Atrás do balcão, na sua *ahwa* aberta, Mohamed tinha uma visão geral de tudo que acontecia na única praça ensolarada de paralelepípedos de Arraial d'Ajuda. Quando chegava um novo ônibus, ele parava para servir café e entupir os narguilé com tabaco brasileiro — uma substituição inferior ao *m'aasil* da sua terra natal — para escanear os recém-chegados e detectar eventuais policiais ou caçadores de recompensas. Caso seu infalível nariz detectasse alguém em uma dessas duas categorias, ele dava o alarme de imediato. O alarme era uma espécie de serviço onde quem pagava a taxa mensal recebia um telefonema ou recado na porta entregue pelo Paulinho Pé Ligeiro. Mas Mohamed também tinha um motivo pessoal para manter sob vigia os ônibus que chegavam. Quando ele e Rosalita fugiram do Rio e do seu marido, ele nem por um segundo teve dúvida sobre o que os esperava caso o marido traído descobrisse o paradeiro deles. Por uns duzentos dólares dava para encomendar uma morte simples nas favelas do Rio ou de São Paulo. Mas, mesmo um matador de aluguel de respeito não cobrava mais que dois, três mil dólares além das despesas para uma missão tipo achar e eliminar, e, nos últimos dez anos, o mercado esteve a favor dos compradores. E para casais havia desconto.

Acontecia de as pessoas que Mohamed apostava serem caçadores irem direto ao seu *ahwa*. Pediam café só para disfarçar e, quando estavam com a xícara pela metade, faziam aquela pergunta inevitável: sabe-onde-mora-meu-amigo-tal-e-tal ou conhece-o-homem-nesta-foto-eu-devo-dinheiro-a-ele. Nestes casos, Mohamed cobrava taxa extra se sua resposta de sempre (“Eu o vi com uma mala grande pegar o ônibus para Porto Seguro há dois dias, senhor”) fizesse o caçador voltar no primeiro ônibus.

Quando o homem alto, louro, em terno de linho amarrotado e curativo branco na nuca colocou a bolsa e uma sacola de Playstation no balcão, enxugou o suor da testa e pediu um café em inglês, Mohamed vislumbrou alguns reais extras em cima da taxa fixa. Mas não foi o homem que chamou sua atenção. Foi a mulher que o acompanhava. Só faltava estar escrito “polícia” na testa.

Harry olhou à sua volta. Além dele, de Beate e do árabe atrás do balcão, havia três pessoas no recinto. Dois mochileiros e um turista do tipo cansado que parecia estar se curando de uma ressaca das grandes. A nuca estava quase matando Harry. Ele olhou o relógio. Fazia vinte horas desde que saíram de Oslo. Oleg havia ligado, o recorde de Tetris foi batido, e Harry conseguiu comprar um Namco G-Con 45 na loja de jogos de PC no aeroporto de Heathrow antes de continuarem o voo para Recife. De Recife tomaram um avião à hélice para Porto Seguro. Em frente ao aeroporto combinou um preço com certeza maluco com o motorista de táxi. Ele os deixou na balsa que os trouxe para Arraial d'Ajuda onde um ônibus aos solavancos os transportou no último trecho.

Fazia 24 horas desde que havia estado na sala de visita para explicar a Raskol que ele precisava de quarenta mil coroas para os egípcios. E Raskol tinha explicado que o *ahwa* de Mohamed Ali não ficava em Porto Seguro, mas em uma cidade próxima.

— D'Ajuda — dissera Raskol com um grande sorriso. — Conheço uns dois rapazes que moram por lá.

O árabe olhou para Beate, que sacudiu a cabeça antes de colocar a xícara na frente de Harry. Era amargo e forte.

— Mohamed — disse Harry e viu o homem atrás do balcão ficar rijo. — *You are Mohamed, right?*

O árabe engoliu em seco.

— Quem quer saber?

— Um amigo. — Harry colocou a mão direita dentro da jaqueta e viu o pânico no rosto escuro.

— O irmãozinho de Lev está à sua procura. — Harry tirou uma das fotos que Beate havia conseguido de Trond e colocou no balcão.

Mohamed fechou os olhos por um momento, enquanto os lábios pareciam fazer uma prece muda de agradecimento.

A foto mostrava dois meninos. O maior vestia um anoraque vermelho. Ele estava rindo e tinha colocado o braço amigavelmente em volta do ombro do outro, que sorria um tanto incomodado para a câmera.

— Eu não sei se Lev mencionou seu irmãozinho para você — disse Harry. — Ele se chama Trond.

Mohamed levantou a foto e olhou atentamente.

— Hum — disse e esfregou sua barba. — Nunca vi nenhum deles. E nunca ouvi falar de alguém aqui em D'Ajuda chamado Lev. E eu conheço a maioria aqui.

Ele devolveu a foto a Harry, que guardou no bolso e terminou o café.

— Temos que achar um lugar para pernoitar, Mohamed. Depois voltaremos. Enquanto isso, pense mais um pouco.

Mohamed sacudiu a cabeça, pegou a nota de vinte dólares que Harry havia posto embaixo da xícara de café e estendeu-a para ele.

— Eu não aceito notas grandes — disse.

Harry deu de ombros.

— Voltaremos mesmo assim, Mohamed.

No pequeno hotel chamado Vitória conseguiram dois quartos, já que era baixa temporada. Harry recebeu uma chave com o número 69, mesmo o hotel tendo só dois andares e em torno de vinte quartos. Ele presumiu que lhe deram a suíte nupcial quando abriu a gaveta da mesa de cabeceira ao lado da cama vermelha em forma de coração e encontrou duas camisinhas e os cumprimentos do hotel. A porta do banheiro era toda coberta por um espelho em que se podia ver a cama. Em um armário desproporcionalmente grande e fundo, o único móvel além da cama, havia dois roupões puídos e curtíssimos com símbolos orientais nas costas.

A recepcionista apenas sorriu e sacudiu a cabeça quando lhe mostraram a foto de Lev Grette. O mesmo se repetiu no restaurante ao lado e no cybercafé mais acima na rua principal estranhamente calma. De maneira tradicional, a rua ia da igreja ao cemitério, mas ganhara um nome moderno: Broadway. Na pequena mercearia, onde vendiam água e enfeites de Natal com SUPERMARKET escrito em cima da porta, eles finalmente encontraram uma mulher atrás do caixa. Ela respondeu “yes” para tudo que perguntaram e os olhou com um olhar vazio até desistirem e irem embora. Na volta, eles viram só uma pessoa, um jovem policial que estava encostado em um jipe com os braços cruzados e o coldre pendurado na cintura. Ele os seguiu com o olhar, bocejando.

Na *ahwa* de Mohamed, o rapaz magro atrás do balcão explicou que o chefe decidiu de repente tirar uma folga para dar uma caminhada. Beate perguntou quando estaria de volta, mas o rapaz sacudiu a cabeça sem entender, apontou para o sol e disse “Trancoso”.

No hotel, a recepcionista contou que a caminhada de 13 quilômetros ao longo da ininterrupta praia branca a Trancoso era a melhor atração de D’Ajuda. E, além da igreja católica na praça, a única.

— Hum. Por que está tão vazio aqui, senhora? — perguntou Harry.

Ela sorriu e apontou o mar.

E lá estavam. Na areia escaldante que se estendia em ambas as direções, até onde a vista alcançava no meio do mormaço quente. Havia banhistas enfileirados, vendedores de praia pisoteando a areia solta dobrados sob o peso de caixas de gelo e sacos de frutas, barmen arreganhando os dentes em bares improvisados onde o samba soava dos alto-falantes embaixo de tetos de palha, surfistas em roupas amarelas e com lábios brancos de óxido de zinco. E duas pessoas caminhando para o sul com os sapatos na mão. Uma vestindo short, topezinho e chapéu de palha, que ela pôs quando trocou de roupas no hotel, a outra ainda sem chapéu e em terno de linho.

— Você disse 13 quilômetros? — perguntou Harry e soprou a gota de suor que pendia da ponta do nariz.

— Vai escurecer antes de voltarmos — disse Beate apontando. — Olhe, todas as pessoas estão voltando.

Havia uma faixa escura na praia, parecendo uma caravana interminável de pessoas voltando para casa com o sol da tarde nas costas.

— É como se fosse de encomenda — disse Harry e ajustou os óculos de sol. — Uma formação em linha da D'Ajuda toda. Vamos dar uma boa olhada. Se não encontrarmos Mohamed, talvez tenhamos sorte e encontraremos Lev por conta própria.

Beate sorriu.

— Aposto cem.

Os rostos passavam cintilando no calor. Pretos, brancos, jovens, velhos, bonitos, feios, chapados, sóbrios, sorridentes, sombrios. Os bares e lojas de aluguel de pranchas desapareceram e tudo que podiam ver era areia e mar à esquerda e vegetação densa da mata à direita. Ali e acolá havia pessoas em grupos de onde emanava o inconfundível cheiro de maconha.

— Pensei mais sobre a zona de intimidade e a nossa teoria de confiança — disse Harry. — Você acha que Lev e Stine podem ter sido mais que cunhado e cunhada?

— Que ele a deixou participar dos planos e depois a matou para se livrar de provas? — Beate olhou para o sol com olhos semicerrados. — Bem, por que não?

Mesmo tendo passado das quatro, o calor não abrandava. Colocaram os sapatos para passar por cima de uma formação de pedras, e, no outro lado, Harry encontrou um galho grosso e seco trazido pelo mar. Ele enfiou o galho na areia e tirou a carteira e o passaporte da jaqueta antes de pendurá-la no cabide provisório.

Avistaram Trancoso à distância quando Beate disse que tinham acabado de passar por um homem que ela tinha visto em um vídeo. Harry primeiro achou que ela quis dizer algum ator meio famoso, até ela dizer que se chamava Roger Person e que ele, além de diversas penas por narcóticos, já cumprira pena por assalto ao correio em dois bairros de Oslo, Gamlebyen e Veitvet, e era suspeito de roubar o correio no bairro de Ullevål.

Fred já tinha tomado três caipirinhas num restaurante na praia em Trancoso, mas ainda achava sem sentido a ideia de andar 13 quilômetros apenas para — como dissera Roger — “arejar a pele para não criar limo”.

— É só você que não consegue ficar quieto por causa daquelas pílulas novas — resmungou Fred para o seu amigo que trotava na frente, com pés leves, levantando bem os joelhos.

— E daí? Você precisa queimar algumas calorias antes de voltar para o bufê no mar do Norte. Então, me conte o que disse Mohamed no telefone sobre os dois policiais.

Roger suspirou e fez a contragosto uma busca na memória recente.

— Ele falou de uma rapariga que era tão pálida que era quase transparente. E de um alemão enorme com nariz de bêbado.

— Alemão?

— Mohamed está chutando. Pode ser russo. Ou um índio inca ou...

— Muito engraçado. Ele tinha certeza de que o cara era tira?

— Como assim? — Fred quase colidiu com Roger, que havia parado.

— Não estou gostando nada disso — disse Roger. — Pelo que sei, Lev não roubou bancos em nenhum lugar além da Noruega. E policiais noruegueses não vêm ao Brasil para pegar um assaltante de banco fuleiro. Devem ser russos. Merda. Então sabemos quem os mandou. E aí não é apenas do Lev que estão atrás.

Fred gemeu.

— Não começa com aquela maluquice do cigano, por favor.

— Você acha que é paranoia, mas ele é o demônio em pessoa. Não gasta nem uma caloria para apagar pessoas que o lesaram em uma coroa. Não pensei que ele fosse descobrir, só peguei umas notas de mil, para despesas, de uma das sacolas, não é? Mas este é o princípio, sacou? Quando se é chefe no meio, tem que ter respeito, senão...

— Roger! Se eu quisesse ouvir essas merdas mafiosas, alugaria um vídeo.

Roger não respondeu.

— Alô? Roger?

— Cale a boca — sussurrou Roger. — Não se vire e continue andando.

— O quê?

— Se não estivesse tão bêbado, teria visto que a gente acabou de passar por uma peça transparente e um nariz de bêbado.

— Verdade? — Fred se virou. — Roger...?

— O quê?

— Acho que tem razão. Estão voltando...

Roger continuou andando sem se virar.

— Merdamerdamerda!

— O que faremos?

Fred se virou quando não ouviu resposta e descobriu que Roger tinha sumido. Ele olhou perplexo para as pegadas grossas na areia de onde Roger havia tomado impulso e seguiu as pegadas que subitamente viraram à esquerda. Levantou o olhar de novo e viu as solas dos pés de Roger levantando areia. Fred também começou a correr para a mata verde e densa.

Harry desistiu quase de imediato.

— Não adianta — gritou atrás de Beate, que parou hesitante.

Estavam apenas há poucos metros da praia, mas parecia que estavam em outro mundo. Um calor úmido e imóvel pendia entre os troncos no lusco-fusco sob o teto de folhas. Eventuais ruídos dos dois homens em fuga sumiram em meio aos gritos de pássaros e o rugir do mar atrás deles.

— O último cara não parecia exatamente um velocista — disse Beate.

— Eles conhecem essas trilhas melhor do que nós — respondeu Harry. — Além do que não temos armas, e eles talvez tenham.

— Se Lev já não foi avisado, vai ser agora. Então o que faremos?

Harry esfregou o curativo molhado na nuca. Os mosquitos tinham acabado de fazer

algumas investidas.

Harry olhou para Beate e se perguntou como era possível que ela nem sequer tivesse uma gota de suor na testa enquanto ele vazava feito calha podre.

— Vamos pescar — respondeu.

O pôr do sol era um espetáculo curto, mas magnífico, com todos os seus matizes de vermelho. E mais alguns, completou Mohamed e apontou para o sol que acabara de derreter no horizonte feito um pedaço de manteiga na frigideira.

Mas o alemão em frente ao balcão não estava interessado no pôr do sol. Ele acabou de dizer que vai pagar mil dólares para a pessoa que puder ajudá-lo a encontrar Lev Grette ou Roger Person. Se Mohamed gentilmente pudesse ajudá-lo a transmitir a oferta. Informantes interessados poderiam se direcionar ao quarto 69 no hotel Vitória — disse o alemão antes de sair do *ahwa* com a mulher loura.

As andorinhas enlouqueceram quando os insetos apareceram para sua dança noturna, também curta. O sol já era uma mixórdia de fluídos vermelhos na superfície do mar e dez minutos depois já estava escuro.

Quando Roger apareceu praguejando uma hora depois, estava pálido por baixo do bronzeado.

— Cigano satanás — murmurou para Mohamed, e contou que já ouvira os boatos sobre a recompensa gorda no bar Fredos. Ele se mandou de lá na hora. No caminho passara no supermercado para ver Petra, que disse que o alemão e a loura estiveram lá duas vezes hoje. Da última vez não perguntaram nada, só compraram uma linha de pescar.

— E o que vão fazer com isso? — perguntou e lançou um olhar em volta enquanto Mohamed servia um café. — Pescar?

— Aqui está — disse Mohamed e fez um gesto com a cabeça para a xícara. — É bom contra paranoia.

— Paranoia? — gritou Roger. — É bom-senso. Malditos mil dólares! Tem gente aqui que vende a própria mãe com prazer por um décimo.

— Então, o que vai fazer?

— O que preciso fazer. Antecipar-me ao alemão.

— Ah é? De que jeito?

Roger bebericou o café enquanto tirou uma pistola preta com uma coronha avermelhada da cintura.

— Conheça Taurus PT92C, de São Paulo.

— Não, obrigado — cuspiu Mohamed. — Some já com essa coisa. Está maluco. Está pensando em tentar pegar o alemão sozinho?

Roger deu de ombros e guardou a pistola na cintura.

— Fred está tremendo em casa. Ele diz que nunca mais vai ficar sóbrio.

— Este homem é profissional, Roger.

Roger bufou.

— E eu? Eu também assaltei alguns bancos. E sabe o que é mais importante, Mohamed? O elemento surpresa. É o que conta. — Roger bebeu o resto do café. — E sei lá até que ponto é profissional, se diz a torto e a direito em que quarto está.

Mohamed levou os olhos ao céu e fez o sinal da cruz.

— Alá está de olho em você, Mohamed — murmurou Roger secamente e se levantou.

Roger viu a loura assim que entrou na recepção. Ela estava sentada com um grupo de homens que assistiam ao jogo de futebol na TV em cima do balcão do bar. Claro, esta noite tinha Fla-Flu, por isso estava tão cheio no Fredos.

Ele passou rápido por eles na esperança de que ninguém o visse. Subiu a escada acarpetada correndo e continuou pelo corredor. Ele sabia muito bem onde era o quarto. Quando o marido de Petra viajava, Roger reservava o quarto 69 com antecedência.

Roger colocou o ouvido na porta, mas não ouviu nada. Ele olhou pelo buraco da fechadura, mas estava escuro lá dentro. O coração batia com força, mas meio comprimido o deixava calmo. Ele verificou se a pistola estava carregada e tirou a trava de segurança antes de baixar a maçaneta devagar. A porta estava aberta! Roger entrou rápido no quarto e fechou a porta atrás de si com cuidado. Ficou quieto no escuro segurando a respiração. Ele não viu nem ouviu ninguém. Nenhum movimento, nenhuma respiração. Apenas o zunido fraco do ventilador de teto. Por sorte, Roger conhecia o quarto de cor. Ele direcionou a pistola para onde sabia que estava a cama em forma de coração enquanto os olhos aos poucos se acostumavam ao escuro. Uma faixa estreita de luz da lua iluminava a cama onde o edredom estava jogado para o lado. Vazia. Ele parou para pensar. Será que o alemão saiu e se esqueceu de trancar a porta? Nesse caso, ele podia se sentar e esperar o alemão voltar, e se tornar alvo já no vão da porta. Mas parecia bom demais para ser verdade, como um banco em que esqueceram de ativar a tranca automática. E isso simplesmente não acontece. O ventilador de teto.

A confirmação veio no mesmo instante.

Roger deu um pulo quando ouviu o ruído repentino de água jorrando no banheiro. O cara estava na privada! Roger segurou a pistola firme com as duas mãos e mirou com os braços esticados onde sabia que estava a porta do banheiro. Cinco segundos se passaram. Oito segundos. Roger não conseguiu mais segurar a respiração. Que diabos o cara estava esperando? Ele já dera a descarga! Doze segundos. Talvez tivesse ouvido alguma coisa. Talvez estivesse tentando fugir. Roger lembrou que tinha uma janela pequena no alto da parede lá dentro. Merda! Essa era sua chance, ele não podia deixar o cara escapar agora. Na ponta dos pés, Roger passou pelo armário com o roupão que ficava tão bem em Petra, se colocou em frente à porta do banheiro e pôs a mão na maçaneta. Segurou a respiração. Ia girar quando sentiu uma leve corrente de ar. Não como do ventilador ou de uma janela aberta. Diferente.

— *Freeze* — disse uma voz atrás dele. E foi o que Roger fez depois de levantar a cabeça e olhar para o espelho na porta do banheiro. Ele gelou até bater os dentes. A porta do armário se abriu e lá dentro, entre os roupões brancos, distinguiu uma figura enorme. Mas não foi isso

a causa do repentino ataque de frio. O efeito psicológico de descobrir que alguém está mirando em você com uma pistola muito maior do que a que você está segurando não foi amenizado pela familiaridade de Roger com armas. Mas ao contrário, ele sabe o quanto balas de grosso calibre são eficazes em destruir o corpo humano. E a Taurus PT92C de Roger era um estilingue comparado ao enorme monstro preto que vislumbra na luz da lua atrás de si. Um chiado fez Roger olhar para cima. Era algo cintilante parecendo uma linha de pescar que ia do vão em cima da porta do banheiro até o armário.

— *Guten Abend* — sussurrou Roger.

Quando as circunstâncias permitiram, Roger, seis anos mais tarde, foi chamado por um gesto de mão até um bar em Pattaya e descobriu que era Fred atrás de toda aquela barba. Levou um susto que o deixou mudo quando Fred pegou uma cadeira para ele.

Fred pediu drinques e disse que não estava mais trabalhando no mar do Norte. Estava aposentado por deficiência física. Hesitando, Roger se sentou e explicou sem pormenores que ele nos últimos seis anos trabalhara como mensageiro de Chang Rai. Só depois de dois drinques Fred pigarreou e perguntou o que de fato tinha ocorrido naquela noite em que Roger de repente sumiu de D'Ajuda.

Roger olhou o copo, respirou fundo e disse que ele não teve escolha. O alemão, que aliás não era alemão, o apanhou de surpresa e quase o despachou lá mesmo. Mas Roger no último segundo o convenceu a fazer um trato. De dar trinta minutos para Roger se mandar de D'Ajuda depois de contar onde Lev Grette se escondia.

— Que tipo de pistola disse que o cara tinha? — perguntou Fred.

— Estava escuro demais para ver. Pelo menos não era uma marca conhecida. Mas eu te garanto que teria mandado a minha cabeça até o Fredos. — Roger lançou um novo olhar para a porta de entrada.

— Aliás, consegui uma casa aqui — disse Fred. — Tem onde ficar, ou não?

Roger olhou para Fred como se fosse uma pergunta em que ele não tinha pensado. Ele esfregou longamente a barba por fazer antes de responder.

— Na verdade, não.

Edvard Grieg



A casa de Lev ficava isolada no final de uma rua sem saída. Era como a maioria das casas na vizinhança, de tijolos, com a exceção de que a dele tinha vidros nas janelas. Uma solitária lâmpada de rua jogava um cone de luz amarela onde uma imponente fauna de insetos brigava pelo espaço, enquanto morcegos gulosos iam e vinham na noite escura.

— Parece que não tem ninguém em casa — sussurrou Beate.

— Talvez ele esteja só economizando luz — disse Harry.

Pararam em frente a um portão enferrujado.

— Então, como fazemos? — perguntou Beate. — Subimos lá e batemos na porta?

— Não. Ligue seu celular e fique esperando aqui. Quando eu estiver embaixo da janela, ligue para este número. — Ele estendeu a página que acabara de arrancar do bloco de anotações.

— Por quê?

— Se eu escutar o celular tocar dentro de casa, podemos supor que Lev está em casa.

— Certo. E como está pensando em pegá-lo? Com essa coisa aí? — Ela apontou para o negócio preto e disforme na mão direita de Harry.

— Por que não? — respondeu Harry. — Funcionou direitinho com Roger Person.

— Ele estava na penumbra e só viu através de um espelho velho, Harry.

— Bem, já que não podemos trazer armas para o Brasil, vamos usar o que temos.

— Como uma linha de pescar amarrada à descarga do banheiro e uma pistola gigante de brinquedo?

— Mas não um brinquedo qualquer, Beate, uma Namco G-Con 45. — Ele acarinhou a desproporcional pistola de plástico.

— Pelo menos tire a etiqueta da Playstation — disse Beate e sacudiu a cabeça.

Harry tirou os sapatos e passou agachado por cima de um pedaço de terra seca rachada que um dia teria sido um gramado. Ele chegou, se sentou com as costas para a parede embaixo da janela e sinalizou com a mão para Beate. Ele não a viu, mas sabia que ela podia vê-lo contra a parede branca. Ele olhou para o céu onde o universo estava exposto. Segundos depois soaram tons baixinhos, mas distintos, de um celular de dentro da casa. “Na gruta do rei da montanha.” *Peer Gynt*. Não é que o homem tinha senso de humor?

Harry fixou o olhar em uma das estrelas e tentou esvaziar a cabeça de todas as outras coisas além do que ia fazer agora. Não conseguiu. Aune uma vez disse que se a gente sabe que apenas na nossa galáxia tem mais sóis que grãos de areia em uma praia de tamanho médio, para que a gente vai querer saber se há vida lá fora? Seria melhor a gente se perguntar sobre as chances de serem todos pacíficos. E avaliar se vale a pena o risco de fazer contato. Harry apertou a mão em volta da pistola. Era a mesma pergunta que ele se fazia agora.

O telefone tinha parado de tocar. Harry esperou. Depois, respirou fundo, se levantou e andou nas pontas dos pés até a porta. Ele prestou atenção, mas não ouviu nada além dos grilos. Pôs a mão com cuidado na maçaneta e estava preparado para que a porta estivesse trancada.

E estava.

Ele praguejou em silêncio. Ele já havia decidido que, se a porta estivesse trancada, de forma a perder a surpresa, ele ia esperar pelo dia seguinte e comprar umas ferramentas antes de voltar. Ele duvidava que tivesse problemas em comprar armas de mão decentes em um lugar como este. Mas também tinha um sentimento claro de que Lev logo receberia um aviso sobre os acontecimentos do dia e eles não tinham muito tempo.

Harry deu um pulo quando uma dor o atacou na sola do pé direito. Por reflexo, puxou a perna e olhou para baixo. Na luz pobre das estrelas vislumbrou uma listra negra no muro branco. A listra ia da porta, por cima da escada onde seu pé estava e continuava para baixo nos degraus, onde se perdia de vista. Ele pescou uma minilanterna do bolso e acendeu. Eram formigas. Formigas grandes, amarelas, meio transparentes, que desfilavam em duas caravanas — uma vinda da escada e outra indo por baixo da porta. Aparentemente diferentes das formigas domésticas da Noruega. Era impossível ver o que transportavam, mas Harry entendia o bastante sobre formigas para saber que alguma coisa traziam.

Harry apagou a lanterna. Pensou. E se levantou. Desceu a escada. Parou no meio do caminho, se virou e começou a correr. A porta de madeira simples e meio podre voou da moldura quando foi atingida pelos noventa e cinco quilos de Hole a quase trinta quilômetros por hora. Um dos cotovelos ficou por baixo quando ele e o resto da porta atingiram o piso de cimento, e a dor penetrou o braço e subiu à nuca. Ele ficou deitado no escuro esperando o clique macio do cão de uma pistola. Como não veio, se levantou e ligou a lanterna de novo. O cone estreito encontrou a listra de formigas ao longo da parede. Harry sentiu pelo calor embaixo do curativo na nuca que tinha começado a sangrar de novo. Ele seguiu os corpos brilhantes das formigas sobre um tapete sujo para dentro do próximo cômodo. Lá, a caravana virava bruscamente à esquerda e continuava subindo a parede. O cone de luz encontrou o

canto de uma imagem do Kama Sutra ao subir. A caravana de formigas desviou e continuou pelo teto. Harry se inclinou para trás. A nuca doía como nunca. Agora estavam bem em cima dele. Ele teve que se virar. O cone de luz tremeluziu um pouco antes de reencontrar as formigas. Este era realmente o caminho mais curto para onde elas estavam indo? Não deu para pensar mais, porque subitamente estava olhando dentro do rosto de Lev Grette. O corpo dele elevava-se sobre Harry, que soltou a lanterna e deu um passo para trás. E mesmo que seu cérebro dissesse que era tarde demais, suas mãos procuraram, em uma mistura de choque e tolice, uma Namco G-Con 45 para segurar.

Lava-pés



Beate não aguentou o fedor por mais de dois minutos antes de correr para fora. Ela estava dobrada no escuro quando Harry a seguiu devagar, se sentou na escada e acendeu um cigarro.

— Não sentiu o cheiro? — gemeu Beate com saliva escorrendo da boca e do nariz.

— Disosmia. — Harry estudou a brasa do cigarro. — Perda parcial do olfato. Não sinto mais o cheiro de algumas coisas. Aune diz que é porque já senti demais o cheiro de mortos. Trauma emocional e coisas parecidas.

Beate vomitou.

— Desculpe — gemeu ela. — Foram aquelas formigas. Quero dizer, por que esses bichos nojentos usam justamente as *narinas* como uma autoestrada dupla?

— Bem, se insistir, posso contar onde você encontra as partes mais ricas em proteína no corpo humano.

— Obrigada!

— Desculpe. — Harry deixou cair o cigarro no chão seco. — Você se aguentou bem lá dentro, Lønn. É diferente de ver no vídeo. — Ele se levantou e entrou de novo.

Lev Grette pendia em um pedacinho de corda amarrado ao lustre do teto. Ele estava quase meio metro acima do chão com a cadeira tombada, e foi por isso que as moscas monopolizavam o corpo antes da chegada das formigas amarelas, que ainda desfilavam para cima e para baixo na corda.

Beate encontrou o celular com o carregador no chão ao lado do sofá e disse que ela podia descobrir quando foi a última conversa dele no telefone. Harry saiu para a cozinha e acendeu a luz. Em uma folha A4 na bancada tinha uma barata metálica que balançou as antenas para Harry antes de bater em retirada para o forno. Harry levantou a folha. Estava escrita a mão. Ele havia lido todos os tipos de cartas de suicidas, e uma minoria tinha sido boa literatura. As famosas últimas palavras eram em geral uma confusão balbuciada de gritos desesperados de socorro ou instruções prosaicas sobre quem deveria herdar a torradeira e o cortador de grama. Uma das cartas mais cheias de sentido que Harry tinha lido era de um camponês que escreveu com giz na parede do celeiro: *Aqui dentro tem um homem morto pendurado. Por favor, ligue para a polícia. Desculpe.* Nesse aspecto, a carta de Lev Grette era, se não única, pelo menos fora do comum.

Querido Trond,

Sempre quis saber como ele se sentiu quando a passarela de repente sumiu embaixo dele. Quando o abismo se abriu e ele entendeu que algo totalmente sem sentido estava em vias de acontecer, que ele ia morrer em vão. Talvez ele ainda tivesse coisas a fazer. Talvez alguém esperasse por ele naquela manhã. Talvez ele acreditasse que justamente aquele dia ia ser o começo de algo novo. Sobre a última parte ele, de certa forma, tinha razão...

Nunca te contei que o visitei no hospital. Levei um grande buquê de rosas e contei que eu tinha visto tudo da janela do prédio, ligado para uma ambulância e dado as descrições do rapaz e da bicicleta à polícia. Ele estava lá na cama, tão pequeno e grisalho, e me agradeceu. Então perguntei feito um merda de um comentarista de esporte: “O que você sentiu?”

Ele não respondeu. Ele só ficou ali com todos aqueles tubos e líquidos pingando, olhando para mim. Depois me agradeceu de novo e uma enfermeira disse que eu tinha que ir embora.

Por isso nunca fiquei sabendo como é. Até um dia, quando o abismo de repente se abriu por baixo de mim também. Não aconteceu quando subi correndo a rua da Indústria depois do assalto. Ou quando contei o dinheiro depois. Ou quando vi tudo no noticiário. Aconteceu exatamente como com o velho, uma manhã quando estava

andando por aí sem sentir nada além de paz. O sol brilhava, eu estava seguro de voltar a D'Ajuda. Podia relaxar e até me permitir pensar de novo. Então pensei. Pensei que tinha tirado da pessoa que eu mais amava o que ela amava mais do que tudo. Que eu tinha dois milhões de coroas para desfrutar, mas nenhum motivo para viver. Isso foi hoje de manhã.

Não tenho esperança de que você vá entender isso, Trond. Assaltei um banco, ela viu que era eu, me descobri preso em um jogo que tem suas próprias regras — nenhuma dessas coisas têm lugar no seu mundo. E nem tenho esperança de que você vá entender o que vou fazer agora. Mas acho que talvez possa entender que dá para se cansar disso também. De viver.

Lev.

P.S.: Não percebi que o velho não sorriu quando agradeceu. Mas eu pensei nisso hoje, Trond. Que ele talvez não tivesse algo ou alguém que o esperasse. Que talvez ele apenas tivesse sentido alívio quando o abismo se abriu e então ele pensou que não teria que fazê-lo por conta própria.

Beate estava em pé em cima de uma cadeira ao lado do corpo de Lev quando Harry entrou na sala. Ela lutou para conseguir dobrar um dos dedos rijos de Lev para poder apertá-lo contra o interior de uma caixinha de metal.

— Droga — disse. — A almofada de tinta ficou no sol no quarto do hotel e secou.

— Se não conseguir boas impressões, vamos ter que usar o método dos bombeiros — disse Harry.

— E qual é?

— As pessoas que estão queimando fecham automaticamente as mãos. Mesmo em corpos carbonizados acontece de a pele nas pontas dos dedos ficar inteira, de forma que dá para fazer a identificação com impressões digitais. Às vezes, por motivos práticos, os bombeiros precisam cortar um dedo e levar à Criminalística.

— Isso se chama violação de corpo.

Harry deu de ombros:

— Se você olhar a outra mão, pode ver que já está sem um dedo.

— Eu vi — disse. — Parece que foi cortado fora. O que pode significar?

Harry chegou mais perto e iluminou com a lanterna.

— A ferida não sarou, mesmo assim quase não tem sangue. Isso indica que o dedo foi cortado muito tempo depois que ele se enforcou. Alguém pode ter vindo aqui e viu que Lev fez

o trabalho por eles.

— Quem seria?

— Em alguns países, os ciganos punem ladrões cortando os dedos — disse Harry. — Isso se roubarem de ciganos.

— Acho que consegui boas impressões — disse Beate e enxugou o suor da testa. — Vamos tirá-lo daqui?

— Não — respondeu Harry. — Assim que dermos uma olhada, vamos arrumar tudo e dar o fora. Vi um orelhão na rua principal, faço uma ligação anônima à polícia para avisar. Quando chegarmos a Oslo, você faz uma ligação para eles enviarem o laudo médico. Não duvido de que tenha morrido asfixiado, mas eu gostaria de saber a hora da morte.

— E a porta?

— Não há muito que fazer.

— E sua nuca? O curativo está vermelho.

— Esqueça. Dói mais o braço que machuquei quando atravessei a porta.

— Dói muito?

Harry levantou o braço com cuidado e fez careta.

— Tudo bem, se eu não mexer.

— Sorte que não tem o espasmo de Setesdal.

Duas das três pessoas no quarto riram, mas foi breve.

No caminho de volta ao hotel, Beate perguntou se agora tudo fazia sentido para Harry.

— Tecnicamente, sim. Apesar de que o suicídio nunca faz sentido para mim. — Ele jogou fora o cigarro que desenhara uma parábola contra uma escuridão quase tátil. — Mas sou assim mesmo.

Quarto 316



A janela se abriu com um estrondo.

— Trond não está em casa — informou a voz cheia de erres. O cabelo oxigenado parecia ter ganhado mais uma dose de químicos desde a última vez, e dava para ver o couro cabeludo através da cabeleira exaurida. — Vocês foram para o sul?

Harry levantou o rosto bronzeado e olhou para ela.

— De certa forma. Sabe onde ele está?

— Ele está colocando malas no carro — disse e apontou para o outro lado das casas. — Acho que ele vai viajar, coitado.

— Hum.

Beate foi embora, mas Harry ficou.

— Você mora aqui há muito tempo, não é? — perguntou.

— É. Trinta e dois anos.

— Então se lembra de Lev e Trond desde quando eram pequenos?

— Claro. Eles se fizeram conhecer por aqui. — Ela sorriu e se inclinou para a frente na janela.

— Especialmente Lev. Um sedutor. A gente sabia desde o começo que ele seria um perigo para as mulheres.

— Perigo? Então você conhece a história do senhor de idade que caiu da passarela?

Ela ficou séria e sussurrou com tragédia na voz:

— Foi. Que coisa horrível. Ouvi dizer que ele nunca mais pôde andar direito, o velho coitado. Os joelhos enrijeceram. Dá para se imaginar que uma criança possa inventar uma brincadeira tão maldosa?

— Hum. Parece que ele era bem desajuizado.

— Desajuizado? — Ela fez sombra com as mãos. — Não, eu não diria isso. Ele era um menino bem-educado. Por isso foi tão chocante.

— E todos aqui na vizinhança sabiam que tinha sido ele que fez aquilo?

— Sabiam. Eu também o vi da janela daqui, uma jaqueta vermelha de bicicleta com muita pressa. Eu devia ter entendido que alguma coisa estava errada quando ele voltou. Estava todo pálido, o menino. — Ela tremeu quando veio uma rajada de vento frio. Depois apontou para a rua.

Trond veio andando na direção deles com os braços pendendo dos lados. Ele diminuiu os passos até quase parar.

— É Lev, não é? — perguntou quando finalmente estava na frente deles.

— É — respondeu Harry.

— Está morto?

Pelo canto do olho, Harry viu o rosto boquiaberto na janela.

— Sim. Está morto.

— Bom — disse Trond. Depois se inclinou para a frente e escondeu o rosto nas mãos.

Bjarne Møller estava olhando pela janela com uma expressão de preocupação quando Harry entreabriu a porta. Ele bateu de leve.

Møller se virou e seu rosto se iluminou.

— Olá!

— Aqui está o relatório, chefe. — Harry jogou uma pasta verde na sua mesa.

Møller deixou-se cair na cadeira, lutou até conseguir colocar suas pernas compridas por baixo da mesa e colocou os óculos.

— Exato — murmurou depois de ter aberto a pasta com o título LISTA DE DOCUMENTOS. Dentro tinha uma única folha A4.

— Não achei que vocês quisessem saber de todos os detalhes — disse Harry.

— Se você achou isso, deve estar correto — respondeu Møller e escaneou as poucas linhas com o olhar.

Harry olhou pela janela sobre o ombro do chefe. Não havia nada para ver lá fora, apenas uma neblina muito densa, que se deitava feito uma fralda usada sobre a cidade. Møller abaixou a folha de papel.

— Então, vocês simplesmente viajaram para lá, alguém disse onde o cara estava e vocês acharam o Magarefe pendurado em uma corda?

— Resumidamente, sim.

Møller encolheu os ombros.

— Está tudo bem para mim desde que tenham provas seguras de que esse é o homem que estamos procurando.

— Weber verificou as impressões digitais hoje de manhã.

— E?

Harry se sentou na cadeira.

— São iguais àquelas que encontramos na garrafa que o assaltante segurou logo antes do roubo.

— Podemos ter certeza de que é a mesma garrafa que...

— Relaxe, chefe. Nós temos a garrafa e o homem gravado em vídeo. E você acabou de ler o relatório dizendo que temos uma carta do suicida escrita a mão em que Lev Grette tudo confessa, não é? E já informamos Trond Grette. Pegamos emprestados alguns livros velhos da escola de Lev no sótão e Beate mandou o material para o perito em caligrafia. Ele disse que não há dúvida de que a carta do suicida foi escrita pela mesma pessoa.

— Muito bem então. Só queria ter certeza antes de informarmos a mídia, Harry. É matéria para a primeira página.

— Você devia aprender a se alegrar mais, chefe. — Harry se levantou. — Acabamos de solucionar o nosso maior caso dos últimos tempos. Devia estar cheio de confete e balões por aqui.

— Você deve ter razão — suspirou Møller e hesitou antes de perguntar. — E por que é que você não está com uma cara mais feliz?

— Não vou ficar feliz até solucionar aquele outro caso, você sabe. — Harry foi até a porta. — Halvorsen e eu vamos arrumar as mesas hoje e recomeçar o caso Ellen amanhã.

Ele parou no vão da porta quando Møller pigarreou.

— Sim, chefe?

— Só queria saber como você descobriu que Lev Grette era o Magarefe.

— Bem. A versão oficial é que Beate o reconheceu no vídeo. Quer ouvir a versão não oficial?

Møller massageou um joelho endurecido. Estava novamente com aquela expressão de preocupado.

— Acho que não.

— É isso — disse Harry do vão da porta na Casa da Dor.

— É isso — disse Beate, que girou na cadeira e olhou para as imagens que estavam passando na tela.

— Então, quero agradecer a você pela parceria — disse Harry.

— Eu também.

Harry ficou parado mexendo no chaveiro.

— De qualquer maneira — começou —, Ivarsson não deve ficar chateado por muito tempo. Ele terá sua parte da honra, já que foi ele que fez de nós um time.

Beate esboçou um sorriso.

- Foi bom enquanto durou.
- E não se esqueça do que eu disse sobre aquele cara, você sabe.
- Não. — Havia ira no olhar dela.

Harry deu de ombros.

- Ele não presta. Ficaria com dor na consciência se não alertasse você.
 - Legal conhecer você, Harry.
- A porta se fechou em silêncio depois de ele sair.

Harry entrou no seu apartamento, deixou a mala da viagem e o saco do Playstation no meio do corredor e foi direto para a cama. Três horas sem sonhos depois foi acordado pelo telefone. Ele se virou. O relógio reluzia 13h03. Jogou os pés para fora, se arrastou para o corredor, levantou o gancho e disse:

— Oi, Øystein — antes de o outro ter tempo de se apresentar.

— Oi, Harry. Estou no aeroporto do Cairo — disse Øystein. — Combinamos de nos falar agora, não foi?

— Você é a pontualidade em pessoa — disse Harry e bocejou. — E está bêbado.

— Bêbado não — balbuciou Øystein exasperado. — Só tomei duas Stellas. Ou três. Tem que cuidar do equilíbrio hídrico aqui no deserto, você sabia? Esse rapaz aqui está lúcido e sóbrio, Harry.

— Legal. Espero que tenha boas notícias.

— Tenho, como dizem os médicos, uma notícia boa e outra ruim. Vou primeiro contar a boa...

— Legal.

Seguiu-se uma longa pausa onde Harry só ouviu chiados de algo que parecia uma respiração ofegante.

— Øystein?

— O que foi?

— Estou ansioso feito uma criança.

— O quê?

— A boa notícia...

— Ah, claro. Bem, então... consegui o número do assinante, Harry. No problema, como dizem aqui. Era um número de celular norueguês.

— Número de celular? É possível?

— Você pode enviar e-mail do mundo inteiro, é só conectar o PC a um celular que liga para o servidor. Isso é velho, Harry.

— OK, mas este assinante tem nome?

— Eh... claro que tem. Mas os caras aqui em El-Tor não sabem. Eles cobram da operadora de celular norueguês, neste caso a Telenor, que por sua vez envia a conta para o cliente final. Então liguei para o auxílio a lista na Noruega. Consegui o número.

— Então? — Harry já estava bem acordado.

— Então chegamos à notícia que não é tão boa assim.

— Então?

— Você verificou sua conta telefônica nas últimas semanas, Harry?

Levou alguns segundos até a ficha começar a cair para Harry.

— O *meu* celular? Aquele filho da mãe usou o *meu* celular?

— Não está mais com você, pelo jeito?

— Não, eu o perdi naquela noite na casa de... Anna. Merda!

— E você nunca pensou que seria bom cancelar a assinatura enquanto seu celular estivesse perdido?

— Se pensei? — Harry gemeu. — Não tive um pensamento sensato desde que começou esta merda toda, Øystein! Desculpe, estou enlouquecendo. É tão óbvio. Tão simples. Foi por isso que não encontrei o celular na casa de Anna. E é por isso que ele está tão por cima.

— Desculpe se estraguei o seu dia.

— Espere um pouco — disse Harry de repente animado. — Se a gente pode provar que ele tem o meu celular, podemos também provar que ele esteve na casa da Anna depois que eu fui embora!

— Bingo! — berrou do outro lado. E continuou, mais baixo: — Quero dizer, se isso te deixa mais feliz? Alô? Harry?

— Estou aqui. Estou pensando.

— Pensar faz bem. Continue a pensar. Tenho um encontro com uma garota que se chama Stella. Várias, aliás. Então, para não perder o voo para Oslo...

— Tchau, Øystein.

Harry ficou com o telefone na mão pensando em jogá-lo no espelho à sua frente. Quando acordou no dia seguinte teve esperanças de que a conversa com Øystein fosse algo com que tivesse sonhado. E tinha mesmo. Umas seis ou sete variações dela.

Raskol estava com a cabeça baixa apoiada nas mãos enquanto Harry falava. Ele não se mexeu nem interrompeu Harry que estava explicando como ele tinha achado Lev Grette e que era por causa do celular dele que ainda não tinha provas contra o assassino de Anna. Quando Harry terminou, Raskol cruzou as mãos e levantou a cabeça devagar:

— Então você conseguiu solucionar o seu caso. Mas o meu ainda está pendente.

— Não estou considerando isso como meu e seu caso, Raskol. A minha responsabilidade...

— Mas eu penso assim, *Spiuni*! — interrompeu Raskol. — E eu gerencio uma organização de guerra.

— Hum. E o que quer dizer com isso exatamente?

Raskol fechou os olhos.

— Já te contei quando o rei Wu convidou Sun Tzu para que ele ensinasse a arte da guerra às concubinas da corte, *Spiuni*?

— Acho que não.

Raskol sorriu.

— Sun Tzu era um intelectual, e ele começou a explicar às mulheres os comandos da marcha em detalhes e de forma pedagógica. Mas quando os tambores soaram, elas não marcharam, apenas deram risadinhas. “É culpa do general se o comando não foi compreendido” — disse Sun Tzu e recomeçou a lição. Mas a mesma coisa se repetiu quando ele deu a ordem para marchar. “É culpa dos oficiais se um comando compreendido não é obedecido” — disse, e deu ordem a dois dos seus homens, que escolheram as duas líderes das concubinas. Foram trazidas à frente e decapitadas na frente das outras mulheres apavoradas. Quando o rei ficou sabendo que duas das suas concubinas preferidas haviam sido executadas, ele ficou doente e teve que ficar vários dias de cama. Quando se levantou de novo, deu o comando das Forças Armadas para Sun Tzu. — Raskol abriu os olhos. — O que essa história nos ensina, *Spiuni*?

Harry não respondeu.

— Bem, ensina que, em uma organização de guerra, a lógica tem que ser total e as ordens obedecidas de forma absoluta. Se afrouxar as rédeas, você acaba com uma corte de concubinas risonhas. Quando veio para pedir outras quarenta mil coroas, você as recebeu porque eu acreditei na história da foto no sapato de Anna. Por Anna ser cigana. Quando os ciganos viajam, nós deixamos um *patrin* no cruzamento das ruas. Um lenço vermelho amarrado em volta de um galho, um osso com uma marca, tudo tem um significado diferente. Uma foto significa que alguém está morto. Ou vai morrer. Você não podia saber de nada disso, por isso acreditei que o que você contou era verdade. — Raskol colocou as mãos na mesa com as palmas para cima. — Mas o homem que matou a filha do meu irmão está livre, e, quando olho para você agora, vejo uma concubina dando risadinhas, *Spiuni*. Coerência absoluta. Dê-me o nome dele, *Spiuni*.

Harry respirou fundo. Duas palavras. Quatro sílabas. Se ele mesmo desmascarasse Albu, que tipo de sentença receberia o homem? Assassinato premeditado motivado por ciúme, nove anos, saindo depois de seis? E as consequências para Harry? A investigação necessariamente iria revelar que ele, como policial, tinha ocultado a verdade para evitar que ele mesmo fosse suspeito. Suicídio óbvio. Duas palavras. Quatro sílabas. E todos os problemas de Harry estariam resolvidos. E seria Albu quem teria que sofrer as consequências.

Harry respondeu com uma sílaba.

Raskol assentiu com a cabeça e olhou para Harry com tristeza nos olhos.

— Receava que você fosse responder isso. Não me deixa escolha, *Spiuni*. Lembra o que eu disse quando perguntou por que eu confiava em você?

Harry confirmou com a cabeça.

— Todos têm um motivo para viver, não é, *Spiuni*? Algo que pode ser tirado deles. Bem, 316 soa familiar?

Harry não respondeu.

— Então, deixe-me informar que 316 é o número de um quarto no hotel International em Moscou. A segurança do andar onde fica este quarto se chama Olga. Em breve ela vai se aposentar e gostaria de tirar longas férias à beira do mar Negro. Há duas escadas e um elevador para este andar. Além do elevador de serviço. O quarto tem duas camas separadas.

Harry engoliu em seco.

Raskol encostou a testa nas mãos cruzadas:

— A criança dorme perto da janela.

Harry se levantou, foi até a porta e bateu com força. Ele podia ouvir o eco soar pelo corredor no outro lado. Ele continuou a bater até ouvir chaves na fechadura.

Modo vibratório



— Desculpe, mas vim o mais rápido que pude — disse Øystein e arrancou com o carro da calçada em frente à loja Elmer Frukt & Tobakk.

— Seja bem-vindo — disse Harry e se perguntou se o ônibus que vinha da direita tinha entendido que Øystein não tinha nenhuma intenção de parar.

— É para Slemdal que a gente vai? — Øystein nem percebeu a buzina do ônibus.

— Rua Bjørnetråkkt. Sabe que você não tem preferência aqui?

— Resolvi mudar as regras.

Harry lançou um olhar para seu amigo. Atrás de duas fendas podia vislumbrar dois olhos injetados.

— Cansado?

— É o fuso.

— O fuso no Egito é de uma hora, Øystein.

— Pelo menos.

Já que nem os amortecedores nem as molas do banco estavam aguentando mais, Harry sentiu cada paralelepípedo e emenda no asfalto quando passaram nas curvas enviesadas para a casa de Albu, mas nada o preocupava mais neste momento. Ele pegou emprestado o celular de Øystein, discou o número do hotel International e pediu para falar com o quarto 316. Oleg atendeu. Harry ouviu a alegria na voz quando Oleg perguntou onde Harry estava.

— Em um carro. Onde está sua mãe?

— Saiu.

— Pensei que ela só ia ao tribunal amanhã.

— Estão tendo uma reunião com todos os advogados no Kuznetski Most — disse em um tom de voz precoce. — Ela vai voltar em uma hora.

— Escuta, Oleg, pode deixar um recado para sua mãe? Diz que vocês têm que trocar de hotel. Imediatamente.

— Por quê?

— Porque... Eu estou dizendo. Apenas diz isso a ela, OK? Eu ligo mais tarde.

— Está bem.

— Ótimo. Preciso correr.

— Você...

— O quê?

— Nada.

— OK. E não se esqueça de dizer o que eu disse para sua mãe.

Øystein freou e encostou o carro na calçada.

— Espere aqui — disse Harry e pulou para fora. — Se eu não estiver de volta em vinte minutos, ligue para o número que te dei da sala de operações. E diz que...

— O inspetor Hole da Homicídios quer um carro de patrulha armado imediatamente. Gravei.

— Bom. E se ouvir tiros, ligue imediatamente.

— Certo. De que filme é isso mesmo?

Harry olhou para a casa. Não ouviu latido de cachorro. Uma BMW azul-escura passou por eles devagar e estacionou a distância na rua. Fora isso estava tudo calmo.

— Da maioria deles — disse Harry baixinho.

Øystein sorriu.

— Bacana. — Depois ficou com uma ruga de preocupação entre os olhos. — Porque é bacana, não é? *Deliciosamente* perigoso, né?

Foi Vigdis Albu que abriu. Ela vestia uma blusa branca recém-passada e saia curta, mas os olhos borrados indicavam que tinha acabado de sair da cama.

— Liguei para o escritório do seu marido — disse Harry. — Lá disseram que ele está em casa hoje.

— Pode ser — respondeu. — Mas ele não mora mais aqui. — Ela soltou uma gargalhada. — Não fique tão surpreso, inspetor. Foi você mesmo que veio com toda essa história sobre essa... Essa... Ela gesticulou procurando uma palavra, mas se resignou com um sorriso torto como se não existisse outra palavra: — Puta.

— Posso entrar, senhora Albu?

Ela deu de ombros e os sacudiu como se sentisse arrepios.

— Me chame de Vigdis ou qualquer outra coisa, menos daquilo.

— Vigdis — Harry se dobrou de leve. — Posso entrar agora?

As sobancelhas finamente riscadas e depiladas ganharam vincos. Ela hesitou. Depois fez um gesto aberto com a mão.

— Por que não?

Harry achou que havia um leve cheiro de gim, mas também podia ser o perfume dela. Nada na casa indicava que não estivesse tudo normal — estava limpa, cheirosa e arrumada com flores frescas em um vaso no aparador. Harry notou que a capa do sofá estava um pouco mais branca desde a última vez que se sentou nela. Música clássica em volume baixo saía dos alto-falantes escondidos.

— Mahler? — perguntou Harry.

— Os melhores sucessos — respondeu Vigdis. — Arne só comprava coleções. Tudo além do melhor era desinteressante, ele sempre dizia.

— Legal que não tenha levado todos os sucessos embora, então. A propósito, onde ele está?

— Para começar, não há nada que você possa ver aqui que pertença a ele. E onde ele está nem sei e nem quero saber. Aliás, tem um cigarro, inspetor?

Harry estendeu o maço e olhou enquanto ela manuseava um grande isqueiro de mesa de madeira e prata. Ele se esticou por cima da mesa com seu isqueiro descartável.

— Obrigada. Ele está no exterior, imagino. Algum lugar quente. Mas infelizmente não tão quente como eu gostaria.

— Hum. O que quer dizer quando diz que nada aqui pertence a ele?

— Exatamente o que estou dizendo. A casa, os móveis, o carro — tudo é meu. — Ela soprou a fumaça com força. — É só perguntar ao meu advogado.

— Eu pensei que fosse seu marido que tivesse dinheiro para...

— Não use essa palavra! — Vigdis Albu parecia que ia chupar todo o tabaco do cigarro. — Sim. Arne tinha dinheiro. Ele tinha dinheiro suficiente para comprar esta casa e esses móveis e os carros e os ternos e o chalé e as joias que ele me deu unicamente para eu mostrá-los para aqueles que chamamos de nossos amigos. A única coisa que importava era o que os outros achavam. Seus parentes, meus parentes, os colegas, os vizinhos, os amigos da universidade. — A raiva dava à voz dela um tom metálico duro, como se falasse em um megafone. — Todos eram espectadores da vida fantástica de Arne Albu, deviam aplaudir quando as coisas iam bem. Se Arne tivesse aplicado a mesma energia na gerência da empresa que aplicou para colher aplausos, talvez a Albu AS não tivesse acabado na vala.

— Hum. De acordo com o *Jornal do Comércio*, a Albu As era uma empresa bem-sucedida.

— A Albu era uma empresa de família, não uma empresa cotada na bolsa de valores, que tem que publicar seus balanços detalhadamente. Arne conseguiu fazer parecer que havia lucro ao vender bens da empresa. — Ela amassou o cigarro pela metade no cinzeiro. — Uns dois anos atrás, a empresa teve uma crise de liquidez e, por Arne caucionar pessoalmente a dívida, ele teve que transferir a casa e outros bens para mim e as crianças.

— Hum. Mas quem comprou a empresa pagou mais do que suficiente. Trinta milhões, escreveram nos jornais.

Vigdis riu com amargura.

— Então engoliu a história sobre o homem de negócios bem-sucedido que queria trabalhar menos para priorizar a família? Arne é bom nisso, é verdade. Deixe-me dizer de outra forma.

Arne podia escolher entre desistir da empresa voluntariamente ou falir. Naturalmente escolheu a primeira opção.

— E os trinta milhões?

— Arne é um malandro charmoso quando quer. É fácil fazer as pessoas acreditarem nele quando precisa. Por isso é um negociante, especialmente em situações críticas. Foi isso que levou os bancos e os fornecedores a manter a empresa por tanto tempo. No acordo com o fornecedor que assumiu a empresa, no que deveria ser uma capitulação incondicional, Arne conseguiu duas coisas. Ele ficou com o chalé, que ainda estava no nome dele. E conseguiu fazer o comprador colocar o valor da venda em trinta milhões. A última coisa não tinha nenhuma importância para eles, já que a Albu AS tinha dívidas com eles que compensavam todo o valor da compra. A fachada era só para Arne Albu. Ele fez uma falência parecer uma grande venda. E isso não é nada mau, não acha?

Ela jogou a cabeça para trás e riu. Harry viu a pequena cicatriz da plástica sob o queixo.

— E Anna Bethsen? — perguntou Harry.

— A puta dele? — Ela cruzou as pernas finas, passou um dedo no rosto para tirar o cabelo e olhou para o nada com uma expressão de indiferença. — Ela era apenas um brinquedo. O erro dele foi sua enorme vontade de bradar sobre sua amante cigana para os rapazes. E nem todos que Arne considerava amigos sentiram que deviam alguma lealdade especial, para dizer o mínimo. Em suma, chegou aos meus ouvidos.

— É?

— Dei-lhe uma nova chance. Por causa das crianças. Sou uma mulher razoável. — Ela olhou para Harry por detrás de pálpebras pesadas. — Mas ele não a aproveitou.

— Talvez ele tivesse descoberto que ela se tornara mais do que um brinquedo.

Ela não respondeu, mas os lábios finos ficaram ainda mais finos.

— Ele tinha um escritório ou algo parecido? — perguntou Harry.

Vigdis Albu confirmou com um balanço de cabeça.

Ela foi na frente e subiram as escadas.

— Às vezes ele se trancava e ficava aqui até no meio da noite. — Ela abriu a porta para um cômodo no sótão com vista para os tetos vizinhos.

— Trabalhava?

— Surfava na internet. Ele era vidrado nisso. Dizia que olhava carros e coisas assim, mas só Deus sabe.

Harry foi à escrivaninha e abriu uma das gavetas.

— Esvaziou tudo?

— Ele levou tudo que tinha aqui. Cabia em um saco plástico.

— O PC também?

— Era apenas um laptop.

— Que ele às vezes conectava ao celular?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não sei nada sobre isso.

— Só queria saber.

— Quer ver mais alguma coisa?

Harry se virou. Vigdis Albu estava encostada no vão da porta com um braço acima da cabeça e o outro nos quadris. A sensação de déjà vu era avassaladora.

— Tenho uma última pergunta, senhora...Vigdis.

— É? Está com pressa, inspetor?

— O taxímetro está ligado. A pergunta é simples. Você acha que ele pode ter assassinado Anna?

Ela olhou pensativa para Harry enquanto chutava a soleira de leve. Harry esperou.

— Sabe qual foi a primeira coisa que ele disse quando contei que sabia sobre sua puta? “Você tem que prometer não contar isso para ninguém, Vigdis.” *Eu* não devia contar a ninguém sobre isso! Para Arne, as pessoas acharem que éramos felizes era mais importante do que sermos de fato felizes. A minha resposta, inspetor, é que não faço ideia do que ele seria capaz de fazer. Eu não conheço o homem.

Harry pegou um cartão de visita do bolso.

— Quero que me ligue caso ele entre em contato ou você fique sabendo do seu paradeiro. Imediatamente.

Vigdis olhou o cartão com um leve sorriso nos lábios cor-de-rosa pálidos.

— Só nesse caso, inspetor?

Harry não respondeu.

Na escada lá fora ele se virou para ela.

— E contou sobre isso a alguém?

— Que meu marido era infiel? O que você acha?

— Acho que você é uma mulher prática.

Ela mostrou um largo sorriso.

— Dezoito minutos — disse Øystein. — Nossa, comecei a ficar preocupado.

— Liguei para o número do meu celular antigo enquanto eu estava lá dentro?

— Liguei. Tocou sem parar.

— Não escutei nada. Não está mais lá.

— Perdão, mas já ouviu falar em modo vibratório?

— O quê?

Øystein simulou um ataque de epilepsia.

— Assim. Modo vibratório. Telefone silencioso.

— Meu celular custou uma coroa e só faz ligações. Ele levou o celular, Øystein. A BMW azul lá na frente sumiu?

— O quê?

Harry deu um suspiro.

— Vamos embora.

Maglite



— Está me dizendo que um maluco está atrás de nós porque você não está conseguindo achar o assassino de um dos seus parentes? — A voz de Rakel chiava desagradavelmente no fone.

Harry fechou os olhos. Halvorsen saiu para comer e ele estava sozinho no escritório.

— Resumidamente, sim. Fiz um acordo com ele. Ele manteve a sua parte do trato.

— E isso significa que estamos sendo caçados? Por isso tenho que fugir do hotel com meu filho que daqui a alguns dias saberá se ele pode ficar com sua mãe ou não? Por isso... por isso... — A voz subiu por um escala entrecortada e zangada. Ele deixou ela continuar sem interromper. — Por que, Harry?

— O motivo mais velho do mundo — respondeu. — Vingança.Vendeta.

— E o que isso tem a ver conosco?

— Como já disse: nada. Você e Oleg não são o alvo, apenas o meio. Este homem vê como sua obrigação vingar o assassinato.

— Obrigação? — O grito dela feriu os tímpanos. — Vingança é uma dessas coisas territoriais de que vocês homens gostam tanto. Não se trata de obrigação, mas de um impulso neandertal!

Ele esperou, até que, pareceu, ela tivesse acabado.

— Sinto muito. Mas não há nada que possa fazer a respeito agora.

Ela não respondeu.

— Rakel?

— Sim.

— Onde estão?

— Se o que você disse é verdade, que eles nos acharam com muita facilidade. Não sei se vou correr o risco de contar por telefone.

— OK. É um lugar seguro?

— Creio que sim.

— Hum.

Uma voz russa ao fundo entrava e saía da linha como uma estação de rádio AM.

— Por que não pode simplesmente me garantir que estamos seguros, Harry? Dizer que é impressão, que eles estão blefando... — A voz dela estava fraca... — Qualquer coisa.

Harry levou tempo antes de responder com voz clara e devagar:

— Porque é preciso que você tenha medo, Rakel. O suficiente para que faça as coisas certas.

— E isso é?

Harry respirou fundo.

— Vou resolver as coisas, Rakel. Prometo. Vou resolver.

Harry ligou para Vigdis Albu assim que Rakel desligou. Ela atendeu no primeiro toque.

— É Hole. Está ao lado do telefone esperando alguma ligação, senhora Albu?

— O que você acha? — Pelo modo de falar, Harry entendeu que ela devia ter tomado pelo menos mais dois drinques depois que ele foi embora.

— Não faço ideia. Mas quero que avise à polícia que seu marido está desaparecido.

— Por quê? Eu não estou sentindo falta. — Ela soltou um riso curto e triste.

— Preciso de um motivo para iniciar as buscas. Você mesma pode escolher entre avisar que ele está desaparecido ou que eu estou à sua procura. Por assassinato.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Não estou entendendo, policial.

— Não tem muito que entender, senhora Albu. Você quer que eu comunique que você avisou que ele está desaparecido?

— Espere! — gritou. Harry ouviu um copo quebrar no outro lado do telefone. — Do que está falando? Arne já está sendo procurado.

— Por mim, sim. Mas eu ainda não informei a ninguém.

— É? E os outros três policiais que vieram depois que você foi embora?

Parecia que um dedo gelado tinha passado pela coluna de Harry.

— Que policiais?

— Vocês não se falam na polícia? Eles não queriam ir embora, quase fiquei com medo.

Harry tinha se levantado da cadeira.

— Eles vieram em uma BMW azul, senhora Albu?

— Você lembra o que eu disse sobre aquelas coisas de esposas, Harry?

— O que contou a eles?

— Não muito. Nada que não tivesse dito a você, eu acho. Eles olharam algumas fotos e...

Bem, eles não eram propriamente mal-educados, mas...

— O que foi que disse que os fez ir embora?

— Ir embora?

— Eles não teriam ido se não conseguissem o que estavam procurando. Acredite em mim, senhora Albu.

— Harry, agora estou ficando cansada de ter que lembrar, você...

— Pense! Isso é importante.

— Mas, pelo amor de Deus, eu não disse nada. Eu... Sim, eu passei a gravação de uma mensagem na secretária que Arne deixou dois dias atrás. Depois foram embora.

— Você disse que não tinha falado com ele.

— E não falei mesmo. Ele só deixou recado avisando que já tinha pegado Gregor. E é verdade, ouvi Gregor latindo no fundo.

— De onde ele ligou?

— Como posso saber?

— As outras visitas entenderam, com certeza. Pode passar a gravação para mim?

— Mas só estou dizendo que...

— Por favor, faça o que estou dizendo. É uma questão de... — Harry tentou encontrar outra forma de falar, mas desistiu — vida ou morte.

Havia muitas coisas que Harry não sabia sobre trânsito. Ele não sabia que os cálculos mostraram que a construção de dois túneis e a extensão da autoestrada iam eliminar as filas de engarrafamento na E6 ao sul de Oslo. Ele não sabia que o argumento mais importante a favor desse investimento de bilhões não foi os eleitores que viajavam diariamente entre Moss e Drøbak, mas sim a segurança, e a fórmula que as autoridades de trânsito usavam para calcular o ganho social era uma vida humana a um custo de 20,4 milhões de coroas, incluindo ambulância, desvio do trânsito e futuro prejuízo na arrecadação de impostos. Mas onde Harry se encontrava, no engarrafamento, na autoestrada, no Mercedes de Øystein a caminho do sul, também não sabia o valor que ele mesmo atribuía à vida de Arne Albu. E menos ainda sabia o que se podia ganhar por salvá-la. Ele só sabia que ele não podia arriscar perder. De maneira alguma. Por isso era melhor não pensar demais.

A gravação que Vigdis Albu passou para ele ouvir no telefone só durou cinco segundos e continha apenas uma informação de valor. Mas era o suficiente. Não havia nada nas dez palavras curtas que Arne Albu disse antes de desligar:

— Peguei Gregor. Só para você saber.

Não era o latido frenético de Gregor no fundo.

Eram os gritos frios. Gritos de gaivotas.

Já havia escurecido quando a placa indicando a saída para Larkollen apareceu.

Do lado de fora do chalé havia um jipe Cherokee. Mas nenhuma BMW azul. Ele estacionou logo abaixo do chalé. Não fazia sentido tentar entrar despercebido, pois já ouvia os latidos do cachorro quando abaixou o vidro do carro na subida para o chalé.

Harry sabia que devia ter levado uma arma. Não porque havia motivo para acreditar que Albu estivesse armado. Ele não podia saber que sua vida — ou melhor, sua morte — era desejada.

Mas eles não eram mais os únicos atores nesse drama.

Harry desceu do carro. Ele não via nem ouvia as gaivotas agora, talvez só soltassem gritos à luz do dia.

Gregor estava amarrado no corrimão da escada perto da porta de entrada. Os dentes brilhavam na luz da lua e provocou arrepios pela nuca ainda dolorida de Harry, mas ele se forçou a continuar se aproximando do cachorro, enérgico, com passos longos e calmos.

— Lembra de mim? — sussurrou Harry quando estava tão perto que podia sentir a respiração cinzenta do cão. A coleira de Gregor se esticou ao máximo. Harry ficou de cócoras e, para sua surpresa, o latido diminuiu. O chiado indicava que já estava latindo há algum tempo. Gregor esticou as patas da frente, abaixou a cabeça e parou totalmente de latir. Harry tentou a porta. Estava trancada. Ele parou para escutar. Era uma voz falando lá de dentro? Havia luz na sala.

— Arne Albu!

Silêncio.

Harry esperou e tentou de novo.

A chave não estava na lâmpada. Ele escolheu uma pedra grande, passou por cima do corrimão na varanda, quebrou o vidro de uma das janelas na porta da varanda, enfiou a mão e abriu.

Não havia sinais de luta na sala. Apenas uma partida repentina. Um livro estava aberto na mesa. Harry o pegou. *Macbeth*, de Shakespeare. Uma linha do texto estava circundada com caneta azul. *Não tenho palavras, minha voz está na espada*. Ele olhou ao redor, mas não viu nenhuma caneta.

Só a cama no quarto menor havia sido usada. Na mesa de cabeceira havia uma revista masculina.

Na cozinha zunia um pequeno rádio. Harry o desligou. Na bancada tinha um contrafilé descongelado e brócolis ainda no plástico. Harry ouviu algo raspando na porta e abriu. Dois olhos de cachorro olhavam para ele. Ou melhor, para o contrafilé que mal bateu no chão antes de ser devorado.

Harry estudou o cachorro voraz enquanto pensava no que fazer. Se havia o que fazer. Arne Albu não lia William Shakespeare, disso tinha certeza.

Quando o último traço de carne desapareceu, Gregor começou com força renovada a latir para a rua. Harry foi ao corrimão, soltou a correia e mal conseguiu se manter de pé no piso molhado quando Gregor tentou arrancar. O cachorro puxou-o pela trilha, cruzando a rua e na direção do declive íngreme onde Harry vislumbrou ondas pretas quebrarem contra o rochedo que brilhava na luz branca da meia lua. Perambularam no meio do capim alto e molhado que

grudava nas pernas de Harry como se quisesse detê-lo, mas só quando sentiu pedregulhos e areia sob as botas Gregor parou. O rabinho obtuso apontou para cima. Estavam na praia. A maré estava alta, as ondas quase alcançavam o capim duro e produziam uma espuma que continuava na areia quando a água voltava ao mar. Gregor voltou a latir.

— Saiu daqui de barco? — perguntou Harry, meio para Gregor, meio para si mesmo. — Sozinho ou será que estava acompanhado?

Não teve nenhuma resposta. As pegadas pararam ali. Mas quando Harry puxou a coleira, o grande rottweiler não arredou o pé. Harry acendeu sua lanterna Maglite e tentou iluminar o mar. Não viu nada além de fileiras brancas de ondas, como fileiras de cocaína em um espelho preto. A praia era bem rasa. Harry puxou a coleira de novo, o que fez Gregor começar a cavar na areia com as patas, enquanto uivava em desespero.

Harry suspirou, apagou a lanterna e voltou para o chalé. Ele fez café na cozinha enquanto escutava o latido distante. Depois de lavar a xícara, voltou para a praia e encontrou uma depressão na rocha que serviu de abrigo contra o vento. Ele se sentou e acendeu um cigarro para tentar pensar. Fechou bem o casaco e cerrou os olhos.

Uma noite, quando estavam na cama, Anna tinha dito alguma coisa. Deve ter sido no final das seis semanas — e ele estava mais sóbrio do que o normal, já que ainda se lembrava disso. Ela tinha dito que a cama dela era um navio e que ela e Harry eram duas pessoas náufragas e solitárias à deriva no mar, morrendo de medo de descobrir terra à vista. Foi isso que aconteceu, avistaram a terra? Ele não lembrava dessa forma. Nas suas lembranças era mais como se ele tivesse desembarcado ao pular no mar. Mas talvez a memória o traísse.

Ele fechou os olhos e tentou ver a imagem dela. Não de quando eram náufragos, mas da última vez que a viu. Eles jantaram. Tudo indicava isso. Ela serviu — vinho? Ele provou? Tudo indicava isso também. Ela serviu mais vinho. Ele perdeu o controle das coisas. Ele mesmo se serviu. Ela riu dele. O beijou. Dançou para ele. Sussurrou aquelas coisinhas que costumava sussurrar no seu ouvido. Eles tombaram na cama e soltaram as amarras. Foi mesmo tão fácil para ela? E para ele?

Não, não pode ter sido assim.

Mas Harry não sabia, não é? Ele não podia descartar que ficara com um sorriso feliz nos lábios em uma cama na rua Sorgenfri porque tinha reencontrado uma antiga amante, enquanto Rakel estava insone olhando para o teto em um quarto de hotel em Moscou porque podia perder seu filho.

Harry se encolheu. O vento frio e úmido soprou através dele como se fosse um fantasma. Havia pensamentos que ele até agora conseguiu manter a distância, mas agora vieram todos: se ele não podia saber se era capaz de trair quem mais apreciava na vida, como podia então saber sobre outras coisas que ele tinha feito? Aune alegou que a embriaguez apenas reforçava ou enfraquecia aquilo que a pessoa já tem dentro de si. Mas quem sabia por certo o que tinha dentro de si? As pessoas não são robôs, e a química do cérebro se altera com o tempo. Quem tinha uma lista geral do inventário sobre o que — dadas as circunstâncias certas e a

medicação errada — uma pessoa poderia vir a fazer?

Harry estremeceu e praguejou. Ele sabia agora. Sabia por que ele tinha que achar Arne Albu e conseguir a sua confissão antes de ele ser silenciado por outras pessoas. Não era porque o policial nele estivesse predominando ou que o estado de direito tivesse virado uma questão pessoal para ele. Era porque ele tinha que saber. E Arne Albu era a única pessoa que podia contar.

Harry cerrou os olhos de novo enquanto o vento assobiava baixinho contra o granito por cima do ritmo vigoroso e monótono das ondas.

Quando reabriu os olhos já não estava tão escuro. O vento havia varrido as nuvens do céu e as estrelas brilhavam vagamente em cima dele. A lua tinha mudado de lugar. Harry olhou o relógio. Ele já estava há quase uma hora no lugar. Gregor latia freneticamente para o mar. Ele se pôs de pé, com os músculos enrijecidos, e cambaleou até o cachorro. A gravitação da lua tinha um endereço novo, a maré estava baixando e Harry começou a andar na praia agora larga.

— Vem, Gregor. Aqui não vamos achar nada.

O cão mostrou os dentes quando ele quis pegar a coleira e Harry pulou automaticamente para trás. Ele perscrutou a água. A luz da lua cintilou na água escura, mas ele conseguiu vislumbrar alguma coisa que não tinha visto quando a maré estava alta. Parecia o topo de dois postes de atracação que despontavam por cima da superfície da água. Harry foi até a beira da água e acendeu a lanterna de novo.

— Meu Deus — sussurrou.

Gregor pulou para dentro da água e ele o seguiu. Tinha dez metros até lá, mas a água não ia além dos joelhos de Harry. Ele viu um par de sapatos. Feitos à mão, italianos. Harry direcionou a lanterna para dentro da água onde a luz refletiu nas pernas nuas, branco-azuladas, despontando como duas lápides pálidas.

O vento levou o grito de Harry e sumiu imediatamente no bramido das ondas. Mas a lanterna que ele atirou e que foi engolida pela água ficou iluminando o fundo por mais um dia e uma noite. E quando o menino que a achou no verão seguinte foi correndo para seu pai, a água do sal tinha corroído o revestimento preto, e ninguém fez a conexão da Maglite com a descoberta grotesca do corpo no ano anterior e que fora relatado nos jornais, mas que agora, no sol de verão parecia ter acontecido há muito tempo.

Parte V

David Hasselhoff



A luz da manhã era como um pilar branco através de um rasgo na camada de nuvens e formou o que Tom Waaler chamava de luz de Jesus no fiorde. Havia várias imagens parecidas nas paredes em casa. Ele pulou a faixa de plástico que cercava o local do crime. Era da sua natureza pular em vez de passar agachado por baixo, diriam aqueles que alegavam conhecê-lo. Acertavam a primeira parte, mas não a última: Tom Waaler não sabia de ninguém que o conhecesse. E queria que continuasse assim.

Ele levou uma pequena câmera digital ao vidro azul de aço dos óculos Police dos quais tinha uma dezena em casa. Uma recompensa de um cliente agradecido. A câmera também. A pequena tela captou o buraco no chão e o corpo ao lado. Estava em calça preta e uma camisa que uma vez tinha sido branca, mas que agora estava marrom de barro e areia.

— Uma nova foto para sua coleção particular? — era Weber.

— Essa é nova — disse Waaler sem levantar o olhar. — Gosto de assassinos com imaginação. Já identificaram o homem?

— Arne Albu, 42 anos. Casado, três filhos. Endinheirado, parece. Ele era dono do chalé logo ali.

— Alguém viu ou ouviu alguma coisa?

— O pessoal está dando a volta na vizinhança agora. Mas você mesmo pode ver como é deserto aqui.

— Alguém naquele hotel ali, talvez? — Waaler apontou para uma casa grande de madeira amarela no final da praia.

— Duvido — respondeu Weber. — Não tem um único hóspede nesta época do ano.

— Quem foi que encontrou o cara?

— Ligação anônima de um orelhão em Moss. Para a polícia de Moss.

— O assassino?

— Não creio. Ele contou que viu um par de pés despontar do mar quando estava fazendo uma caminhada noturna com seu cachorro.

— Gravaram a ligação?

Weber sacudiu a cabeça.

— Ele não ligou para o número de emergência.

— E o que vocês acham disto? — Waaler apontou o corpo.

— Os legistas virão com seus relatórios, mas para mim parece que ele foi enterrado vivo.

Nenhum sinal de violência externa, mas o sangue no nariz e na boca e os vasos estourados nos olhos indicam um grande acúmulo de sangue na cabeça. Além disso, achamos areia no fundo da garganta o que indica que estava respirando quando foi enterrado.

— Entendo. Mais alguma coisa?

— O cachorro estava amarrado em frente ao chalé que fica logo ali em cima. Um rottweiler grande e feio. Em forma surpreendentemente boa. A porta da frente estava destrancada. Também não tem nenhum sinal de luta no chalé.

— Em outras palavras, entraram, o ameaçaram com uma arma, amarraram o cão, cavaram um buraco para ele aqui e mandaram ele entrar.

— Se era mais que uma pessoa.

— Rottweiler grande, um buraco de um metro e meio. Acho que podemos afirmar isso, Weber.

Weber não respondeu. Ele nunca tinha nada contra trabalhar com Waaler, o cara tinha um raro talento para investigação, os resultados falavam por si. Mas não significava que Weber *gostasse* dele. Se bem que *desgostar* não era a palavra correta. Era outra coisa, algo que fez com que ele, depois de certo tempo, começasse a pensar num daqueles jogos *encontre-os-sete-erros* onde ele não encontrava o que havia de errado, mas sentia que alguma coisa incomodava. *Incomodar*, era esta a palavra.

Waaler se sentou de cócoras ao lado do corpo. Ele sabia que Weber não gostava dele. Tudo bem. Weber era um policial velho da Criminalística que não ia a lugar nenhum, que não podia ter qualquer influência na carreira de Waaler ou em qualquer parte da sua vida. Em suma, era o tipo da pessoa que Waaler não precisava que gostasse dele.

— Quem o identificou?

— Algumas pessoas daqui vieram para olhar — disse Weber. — O dono da mercearia o reconheceu. Localizamos sua mulher em Oslo e a trouxemos para cá. Ela confirmou que é Arne Albu.

— E onde ela está agora?

— No chalé.

— Alguém já falou com ela?

Weber encolheu os ombros.

— Eu gosto de ser o primeiro — disse Waaler, e se inclinou para a frente para tirar uma

foto de perto do rosto do morto.

— É o distrito policial de Moss que tem o caso. Só fomos chamados para ajudar.

— E nós temos a experiência — retrucou Waaler. — Alguém explicou isso aos caipiras de forma educada?

— Alguns de nós já investigamos assassinatos antes — disse uma voz atrás deles. Waaler levantou a cabeça e viu um homem sorridente vestindo a jaqueta de couro da polícia. As dragonas tinham uma estrela com bordas douradas. — Sem mágoas — riu o inspetor. — Sou Paul Sørensen. Você deve ser o inspetor Waaler.

Waaler confirmou com um leve balanço de cabeça e ignorou a intenção de Sørensen de esticar a mão para cumprimentá-lo. Ele não gostava de contato físico com homens que não conhecia. Tampouco com homens que conhecia, aliás. Quanto às mulheres, o caso era outro. Pelo menos enquanto ele estava com as rédeas. E estava.

— Vocês não investigaram nada parecido com isso aqui antes, Sørensen — disse Waaler, levantou uma das pálpebras do morto e revelou um olho vermelho de sangue. — Isso aqui não é uma facada na boate ou um tiro acidental de bêbado. É por isso que ligaram para a gente, não foi?

— Não parece ser algo daqui — concordou Sørensen.

— Então, sugiro que você e os rapazes fiquem bem quietinhos de guarda enquanto vou falar com a mulher do morto.

Sørensen riu como se Waaler tivesse contado uma boa piada, mas parou quando viu a sobancelha levantada de Waaler por cima dos óculos Police. Tom Waaler se levantou e começou a andar para a cerca policial. Ele contou devagar até três, depois chamou sem se virar:

— E tire esse carro policial que eu vi estacionado em frente do chalé, Sørensen. Nossos técnicos estão procurando pelas pegadas do carro do assassino. Obrigado. — Ele não precisou se virar para saber que o sorriso tinha se apagado do rosto babaca de Sørensen. E que o distrito policial de Oslo acabara de assumir o local do crime.

— Senhora Albu? — perguntou Waaler ao entrar na sala. Ele já havia decidido acabar logo com isso. Tinha um compromisso, um almoço com uma garota promissora.

Vigdis Albu levantou a cabeça do álbum de fotografias que estava folheando.

— Sim?

Waaler gostou do que viu. O corpo meticulosamente cuidado, a maneira convencida de se sentar, a casualidade de uma apresentadora de TV, com o terceiro botão da blusa aberto. E gostou do que ouviu. A voz macia era perfeita para as palavras especiais que ele gostava de fazer suas mulheres dizerem. E gostou da boca, de onde tinha esperança que aquelas palavras saíssem.

— Inspetor Tom Waaler — disse e se sentou bem na sua frente. — Entendo o choque que isso deve estar sendo para você. Mesmo que pareça um clichê e provavelmente não signifique nada para você neste momento, gostaria que soubesse que tem meus sentimentos. Também

acabei de perder alguém próximo.

Ele esperou. Até que ela teve que olhar para cima e ele pôde captar seu olhar. Estava embaçado e Waaler pensou primeiro que eram lágrimas. Foi só quando ela respondeu que ele entendeu que a mulher estava embriagada:

— Tem um cigarro, policial?

— Me chame de Tom. Não fumo, lamento.

— Quanto tempo vou ter que ficar aqui, Tom?

— Vou cuidar para que possa ir embora o mais breve possível. Só preciso fazer algumas perguntas antes. Está bem?

— Está.

— Ótimo. Tem alguma ideia de quem poderia querer matar o seu marido?

Vigdis Albu colocou o queixo na mão e olhou pela janela.

— Onde está o outro policial, Tom?

— Como?

— Ele não devia estar aqui agora?

— Que policial, senhora Albu?

— Harry. É ele que está nesse caso, não é?

A razão mais importante de Tom Waaler ter feito uma carreira na polícia mais rápida do que qualquer outro da sua turma foi ele entender que ninguém, nem mesmo os advogados de defesa, questionavam como se obtinham as provas se elas fossem suficientemente convincentes para provar a culpa do acusado. A segunda razão mais importante era seus pelos da nuca serem muito sensíveis. É claro que acontecia de não reagirem quando deveriam. Mas nunca acontecia de reagirem quando não deviam reagir. E agora reagiram.

— Está falando de Harry Hole, senhora Albu?

— Pode parar aqui.

Tom Waaler ainda gostava da voz. Ele encostou no acostamento, se inclinou no assento e olhou para a casa cor-de-rosa que dominava o topo da colina. O sol da manhã refletiu em algo parecendo um bicho no jardim.

— Foi muito gentil da sua parte — disse Vigdis Albu. — Conseguir fazer aquele Sørensen me deixar ir embora e me levar para casa.

Waalder abriu um sorriso caloroso. Ele sabia que era caloroso. Várias pessoas diziam que ele parecia o David Hasselhoff, de *S.O.S. Malibu*, que ele tinha o mesmo queixo, corpo e sorriso. Ele já havia assistido *S.O.S. Malibu* e entendeu o que eles queriam dizer.

— Sou eu que tenho que agradecer — disse.

Era verdade. De Larkollen para a casa de Vigdis Albu ele ficou sabendo de várias coisas interessantes. Por exemplo, que Harry Hole tentou encontrar provas de que o seu marido tinha assassinado Anna Bethsen, que — se sua memória não estivesse falhando — era a mulher que havia cometido suicídio na rua de Sorgenfri algum tempo atrás. O caso foi solucionado. O próprio Waaler concluiu que havia sido suicídio e escreveu o relatório. O que era então que

esse sonso do Hole estava procurando? Estaria Hole tentando provar que Anna Bethsen fora vítima de um ato criminal para comprometer a ele — Tom Waaler? Seria típico daquele bêbado inventar uma coisa dessas, mas não fazia sentido para Waaler que Hole investisse tanta energia em um caso que, na pior das hipóteses, apenas revelaria que Waaler chegara a uma conclusão um pouco apressada demais. Ele logo descartou que Harry simplesmente quisesse solucionar o caso, era só nos filmes que os policiais gastavam seu tempo de folga com coisas assim.

É claro que o fato de o suspeito de Harry ter sido assassinado abriu uma série de possibilidades. Waaler não sabia quais, mas, já que seus pelos da nuca indicavam que isso tinha algo a ver com Harry Hole, ficou interessado em descobrir. Por isso, quando Vigdis Albu perguntou se Waaler queria entrar para tomar um café, não foi apenas a ideia excitante de uma mulher que acabara de se tornar viúva que o fez aceitar o convite, mas sim a chance de se livrar do homem que lhe mordida os calcanhares — há quanto tempo mesmo? Oito meses?

Oito meses se foram. Oito meses desde que a policial Ellen Gjeltén, por causa de um vacilo de Sverre Olsen, descobriu que Tom Waaler era o principal homem por trás do contrabando ilegal de armas para Oslo. Quando deu a ordem a Olsen para despachá-la antes que ela pudesse passar adiante o que sabia, ele estava ciente de que Hole nunca ia desistir antes de encontrar quem a matou. Por isso, ele mesmo cuidou para que o gorro de Olsen fosse encontrado no local do crime, depois matou o suspeito de assassinato em “legítima defesa” durante a prisão. Não havia pistas apontando na sua direção, mas mesmo assim Waaler ficou com uma sensação incômoda de que Hole estava no seu encalço. E que ele podia ser perigoso.

— A casa fica tão vazia quando todo mundo vai embora — disse Vigdis Albu ao abrir a porta.

— Há quanto tempo está... sozinha? — perguntou Waaler ao subir as escadas atrás dela para a sala. Ele continuava a gostar do que via.

— As crianças estão com meus pais em Nordby. A ideia era elas ficarem lá até as coisas se acalmarem. — Ela suspirou e deixou-se cair em uma poltrona funda. — Preciso de um drinque. Depois vou ligar para elas.

Tom Waaler ficou em pé no meio da sala olhando para ela. A última frase destruiu tudo, foi-se o leve estremecimento. E de repente ela parecia muito mais velha. Talvez fosse porque a embriaguez estava começando a passar. Havia atenuado as rugas e amaciado a boca que agora endurecia num rasgo torto, cor-de-rosa.

— Sente-se, Tom. Vou fazer café para nós.

Ele deixou-se cair no sofá enquanto Vigdis desapareceu na cozinha. Ele esticou as pernas e notou uma mancha descolorada no revestimento do sofá. Lembrou-o de uma manhã no seu sofá, aquela do sangue de menstruação.

Ele sorriu com esse pensamento.

Pensou em Beate Lønn.

A dócil, ingênua Beate Lønn, que ficou no outro lado da mesinha de centro engolindo cada

palavra que ele dizia como se fossem cubos de açúcar no seu café *latte*, bebida de garotinhas. *Eu acho que o mais importante é ser você mesmo. O mais importante em uma relação é a honestidade, não acha?* Com garotas jovens, às vezes era difícil saber até que ponto seria bom usar a lista de clichês de aparente sabedoria, mas com Beate parecia que tinha acertado na mosca. Ela o seguiu apaticamente para sua casa, onde ele fizera uma bebida que não era para garotas.

Ele teve que rir. Mesmo no dia seguinte, Beate Lønn acreditou que o blecaute se devia ao drinque um pouco mais forte do que estava acostumada. O truque era a dosagem certa.

Mas a coisa mais cômica foi quando ele entrou na sala na manhã seguinte e ela estava esfregando com um pano molhado o sofá onde eles na noite anterior tinham feito a primeira sessão antes de ela apagar e a diversão começar para valer.

— Sinto muito — disse ela, à beira do choro. — Só descobri agora. É constrangedor. Não pensei que viesse antes da semana que vem.

— Não faz mal — disse e acariciou seu rosto. — Contanto que se esforce para eliminar esta merda.

Aí ele teve que correr para a cozinha. Ligou a torneira e mexeu na porta da geladeira para abafar o riso. Enquanto Beate Lønn esfregava a mancha de menstruação de Linda. Ou era de Karen?

Vigdis chamou da cozinha.

— Bebe café com leite, Tom? — A sua voz soava dura, uma socialite de merda. Além do mais, ele já sabia o que queria.

— Me lembrei de que tenho um compromisso no Centro — disse. Ele se virou e viu que ela estava na porta da cozinha com duas xícaras de café e dois olhos grandes e surpresos. Como se ele tivesse dado uma bofetada nela. Ele brincou com a ideia.

— E você precisa ficar um pouco a sós — disse e se levantou. — Eu sei. Como disse, acabei de perder um amigo próximo.

— Sinto muito — disse Vigdis perplexa. — Nem perguntei quem era.

— Ela se chamava Ellen. Uma colega. Gostava muito dela. — Tom Waaler inclinou a cabeça um pouco de viés e olhou para Vigdis, que retornou seu sorriso um pouco insegura.

— Em que está pensando? — perguntou.

— Que vou passar um dia aqui para saber como está. — Ele deu um sorriso excepcionalmente caloroso, o melhor sorriso David Hasselhoff, e pensou como o mundo seria caótico se as pessoas pudessem ler os pensamentos uns dos outros.

Disosmia



A hora do rush da tarde já havia começado e carros e escravos de salários desfilavam em marcha lenta em frente à delegacia da polícia. Um pardal-das-sebes estava sentado em um galho, viu a última folha se soltar, levantou voo e passou em frente à janela da sala de reuniões no quinto andar.

— Não sou bom orador em festas — começou Bjarne Møller, e aqueles que já ouviram Møller discursar antes concordaram com a cabeça.

Todos aqueles que participaram da investigação do Magarefe, uma garrafa de champanhe Opera de 79 coroas e 14 copos de plásticos ainda embrulhados estavam esperando Møller terminar de falar.

— Primeiro, quero mandar lembranças da Assembleia Legislativa, do prefeito e do chefe de polícia, e agradecer pelo trabalho bem executado. Estávamos, como sabem, em uma situação bastante premente quando percebemos que lidávamos com um assaltante a banco serial...

— Eu não sabia que havia outro tipo! — gritou Ivarsson e colheu risos. Ele estava no fundo, perto da porta, de onde tinha uma vista geral das pessoas em pé.

— Pois é — sorriu Møller. — O que eu quis dizer é que... Vocês sabem... Estamos contentes que tenha terminado. E antes de tomar uma taça de champanhe e ir para casa, quero agradecer em especial à pessoa que tem o mérito principal...

Harry sentiu os olhares dos outros. Ele odiava esses tipos de destaque. Discurso de chefes, discursos para chefes, agradecimentos aos palhaços, o teatro das trivialidades.

— Rune Ivarsson, que liderou as investigações. Parabéns, Rune.

Aplausos.

— Talvez queira dizer algumas palavras, Rune?

— Não, obrigado — murmurou Harry entre os dentes.

— Com prazer — respondeu Ivarsson. Todas as pessoas se viraram para ele. Ele pigarreou. — Infelizmente não tenho o mesmo privilégio que você, Bjarne, de poder dizer que não é um grande orador em festas. Pois eu sou. — Mais risos. — E como orador experiente de outros casos solucionados, sei que agradecimentos podem ser cansativos. Como todos sabem, o trabalho da polícia é trabalho de grupo. Foram Beate e Harry que ganharam a honra de chutar a bola no gol, mas o trabalho preliminar foi da equipe.

Descrente, Harry novamente viu as pessoas balançarem as cabeças em acordo.

— Por isso, obrigado a todos. — Ivarsson os escaneou com os olhos, evidentemente para que cada um se sentisse visto e agradecido, antes de gritar com alegria na voz: — E vamos logo tomar esse champanhe, pessoal!

Alguém passou a garrafa a ele que, depois de sacudi-la bastante, começou a soltar a rolha.

— Não aguento essa chatice — sussurrou Harry para Beate. — Vou me mandar.

Ela o olhou com censura.

— E lá vai! — A rolha estourou no teto. — Uma taça para todo mundo, pessoal!

— Lamento — disse Harry. — A gente se vê amanhã.

Ele passou no escritório para pegar a jaqueta. Encostou-se à parede do elevador descendo. Dormira talvez duas horas no chalé de Albu à noite. Às seis da manhã foi à estação ferroviária de Moss, encontrou um orelhão e o número da polícia local e avisou sobre o morto no mar. Ele sabia que iam pedir assistência da polícia do distrito de Oslo. Quando chegou a Oslo por volta das oito, se sentou no Kaffebrenneriet e bebeu café pingado até ter certeza de que o caso tinha sido passado para outro policial e ele podia voltar ao escritório tranquilo.

As portas do elevador se abriram e Harry desceu. Saiu pela porta de vaivém. Para o ar frio do outono em Oslo, que alegam ser mais poluído do que em Bangcoc. Ele lembrou a si mesmo que não havia pressa, e se forçou a andar devagar. Hoje não ia pensar em nada, apenas dormir com a esperança de não sonhar e acordar amanhã com todas as portas fechadas atrás de si.

Todas, exceto uma. Aquela que nunca dava para fechar, que ele não *queria* fechar. Mas não ia pensar nisso até amanhã. Amanhã, ele e Halvorsen iam caminhar ao longo do rio Aker. Parar em frente à árvore onde eles a encontraram. Reconstituir o crime pela centésima vez. Não porque eles tivessem esquecido de alguma coisa, mas para recuperar o sentimento, o cheiro nas narinas. Ele já se sentia apreensivo.

Harry quis ir pela trilha que cruzava o gramado. O atalho. Ele não olhou para o prédio cinza da prisão à esquerda. Onde Raskol provavelmente havia guardado o tabuleiro de xadrez dessa vez. Nunca iriam encontrar nada em Larkollen ou em outros lugares que apontasse para o

cigano ou alguém da sua corja, nem mesmo se Harry em pessoa tomasse para si a tarefa da investigação. Deixe que eles investiguem até onde acharem necessário. O Magarefe estava morto. Arne Albu estava morto. *A justiça é como a água*, Ellen havia dito uma vez. *Sempre acha um caminho*. Sabiam que não era verdade, mas pelo menos era uma mentira que de vez em quando servia de consolo.

Harry ouviu as sirenes. Fazia tempo que as ouvia. Os carros brancos passaram com a luz azul girando e desapareceram atrás da rua Grønlandsleiret. Ele tentou não pensar no porquê do alarme. Provavelmente não era a praia dele. E, se fosse, teria que esperar. Até amanhã.

* * *

Tom Waaler constatou que ele chegou cedo demais, que os moradores da casa amarela pálida estavam fazendo outras coisas mais importantes do que ficar em casa durante o dia. Ele acabara de apertar a última campainha e se virou para ir embora, quando ouviu o som confinado e metálico de uma voz:

— Olá!

Waaler gritou.

— Olá. É... — Ele olhou o nome na placa ao lado da campainha. — Astrid Monsen?

Vinte segundos depois estava na escadaria olhando para um rosto sardento e apavorado que o olhava detrás de uma corrente de segurança pela fresta da porta entreaberta.

— Posso entrar, senhorita Monsen? — perguntou e mostrou seus dentes no melhor estilo David Hasselhoff.

— Acho melhor não — chiou. Talvez não tivesse assistido *S.O.S. Malibu*.

Ele estendeu-lhe seu distintivo.

— Vim para perguntar se há algo que deveríamos saber sobre a morte de Anna Bethsen. Não temos mais tanta certeza de se tratar de suicídio. Sei que um colega meu investigou o caso por iniciativa própria e gostaria de saber se você falou com ele.

Tom Waaler já ouvira falar que os animais, especialmente os carnívoros, podiam sentir o cheiro do medo. Não o surpreendia. O que o surpreendia era que nem *todos* podiam farejar o medo. O medo tinha o mesmo odor volátil do mijo do boi.

— De que tem medo, senhorita Monsen?

Suas pupilas ficaram ainda maiores. Os pelos na nuca de Waaler estavam em pé agora.

— É muito importante que você nos ajude — disse Waaler. — A coisa mais importante na relação entre a polícia e o público é a honestidade, concorda?

Seu olhar bruxuleou e ele arriscou:

— Acredito que meu colega de alguma forma ou outra possa estar envolvido no caso.

O queixo caiu e ela olhou para ele, desamparada. Bingo.

Estavam na cozinha. As paredes marrons estavam cobertas de desenhos infantis. Waaler pensou que ela devia ser tia de um montão de crianças. Ele fez anotações enquanto ela falava.

— Ouvi um estrondo no corredor, e quando cheguei havia um homem encolhido no patamar da escada, bem em frente à minha porta. Ele deve ter caído, então perguntei se ele precisava de ajuda, mas não obtive resposta. Eu subi e toquei a campainha de Anna Bethsen, mas ninguém atendeu. Quando voltei, ajudei-o a se levantar. Todos os objetos dos seus bolsos estavam espalhados pelo chão. Encontrei a carteira e um cartão de banco com nome e endereço. Depois o ajudei a chegar até a rua, chamei um táxi e dei o endereço ao motorista. É tudo que sei.

— E tem certeza de que é a mesma pessoa que procurou você depois? Harry Hole, quero dizer?

Ela engoliu em seco. E confirmou com um balanço de cabeça.

— Está se saindo muito bem, Astrid. Como sabe que ele estava no apartamento de Anna?

— Eu ouvi ele chegar.

— Você *o ouviu* chegar e *ouviu* que ele entrou no apartamento de Anna?

— Meu escritório fica bem ao lado do corredor. Ouve-se tudo através das paredes. É um prédio calmo, não acontecem muitas coisas por aqui.

— Ouviu outras pessoas virem e saírem do apartamento de Anna?

Ela hesitou.

— Acho que ouvi alguém andar com cuidado na escada logo depois que o policial foi embora. Mas parecia que era uma mulher. Saltos altos, você sabe. Soam diferentes. Mas acho que foi a senhora Gundersen no quarto andar.

— Ah é?

— Ela costuma andar assim depois de beber alguns copos no Velho Major.

— Ouviu tiros?

Astrid sacudiu a cabeça.

— O isolamento acústico é bom entre os apartamentos.

— Você se lembra do número do táxi?

— Não.

— Que horas eram quando ouviu o estrondo na escada?

— Onze e quinze.

— Tem certeza, Astrid?

Ela afirmou com um balanço de cabeça. Respirou fundo.

Waaler se surpreendeu com a repentina firmeza da voz dela quando disse:

— Foi ele que a matou.

Ele sentiu o pulso bater mais forte. Um pouco.

— O que a faz dizer isso, Astrid?

— Eu entendi que havia alguma coisa errada quando fiquei sabendo que Anna teria cometido suicídio naquela noite. Aquela pessoa completamente bêbada na escada. E ela não atendeu quando toquei, não é? Pensei em entrar em contato com a polícia, mas então ele apareceu aqui de novo... — Ela olhou para Tom Waaler com um olhar como se estivesse se

afogando e ele fosse um salva-vidas. — A primeira coisa que me perguntou foi se eu o reconheci. E eu entendi o que ele quis dizer com aquilo.

— O que ele quis dizer, Astrid?

A sua voz subiu meia oitava.

— Um assassino que pergunta para a única testemunha se ela o reconhece? O que você acha? É claro que veio para me avisar do que podia acontecer se eu o denunciasses. Eu fiz como ele queria, eu disse que nunca o tinha visto antes.

— Mas você disse que ele voltou depois para perguntar sobre Arne Albu?

— Sim, ele queria me envolver para botar a culpa em outra pessoa. Você precisa entender que eu estava com muito medo. E me fiz de desentendida, e fiz coro com ele... — Ele ouviu o choro morder suas cordas vocais.

— Mas agora aceita falar abertamente sobre isso? Diante de um tribunal, sob juramento?

— Sim, se você est... Se eu tiver certeza de que vou estar segura.

De outro cômodo ouvia-se o alerta de e-mail chegando. Waaler olhou o relógio. Tinha que ser rápido, de preferência esta noite.

Às vinte para as cinco, Harry chegou no seu apartamento e lembrou imediatamente que ele se esqueceu de que tinha combinado de andar de bicicleta à noite com Halvorsen. Tirou os sapatos com os pés, entrou na sala e apertou o play da secretária eletrônica piscando. Era Rakel.

— A sentença sai na quarta. Reservei passagens para quinta. Estaremos no aeroporto Gardermoen às 11. Oleg perguntou se você pode pegar a gente.

A *gente*. Ela disse que a sentença ia ter efeito imediato. Se perdessem, não teria a *gente* para pegar, só uma pessoa que teria perdido tudo.

Ela não deixou nenhum número para ele retornar a ligação e dizer que acabou, que ela não precisava mais olhar por cima do ombro. Ele suspirou e afundou na poltrona verde. Era só fechar os olhos e ela aparecia. Rakel. O lençol branco que era tão frio que queimava a pele, as cortinas que de leve esvoaçavam na janela aberta e deixavam entrar uma faixa de luz da lua que caía no braço desnudo dela. Ele passou a ponta dos dedos com muito cuidado por cima dos seus olhos, suas mãos, seus ombros estreitos, o pescoço comprido e magro, as pernas que estavam trançadas com as dele. Ele sentiu sua respiração calma e quente no pescoço, sentiu a respiração de Rakel dormindo que, quase imperceptivelmente, mudou de ritmo quando ele passou os dedos de leve pelas suas costas. Seus quadris, que imperceptivelmente começaram a se mexer contra os dele como se ela apenas estivesse em estado de hibernação.

Às cinco horas, Rune Ivarsson levantou o gancho do telefone na sua casa em Østerås para dizer à pessoa que ligou que a família acabara de se sentar à mesa e que, na sua casa, o jantar era sagrado, se poderia, por gentileza, ligar mais tarde.

— Lamento perturbar, Ivarsson. É Tom Waaler.

— Olá, Tom — disse Ivarsson com uma batata pela metade na boca. — Ouça...

— Estou precisando de uma ordem de prisão para Harry Hole. Com mandado de busca no apartamento dele. Além de cinco pessoas para executar a busca. Tenho motivo para acreditar que Hole esteja envolvido em um caso de assassinato de uma forma nada legal.

A batata ficou travada na garganta de Ivarsson.

— É urgente — disse Waaler. — As chances de manipulação de provas são iminentes.

— Bjarne Møller — foi tudo que Ivarsson conseguiu dizer entre os acessos de tosse.

— Sim, sei que isso, a princípio, é da responsabilidade de Bjarne Møller — disse Waaler.

— Mas aposto que você concorda comigo em dizer que ele não é o mais indicado. Ele e Harry trabalham juntos há dez anos.

— Tem razão. Mas agora acabamos de receber outro caso quase no fim do dia, por isso o meu pessoal está amarrado lá.

— Rune... — Era a mulher de Ivarsson. Ele não queria aborrecê-la, já tinha chegado vinte minutos atrasado em casa depois do brinde com champanhe ao bom trabalho feito e do alarme de assalto na agência do Banco DnB na rua Grensen.

— Retorno para você mais tarde, Waaler. Vou ligar para o juiz para ver o que posso fazer.

— Ele pigarreou e emendou alto o suficiente para ter certeza de que sua mulher ia ouvir:

— Depois do jantar.

Harry acordou com fortes batidas na porta. Seu cérebro concluiu automaticamente que era o bater de uma pessoa que já estava lá algum tempo e que tinha certeza de que Harry estava em casa. Ele olhou o relógio. Cinco para as seis. Ele tinha sonhado com Rakel. Esticou-se e levantou da poltrona.

Bateu de novo. Pesadamente.

— Está bem, já vou — gritou Harry e foi atender. Ele viu a silhueta de uma figura através do vidro rugoso na porta. Ele pensou que talvez fosse um dos vizinhos, já que não avisaram pelo interfone.

Harry estava com a mão na maçaneta quando percebeu que hesitou. Uma comichão na pele da nuca. Uma mancha flutuando em frente ao olhar. Uma pulsação levemente rápida demais. Bobagem. Ele girou a chave e abriu a porta.

Era Ali. Suas sobranceiras formavam um “v”.

— Você prometeu que iria limpar seu depósito no porão até hoje — disse.

Harry deu uma pancada na testa com a mão.

— Merda! Desculpe, Ali. Sou um trapalhão inútil.

— Está bem, Harry. Posso ajudar você se tiver tempo hoje à noite.

Harry o olhou com surpresa.

— Me ajudar? O pouco que tenho retiro em dez segundos. Aliás, não lembro de ter qualquer coisa lá, mas tudo bem.

— São coisas valiosas, Harry. — Ali sacudiu a cabeça. — Você é maluco de deixar coisas

assim em um depósito no porão.

— Não que eu saiba. Vou passar no Schrøder para comer qualquer coisa e depois toco a campainha do seu apartamento, Ali.

Harry fechou a porta, afundou na poltrona e apertou o controle remoto. Notícias em língua de sinais. Harry trabalhou num caso em que havia várias pessoas surdas para serem interrogadas e ele aprendeu alguns dos sinais, e agora tentava combinar os gestos do repórter com os títulos que apareciam. Nada de novo no front. Um americano ia ser submetido a julgamento perante a corte marcial por ter lutado pelo Talibã. Harry desistiu. O prato do dia no Schrøder, pensou. Um café, um cigarro. Uma passada no depósito e direto para a cama. Ele pegou o controle remoto e ia desligar quando viu o locutor apontar a mão para ele com o dedo indicador estendido e o polegar para cima. Ele se lembrou deste sinal. Alguém foi morto a tiros. Harry pensou automaticamente em Arne Abu, mas lembrou que ele foi enforcado. Ele mudou o olhar para o título. Gelou na poltrona. E começou freneticamente a apertar o controle. Eram notícias ruins — possivelmente muito ruins. A página de TV em texto não tinha muito mais que a legenda:

Bancária baleada durante assalto. Um assaltante atirou em uma empregada durante um assalto na agência do Banco DnB na rua Grensen, em Oslo, hoje à tarde. A situação da bancária é crítica.

Harry entrou no quarto e ligou o PC. O assalto também era manchete na primeira página. Ele deu um clique duplo:

Foi logo antes de fechar a agência que o assaltante encapuzado entrou e ameaçou o gerente obrigando-o a esvaziar o caixa automático. Como isso não foi feito dentro do prazo estipulado pelo assaltante, ele atirou na cabeça de outra funcionária de 34 anos. A situação da mulher que levou o tiro é crítica. O chefe de polícia Rune Ivarsson disse não ter nenhuma pista do assaltante e não quis comentar que o assalto aparentemente segue o mesmo padrão do chamado Magarefe, que a polícia nesta semana informou ter sido encontrado morto em Arraial d'Ajuda, no Brasil.

Podia ser uma coincidência. Claro que podia. Mas não era. Sem chance. Harry passou a mão no rosto. Era como ele receava o tempo todo. Lev Grette tinha cometido apenas um assalto. Os seguintes eram de outra pessoa. Alguém que achava que estava se saindo bem. Tão bem que se orgulhava de copiar o Magarefe original nos mínimos e cruéis detalhes.

Harry tentou interromper sua própria linha de pensamento. Ele não queria ficar matutando sobre mais assaltantes de banco agora. Ou bancárias levando tiro. Ou as consequências da

possibilidade de haver dois Magarefes. Que ele pudesse ter que trabalhar sob as ordens de Ivarsson, da Roubos, de forma que o caso Ellen teria que ser adiado de novo.

Pare. Por hoje chega de pensar. Amanhã.

Mas suas pernas o levaram ao corredor, onde os dedos espontaneamente digitaram o número do celular de Weber.

— Harry falando. O que vocês têm?

— Temos sorte, é o que temos. — Weber parecia surpreendentemente alegre. — Bons meninos e meninas sempre acabam tendo sorte.

— Estou por fora — disse Harry. — Conte-me.

— Beate Lønn me ligou da Casa da Dor enquanto a gente estava trabalhando na agência. Ela tinha acabado de olhar o vídeo do assalto quando descobriu algo bem interessante. O assaltante estava muito perto do Plexiglass em cima do balcão enquanto falava. Ela sugeriu que a gente procurasse saliva. Havia passado meia hora desde o assalto e ainda era possível encontrar alguma coisa.

— E? — perguntou Harry impaciente.

— Não tinha saliva no vidro.

Harry gemeu.

— Mas uma microgota de respiração condensada — disse Weber.

— Sério?

— É.

— Alguém deve estar rezando antes de dormir ultimamente. Parabéns, Weber.

— Calculo que teremos o perfil de DNA daqui a três dias. Então só precisaremos comparar. Aposto que teremos o cara antes do fim de semana.

— Espero que esteja certo.

— Estou.

— Bem. De qualquer maneira quero agradecer a você por ter salvado um pouco do meu apetite.

Harry desligou e vestiu a jaqueta. Ele ia sair quando lembrou que não tinha desligado o PC e voltou para o quarto. No momento em que ia apertar o botão de desligar, ele viu. Parecia que as batidas do coração retardaram e o sangue engrossou nas veias. Ele tinha um e-mail. É claro que podia desligar mesmo assim. Devia desligar, não havia nada que indicasse que havia pressa. Podia ser de qualquer pessoa. Na verdade, de uma pessoa não podia ser. Harry gostaria de estar a caminho do Schrøder nesse momento. Subindo a rua Dovre, matutando sobre o velho par de sapatos que pendia entre o céu e a terra, se deliciando com as imagens do sonho com Rakel. Coisas assim. Mas era tarde demais. Seus dedos já assumiram o comando novamente. Rangeu de dentro da máquina. Apareceu o e-mail. Era comprido.

Olá, Harry!

Caiu o queixo, por quê? Talvez não esperasse mais ouvir de mim. Bem, a vida é cheia de surpresas, Harry. O que imagino que Arne Albu também tenha descoberto quando você estiver lendo isto. Deixamos, você e eu, a vida dele bastante insuportável, não foi? Acho que não me engano se apostar que a esposa dele pegou os filhos e o deixou. Cruel, não? Tirar de um homem a sua família, especialmente quando se sabe que é o mais importante na vida dessa pessoa. Mas ele é o culpado. A infidelidade não pode ser punida o suficiente, não está de acordo, Harry? De qualquer modo, minha pequena ação de vingança termina aqui. Não entrarei mais em contato.

Mas já que você é uma pessoa inocente que foi envolvida nisso, eu devo uma explicação a você. E é relativamente simples. Eu amava Anna. De verdade. Tanto o que ela era quanto o que ela me dava.

Infelizmente, ela só amava o que eu dava a ela. O grande H. O Grande Sono. Você não sabia que ela era viciada em heroína? A vida é — como disse — cheia de surpresas. Fui eu quem a introduziu nas drogas depois de uma — vamos ser francos — das suas malsucedidas exposições. E nós dois éramos feitos um para o outro, amor à primeira vista. Durante quatro anos, Anna era minha cliente e amante secreta, papéis impossíveis de separar, por assim dizer.

Confuso, Harry? Talvez porque vocês não tenham achado nenhuma marca de agulha quando a despiram. Anna não suportava tomar picadas. Fumávamos a nossa heroína em papel prateado de chocolate de Cuba. Claro, é mais caro que picadas, por outro lado, Anna tinha a droga a preço de atacado enquanto estava comigo. Éramos — qual é a palavra correta? — inseparáveis. Ainda me brotam lágrimas nos olhos quando penso naqueles tempos. Ela fazia para mim tudo que uma mulher pode fazer para um homem: me fodia, alimentava, dava de beber, divertia e consolava. E me suplicava. No fundo, a única coisa que não fazia era me amar. Por que será que justo isso era tão difícil, Harry? Ela amava você, mesmo que você cagasse para ela.

Até Arne Albu ela conseguiu amar. E eu que achei que ele era apenas um babaca que ela explorava por dinheiro, para que pudesse comprar a droga a preço de mercado e assim me evitar por algum tempo.

Mas então liguei para ela uma noite em maio. Tinha acabado de cumprir três meses por ninharias, e Anna e eu não nos falávamos fazia tempo. Eu disse que a gente tinha que comemorar, que eu tinha conseguido a mercadoria mais pura diretamente da fábrica de Chang Rai. De imediato ouvi pela sua voz que algo não estava legal. Ela disse que tinha desistido. Perguntei se das drogas ou de mim, e ela respondeu que das duas coisas. Pois havia começado essa obra de arte pela qual queria ser lembrada e isso exigia entrar nos eixos para valer. Como sabe, Anna era uma cigana teimosa quando tinha uma ideia na cabeça, por isso aposto que não devem ter encontrado drogas nas amostras de sangue dela, não é?

E então me contou sobre esse cara, Arne Albu. Que eles já estavam juntos há algum tempo e tinham planos de morar juntos. Ele só precisava acertar as coisas com

sua mulher antes. Já ouviu essa história antes, Harry? Bem, eu também.

Não é estranho como a gente fica com o pensamento claro quando o mundo em volta desaba? Eu sabia o que tinha que ser feito antes mesmo de desligar. Vingança. Primitivo? Nem um pouco. Vingança é o reflexo da pessoa pensante, um conjunto complexo de ação e consequência que nenhuma espécie animal até agora conseguiu desenvolver. Em termos de evolução, a realização de vingança tem se mostrado tão eficaz que apenas os mais sedentos de vingança de nós sobreviveram. Vingança ou morte. Parece o título de um faroeste, eu sei, mas lembre-se de que essa é a lógica de retaliação que criou o estado de direito. A promessa vigente de olho por olho, de que o pecador deve queimar no inferno ou pelo menos pender na forca. Vingança é simplesmente o alicerce da civilização, Harry.

Então, na mesma noite me sentei e comecei a trabalhar no plano.

Na maior simplicidade.

Encomendei uma chave para o apartamento de Anna da TrioVing. De que maneira? Não pretendo contar. Depois que você saiu do apartamento dela, eu entrei usando a chave. Anna já tinha se deitado. Ela, eu e uma Beretta M92 tivemos um bate-papo longo e informativo. Pedi a ela para pegar alguma coisa que tivesse ganhado de Arne Albu, um cartão, uma carta, um cartão de visita, qualquer coisa. O plano era colocar isso nela para ajudar vocês a ligar o assassino e ele. Mas tudo que ela tinha era uma foto da família dele no chalé que ela tinha roubado de um álbum de fotografia. Entendi que podia ser críptico demais, que vocês podiam vir a precisar de mais ajuda. Então tive uma ideia. A senhora Beretta a convenceu a contar como se entrava no chalé de Albu, que a chave estava na lâmpada da entrada.

Depois de matá-la — o que não vou relatar em detalhes já que foi um anticlímax decepcionante (ela não mostrou medo, nem arrependimento) —, coloquei a foto no seu sapato e fui direto para Larkollen. Plantei — como já deve ter entendido — a chave sobressalente do apartamento de Anna no chalé. Pensei em colá-la dentro da cisterna no banheiro — meu lugar favorito, onde Michael escondeu a arma no Poderoso Chefão I. Mas você não teria imaginação para procurar lá e também não fazia sentido. Por isso deixei na gaveta da mesa da cabeceira. Fácil, não?

Então, o cenário estava armado, e você e as outras marionetes podiam fazer suas entradas. Aliás, espero que não tenha ficado chateado por eu lhe dar um pouco de orientação no caminho, o nível intelectual de vocês policiais não é exatamente assustador. Por ser alto, quero dizer.

Aqui dou adeus. Agradeço a companhia e a ajuda. Foi um prazer trabalhar com você, Harry.

Pluvianos aegyptius



Um carro policial estava estacionado bem em frente ao portão do casarão e um outro estava atravessado na esquina da rua Sofie com a rua Dovre.

Tom Waaler havia dado ordem de não usar sirenes nem luz azul.

Ele verificou no walkie-talkie que todos estavam nos seus postos e recebeu confirmações curtas. Recebera a mensagem de Ivarsson confirmando que a ordem de prisão com mandado de busca estava a caminho do juiz há exatos quarenta minutos. Waaler avisou expressamente que não precisava do grupo Delta. Ele queria liderar a apreensão ele mesmo e todos os outros policiais de que precisava já estavam a postos. Ivarsson não objetou.

Tom Waaler esfregou as mãos. Um pouco por causa do vento gelado que varreu a rua do estádio de Bislett, mas mais porque estava contente com o que ia fazer. Prisão era a melhor parte do seu trabalho. Ele entendeu isso ainda pequeno, quando ele e Joakim ficavam à espreita no pomar de maçãs dos pais nas noites de outono à espera dos meninos maltrapilhos dos blocos de apartamentos que vinham roubar maçãs. E vieram. Uns oito, nove de cada vez. Mas não importava quantos meninos eram, o pânico sempre era total quando ele e Joakim acendiam as lanternas e gritavam nos megafones feitos em casa. Seguiam o mesmo princípio de lobos caçando renas: escolhiam o menor e mais fraco. Enquanto era a prisão — derrubar a presa — que fascinava Tom, a punição era o que atraía Joakim. Sua criatividade nessa área ia tão longe que acontecia de Tom ter que detê-lo. Não porque Tom sentisse pena dos ladrões, mas porque ele, ao contrário de Joakim, conseguia manter a cabeça fria e avaliar as consequências. Muitas vezes Tom achava que não era por acaso que Joakim chegou aonde chegou. Ele era desembargador no Tribunal de Oslo, com uma carreira promissora pela frente.

Pois bem, foi então a *prisão* que Tom havia imaginado quando quis entrar para a polícia. Seu pai queria que Tom estudasse medicina, ou teologia como ele mesmo. Se Tom tinha as melhores notas da escola, por que querer ser policial? Era importante para a autoestima ter uma formação decente, o pai dizia, e falava sobre seu irmão mais velho, que trabalhava em uma loja de ferragens vendendo parafusos e odiava as pessoas porque ele sentia que não era tão bom quanto os outros.

Tom ouvia o sermão com seu sorriso torto que sabia que seu pai detestava. Não era a autoestima de Tom que preocupava seu pai, era o que os vizinhos e os parentes iam achar se seu filho único se tornasse “apenas” policial. O pai nunca entendeu que é possível odiar as pessoas mesmo você sendo melhor do que elas. *Porque* você era melhor.

Ele olhou o relógio. Seis e treze. Ele apertou uma campainha do primeiro andar.

— Alô? — atendeu uma voz de mulher.

— É a polícia — disse Waaler. — Pode abrir para nós?

— Como posso saber se são da polícia?

Paquistanesa babaca, pensou Waaler, e pediu para ela dar uma olhada nos carros da polícia pela janela. A porta da entrada fez um zumbido.

— E não saia — disse no interfone.

Waaler colocou um homem no fundo perto da escada de incêndio. Quando viu a planta do prédio na intranet, ele decorou onde era o apartamento de Harry e descobriu que não tinha escadas no fundo com que se preocupar.

Armados e com seu MP3 no ombro, Waaler e dois homens subiram silenciosamente as escadas de madeira gastas. Waaler parou no terceiro andar e apontou para a porta que não tinha — e que de certa maneira nunca precisou — nome. Ele olhou para os outros dois. Os peitos subindo e descendo por baixo dos uniformes. Não era por causa das escadas.

Colocaram os capuzes. As palavras-chave eram rapidez, eficiência e determinação. A última apenas significava a determinação para a violência — se necessário, matar. Raramente era necessário. Mesmo bandidos veteranos costumavam ficar paralisados quando homens armados e mascarados, sem aviso prévio, entravam na sua sala. Em suma, usavam a mesma tática de um assalto a banco.

Waaler se preparou e deu o sinal com um gesto de cabeça a um dos homens, que com cuidado pegou na porta com o nó dos dedos. Era para poderem escrever no relatório que eles haviam batido na porta primeiro. Waaler quebrou o vidro na porta com a coronha da metralhadora, enfiou a mão e abriu, tudo em um movimento só. Ele berrou ao invadirem o apartamento. Uma vogal ou o começo de uma palavra, ele não sabia ao certo. Ele só sabia que era o mesmo que costumava berrar quando ele e Joakim acendiam as lanternas. Era a melhor parte.

— Bolinho de batata — disse Maja, levantou o prato e olhou com repreensão para Harry. — E você não tocou em nada.

— Sinto muito — disse Harry. — Falta de apetite. Diga ao cozinheiro que a culpa não é

dele. Desta vez.

Maja soltou uma gargalhada e foi em direção à cozinha.

— Maja...

Ela se virou devagar. Tinha algo na voz de Harry, alguma coisa no tom, que fez com que ela soubesse o que viria.

— Traz uma cerveja, por gentileza.

Ela continuou para a cozinha. Não é da minha conta, pensou. Eu só sirvo. Não é comigo.

— Qual é o problema, Maja? — perguntou o cozinheiro enquanto ela jogava a comida no lixo.

— Não é a minha vida — disse ela. — É a dele. Aquele tolo.

O telefone no escritório de Beate tocou estridente e ela tirou do gancho. A primeira coisa que ouviu foram vozes, risos e copos tinindo. Depois a voz dele.

— Estou atrapalhando?

Por um momento ela ficou insegura, havia algo estranho na sua voz. Mas não podia ser outra pessoa.

— Harry?

— O que está fazendo?

— Estou... estou na internet procurando pistas, Harry...

— Então colocaram o vídeo do assalto em Grensen na rede?

— Sim, mas você...

— Tem algumas coisas que tenho que contar a você, Beate. Arne Albu...

— Legal, mas espere um pouco e me escute.

— Parece estressada, Beate.

— Estou estressada! — Sua exclamação estalou no telefone. Depois, mais calma. — Eles estão à sua procura, Harry. Tentei ligar para avisá-lo logo depois que saíram daqui, mas não tinha ninguém em casa.

— Do que você está falando?

— Tom Waaler. Ele tem mandado para prender você.

— Como é? Vão me prender?

Agora Beate entendeu o que era a coisa estranha na sua voz. Ele tinha bebido. Ela engoliu em seco.

— Me diz onde está Harry, eu vou te buscar. E podemos dizer que você se apresenta por conta própria. Não tenho certeza do que se trata, mas vou ajudar você, Harry. Prometo. Harry? Não faça nenhuma tolice, OK? Alô?

Ela ficou sentada ouvindo vozes, risos e tinir de copos, até ouvir passos e uma voz rouca de mulher no telefone:

— É Maja do Schrøder.

— Onde...

— Foi embora.



Vigdis Albu acordou com o latido de Gregor do lado de fora. A chuva tamborilava no teto. Ela olhou o relógio. Deve ter adormecido. O copo na sua frente estava vazio, a casa estava vazia, tudo estava vazio. Não era assim que tinha planejado.

Ela se levantou, foi à porta do terraço e olhou para Gregor. Ele estava olhando para o portão com as orelhas e o rabo em pé. O que ia fazer com ele? Dá-lo para alguém? Botá-lo para dormir? Nem sequer as crianças tinham carinho pelo animal hiperativo e nervoso. Pois bem, o plano. Ela olhou a garrafa de gim meio vazia na mesa de vidro. Estava na hora de fazer outro.

O latido de Gregor cortou o ar. *Au! Au!* Arne tinha dito que o som enervante o acalmava, dava uma sensação inconsciente de que alguém estava de vigia. Ele disse que os cachorros podiam farejar inimigos porque quem queria fazer o mal soltava um cheiro diferente do cheiro dos amigos. Ela decidiu ligar para um veterinário no dia seguinte. Estava cansada de alimentar um cachorro que começava a latir toda vez que ela entrava na sala.

Ela entreabriu a porta do terraço e prestou atenção. Através dos latidos e da chuva ouviu ruídos no cascalho. Ela teve tempo para passar um pente no cabelo e tirar uma mancha de rímel embaixo do olho esquerdo antes de a campainha tocar os três tons do *Messias* de Händel, um presente dos sogros para a casa nova. Ela fazia ideia de quem podia ser. Acertou. Quase.

— Policial — disse com verdadeira surpresa. — Que surpresa agradável.

O homem estava ensopado, gotas de água pingavam das suas sobrancelhas. Ele se apoiou com o braço no vão da porta e olhou para ela sem responder. Vigdis Albu abriu a porta e semicerrou os olhos.

— Não quer entrar?

Ela foi na frente e ouviu seus sapatos gorgolejantes a seguirem. Ela sabia que ele gostou do que viu. Ele se sentou na poltrona para tirar o casaco. Ela viu o tecido ficar escuro ao absorver a água.

— Gim, policial?

— Não.

— Gim é bom.

Ela buscou os copos de cristal — presente de casamento dos sogros — e encheu os dois.

— Meus pêsames — disse o policial e olhou para ela com olhos vermelhos e vazios indicando que não era o seu primeiro drinque aquele dia.

— Obrigada — disse. — Saúde.

Quando colocou o copo na mesa, viu que ele bebeu meio copo. Ele ficou segurando o copo e disse de repente:

— Fui eu quem o matou.

Automaticamente, Vigdis levou a mão ao colar de pérolas. O presente da manhã.

— Eu não queria que acabasse assim — disse. — Mas fui tolo e descuidado. Eu levei o assassino direto para ele.

Vigdis se apressou para levar o copo a boca para que ele não visse que ela estava a ponto de soltar uma gargalhada.

— Agora você sabe — disse ele.

— Agora eu sei, Harry — sussurrou. Ela achou que viu uma leve surpresa no seu olhar.

— Você falou com Tom Waaler? — Soou mais como uma afirmação do que uma pergunta.

— Quer dizer aquele investigador que acha que é a dádiva de Deus para... bem. Falei com ele. E contei o que eu sabia, é claro. Não devia ter feito isso, Harry?

Ele deu de ombros.

— Coloquei você em uma enrascada, Harry? — Ela puxou as pernas para cima no sofá e olhou para ele com uma expressão preocupada atrás do copo.

Ele não respondeu.

— Mais um drinque?

Ele assentiu com a cabeça.

— Pelo menos tenho uma boa notícia para você. — Ele acompanhou o preparo dos drinques com o olhar. — Recebi um e-mail ontem à noite de uma pessoa que confessa a morte de Anna Bethsen. O tempo todo, essa pessoa me levou a acreditar que fosse Arne.

— Que bom — disse. — Ai, enchi demais. — Ela derramou gim na mesa.

— Você não parece muito surpresa.

— Nada me surpreende mais. Na verdade eu não acreditei que Arne teria nervos para matar uma pessoa.

Harry esfregou a nuca.

— De qualquer maneira, agora tenho provas de que Anna Bethsen foi assassinada. Eu repassei a confissão dessa pessoa para um colega meu antes de sair de casa hoje à noite. Além de todos os outros e-mails que recebi. Significa que estou botando todas as cartas na mesa no que se refere a meu próprio papel. Anna era uma velha amiga. Meu problema é que eu estava com ela na noite em que foi assassinada. Eu deveria ter dito isso desde o início, mas fui tolo e descuidado, e achei que podia solucionar o caso sozinho e ao mesmo tempo cuidar para que não fosse envolvido. Eu estava...

— Tolo e descuidado. Já disse. — Ela o olhou pensativa e passou a mão sobre a almofada ao seu lado no sofá. — Naturalmente, isso esclarece muitas coisas. Mas mesmo assim não consigo ver por que seria um crime passar algum tempo com uma mulher que se deseja... passar um tempo. Deve ter como se explicar, Harry.

— Bem. — Ele engoliu as últimas gotas da bebida. — Acordei no dia seguinte e não me lembrava de nada.

— Entendo. — Ela se levantou do sofá e se colocou acima dele. — Você sabe quem ele é? Ele inclinou a cabeça no encosto e olhou para ela.

— Quem disse que é um homem? — Suas palavras escorregaram de leve.

Ela estendeu a mão magra. Ele olhou para ela desconfiado.

— O casaco — disse ela. — Depois vá direto para o banheiro e tome um banho quente. Enquanto isso, vou fazer café e pegar umas roupas secas. Não acho que ele se oporia. Em muitos sentidos era um homem razoável.

— Eu...

— Vamos.

O abraço caloroso fez Harry estremecer de prazer. As mordidas carinhosas continuaram subindo as coxas em direção aos quadris e ele ficou todo arrepiado. Gemeu. Depois afundou o resto do corpo na água escaldante e inclinou a cabeça para trás.

Ele ouvia a chuva lá fora e tentou ouvir Vigdis Albu, mas ela tinha colocado um CD. The Police. Os melhores sucessos, claro. Ele fechou os olhos.

— *Sending out an S.O.S., sending out an S.O.S...* — cantava Sting. E Harry fora fã daquele cara. A propósito. Ele calculou que agora Beate já havia lido o e-mail. Que ela tinha repassado o aviso e que a caça à raposa já estava suspensa. O álcool deixou suas pálpebras pesadas. Mas todas as vezes que fechava os olhos, via duas pernas com sapatos italianos feitos a mão despontar da água escaldante da banheira. Ele tateou atrás da cabeça onde tinha posto o copo na beira da banheira. Tomara apenas dois chopes no Schrøder quando ligou para Beate, e isso não chegou nem perto de anestesiá-lo. Mas onde estava o maldito copo? Será que Tom Waaler estava tentando encontrá-lo de qualquer maneira? Harry sabia que ele desejava veementemente fazer essa prisão. Mas estava fora de questão para Harry se deixar prender antes de assegurar-se de ter todos os detalhes. Daqui por diante não podia mais confiar em ninguém além de si mesmo. Ele ia dar um jeito nisso tudo. Mas primeiro uma

pequena pausa. Mais um drinque. Pegar o sofá emprestado esta noite. Clarear a cabeça. Ia dar um jeito. Amanhã. Sua mão bateu no copo e o cristal pesado estilhaçou no piso azulejado.

Harry praguejou e se levantou. Quase caiu, mas por um triz conseguiu se apoiar na parede. Ele se enrolou em uma toalha grossa e felpuda e foi para a sala. A garrafa de gim ainda estava na mesa em frente ao sofá. Ele encontrou um copo no armário do bar e encheu-o até a borda. Ouviu a cafeteira trabalhar. E a voz de Vigdis no hall do primeiro andar. Ele voltou ao banheiro e colocou o copo com cuidado ao lado das roupas que Vigdis arranjava, uma coleção completa de Bjørn Borg em azul-claro e preto. Ele passou a toalha no espelho e encontrou seu próprio olhar na faixa limpa.

— Seu idiota — disse.

Ele olhou para o chão. Um fio vermelho escorria na emenda entre os azulejos para o ralo. Ele seguiu o fio até o seu pé direito, onde o sangue fresco gotejava entre os dedos. Pisara no meio dos cacos de vidro, e não tinha sentido nada. Olhou de novo no espelho e deu uma gargalhada.

Vigdis colocou o fone no gancho. Ela teve que improvisar, embora odiasse isso. Sentia-se fisicamente doente quando as coisas não saíam conforme o planejado. Desde pequena aprendeu que nada acontecia por si mesmo, que planejamento era tudo. Ela ainda se lembrava de quando a família havia se mudado para Slemda, vinda de Skien, quando ela cursava o terceiro ano na escola e ficou de frente para a nova turma. Ela disse seu nome enquanto os outros olhavam fixamente para ela, para as suas roupas e para sua mochila esquisita de plástico, que fez algumas meninas darem risadinhas e apontar. Na última aula ela escreveu uma lista dizendo quem, entre as meninas da turma, seriam suas melhores amigas, quem ela ia ignorar e de qual dos professores ela ia ser a aluna favorita. Pendurou a lista em cima da cama quando chegou em casa e não a tirou até o Natal, quando tinha uma marca de “OK” em todos os nomes.

Mas agora era diferente. Agora estava nas mãos dos outros para que as coisas pudessem se encaixar.

Ela olhou o relógio. Oito e vinte. Tom Waaler tinha dito que chegariam em 12 minutos. Ele prometeu desligar todas as sirenes muito antes de Slemdal, para ela não ter que se preocupar com os vizinhos. Sem ela sequer tocar no assunto.

Ela ficou esperando no hall. Melhor seria se Hole tivesse adormecido na banheira. Ela olhou o relógio de novo. Escutou a música. As músicas mais estressantes acabaram e agora Sting cantava no seu disco solo com sua voz agradável e calmante. Era sobre a chuva, que repetidamente caía como lágrimas de uma estrela. Era tão bonito que quase chorou.

Então ouviu o latido rouco de Gregor. Finalmente.

Ela abriu a porta e saiu para a escada como haviam combinado. Viu uma figura atravessar o jardim correndo e outra ir para o fundo da casa. Dois homens encapuzados em uniformes pretos e com rifles pequenos e curtos pararam na sua frente.

— Ainda no banheiro? — sussurrou um deles por detrás do gorro preto. — À esquerda

depois da escada?

— Sim, Tom — sussurrou. — E obrigada por virem tão...

Mas já estavam entrando.

Ela fechou os olhos e ficou ouvindo. Os passos correndo pela escada, o *au-au* desesperado de Gregor no terraço, a suave “How fragile we are” de Sting, o estrondo da porta do banheiro sendo aberta com um chute.

Ela se virou e entrou. Subiu a escada. Precisava de um drinque. Viu Tom Waaler no topo da escada. Ele tinha tirado o gorro, mas seu rosto estava tão transtornado que ela mal o reconheceu. Ele apontou para alguma coisa. No tapete. Ela olhou para baixo. Eram pegadas de sangue. Seu olhar as seguiu através da sala até a porta aberta do terraço. Ela não ouviu o que o idiota de preto berrou para ela. *O plano*. Foi tudo que conseguiu pensar. *O plano não era este*.

Waltzing Mathilda



Harry estava correndo. O latido em stacatto de Gregor soava como um metrônomo raivoso no fundo, de resto estava silencioso em torno. As solas dos pés descalços chapinharam no capim molhado. Ele segurou os braços na sua frente ao atravessar uma nova cerca viva e mal sentiu os espinhos rasgarem as palmas das mãos e o traje Bjørn Borg. Ele não encontrou sua própria roupa e os sapatos. Imaginou que ela os tivesse levado para o primeiro andar onde o estava esperando. Ele procurou por outros sapatos, mas Gregor começou a latir e ele teve que se mandar do jeito que estava, de calça e camisa. A chuva escorria nos olhos e nas casas, as macieiras e arbustos esvoaçavam à sua frente. Um novo jardim surgiu no escuro. Ele arriscou pular sobre a cerca baixa, mas perdeu o equilíbrio. Corrida de bêbado. Um gramado bem cuidado o acertou no rosto. Ele ficou deitado prestando atenção.

Ele pensou ouvir latidos de outros cachorros agora. Victor havia chegado? Tão depressa? Waaler deveria tê-los deixado a postos. Harry se levantou e olhou em volta. Estava no topo da colina onde queria chegar.

Deliberadamente se manteve longe das ruas iluminadas onde podia ser visto por alguém, e os carros da polícia já iam chegar para fazer rondas. Dava para ver a propriedade de Albu lá embaixo. Quatro carros estavam estacionados em frente ao portão, dois com a luz azul girando. Ele olhou para baixo, para o outro lado da colina. Era Holmen, aquele campo de

golfe? Algo parecido. Um carro civil estava estacionado perto de um cruzamento com as lanternas ligadas. Estava em cima da faixa de pedestres. Harry foi rápido, mas Waaler foi mais rápido ainda. Só a polícia estacionava assim.

Ele esfregou o rosto com força. Tentou afugentar a anestesia que há pouco ele queria tanto. Uma luz azul piscou entre as árvores na rua da Estação. Ele estava na rede e ela já estava se apertando. Não tinha como escapar. Waaler era eficiente demais. Mas não estava entendendo direito. Não podia ser uma jogada individual de Waaler. Alguém deve ter autorizado o uso de forças tão significativas para prender um único homem. O que tinha acontecido? Beate não recebeu o e-mail que ele enviou?

Ele tentou ouvir. Eram definitivamente vários cachorros. Ele olhou em volta. Para as casas iluminadas espalhadas na colina no escuro da noite. Ele pensou no calor e no aconchego atrás das janelas. Os noruegueses gostavam de luzes. E tinham eletricidade. Só quando saíam de férias para o Mediterrâneo, para ficarem fora por 15 dias, que apagavam as luzes. Seu olhar pulou de casa em casa.

Tom Waaler olhou para as casas que decoravam a paisagem como se fossem luzes natalinas. Jardins grandes e pretos. Furtar maçãs. Ele estava com os pés no painel da van especial de Victor. Eles contavam com o melhor equipamento de comunicação, por isso tinha mudado o comando da operação para lá. Tinha contato por rádio com todas as unidades que haviam acabado de cercar a área. Ele olhou o relógio. Os cachorros estavam trabalhando. Fazia dez minutos que desapareceram com os guias pelos jardins no meio da escuridão.

O rádio estalou: — Rua da Estação para Victor zero um. Temos um carro aqui com um Stig Antonsen que vai para a rua Revehi 17. Diz que está vindo do trabalho. Vamos...

— Verifique a identidade e o endereço e deixe passar — disse Waaler. — O mesmo vale para os outros lá fora, OK? Usem a cabeça.

Waaler pescou um CD do bolso da jaqueta e colocou no CD player. Várias vozes em falsete. Thunder all through the night, and a promise to see Jesus in the morning light (Trovão a noite toda, e uma promessa de ver Jesus na luz da manhã.) O homem ao lado no assento do motorista levantou uma sobrancelha, mas Waaler fez de conta que não percebeu e aumentou o volume. Verso. Verso. Refrão. Verso. Refrão. A próxima canção. Pop Daddy. Daddy Pop. Oh, sock it to me. You're the best. Waaler olhou o relógio de novo. Merda, os cachorros estavam demorando muito! Ele deu um soco no painel. Recebeu um olhar do assento do motorista.

— Eles têm pegadas frescas com sangue — disse Waaler. — Não pode ser tão difícil.

— São cachorros, não robôs — disse o homem. — Relaxe, já vão pegá-lo.

O artista que para sempre se chamaria Prince estava no meio de *Diamonds and Pearls* quando veio a mensagem:

— Victor zero três para Victor zero um. Acho que temos o cara. Estamos em frente de uma casa branca em... eh, Erik está tentando saber o nome da rua, mas pelo menos tem a placa

número 16.

Waler baixou a música.

— OK. Descubra e espere a gente chegar. Que chiado é esse?

— Vem da casa.

O rádio chiou:

— Rua da Estação para Victor um. Desculpe por interromper, mas tem um veículo de uma seguradora de carros aqui. Dizem que vão para a rua Harelabben 16. A central deles registrou que o alarme de roubo disparou lá. Eu...

— Victor zero para todas as unidades! — berrou Waler. — A postos! Rua Harelabben 16!

Bjarne Møller estava de péssimo humor. No meio do seu programa de TV favorito! Ele encontrou a casa branca com o número 16, estacionou em frente, passou pelo portão e subiu até a porta aberta onde um policial estava segurando um pastor alemão.

— Waler está aqui? — perguntou o chefe da delegacia, e o policial balançou a cabeça em direção à porta. Møller percebeu que o vidro da janela da entrada estava quebrado. Waler estava no corredor discutindo energicamente com outro policial.

— Que merda está acontecendo aqui? — perguntou Møller sem mais.

Waler se virou.

— O que traz você aqui, Møller?

— Uma ligação de Beate Lønn. Quem autorizou toda essa maluquice?

— O nosso jurista.

— Não estou me referindo ao mandado. Estou perguntando quem deu o sinal verde para a terceira guerra mundial porque um de nossos colegas pode — *pode!* — ter algumas coisinhas a esclarecer melhor.

Waler balançou nos calcanhares e olhou Møller direto nos olhos.

— O chefe de setor Ivarsson. Encontramos umas coisas na casa de Harry que fazem com que ele seja um pouco mais do que uma pessoa com quem a gente só queira conversar. Ele é suspeito de assassinato. Mais alguma coisa que queira saber, Møller?

Møller ergueu uma sobrancelha em surpresa e concluiu que Waler devia estar muito desesperado. Era a primeira vez que ele ouviu Waler falar a um superior em tom desafiador.

— Sim, onde está Harry?

Waler apontou para as pegadas vermelhas no assoalho de tacos.

— Ele esteve aqui. Arrombamento, como pode ver. Começa a ter muitas coisas a esclarecer, não é?

— Perguntei onde ele está agora?

Waler e o outro policial trocaram olhares.

— Aparentemente, Harry não tem muito interesse em se explicar. O pássaro já tinha voado quando chegamos.

— Ah, é? Tive a impressão de que vocês levantaram uma cortina de ferro nessa área.

— É, de fato — disse Waler.

— Então, como ele escapou?

— Com isto. — Waaler apontou para o telefone na mesinha. O fone tinha marcas parecendo sangue.

— Escapou através de um telefone? — Møller sentiu uma — levando em conta seu péssimo humor e a seriedade da situação — vontade irracional de rir.

— Há motivos para acreditar — disse Waaler, enquanto Møller via as mandíbulas tipo David Hasselhoff trabalharem — que ele pediu um táxi.

Øystein diminuiu a velocidade e virou o táxi para a praça pavimentada de pedras formando meio círculo em frente ao portão da Prisão de Oslo. Ele estacionou de ré entre dois carros para que a traseira ficasse apontando para o parque vazio e Grønlandsleiret. Deu meia-volta na chave de ignição e o motor apagou, mas o limpador de para-brisa continuou varrendo para lá e para cá. Ele esperou. Não havia ninguém na praça, nem no parque. Lançou um olhar para a delegacia de polícia antes de puxar a barra embaixo do volante. Ouviu-se um clique e a tampa do porta-malas se abriu com um salto e ficou entreaberta.

— Chegamos! — gritou e olhou no retrovisor.

O carro balançou, a tampa do porta-malas se abriu novamente e em seguida bateu. Então a porta do banco de trás foi aberta e um homem entrou quieto num pulo. Øystein estudou o passageiro ensopado batendo os dentes no retrovisor.

— Está com a cara ótima, Harry.

— Obrigado.

— Roupas bacanas, também.

— Não é meu tamanho, mas é Bjørn Borg legítimo. Empréstimo-me seus sapatos.

— Como é?

— Só achei um par de chinelos de feltro no corredor, não posso fazer visita na prisão com eles. E sua jaqueta.

Øystein levou os olhos ao céu e tirou a jaqueta curta de couro.

— Houve problemas em passar pelas barreiras? — perguntou Harry.

— Só quando entrei. Eles tinham que verificar se eu tinha o endereço e o nome da pessoa a quem ia entregar a encomenda.

— Encontrei o nome na porta.

— Na volta, eles só olharam para dentro do carro e me deixaram passar. Só passou meio minuto e houve um alarido e tanto no rádio. Do tipo “chamando todas as unidades”. He, he.

— É, pensei ouvir algo de lá de trás. Está sabendo que é ilegal sintonizar o canal da polícia, Øystein?

— Não, não é ilegal. Só usar. E eu quase nunca o uso.

Harry amarrou os cadarços e jogou os chinelos para Øystein na frente.

— Você vai ser remunerado no céu. Se eles anotaram o número do táxi e você receber visita, é melhor dizer como foi. Que recebeu um pedido direto no celular e que o passageiro insistiu em ficar no bagageiro.

— E não é a verdade?

— É a coisa mais verdadeira que ouvi em muito tempo.

Harry respirou fundo e apertou a campainha. A princípio não devia haver perigo, mas não dava para saber com que rapidez a notícia que ele estava sendo procurado ia se espalhar. Afinal, os policiais entravam e saíam da prisão o tempo todo.

— Sim? — perguntou a voz no alto-falante.

— Inspetor Harry Hole — disse Harry com uma dicção exagerada, olhando direto na câmera do vídeo com o que ele esperava ser um olhar razoavelmente focado. — Para Raskol Baxhet.

— Não tenho você na lista.

— Não? — perguntou Harry. — Pedi a Beate Lønn para ligar para vocês para me registrar. Hoje a noite às nove. É só perguntar a Raskol.

— Quando é fora do horário de visitas, você tem que estar na lista, Hole. Ligue para o escritório amanhã.

Harry mudou o peso para o outro pé.

— Como é o seu nome?

— Bøygset. Eh, não posso...

— Escute aqui, Bøygset. Trata-se de informações de um caso importante que não vão poder esperar abrir o escritório amanhã. Você deve ter ouvido as sirenes entrando e saindo da delegacia hoje à noite.

— Ouvi, mas...

— Então, a não ser que queira responder nos jornais amanhã como vocês conseguiram perder a lista com meu nome, sugiro que saia do modo robô e aperte o botão do bom-senso. É aquele bem na sua frente, Bøygset.

Harry olhou para dentro do olho vermelho da câmera. Mil e um mil e dois... Zuniu na fechadura.

Raskol estava sentado em uma cadeira na cela quando deixaram Harry entrar.

— Obrigado por confirmar a visita — disse Harry e passou um olhar pela minúscula cela de oito metros quadrados. Uma cama, uma escrivaninha, dois armários, alguns livros. Nenhum rádio, nenhuma revista, nenhum pertence pessoal, paredes nuas.

— Prefiro assim — disse Raskol em resposta aos pensamentos de Harry. — Aguça a mente.

— Então tente ver como isso aguça a mente — disse Harry e se sentou na beira da cama. — Não foi Albu quem matou Anna. Vocês pegaram o homem errado. Vocês têm o sangue de um homem inocente nas mãos, Raskol.

Harry não tinha certeza, mas achou que viu um puxão quase imperceptível na suave, mas ao mesmo tempo fria, máscara de mártir. Raskol inclinou a cabeça e colocou as palmas das

mãos nas têmporas.

— Recebi um e-mail do assassino — disse Harry. — Fica claro que ele me manipulou desde o primeiro dia. — Ele passou uma das mãos sobre o lençol quadriculado enquanto relatou o conteúdo da última carta. Seguido de um resumo curto dos acontecimentos do dia.

Raskol ficou imóvel ouvindo até que Harry terminasse. Depois levantou a cabeça.

— Isso quer dizer que tem sangue inocente nas suas mãos também, *Spiuni*.

Harry confirmou com um balanço de cabeça.

— E agora vem para cá me contar que sou eu que joguei o sangue em cima de você. E que por isso lhe devo alguma coisa.

Harry não respondeu.

— Concordo — disse Raskol. — Então me diz o quanto devo.

Harry parou de alisar o lençol.

— Você deve três coisas. Primeira, preciso de um lugar para me esconder até chegar ao fundo desse caso.

Raskol assentiu com a cabeça.

— Segunda, preciso da chave do apartamento de Anna para verificar umas coisas.

— Você já recebeu de volta.

— Não aquela com as iniciais AA. Esta está em uma gaveta no meu apartamento, e eu não posso ir até lá agora. E terceira...

Harry se calou, e Raskol o olhou interrogativo.

— Se eu ouvir Rakel dizer que alguém apenas olhou torto para eles, eu vou me entregar, colocar todas as cartas na mesa e apontar você como o homem por trás do assassinato de Arne Albu.

Raskol sorriu amigavelmente indulgente. Como se ele, em consideração a Harry, quisesse lamentar o fato que estava claro para ambos — que ninguém jamais ia conseguir descobrir qualquer ligação entre Raskol e o assassinato.

— Você não precisa se preocupar com Rakel e Oleg, *Spiuni*. Meu contato recebeu ordens de retirar seus artefatos assim que terminaram com Albu. Você devia estar mais preocupado com o resultado do processo judicial. Meu contato diz que não inspira otimismo. A família por parte de pai tem certas conexões.

Harry deu de ombros.

Raskol abriu a gaveta da escrivaninha, retirou a chave Trioiving brilhosa e deu a Harry.

— Vá direto para a estação do metrô no bairro de Grønland. Depois de descer a primeira escada, verá uma mulher atrás de um guichê ao lado dos banheiros. Ela precisa de cinco coroas para deixar você entrar. Diga que Harry chegou, entre no banheiro dos homens e se tranque em um dos boxes. Quando ouvir alguém entrar assobiando “Waltzing Mathilda”, significa que seu transporte já chegou. Boa sorte, *Spiuni*.

A chuva batia com tanta força que uma ducha fina de água subia do asfalto, e, com um pouco de tempo, daria para ver pequenos arco-íris na luz dos postes no final da rua Sofie, que era de

mão única. Mas Bjarne Møller não tinha tempo. Ele desceu do carro, puxou o casaco por cima da cabeça e cruzou a rua correndo até o portão onde Ivarsson, Weber e um homem aparentando ser de origem paquistanesa o esperavam.

Møller estendeu a mão e os cumprimentou, e o homem de pele escura se apresentou como Ali Niazi, o vizinho de Harry.

— Waaler virá assim que ajeitar as coisas em Slemdal — disse Møller. — O que foi que encontraram?

— Receio que são coisas realmente sensacionais — disse Ivarsson. — O mais importante agora é pensar numa maneira de contar à imprensa que um de nossos próprios policiais...

— Ei, ei — berrou Møller. — Não tão rápido. Deixem-me a par da situação.

Ivarsson esboçou um sorriso.

— Venha cá.

O chefe de Roubos e Furtos foi na frente dos outros três, atravessou uma porta baixa e desceu uma escada de pedras para o porão. Møller se esforçou para dobrar seu corpo comprido e magro de forma a não tocar o teto ou as paredes. Ele não gostava de porões.

A voz de Ivarsson produziu um eco surdo entre as paredes de alvenaria.

— Como sabe, Beate Lønn recebeu um monte de e-mails repassados por Hole. São cartas que Hole alega ter recebido de uma pessoa que confessa ter matado Anna Bethsen. Eu estava na delegacia e li essas cartas faz mais ou menos uma hora. Para ser franco, a maior parte é bla-bla-blá ininteligível e confuso. Mas também há informações que o remetente não poderia obter sem ter conhecimento íntimo do que aconteceu na noite em que Anna Bethsen morreu. Mesmo que as informações coloquem Hole no apartamento dela naquela noite, aparentemente dão um álibi a Hole.

— Aparentemente? — Møller se agachou para atravessar outra porta. Lá dentro, o teto era ainda mais baixo e ele teve que andar com o corpo dobrado enquanto tentava evitar pensar no fato de se encontrar sob quatro andares de cimento, parcamente sustentados por argila e vigas de madeira centenárias. — O que quer dizer, Ivarsson? Você não disse que as cartas continham uma confissão?

— Primeiro nós revistamos o apartamento — disse Ivarsson. — Ligamos o seu computador, abrimos as caixas de e-mails e encontramos todas as mensagens que ele recebeu. Exatamente como ele contou a Beate Lønn. Um álibi aparente, então.

— Já ouvi você dizer isso — disse Møller visivelmente irritado. — Pode chegar ao ponto?

— Evidentemente, a questão é quem mandou esses e-mails para o computador de Harry.

Møller ouviu vozes.

— É virando aquela esquina — disse aquele que se apresentou como vizinho de Harry.

Pararam em frente a um depósito de porão. Atrás da rede de arame, havia dois homens de cócoras. Um segurou uma lanterna contra o fundo de um laptop enquanto lia um número que o outro anotava. Møller viu que saíam dois fios elétricos da tomada na parede. Um para o laptop e um para um celular Nokia arranhado, que por sua vez estava conectado ao computador.

Møller esticou as costas o máximo que pôde.

— E o que significa isto?

Ivarsson colocou a mão no ombro do vizinho de Harry.

— Ali disse que ele esteve no porão uns dois dias depois que Anna Bethsen foi morta, e que foi a primeira vez que viu esse laptop acoplado ao celular no depósito de porão de Harry. Já verificamos o celular.

— E?

— É de Hole. Agora estamos tentando saber quem comprou o laptop. De qualquer maneira, ligamos e olhamos a caixa de entrada.

Møller fechou os olhos. As costas já estavam doendo.

— Hum — disse Møller. — Não parece muito bom.

— Mas a prova mesmo, Weber achou no apartamento.

Møller olhou interrogativo para Weber, que, com uma expressão séria, segurou um pequeno saco plástico transparente.

— Uma chave? — disse Møller. — Com as iniciais AA?

— Encontrada na gaveta da mesinha de telefone — disse Weber. — Os dentes conferem com a chave do apartamento de Anna Bethsen.

Møller olhou para Weber com uma expressão vazia. A luz dura da lâmpada nua dava aos rostos a mesma palidez de morte que as paredes caiadas, e dava a Møller a sensação de estar em um túmulo.

— Preciso sair — disse baixinho.

Spiuni Gjerman

Harry abriu os olhos, encontrou um rosto de menina rindo e sentiu o primeiro golpe da marreta.

Ele fechou os olhos de novo, mas nem o riso da menina, nem a dor de cabeça sumiram.

Tentou reconstruir.

Raskol, o banheiro na estação do metrô, um homem baixinho, assobiando e vestindo um terno Armani gasto, uma mão estendida com anéis de ouro, pelos pretos e a unha no mindinho comprida e afiada.

— Olá, Harry. Sou seu amigo Simon. — E em contraste marcante ao terno puído: um brilhoso Mercedes zero com um motorista que parecia ser o irmão de Simon, com os mesmos olhos castanhos sorridentes e o mesmo aperto de mão peludo ornado com ouro.

Os dois na frente do carro conversaram sem parar em uma mistura de norueguês e sueco com o sotaque esquisito das pessoas de circo, vendedores de facas, pregadores e vocalistas em bandas de música dançante. Mas não disseram muitas coisas. “Está bem, meu amigo?” “Tempo ruim, né?” “Roupa bacana. Vamos trocar?” Gargalhadas à vontade e estalidos de isqueiro. Se Harry fumava? Cigarros russos. Sirva-se. Com certeza ruins, mas “de um jeito legal, sacou?”. Mais gargalhadas. Raskol não foi mencionado uma única vez, nem onde estavam indo.

O que se mostrou não ser muito longe.

Saíram da rua depois do Museu de Munch e continuaram aos solavancos em uma rua esburacada para um estacionamento em frente a uma quadra de futebol lamacenta. No final do estacionamento havia três trailers de camping. Dois novos e grandes e um pequeno e velho sem rodas em cima de quatro blocos de pedra.

A porta de um dos trailers grandes se abriu e Harry viu a silhueta de uma mulher. Atrás dela pipocaram cabeças de crianças. Harry contou cinco.

Harry disse que não estava com fome e ficou em um canto do trailer olhando os outros comerem. A comida foi servida pela mais nova das duas mulheres no trailer, e eles comeram depressa e sem demoras cerimoniais. As crianças olhavam para Harry enquanto davam risadinhas e cotoveladas. Harry piscou de volta e tentou sorrir, e recomeçou a sentir seu corpo quase congelado. O que não era uma boa notícia, já que tinha dois metros e cada centímetro doía. Depois, Simon deu-lhe duas mantas de lã, um tapinha amigável no ombro e indicou o outro trailer com a cabeça. — Não é um Hilton, mas aqui está seguro, meu amigo.

O calor que Harry tinha recuperado sumiu assim que entrou no trailer em formato de ovo que mais parecia uma geladeira. Ele tirou os sapatos de Øystein que eram um número pequeno demais, esfregou os pés e tentou achar espaço na pequena cama. A última coisa que lembrou foi de tentar despir as calças molhadas.

— Hi-hi-hi.

Harry abriu os olhos de novo. O pequeno rosto escuro havia sumido e o riso vinha de fora, através da porta, onde uma faixa de sol brilhava descaradamente na parede atrás dele e nas fotos pregadas na parede. Harry se levantou nos cotovelos para olhá-las. Uma das fotos mostrava dois meninos com os braços em volta um do outro em frente ao que parecia ser o mesmo trailer onde ele estava deitado. Pareciam muito alegres. Não, mais que isso. Pareciam felizes. Talvez tenha sido por isso que Harry demorou a reconhecer o jovem Raskol.

Harry jogou os pés para fora da cama e decidiu ignorar a dor de cabeça. Ficou sentado alguns segundos para sentir se o estômago ia aguentar. Ele tinha tido porres piores do que o de ontem, muito piores. Quase perguntou se eles tinham álcool durante a janta na noite anterior, mas se conteve. Será que seu corpo aguentava o álcool melhor agora, depois de tanto tempo de abstenção?

A resposta veio assim que ele saiu do trailer.

As crianças olhavam perplexas enquanto Harry se apoiava no acoplamento do trailer e vomitava no gramado queimado. Ele tossiu e cuspiu algumas vezes e passou o dorso da mão pela boca, e, quando se virou, Simon mostrou um grande sorriso, como se esvaziar o estômago fosse a forma mais natural de começar o dia:

— Comida, meu amigo?

Harry engoliu e aceitou com um balanço de cabeça.

Simon emprestou a Harry um terno amarrotado, uma camisa limpa com colarinho largo e um par de óculos escuros grandes. Entraram no Mercedes e subiram a rua Finnmark. Pararam no sinal vermelho na praça Carl Berner, onde Simon baixou o vidro e chamou um homem fumando charuto em frente a um jornaleiro. Harry teve a sensação vaga de já ter visto o homem em algum lugar antes. E por experiência sabia que essa sensação frequentemente significava que a lembrança tinha um histórico. O homem riu e respondeu algo gritando que Harry não captou.

— Conhecidos? — perguntou.

— Um contato — respondeu Simon.

— Um contato — repetiu Harry e olhou o carro policial esperando a luz verde do outro lado

do cruzamento.

Simon virou à esquerda em direção ao hospital Ullevål.

— Me diga — começou Harry. — Que tipos de contato Raskol tem em Moscou que consegue encontrar uma pessoa em uma cidade com vinte milhões... — Harry estalou os dedos — assim? É a máfia russa?

Simon riu.

— Talvez. Se você não consegue pensar em outros que sejam melhores para encontrar pessoas.

— A KGB?

— Se a minha memória não me falha, eles não existem mais. — Simon riu ainda mais alto.

— O nosso perito em Rússia da delegacia de polícia me contou que ainda são as pessoas da antiga KGB que mandam em tudo por lá.

Simon deu de ombros.

— Serviços, meu amigo. E retribuição de serviços. É disso que se trata, você sabe.

Harry desceu na rua Sorgenfri, enquanto Simon continuou para cuidar de “um negócio em Sagene, você sabe”.

Harry olhou para cima e para baixo na rua. Uma perua passou. Ele havia pedido para a Tess, a menina de olhos castanhos que o acordara, correr e comprar os jornais *Dagbladet* e *VG*, mas não havia nada sobre a procura dele. Isso não queria dizer que ele pudesse se mostrar em todo lugar, porque, se não estivesse totalmente errado, a foto dele estava pendurada em todos os carros da polícia.

Harry foi rápido até o portão, colocou a chave de Raskol na fechadura e girou. Tentou não quebrar o silêncio do corredor ao subir as escadas. Em frente à porta de Astrid Monsen havia um jornal. Assim que entrou no apartamento de Anna, fechou a porta com cuidado e respirou fundo.

Não pense mais sobre o que você está procurando.

Cheirava a mofo. Ele entrou na sala. Nada fora tocado desde a última vez que esteve no local. A poeira dançava na luz do sol que entrava pela janela e iluminava os três retratos. Ele ficou um tempo contemplando as pinturas. Tinha algo estranhamente familiar nas formas das cabeças distorcidas. Ele se aproximou e passou a ponta do dedo sobre os relevos de tinta a óleo. Se queriam falar com ele, não conseguiu entender o que estavam dizendo.

Foi para a cozinha.

Cheirava a lixo e a gordura rançosa. Ele abriu a janela e olhou os pires e talheres na bancada da pia. Foram apenas passados na água, mas não lavados. Remexeu nos restos de comida endurecida com um garfo. Conseguiu soltar um pedaço vermelho e mole do molho. Colocou na boca. Pimenta-malagueta.

Atrás de uma panela grande havia duas taças grandes de vinho tinto. Uma taça estava com resíduo no fundo, mas a outra parecia não ter sido usada. Harry enfiou o nariz, mas só cheirava a vidro quente. Ao lado das taças havia dois copos de vidro comuns. Ele encontrou um pano de prato para poder segurar os copos contra a luz sem deixar impressões. Um estava limpo, o outro tinha uma película viscosa. Ele raspou a película com a unha e chupou o dedo. Açúcar. Com gosto de café. Coca-Cola? Harry fechou os olhos. Vinho e Coca-Cola?

Não. Água e vinho para uma pessoa. E Coca-Cola e taça de vinho sem usar para a outra. Ele embrulhou o copo no pano de prato e enfiou-o no bolso da jaqueta. Um impulso o levou a entrar no banheiro. Desatarraxou a tampa da caixa da descarga e procurou com a mão lá dentro. Nada.

Quando voltou à rua, nuvens vinham chegando do oeste e o ar estava um pouco mais fresco. Harry mordeu o lábio inferior. Então decidiu ir em direção à rua Vibe.

Harry reconheceu o jovem atrás do balcão no Chaveiro AS de imediato.

— Bom-dia, sou da polícia — disse Harry e esperou que o rapaz não pedisse a sua carteira de identidade, que ficou na jaqueta de Albu em Slemdal.

O rapaz soltou a revista.

— Eu sei.

Por um momento, o pânico tomou conta de Harry.

— Eu lembro que vim aqui para pegar uma chave. — O rapaz mostrou um largo sorriso.

— Eu me lembro de todos os clientes.

Harry pigarreou:

— Bem, eu não sou exatamente um cliente.

— Não?

— Não, a chave não era para mim. Mas não é por isso...

— Mas tinha que ser para você — o rapaz o interrompeu. — Era uma multichave, não era?

Harry balançou a cabeça, confirmando. No canto do olhar viu uma patrulha passar devagar na rua em frente.

— Era sobre multichaves que queria perguntar. Queria saber como uma pessoa estranha pode conseguir uma cópia de uma multichave dessas. Uma chave Trioiving, por exemplo.

— Não é possível — respondeu o rapaz com uma convicção de quem lê revistas de ciências. — É só a Trioiving que pode fazer uma cópia que funcione. Por isso, a única maneira é falsificar a autorização do pedido do conselho do condomínio. Mas mesmo assim ia ser descoberto na hora de pegar a chave, porque eles vão exigir identificação e conferir com a lista que temos dos nomes dos moradores do prédio.

— Mas eu peguei uma multichave aqui. E era uma chave que outra pessoa me pediu para pegar.

O rapaz franziu a testa.

— Não, me lembro claramente de que você mostrou sua identificação e que eu verifiquei o nome. De quem é a chave que você pegou, então?

Harry viu no reflexo da porta de vidro atrás do balcão o mesmo carro da polícia passar na direção oposta.

— Esqueça. Tem outra maneira de conseguir uma cópia?

— Não. A Trioiving, que molda essas chaves, só aceita pedidos de comerciantes autorizados como nós. E, como eu disse, a gente confere a documentação e faz registro dos pedidos de chaves para cada condomínio. O sistema é bastante seguro.

— É o que parece. — Irritado, Harry passou a mão sobre o rosto. — Um tempo atrás, liguei e fiquei sabendo que uma mulher que morava na rua Sorgenfri recebeu três chaves para seu apartamento. Uma, nós encontramos no apartamento dela, a outra ela deu ao eletricista que ia consertar alguma coisa e a terceira achamos em outro local. Só que acho que não foi ela que pediu uma terceira chave. Você podia verificar para mim?

O rapaz deu de ombros.

— Acho que sim, mas por que não pergunta a ela mesma?

— Alguém acertou uma bala na cabeça dela.

— Poxa — disse o rapaz sem expressar susto.

Harry ficou parado, quieto. Ele sentiu alguma coisa. Um leve arrepio, uma leve corrente de ar, talvez da porta. O bastante para os pelos na nuca ficarem de pé. Ouviu-se um pigarro baixo. Ele não ouviu ninguém entrando. Sem se virar tentou ver quem era, mas era impossível do ângulo em que estava.

— Polícia — disse uma voz alta e clara atrás dele. Harry engoliu em seco.

— Sim? — disse o rapaz e olhou por cima do ombro de Harry.

— Estão lá fora — disse a voz. — Dizem que houve um roubo na casa de uma velha no número 14. Ela está precisando de uma nova fechadura imediatamente, então querem saber se nós podemos mandar alguém para lá já.

— Então você pode acompanhá-los, Alf. Como vê, estou ocupado.

Harry ouviu atentamente até os passos se afastarem.

— Anna Bethsen. — Ele percebeu que estava sussurrando. — Pode verificar se ela pessoalmente buscou todas as chaves?

— Não preciso, *tem* que ter sido ela.

Harry se inclinou sobre o balcão.

— Mas pode verificar mesmo assim?

O rapaz soltou um suspiro e desapareceu nos fundos. Voltou com outra pasta e folheou.

— Veja por você mesmo — disse. — Ali, ali e ali.

Harry reconheceu os formulários com a autorização de entrega, eram idênticos àqueles que ele mesmo assinou quando veio pegar a chave de Anna. Mas todos os formulários na sua frente estavam assinados com o nome dela. Ele ia perguntar pelo formulário com a sua assinatura quando reparou nas datas.

— Está registrado aqui que a última chave foi entregue em agosto — disse. — Mas isso é muito tempo antes de eu ter vindo aqui e...

— Sim?

Harry olhou no ar.

— Obrigado — disse. — Já consegui saber o bastante.

Lá fora ventava com mais força. Harry ligou de um orelhão na praça Valkyrie.

— Beate?

Pairando em cima da torre de Sjømannskollen, duas gaivotas enfrentavam o vento e

balançavam de um lado para outro. Embaixo dos pássaros estava o fiorde de Oslo, que já ganhara um tom preto-esverdeado agourento, e o bairro de Ekeberg, onde as duas pessoas no banco pareciam minúsculos pontinhos.

Harry já havia contado sobre Anna Bethsen. Sobre quando eles se conheceram. Sobre a última noite da qual ele nada se lembrava. Sobre Raskol. E Beate contou que o computador portátil que encontraram no depósito de porão de Harry fora rastreado, que fora comprado três meses antes na loja Expert na Colosseum. Que a garantia estava em nome de Anna Bethsen. E que o celular que estava acoplado ao PC era aquele que Harry alegou ter perdido.

— Detesto gritos de gaivotas — disse Harry.

— É tudo que tem a dizer?

— Por ora é.

Beate se levantou do banco.

— Eu não devia estar aqui, Harry. Você não devia ter me ligado.

— Mas você está aqui. — Harry desistiu de acender o cigarro nas rajadas de vento. —

Isso quer dizer que acredita em mim. Não é?

Beate apenas abriu as mãos com raiva em resposta.

— Eu não sei mais que você — disse Harry. — Nem tenho certeza de que não matei Anna Bethsen.

As gaivotas acompanharam uma rajada em um elegante turbilhão.

— Me conte mais uma vez o que você sabe — pediu Beate.

— Sei que esse cara de alguma maneira arranjou as chaves do apartamento de Anna e entrou e saiu de lá na noite do assassinato. Quando ele saiu, levou o laptop de Anna e meu celular.

— Por que o seu celular estava no apartamento de Anna?

— Deve ter escorregado do bolso da jaqueta durante a noite. Como disse, eu estava um pouco embriagado.

— E então?

— O plano original dele foi simples. Ir para Larkollen depois do assassinato e colocar a chave que ele tinha usado no chalé de Arne Albu. Estava em um chaveiro com as iniciais AA, para que ninguém tivesse dúvida, parece. Mas quando encontrou meu celular, ele entendeu de repente que podia dar mais uma guinada no plano. Fazer parecer que eu primeiro assassinei Anna e depois montei tudo para colocar a culpa em Albu. Então ele usou meu número de celular para fazer uma assinatura na internet de um servidor no Egito e começou a enviar e-mails para mim sem que fosse possível rastrear o remetente.

— E se fosse rastreado, levaria a...

— Mim. De qualquer maneira, eu não iria descobrir que havia algo errado antes de receber a próxima conta telefônica. E provavelmente nem assim, já que não sou de examiná-la tão de perto.

— Ou cancelar a assinatura quando perde o celular.

— Hum. — Harry se levantou subitamente e começou a andar de um lado para outro em frente ao banco. — O que é mais difícil de entender é como ele entrou no meu depósito no porão. Vocês não acharam nenhum sinal de arrombamento e ninguém no prédio teria deixado

um estranho entrar. Em suma, tem a chave. É claro que só precisa de uma chave, já que o prédio tem multichaves que servem para o portão, o sótão, o porão e os apartamentos, mas uma chave dessas é difícil de conseguir. E a chave que ele arranhou para o apartamento de Anna também era uma multichave...

Harry parou e olhou para o sul. Um cargueiro com dois guindastes altos estava entrando no fiorde.

— Em que está pensando? — perguntou Beate.

— Estou pensando em lhe pedir para checar alguns nomes para mim.

— Prefiro não fazer isso, Harry. Como disse, nem devia estar aqui.

— E estou pensando de onde vêm as marcas roxas?

De imediato ela levou a mão ao pescoço.

— Do treino. Judô. Algo mais que queira saber?

— Sim. Será que pode levar isto para Weber? — Harry tirou o pano de prato com o copo do bolso da jaqueta. — Pede para ele checar impressões digitais e conferir com as minhas.

— Ele tem as suas?

— A Criminalística tem impressões de todos os investigadores que operam no local do crime. E pede para ele analisar o que estava no copo.

— Harry... — começou repreensiva.

— Por favor?

Beate suspirou e pegou o copo embrulhado.

— O Chaveiro AS — disse Harry.

— O que é?

— Se você resolver mudar de ideia sobre verificar nomes, pode investigar o pessoal que trabalha lá. É uma firma pequena.

Ela o olhou, resignada.

Harry deu de ombros.

— Se cuidar do copo, me deixará para lá de feliz.

— E onde posso lhe encontrar quando tiver a resposta de Weber?

— Quer mesmo saber? — Harry sorriu.

— Quero saber o mínimo possível. Você entra em contato comigo, então?

Harry apertou a jaqueta.

— Vamos.

Beate balançou a cabeça, mas não se mexeu. Harry olhou para ela, interrogativo.

— O que ele escreveu — disse —, que apenas os mais vingativos sobrevivem, acha que isso é mesmo verdade, Harry?

Harry esticou as pernas na cama curta do trailer. O zunido dos carros na rua Finnmark fez Harry se lembrar de quando era pequeno e dormia com a janela aberta em Oppsal, ouvindo o trânsito. Quando estava no avô em Åndalsnes no verão, era essa a única coisa de que sentia falta: o regular zunido sonífero que só era interrompido por uma moto, um escapamento

furado, uma sirene policial distante.

Bateram na porta. Era Simon.

— Tess quer que conte uma história de dormir amanhã também — disse isso e entrou. Harry tinha contado sobre como o canguru aprendeu a pular e ganhara abraços de boa-noite de todas as crianças, como recompensa.

Os dois homens fumaram em silêncio. Harry apontou para a foto na parede. É Raskol e o irmão, não é? Stefan, o pai de Anna?

Simon balançou a cabeça, confirmando.

— Onde está Stefan agora?

Simon deu de ombros, desinteressado, e Harry entendeu que era um tema tabu.

— Na foto, os dois parecem ser bons amigos — disse Harry.

— Eles eram como gêmeos siameses, você sabe. Companheiros. Giorgi ficou preso por Stefan duas vezes. — Simon riu. — Vejo que ficou surpreso, meu amigo. É uma tradição, entende? É uma honra cumprir pena para um irmão ou um pai, sabia?

— Não é exatamente a mesma coisa para a polícia.

— Eles não viram nenhuma diferença entre Giorgi e Stefan. Irmãos ciganos. Não é fácil para a polícia norueguesa. — Ele mostrou todos os dentes e ofereceu outro cigarro a Harry. — Especialmente quando eles usam máscaras.

Harry sugou o cigarro e decidiu atirar no escuro.

— O que foi que aconteceu?

— O que você acha? — Simon arregalou os olhos de forma dramática. — Uma mulher, é claro.

— Anna?

Simon não respondeu, mas Harry entendeu que acertou.

— Stefan não quis mais saber de Anna porque ela encontrou um *gadzo*?

Simon apagou o cigarro e se levantou.

— Sabe, não era Anna. Mas Anna tinha uma mãe. Boa-noite, *Spiuni*.

— Hum. Só uma última pergunta.

Simon parou.

— O que quer dizer *Spiuni*?

Simon riu.

— É uma abreviação de *spiuni gjerman* — espião alemão. Mas relaxe, meu amigo, não é mal-intencionado. Em alguns lugares até se usa como nome de menino.

Então fechou a porta e desapareceu.

O vento estava mais calmo e tudo que dava para ouvir era o zunido da rua Finnmark. Mas mesmo assim, Harry não conseguiu dormir.

Beate estava deitada, ouvindo os carros passando. Quando era criança, costumava dormir ouvindo sua voz. Os contos de fada que ele contava não estavam em livro nenhum, eram criados enquanto ele falava. Nunca eram iguais, mesmo quando começavam da mesma

maneira e com os mesmos personagens: dois ladrões malvados, um papai bonzinho e sua filhinha corajosa. E o final era sempre feliz, com os ladrões atrás das grades.

Beate não conseguia se lembrar de ter visto seu pai lendo. Quando cresceu, entendeu que o pai sofria de algo chamado dislexia. Se não fosse por isso, teria se tornado advogado, dizia a mãe.

— E é isso que a gente quer para você.

Mas os contos de fada não tinham advogados, e quando Beate contou que tinha sido aceita na Escola Superior da Polícia, a mãe chorou.

De súbito, Beate abriu os olhos. Alguém chegou na porta. Ela gemeu e jogou os pés para fora da cama.

— Sou eu — disse a voz no interfone.

— Já disse que não quero mais ver você — disse Beate tremendo no penhoar leve. — Vai embora.

— Vou embora depois de lhe pedir desculpas. Não era eu. Não sou assim. Só perdi um pouco as estribeiras. Por favor, Beate. Apenas cinco minutos.

Ela hesitou. Ainda estava com a nuca dolorida e Harry tinha comentado sobre as manchas roxas.

— Trouxe um presente — disse a voz.

Ela suspirou. Ia ter que encontrá-lo de novo de qualquer maneira. Afinal, era melhor que fosse aqui, do que no trabalho. Ela apertou o botão, amarrou o penhoar e esperou na porta enquanto ouvia os passos na escada.

— Olá — disse ele sorrindo quando a viu. Um sorriso largo e branco típico de David Hasselhoff.

Girus fusiforme



Tom Waaler estendeu o presente, mas tomou cuidado para não tocá-la, porque ela ainda tinha a linguagem corporal de medo semelhante à de um antílope sentindo o cheiro de um predador. Em vez disso passou por ela, entrou na sala e sentou-se no sofá. Ela o seguiu e ficou em pé. Ele olhou em volta. O apartamento estava decorado como a maioria dos apartamentos de outras mulheres jovens, com quem ele frequentemente se encontrava: pessoal e sem originalidade, aconchegante e tedioso.

— Não vai abrir? — perguntou. Ela o obedeceu.

— Um CD — disse ela desamparada.

— Não *um* CD — disse ele. — *Purple Rain*. Põe para tocar, você vai entender.

Ele a estudou enquanto ligava o lastimável rádio três em um, que ela e suas semelhantes chamavam de sistema de som. A senhorita Lønn não era exatamente bonita, mas graciosa à sua maneira. O corpo era um pouco tedioso, não havia tantas formas para agarrar. Mas era esbelta e malhada. E Beate havia gostado do que ele fazia com ela, mostrando um entusiasmo saudável. Pelo menos nos rounds preliminares, quando ele pegou leve. Sim, porque acabou sendo mais do que esse único round. De fato era estranho, já que ela realmente não fazia o tipo dele.

Então, uma noite ele deu o trato completo. E ela — como a maioria das mulheres que ele encontrava — não estava a fim de ir tão longe. O que em princípio fazia tudo ainda mais excitante para ele, mas também significava que seria a última vez. Mas Beate devia estar

contente. Podia ter sido pior. Duas noites antes estavam na cama dele, quando de repente ela contou onde o tinha visto pela primeira vez.

— Na rua Grünerløkka — disse. — Era noite e você estava em um carro vermelho. Havia muitas pessoas na rua e o vidro estava aberto. Foi no inverno do ano passado.

Ele ficou pasmo. Especialmente porque a única noite que se lembrava de ter estado na rua Grünerløkka no inverno passado foi no sábado em que eles despacharam Ellen Gjeltén.

— Lembro dos rostos — disse ela com um sorriso triunfante quando viu sua expressão. — Girus fusiforme. É a parte do cérebro que reconhece rostos. O meu é anormal. Devia estar no circo.

— Legal — disse ele. — O que mais você lembra?

— Você falou com outra pessoa.

Ele se levantou nos cotovelos, se inclinou por cima dela e passou o polegar no seu pomo de adão. Sentiu o pulso bater por dentro como um coelhinho amedrontado. Ou era seu próprio pulso que ele sentiu?

— Então você se lembra do rosto da outra pessoa também? — perguntou já começando a raciocinar. Alguém sabia que ela estava aqui essa noite? Ela manteve em segredo a relação deles como havia pedido? Ele tinha sacos de lixo no armário da cozinha?

Ela se virou para ele e sorriu perplexa:

— O que quer dizer?

— Você teria reconhecido a outra pessoa se você, por exemplo, visse uma foto dele?

Ela o olhou longamente. Beijou-o com cuidado.

— Então? — insistiu retirando a outra mão debaixo do edredom.

— Hum. Não. Ele estava de costas.

Mas você se lembra das roupas que ele vestia? Caso seja interrogada para identificá-lo, quero dizer.

Ela sacudiu a cabeça.

— O girus fusiforme só grava rostos. O resto do meu cérebro é bastante normal.

— Mas você se lembra da cor do carro onde eu estava?

Ela riu e se aconchegou nos seus braços.

— Deve significar que gostei do que vi.

Com calma, retirou a mão do pescoço dela.

Duas horas mais tarde ele fez o show todo. E ela não gostou do que viu. Ouviu. Sentiu.

— *Dig if you will the picture of you and I engaged in a kiss — the sweat of the body covers me...*

Ela abaixou o volume.

— O que você quer? — perguntou e se sentou na poltrona.

— Como eu disse, pedir desculpas.

— Agora já pediu. Vamos passar uma borracha nisso. — Ela bocejou demonstrativamente.

— Eu já estava indo dormir, Tom.

Ele sentiu a raiva chegar. Não a raiva vermelha que torcia e cegava, mas a branca que luzia e dava clareza e energia.

— Ótimo, então vou passar para os negócios. Onde está Harry Hole?

Beate riu. Prince berrou em falsete.

Tom fechou os olhos, sentiu mais e mais forte a ira fluir nas veias como uma água gelada refrescante.

— Harry ligou para você na noite em que sumiu. Ele encaminhou os e-mails para você. Você é o contato dele, o único em que ele confia no momento. Onde está?

— Estou realmente cansada, Tom. — Ela se levantou. — Se tiver mais perguntas às quais você não quer respostas, sugiro que tratemos disso amanhã.

Tom Waaler ficou sentado.

— Tive uma conversa interessante com um dos policiais na prisão hoje. Harry esteve lá ontem à noite, bem debaixo do nosso nariz, enquanto nós e a metade do plantão da Criminalística estávamos lá fora à procura dele. Você sabia que Harry é comparsa de Raskol?

— Não faço ideia do que esteja falando ou do que isso tenha a ver com o caso.

— Nem eu, mas sugiro que você se sente um pouco, Beate. E escute uma pequena história que acho que vai fazer você mudar de ideia sobre Harry e seus amigos.

— A resposta é não, Tom. Fora.

— Nem mesmo se o seu pai fizer parte da história?

Ele viu o puxão na sua boca e entendeu que estava no caminho certo.

— Tenho fontes que, como vou dizer, não são acessíveis para o policial comum, que fazem com que eu conheça a história verdadeira do que aconteceu, quando seu pai foi morto em Ryen. E quem o matou.

Ela o olhou.

Waaler riu.

— Não contava com isso, não é?

— Está mentindo.

— Seu pai foi morto por um tiro de Uzi, seis balas no peito. De acordo com o relatório, ele entrou no banco para negociar, estava sozinho e sem arma, e, portanto, não tinha com que negociar. A única coisa que poderia conseguir seria deixar os assaltantes nervosos e agressivos. Um erro fatal. Incompreensível. Ainda mais porque seu pai era uma lenda justamente por causa do seu profissionalismo. Mas, na verdade, estava acompanhado de um colega. Um policial jovem, um homem promissor de quem se esperava muitas coisas, um homem de futuro na carreira. Mas ele nunca tinha enfrentado um assalto *ao vivo*, pelo menos não assaltantes com armas de fogo de verdade. Ele ia deixar seu pai em casa depois do trabalho neste dia, já que estava empenhado em se entender com seus superiores. Então, seu pai chega a Ryen em um carro que o relatório deixou de mencionar que não era do seu pai. Porque este estava na garagem na casa de vocês, Beate, quando você e sua mãe receberam a notícia, não foi?

Ele podia ver como as veias no seu pescoço se dilatavam, ficando intumescidas e azuis.

— Vai para o inferno, Tom.

— Vem para cá e escuta o pequeno conto de fadas do papai — disse ele apalpando a almofada no sofá ao seu lado. — Porque vou falar bem baixinho, e na verdade acho que você deve ouvir isto.

Instintivamente, ela deu um passo para frente, mas parou.

— OK — disse Tom. — Foi assim, que nesse dia de... quando foi, Beate?

— Foi em junho.

— Eles ouviram a mensagem no rádio, o banco estava pertinho, eles foram para lá e se posicionaram em frente ao banco, armados. O jovem policial e o investigador experiente esperavam reforços ou que os assaltantes saíssem do banco. Até que um dos assaltantes apareceu na porta com o rifle na cabeça da funcionária. Ele gritou o nome do seu pai. O assaltante tinha reconhecido o inspetor Lønn lá fora. Ele grita que não quer machucar a mulher, mas que precisa de um refém. E que se Lønn quiser trocar de lugar, está OK para eles. Mas tem que deixar a arma e entrar sozinho no banco para fazer a troca. E seu pai, o que ele fez? Ele pensou. Precisava pensar rápido. A mulher estava em estado de choque. As pessoas morrem de choque. Ele pensou na própria mulher, sua mãe. Um dia de junho, sexta-feira, logo seria fim de semana. E o sol... o sol brilhava, Beate?

Ela balançou a cabeça, afirmando.

— Ele pensou em como deveria estar quente dentro da agência. O estresse. O desespero. Então se decidiu. O que decidiu? O que ele decidiu, Beate?

— Ele entrou. — A voz sussurrante dela estava grossa de choro.

— Ele entrou. — Waaler baixou a voz. — O inspetor Lønn entrou e o jovem policial ficou esperando. Esperando reforços. Esperou a mulher sair. Esperou que alguém dissesse a ele o que fazer, ou que fosse apenas um sonho ou um treinamento, e que ele pudesse ir para a casa, porque é sexta-feira e o sol está brilhando. Em vez disso escutou... — Waaler produziu um som ao bater a língua no céu da boca. — Seu pai cai contra a porta de saída que se abre e fica deitado meio para fora. Com seis tiros no peito.

Beate se encolhe na cadeira.

— O jovem policial vê o inspetor deitado na porta e entende que não é um treinamento. Ou um sonho. Que eles têm uma metralhadora de verdade e matam policiais a sangue-frio. Ele nunca havia sentido tanto medo em sua vida, nem antes, nem depois. Já havia lido sobre coisas assim, tirava boas notas em Psicologia. Mas alguma coisa já havia se rompido. Ele se lembrou do pânico que descreveu tão bem no exame. Sentou-se no carro e foi embora. Ele andou, andou até chegar em casa, e sua esposa, com quem acabara de se casar, veio para a escada, e estava zangada porque chegou tarde para o jantar. E ele fica reto feito um menino na escola, recebe a reprimenda e promete que isso não vai se repetir. E então vão jantar. Depois do jantar, assistem a TV, e um repórter diz que um policial foi morto durante um assalto a banco. Seu pai estava morto.

Beate escondeu o rosto nas mãos. Tudo voltou. Aquele dia todo. Com o sol redondo, meio perplexo no céu incompreensivelmente limpo. Ela também tinha achado que era um sonho.

— Quem seria o assaltante? Quem é que saberia o nome do seu pai, que conheceria todos que trabalham com roubos, que sabia que, dos dois policiais lá fora, era o inspetor Lønn que representava uma ameaça? Quem poderia ser tão frio e estratégico, colocando seu pai em frente a uma escolha em que ele saberia o que fazer? Para que ele pudesse matá-lo e depois fazer o que quisesse com o jovem policial morrendo de medo? Quem seria, Beate?

As lágrimas rolaram entre seus dedos.

— Ras... — ela fungou.

— Não escutei, Beate.

— Raskol.

— Raskol, sim. E só ele. Porque seu parceiro estava irado. São assaltantes, não assassinos, ele diz. E ele foi tão burro que ameaçou Raskol dizendo que iria se entregar e delatá-lo. Por sorte, conseguiu fugir para o exterior antes de Raskol o pegar.

Beate soluçava. Waaler esperou.

— Sabe o que é o mais engraçado? É que você se deixou enganar pelo assassino do seu pai. Igual ao seu pai.

Beate levantou o olhar.

— O que... Que quer dizer?

Waalder deu de ombros.

— Vocês estão pedindo para Raskol apontar um assassino. Ele está à procura de uma pessoa que ameaçou testemunhar contra ele em um caso de assassinato. O que ele faz? Naturalmente vai apontar esse cara.

— Lev Grette? — Ela enxugou as lágrimas.

— Por que não? Para que vocês ajudassem a encontrá-lo. Li que encontraram Grette pendurado numa corda. Que ele tinha cometido suicídio. Sei não, não juraria que foi assim. Não estou certo de que não foi alguém que simplesmente se antecipou a vocês.

Beate pigarreou.

— Você está esquecendo algumas coisas. Primeiro encontramos uma carta de despedida. Lev não deixou muitas coisas por escrito, mas conversei com seu irmão, que encontrou um par de cadernos escolares de Lev no sótão em Diesengrenda. Eu os levei para Jean Hue, o perito em caligrafia da Criminalística, que confirmou que a caligrafia na carta era de Lev. Segundo, Raskol está atrás das grades. Não parece que ele está disposto a matar para evitar cumprir pena.

Waalder acenou a cabeça discordando.

— Você é uma menina esperta, como seu pai, falta-lhe *insight* psicológico. Você não entende como o cérebro de criminosos funciona. Raskol não está na prisão. Ele está apenas temporariamente estacionado na prisão. Uma pena por assassinato mudaria tudo. E, nesse meio-tempo, você o protege. E ao seu amigo Harry Hole.

Ele se inclina para a frente e coloca a mão no braço dela.

— Seu pai não cometeu um erro. E Harry está cooperando com a pessoa que o matou. Então, o que vai fazer? Vamos encontrar Harry juntos?

Beate cerrou os olhos e espremeu a última lágrima. Depois abriu os olhos novamente. Waalder estendeu um lenço, que ela aceitou.

— Tom — disse. — Preciso lhe esclarecer uma coisa.

— Não será preciso. — Waalder acariciou a mão dela. — Eu entendo. É um conflito de lealdade. Apenas pense no que seu pai teria feito. Profissionalismo, não é?

Beate o encarou, pensativa. Depois acenou com a cabeça devagar. Ele respirou fundo. No

mesmo instante, o telefone começou a tocar.

— Não vai atender? — perguntou Waaler depois de tocar três vezes.

— É minha mãe — disse Beate. — Eu vou ligar de volta daqui a trinta segundos.

— Trinta segundos?

— É o tempo que leva para eu explicar a você que se eu soubesse onde estava Harry, você seria a última pessoa a quem eu contaria. — Ela estendeu o lenço. — E para você colocar os sapatos e se mandar.

Tom Waaler sentiu a raiva subir como um raio pelas costas e pela nuca. Ele levou mais alguns segundos apenas para curtir o sentimento antes de pegar Beate com um braço e puxá-la por baixo de si. Ela arfou e tentou resistir, mas ele sabia que ela havia sentido a ereção dele e que os lábios que ela mantinha fechados com tanto esforço logo se abririam.

Depois de chamar seis vezes, Harry desligou e saiu da cabine telefônica, deixando a garota atrás dele entrar. Ele virou as costas para a rua Kjølberg e, ao vento, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em direção ao estacionamento e aos trailers. No fundo era cômico. Ali estava ele — apenas a dois passos da Criminalística em uma direção, do Quartel General na outra e dos trailers na terceira. Vestindo um terno de ciganos. Era de morrer de rir.

Harry batia os dentes de tanto frio. Ele se virou de lado quando um carro da polícia veio descendo uma rua de passagem movimentada, no momento deserta. Não conseguia dormir. E não aguentava mais ficar deitado inativo enquanto o tempo trabalhava contra ele. Amassou a ponta do cigarro com o calcanhar e ia entrar quando viu que a cabine estava livre de novo. Ele olhou o relógio. Quase meia-noite. Estranho ela não estar em casa. Será que estava dormindo e não deu tempo de atender antes de ele desligar? Discou o número de novo. Ela atendeu no primeiro toque.

— Beate.

— É Harry. Eu acordei você quando liguei?

— Eu... sim.

— Desculpe. Quer que eu ligue amanhã?

— Não, pode falar agora.

— Está sozinha?

Seguiu-se uma pausa.

— Por que está perguntando?

— Você está com uma voz... Não, esqueça. Descobriu alguma coisa?

Ele a ouviu engolir como estivesse tentando recuperar o fôlego.

— Weber verificou as impressões digitais no copo. E a maioria é sua. As análises dos restos do copo devem estar prontas em dois dias.

— Muito bom.

— E quanto ao PC em seu depósito no porão, descobriram que tem um software Iliá em que você pré-programa a data e hora de enviar um e-mail. A última alteração feita nos e-mails é do dia em que Anna Bethsen morreu.

Harry não sentia mais o vento gelado.

— Isso quer dizer que os e-mails que você recebeu estavam prontos no PC quando ele foi colocado no seu depósito — disse Beate. — Isso explica por que o seu vizinho paquistanês já havia visto o PC lá fazia tempo.

— Quer dizer que estava lá trabalhando por conta própria o tempo todo?

— Plugados na tomada, tanto o PC como o celular estavam funcionando sem problemas.

— Que merda! — Harry bateu na testa. — Mas isso só pode significar que a pessoa que pré-programou a máquina previu todo o curso dos acontecimentos. Que a coisa toda é um teatro de marionetes. E nós somos as marionetes.

— É o que parece. Harry?

— Estou aqui. Só preciso digerir isso tudo. Quero dizer, preciso esquecer, é coisa demais de uma só vez. E o nome da firma que eu lhe dei?

— O nome da firma, claro. O que faz você pensar que já fiz algo a respeito?

— Nada. Até você dizer o que disse agora.

— Não disse nada.

— Não, mas usou um tom de voz promissor.

— É?

— Encontrou algo, não é?

— Encontrei.

— Desembucha.

— Liguei para a firma de contabilidade que a Chaveiros AS usa e consegui que uma mulher me enviasse o número de identidade do pessoal de lá. Quatro trabalham o dia todo, e dois em meio expediente. Passei tudo pelo registro penal e pelo registro criminal geral. Cinco têm a fixa limpa. Mas um dos caras lá...

— Sim?

— Eu tinha que rolar o texto na tela para poder ver tudo. A maior parte foi por drogas. Ele foi acusado de vender heroína e morfina, mas só cumpriu pena por portar uma quantidade pequena de haxixe. Também ficou preso por arrombamento e dois roubos com agravante.

— Violência?

— Ele usou uma pistola em um dos roubos. Não atirou, mas a arma estava carregada.

— Perfeito. Este é o nosso homem. Você é um anjo. Como ele se chama?

— Alf Gunnerud. Trinta e dois anos, solteiro. Mora na rua Thor Olsen, número 9. Sozinho, parece.

— Repete o nome e o endereço.

Beate repetiu.

— Hum. Incrível que Gunnerud tenha conseguido emprego em um chaveiro com uma ficha dessas.

— Há um Birger Gunnerud registrado como dono da loja.

— Exato. Entendo. Tem certeza de que está tudo bem?

Pausa.

— Beate?

— Está tudo bem, Harry. O que está pensando em fazer?

— Estou pensando em fazer uma visita ao apartamento dele, ver se acho algo de interessante. Eu ligo de lá para você poder mandar um carro e recolher as provas de acordo com o regulamento.

— Quando vai para lá?

— Por que está perguntando?

Nova pausa.

— Para saber se estarei em casa quando você ligar.

— Às onze, amanhã. Com sorte ele estará trabalhando nesta hora.

Quando Harry desligou, ficou olhando o céu noturno cheio de nuvens, um arco como se fosse uma abóbada por cima da cidade. Ele tinha ouvido uma música no fundo. Bem de leve. Mas foi o suficiente:

I only want to see you bathing in the purple rain.

Ele colocou outra ficha no telefone e ligou para a telefonista.

— Preciso do número do telefone de Alf Gunnerud...

O táxi deslizou silencioso como um peixe preto através da noite, passando por cruzamentos, sob a luz dos postes e placas apontando para o Centro.

— Não podemos continuar a nos encontrar dessa maneira — disse Øystein. Ele olhou pelo retrovisor e viu Harry vestir o pulôver preto que trouxera de casa para ele.

— Lembrou-se do pé de cabra?

— Está no porta-malas. E se o cara estiver em casa?

— As pessoas que estão em casa costumam atender ao telefone.

— Mas e se ele chegar enquanto você estiver no apartamento?

— Então você faz como eu falei: dois toques curtos na buzina.

— Está bem, mas não faço ideia de como é o cara.

— Por volta dos trinta — disse. — Se você vir um cara assim entrar no número nove, buzone.

Øystein parou embaixo de uma placa “proibido estacionar” na rua que parecia um intestino sobrecarregado e poluído em que na página 265 do livro empoeirado *Os fundadores da Cidade IV* no prédio vizinho, na Deichmanske Bibliotek, era descrita como “uma rua insignificante e desinteressante que porta o nome de rua de Thor Olsen”. Mas, justo nesta noite, tudo isso estava perfeito para Harry. O barulho, os carros passando e a escuridão iriam camuflá-lo e ninguém repararia em um táxi à espera.

Harry enfiou o pé de cabra dentro da manga da jaqueta de couro e atravessou a rua com rapidez. Para o seu alívio, viu que havia pelo menos vinte campainhas no número nove. Daria a ele várias possibilidades se o blefe não desse certo nas primeiras tentativas. O nome de Alf Gunnerud era o segundo à direita. Ele olhou para a fachada do prédio no lado direito. Estava

escuro nas janelas do quinto andar. Harry tocou a campainha no primeiro andar. Uma voz sonolenta de mulher atendeu.

— Oi. Vou para o Alf — disse Harry. — Mas acho que a música está tão alta que não estão escutando a campainha. Alf Gunnerud. O chaveiro do quinto andar. Poderia fazer o favor de abrir para mim?

— Já passa da meia-noite.

— Sinto muito, minha senhora. Vou cuidar para que Alf abaixe o som.

Harry esperou. E ouviu zunir a fechadura.

Fez três degraus a cada passo. No quinto andar ficou parado, escutando, mas só ouviu seu próprio coração batendo com força. Ele tinha duas portas para escolher. Numa tinha um pedaço de papelão azul colado escrito Andersen com caneta Pilot. Na outra porta não havia nada escrito.

Esta era a parte mais crítica do plano. Uma fechadura simples podia ser arrombada sem acordar a todos no corredor, mas se Alf tivesse usado todo o arsenal do Chaveiro AS, Harry teria problemas. Ele esquadrinhou a porta de cima a baixo. Nenhum adesivo da Falken nem de outras centrais de alarme. Nenhuma fechadura à prova de broca. À prova de gazuva. Cilindros gêmeos com fileiras de pinos duplos. Apenas uma velha fechadura de cilindro Yale. Em outras palavras, moleza.

Harry esticou a manga da jaqueta de couro e pegou o pé de cabra com a mão. Hesitou antes de colocar a ponta logo abaixo da fechadura. Como se parecesse fácil demais. Mas não havia tempo para pensar e ele não tinha escolha. Não quebrou a porta, mas forçou-a de lado, na direção das dobradiças, de forma que conseguiu colocar o cartão de banco de Øystein atrás da mola no mesmo instante em que a lingueta deslizou um pouco para fora da boca da moldura. Colocou peso no pé de cabra, a porta saiu um pouquinho para fora e ele colocou o pé no meio. A porta rangeu nas dobradiças e ele deu um empurrão no pé de cabra ao mesmo tempo que puxou o cartão para si. Deslizou para dentro e fechou a porta. A operação toda levou oito segundos.

O zunido de uma geladeira e os risos de um seriado cômico no vizinho. Harry tentou respirar fundo e com calma enquanto prestava atenção a todos os ruídos na escuridão. Ele ouvia os carros na rua e sentiu uma corrente de ar gelado em direção à porta. As duas coisas indicavam que as janelas do apartamento eram velhas. Mas o mais importante: nenhum ruído indicando que havia alguém em casa.

Ele encontrou o interruptor. O corredor da entrada precisava urgentemente de uma plástica. A sala de uma reforma completa. A cozinha estava condenável. E a mobília no apartamento explicava a segurança relaxada. Ou melhor — a falta de mobília. Porque Alf Gunnerud não tinha nada, sequer um aparelho de som para justificar Harry ter que pedir para abaixar o volume. Os únicos indícios de que havia alguém morando no lugar eram duas cadeiras de praia, uma mesa de centro pintada de verde, roupas espalhadas em todo lugar e uma cama com um edredom, mas sem lençol.

Harry colocou as luvas de lavar louças que Øystein trouxe e carregou uma das cadeiras de praia para a entrada. Ele a colocou em frente ao armário que ia até o teto, esvaziou a cabeça de pensamentos e subiu com cuidado. No mesmo instante, o telefone tocou. Harry tentou se

apoiar, a cadeira se fechou e ele tombou no chão com um estrondo.

Tom Waaler estava com um péssimo pressentimento. A situação não tinha a previsibilidade que ele sempre tentava almejar. Já que sua carreira e seu futuro não estavam apenas nas próprias mãos, mas também nas mãos das pessoas com quem ele se aliava, o fator humano era um risco que ele sempre tinha que levar em conta. E o péssimo pressentimento vinha do fato de que ele no momento não sabia se podia confiar em Beate Lønn, Rune Ivarsson ou — mais grave ainda — no homem que era sua principal fonte de dinheiro: o Valete.

Quando chegou aos ouvidos de Tom que a Prefeitura começara a pressionar o chefe de polícia para prender o Magarefe depois do assalto na rua Grønlandsleiret, ele mandou o Valete sumir por uns tempos. Combinaram num lugar que o Valete já conhecia. Pattaya tinha a maior concentração de criminosos ocidentais procurados no Oriente e ficava a apenas duas horas de carro de Bangcoc. Como um turista branco, o Valete desapareceria na multidão. O Valete chamara Pattaya de “A Sodoma da Ásia”, por isso Waaler não entendeu por que ele de repente reapareceu em Oslo e disse que não aguentava mais aquele lugar.

Waaler parou no sinal vermelho na rua Ueland e ligou a seta à esquerda. Um pressentimento ruim. O Valete fizera o último assalto sem combinar com ele antes, e isso era um descumprimento grave das regras. Talvez algo devesse ser feito.

Ele tinha acabado de ligar para a casa do Valete, mas ninguém atendeu. O que podia significar tudo e nada. Podia, por exemplo, significar que ele estava no chalé em Tryvann elaborando os detalhes para o assalto a uma transportadora de valores, sobre o qual já haviam conversado. Ou estaria verificando o equipamento — roupas, armas, rádio da polícia, plantas. Mas também poderia ser um sinal de que tivera uma recaída e estaria balançando a cabeça em um canto da casa com uma seringa pendurada no antebraço.

Waaler passava devagar pela ruazinha escura e suja onde morava o Valete. Um táxi estava esperando no outro lado da rua. Waaler olhou para as janelas do apartamento. Estranho, a luz estava acesa. Se o Valete tivesse voltado a usar drogas, o inferno estaria só começando. Entrar no seu apartamento seria fácil, o Valete só tinha uma fechadurazinha de merda. Waaler olhou o relógio. A visita na casa de Beate o excitara, e ele sabia que não iria conseguir dormir nas primeiras horas. Melhor dar umas voltas por aí, fazer umas ligações, ver o que iria acontecer.

Waaler aumentou a voz do Prince, acelerou e entrou na rua de Ullevål.

Harry estava na cadeira de praia com a cabeça nas mãos, o quadril doendo e nem um fiapo de prova de que Alf Gunnerud fosse o homem. Só levou vinte minutos para revistar os poucos pertences no apartamento, tão poucos que dava para suspeitar que Gunnerud na verdade morava noutro lugar. No banheiro, Harry encontrou uma escova de dentes, um tubo de pasta de dentes Solidox e um pedaço de sabonete de marca não identificável no fundo de uma saboneteira. Além de uma toalha, que talvez tenha sido branca um dia. E só. Nada mais. E era essa a sua chance.

Harry estava com vontade de chorar. De bater a cabeça na parede. De quebrar o gargalo

de uma garrafa de Jim Beam e beber álcool e cacos de vidro. Pois só podia ser Gunnerud. De todos os indícios contra uma pessoa, havia um que estatisticamente era superior a todos — penas e acusações anteriores. O caso gritava Gunnerud. Na ficha dele constavam uso de drogas e porte de armas, e, trabalhando para um chaveiro, ele podia pedir as multichaves que quisesse, por exemplo, para o apartamento de Anna. E de Harry.

Ele foi à janela. Pensou em como tinha andado em círculos, seguindo o manuscrito de um homem louco à risca. Mas não havia mais instruções, nem réplicas. A lua surgiu em um rasgo entre as nuvens parecendo um comprimido meio mastigado, o que tampouco servia como alento.

Fechou os olhos. Concentrou-se. O que viu no apartamento que serviria para o próximo passo, que pista perdera? Revisitou o apartamento em sua mente, pedaço por pedaço.

Depois de três minutos desistiu. Já era. Não havia nada ali.

Ele checkou se tudo estava como antes e desligou a luz da sala. Entrou no banheiro, se colocou em frente à privada e abriu o zíper. Esperou. Meu Deus, agora nem isso estava conseguindo. Então relaxou e suspirou cansado. Deu a descarga, a água jorrou e no mesmo instante ele congelou. Foi uma buzina que ouviu por cima da descarga? Foi para a entrada e fechou a porta do banheiro para ouvir melhor. Aí. Um toque de buzina curto e forte da rua. Gunnerud estava a caminho! Harry já estava na porta quando a ficha caiu. É claro que a ficha só caiu agora, quando era tarde demais. O barulho da água. *O Poderoso Chefão*. A pistola. *“Meu lugar favorito.”*

— Merda, merda!

Harry voltou correndo para o banheiro, pegou o botão da tampa da descarga e começou a desatarraxar freneticamente. Roscas vermelhas de ferrugem ficaram visíveis. — Mais rápido — sussurrou, girou a mão e sentiu o coração acelerar enquanto a maldita barra girava sem parar com um ruído lamentoso, mas sem querer soltar. Ouviu uma porta bater no corredor em um andar embaixo. Então a barra se soltou e ele levantou a tampa da descarga. O som oco de porcelana contra porcelana ribombou no lusco-fusco enquanto a água ainda subia. Harry enfiou a mão e passou os dedos contra uma camada grossa de limo. Mas que merda? Nada? Ele virou a tampa. Lá estava. Colado com fita. Respirou fundo. Conhecia cada dente, ponta e depressão da chave embaixo de uma das faixas de fita adesiva brilhosa. Era do portão, porão e apartamento de Harry. A foto colada ao lado era igualmente familiar. A foto de cima do espelho que desapareceu. A irmã de Harry sorria e Harry tentava mostrar valentia. Bronzeados, felizes e inocentes. Mas Harry não conhecia o pó branco no saco plástico que estava colado com três pedacinhos de fita preta isolante, mas estava disposto a apostar que se tratava de morfina de diacetil, mais conhecida como heroína. Muita heroína. Heroína para seis anos, no mínimo. Harry não tocou em nada, colocou a tampa de volta e começou a atarraxar enquanto ouviu os passos. Como Beate salientou, as provas não valeriam nada se descobrissem que Harry estivera no apartamento sem a ordem de busca. A tampa estava no lugar e ele correu para a porta de saída. Não tinha escolha — abriu e foi para as escadas. Pés estavam se arrastando para cima. Ele fechou a porta com cuidado, espiou pelo corrimão e viu uma cabeleira escura e densa. Em cinco segundos veria Harry. Mais três passos largos, subindo a escada, seriam o suficiente para tirar Harry de vista.

O jovem rapaz parou de repente ao ver Harry sentado na escada na sua frente.

— Oi Alf — disse Harry e olhou o relógio. — Estava esperando por você.

O rapaz o olhou com olhos esbugalhados. O rosto pálido e sardento estava emoldurado por cabelos oleosos e na altura do ombro com cachos ao lado das orelhas. Não se parecia com um assassino durão, mas sim com um menino com medo de levar uma surra.

— O que você quer? — perguntou o rapaz com voz alta e fina.

— Que venha comigo até a delegacia.

O rapaz reagiu instantaneamente. Ele se virou, pegou no corrimão e pulou para o lance de escada embaixo.

— Hei — gritou Harry, mas o rapaz já havia se mandado. Os golpes surdos e pesados dos seus pés a cada quinto ou sexto degrau ecoaram para cima.

— Gunnerud!

A única resposta foi o estrondo da porta da entrada batendo.

Ele apalpou o bolso interno antes de se lembrar de que estava sem cigarros. Então se levantou e desceu sem pressa. Era a vez da cavalaria.

Tom Waaler abaixou o som, catou o celular sibilante do bolso, apertou o botão verde e segurou o telefone ao ouvido. Do outro lado ouviu uma respiração rápida e trêmula e o trânsito.

— Alô — disse a voz. — Está aí? — Era o Valete. Parecia amedrontado.

— O que foi, Valete?

— Ah, meu Deus, você está aí. A Bruxa está solta. Você precisa me ajudar. Rápido.

— Não preciso nada. Responde a pergunta.

— Eles nos descobriram. Tinha um policial na escada me esperando quando voltei para casa.

Waler parou em frente à faixa de pedestres antes de Ringveien. Um velho cruzou a rua com passos estranhos e curtos. E muito devagar.

— O que ele queria? — perguntou Waaler.

— O que você acha? Me prender, é claro.

— E por que não está preso?

— Fui muito rápido. Me mandei. Mas estão atrás de mim, já passaram três carros da polícia por aqui. Está ouvindo? Vão me pegar se não...

— Não grita no telefone. Onde estavam os outros policiais?

— Eu não vi outros, eu apenas corri.

— E conseguiu escapar tão fácil assim? Tem certeza de que o cara era policial?

— Claro, era ele!

— Ele quem?

— O Harry Hole. Há poucos dias ele passou na loja de novo.

— Você não me contou nada disso.

— É uma loja de chaves! Há policiais lá o tempo todo!

O sinal ficou verde. Waaler buzinou para o carro na frente.

— OK, a gente fala disso depois. Onde está agora?

— Estou em uma cabine telefônica em frente ao eh... ao Tribunal. — Ele riu nervoso. — E não gosto muito desse lugar.

— Tem algo no seu apartamento que não devia estar lá?

— Está limpo. Todo o equipamento está no chalé.

— E você, também está limpo?

— Sabe muito bem que estou sóbrio. Você vem ou não? Merda, meu corpo inteiro está tremendo.

— Relaxe, Valet. — Waaler calculou quanto tempo precisava. Tryvann. O Departamento de Polícia. Centro. — Pense nisso como um assalto a banco. Vou lhe dar uma bolinha quando chegar.

— Parei, já disse. — Ele hesitou. — Não sabia que você andava com bolinhas, Príncipe.

— Sempre.

Pausa.

— O que é que você tem?

— *Mothers arms*. Rohypnol. Tem aquela pistola Jericho que eu lhe dei?

— Sempre.

— Ótimo. Então preste atenção. Vamos nos encontrar no cais no lado leste do Havnelageret. Estou um pouco longe, me dê uns quarenta minutos.

— Do que está falando? Tem que vir para cá! Agora!

Waaler ficou ouvindo a respiração ofegante, sem responder.

— Se eles me pegarem, vou levar você comigo. Espero que saque isso, Príncipe. Vou delatar você se sobrar para mim, não pretendo cumprir pena por você se você não...

— Parece que entrou em pânico, Valet. E não estamos precisando de pânico agora. Que garantia eu tenho de que você já não está preso e que isso é uma armadilha para me ligar a você? Sacou agora? Vai estar sozinho e ficar embaixo de uma lâmpada para que eu possa ver bem quando chegar.

O Valet gemeu.

— Merda! Merda!

— Então?

— Tá. Tá legal. E vê se traz aquelas bolinhas. Merda!

— No Havnelageret daqui a quarenta minutos. Embaixo da lâmpada.

— Não se atrase.

— Espere, tem mais. Vou estacionar um pouco longe de você e, quando eu avisar, você vai segurar a pistola no ar para que eu possa vê-la bem.

— Por quê? Paranoia?

— Vamos dizer que a situação está um pouco nebulosa no momento e não quero correr nenhum risco. Apenas faça o que digo.

Waaler desligou e olhou o relógio. Deu uma volta inteira no botão do volume. Guitarras. Delicioso barulho branco. Deliciosa raiva branca.

Virou e entrou no posto de gasolina.

Bjarne Møller pisou por cima da soleira da porta e deu uma olhada ao redor na sala com uma expressão desaprovadora.

— Aconchegante, não é? — disse Weber.

— Disseram que foi um velho conhecido?

— Alf Gunnerud. Pelo menos o apartamento está no nome dele. Temos um monte de impressões digitais e logo saberemos se são dele. Vidro. — Ele apontou para um homem jovem que passava um pincel na janela. — As melhores impressões são sempre encontradas em vidro.

— Desde que começaram a colher impressões, vocês encontraram outra coisa aqui?

Weber apontou para um saco plástico junto com outros objetos que estavam em um cobertor no chão. Møller se sentou de cócoras e botou o dedo no rasgo do saco.

— Hum. Parece heroína. Deve ser pelo menos meio quilo. E o que é isso aqui?

— Uma foto de duas crianças que a gente ainda não sabe quem são. E uma chave Trioiving que com certeza não cabe na porta daqui.

— Se for uma multichave, a Trioiving pode saber quem é o dono. Tem algo familiar no menino da foto.

— Foi o que pensei também.

— Girus fusiforme — disse uma voz de mulher atrás deles.

— Senhorita Lønn — cumprimentou Møller com surpresa. — O que a Roubo e Furtos está fazendo aqui?

— Fui eu que recebi a dica de que tinha heroína aqui. E me pediram para chamá-lo.

— Então tem delatores no meio dos viciados também?

— Assaltantes e viciados, uma grande família feliz, você sabe.

— Quem é o delator?

— Não faço ideia. Ele me ligou depois que fui dormir. Não quis dizer seu nome ou como sabia que eu era policial. Mas o palpite era concreto e detalhado o bastante para eu decidir acordar os nossos juristas.

— Hum — disse Møller. — Drogas. Já tem ficha na polícia. Risco de perda de provas. Você acendeu a luz verde de imediato, imagino.

— Sim.

— Eu não vejo nenhum corpo, por que fui chamado?

— Porque o delator me deu mais uma dica.

— Ah, é?

— Parece que Alf Gunnerud conhecia Anna Bethsen intimamente. Tanto como amante, quanto como fornecedor de drogas. Até ela o deixar de repente por causa de outro, enquanto ele estava cumprindo pena. O que acha disso, Møller?

Møller olhou para ela.

— Estou feliz — disse, com o rosto inexpressivo. — Mais feliz do que você pode imaginar. Ele continuou olhando para ela e por fim ela teve que baixar os olhos.

— Weber — disse ele. — Quero que isole o apartamento e chame todo o pessoal que tiver. Temos um trabalho a fazer.

Glock



Stein Thommesen já trabalhava há dois anos como policial no plantão do setor criminal. Seu desejo era se tornar investigador e o sonho era se tornar um perito criminal. Ter horário de trabalho fixo, seu próprio escritório e um salário melhor do que o de inspetor. Chegar em casa e contar a Trine sobre uma interessante problemática profissional que ele e uma legista na Homicídios discutiram e que ela acharia profundamente complicada e incompreensível. Enquanto isso fazia plantões ganhando um salário de merda, acordava morrendo de sono mesmo depois de dez horas na cama, e quando Trine disse que ela não estava pensando em viver assim para o resto da vida, ele tentou explicar o que acontecia com você quando seu dia consistia em levar adolescentes com overdose para a emergência, explicar a crianças que ele tinha que levar o papai porque ele tinha dado uma surra na mamãe, além de receber merda de todas as pessoas que odiavam o uniforme que usava. E Trine levava os olhos ao céu, como se dissesse “já ouvi isso antes”.

Quando o inspetor Tom Waaler da Homicídios chegou na sala de segurança e perguntou a Stein Thommesen se podia ir junto para capturar um cara procurado, a primeira impressão de Thommesen foi a de que Waaler talvez pudesse dar algumas dicas a ele a respeito de como proceder para se tornar um investigador.

Quando mencionou isso no carro indo pela rua Nyland em direção ao cruzamento, Waaler sorriu e disse que era só anotar algumas coisas em uma folha de papel, não era mais difícil

que isso. E talvez ele — Waaler — poderia dar algumas dicas também.

— Isso seria... muito bom. — Thommesen se perguntou se ele iria agradecer, ou se podia parecer bajulação. Ainda não tinha muita coisa para agradecer. Mas pelo menos não ia se esquecer de contar a Trine que ele tinha gente influente trabalhando para ele. É, era exatamente isso que ele ia dizer. E depois mais nada. Faria segredo até ele eventualmente ser chamado.

— Que tipo de cara vamos pegar? — perguntou.

— Estava patrulhando e escutei no rádio que encontraram heroína na rua Thor Olsen. Alf Gunnerud.

— É, ouvi sobre isso no plantão. Quase meio quilo.

— E, logo depois, um cara me ligou e entregou que viu Gunnerud perto do cais.

— Os informantes estão animados esta noite. Foi uma ligação anônima que levou à heroína também. Pode ser coincidência, mas é estranho que duas informações anônimas...

— Talvez seja o mesmo informante — interrompeu Waaler. — Talvez alguém que esteja atrás de Gunnerud, alguém que ele fodeu ou algo assim.

— Talvez...

— Então, quer se tornar investigador? — disse Waaler e Thommesen achou que podia ouvir um toque de irritação na voz. Saíram do cruzamento para a área das docas. — É, dá para entender. É outra coisa. Já pensou em que departamento?

— Homicídios — respondeu Thommesen. — Ou Roubos. Abusos sexuais, não.

Cruzaram uma área escura e aberta com contêineres empilhados e um grande prédio cor-de-rosa no fundo.

— O cara que está sob a lâmpada, ali, combina com a descrição — disse Waaler.

— Onde? — perguntou Thommesen e se esforçou para ver.

— Ali, em frente ao prédio.

— Nossa, você tem uma visão incrível!

— Está armado? — perguntou Waaler e diminuiu a velocidade.

Thommesen olhou para Waaler com surpresa.

— Você não disse nada sobre...

— Tudo bem, eu estou. Fique no carro para chamar outros carros caso ele nos dê problemas. OK?

— OK. Tem certeza de que a gente não devia chamar...

— Não temos tempo. — Waaler ligou os faróis altos e parou o carro. Thommesen calculou que a distância da silhueta sob a lâmpada era de 50 metros, mas medições posteriores mostrariam que a distância exata era 34 metros.

Waaler carregou a pistola — uma Glock 20 que ele requisitou e conseguiu autorização especial para portar —, pegou uma lanterna grande e preta que estava entre os bancos da frente e desceu do carro. Ele começou a andar ao encontro do homem, enquanto gritava. Nos respectivos relatórios dos dois policiais sobre o que aconteceu, houve uma discordância exatamente sobre esse ponto. O relatório de Waaler dizia que ele tinha gritado “Polícia! Mostre-as!”... Queria dizer, subentendido, me mostre as mãos por cima da cabeça. O promotor público estava de acordo que havia justificativa para acreditar que uma pessoa que já

foi condenada e que esteve presa várias vezes estaria familiarizada com esse tipo de gíria. E, de qualquer modo, o inspetor-chefe Waaler tinha deixado bem claro que ele era da polícia. O relatório de Thommesen inicialmente dizia que Waaler teria gritado “Oi, é o seu amigo policial. Me mostra ela.” Depois de uma troca de ideias entre Thommesen e Waaler, Thommesen disse que a versão de Waaler provavelmente era a mais correta.

Sobre o que aconteceu em seguida, não havia nenhuma discordância. O homem sob a lâmpada reagiu enfiando a mão dentro do casaco e tirando uma pistola Glock 23 cujo número serial estava raspado e, portanto, impossível de saber as origens. Waaler — que de acordo com o Sefo, Órgão Especial de Investigação, era um dos melhores atiradores da corporação — gritou e atirou três vezes em rápida sucessão. Dois tiros acertaram Alf Gunnerud. Um no ombro esquerdo, o outro nos quadris. Nenhum foi mortal, mas fez Gunnerud cair para trás e ficar estendido no chão. Waaler então correu para Gunnerud com a pistola levantada enquanto gritou: “Polícia! Não toque na arma senão eu atiro! Não toque na arma, já disse!”

Desse ponto em diante, o policial Stein Thommesen não tinha nada substancial para acrescentar já que ele se encontrava a trinta metros de distância, estava escuro e, além disso, Waaler se movia de uma forma que cobria Gunnerud. Por outro lado não havia nada no relatório de Thommesen — ou nos achados no local — que divergisse dos acontecimentos seguintes do relatório de Waaler: que diziam que Gunnerud pegou a pistola e apontou para ele apesar das advertências, mas que Waaler conseguiu atirar primeiro. A distância entre os dois no momento era de três a quatro metros.

Vou morrer. E não faz sentido. Estou olhando para dentro da boca de uma pistola fumegante. O plano não era esse, pelo menos não o meu plano. Talvez eu estivesse a caminho o tempo todo sem saber. É possível. Mas meu plano não era esse. Meu plano era melhor. Meu plano fazia sentido. A pressão cai na cabine e uma força invisível pressiona as têmporas de dentro pra fora. Alguém se inclina sobre mim e pergunta se estou pronto. Vamos aterrissar agora.

Sussurro que roubei, menti, empurrei drogas, me prostituí e espanquei. Mas nunca matei ninguém. A mulher que machuquei no Grensen foi um tipo de acidente que pode acontecer. As estrelas sob nós brilham através da fuselagem do avião.

— É uma pena... — sussurro. — Contra aquela a quem amava. Isso também pode ser perdoado? Mas a aeromoça já foi e as luzes de aterrissagem se acendem em todos os cantos.

Foi na noite em que Anna disse não pela primeira vez e eu disse sim e abri a porta na marra. Foi a droga mais pura que já tive e a gente não ia estragar a festa fumando dessa vez. Ela protestou, mas eu disse que era por conta da casa e preparei a seringa. Ela nunca tinha pego em uma seringa e fui eu que apliquei a dose. É mais difícil aplicar em outras pessoas. Depois de errar duas vezes, ela me olhou e disse devagar: “Fiquei sem drogas durante três meses. Estava salva.” “Seja bem-vinda de volta”, respondi. Ela então soltou um breve riso e disse: “Eu vou te matar.” Acertei na terceira tentativa. Suas pupilas se abriram devagar como uma rosa preta, as gotas de sangue do antebraço caíram no tapete com

tênués suspiros. Então sua cabeça tombou para trás. No dia seguinte me ligou e queria mais. As rodas gritam contra o asfalto.

Poderíamos ter feito algo bom nessa vida, você e eu. Era esse o plano, foi essa a ideia. A ideia disso aqui eu realmente não sei.

De acordo com o relatório da autópsia, o projétil de 10 milímetros acertou e cortou o osso do nariz de Alf Gunnerud. Pedacos do osso acompanharam a bala através do tecido fino em frente ao cérebro e o chumbo e os ossos destruíram a maior parte do tálamo, do sistema límbico e do cerebelo antes de a bala penetrar no fundo do crânio. Por fim o projétil afundou no asfalto que ainda estava poroso porque dois dias antes havia sido recapeado.

Bonnie Tyler



Era um dia triste, curto e em geral desnecessário. Nuvens cinzentas se arrastavam grávidas de chuva sobre a cidade sem soltar uma gota, e rajadas de vento eventuais farfalhavam nos jornais em frente à banca de Elmer. As manchetes no suporte indicavam que as pessoas estavam se cansando da chamada guerra contra o terrorismo, que havia ganho o tom levemente odioso de promessa eleitoral, além de ter perdido a força, já que ninguém sabia o paradeiro do culpado principal. Algumas pessoas chegaram até a pensar que ele estava morto. Por isso, os jornais recomeçaram a deixar espaço para as estrelas do Big Brother, estrangeiros semifamosos que haviam dito algo bonito sobre algum norueguês ou os planos das férias da família real. A única coisa que quebrou a monotonia rotineira foi um drama com tiros no Havneleret em que um assassino e fornecedor de narcóticos procurado pela polícia levantou a arma contra um policial, mas foi morto antes de ter tempo de atirar. A apreensão de heroína feita no apartamento do morto era substancial — disse o chefe do Departamento de Narcóticos, ao passo que o chefe da Homicídios informou que o morto de 32 anos era suspeito de ter cometido assassinato e ainda estava sob investigação. O jornal que saiu por último acrescentou que os indícios contra o homem, que não era de origem estrangeira, eram fortes. E que o policial envolvido estranhamente era o mesmo que tinha atirado contra o neonazista Sverre Olsen, que morreu em casa em um caso semelhante há pouco mais de um ano. Agora, o policial estava suspenso até que o Sefo concluísse suas investigações, escreveu o jornal, e citou o chefe do setor de Crimes, que disse que isso era rotina nesse tipo de caso e não tinha nada a ver com o caso Sverre Olsen.

Um incêndio no Tryvann também recebeu espaço em uma nota minúscula, porque foi

encontrada uma lata de gasolina não muito longe do chalé totalmente queimado, e por isso a polícia não excluía a possibilidade de que o incêndio tenha sido criminoso. O que não chegou aos jornais foi a tentativa do jornalista de entrar em contato com Birger Gunnerud para perguntar como ele se sentia ao perder o chalé e o filho na mesma noite.

Escurecia cedo e, já pelas três da tarde, as luzes da rua se acenderam.

E uma foto congelada do assalto em Grensen estava tremeluzindo na tela da Casa da Dor quando Harry entrou.

— Conseguiu avançar? — perguntou e acenou com a cabeça para a foto que mostrava o Magarefe a galope.

Beate acenou negativamente com a cabeça.

— Estamos aguardando.

— Ele atacar de novo?

— No momento, ele está em algum lugar planejando outro assalto. Vem no decorrer da próxima semana, acho.

— Parece segura.

Ela encolheu os ombros.

— Experiência.

— Sua?

Ela sorriu sem responder.

Harry se sentou.

— Espero que não tenha sido um contratempo para vocês eu não ter feito o que disse para você no telefone.

Ela franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Que eu ia fazer uma busca no apartamento dele só hoje.

Harry olhou para ela. Ela parecia verdadeiramente perplexa. Por outro lado, Harry não trabalhava no Serviço Secreto. Ele ia dizer algo, mas mudou de ideia. Em vez disso foi Beate que começou a falar:

— Tenho que fazer uma pergunta a você, Harry.

— Fala.

— Você sabia sobre Raskol e meu pai?

— O que está pensando?

— Que foi Raskol que... estava naquele banco. Que foi ele quem atirou?

Harry baixou os olhos. Estudou suas mãos.

— Não — disse ele. — Eu não sabia.

— Mas já imaginava?

Ele levantou o olhar e enfrentou o olhar de Beate.

— A ideia passou pela minha cabeça. É só.

— O que foi que fez você pensar assim?

— Cumpriu pena.

— Cumpriu pena?

Harry respirou fundo.

— De vez em quando, o horror de um crime encobre a visão. Ou a compreensão.

— O que quer dizer?

— Todas as pessoas têm necessidade de pagar pelo que fazem, Beate. Você precisa.

Deus sabe que eu preciso. E Raskol precisa. É tão fundamental como a necessidade de se lavar. Trata-se de harmonia, de um equilíbrio vital em si mesmo. É o equilíbrio que chamamos de moral.

Harry viu que Beate ficou branca. Depois vermelha. Ela abriu a boca.

— Ninguém sabe por que Raskol se entregou à polícia — continuou Harry. — Mas estou convencido de que ele fez isso para pagar por algo. Para uma pessoa que cresceu com a liberdade de viajar como única liberdade, a prisão é a forma máxima de se penitenciar. Roubar vidas é diferente de roubar dinheiro. Imagine que ele tenha cometido um crime que fez com que ele perdesse o equilíbrio. Por isso escolheu se punir em segredo, por si e, caso tenha um, por Deus.

Beate finalmente conseguiu falar:

— Um... assassino... moral?

Harry esperou. Mas não veio mais.

— Uma pessoa com moral é uma que sofre as consequências da sua própria moralidade — ele disse baixinho. — Não da moralidade de outros.

— E se eu tivesse vestido isto? — perguntou Beate com amargura na voz, abriu a gaveta na sua frente e retirou um coldre. — E se eu tivesse me trancado com Raskol em uma das salas de visita e depois dito que ele me atacou e eu atirei em legítima defesa? Vingar o próprio pai e ao mesmo tempo exterminar um verme, seria moral o bastante para você? — Ela bateu com o coldre na mesa.

Harry se inclinou para trás na cadeira e fechou os olhos até ele ouvir que a respiração acelerada dela tivesse se acalmado.

— A questão é o que é moral para você, Beate. Eu não sei por que você trouxe aquele coldre e não pretendo impedir que faça o que quiser fazer.

Ele se levantou.

— Deixe seu pai orgulhoso, Beate.

Ele pegou na maçaneta quando ouviu Beate soluçar atrás de si. Virou-se.

— Você não está entendendo! — disse ela, soluçando. — Pensei que podia... Pensei que fosse uma espécie de... acerto de contas.

Harry ficou parado. Depois empurrou uma cadeira para perto dela, se sentou e colocou a mão na sua bochecha. Suas lágrimas eram quentes e penetraram em sua pele áspera enquanto ela falou.

— A gente se torna policial por ter uma ideia de que tem que haver ordem e equilíbrio nas coisas, não é? Acerto de contas, justiça e coisas assim. E de repente um dia você tem a chance de acertar as contas da maneira que tinha sonhado. Só para descobrir que no fundo não é isso que você quer. — Ela fungou. — Minha mãe uma vez me disse que só tem uma coisa pior do que não satisfazer a vontade. É não sentir nenhuma vontade. O ódio parece ser a última coisa que resta quando se perde todas as outras coisas. E depois isso também é

tirado de você.

Ela varreu a mesa com o braço e o coldre bateu contra a parede com um estrondo oco.

Já estava totalmente escuro quando Harry chegou na rua Sofie e procurou, como sempre, no bolso do casaco pelas chaves. Uma das primeiras coisas que ele fez quando se registrou no Quartel General naquela manhã foi pegar de volta suas próprias roupas da Criminalística, para onde foram trazidas da casa de Albu. Mas a primeira coisa que fez de verdade foi aparecer no escritório de Bjarne Møller. O chefe da Homicídios disse que no geral estava tudo bem em relação a Harry, mas eles precisavam aguardar para ver se alguém daria queixa sobre o roubo na rua Harelabben 16. E que, durante o dia, fariam uma avaliação para determinar eventuais consequências do fato de Harry ter omitido que estivera no apartamento de Anna na noite em que ela morreu. Harry disse que, em uma eventual investigação do caso, evidentemente teria que mencionar o acordo que o chefe de polícia e Møller fizeram com ele, sobre poderes flexíveis em relação à procura do Magarefe, e sobre a benção dada por eles na viagem ao Brasil sem que as autoridades brasileiras fossem informadas.

Bjarne Møller sorriu torto e disse que ele pressupunha que eles iriam chegar à conclusão de que não haveria necessidade de um inquérito, e, o mais provável, que não haveria nenhuma reação.

Estava quieto no corredor. Harry arrancou as fitas de segurança em frente ao apartamento. A janela quebrada estava coberta por uma placa de compensado.

Ele ficou no meio da sala e deu uma olhada geral. Weber explicou que eles tiraram fotos do apartamento antes de começarem a busca para que tudo fosse colocado de volta. Mesmo assim ele não conseguiu evitar a sensação de que mãos e olhos estranhos estiveram ali. Não porque houvesse muitas coisas que queria esconder — algumas cartas de amor impetuosas, mas velhas, um pacote de camisinhas aberto que provavelmente havia passado da validade e um envelope com a foto do corpo de Ellen Gjelten, o que com certeza podia ser visto como perversão. Além de duas revistas pornôis, um disco de Bonnie Tyler e um livro de Suzanne Brøgger.

Harry olhou demoradamente para a luz vermelha piscando na secretária eletrônica antes de apertar o botão. Uma voz familiar de menino encheu o cômodo de forma estranha.

— Oi, aqui somos nós. O julgamento foi hoje. Mamãe está chorando, por isso ela quis que eu lhe contasse.

Harry respirou fundo para se preparar para o pior.

— Nós estamos voltando amanhã.

Harry parou de respirar. Tinha ouvido direito? *Nós* estamos voltando?

— Ganhamos. Devia ter visto as caras dos advogados do meu pai. Mamãe disse que todos pensavam que a gente ia perder. Mamãe, você quer... Não, ela não para de chorar. Agora vamos para o McDonald's para comemorar. Mamãe está perguntando se você vem buscar a gente. Tchau.

Ele escutou Oleg respirar no fone e alguém no fundo assoar o nariz e rir. Depois a voz de

Oleg de novo, mais baixo:

— Vai ser legal se vier, Harry.

Harry se sentou na cadeira. Alguma coisa grande demais pressionou sua garganta e fez as lágrimas saltarem.

Parte VI



O céu estava sem nuvens, mas o vento era frio e o sol pálido não transmitia mais calor. Harry e Aune tiveram que levantar as lapelas e desceram juntos pela alameda de videiros já despidos para o inverno.

— Eu disse para minha mulher com que felicidade você me contou que Rakel e Oleg já tinham voltado para casa — disse Aune. — Ela perguntou se isso significa que vocês vão morar juntos em breve.

Harry apenas deu um sorriso como resposta.

— Há bastante espaço naquela casa dela — continuou Aune pressionando.

— É, a casa tem bastante espaço — disse Harry. — Dê minhas lembranças à sua Karoline com a citação de Ola Bauer.

— “Me mudei para a rua Sorgenfri?”*

— “Mas também não ajudou.”

Eles riram.

— Além do mais, neste momento estou muito concentrado no caso — disse Harry.

— O caso, pois não — disse Aune. — Eu li todos os relatórios como você pediu. Estranho. Muito estranho. Você acorda na sua casa, não lembra de nada e — vupt — está prisioneiro do jogo desse Alf Gunnerud. É claro que vai ser difícil fazer um diagnóstico psicológico *post-mortem*, mas ele é de fato um caso interessante. Sem dúvida inteligente e talentoso. Quase

um artista, pois não deixa de ser uma obra o plano que ele conseguiu bolar. Mas tem algumas coisas que gostaria de saber. Li as cópias dos e-mails que ele enviou para você. No começo, ele contava com o seu blecaute. Isso deve significar que ele viu você deixar o apartamento embriagado e apostou que você não ia se lembrar de nada no dia seguinte.

— É o que acontece quando se precisa de ajuda para entrar em um táxi. Aposto que ele estava na rua espionando exatamente do jeito que descreveu no e-mail em que me deixou acreditar que era Arne Albu. Provavelmente ele esteve em contato com Anna e sabia que eu viria naquela noite. O fato de eu sair de lá tão embriagado deve ter sido um bônus com o qual ele não contava.

— Então, em seguida entrou no apartamento com uma chave que ele mesmo conseguiu do fabricante pelo Chaveiro AS. E a matou. Com a arma da própria vítima?

— É provável. O número serial estava raspado exatamente como na arma que encontramos com Gunnerud no cais. Weber diz que a maneira como foi raspado indica que a arma vem do mesmo fornecedor. Parece que alguém está fazendo contrabando de armas ilegais em larga escala. A pistola Glock que encontramos na casa de Sverre Olsen, o assassino de Ellen, tinha as mesmas marcas.

— Ele então colocou a pistola na mão direita dela. Mesmo ela sendo canhota.

— Uma isca — disse Harry. — É claro que ele sabia que num momento ou noutro eu ia me engajar no caso, se não por outro motivo, pelo menos para garantir que eu mesmo não fosse envolvido de forma comprometedora. E que eu, ao contrário dos investigadores que não a conheceram, descobriria que era a mão errada.

— E tem aquela foto da senhora Albu com as crianças.

— Para me levar a Arne Albu, seu último amante.

— E, antes de deixar o apartamento, levou o laptop de Anna e o seu celular, que você perdeu no apartamento durante a noite.

— Outro bônus inesperado.

— Quer dizer que esse cérebro previamente bolou um plano intrincado e garantido para atingir de uma só vez sua amante infiel, o homem com quem ela o traiu enquanto ele estava preso e sua paixão antiga ressurgida das cinzas, o policial louro. Mas, além disso, ele começou a improvisar. Ele se aproveitou mais uma vez do emprego no Chaveiro AS para conseguir uma chave para seu apartamento e seu porão. Lá ele colocou o laptop de Anna acoplado a seu celular, que agora tinha uma assinatura anônima de e-mail através de um servidor que não se deixa rastrear.

— Quase não se deixa.

— Sim, esse seu cobra em tecnologia conseguiu desvendar a história. Mas o que ele não descobriu foi que os e-mails que você recebia foram escritos antes e enviados em datas programadas no PC do seu porão, e que o remetente, em outras palavras, havia deixado tudo pronto antes de o laptop e o celular serem colocados no seu depósito. Correto?

— Hum. Já olhou o conteúdo dos e-mails como eu lhe pedi?

— Já. Lendo agora, dá para ver que ao mesmo tempo que visavam a um determinado desenrolar de acontecimentos, eram bastante vagos. É claro que não foi compreendido dessa forma por quem estava bem no meio da situação, mas parece que a pessoa está totalmente

informada e online o tempo todo. Isso ele conseguiu, já que foi ele mesmo que conduziu tudo.

— Bem. Ainda não sabemos se foi Gunnerud que orquestrou o assassinato de Arne Albu. Um colega de trabalho do Chaveiro AS disse que Gunnerud e ele estavam no Velho Major tomando cerveja na hora estimada do assassinato.

Aune esfregou as mãos. Harry não sabia se era por causa do vento frio ou se ele estava apreciando tantas possibilidades e impossibilidades lógicas.

— Vamos partir do pressuposto que foi Gunnerud que matou Albu — disse o psicólogo. — Nesse caso, que destino ele teria planejado para Albu quando levou você até ele? Que Albu fosse condenado? Mas então você estaria livre. Ou vice-versa. Dois homens não podem ser condenados pelo mesmo assassinato.

— Certo — disse Harry. — O que se deve perguntar é o que era mais importante na vida de Arne Albu.

— Brilhante — disse Aune. — Um pai de três filhos que voluntariamente, ou não, coloca um freio nas ambições profissionais. A família, suponho.

— E o que Gunnerud ia conseguir ao desvendar, ou melhor, me deixar descobrir, que Arne Albu continuou encontrando Anna?

— Que sua mulher pegasse as crianças e o deixasse.

— “Porque a pior coisa que se pode fazer a uma pessoa não é tirar sua vida e sim o motivo para viver.”

— Uma boa citação. — Aune balançou a cabeça com apreciação: — De quem é?

— Esqueci — disse Harry.

— Mas a próxima pergunta que tenho que fazer é: O que é que ele queria tirar de você, Harry? O que é que faz a sua vida valer a pena?

Já haviam chegado ao prédio de Anna. Harry demorou a abrir, atrapalhado com as chaves.

— Então? — perguntou Aune.

— Gunnerud me conhecia apenas pelo que Anna contou. E ela me conheceu quando eu não tinha... Bem, nada além do trabalho.

— O trabalho?

— Ele queria me ver atrás das grades. Mas, acima de tudo, ele queria que eu fosse demitido da polícia.

Subiram as escadas em silêncio.

Dentro do apartamento, Weber e seu pessoal tinham terminado suas investigações. Weber estava contente e contou que acharam as impressões de Gunnerud em vários locais, dentre eles, a cabeceira da cama.

— Ele não foi exatamente cuidadoso — disse Weber.

— Ele esteve aqui tantas vezes que vocês achariam as impressões dele de qualquer maneira — disse Harry. — Além disso, ele estava convencido de que nunca seria suspeito.

— Aliás, é interessante a maneira como Albu foi morto — disse Aune enquanto Harry abriu a porta de correr da sala com os retratos e a lâmpada Grimmer. — Enterrado de cabeça para baixo. Em uma praia. Parece bastante ritualístico, como se o assassino quisesse dizer algo sobre ele mesmo. Já pensou sobre isso?

— Não trabalho naquele caso.

— Não foi o que perguntei.

— Bem. Talvez o assassino quisesse dizer algo sobre a vítima...

— O que quer dizer?

Harry ligou a lâmpada Grimmer e a luz caiu nas três pinturas.

— Acabei de me lembrar de algo de quando estudei Direito, a Lei de Gulating do ano 1100 mais ou menos. Lá está escrito que toda pessoa que morre deve ser enterrada em solo sagrado, exceto delinquentes, traidores do rei e assassinos. Estes devem ser enterrados à beira-mar, no ponto de encontro entre a turfa verde e o mar. O local onde Albu foi enterrado não indica que tenha sido um crime passional, como seria se tivesse sido Gunnerud quem o matou. Alguém queria mostrar que Arne Albu era um criminoso.

— Interessante — disse Aune. — Por que vamos ver essas pinturas de novo? São horríveis.

— Tem mesmo certeza de que não vê nada nelas?

— Bem, vejo uma jovem artista pretensiosa com um senso exagerado para o drama e nenhum senso para a arte pitoresca.

— Tenho uma colega que se chama Beate Lønn. Ela não pôde vir porque está em uma conferência de investigadores na Alemanha para falar sobre como é possível reconhecer criminosos mascarados manipulando um pouco as fotos e com um pouco de giro fusiforme. Ela nasceu com um talento especial. É capaz de reconhecer todos os rostos que viu na vida.

Aune acenou com a cabeça.

— Eu sei que existe isso, sim.

— Quando mostrei essas pinturas, ela reconheceu as pessoas nos retratos.

— É? — Aune levantou uma sobrancelha. — Me conte.

Harry apontou.

— Aquele à esquerda é Arne Albu, o do meio sou eu e o último é Alf Gunnerud.

Aune observou os retratos com atenção, ajustou os óculos e tentou diferentes ângulos e distâncias.

— Interessante — murmurou. — Muito interessante. Só vejo formas de cabeças.

— Só queria saber se você, como testemunha especialista, pode aceitar que um reconhecimento desse tipo seja possível. Isso nos ajudaria a ligar Gunnerud ainda mais a Anna.

Aune fez um gesto com a mão.

— Se o que está contando sobre a senhorita Lønn for correto, ela poderia reconhecer um rosto com informações mínimas.

Quando saíram, Aune disse que ele, por interesse profissional, gostaria de conhecer essa Beate Lønn.

— Ela é investigadora, imagino?

— Na Roubo. Trabalhei com ela no caso do Magarefe.

— Ah, sim. Como estão indo?

— Bem. As pistas são poucas. Esperavam que ele atacasse de novo em breve, mas isso

não aconteceu. Na verdade é estranho.

Na rua Bogstad descobriram os primeiros flocos de neve rodopiando no vento.

— O inverno! — gritou Ali do outro lado da rua para Harry e apontou para o céu. Ele disse algo em urdu para o irmão que logo começou o trabalho de carregar as caixas de frutas para dentro da mercearia de novo. Depois, Ali cruzou a rua até Harry. — É bom que esteja tudo terminado, não é? — perguntou com um sorriso.

— É — respondeu Harry.

— O outono é uma merda. Finalmente um pouco de neve.

— É. Pensei que estivesse falando do caso.

— Aquilo com o computador no porão? Acabou?

— Ninguém lhe contou? Eles acharam o homem que colocou o computador lá.

— Certo. Então foi por isso que avisaram minha mulher que eu não precisava ir à polícia para ser interrogado hoje. De que se tratava mesmo o caso?

— Para resumir, foi um cara que tentou fazer parecer que eu estava envolvido em um crime grave. Convide-me para um jantar um dia e vocês terão todos os detalhes.

— Eu já o convidei, Harry!

— Você não disse quando.

Ali levou os olhos ao céu.

— Por que vocês precisam de dia e hora antes de visitar alguém? Bata na porta e eu vou abrir. E temos sempre bastante comida.

— Obrigado, Ali. Vou bater mesmo. — Harry destrancou o portão.

— Vocês descobriram quem era a mulher? Se ela era uma parceira?

— O que quer dizer?

— A mulher misteriosa que vi em frente à porta do porão naquele dia. Eu contei ao policial Tom alguma coisa.

Harry parou com a mão na maçaneta.

— Exatamente o que foi que disse a ele, Ali?

— Ele perguntou se eu tinha visto algo estranho dentro ou perto do porão, e eu me lembrei de que tinha visto uma mulher desconhecida, que estava de costas para mim ao lado da porta do porão quando entrei no hall. Eu lembrei porque eu ia perguntar quem ela era, mas ouvi a fechadura se abrir, então pensei que, já que ela tinha a chave, devia estar tudo bem.

— Quando foi e quem era ela?

Ali abriu os braços lamentando.

— Eu estava com pressa e só vi as costas, de relance. Faz três semanas? Cinco? Loura? Morena? Não faço ideia.

— Mas tem certeza de que era uma mulher?

— Pelo menos achei que era uma mulher.

— Alf Gunnerud era de meia estatura, com ombros estreitos e tinha cabelo meio comprido, escuro. É possível que tenha sido isso que tenha feito você achar que era uma mulher?

Ali refletiu um pouco.

— Sim, claro. É possível. E pode ter sido a filha da senhora Melkersen que estava fazendo uma visita, por exemplo.

— Tchau, Ali.

Harry resolveu tomar um banho rápido antes de trocar de roupa e ir para a casa de Rakel e Oleg, que o convidaram para panquecas e Tetris. Quando voltaram de Moscou, Rakel trouxe um jogo de xadrez lindo com peças entalhadas e um tabuleiro de madeira e mármore perolado. Infelizmente, Rakel não gostou muito da pistola Namco G-Con 45 que Harry comprou para Oleg e confiscou-a de imediato, explicando que ela havia deixado bem claro para Oleg que ele não podia brincar com armas antes de ter 12 anos, no mínimo. Meio envergonhados, Harry e Oleg aceitaram isso sem discussão. Mas sabiam que Rakel ia aproveitar a chance, quando Harry ficasse com Oleg, para dar uma corrida à noite. E Oleg sussurrou no ouvido de Harry que ele sabia onde ela tinha escondido a pistola Namco G-Con 45.

Os jatos de água escaldante expeliram o frio do seu corpo enquanto ele tentava esquecer o que Ali disse. Sempre teria espaço para dúvidas em um caso, independentemente de quanto parecesse óbvio. E Harry era um cético nato. Mas tinha que começar a acreditar em algo para dar contorno e sentido à sua existência.

Ele se enxugou, fez a barba e vestiu uma camisa limpa. Olhou-se no espelho e arreganhou os dentes. Oleg havia dito que ele tinha dentes amarelos, e Rakel sorria um pouco alto demais.

No espelho também viu a transcrição do primeiro e-mail de S2MN que ainda estava pregado na parede oposta. Amanhã ia tirá-lo e recolocar a foto da irmã com ele. Amanhã. Ele estudou o e-mail no espelho. Estranho que não tivesse visto, na noite em que estava em frente ao espelho, que faltava alguma coisa. Harry e sua irmãzinha. Deve ser porque, quando a gente olha uma coisa muitas vezes, parece que ficamos cegos em relação a essa coisa. Cego. Ele olhou o e-mail no espelho. Depois pediu um táxi, calçou os sapatos e esperou. Olhou o relógio. O táxi já devia ter chegado. Hora de ir. Deparou-se com o fone na mão discando um número.

— Aune.

— Quero que leia os e-mails mais uma vez. E me diga se foram escritos por um homem ou por uma mulher.

Nota

* *Sorgenfri*: sem sofrimento. (*N. T.*)

D sostenido



A neve derreteu na mesma noite. Astrid Monsen acabara de sair da casa da fazenda e estava caminhando no asfalto molhado e preto, a caminho da rua Bogstad, quando viu o policial louro do outro lado da rua. A frequência dos seus passos e do seu pulso disparou. Ela olhou para a frente na esperança de que ele não a visse. As fotos de Alf Gunnerud estavam nos jornais e durante dias os investigadores subiram e desceram as escadas, perturbando sua paz. Mas agora passou — disse a si mesma.

Ela se apressou na faixa de pedestres. A padaria. Se chegasse lá estaria salva. Uma xícara de chá e um bolinho na mesa dos fundos do café estreito e comprido, atrás do balcão. Todos os dias às 11 horas em ponto.

“Chá e um bolinho?” “Sim, por favor.” “São 38.” “Aqui está.” “Obrigado.”

Na maioria dos dias, esta era a conversa mais longa que tinha com alguém.

Nas últimas semanas, um senhor de idade já estava sentado em sua mesa quando ela chegava, e mesmo havendo muitas mesas livres, esta era a única mesa onde ela queria se sentar, porque... Não, ela não queria pensar nessas coisas agora. De qualquer modo, ela teve que começar a chegar às dez e quinze, para ser a primeira na mesa, e ela pensou que especialmente hoje isso foi bom, porque de outra forma ela estaria em casa quando o policial tocasse a campainha. E teria que abrir, porque prometera à sua mãe. Depois daquela vez quando ela não atendeu ao telefone nem à porta durante dois meses e a polícia acabou sendo chamada, a mãe ameaçou interná-la novamente.

Ela não mentia para a mãe.

Para outras pessoas, sim. Para outras pessoas mentia o tempo todo. Nos telefonemas à editora, nas lojas e nas páginas de chat na internet. Lá, em particular. Lá ela podia fazer de conta que era outra pessoa, um dos personagens dos livros que ela traduzia, ou Ramona, a

mulher decadente e promíscua, mas destemida, que ela tinha sido em uma vida anterior. Astrid descobriu Ramona quando era pequena, ela era dançarina, tinha cabelos pretos compridos e olhos castanhos amendoados. Astrid costumava desenhar Ramona e especialmente seus olhos, mas ela tinha que fazer isso escondido, porque a mãe rasgava os desenhos e dizia que não queria ver aquele tipo de puta na sua casa. Ramona esteve longe por muitos anos, mas agora voltou e Astrid notou como Ramona cada vez mais assumia o comando, especialmente quando escrevia para os escritores que ela traduzia. Depois das perguntas introdutórias sobre linguagem e referências, ela normalmente enviava um e-mail mais informal e, depois de alguns desse tipo, pedia insistentemente aos escritores franceses para que marcassem um encontro. Quando viessem a Oslo para lançar o livro. Aliás, isso por si só seria razão suficiente para eles fazerem a viagem. Porém, ela sempre se recusava a encontrá-los, sem que parecesse desencorajar os animados galanteadores, pelo contrário. E era isso o que seu trabalho como escritora agora se resumia, depois que ela, alguns anos antes, acordou do sonho de lançar seus próprios livros quando um consultor editorial entregou os pontos no telefone e vomitou que não suportava mais sua “amolação histórica”, que nenhum leitor jamais iria pagar para compartilhar seus pensamentos, mas que um psicólogo provavelmente faria isso por dinheiro.

— Astrid Monsen!

Ela sentiu a garganta se fechar e por um momento sentiu pânico. Não poderia ter um ataque de falta de ar ali na rua. Ia cruzar a rua quando o sinal mudou e mostrou um homem vermelho. Ela poderia ter conseguido atravessar, mas nunca havia cruzado a rua com um homem vermelho.

— Oi. Estava justamente a caminho do seu apartamento. — Harry Hole já estava ao seu lado. Ele continuava com a mesma expressão acossada, os mesmos olhos vermelhos. — Primeiro, quero esclarecer que li o relatório da conversa que Waaler teve com você. E entendo que mentiu para mim porque estava com medo.

Ela sentiu que estava à beira de hiperventilar.

— Fui tolo em não contar a você desde o início o meu papel no caso — disse o policial.

Ela o olhou com surpresa. Ele parecia realmente estar arrependido.

— Li nos jornais que o culpado finalmente foi preso — ela se ouviu dizer.

Por um tempo ficaram parados se olhando.

— Ou morto — acrescentou ela.

— Bem — disse ele e esboçou um sorriso. — Será que você pode me ajudar com algumas perguntas?

Era a primeira vez que ela não estava sozinha na mesa da padaria Hansen. A moça atrás do balcão olhou-a com um sorriso amigável e sábio como se o homem comprido fosse um cavalheiro. E como ele parecia ter vindo direto da cama, talvez a moça até tenha pensado que... Não, ela não queria pensar nisso agora.

Eles se sentaram e ele deu a ela algumas transcrições de uma série de e-mails que ele queria que ela olhasse. Ela, como escritora, podia saber se foram escritos por um homem ou

por uma mulher. Ela os olhou. Escritora, ele disse. Ela devia lhe contar a verdade? Ela levantou a xícara de chá para que ele não visse o sorriso que o pensamento provocou. Claro que não. Ele devia estar mentindo.

— Difícil de dizer — disse. — É uma ficção?

— É e não é — respondeu Harry. — Achamos que foi a pessoa que matou Anna Bethsen quem escreveu.

— Então deve ser um homem.

Harry olhou na mesa e ela lhe lançou um olhar rápido. Ele não era bonito, mas havia algo nele. Ela — por mais improvável que pudesse parecer — constatou isso de imediato quando o viu estendido no corredor em frente à sua porta. Talvez porque tinha tomado um Cointreau a mais do que de costume, mas ela pensou que ele parecia estar em paz, quase belo ali deitado, como um príncipe adormecido que alguém havia colocado na sua porta. O conteúdo dos seus bolsos estava espalhado pelas escadas e ela os havia catado um a um. Deu uma olhadinha na carteira e encontrou o nome e o endereço.

Harry olhou para ela e ela desviou o olhar. Poderia gostar dele? Com certeza. O problema é que ele não iria poder gostar dela. Amolação histórica. Medo infundado. Ataques de choro. Ele não queria isso. Ele queria alguém tipo Anna Bethsen. Alguém como Ramona.

— Tem certeza de que não a reconhece?

Ela o olhou com espanto. Só então percebeu que ele estava segurando uma foto. Ele tinha mostrado a mesma foto para ela antes. Uma mulher e dois filhos numa praia.

— Na noite do crime, por exemplo — perguntou ele.

— Nunca a vi em toda a minha vida — disse Astrid Monsen com voz firme.

A neve voltou a cair. Flocos de neve grandes e molhados, cinzentos de sujeira antes de cair sobre o campo de terra entre o Quartel-General da polícia e a prisão. No escritório, um recado de Weber o esperava. Confirmou a suspeita de Harry, que o fez ver os e-mails de outra forma. Mesmo assim, o recado curto e conciso de Weber veio como um choque. Uma espécie de choque esperado.

No restante do dia, Harry fez ligações e correu o aparelho de fax. Nos intervalos, pensou, colocou pedra em cima de pedra e tentou não pensar no que estava procurando. Mas já estava claro demais. Essa montanha-russa podia subir, cair e fazer voltas o tanto que quisesse, mas continuava sendo igual a todas as outras montanhas-russas — ia acabar onde havia começado.

Quando Harry terminou e a maior parte estava clara para ele, se inclinou para trás na cadeira. Não sentiu triunfo, apenas vazio.

Rakel não perguntou nada quando ele ligou e disse que ela não devia esperar por ele. Depois subiu as escadas para a cantina e para o terraço, onde tinha uns dois fumantes batendo os dentes no frio. As luzes da cidade já piscavam embaixo deles no escurecer de tarde. Harry acendeu um cigarro, passou a mão por cima do muro e fez uma bola de neve. Apertou com força. Com mais força ainda, bateu as palmas das mãos nela, apertou tanto que

a água derretida escorria entre seus dedos. Depois lançou-a em direção à cidade e ao campo. Ele seguiu a bola branca com os olhos na queda cada vez mais veloz, até desaparecer contra o fundo branco acinzentado.

— Tinha um cara na minha classe que se chamava Ludwig Alexander — disse Harry em voz alta.

Os fumantes bateram com os pés no chão para se esquentarem e olharam para o inspetor.

— Ele tocava piano e todos o chamavam de Diss. Porque ele uma vez na aula de música fez a besteira de dizer em voz alta à professora que *Diss* (norueguês para D sustenido) era a nota musical de que ele mais gostava. Quando a neve veio, tinha guerra de bolas de neve entre as classes em todos os intervalos. Diss não queria participar, mas a gente o forçou. Era a única coisa de que a gente o deixava participar. Como bucha de canhão. Ele lançava bolas moles que se desfaziam de forma embaraçosa. A outra classe tinha Roar, um cara gordo que jogava handebol em Oppsal. Ele se divertia cabeceando as bolas de neve de Diss e depois metralhava Diss com seus lances baixos. Um dia, Diss colocou uma pedra grande na bola de neve e jogou-a o mais alto que pôde. Roar pulou rindo e recebeu-a na cabeça. O som parecia de pedra contra pedra em água rasa, assim, duro e mole ao mesmo tempo. Foi a única vez que vi a ambulância na escola.

Harry apagou o cigarro e entrou.

Passava das três e meia. O vento gelado ganhou impulso no trecho aberto entre o rio Aker e a estação do metrô na praça de Grønland, onde a clientela de alunos escolares e aposentados estava sendo trocada por mulheres e homens com rostos severos e gravatas, que se apressavam para casa vindos dos seus escritórios. Harry esbarrou em um deles quando desceu as escadas correndo e ouviu os palavrões lançados atrás dele fazerem eco entre as paredes. Ele parou em frente ao guichê entre os toaletes. Era a mesma mulher velha que estava lá da outra vez.

— Preciso falar com Simon já.

Ela o olhou com olhos castanhos, calmos.

— Diz que é Harry.

Ela acenou com a cabeça negativamente e fez gesto para ele se mandar.

Harry se inclinou contra o vidro que os separava.

— Diz que é o *spiuni gjerman*.

Simon pegou a rua Enebakk em vez do túnel Ekeberg, que era muito comprido.

— Eu não gosto de túneis — contou enquanto subiram a encosta da montanha em passo de tartaruga no rush da tarde.

— Então os dois irmãos que fugiram para a Noruega e cresceram juntos em um trailer de camping se tornaram inimigos porque estavam apaixonados pela mesma garota? — perguntou Harry.

— Maria veio de uma família *Iovarra* de boa posição. Eles ficaram na Suécia, onde seu pai era *bulibas*. Ela se casou com Stefan e mudou-se para Oslo quando tinha apenas 13 anos e ele 18. Stefan estava tão apaixonado que podia morrer. Foi exatamente quando Raskol se escondeu na Rússia, você sabe. Não da polícia, mas de uns bandidos de Kosovo na Alemanha que alegaram que ele os enganara em um negócio.

— Negócio?

— Eles encontraram um trailer vazio na Autobahn em Hamburgo — sorriu Simon.

— Mas Raskol voltou?

— Um belo dia em maio ele de repente estava de volta a Tøyen. Foi quando ele e Maria se viram pela primeira vez. — Simon riu. — Meu Deus, como se viram. Eu tive que olhar para os céus para ver se havia trovão a caminho, tão carregado estava o ar.

— Eles se apaixonaram, então?

— De imediato. Sob o olhar de todos. Algumas das mulheres ficaram envergonhadas.

— Mas se era tão visível, os parentes devem ter reagido?

— Eles não acharam que fosse tão sério. Não esqueça que a gente se casa mais cedo do que vocês. Não podemos impedir os jovens. Eles se apaixonam. Treze, imagine...

— É, dá para imaginar — disse Harry e esfregou a nuca.

— Mas isso era uma coisa séria, sabe. Ela era casada com Stefan, mas amava Raskol desde a primeira vez que o vira. E mesmo com ela e Stefan morando no seu próprio trailer, ela encontrava Raskol, que estava lá o tempo todo. Aconteceu o que tinha que acontecer. Quando Anna nasceu, só Stefan e Raskol não sabiam que Raskol era o pai.

— Coitada da menina.

— E coitado de Raskol. O único que estava feliz era Stefan. Ele andava nas nuvens, sabe como é? Ele dizia que Anna era tão bonita quanto o pai. Stefan sorria com olhos tristes. Talvez pudesse ter continuado dessa forma. Se não fosse por Stefan e Raskol decidirem roubar um banco.

— E deu errado?

A fila de carros fluía para o cruzamento de Ryen.

— Eram três. Stefan era o mais velho, por isso entrou primeiro e saiu por último. Enquanto os dois outros corriam para fora com o dinheiro para buscar o carro de fuga, Stefan ficou dentro do banco com a pistola para que não acionassem o alarme. Eles eram amadores, nem sabiam que o banco tinha alarme silencioso. Quando vieram de carro para pegar Stefan, ele estava estendido no capô de um carro policial. Um tira estava colocando as algemas nele. Raskol dirigia. Ele só tinha 17 anos e nem tinha carteira. Ele baixou o vidro. Com trezentos mil no banco de trás se aproximou devagar do carro policial onde seu irmão se contorcia no capô. Então Raskol e o policial se olharam. Meu Deus, o ar estava tão carregado quanto no encontro entre ele e Maria. Eles se olharam durante uma eternidade. Eu fiquei com medo de que Raskol fosse gritar. Mas ele não disse uma palavra e continuou. Foi a primeira vez que eles se viram.

— Raskol e Jorgen Lønn?

Simon balançou a cabeça, confirmando. Saíram da rotunda para pegar a curva de Ryen. No posto de gasolina, Simon freou e ligou a seta para entrar. Pararam em frente a um prédio

de dois andares. Ao lado, a logo em neon azul do Banco DnB luzia em cima da porta de entrada.

— Stefan pegou quatro anos por atirar no teto com a pistola — disse Simon. — Mas depois do processo acontece algo estranho, sabe. Raskol visita Stefan na prisão, e um dia depois um dos carcereiros diz que acha que o prisioneiro recém-chegado tinha mudado de cara. O seu chefe diz que é normal para quem vai preso pela primeira vez. Ele fala sobre mulheres que não reconheciam seus próprios maridos quando vinham visitá-los pela primeira vez. O carcereiro aceita a explicação, mas alguns dias depois recebem uma ligação de uma mulher. Ela diz que estão com o prisioneiro errado, que o irmão caçula de Stefan Baxhet tomou seu lugar e que eles têm que soltar o prisioneiro.

— É verdade mesmo? — pergunta Harry, pega o isqueiro e acende o cigarro.

— É — responde Simon. — Entre os ciganos do sul da Europa é comum que irmãos mais novos ou filhos cumpram a pena para o condenado se ele tiver uma família para sustentar.

— Mas as autoridades percebem a troca?

— Ah! — Simon abriu os braços. — Para eles, um cigano é um cigano. E se ele cumpre pena pelo que não fez, com certeza é culpado por outra coisa.

— Quem foi que ligou?

— Nunca descobriram. Mas Maria desapareceu na mesma noite. Nunca mais a viram. A polícia levou Raskol para Tøyen no meio da noite, e Stefan foi carregado se contorcendo e praguejando para fora do trailer. Anna tinha dois anos e estava na cama chorando e chamando por sua mãe, e ninguém, nem os homens, nem as mulheres, conseguiu fazer ela parar com a choradeira. Só parou quando Raskol entrou e levantou-a no ar.

Eles olharam para a entrada do banco. Harry olhou o relógio. Faltavam poucos minutos para fechar.

— E o que aconteceu depois?

— Quando Stefan saiu depois de cumprir a pena, deixou o país imediatamente. De vez em quando eu falava com ele por telefone. Ele viajava muito.

— E Anna?

— Ela cresceu no trailer, sabe. Raskol a mandou para a escola. Ela fez amizade com *gadz*os. Pegou hábitos *gadz*os. Ela não queria viver como nós, queria fazer o que seus amigos faziam — decidir sobre si mesma, ganhar dinheiro e ter seu próprio lugar para morar. Desde que herdou o apartamento da avó e se mudou para a rua Sorgenfri não tivemos mais contato. Ela... Bem. Foi uma escolha dela se mudar. Raskol foi a única pessoa com quem manteve algum contato.

— Você acha que Anna sabia que ele era o pai dela?

Simon encolheu os ombros.

— Pelo que eu saiba, ninguém disse nada, mas tenho certeza de que ela sabia.

Ficaram em silêncio.

— Foi aqui que aconteceu — disse Simon por fim.

— Logo antes de fechar — disse Harry. — Como agora.

— Ele não teria matado Lønn se não tivesse necessidade — disse Simon. — Mas ele faz o que precisa. Ele é um guerreiro, sabe.

— Nenhuma concubina dando risadinhas.

— Como é?

— Nada. Onde está Stefan, Simon?

— Eu não sei.

Harry esperou. Eles viram um funcionário do banco trancar a porta pelo lado de dentro.

Harry continuou a esperar.

— A última vez que falei com ele foi quando ele ligou de uma cidade na Suécia — disse Simon. — Gotemburgo. É toda a ajuda que posso lhe dar.

— Não é a mim que ajuda.

— Eu sei. — Simon acenou com a cabeça. — Eu sei.

Harry encontrou a casa amarela na rua Vestland. As luzes estavam acesas em ambos os andares. Ele estacionou, desceu do carro e ficou olhando em direção à estação do metrô. Foi lá que eles se encontravam nos primeiros dias escuros de outono para ir roubar maçãs. Siggen, Tore, Kristian, Torkild, Oystein e Harry. Esse era o posicionamento fixo. Eles iam de bicicleta para Nordstrand porque lá as maçãs eram maiores e as chances eram menores de alguém conhecer seus pais. Siggen era o primeiro por cima da cerca e Oystein ficava de guarda. E Harry era o mais alto e alcançava as maçãs maiores no alto. Mas uma noite eles não estavam a fim de ir tão longe e fizeram uma incursão na vizinhança.

Harry olhou para o jardim no outro lado da rua.

Eles já estavam com os bolsos cheios quando ele descobriu o rosto que estava olhando para eles da janela iluminada no segundo andar. Sem dizer uma palavra. Era Diss.

Harry abriu o portão e caminhou até a porta. *Jorgen & Kristian Lønn* estava pintado na placa de porcelana sobre as duas campainhas. Harry tocou a de cima.

Beate só atendeu depois de ele ter tocado duas vezes.

Ela perguntou se ele queria chá, mas ele acenou com a cabeça recusando, e ela desapareceu na cozinha enquanto ele retirou suas botas no hall de entrada.

— Por que o nome do seu pai ainda está na placa da porta? — perguntou quando ela entrou na sala com uma xícara. — Para intrometidos acharem que tem um homem em casa?

Ela deu de ombros e afundou na poltrona.

— Simplesmente nunca pensamos sobre isso. Provavelmente o nome dele está lá há tanto tempo que a gente nem o vê mais.

— Hum. — Harry juntou as mãos. — Aliás, é sobre isso mesmo que eu queria falar.

— A placa na porta?

— Eu estava no hall de entrada em casa ontem e olhei o primeiro e-mail que recebi do assassino de Anna. Aconteceu a mesma coisa com a placa da porta de vocês. É registrado, mas não pelo cérebro. É disosmia. A impressão do e-mail estava há tanto tempo na parede que eu parei de vê-la, como a foto da minha irmã comigo. Quando a foto desapareceu, só percebi que algo estava diferente, mas eu não sabia o que era. E sabe por quê?

Beate acenou negativamente com a cabeça.

— Porque não aconteceu nada que me fizesse ver as coisas de outra forma. Só vi o que presumia estar lá. Mas ontem aconteceu algo. Ali disse que ele tinha visto as costas de uma mulher desconhecida em frente à porta do porão. E entendi que sempre achei que o assassino de Anna tinha que ser um homem. Quando cometemos o erro de imaginar o que procuramos, não vemos as outras coisas que encontramos. E isso me fez ler o e-mail com outros olhos.

As sobrancelhas de Beate formavam pontos de interrogação.

— Está querendo dizer que não foi Alf Gunnerud que matou Anna Bethsen?

— Sabe o que é um anagrama? — perguntou Harry.

— Um jogo de letras...

— O assassino de Anna deixou um *patrin* para mim. Um anagrama. Eu o vi no espelho. O e-mail foi assinado com nome de mulher. Espelhado. Então mandei o e-mail para Aune, que contactou um perito em psicologia cognitiva e linguagem. Já aconteceu de ele, a partir de uma única frase em uma carta de ameaça anônima, conseguir determinar o sexo, a idade e de onde no país a pessoa vinha. Desta vez ele chegou à conclusão de que as cartas foram escritas por uma pessoa entre 20 e 60 anos de qualquer lugar do país e de qualquer sexo. Em resumo, não foi de grande ajuda. Exceto por achar que provavelmente foi uma mulher. Por causa de um único termo. Está escrito “vocês, os policiais” em vez de “vocês da polícia”. Ele diz que o remetente pode inconscientemente ter escolhido essa palavra por distinguir entre o sexo do receptor e do remetente.

Harry se inclinou para trás na cadeira.

Beate colocou a xícara na mesa.

— Não posso dizer que estou totalmente convencida, Harry. Uma mulher não identificada no corredor, um código que se torna um nome de mulher ao contrário e um psicólogo que acha que Alf Gunnerud escolheu uma palavra feminina.

— Hum. — Harry acenou com a cabeça. — De acordo. Mas queria primeiro contar o que me colocou nessa pista. Mas antes de eu lhe contar quem matou Anna quero perguntar se pode me ajudar a encontrar uma pessoa procurada pela polícia.

— Claro. Mas por que pergunta a mim? Pessoas procuradas pela polícia não é exatamente...

— É, sim — sorriu Harry. — Pessoas procuradas pela polícia é sua área.

Ramona



Harry encontrou Vigdis Albu na praia. Ela estava sentada na mesma formação de pedras onde ele dormiu abraçando os joelhos olhando para o fiorde. Na névoa da manhã, o sol parecia uma impressão pálida de si mesmo. Gregor correu ao encontro de Harry abanando o rabo. A maré estava baixa e havia cheiro de alga marinha e óleo. Harry se sentou em uma pedra atrás dela e pegou um cigarro.

— Foi você que o encontrou? — perguntou ela sem se virar. Harry estava curioso para saber quanto tempo ela tinha esperado por ele.

— Foram muitas pessoas que acharam Arne Albu — respondeu. — Eu fui uma delas.

Ela afastou um tufo de cabelo que dançava no seu rosto ao vento.

— Eu também. Mas isso foi há muito, muito tempo. Pode ser que você não acredite, mas eu o amei.

Harry acendeu o cigarro.

— Por que não acreditaria?

— Acredite no que quiser. Nem todas as pessoas têm a habilidade de amar. Nós, e eles, talvez acreditemos, mas não é assim. Eles aprendem a mímica, as réplicas e os passos, e é só. Algumas pessoas se tornam tão boas que podem nos enganar por muito tempo. O que eu estranho não é que eles consigam, mas que se deem o trabalho. Por que se esforçar tanto para conseguir a retribuição de um sentimento que nem se sabe qual é? Você entende,

policial?

Harry não respondeu.

— Talvez tenham apenas medo — disse ela e se virou para ele. — De se ver no espelho e descobrir que estão estropiados.

— De quem está falando senhora Albu?

Ela se virou para a água de novo.

— Quem sabe? Anna Bethsen. Arne. Eu mesma. No que me tornei.

Gregor lambeu a mão de Harry.

— Eu sei como Anna Bethsen foi assassinada — disse Harry. Ele observou suas costas, mas não notou nenhuma reação. — Ontem à tarde recebi a resposta da Criminalística de uma análise de uma das quatro taças que estavam na pia de Anna Bethsen. Tinha as minhas impressões. Eu tomei Coca-Cola. Eu nunca ia inventar de tomar Coca com vinho. Tanto que uma das taças não foi usada. O interessante, porém, foi que nos restos de Coca foram encontrados traços de cloreto de morfina. Quer dizer morfina. Você conhece as reações de doses grandes, não é, senhora Albu?

Ela o olhou. Acenou devagar com a cabeça, negativamente.

— Não? — perguntou Harry. — Colapso e perda de memória do período em que se está sob o efeito da droga, seguido de fortes náuseas quando se volta a si. Em outras palavras, reações que podem facilmente serem confundidas com uma bebedeira das grandes. Assim como o Rohypnol, é perfeito para estupro. E fomos todos estuprados. Todo mundo. Não fomos, senhora Albu?

Uma gaivota em cima deles soltou um riso cortante.

— Você de novo — disse Astrid Monsen com um riso curto e nervoso e deixou ele entrar no apartamento. Eles se sentaram na cozinha. Ela saracoteou, fez chá e colocou na mesa um bolo que comprara na padaria Hansen, “caso venha visita”. Harry murmurou insignificâncias sobre a neve que caiu no ano passado e como o mundo, que todos eles acreditavam que ia cair em ruínas iguais aos arranha-céus da TV, na verdade não mudara muito. Só quando ela serviu o chá e se sentou, ele perguntou o que ela achava de Anna. Ela ficou boquiaberta.

— Você a odiava, não é?

No silêncio que seguiu, ouviu-se um leve tinir eletrônico no outro cômodo.

— Não, eu não a odiava. — Astrid apertou uma xícara enorme com chá verde. — Ela era apenas... diferente.

— Como diferente?

— A vida que levava. Sua maneira de ser. Ela era assim... assim como queria ser.

— E você não gostava disso?

— Eu... Eu não sei. Não, talvez eu não gostasse.

Astrid Monsen o olhou. Longamente. O sorriso ia e vinha dos olhos dela como uma borboleta instável.

— Não é o que você pensa — disse ela. — Eu invejava Anna. Eu a admirava. Havia dias

em que gostaria de ser ela. Ela era o oposto de mim. Eu estou aqui dentro, enquanto ela...

Seu olhar fugiu pela janela.

— Parecia que ela se despia e partia para a vida. Anna. Os homens vinham e iam, e ela sabia que não os podia ter, mas ela os amava mesmo assim. Ela não sabia pintar, mas expôs suas pinturas para que o restante do mundo visse por si mesmo. Ela falava com todos que acreditava que gostassem dela. Comigo também. Houve dias em que eu sentia que Anna roubava a pessoa que na verdade era eu, que não tinha espaço para nós duas e que eu tinha que esperar a minha vez. — Ela riu seu riso nervoso de novo. — Mas então ela morreu. E eu descobri que não era assim, que eu não podia ser ela. Agora ninguém pode ser ela. Não é triste? — Ela fixou seu olhar em Harry. — Não, eu não a odiava. Eu a amava.

Harry sentiu comichão na nuca.

— Pode me contar o que aconteceu na noite em que você me encontrou aqui no corredor?

O sorriso ia e vinha como uma lâmpada fluorescente com defeito. Como se uma pessoa feliz de vez em quando aparecesse e olhasse através dos seus olhos. Harry tinha a sensação de que uma represa estava prestes a se romper.

— Você estava feio, mas de um jeito bonito.

Harry levantou uma sobrancelha.

— Hum. Quando você me levantou, notou se eu cheirava a álcool?

Ela parecia surpresa, como se até agora nunca tivesse tido esse pensamento.

— Não, Na verdade não. Você não cheirava a... nada.

— Nada?

Ela enrubesceu.

— Nada... especial.

— Eu perdi alguma coisa ali na escada?

— O que seria?

— O celular. E chaves.

— Que chaves?

— É você que vai ter que me responder.

Ela acenou com a cabeça negativamente.

— Nenhum celular. E as chaves eu coloquei de volta no seu bolso. Por que está me perguntando sobre tudo isso?

— Porque eu sei quem matou Anna. Só queria verificar algumas coisas antes.

Patrin



No dia seguinte, o resto da neve de dois dias sumira. Na reunião matinal na unidade de Roubos, Ivarsson determinou que se eles quisessem fazer avanços no caso do Magarefe, um novo assalto era a melhor coisa a esperar, mas que a previsão de Beate de que o Magarefe ia atacar a intervalos cada vez menores infelizmente não estava correta. Para a surpresa de todos, Beate parecia não se importar com a crítica indireta, mas deu de ombros e repetiu com voz firme que era apenas uma questão de tempo até o Magarefe agir.

Na mesma noite, um carro policial entrou quietinho no estacionamento em frente ao Museu de Munch e parou. Quatro homens desceram, dois de uniformes policiais e dois em roupas civis que a distância pareciam estar de mãos dadas.

— Sinto muito pelas medidas de segurança — disse Harry e acenou com a cabeça para as algemas. — Foi a única maneira de obter permissão.

Raskol deu de ombros.

— Acho que perturba mais você do que a mim que estejamos algemados juntos, Harry.

O grupo cruzou o estacionamento e continuou em direção ao campo de futebol e os trailers. Harry deu sinal ao policial para esperar do lado de fora enquanto ele e Raskol entravam no pequeno trailer.

Simon estava esperando lá dentro. Ele pôs uma garrafa de *calvados* e três copinhos. Harry acenou com a cabeça negativamente, abriu as algemas e subiu no sofá.

— Estranho estar de volta? — perguntou Harry.

Raskol não respondeu, e Harry esperou enquanto o olhar sombrio de Raskol varreu o interior do trailer. Harry viu que parou na foto dos dois irmãos em cima da cama, e teve a

impressão que a boca se entortou um tantinho.

— Prometi que a gente estaria de volta à prisão antes do meio-dia, por isso vamos ao assunto — disse Harry. — Não foi Alf Gunnerud que matou Anna.

Simon olhou para Raskol, que estava com os olhos fixos em Harry.

— Também não foi Arne Albu.

Na pausa que se seguiu parecia que o zunido dos carros na rua Finmark havia aumentado. Será que Raskol sentia falta desse zunido quando se deitava para dormir na sua cela? Será que sentia falta da voz da outra cama, do cheiro, do som da respiração regular do seu irmão no escuro? Harry se virou para Simon.

— Pode nos deixar a sós?

Simon se virou para Raskol, que deu um curto aceno com a cabeça. Ele fechou a porta atrás de si. Harry trançou as mãos e levantou o olhar. Os olhos de Raskol estavam brilhantes, como se estivesse com febre.

— Você já sabia há algum tempo, não é? — perguntou Harry baixinho.

Raskol pressionou as palmas das mãos uma contra a outra, um sinal aparente de calma, mas as pontas brancas dos dedos indicavam outra coisa.

— Talvez Anna tenha lido *Sun Tzu* — disse Harry. — E sabia que o primeiro princípio da guerra é trair. Mesmo assim, ela me deu a solução, eu apenas não conseguia quebrar o código. Esse ao quadrado, eme, ene. Ela até deu a pista de que a retina vira as coisas de cabeça para baixo, de maneira que eu deveria vê-las em um espelho para enxergar o que são de verdade.

Raskol tinha fechado os olhos. Parecia que estava fazendo uma prece.

— Ela tinha uma mãe bonita e louca — murmurou ele. — Anna herdou as duas coisas.

— Você decifrou o anagrama faz tempo, parece — disse Harry. — A assinatura dela era um S ao quadrado, ou seja, dois esses seguidos. Depois um M, e um N. Se você lê a assinatura assim, fica SSMN. Escreva e leia ao contrário em um espelho. NMSS. Nêmesis, adicionando as vogais. O vingador feminino. Ela disse isso sem disfarce. Era sua obra-prima. Pela qual seria lembrada.

Harry disse tudo sem triunfo na voz. Ele apenas constatou. E parecia que o trailer apertado havia encolhido mais um pouco em volta dos dois.

— Me conte o restante — sussurrou Raskol.

— Com certeza dá para você imaginar o restante.

— Conte! — sibilou.

Harry olhou para a janela pequena e redonda sobre a mesa que já estava coberta de orvalho. Uma portinhola. Uma nave espacial. De repente imaginou que, se ele limpasse o orvalho, ia descobrir que eles estavam no espaço, dois astronautas solitários na nebulosa da cabeça de cavalo a bordo de um trailer voador. Seria mais fantástico do que o que ele estava prestes a contar.

A arte da guerra



Raskol se endireitou, e Harry começou.

— Nesse verão, meu vizinho, Ali Niazi, recebeu uma carta de uma pessoa que achava que estava devendo o aluguel desde o período em que ele havia morado no prédio, há vários anos. Ali não encontrou o nome dele no registro de moradores, por isso enviou uma carta dizendo que ele podia esquecer. O nome era Eriksen. Liguei para Ali ontem e pedi para ele pegar a carta que recebeu. Mostrava que o endereço era rua Sorgenfri 17. Astrid contou que na caixa de correio de Anna, no verão, colaram um nome extra durante alguns dias. Eriksen. O que ela queria com essa carta? Eu liguei para o Chaveiro AS. Eles tinham justamente um pedido de chaves para o meu apartamento. Recebi os papéis por fax. A primeira coisa que vi foi que o pedido tinha sido feito uma semana antes de Anna morrer. O pedido estava assinado por Ali, o síndico e responsável pelas chaves do nosso condomínio. A falsificação da assinatura do pedido era não mais do que passável. Como se fosse feita por uma pintora apenas passável, que havia copiado a assinatura de uma carta que recebera, por exemplo. Mas foi mais do que suficiente para o Chaveiro AS, que sem demora pediu uma chave Trioing para o apartamento de Harry Hole. Mas Harry Hole tinha que ir pessoalmente, mostrar identificação e assinar o recibo pela chave. O que ele fez acreditando que estivesse assinando por uma chave reserva para Anna. É de morrer de rir, não é?

Raskol não parecia ter problemas em se controlar.

— Entre esse encontro e o jantar na última noite, ela montou tudo. Fez uma assinatura de e-mail com o número de celular de Harry em um servidor no Egito e CRIOU e-mails com datas de envio pré-programadas no laptop. Durante o dia, entrou no nosso porão e descobriu qual era o meu depósito. Com a mesma chave entrou no meu apartamento para descobrir um pertence pessoal facilmente reconhecível que ela pudesse plantar na casa de Alf Gunnerud. Ela escolheu a foto da minha irmã comigo. O passo seguinte no programa foi uma visita ao seu antigo amante e fornecedor de drogas. Talvez Alf Gunnerud tenha ficado um pouco surpreso ao vê-la de novo. O que ela queria? Comprar ou pegar emprestada uma pistola, talvez. Porque ela sabia que ele tinha uma dessas armas que circulam em Oslo atualmente, com o número de série raspado. Ela encontrou a pistola, uma Beretta M92F, enquanto foi ao banheiro. Talvez ele tenha achado que ela demorou demais lá. E quando ela saiu de novo, ela de repente estava com pressa e disse que tinha que ir. Pelo menos podemos imaginar que foi assim.

Raskol cerrou as mandíbulas com tanta força que Harry pôde ver seus lábios estreitarem.

Harry se inclinou para trás.

— A próxima tarefa foi entrar e plantar a chave de reserva do seu próprio apartamento na gaveta da mesa de cabeceira no chalé de Albu. Foi fácil. Ela sabia que as chaves do chalé estavam na lâmpada. Enquanto estava lá, arrancou a foto de Vigdis e as crianças do álbum e levou para casa. Então estava tudo pronto. Era só esperar Harry vir jantar. No cardápio tinha *tom yam* com pimenta-malagueta e Coca-Cola com cloreto de morfina. O último ingrediente é especialmente popular como droga de estupro por ser líquido, relativamente sem gosto, de dosagem simples e efeito previsível. E de muitas maneiras pode se dizer que fui estuprado. Estava tão zonzo que ela não teve problema algum em pegar meu celular no meu bolso antes de me empurrar para fora da porta. Depois que fui embora, ela me seguiu e entrou no meu depósito no porão, onde acoplou meu celular ao laptop. Quando voltou para casa, subiu as escadas nas pontas dos pés. Astrid Monsen a ouviu, mas achou que fosse a senhora Gundersen do quarto andar. Então se preparou para sua última ação antes de deixar o resto acontecer por si mesmo. Evidentemente sabia que eu ia investigar o caso, como policial ou não, por isso deixou dois *patrins* para mim. Ela pegou a pistola com a mão direita, já que eu sabia que ela era canhota. E colocou a foto no sapato.

Os lábios de Raskol se moveram, mas não saiu um único som.

Harry passou a mão pelo rosto.

— Sua última pincelada na obra-prima foi apertar o gatilho de uma pistola.

— Mas por quê? — sussurrou Raskol.

Harry deu de ombros.

— Anna era uma pessoa extrema. Ela queria se vingar das pessoas que ela achou ter tirado dela as coisas pela qual vivia. O amor. Os culpados eram Albu, Gunnerud e eu. E vocês da família. Em resumo: o ódio venceu.

— Papo-furado — disse Raskol.

Harry se virou de repente e arrancou a foto de Raskol e Stefan da parede e deixou-a na mesa entre eles.

— O ódio sempre venceu na sua família, não é, Raskol?

Raskol inclinou a cabeça para trás e esvaziou o copo. Então mostrou um largo sorriso.

Harry lembrou os segundos seguintes como um vídeo em velocidade rápida, e, quando terminou, ele estava deitado no chão, preso pelas mãos de Raskol, com álcool nos olhos, o cheiro de calvados no nariz e as pontas da garrafa quebrada contra o pescoço.

— Só tem uma coisa mais perigosa do que pressão alta, *Spiuni* — sussurrou Raskol. — Baixa demais. Então fique bem quietinho.

Harry engoliu em seco e tentou falar, mas Raskol apertou com mais força e saiu apenas um gemido.

— *Sun Tzu* é muito claro a respeito de ódio e amor, *Spiuni*. Tanto ódio quanto amor ganham na guerra, são indispensáveis como gêmeos siameses. Os perdedores são ira e compaixão.

— Então nós dois estamos perdendo — gemeu Harry.

Raskol apertou o pescoço de Harry com mais força.

— A minha Anna nunca escolheria a morte. — Sua voz tremeu. — Ela amava a vida.

Harry conseguiu a duras penas sibilar as palavras:

— Como — você — amou — a liberdade?

Raskol afrouxou um pouco o aperto e, aos guinchos, Harry levou ar para os pulmões doídos. Seu coração martelava na cabeça, e o zunido dos carros na rua voltou.

— Você fez uma escolha — sibilou Harry. — Você se entregou para cumprir pena. Incompreensível para outros, mas foi a sua escolha. Anna fez a mesma coisa.

Raskol pressionou a garrafa contra o pescoço de Harry quando este tentou se mover.

— Eu tinha minhas razões.

— Eu sei — disse Harry. — Cumprir pena é um instinto tão forte quanto a vontade de vingança.

Raskol não respondeu.

— Você sabia que Beate Lønn também fez uma escolha? Ela entendeu que não há nada que possa trazer seu pai de volta. Por isso me pediu para mandar lembranças e dizer que ela lhe perdoa. — Uma ponta do vidro arranhou sua pele. Parecia uma ponta de pena contra um papel grosso. Que, hesitante, escrevia a última palavra. Que só faltava colocar o ponto final. Harry engoliu em seco. — Agora é sua vez de escolher, Raskol.

— Escolher entre o quê, *Spiuni*? Se eu vou deixar você viver?

Harry respirou fundo enquanto tentava manter o pânico distante.

— Se quiser libertar Beate Lønn. Se quiser me contar o que aconteceu no dia que você matou o pai dela. Se quiser se libertar.

— Eu? Me libertar? — Raskol riu seu riso macio.

— Eu o encontrei — disse Harry. — Quero dizer, Beate Lønn o encontrou.

— Encontrou quem?

— Ele mora em Gotemburgo.

O riso de Raskol parou de repente.

— Ele mora lá há 19 anos — continuou Harry. — Desde que soube quem era o verdadeiro pai de Anna.

— Está mentindo — gritou Raskol e levantou a mão com a garrafa por cima da cabeça.

Harry sentiu a boca secar e fechou os olhos. Quando os reabriu, o olhar de Raskol estava vitrificado. Respiravam no mesmo ritmo, os seus peitos aumentavam e diminuía um contra o outro.

Raskol sussurrou.

— E... Maria?

Harry tentou duas vezes antes de conseguir usar as cordas vocais.

— Ninguém tem notícias dela. Alguém contou a Stefan que eles a viram com um grupo itinerante na Normandia há vários anos.

— Stefan? Você falou com ele?

Harry acenou afirmativamente com a cabeça.

— E por que ele quis falar com um *Spiuni* como você?

Harry tentou encolher os ombros, mas estava preso.

— Pode perguntar você mesmo...

— Perguntar... — Raskol olhou descrente para Harry.

— Simon o buscou ontem. Ele está no trailer ao lado. Ele tem algumas coisas a contar para a polícia, mas os policiais têm ordem para não tocar nele. Ele quer falar com você. O restante é escolha sua.

Harry colocou a mão entre as pontas de vidro e seu pescoço. Raskol não fez nenhuma tentativa de detê-lo quando Harry se levantou. Apenas perguntou:

— Por que fez isso, *Spiuni*?

Harry deu de ombros.

— Você cuidou para que o juiz em Moscou desse a guarda de Oleg para Rakel. Eu dou uma chance a você de ficar com a única coisa que restou dos seus. — Ele tirou as algemas do bolso e colocou-as na mesa. — Independentemente da sua escolha, eu considero que estamos quites agora.

— Quites?

— Você cuidou para que os meus voltassem. Eu fiz o mesmo por vocês.

— Estou ouvindo o que está dizendo, Harry. Mas o que significa?

— Significa que vou contar tudo o que sei sobre o assassino de Arne Albu. E que nós vamos atrás de você com tudo que temos.

Raskol levantou uma sobrancelha.

— Seria melhor não mexer nisso, *Spiuni*. Você sabe que não vão ter provas contra mim, então, por que tentar?

— Porque somos da polícia — respondeu Harry. — E não concubinas risonhas.

Raskol fez uma breve mesura.

Harry foi até a porta. O homem franzino se sentou encolhido à mesa de plástico, com as sombras escondendo seu rosto.

— Vocês têm até a meia-noite, Raskol. É a hora que o policial vai levá-lo de volta.

Uma sirene de ambulância cortou o barulho da rua, subindo e descendo como à procura de uma nota única.

Medeia



Harry abriu com cuidado a porta do quarto. Ele ainda achava que poderia sentir o perfume dela, mas a fragrância era tão vaga que ele não tinha certeza se vinha do quarto ou das lembranças. A cama grande reinava no quarto, como uma galera romana. Ele se sentou no colchão, colocou os dedos nos lençóis brancos e frios, fechou os olhos e sentiu que flutuava. Foi aqui — assim — que Anna o havia esperado naquela noite? Zuniu veemente. Harry olhou o relógio. Sete em ponto. Era Beate. Aune ligou uns minutos depois e seu queixo duplo estava vermelho quando subiu as escadas. Ele cumprimentou Beate ofegante e entraram todos na sala.

— E essas pinturas, você pode dizer quem são? — perguntou Aune.

— Arne Albu — disse Beate e apontou para uma figura à esquerda. — Alf Gunnerud no meio e Harry à direita.

— Impressionante — disse Aune.

— Bem — disse Beate. — Uma formiga pode distinguir entre milhões de outros rostos de formigas no formigueiro. Em relação ao peso corporal, elas têm muito mais girus fusiforme do que eu.

— Receio que minha proporção é extremamente baixa — disse Aune. — Você vê alguma coisa, Harry?

— Pelo menos vejo um pouco mais agora do que quando Anna as mostrou pela primeira vez. Agora sei que são os três que foram acusados por ela. — Harry acenou com a cabeça para a figura feminina que segurava as três lâmpadas. — Nêmesis, a deusa da vingança e da justiça.

— Que os romanos furtaram dos gregos — disse Aune. — Eles ficaram com a balança, trocaram o chicote pela espada, botaram uma venda nos olhos e a chamaram de Justiça. — Ele se aproximou da lâmpada. — Quando, no ano 600 a.C., começaram a entender que o sistema de vingança com sangue não funcionava e decidiram tirar a vingança das mãos do indivíduo e torná-la um assunto público, foi essa mulher que acabou virando o símbolo do estado de direito moderno. — Ele passou a mão por cima da mulher fria de bronze. — A justiça cega. A vingança fria. Nossa civilização repousa em suas mãos. Ela não é bela?

— Bela como uma cadeira elétrica — respondeu Harry. — A vingança de Anna não foi exatamente fria.

— Foi tão quente quanto fria — disse Aune. — Ao mesmo tempo intencional e passional. Ela devia ser muito sensível. Evidentemente, foi ferida na alma. Mas todos somos feridos, no fundo é uma questão de grau do dano.

— E que tipo de dano Anna tinha?

— Eu nunca a conheci, é conjectura pura.

— Então conjecture — disse Harry.

— Já que estamos falando dos deuses da Antiguidade, suponho que vocês já ouviram falar de Narciso, o deus grego que se apaixonou tanto pela própria imagem refletida que ele não conseguia se desprender dela. Foi Freud que introduziu o conceito de narciso na psicologia; pessoas com uma percepção exagerada de serem únicas e que são tomadas pelo sonho de sucesso ilimitado. Para o narcisista, a necessidade de se vingar de todos que o ofenderam é superior a todas as outras necessidades. Chama-se raiva narcísica. O psicanalista Heinz Kohut descreveu como uma pessoa assim procuraria vingar a ofensa — que para nós pode parecer uma bagatela — a qualquer custo. Por exemplo, uma recusa aparentemente comum pode levar a pessoa com teimosia obsessiva e incansável a se esforçar para restaurar o equilíbrio, causando a morte se preciso.

— A morte de quem? — perguntou Harry.

— De todos.

— Mas é loucura — exclamou Beate.

— É isso que estou dizendo — disse Aune, secamente.

Entraram na sala de jantar. Aune testou uma das cadeiras velhas e retas na mesa comprida e estreita de carvalho.

— Não as fazem mais assim.

Beate gemeu.

— Mas ela tiraria sua *vida* só para... se vingar? Deve haver outras formas.

— Claro — respondeu Aune. — Mas, frequentemente, o suicídio é em si mesmo uma vingança. Você quer infligir o sentimento de culpa nas pessoas que acha que falharam. Além do mais, havia fortes indícios de que ela de fato não queria mais viver. Ela se sentia só,

expulsa da própria família e rejeitada na vida amorosa. Ela era malsucedida como artista e lançou mão de drogas sem que resolvessem coisa alguma. Em suma, uma pessoa profundamente desapontada e infeliz que, com premeditação fria, escolheu o suicídio.

— Sem escrúpulos morais? — perguntou Harry.

— A parte moral é interessante, claro. — Aune cruzou os braços. — A nossa sociedade nos impõe obrigações morais para viver e por isso condena o suicídio. Mas com sua evidente admiração pela Antiguidade, Anna possivelmente se apoiou nos filósofos gregos que alegavam que o ser humano devia decidir por si mesmo quando iria morrer. Nietzsche também alegava que o indivíduo tem todo o direito moral de tomar sua própria vida. Ele até usa a palavra “*Freitod*” ou morte voluntária. — Aune levantou o dedo indicador. — Mas ela também estava diante de outro dilema moral. A vingança. Como ela professava a ética cristã, essa diz que não devemos nos vingar. O paradoxo é claro, já que os cristãos professam um Deus que é o maior vingador de todos. Se você o desafiar, queimará no inferno eternamente, uma vingança que está totalmente fora das proporções, é quase um caso para a Anistia Internacional, se me perguntar. E se...

— Talvez ela apenas sentisse ódio.

Aune e Harry se viraram para Beate. Ela olhou assustada para eles como se as palavras simplesmente tivessem escapado.

— Moral — sussurrou. — Felicidade. Amor. E mesmo assim, o ódio é mais forte.

Fosforescência no mar



Harry estava em frente à janela aberta e ouviu a distante sirene da ambulância que aos poucos sumiu no estrondo de sons da caçarola da cidade. A casa que Rakel herdou do pai estava bem acima de tudo o que acontecia lá embaixo no tapete de luzes, que ele vislumbrou por entre os pinheiros altos no jardim. Ele gostava de ficar ali e olhar a vista. Olhar as árvores, pensando quanto tempo elas já estavam aqui e sentir que esse pensamento o acalmava. E as luzes da cidade, que lembravam a fosforescência do mar. Ele só tinha visto essa fosforescência uma vez, uma noite quando seu avô o levou no barco a remo para pegar caranguejos, com uma lanterna na várzea. Foi só essa única noite. Mas ele nunca iria esquecer. Era uma dessas coisas que ficavam mais claras e reais a cada ano que passava. Não era assim com todas as coisas. Quantas noites ele passara com Anna, quantas vezes eles haviam zarpado no navio do capitão dinamarquês e se perdido no mar? Ele não se lembrava. E logo o resto também seria esquecido. Triste? Sim. Triste e necessário.

Mesmo assim havia dois momentos com o nome de Anna que ele sabia que nunca iriam se apagar totalmente. Duas imagens quase idênticas, as duas com o cabelo farto dela espalhado no travesseiro como um leque preto, os olhos arregalados e uma mão agarrando o lençol branco. A diferença. A diferença era a outra mão. Em uma das imagens, os dedos estavam trançados nos seus. No outro ela segurava uma pistola.

— Não vai fechar a janela? — perguntou Rakel atrás dele. Ela estava no sofá sentada sobre as pernas cruzadas e uma taça de vinho tinto. Oleg foi para a cama contente depois de ter vencido Harry no Tetris pela primeira vez, e Harry receava o fim irrevogável de uma era.

As notícias não trouxeram novidades. Apenas velhos refrões: cruzadas ao leste, retaliação ao oeste. Desligaram a televisão e colocaram Stone Roses, que para a surpresa — e alegria — de Harry havia encontrado na coleção de discos dela. O tempo da juventude. Era uma

época quando nada o deixava em melhor humor do que meninos ingleses chatos e arrogantes com guitarras e atitude. Agora gostava de Kings of Convenience, porque cantavam com suavidade e só parecia um tiquinho menos estúpido do que Donovan. E Stone Roses em volume baixo. Triste, mas real. E talvez necessário. As coisas andam em círculo. Ele fechou a janela e prometeu a si mesmo que levaria Oleg para o mar para pegar caranguejos assim que houvesse uma oportunidade.

— *Down, down, down* — murmurou Stone Roses nos alto-falantes. Rakel se inclinou e tomou um gole do vinho.

— É uma história antiquíssima — sussurrou. — Dois irmãos que amavam a mesma mulher. A própria receita de uma tragédia.

Eles ficaram em silêncio, trançaram seus dedos e escutaram a respiração do outro.

— Você a amava? — ela perguntou.

Harry pensou bastante antes de responder:

— Eu não me lembro. Foi uma época bastante... obscura da minha vida.

Ela acariciou o seu rosto.

— Sabe o que eu acho estranho? Que essa mulher que eu nunca encontrei ou vi tenha entrado furtivamente no seu apartamento e olhado fotos de nós três em Frognerseteren que estão penduradas em cima do seu espelho. Sabendo que ela ia destruir tudo. E que vocês apesar de tudo talvez se amassem.

— Hum. Ela tinha planejado todos os detalhes bem antes de saber sobre você e Oleg. Conseguiu a assinatura de Ali já no verão.

— E imagine como ela deve ter se esforçado para copiá-la, já que é canhota.

— Não pensei nisso. — Ele virou a cabeça no colo e olhou para ela. — Vamos falar de outra coisa? O que você acha de eu ligar para meu pai para perguntar se ele pode nos emprestar a casa em Åndalsnes no verão? Em geral, o tempo é péssimo, mas tem uma casa de barco e um barco a remo do meu avô.

Rakel riu. Harry fechou os olhos. Ele amava aquele riso. Pensou que, se não cometesse nenhum erro, poderia ouvir esse riso por muito tempo.

Harry acordou com um salto. Esforçou-se para se sentar na cama e arfava. Ele teve um sonho, mas não se lembrava com o quê. O coração bateu como um bumbo enlouquecido. Estaria embaixo da água na piscina em Bangcoc de novo? Ou em frente ao homem do atentado na suíte do hotel SAS? A cabeça doía.

— O que foi? — murmurou Rakel no escuro.

— Nada — sussurrou Harry. — Durma.

Ele se levantou, foi ao banheiro e bebeu um copo de água. O rosto cansado e pálido no espelho o encarou. Ventava lá fora. Os galhos do grande carvalho no jardim arranhavam a parede. Os ombros pinicavam. Os pelos se levantando davam cócegas na nuca. Harry encheu o copo mais uma vez e bebeu devagar. Agora lembrava. O que ele tinha sonhado. Um menino sentado no telhado da escola balançando as pernas. Que não entrou para a aula. Que fez o

irmãozinho escrever suas redações. Que mostrava para a nova namorada do irmão todos os lugares onde brincavam quando eram crianças. Harry sonhou com uma receita de tragédia.

Quando voltou para debaixo do edredom, Rakel estava dormindo. Ele fixou o olhar no teto e começou a esperar o amanhecer.

O relógio na mesa da cabeceira mostrava 5h03 quando não aguentou mais, se levantou, ligou para a telefonista e conseguiu o número particular de Jean Hue.

Heinrich Schirmer



Beate acordou quando a campainha tocou pela terceira vez.

Ela se virou de lado e olhou o relógio. Cinco e quinze. Ficou deitada, pensando no que seria melhor — levantar e mandá-lo para o inferno ou fazer de conta que não estava em casa. Tocou de novo, de tal forma que a fez entender que ele não estava pensando em desistir.

Ela suspirou, se levantou e vestiu o roupão. Pegou o interfone.

— Sim?

— Desculpe estar tocando tão tarde. Ou tão cedo.

— Vai para o inferno, Tom.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Não é o Tom — disse a voz. — Sou eu, Harry.

Beate praguejou baixinho e apertou o botão para abrir a porta.

— Eu não aguentei ficar acordado na cama — disse Harry quando entrou. — É sobre o Magarefe.

Ele se acomodou no sofá enquanto Beate desapareceu no quarto.

— Como disse, eu não tenho nada com o caso de Waaler... — gritou para a porta aberta do quarto.

— Como disse, não é da sua conta — gritou ela de volta. — Além do mais, ele está suspenso.

— Eu sei. Fui chamado para um inquérito do Sefo para falar sobre a minha relação com Alf

Gunnerud.

Ela voltou em uma camiseta branca e jeans e se pôs na frente de Harry. Harry olhou para ela.

— Quero dizer, eu o suspendi.

— Ah, é?

— Ele é um mau caráter. Mas o fato de você estar com a razão, não significa que pode dizer o que quiser para qualquer pessoa.

Harry inclinou a cabeça para o lado e cerrou um olho.

— Quer que eu repita? — perguntou ela.

— Não — respondeu. — Acho que entendo agora. Mas, e se não fosse qualquer pessoa, e sim uma amiga?

— Café? — Mas não deu tempo de Beate se virar para a cozinha antes do rubor se espalhar no seu rosto. Harry se levantou e a seguiu. Só tinha uma cadeira na pequena mesa. Na parede tinha uma placa de madeira com um poema em *håvamål*, norueguês antigo: *Quando diante de uma porta estranha, o homem deve cruzá-la com cautela, olhar para um lado e para o outro, pois ninguém pode prever que perigos espreitam no corredor.*

— Foram duas coisas que Rakel disse ontem que me fizeram pensar — disse Harry e se apoiou na bancada da cozinha. — A primeira coisa foi que dois irmãos que amam a mesma mulher é a receita de uma tragédia. A segunda foi que Anna deve ter se esforçado muito para copiar a assinatura de Ali, já que ela era canhota.

— Sim? — Ela colocou o café no filtro.

— Aqueles livros escolares de Lev que Trond Grette lhe deu para comparar a caligrafia da carta do suicídio, você lembra de que matéria era?

— Não prestei tanta atenção, só lembro que reparei que de fato era a caligrafia dele. — Ela despejou água na cafeteira.

— Era norueguês — disse Harry.

— Talvez — disse ela e se virou para ele.

— Eu sei — disse Harry. — Estou vindo de Jean Hue, do Esquadrão de Homicídios.

— O perito em caligrafia? Agora, no meio da noite?

— Ele trabalha em casa e foi bem compreensível. Verificou o caderno e a carta de suicídio com isso aqui. — Harry abriu uma folha de papel e colocou na bancada da cozinha. — Esse café vai demorar muito?

— O que é tão urgente? — perguntou Beate e se inclinou para ver a folha.

— Tudo é urgente — respondeu Harry. — A primeira coisa que você precisa fazer é checar as contas bancárias de novo.

Aconteceu que Else Lund, chefe executiva e um dos dois empregados da agência de viagens Brastour recebeu um telefonema no meio da noite de um cliente que tinha sido roubado ou havia perdido o passaporte e a passagem no Brasil e no desespero ligou para o seu celular sem pensar no fuso horário. Por isso dormiu com o celular desligado. E por isso se zangou

bastante quando o telefone fixo tocou às cinco e meia e a voz no outro lado perguntou se ela podia ir para o trabalho o mais rápido possível. Sua voz ficou apenas levemente mais macia quando a pessoa acrescentou que era da polícia.

— Espero que se trate de vida ou morte — disse Else Lund.

— Sim — respondeu a voz. — Mais de morte.

Como sempre, Rune Ivarsson era o primeiro a chegar ao trabalho. Ele olhou pela janela. Gostava do silêncio, de ter o andar todo para si, mas não só por isso. Quando os outros chegavam, Ivarsson já tinha lido todos os fax, os relatórios da noite anterior e todos os jornais, e tomava dessa forma a dianteira que precisava. Era disso que se tratava se quisesse efetivamente ser chefe — estar acima, fazer uma ponte de onde se tem a visão geral. Quando seus subalternos no departamento de vez em quando expressavam frustração porque a gerência guardava informação para si, era porque eles não entendiam que saber é poder e que uma liderança precisa de poder para traçar o curso que no final vai levá-los ao porto. Sim, era simplesmente para o bem deles, deixar o saber para a liderança. Agora que ele tinha dado ordens a todos que trabalhavam no caso Magarefe para comunicar tudo diretamente a ele, era justamente para juntar o saber onde devia estar, em vez de jogar tempo fora em infinitas discussões no plenário, que só existiam para dar aos subalternos a sensação de participação. Neste momento era mais importante que ele, como chefe, tomasse as rédeas para mostrar iniciativa e eficiência. Mesmo que se esforçasse o máximo para fazer a revelação de Trond Grette parecer sua própria obra, ele sabia que, da maneira que ocorreu, podia enfraquecer sua autoridade. A autoridade do chefe não era uma questão de prestígio pessoal, mas um assunto para todo o país — disse a si mesmo.

Bateram à porta.

— Não sabia que você era de acordar cedo, Hole — disse Ivarsson para o rosto pálido no vão da porta e continuou a ler o fax na sua frente. Ele havia pedido que enviassem as matérias de um jornal que havia feito uma entrevista com ele sobre a caçada ao Magarefe. Não gostou da entrevista. Na verdade não tinha sido citado erroneamente, mas a entrevista conseguiu fazer ele parecer evasivo e sem ação. Por sorte as fotos eram boas. — O que você quer, Hole?

— Apenas dizer que chamei algumas pessoas para a sala de reunião no sexto andar. Pensei que você talvez estivesse interessado em aparecer. Trata-se do chamado assalto ao banco da rua Bogstad. Vamos começar agora.

Ivarsson parou de ler e levantou o olhar.

— Então você convocou uma reunião? Interessante. Posso perguntar quem autorizou essa reunião, Hole?

— Ninguém.

— Ninguém. — Ivarsson soltou um riso curto e crepitante de gaivota. — Então sobe lá e diz que a reunião está adiada até depois do almoço. Eu tenho um montão de relatórios para ler agora. Entendido?

Harry acenou devagar com a cabeça como se pensasse muito.

— Entendo. Mas o caso é da Homicídios e nós vamos começar agora. Boa sorte com a leitura dos relatórios.

Ele se virou e, no mesmo instante, o punho de Ivarsson bateu na mesa.

— Hole! Você não pode virar as costas para mim desse jeito! Sou *eu* que convoco reuniões nessa casa. Especialmente quando se trata de assaltos. Entendido? — O lábio inferior vermelho e molhado tremeu bem no meio do rosto do chefe do setor.

— Como você ouviu, eu falei do chamado assalto da rua Bogstad, Ivarsson.

— E que diabos quer dizer com isso? — A voz era um chiado só.

— Quero dizer que o que aconteceu na rua Bogstad nunca foi um assalto — respondeu Harry. — Foi um assassinato bem planejado.

Harry estava na janela olhando para a prisão. Lá fora, o dia parecia ter começado meio a contragosto, como uma carroça rangendo. Nuvens carregadas de chuva sobre Ekeberg e guarda-chuvas pretos na rua Grønlandsleiret. Atrás das suas costas estavam todos reunidos: Bjarne Møller, bocejando e caído no fundo da cadeira. O chefe da polícia criminal conversava sorridente com Ivarsson. Weber mudo e impaciente com os braços cruzados. Halvorsen com o bloco de anotações pronto. E Beate Lønn com um olhar nervoso e bruxuleante.

Stone Roses



Os aguaceiros pararam ao meio do dia. O sol apareceu hesitante por entre o azul-acinzentado antes de as nuvens, de repente, se retirarem para os lados, como o pano de boca antes do ato final. Essas seriam as últimas horas de céu limpo daquele ano antes da cidade finalmente ser coberta com o manto do inverno. Diesengrenda estava tomando banho de sol quando Harry tocou a campainha pela terceira vez.

Para ele, a campainha soava como um murmúrio no estômago dos apartamentos do condomínio. A janela do vizinho se abriu com um estrondo.

— Trond não está em casa — disse ela, carregando nos erres. Seu rosto tinha outro tom agora, um tipo de bronzeado que lembrava Harry de uma pele tingida de nicotina. — O coitado — acrescentou.

— Onde está ele? — perguntou Harry.

Levou os olhos ao céu como resposta e apontou com o polegar sobre o ombro.

— Na quadra de tênis?

Beate começou a andar, mas Harry ficou.

— Pensei sobre o que falamos da última vez — disse Harry. — Sobre o viaduto. Você disse que todos ficaram tão surpresos por ele ser tão quieto e educado quando menino.

— Sim?

— Mas que todos aqui na vizinhança sabiam que tinha sido ele.

— A gente viu ele sair de bicicleta daqui de manhã.

— De jaqueta vermelha?

— Sim.

— De Lev?

— Lev? — Ela riu e balançou a cabeça. — Não estamos falando de Lev. Ele aprontou muitas coisas, mas nunca foi mau.

— Quem foi então?

— Trond. É dele que estava falando o tempo todo. Eu disse que ele estava bem pálido quando voltou. Trond não aguenta sangue.

O vento estava aumentando. A oeste, nuvens parecendo pipocas começaram a surgir no céu azul. As rajadas de vento arrepiavam as poças de água no pedregulho vermelho da quadra e apagaram o reflexo de Trond Grette, que levantou a bola no ar para um novo saque.

— Olá — disse Trond e bateu na bola que rodopiou devagar no ar. Uma pequena nuvem de giz branco subiu para logo ser levada com o vento quando a bola bateu na linha da área de saque e saltou para o alto, ficando impossível para o oponente imaginário do outro lado da rede alcançá-la.

Trond se virou para Harry e Beate, que estavam no lado de fora da rede de aço. Ele vestia uma camisa de tênis branca, shorts de tênis branco, meias brancas, sapatos brancos.

— Perfeito, não é? — sorriu.

— Quase — respondeu Harry.

Trond mostrou um sorriso ainda mais largo, fez sombras para os olhos e olhou para o céu.

— Parece que está nublando de novo. O que posso fazer por vocês?

— Pode vir conosco até a polícia — disse Harry.

— A polícia? — Ele os olhou com surpresa. Isto é, parecia que ele *tentava* parecer surpreso. Ele arregalou os olhos um pouco teatralmente demais e havia algo quase afetado na sua voz, que não havia anteriormente. O tom de voz estava exageradamente baixo e gago no final: — *A po-polícia?* — Harry sentiu os pelos da nuca se levantarem.

— Agora mesmo — disse Beate.

— Certo. — Trond acenou de novo com a cabeça como se alguma ficha acabasse de cair e sorriu de novo. — Claro. — Ele começou a ir para o banco onde duas raquetes de tênis despontavam por baixo de um casaco cinza. Seus sapatos se arrastavam no cascalho.

— Ele está fora de controle — sussurrou Beate. — Vou algemá-lo.

— Não... — protestou Harry e tentou pegar o braço de Beate, mas ela já abrira a porta de tela de arame e estava entrando. Parecia que o tempo de repente havia se expandido, inchado como um *air bag* prendendo Harry e o impedindo de se mover. Através da tela viu Beate pegar as algemas que estavam presas no cinto. Ouviu os tênis se arrastarem no cascalho. Passos curtos. Como um astronauta. Automaticamente, Harry levou a mão à pistola no coldre no ombro, embaixo da jaqueta.

— Grette, sinto muito... — Beate começou antes de Trond alcançar o banco e enfiar a mão

por baixo do casaco cinza. O tempo já estava começando a respirar agora, se encolhia e se expandia em um só movimento. Harry sentiu a mão se fechar em volta da pistola, mas sabia que havia uma “eternidade” entre este momento até realmente tirá-la, carregá-la, soltar a trava de segurança, mirar. Embaixo do braço levantado de Beate, ele viu um raio de sol refletido.

— Eu também — disse Trond, pondo o rifle azul-acinzentado e verde-oliva AG-3 no ombro. Ela deu um passo para trás.

— Querida — disse Trond baixinho. — Fique bem quietinha, se quiser viver mais alguns segundos.

— Nós nos enganamos — disse Harry e se virou da janela para as pessoas reunidas. — Stine Grette não foi morta por Lev, mas por seu próprio marido, Trond Grette.

A conversa entre o chefe da polícia criminal e Ivarsson parou. Møller se endireitou na cadeira. Halvorsen esqueceu de anotar e até Weber perdeu a expressão de tédio.

Foi Møller que por fim quebrou o silêncio:

— O contador?

Harry acenou com a cabeça para todos os rostos incrédulos.

— Não é possível — disse Weber. — Temos o filme da loja 7-Eleven e temos impressões digitais na garrafa de Coca-Cola que não deixa dúvidas de que o culpado é Lev Grette.

— Temos a caligrafia da carta de suicídio — disse Ivarsson.

— E, se não me falha a memória, o assaltante foi identificado como Lev Grette pelo próprio Raskol — disse o chefe da polícia criminal.

— Parece que o caso é bastante evidente — disse Møller. — E totalmente solucionado.

— Permita-me falar — disse Harry.

— Pois não, se puder fazer essa gentileza — disse o superintendente.

As nuvens ganharam velocidade e passaram voando sobre o hospital de Aker como uma armada preta.

— Não faça nenhuma tolice, Harry — disse Trond. A boca do rifle estava encostada na testa de Beate. — Solte a arma que sei que está segurando.

— Senão? — perguntou Harry e tirou a pistola de dentro da jaqueta.

Trond riu baixinho.

— Elementar. Eu mato sua colega.

— Como matou sua mulher?

— Ela merecia.

— Ah é? Por ela gostar mais de Lev do que de você?

— Porque ela era a minha mulher.

Harry respirou fundo. Beate estava entre Trond e ele, mas com as costas para ele, de forma que não podia ler nada do seu rosto. Tinha vários caminhos para sair dessa. A primeira alternativa seria tentar dizer a Trond que ele estava sendo estupidamente precipitado, na

esperança de que ele compreendesse. Por outro lado, um homem que leva uma arma AG-3 carregada para a quadra de tênis já pensou no que queria fazer com ela. A segunda alternativa seria fazer como Trond disse, soltar a pistola e esperar ser massacrado. E a alternativa três era pressionar Trond, provocar alguma reação, algo que pudesse fazer ele mudar seus planos. Ou explodir e atirar. A primeira alternativa era impossível, a outra daria o pior resultado imaginável e a terceira — Beate acabaria como Ellen —, Harry sabia que não conseguiria viver consigo mesmo se ele sobrevivesse.

— Mas talvez ela não quisesse mais ser a sua mulher — disse Harry. — Foi isso que aconteceu?

Os dedos de Trond se dobraram sobre o gatilho e o seu olhar encontrou o de Harry por cima do ombro de Beate. Automaticamente, Harry começou a contar mentalmente. Mil e um, mil e...

— Ela pensou que poderia simplesmente me deixar — disse Trond baixinho. — Eu, que dei tudo a ela. — Ele riu. — Em troca de um cara que nunca fez nada para ninguém, que pensava que a vida era uma festa de aniversário e que todos os presentes eram para ele. Lev não roubava. Só não sabia ler os cartões “de” e “para”. — A gargalhada de Trond foi levada pelo vento como migalhas de biscoito em forma de letras.

— Como de Stine para Trond? — perguntou Harry.

Trond piscou com força com os dois olhos.

— Ela disse que o amava. *Amava*. Ela não usou essas palavras nem no dia em que nós nos casamos. *Gosto muito*, ela *gostava muito* de mim. Porque eu era bonzinho com ela. Mas ela *amava* o cara que só sentava com os pés pendurados na calha de chuva e esperava aplausos. Isso era importante para ele. Aplausos.

Tinha menos de seis metros entre eles, e Harry podia ver os ossos da mão esquerda de Trond branquearem ao apertar o cano do rifle.

— Mas não para você, Trond, você não precisava de aplausos, não é? Você gozava das suas conquistas em silêncio. Sozinho. Como naquela vez no viaduto.

Trond colocou o lábio inferior para frente.

— Confessa que vocês acreditaram em mim.

— Sim, a gente acreditou em você, Trond. Acreditamos em cada palavra sua.

— Então, o que foi que deu errado?

— Beate verificou as contas do primeiro semestre de Trond e Stine Grette — disse Harry. Beate segurou um monte de papéis para os outros na sala. — Os dois transferiram dinheiro para a agência de viagens Brastour — disse. — A agência confirmou que em março Stine Grette fez reservas para uma viagem para São Paulo em junho e que Trond Grette a seguiu, duas semanas depois.

— Em geral confere com o que Trond nos contou — disse Harry. — O que é estranho é que Stine contou ao gerente da agência, Klementsén, que ela ia para Tenerife, de férias. E que Trond Grette reservou e comprou sua passagem no mesmo dia que ele viajou. Péssimo

planejamento para quem vai passar as férias juntos comemorando dez anos de casamento, não é?

Estava tão quieto na sala de reuniões que eles podiam ouvir o motor da geladeira no outro lado do corredor.

— Uma esposa que mentiu para todos sobre para onde iria viajar e um marido que, já com suspeitas, foi verificar os extratos bancários dela, sem conseguir fazer a Brastour rimar com Tenerife. E que então ligou para a Brastour, pegou o nome do hotel onde se hospedaria a esposa e foi atrás dela para levá-la para casa.

— E depois? — perguntou Ivarsson. — Ele a encontrou com um negão?

Harry acenou negativamente com a cabeça.

— Eu acho que ele não a encontrou em nenhum lugar.

— Verificamos, e ela não ficou no hotel reservado durante a estadia — disse Beate. — E Trond retornou em um voo mais cedo do que o dela.

— Além disso, Trond sacou trinta mil coroas com seu cartão, em São Paulo. Primeiro disse que tinha comprado um anel de diamantes, depois se encontrou com Lev e deu o dinheiro a ele porque ele estava liso. Mas estou quase certo de que nada disso é verdade. Acho que o dinheiro foi um pagamento por uma mercadoria mais conhecida em São Paulo do que joias.

— E isto seria? — perguntou Ivarsson visivelmente irritado quando a pausa se tornou insuportável.

— Morte por encomenda.

Harry gostaria de esperar mais um pouco, mas viu pelo olhar de Beate que ele já tinha demorado até o teatral.

— Quando Lev voltou para Oslo nesse outono, foi com dinheiro próprio. Ele estava longe de estar sem dinheiro e não pretendia assaltar um banco. Ele voltou para levar Stine para o Brasil.

— Stine? — exclamou Møller. — A mulher do próprio irmão?

Harry confirmou com um aceno de cabeça. As pessoas ao redor da mesa trocaram olhares.

— E Stine ia se mudar para o Brasil sem contar a ninguém sobre isso? — continuou Møller. — Nem aos pais, nem aos amigos? Sem avisar que estava deixando o trabalho?

— Bem — disse Harry. — Quando você decide se unir a um assaltante que é procurado tanto pela polícia quanto pelos colegas, você não anuncia seus planos ou seu novo endereço. Ela só contou a uma pessoa, Trond.

— A última pessoa a quem ela devia ter contado — acrescentou Beate.

— Ela deve ter achado que o conhecia, depois de conviver com ele durante 13 anos. — Harry foi à janela. — O sensível, mas bonzinho e seguro contador que a amava tanto. Deixe-me especular um pouco sobre o que aconteceu em seguida.

Ivarsson bufou:

— E como chama o que você fez até agora?

— Quando Lev veio a Oslo, Trond entrou em contato. Disse que, como pessoas adultas e irmãos, deveriam poder falar sobre isso. Lev ficou feliz e aliviado. Mas ele não queria aparecer na cidade, seria arriscado, por isso combinaram de se encontrar em Diesengrenda enquanto

Stine estava no trabalho. Lev veio e foi bem recebido por Trond, que disse que ele ficou triste no começo, mas que agora no fundo estava em paz com isso e feliz por eles dois. Ele abriu uma garrafa de Coca para os dois, que beberam e falaram sobre detalhes práticos. Lev deu a Trond seu endereço secreto em D'Ajuda, para poder enviar correspondência, salário atrasado e coisas assim para Stine. Quando Lev vai embora, ele não sabe que acabou de dar a Trond os últimos detalhes que precisava para executar seu plano, que havia começado já quando Trond esteve em São Paulo.

Harry viu que Weber começou a acenar afirmativamente com a cabeça.

— Sexta-feira de manhã. Dia D. À tarde, Stine vai voar com Lev para Londres e de lá para o Brasil, no dia seguinte. A viagem foi reservada pela Brastour, onde seu parceiro de viagem é registrado sob o nome de Petter Berntsen. Sua mala está pronta em casa. Mas ela e Trond vão ao trabalho normalmente. Às duas, Trond saiu do trabalho e foi para a academia SATS na rua Sporveien. Quando chegou, pagou com cartão uma hora de squash que ele reservou, mas disse que não achou parceiro. Com isso, a primeira parte do álibi estava segura: um registro de pagamento com cartão às 14h34. Então disse que queria treinar na sala de musculação e entrou no vestiário. Havia muitas pessoas e grande movimento àquela hora da tarde. Ele se trancou no banheiro com a bolsa, colocou um macacão com alguma coisa em cima para escondê-lo, provavelmente um casaco comprido, esperou até calcular que as pessoas que o viram entrar no banheiro já haviam saído, botou óculos de sol, pegou a bolsa e saiu do vestiário depressa e despercebido e atravessou a recepção. Aposto que ele foi ao parque Stensparken e continuou pela rua Pilestredet, onde tem uma área de construção que termina o expediente às três. Ele entrou, tirou o casaco e vestiu um capuz que escondeu por baixo de um boné. Então subiu a colina e entrou à esquerda pela rua da Indústria. Quando chegou ao cruzamento da rua Bogstad, entrou na loja 7-Eleven. Ele havia estado lá duas semanas antes e verificado os ângulos das câmeras. E o contêiner que tinha encomendado estava no lugar. O cenário estava montado para os investigadores policiais diligentes, que ele, evidentemente, sabia que iriam checar todas as gravações de vídeo, em lojas e postos de gasolina da área neste exato período. Então apresentou aquele teatrinho para nós, em que não podemos ver seu rosto, e sim ele mostrando uma garrafa de Coca-Cola *muito* claramente, da qual ele bebeu sem usar luvas, colocou em um saco plástico para garantir que as impressões digitais não se danificassem numa eventual chuva e colocou no contêiner verde que não iria ser levado embora por um bom tempo. Decerto pensou positivamente sobre a nossa eficácia e essa pequena prova quase se perdeu, mas teve sorte — Beate andou exatamente numa velocidade louca o bastante para a gente conseguir: dar a Trond Grette o álibi perfeito. Conseguir a prova definitiva e incontestável contra Lev.

Harry parou. Os rostos na sua frente expressaram leve confusão.

— A garrafa de Coca-Cola foi aquela que Lev bebeu em Diesengrenda — disse Harry. — Ou em outro lugar. Trond guardou-a exatamente para essa utilidade.

— Receio que está esquecendo uma coisa, Hole — cacarejou Ivarsson. — Vocês mesmos viram que o assaltante pegou na garrafa de Coca sem luvas. Se foi Trond Grette, suas impressões digitais deveriam estar na garrafa.

Harry acenou com a cabeça para Weber.

— Cola — disse o velho policial.

— Como é? — O chefe da polícia criminal se virou para Weber.

— É um truque bem conhecido pelos assaltantes de banco. É só passar um pouco de cola nas pontas dos dedos, deixar secar e pronto, nenhuma impressão digital.

O chefe da polícia criminal acenou com a cabeça negativamente.

— Mas onde esse contador, como vocês o chamam, aprendeu esses truques todos?

— Ele era o irmãozinho de um dos assaltantes de bancos mais profissionais da Noruega — disse Beate. — Conhecia os métodos e o estilo de Lev de cor. Entre outras coisas, Lev guardava gravações em vídeo de seus próprios assaltos, em casa, em Diesengrenda. Trond aprendeu o método do seu irmão tão bem que até levou Raskol a pensar que foi Lev Grette que ele viu. Além do mais, a semelhança física entre os dois irmãos fez a manipulação das fotos no vídeo mostrar que o assaltante *poderia* ser Lev.

— Que merda! — soltou Halvorsen meio sem querer. Ele se abaixou e olhou Bjarne Møller de relance, mas Møller estava boquiaberto olhando no vazio, como tivesse levado uma bala na cabeça.

— Você não abaixou a pistola, Harry. Pode me explicar isso?

Harry tentou respirar regularmente mesmo com o coração a galope. Oxigênio para o cérebro era o mais importante. Ele tentou evitar olhar para Beate. O vento soprava nela e os cabelos finos e louros se levantaram. Os músculos se moviam no pequeno pescoço e os ombros começaram a tremer.

— Elementar — disse Harry. — Assim você mata nós dois. Tem que me dar um acordo melhor que esse, Trond.

Trond riu e encostou a coronha verde do rifle ao rosto.

— O que acha desse acordo, Harry. Você tem 25 segundos para pensar nas suas alternativas e soltar a arma.

— Os 25 segundos de costume?

— Correto. Você deve lembrar se foi rápido ou não. Por isso, pense rápido, Harry. — Trond deu um passo para trás.

— Você sabe o que foi que nos deu a ideia de que Stine conhecia o assaltante? — gritou Harry. — É que estavam próximos demais. Muito mais próximos do que você e Beate estão agora. É estranho, mas, mesmo em situações de vida ou morte, as pessoas respeitam suas zonas íntimas. Não é estranho?

Trond colocou o cano embaixo do queixo de Beate e levantou seu rosto.

— Beate, pode fazer a gentileza de contar para a gente? — Ele usou o tom de voz teatral de novo. — De um a vinte. Nem depressa demais, nem devagar demais.

— Tem uma coisa que eu gostaria de saber — disse Harry. — O que foi que ela disse logo antes de você atirar?

— Você gostaria muito de saber, não é, Harry?

— Sim, gostaria.
— Então, Beate aqui tem dois segundos para começar a contar. Um...
— Conte Beate!
— Um. — Sua voz era apenas um sussurro seco. — Dois.
— Stine deu a si mesma e a Lev a derradeira condenação à morte.
— Três.
— Ela disse que eu podia matá-la, mas que o poupasse.
Harry sentiu a garganta se fechar e o aperto na pistola murchar.
— Quatro.

— Em outras palavras, ele teria matado Stine de qualquer maneira, independentemente de quanto tempo o gerente da agência gastasse para colocar o dinheiro no bolso? — perguntou Halvorsen.

Harry confirmou com expressão sóbria.

— Como sabichão, presumo que você conheça a rota de fuga também — disse Ivarsson, tentando conseguir um tom de voz ácido e engraçado, mas sua irritação transparecia com clareza demais.

— Não, mas imagino que ele voltou da mesma maneira que veio. Subindo a rua da Indústria, descendo Pilestredet, entrou na área de construção onde tirou o capuz e colocou o adesivo POLÍCIA nas costas do macacão. Quando voltou à academia, estava de boné e óculos de sol e não fez nada para que o pessoal não prestasse atenção nele, já que não poderiam reconhecê-lo. Ele foi direto para o vestiário, vestiu a roupa esporte que usava quando veio do trabalho, se misturou entre as pessoas na sala de musculação, pedalou um pouco na ergométrica, levantou peso talvez. Depois tomou banho e foi à recepção e denunciou o roubo da raquete de tênis. A garota que recebeu a denúncia registrou o horário exato, 16h02. O álibi estava pronto e ele saiu, ouviu a sirene e foi para casa. É por aí.

— Não sei se entendi a razão daquele adesivo da polícia — disse o superintendente. — A gente nem usa macacão na polícia.

— Psicologia elementar — disse Beate e ficou com as bochechas quentes ao ver o chefe erguer uma sobrancelha. — Quero dizer... Não elementar no sentido que é... óbvio.

— Continue — disse o chefe.

— Trond Grette sabia, naturalmente, que a polícia iria procurar todas as pessoas de macacão que foram observadas na área. Por isso precisava ter alguma coisa no macacão que fizesse a polícia descartar a pessoa não identificada na academia. Há poucas coisas que as pessoas prestam mais atenção do que a palavra POLÍCIA.

— Uma alegação interessante — disse Ivarsson com um sorriso ácido e colocou dois dedos por baixo do queixo.

— Ela tem razão — disse o chefe. — Todas as pessoas têm um pouco de medo de autoridades. Continue, Lønn.

— Mas, para ter absoluta certeza, usou a si mesmo como testemunha e nos contou

espontaneamente sobre o homem que viu passar na sala de musculação usando macacão com a palavra POLÍCIA nas costas.

— O que em si já é um traço de genialidade — disse Harry. — Grette contou isso como se ele não soubesse que o adesivo POLÍCIA desqualificava o homem. Mas reforçou a credibilidade de Trond Grette aos nossos olhos, já que ele voluntariamente disse algo que poderia, do seu ponto de vista, nos colocar na rota do assassino.

— Como? — perguntou Møller. — Repita a última parte outra vez, Harry. Devagar.

Harry respirou fundo.

— Aliás, esqueça — disse Møller —, estou com dor de cabeça.

— Sete.

— Mas você não fez como ela pediu — disse Harry. — Você não poupou seu irmão.

— Claro que não.

— Ele sabia que foi você que a matou?

— Eu tive o prazer de contar a ele pessoalmente. Pelo celular. Ele estava no aeroporto de Gardermoen esperando por ela. Eu disse que se ele não entrasse naquele avião, eu iria atrás dele também.

— E ele acreditou quando você disse que tinha matado Stine?

Trond riu.

— Lev me conhecia. Ele não duvidou nem por um segundo. Ele estava vendo o assalto na TV no saguão quando eu contei os detalhes. Ele desligou quando chamaram seu voo. O dele e o de Stine. Ei, você! — Ele colocou o cano do rifle na testa de Beate.

— Oito.

— Ele deve ter pensado que fugiu para um local seguro — disse Harry. — Nem sabia do contrato de São Paulo.

— Lev era ladrão, mas um cara ingênuo. Ele nunca deveria ter me dado aquele endereço secreto em D'Ajuda.

— Nove.

Harry pensou em não prestar atenção à voz monótona e robótica de Beate.

— Então você mandou uma instrução ao matador de aluguel. Junto com a carta de suicídio. Que você escreveu com a caligrafia que usava para escrever as redações de Lev.

— Nossa — disse Trond. — Belo trabalho, Harry. Exceto pelo detalhe de a instrução ter sido enviada antes do assalto.

— Dez.

— Bem — disse Harry. — O matador também fez um belo trabalho. Parecia realmente que Lev tinha se enforcado. Mesmo com a falta do dedo mindinho evidentemente um pouco confusa. Esse era o recibo?

— Deixe-me dizer assim que um dedo mindinho cabe direitinho em uma carta comum.

— Pensei que você não aguentasse ver sangue, Trond.

— Onze.

Harry ouviu um trovão distante, além do vento que sibilava e parecia aumentar. Os campos e as ruas ao redor estavam desertos, como se todos tivessem procurado abrigo para o que viria.

— Doze.

— Por que você simplesmente não se entrega? — gritou Harry. — Você entende que não tem jeito?

Trond riu.

— Claro que não tem jeito. É esse o ponto principal. Nada a esperar. Nada a perder.

— Treze.

— Então, qual é o plano, Trond?

— O plano? Eu tenho dois milhões de coroas no banco e planos para uma longa — já que não feliz — vida no exílio. Os planos da viagem precisam ser antecipados um pouco, mas eu estava preparado para isso. O carro está pronto e arrumado para a partida desde o assalto. Vocês podem escolher entre serem mortos ou algemados à cerca.

— Quatorze.

— Você sabe que não vai dar — disse Harry.

— Acredite em mim, sei muito sobre maneiras de desaparecer. Lev não fazia outra coisa. Uma dianteira de vinte minutos é tudo de que preciso. Eu já terei trocado de meio de transporte e identidade duas vezes. Tenho quatro carros e quatro passaportes ao longo da rota de fuga, além de bons contatos. Em São Paulo, por exemplo. Vinte milhões de habitantes. Pode começar a procurar por lá.

— Quinze.

— Logo sua colega aqui vai morrer, Harry. Então como fica?

— Você já falou demais, vai nos matar de qualquer maneira.

— Terá que arriscar para saber. Quais são as suas alternativas?

— Você morrer antes de mim — disse Harry e carregou a pistola.

— Dezesseis — sussurrou Beate.

Harry havia terminado.

— Teoria divertida, Hole — disse Ivarsson. — Especialmente a parte do matador de aluguel no Brasil. Muito... — Ele mostrou seus dentes pequenos, para esboçar um sorriso menor ainda. — ... exótico. Não tem mais nada? Provas, por exemplo?

— A caligrafia na carta de suicídio — disse Harry.

— Você mesmo acabou de dizer que não confere com a caligrafia de Trond Grette?

— Não do jeito que ele normalmente escreve. Mas nas redações...

— Tem testemunha que prove que foi Trond que os escreveu?

— Não — disse Harry.

Ivarsson gemeu:

— Em outras palavras, não tem uma única prova conclusiva desse assassinato?

— Homicídio — disse Harry baixinho e olhou para Ivarsson. Pelo canto do olho, viu Møller

olhar para o chão com vergonha e Beate esfregar as mãos em desespero. O superintendente pigarreou.

Harry soltou a trave de segurança.

— O que está fazendo? — Trond cerrou os olhos e empurrou o cano do rifle na testa de Beate forçando a cabeça dela para trás.

— Vinte e um — gemeu ela.

— Não é libertador? — perguntou Harry. — Quando você finalmente entende que não tem nada a perder. Isso faz todas as suas escolhas serem muito mais fáceis.

— Está blefando.

— Estou? — Harry apontou a pistola para o próprio antebraço esquerdo e atirou. O estalo foi alto e agudo. Passaram-se alguns décimos de segundo antes de o eco dos prédios voltar. Trond olhava fixamente. Um pedaço dentado se levantou em volta do buraco na jaqueta de couro do policial e um chumaço branco de forro de lã sumiu em um redemoinho no vento. Pingos. Gotas pesadas e vermelhas caíram no chão com um som de tique-taque, e desapareceram na mistura de cascalho e gramado apodrecendo, sendo chupados pela terra.

— Vinte e dois.

As gotas ficaram maiores, e caíam cada vez mais rápido, soando como um metrônomo acelerado. Harry levantou a pistola, encostou o cano contra um dos quadrados da cerca de arame e mirou:

— É assim o meu sangue, Trond — disse ele, bem baixo, quase inaudível. — Vamos dar uma olhada no seu?

No mesmo instante, as nuvens cobriram o sol.

— Vinte e três.

Uma sombra escura caiu como uma parede vinda do oeste, primeiro por cima dos campos, depois das casas, dos prédios, do cascalho vermelho e das três pessoas. A temperatura também caiu subitamente, como se aquilo que havia se colocado no caminho da luz não apenas impedisse o calor, mas irradiasse frio. Mas Trond não percebeu. Tudo que ele sentia e via era a respiração curta e acelerada, o seu pálido rosto inexpressivo, e a boca da pistola do policial que olhava para ele como um olho preto que finalmente havia encontrado o que estava procurando, e já estava furando-o — dissecando-o e derrubando-o. Trovejava ao longe. Mas tudo que ele ouvia era o som do sangue. O policial já estava aberto e o conteúdo escorria dele. O sangue, a obra, a vida, estalava na grama como se não fosse ele o devorado, mas o devorador, queimando terra adentro. E Trond sabia que mesmo se ele fechasse os olhos e tampasse os ouvidos, ainda ouviria seu próprio sangue zunir nos ouvidos, cantando e pressionando, como se quisesse sair.

Ele sentiu a náusea como uma espécie de espasmo suave, um embrião que ia nascer através da boca. Ele engoliu, mas a água corria fresca de todas as glândulas, lubrificando todo

o seu interior, deixando-o pronto. Os campos, os prédios e a quadra de tênis entraram em lento movimento. Ele se encolheu, tentou se esconder atrás da policial, mas ela ficou pequena demais, transparente demais, apenas uma cortina fininha que tremia com as rajadas de vento. Ele se agarrou ao rifle como se fosse ele que o mantivesse de pé e não o contrário. Apertou os dedos em volta do gatilho, mas esperou. Tinha que esperar. Esperar o quê? Para o medo soltar suas garras? Para as coisas se equilibrarem? Mas não iriam entrar em equilíbrio, iriam rodopiar e não se acalmariam antes de serem esmagadas contra o fundo. Tudo estava em queda livre desde que Stine disse que ia embora, e o barulho do sangue nos ouvidos lembrava o tempo todo que a velocidade estava aumentando. Ele acordava todas as manhãs pensando que agora estava acostumado a cair, agora o medo tinha ido embora, o desfecho já estava dado, as dores já vividas. Mas não era assim. E então começou a sentir saudade de alcançar o fundo, o dia em que ele pelo menos estaria livre de sentir medo. E agora que finalmente via o fundo embaixo de si, estava sentindo mais medo ainda. A paisagem no outro lado da cerca de arame voou ao encontro dele.

— Vinte e quatro.

Beate estava chegando. Ela estava com o sol nos olhos, estava dentro de uma agência bancária em Ryen e a luz de fora a cegou e tornou tudo branco e duro. O pai estava ao seu lado, como sempre calado. A mãe a chamava de algum lugar, mas estava longe, ela sempre esteve longe. Beate contou as fotografias, verões, beijos e fracassos. Era muito, ela ficou surpresa ao descobrir quanto. Ela lembrou rostos, Paris, Praga, um sorriso por baixo de uma franja preta, uma declaração de amor acanhada, um ofegante, cheio de medo: “Dói?” E um restaurante em San Sebastian que ela não podia pagar, mas tinha reservado mesa mesmo assim. Talvez devesse ser grata, apesar de tudo?

Ela acordou desses pensamentos quando o cano do rifle empurrou sua testa. As imagens desapareceram e só havia uma tempestade de neve branca chiando na tela. E ela pensou: por que papai só ficava lá ao lado dela, por que ele não me pedia nada? Ele nunca pediu nada para ela. E ela o odiava por isso. Ele não sabia que era a única coisa que ela queria, fazer algo para ele, qualquer coisa? Ela foi aonde ele tinha ido, mas quando encontrou o assaltante, o assassino, o viúvo, e queria dar ao seu pai a sua vingança, a vingança deles, ele estava ali ao lado dela, calado como sempre, e resignado.

E agora ela estava lá, onde ele mesmo esteve. E todas as pessoas que ela tinha visto em vídeos de assaltos do mundo inteiro à noite na Casa da Dor e pensado no que eles tinham pensado. Agora estavam lá e ela ainda não sabia.

Então alguém desligou a luz, o sol desapareceu e ela afundou no frio. E foi nesse escuro que ela acordou de novo. Como se a primeira vez que tivesse acordado fosse para outro sonho. E ela começou a contar de novo. Mas desta vez contou lugares onde ela não esteve, pessoas que não tinha encontrado, lágrimas que ainda não tinha chorado, palavras que ainda não havia escutado.

— Sim — disse Harry. — Tenho essa prova. — Ele tirou uma folha de papel e colocou sobre a mesa comprida.

Ivarsson e Møller se inclinaram ao mesmo tempo e quase bateram cabeças.

— O que é isso? — latiu Ivarsson. “Um dia maravilhoso?”

— São rabiscos — disse Harry. — Escritos em um bloco de desenho no hospital Gaustad. Duas testemunhas, eu mesmo e Lønn, estávamos presentes e podemos testemunhar que a pessoa que fez os rabiscos foi Trond Grette.

— E daí?

Harry olhou para eles. Depois virou de costas e foi devagar à janela.

— Já olharam seus próprios rabiscos, quando acreditam que estão pensando em outra coisa? Podem ser bastante reveladores. Foi por isso que peguei a folha, para ver se faria sentido. No começo não deu mesmo. Quero dizer, quando sua mulher acabou de ser morta e você está em uma ala psiquiátrica fechada e escreve “Um dia maravilhoso” de novo e de novo, ou está completamente maluco ou está escrevendo exatamente o oposto do que está pensando. Mas então me lembrei de algo.

A cidade estava cinza, pálida como o rosto de um homem velho e cansado, mas hoje, as poucas cores que ainda persistiram brilhavam no sol. Como um leve sorriso antes de se despedir, pensou Harry.

— “Um dia maravilhoso” — disse. — Não é um pensamento, um comentário ou uma afirmação. É um título. De uma redação que se escreve na escolinha.

Um pássaro voou em frente à janela.

— Trond Grette não estava pensando, ele só escrevia automaticamente. Como tinha feito na época da escola quando ficava treinando a nova caligrafia. Jean Hue, o perito em caligrafia da Criminalística, confirmou que a mesma pessoa que escreveu isso escreveu a carta de suicídio. E as redações.

Foi como se o filme estivesse atolado e a foto congelada. Nenhum movimento, nenhuma palavra, apenas os ruídos repetitivos de uma copiadora no outro lado do corredor.

Por fim foi Harry que se virou e quebrou o silêncio.

— Parece haver clima para eu e Beate Lønn trazermos Trond Grette para um pequeno interrogatório.

Merda! Merda! Harry tentou manter a pistola firme, mas as dores o deixavam tonto e as rajadas de vento puxavam seu corpo. Trond reagiu vendo o sangue exatamente como Harry esperava, e por um instante Harry teve uma linha de tiro limpa. Mas Harry hesitou e, agora, Trond posicionava Beate de forma que Harry só podia ver um pouco da sua cabeça e ombro. Ela era parecida, ele via agora, meu Deus como era parecida! Harry piscou com força para conseguir vê-los em foco de novo. A rajada de vento seguinte foi tão forte que levantou e levou o casaco cinza do banco, e por um momento parecia que um homem invisível apenas vestindo um guarda-pó atravessava a quadra correndo. Harry sabia que um aguaceiro estava chegando, que isso era uma massa de ar que a parede de chuva empurrava na sua frente

como a última advertência. Então ficou escuro como se a noite tivesse caído de súbito e os dois corpos na sua frente derreteram em uma só pessoa e no mesmo instante a chuva chegou e grandes gotas pesadas começaram a martelá-los.

— Vinte e cinco. — A voz de Beate estava de repente alta e clara.

No vislumbre, Harry viu os corpos fazerem sombra no cascalho vermelho. O estrondo que seguiu foi tão alto que se fixou como uma placa nos ouvidos. Um corpo se separou do outro e deslizou para o chão.

Harry caiu de joelhos e ouviu sua própria voz gritar:

— Ellen!

Ele viu a figura que ainda estava em pé lá dentro se virar e começar a andar na sua direção com o rifle nas mãos. Harry mirou, mas a chuva escorria como um córrego por cima do seu rosto e o cegou. Ele piscou e mirou. Ele não sentia mais nada, nem dor, nem frio, tristeza ou triunfo, apenas um grande nada. As coisas não eram para fazer sentido, elas apenas se repetiam feito um mantra eterno autoimplicante — viver, morrer, ressuscitar, viver, morrer. Ele apertou o gatilho pela metade. Mirou.

— Beate? — sussurrou.

Ela abriu a porta de arame com um chute e jogou o rifle AG-3 para Harry, que o pegou.

— O que... aconteceu?

— O espasmo de Setesdal — respondeu ela.

— O espasmo de Setesdal?

— Ele apagou, o coitado. — Ela mostrou a mão direita. A chuva diluiu e lavou o sangue que escorria de duas feridas de seu punho. — Eu só esperei que algo prendesse a sua atenção. E o estrondo do trovão o apavorou. E a você também, pelo visto.

Eles olharam para o corpo sem vida na quadra de tênis.

— Me ajuda com as algemas, Harry? — Seu cabelo louro grudava no rosto, mas ela parecia não notar. Ela sorriu.

Harry virou o rosto para a chuva e fechou os olhos.

— Deus do céu — murmurou. — Essa pobre alma não será solta antes do dia 12 de julho de 2020. Tenha piedade.

— Harry?

Ele abriu os olhos.

— Sim?

— Se ele vai ser solto em 2020, vamos ter que levá-lo já para a delegacia.

— Não é ele, sou eu — disse Harry e se levantou. — Sou eu. É quando me aposento.

Ele pôs a mão em volta do seu ombro e sorriu.

— O espasmo de Setesdal, até parece...

A colina de Ekeberg



Na segunda semana de dezembro começou a nevar novamente. E dessa vez para valer. A neve se amontoou pelas paredes das casas e a previsão era de mais nevascas. A confissão veio na quarta-feira. Trond Grette contou, após consultar seu advogado, como tinha planejado e depois executado o assassinato da esposa.

Novou a noite toda e no dia seguinte ele também confessou estar por trás do assassinato do irmão. O homem a quem pagou pelo trabalho se chamava El Ojo, não tinha endereço e trocava de apelido e de celular semanalmente. Trond só o encontrou uma vez, em um estacionamento em São Paulo, onde combinaram todos os detalhes. El Ojo recebeu mil e quinhentos dólares adiantados, o restante Trond botou em um saco de papel em um guarda-volumes na estação de metrô do Tietê. O acordo era que ele iria enviar a carta de suicídio para uma agência dos correios em Campo Belo, um bairro da zona sul de São Paulo, junto com a chave do guarda-volumes, assim que recebesse o dedo mindinho de Lev.

A única alusão à alegria durante os longos interrogatórios foi quando Trond, perguntado como ele, sendo turista, conseguiu entrar em contato com um matador de aluguel — respondeu que era significativamente mais fácil do que encontrar um profissional para fazer trabalhos de reformas na Noruega. A analogia não era totalmente por acaso.

— Foi Lev que me contou isso uma vez — disse Trond. — São listados como bombeiros, ao lado dos anúncios de sexo nos jornais.

Halvorsen mandou um fax com as informações esparsas à embaixada brasileira, que, rejeitando as ironias, prometeu educadamente que iria cuidar do caso.

O rifle AG-3 que Trond usou no assalto era de Lev e fora guardado no sótão em

Diesengrenda durante anos. De onde o rifle originalmente veio foi impossível esclarecer, já que o número de série estava raspado.

A véspera de Natal chegou cedo para o grupo de seguradoras Nordea, já que o dinheiro do assalto da rua Bogstad foi encontrado no porta-malas do carro de Trond e nem uma coroa estava faltando.

Os dias se passaram, a neve veio e os interrogatórios continuaram. Numa sexta-feira à tarde, quando todos estavam exaustos, Harry perguntou a Trond por que ele não vomitou quando meteu uma bala na cabeça da sua mulher — ele que não aguentava sangue? A sala de interrogatório ficou em silêncio. Trond olhou longamente para a câmera de vídeo no canto. Depois apenas acenou negativamente com a cabeça.

Mas quando tudo terminou e eles estavam na passagem subterrânea voltando para a cela de custódia, ele de repente se virou para Harry.

— Tem sangue e sangue.

No fim de semana, Harry sentou-se em uma cadeira perto da janela e ficou olhando Oleg e os meninos vizinhos construírem um forte de neve no jardim. Rakel perguntou o que ele estava pensando e ele quase falou. Em vez disso, perguntou se ela queria fazer uma caminhada. Ela pegou o gorro e as luvas. Passaram pela colina de Holmenkollen e foi lá que Rakel perguntou se eles não iam convidar o pai e a irmã de Harry para o jantar natalino.

— Não temos mais ninguém na família — disse ela e apertou sua mão.

Na segunda, Harry e Halvorsen recomeçaram no caso Ellen. Recomeçaram com tudo. Ouviram testemunhas que já tinham sido ouvidas, leram relatórios antigos, checaram dicas ignoradas e seguiram pistas antigas. E frias, descobriram.

— Tem o endereço daquela pessoa que alegou que tinha visto Sverre Olsen com um cara em um carro vermelho na rua Grünerløkka? — perguntou Harry.

— Kvinsvik. Ele está registrado com o endereço dos pais, mas duvido que o encontremos lá.

Harry não esperava muita cooperação quando entrou no Herbert's Pizza e perguntou por Roy Kvinsvik. Mas depois de comprar uma cerveja para um cara jovem com a logo da Aliança Nacional na camiseta, ficou sabendo que Roy não estava mais obrigado a guardar segredo já que recentemente havia rompido com seus velhos amigos. Aparentemente, Roy havia encontrado uma garota cristã e perdeu a fé no nazismo. Ninguém sabia quem ela era ou onde Roy morava, mas alguém viu ele cantar em frente à comunidade Filadélfia.

A neve se amontoava enquanto os caminhões limpa-neve iam e vinham nas ruas do Centro.

A mulher que levou o tiro na agência bancária do DNB, na rua Grensen, teve alta do hospital. No jornal *Dagbladet* ela mostrou com um dedo onde a bala entrou e com dois dedos o quanto

chegou perto do coração. Agora ia para casa preparar o Natal para o marido e para os filhos — disse no jornal.

Na quarta-feira às dez, na mesma semana, Harry bateu os pés para tirar a neve das botas em frente à sala de reunião 3 no Quartel-General da polícia, antes de anunciar sua chegada.

— Entre, Hole — bramiu a voz do juiz Valderhaug que presidia a investigação interna do tiroteio no cais. Harry foi colocado em uma cadeira em frente a um comitê de cinco pessoas. Além do juiz Valderhaug estavam presentes o promotor público, uma investigadora com outro homem e o advogado da defesa Ola Lunde, que Harry conhecia como um cara duro, mas competente e leal.

— Gostaríamos de ter o relatório da Promotoria Pública pronto antes do recesso de Natal — começou Valderhaug. — Pode nos falar, o mais breve e preciso possível, sobre seu envolvimento nesse caso?

Harry contou sobre o encontro rápido com Alf Gunnerud acompanhado pelas batidas do teclado do investigador. Quando terminou, o juiz Valderhaug agradeceu e farfalhou um pouco seus papéis antes de encontrar o que estava procurando e olhou para Harry por cima dos óculos.

— Gostaríamos de saber se você, a partir da impressão que teve do curto *rendez-vous* com Gunnerud, ficou surpreso quando soube que ele tinha sacado uma arma contra um policial.

Harry se lembrou do que pensou quando viu Gunnerud nas escadas. Um rapaz que estava com medo de apanhar mais. Não um assassino durão. Harry encontrou o olhar do juiz e respondeu.

— Não.

Valderhaug tirou os óculos.

— Mas quando Gunnerud encontrou você, escolheu fugir em vez de sacar a arma. Por que essa mudança de tática quando encontrou Waaler?

— Não sei — disse Harry. — Eu não estava lá.

— Mas você não acha que é estranho?

— Sim.

— Mas você acabou de dizer que não estava surpreso.

Harry balançou com a cadeira levemente para trás.

— Sou policial há muito tempo, senhor juiz. Não me surpreende mais que as pessoas façam coisas estranhas. Tampouco assassinato.

Valderhaug recolocou os óculos e Harry achou que viu um esboço de sorriso no rosto enrugado.

Ola Lunde pigarreou.

— Como sabe, o inspetor Tom Waaler foi suspenso por um período curto após um episódio semelhante no ano passado, relacionado à prisão de um jovem neonazista.

— Sverre Olsen — disse Harry.

— Daquela vez, o Sefo chegou à conclusão que não havia razões para o promotor público ter feito a acusação.

— Só levaram uma semana — disse Harry.

Ola Lunde olhou inquiridor para Valderhaug, que acenou afirmativamente com a cabeça.

— De qualquer maneira — disse Lunde —, achamos suspeito que o mesmo homem esteja na mesma situação outra vez. Sabemos que há um grande espírito de solidariedade na corporação da polícia e que haja relutância para colocar um colega em uma situação penosa ao... Eh.

— Delatá-lo — completou Harry.

— Como é?

— Acho que a palavra que está procurando talvez seja *delatar*.

Lunde trocou olhares com Valderhaug de novo.

— Entendo o que quer dizer, mas preferimos chamar isso de apresentar informações relevantes para que as regras do jogo sejam cumpridas. Concorda, Hole?

Os pés frontais da cadeira de Harry voltaram ao chão com um estrondo.

— Sim, de fato concordo. Só não sou tão versado nas palavras como você.

Valderhaug não conseguiu mais esconder o sorriso.

— Não estou tão certo disso, Hole — disse Lunde, que também estava começando a esboçar um sorriso. — Que bom que estamos de acordo, e já que você e Waaler trabalharam juntos durante muitos anos, gostaríamos de usar você como um testemunho de caráter. Outros que estiveram aqui mencionaram o estilo sem responsabilidade de Waaler no trato com criminosos e não criminosos. É possível que Tom Waaler, em um momento de descuido, possa ter atirado em Alf Gunnerud?

Harry olhou longamente pela janela. Ele apenas podia vislumbrar os contornos da colina de Ekeberg atrás da neve caindo. Mas ele sabia que estava lá. Estava à sua mesa de escritório na delegacia entra ano sai ano e sempre esteve lá e sempre estaria lá, verde no verão, preto e branco no inverno, não podia ser movido, simplesmente estava ali, como um fato. O legal com o fato é que não é preciso ponderar se é desejável ou não.

— Não — disse Harry. — Não é possível que Tom Waaler em um momento de descuido possa ter atirado em Alf Gunnerud.

E se alguém do comitê do Sefo percebeu a leve ênfase na palavra *descuido*, não comentou.

No corredor, Weber se levantou da cadeira quando Harry saiu.

— O próximo, por favor — disse Harry. — O que tem aí?

Weber levantou um saco plástico.

— A pistola de Gunnerud. Deixe-me entrar e acabar com isso.

— Hum. — Harry tirou um cigarro do maço. — Pistola incomum.

— De Israel — disse Weber. — Jericho 941.

Harry ficou olhando a porta se fechar atrás de Weber até Møller passar e comentar que Harry estava com um cigarro sem acender na boca.

Na Roubo estava tudo estranhamente calmo. Os investigadores primeiro brincaram, dizendo que o Magarefe já tinha ido hibernar no inverno, mas agora diziam que ele se deixou matar e

enterrar em um lugar secreto, para conseguir status de lenda eterna. A neve se amontoou nos tetos das casas, caiu, mais neve veio, enquanto a fumaça subia com calma pelas chaminés.

As divisões de Homicídios, Roubos e Crimes Sexuais organizaram uma festa natalina em conjunto na cantina. Os lugares eram predeterminados e Bjarne Møller, Beate Lønn e Halvorsen acabaram sentando juntos. Entre eles tinha um lugar vazio com o nome de Harry.

— Onde está ele? — perguntou Møller e serviu vinho para Beate.

— Procurando o comparsa de Sverre Olsen que diz que viu Olsen e outro cara na noite do crime — disse Halvorsen que lutava para abrir uma garrafa de cerveja com o isqueiro descartável.

— Coisas assim são frustrantes — disse Møller. — Mas diz a ele para não se matar de trabalhar. Afinal, é possível reservar um tempo para uma festinha natalina.

— Diga isso a ele você mesmo — respondeu Halvorsen.

— Talvez ele simplesmente não tenha vontade de estar aqui — disse Beate.

Os dois homens a olharam, sorrindo.

— O que foi? — perguntou. — Vocês não acreditam que eu também conheça Harry?

Brindaram. Halvorsen não parou de sorrir. Ele só ficou olhando. Havia algo — ele não conseguia especificar o que — que havia mudado nela. A última vez que a tinha visto foi na sala de reuniões, mas lá não tinha percebido essa *vida* nos seus olhos. O sangue nos lábios. A atitude, as costas eretas.

— Harry prefere a prisão a esse tipo de eventos — disse Møller e contou a história de quando Linda, na recepção da Polícia Secreta, o forçou a dançar. Beate riu até rolares as lágrimas. Virou-se então para Halvorsen, inclinou a cabeça:

— Fica aí só olhando, Halvorsen?

Halvorsen sentiu o rubor queimar no rosto e conseguiu gaguejar um “não” franzido antes de Beate e Møller de novo caírem na gargalhada.

Mais tarde da noite tomou coragem e pediu a ela para dar uma volta na pista de dança. Møller ficou sentado sozinho até Ivarsson vir se sentar na cadeira de Beate. Ele estava bêbado, inarticulado e queria falar sobre aquela vez quando ficou tão apavorado atrás de um carro em uma agência em Ryen.

— Aquilo faz muito tempo, Rune — disse Møller. — Você estava recém-formado. De qualquer maneira não podia ter feito mais nada.

Ivarsson inclinou a cabeça para trás e olhou Møller longamente. Então se levantou e foi embora, e Møller pensou que Ivarsson era uma dessas pessoas que são sozinhas sem saber.

Quando os Djs Li e Li terminaram tocando “Purple Rain”, Beate e Halvorsen esbarraram em um outro par que dançava, e Halvorsen percebeu como o corpo de Beate de repente endureceu. Ele olhou para o outro par.

— Desculpe — disse uma voz grossa. Os dentes brancos e fortes no rosto a la David Hasselhoff brilhavam na penumbra.

Quando a noite acabou, foi impossível conseguir um táxi, e Halvorsen se ofereceu para levar Beate para casa. Vadiaram ao leste na neve e levaram mais de uma hora até chegarem em frente à porta dela, em Oppsal.

Beate sorriu e se virou para Halvorsen.

— Se quiser, será bem-vindo — disse Beate.
— Gostaria muito — disse ele. — Obrigado.
— Então estamos combinados — disse ela. — Vou avisar minha mãe amanhã.
Ele deu boa-noite, beijou-a no rosto e começou a travessia ao oeste.

No dia 17 de dezembro, a NTB, a maior agência de notícias da Noruega, anunciou a previsão que bateria o recorde de vinte anos de precipitação em dezembro.

No mesmo dia foi apresentado o relatório do Sefo do caso Waaler.

Concluiu que não foi revelado nada que estivesse fora do regulamento, ao contrário, Tom Waaler foi louvado por ter agido corretamente e mantido a calma de espírito em uma situação tão dramática. O superintendente fez uma alegação ao delegado-chefe e perguntou com tato se ele achava que deveria indicar Tom Waaler a uma distinção, mas como a família de Alf Gunnerud afinal era uma das famílias mais sólidas da cidade — seu tio estava na Prefeitura — acharam que isso podia ser recebido como impróprio.

Harry apenas acenou de leve com a cabeça quando Halvorsen deu a notícia de que Waaler estava de volta ao trabalho.

A véspera de Natal chegou e a paz natalina veio, pela menos na pequena Noruega.

Rakel mandou Harry e Oleg saírem de casa para preparar a ceia. Quando voltaram, a casa inteira estava cheirando a costelas de porco. Olav Hole, o pai de Harry, chegou com a irmã, Søs, em um táxi.

Søs estava muito entusiasmada com a casa, a comida, Oleg, tudo. Durante a ceia, ela e Rakel conversaram como se fossem melhores amigas, enquanto o velho Olav e o jovem Oleg se sentaram em frente um do outro trocando palavras monossilábicas. Mas se soltaram um pouco quando chegou a hora dos presentes e Oleg abriu o pacote grande marcado *de Olav para Oleg*. Era a obra completa de Júlio Verne. Oleg folheava boquiaberto um dos livros.

— Foi ele quem escreveu aquela história do foguete lunar que Harry leu para você — disse Rakel.

— São as ilustrações originais — disse Harry, apontando para o desenho do capitão Nemo ao lado da bandeira no Antártico lendo em voz alta: — *Adeus! Meu novo domínio começa com seis meses de escuridão.*

— Esses livros estiveram na estante do meu pai — disse Olav que parecia tão animado quanto Oleg.

— Não faz mal! — exclamou Oleg.

Olav recebeu o abraço de agradecimento com um sorriso acanhado, mas caloroso.

Quando foram se deitar e Rakel já tinha dormido, Harry se levantou e foi para a janela. Ele pensou em todas as pessoas que não estavam mais ali. Na mãe, Brigitta, no pai de Rakel, em Ellen e Anna. E naquelas que estavam lá. Em Øystein em Oppsal, que ganhou um par de sapatos novos de Harry para o Natal, em Raskol na prisão e nas duas mulheres em Oppsal

que foram tão gentis em convidar Halvorsen para a ceia de Natal tardia, já que ele estava de plantão e não podia voltar para a sua cidade Steinkjær este ano.

Alguma coisa aconteceu esta noite, ele não estava bem certo exatamente o que, mas continha alguma mudança. Ele ficou olhando longamente para as luzes lá embaixo da cidade antes de descobrir que acabara de nevar. Pegadas. As pessoas andando no trilho à beira do rio Aker iam deixar pegadas.

— Conseguiu o que desejava? — perguntou Rakel quando ele voltou para a cama.

— Desejava? — Ele a abraçou.

— Parecia que estava fazendo um desejo ali na janela. O que foi?

— Tenho tudo o que posso desejar — disse Harry e beijou-a na testa.

— Me conte — sussurrou ela e se inclinou para trás para olhá-lo. — Me conte o que você desejou — Harry.

— Quer realmente saber?

— Quero. — Ela se aninhou ainda mais perto dele.

Ele fechou os olhos e o filme começou a rolar devagar, tão devagar que ele podia ver cada foto como se fossem fotos de cena parada. Pegadas na neve.

— Paz — mentiu.

Sans souci



Harry olhou a foto, o caloroso sorriso branco, as mandíbulas fortes e os olhos azuis de aço. Tom Waaler. Então empurrou a foto em cima da mesa.

— Olhe com calma — disse. — E com bastante atenção.

Roy Kvinsvik parecia nervoso. Harry se inclinou para trás na cadeira do escritório e olhou ao redor. Halvorsen pendurou um calendário de Natal na parede em cima do arquivo. Dia de Natal. Harry estava praticamente com o andar inteiro só para si. Isso era a melhor coisa das férias. Ele duvidava que Kvinsvik viesse com a mesma glossolalia de quando Harry o encontrou na primeira fila na Filadélfia, mas não estava sem esperanças.

Kvinsvik pigarreou e Harry se endireitou na cadeira.

Lá fora, leves cristais de neve caíam nas ruas desertas.

A Casa da Dor

Skoob do livro:

<http://www.skoob.com.br/livro/45959-a-casa-da-dor>

Página do autor no Facebook:

<https://www.facebook.com/jonesboauthor>

Perfil do autor no Goodreads:

http://www.goodreads.com/author/show/904719.Jo_Nesb_

Site oficial do autor:

<http://jonesbo.com/>

Wikipédia do autor:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo_Nesb%C3%B8

Capa

Rosto

Créditos

Parte I

- Capítulo 1 | O Plano
- Capítulo 2 | Astronauta
- Capítulo 3 | A Casa da Dor
- Capítulo 4 | Eco
- Capítulo 5 | Nêmesis
- Capítulo 6 | Pimenta-Malagueta
- Capítulo 7 | O Rei Branco
- Capítulo 8 | Jalalabad
- Capítulo 9 | A neblina
- Capítulo 10 | A Casa da Dor
- Capítulo 11 | A Ilusão

Parte II

- Capítulo 12 | Suicídio
- Capítulo 13 | Mármore
- Capítulo 14 | Sorte
- Capítulo 15 | Gadzo
- Capítulo 16 | Namco G-Con 45
- Capítulo 17 | Lágrimas das Arábias
- Capítulo 18 | Um dia maravilhoso
- Capítulo 19 | Amoroma

Parte III

- Capítulo 20 | Aterrissagem
- Capítulo 21 | Monopólio
- Capítulo 22 | America
- Capítulo 23 | A nebulosa Cabeça de Cavalo
- Capítulo 24 | São Paulo
- Capítulo 25 | Baksheesh

Parte IV

- Capítulo 26 | D’Ajuda

Capítulo 27 | Edvard Grieg

Capítulo 28 | Lava-pés

Capítulo 29 | Quarto 316

Capítulo 30 | Modo vibratório

Capítulo 31 | Maglite

Parte V

Capítulo 32 | David Hasselhoff

Capítulo 33 | Disosmia

Capítulo 34 | Pluvianos aegyptius

Capítulo 35 | S.O.S.

Capítulo 36 | Waltzing Mathilda

Capítulo 37 | *Spiuni Gjerman*

Capítulo 38 | Girus fusiforme

Capítulo 39 | Glock

Capítulo 40 | Bonnie Tyler

Parte VI

Capítulo 41 | S2MN

Capítulo 42 | D sustenido

Capítulo 43 | Ramona

Capítulo 44 | Patrin

Capítulo 45 | A arte da guerra

Capítulo 46 | Medeia

Capítulo 47 | Fosforescência no mar

Capítulo 48 | Heinrich Schirmer

Capítulo 49 | Stone Roses

Capítulo 50 | A colina de Ekeberg

Capítulo 51 | Sans souci

Colofão

Saiba mais